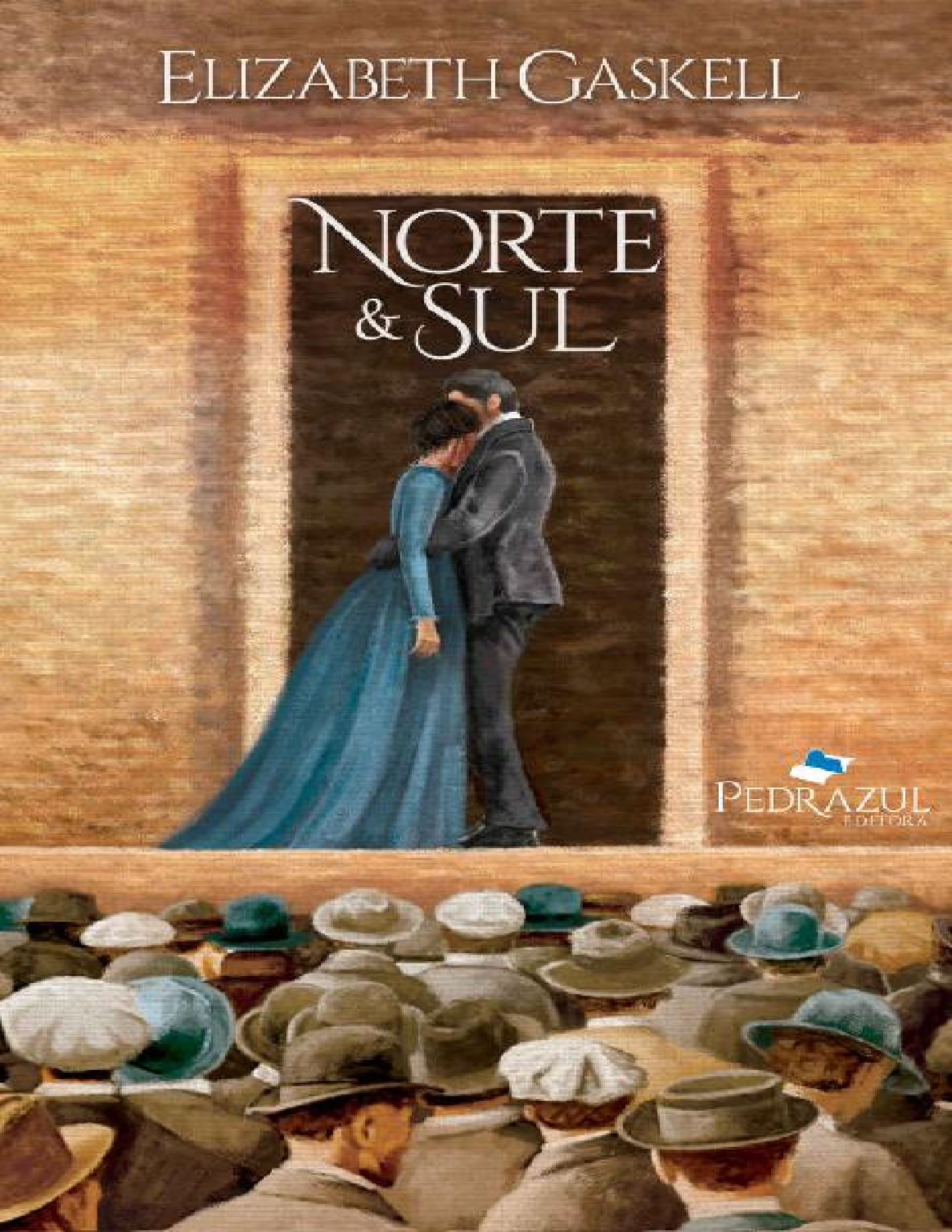
ELIZABETH GASKELL

NORTE & SUL



PEDRAZUL EDITORA

PEDRAZUL
EDITORA

NORTE & SUL

ELIZABETH GASKELL

PREFÁCIO DA AUTORA PARA A PRIMEIRA EDIÇÃO

CAPÍTULO I

CAPÍTULO II

CAPÍTULO III

CAPÍTULO IV

CAPÍTULO V

CAPÍTULO VI

CAPÍTULO VII

CAPÍTULO VIII

CAPÍTULO IX

CAPÍTULO X

CAPÍTULO XI

CAPÍTULO XII

CAPÍTULO XIII

CAPÍTULO XIV

CAPÍTULO XV

CAPÍTULO XVI

CAPÍTULO XVII

CAPÍTULO XVIII

CAPÍTULO XIX

CAPÍTULO XX

CAPÍTULO XXI

CAPÍTULO XXII

CAPÍTULO XXIII

CAPÍTULO XXIV

CAPÍTULO XXV

CAPÍTULO XXVI

CAPÍTULO XXVII

CAPÍTULO XXVIII

CAPÍTULO XXIX

CAPÍTULO XXX

CAPÍTULO XXXI

CAPÍTULO XXXII

CAPÍTULO XXXIII

CAPÍTULO XXXIV

CAPÍTULO XXXV

CAPÍTULO XXXVI

CAPÍTULO XXXVII

CAPÍTULO XXXVIII

CAPÍTULO XXXIX

CAPÍTULO XL

CAPÍTULO XLI

CAPÍTULO XLII

CAPÍTULO XLIII

CAPÍTULO XLIV

CAPÍTULO XLV

CAPÍTULO XLVI

CAPÍTULO XLVII

CAPÍTULO XLVIII

CAPÍTULO XLIX

CAPÍTULO L

CAPÍTULO LI

CAPÍTULO LII

Prefácio da autora para a primeira edição

Em sua aparição em ‘Household Words’[1], este conto foi obrigado a conformar com as condições impostas pelas exigências de uma publicação semanal e, outrossim, confinar-se dentro de certos limites advertidos, a fim de que a fé pudesse ser mantida com o público. Embora essas condições fossem feitas tão leves quanto elas bem podiam ser, a autora descobriu ser impossível desenvolver a história na maneira originalmente pretendida, e, mais especificamente, foi compelida a apressar eventos com uma improvável celeridade rumo ao fim. Em algum grau para remediar esse óbvio defeito, várias curtas passagens têm sido inseridas, e muitos novos capítulos acrescentados. Com esta breve explicação, o conto é recomendado à bondade do leitor.

‘Rogando-lhe humildemente, por misericórdia e piedade,
Que desta grosseira feitura tenha compaixão.’[2]

Capítulo I

Pressa para o casamento

Cortejada e casada e tudo.

— Edith! — disse Margaret, gentilmente —, Edith!

Mas, como Margaret quase suspeitava, Edith havia adormecido. Estava deitava encolhida no sofá carmesim na sala de visitas dos fundos em Harley Street, com aparência muito adorável envolta em musselina branca e fitas azuis, e havia adormecido. Se Titânia algum dia houvesse estado vestida em musselina branca e fitas azuis, e houvesse adormecido em um sofá carmesim damasco em uma sala de visitas dos fundos, Edith poderia haver sido tomada por ela. Margaret foi atingida novamente pela beleza de sua prima. Elas haviam crescido juntas desde a infância, e por todo o tempo Edith sempre se distinguia perante todos por sua beleza, exceto Margaret; mas Margaret nunca havia pensado sobre isso até os dias anteriores, quando a perspectiva de logo perder sua companheira parecia dar força a toda doce qualidade e charme que Edith possuía. Elas tinham falado sobre vestidos de casamento, cerimônias de casamento, sobre o capitão Lennox, e o que ele havia dito a Edith sobre sua vida futura em Corfu, onde o regimento dele estava posicionado; e a dificuldade de manter um piano em boa afinação (uma dificuldade que Edith parecia considerar como uma das mais formidáveis que poderiam recair sobre ela em sua vida de casada), e que vestidos ela necessitaria nas visitas à Escócia, que

sucederiam imediatamente seu casamento; mas o sussurrado tom havia agora se tornado mais lânguido; e Margaret, após uma pausa de poucos minutos, descobriu, como ela imaginara, que a despeito do burburinho no cômodo ao lado, Edith havia se enrolado e se tornado uma suave bola de musselina e fita, sedosos cachos, e partido para um pequeno e sereno cochilo pós-jantar.

Margaret havia estado a ponto de contar à sua prima alguns dos planos e visões que ela entretinha quanto à sua vida futura no presbitério do interior, onde seu pai e mãe moravam; e onde suas resplandecentes férias haviam sempre sido passadas, embora pelos últimos dez anos a casa de sua tia Shaw houvesse sido considerada como seu lar. Mas na ausência de um ouvinte, ela teria que ponderar sobre a mudança em sua vida silenciosamente, como já fizera anteriormente. Era uma feliz ponderação, embora tingida com o pesar de ser separada por um tempo indefinido de sua gentil tia e cara prima. Enquanto ela pensava no deleite de preencher o importante posto de única filha no presbitério de Helstone, fragmentos da conversação do cômodo ao lado chegaram aos seus ouvidos. Sua tia Shaw estava falando a cinco ou seis damas que haviam estado jantando lá, cujos maridos ainda estavam na sala de jantar. Eles eram os conhecidos íntimos da casa; vizinhos a quem Mrs. Shaw chamava de amigos, porque costumava jantar com eles mais frequentemente do que com quaisquer outras pessoas, e também porque se ela ou Edith precisassem de qualquer coisa da parte deles, ou eles dela, não tinham escrúpulos em visitar uns aos outros antes do almoço. Essas damas e seus maridos eram convidados, em sua qualidade de amigos, para participar do jantar de despedida em honra do vindouro casamento de Edith. A mesma

havia feito bastante objeção a este arranjo, posto que era esperado que o capitão Lennox chegasse em um trem tardio na mesma noite; mas, embora ela fosse uma criança mimada, estava muito indolente para ter uma forte vontade própria, e cedeu quando descobriu que sua mãe havia realmente mandado pedir aquelas iguarias extras da estação, que são supostamente eficazes contra os pesares imoderados em jantares de despedida. Ela contentou-se encostando-se para trás em sua cadeira, meramente brincando com a comida em seu prato, e parecendo séria e ausente, enquanto todos ao redor dela estavam desfrutando dos ditos espirituosos de Mr. Grey, o cavalheiro que sempre tomava a cabeceira da mesa nos grandes jantares de Mrs. Shaw, e pedia a Edith que tocasse alguma música para eles na sala de visitas. Mr. Grey estava particularmente agradável naquela noite, e os cavalheiros ficaram no andar de baixo por mais tempo que o de costume. Foi muito bom que assim o fizessem — a julgar pelos fragmentos de conversação que Margaret ouviu por acaso.

— Eu mesma sofri muito; não que eu não fosse extremamente feliz com o pobre e caro general, mas ainda assim a disparidade de idade é um contratempo; um que eu estava decidida que Edith não me imitasse. É claro, sem qualquer parcialidade materna, eu antevi que a cara criança estava suscetível a casar-se cedo; de fato, eu havia muito frequentemente dito que eu estava certa de que ela casar-se-ia antes que tivesse dezenove. Eu tive uma sensação bastante profética quando capitão Lennox... (e aqui a voz caiu para um sussurro), mas Margaret conseguia facilmente suprir as lacunas. O curso do amor verdadeiro no caso de Edith havia corrido memoravelmente suave. Mrs. Shaw havia cedido ao

pressentimento, como ela o expressava; e havia aprovado o casamento, embora estivesse abaixo das expectativas que muitos dos conhecidos de Edith tinham formado para ela, uma jovem e linda herdeira. Mas Mrs. Shaw disse que sua única filha deveria casar-se por amor — e suspirava empaticamente, como se o amor houvesse sido seu motivo para casar-se com o general. Mrs. Shaw desfrutava do romance do presente noivado muito mais do que sua filha. Não que Edith não estivesse completa e devidamente apaixonada; ainda assim ela haveria certamente preferido uma boa casa em Belgravia, a toda a particularidade da vida que o capitão Lennox descreveu em Corfu. As exatas partes que faziam Margaret brilhar de animação ao ouvi-lo falar, Edith fingia tremer e arrepiar-se; em parte pelo prazer que ela tinha em ser adulada por seu afeiçoado apaixonado para superar seu pretenso desgosto, e em parte porque qualquer coisa de uma vida de cigano ou improvisada era realmente desgostosa para ela. Ainda assim, se aparecesse qualquer pessoa com uma fina casa, uma fina propriedade, e um fino título do qual se beneficiar, Edith ainda haver-se-ia apegado ao capitão Lennox enquanto a tentação durasse; quando terminasse, é possível que ela viesse a ter pequenos escrúpulos de mal disfarçado arrependimento pelo fato de que o capitão Lennox não conseguisse reunir em sua pessoa tudo o que era desejável. Nisso ela era senão a filha de sua mãe; que, após deliberadamente se casar com o general Shaw com nenhum sentimento maior do que respeito pelo caráter e estabelecimento dele, estava constantemente, embora calmamente, lamentando sua difícil sina em ter-se unido a alguém a quem ela não podia amar.

— Não tenho poupado nenhuma despesa no enxoval da noiva — foram as palavras seguintes que Margaret ouviu.

— Ela tem todos os lindos xales e echarpes indianos que o general me deu, mas que nunca hei de usar novamente.

— Ela é uma menina de sorte — respondeu outra voz, que Margaret sabia ser a de Mrs. Gibson, uma dama que tinha tomado duplo interesse na conversação, pelo fato de que uma de suas filhas havia se casado nas últimas semanas.

— Helen havia se definido sobre um xale indiano, mas realmente, quando descobri o preço extravagante que foi pedido por ele, fui obrigada a recusar-lhe. Ela sentirá bastante inveja quando ouvir que Edith possui xales indianos. De que tipo eles são? Délhi? Com as adoráveis bordinhas?

Margaret ouviu a voz de sua tia novamente, mas desta vez foi como se ela houvesse se levantado de sua posição meio inclinada, e estivesse olhando para dentro da menos iluminada sala de visitas dos fundos. — Edith! Edith! — bradou a matrona; e então ela afundou como se fatigada pelo esforço. Margaret deu um passo à frente.

— Edith está adormecida, tia Shaw. Há algo que eu possa fazer?

Todas as damas disseram: — Pobre criança! — ao receberem esta perturbadora informação sobre Edith; e o diminuto cão de colo nos braços de Mrs. Shaw começou a latir, como se excitado pela explosão de piedade.

— Calada, Pequenina! Sua menininha levada! Você acordará sua senhora. Era apenas para perguntar a Edith se ela pediria a

Newton que descesse os xales dela: talvez você pudesse fazer isso, Margaret querida?

Margaret subiu ao velho quarto das crianças no topo da casa, onde Newton estava ocupada arrumando algumas rendas que eram requeridas para o casamento. Enquanto Newton saía (não sem um murmurado resmungo) para pegar os xales, que já haviam sido exibidos quatro ou cinco vezes àquele dia, Margaret olhava ao redor do quarto; o primeiro cômodo naquela casa com o qual ela havia se tornado familiar nove anos atrás, quando ela fora trazida, ainda uma indomada roceira, para dividir o lar, as brincadeiras, e as lições com sua prima Edith. Lembrava-se da escura e sombria aparência do quarto das crianças em Londres, presidido por uma austera e cerimoniosa ama, que era terrivelmente específica sobre mãos limpas e vestidos rasgados. Lembrava-se do primeiro chá que tomou lá em cima — separada de seu pai e tia, que estavam jantando em algum lugar bem abaixo de uma profundidade infinita de escadas; posto que, a menos que ela estivesse no céu (a criança pensou), eles deveriam estar muito abaixo nas entranhas da terra. Em casa — antes de vir para Harley Street — o seu quarto de criança era o antigo quarto de vestir de sua mãe; e, como no presbitério do interior eles não mantinham horários tardios, Margaret sempre fazia suas refeições com seu pai e mãe. Oh! A alta majestosa menina de dezoito anos bem se lembrava das lágrimas derramadas com selvagem e apaixonado pesar pela pequena menina de nove, enquanto ela escondia seu rosto debaixo das roupas de cama, naquela primeira noite; e como ela foi ordenada a não chamar pela ama, porque isso perturbaria Miss Edith; e como ela havia chorado tão amargamente, porém, quieta, até que sua

recém-conhecida, grandiosa e bela tia houvesse subido suavemente com Mr. Hale para mostrar a ele sua pequena filha adormecida. Então a pequena Margaret havia silenciado seus soluços, e tentado deitar quieta como se dormindo, por medo de fazer seu pai infeliz com seu pesar, que ela não ousava expressar perante sua tia, e que ela mais pensava ser errado sentir de todo modo após a longa espera, e planejamento, e programação pelos quais eles haviam passado em casa, antes que seu novo guarda-roupa pudesse ser providenciado de forma a se adequar à grandeza de suas novas circunstâncias, e antes que papai pudesse deixar sua paróquia para subir até Londres, mesmo que por poucos dias.

Agora ela amava o velho quarto das crianças, embora fosse senão um lugar desmontado; e ela olhava ao redor, com um tipo de arrependimento pelo outrora choro, com a ideia de deixá-lo para sempre em três dias.

— Ah Newton! — disse ela —, penso que vamos lamentar deixar este velho e querido quarto.

— Na verdade, Miss Hale, eu não. Meus olhos não são tão bons quanto antes, e a luz daqui é tão ruim que não posso enxergar para remendar rendas, exceto se eu ficar na janela, onde sempre há uma chocante corrente de ar, suficiente para fazer alguém morrer de frio.

— Bem, ouso dizer que você terá tanto boa luz quanto muito calor em Nápoles. Você deve costurar o quanto puder lá. Obrigada, Newton, eu mesma posso levá-los para baixo, você está ocupada.

Então Margaret desceu carregada com xales, e aspirando o condimentado odor Oriental. Sua tia pediu que ela ficasse em pé como um tipo de manequim no qual dispô-los, já que Edith estava

ainda dormindo. Ninguém pensou nisso; mas a silhueta alta e bem-feita de Margaret, no vestido de seda negro que ela estava vestindo em sinal de luto por algum parente distante de seu pai, fez sobressaltar as lindas e longas dobras dos maravilhosos xales que haveriam quase sufocado Edith. Margaret ficou bem debaixo do lustre, bastante silenciosa e passiva, enquanto sua tia ajustava as roupagens. Ocasionalmente, quando a giravam, ela pegava um vislumbre de si mesma no espelho sobre a lareira, e sorria para sua própria aparição lá — suas familiares feições no habitual traje de uma princesa. Ela tocava os xales gentilmente enquanto eles estavam pendurados ao redor de si, e tinha um prazer na textura suave deles e suas brilhantes cores, e agradava-lhe ver-se vestida em tal esplendor — desfrutando disso como uma criança faria, com um suave sorriso de satisfação em seus lábios. Logo então a porta se abriu, e Mr. Henry Lennox foi repentinamente anunciado. Algumas das damas pularam para trás, como se meio envergonhadas de seu feminino interesse por roupas. Mrs. Shaw estendeu sua mão ao recém-chegado; Margaret ficou perfeitamente imóvel, pensando que ela poderia ser ainda requerida como um tipo de suporte para os xales; mas olhando para Mr. Lennox com um rosto vivaz e divertido, como se certa da simpatia dele ao ser surpreendida naquela situação hilária.

Sua tia estava tão absorta em fazer a Mr. Henry Lennox — que não havia sido capaz de vir para jantar — todos os tipos de perguntas sobre o irmão dele — o noivo, sua irmã — a dama de honra (que viria da Escócia com o capitão para a ocasião), e vários outros membros da família Lennox, que Margaret viu que ela não era mais necessária como escora dos xales, e devotou-se ao

divertimento dos outros visitantes, que sua tia havia no momento esquecido. Quase imediatamente, Edith entrou vinda da sala de visitas dos fundos, piscando e pestanejando seus olhos à luz mais forte, sacudindo para trás seus ligeiramente desordenados cachos e de modo geral parecendo que a Bela Adormecida acabara de se sobressaltar de seus sonhos. Até em seu torpor ela havia instintivamente sentido que por um Lennox valia a pena despertar-se; e ela tinha muitas perguntas a fazer sobre a querida Janet, a futura e ainda desconhecida cunhada, por quem ela professava tanta afeição, que se Margaret não houvesse sido muito orgulhosa, poderia haver quase sentido ciúmes da nova e insignificante rival.

Enquanto Margaret se recolhia ao segundo plano e sua tia juntava-se à conversação, ela viu Henry Lennox dirigindo o olhar para um assento vago próximo a ela; e Margaret sabia perfeitamente bem que tão logo Edith o liberasse de seu interrogatório, ele tomaria posse daquela cadeira. Ela não havia estado completamente certa, a partir do relato bastante confuso de sua tia sobre os compromissos dele, se ele viria àquela noite; fora quase uma surpresa vê-lo; e agora ela tinha a certeza de uma noite agradável. Ele gostava e desgostava muito de quase as mesmas coisas que ela. O rosto de Margaret iluminou-se, com um franco esplendor. Henry Lennox aproximou-se aos poucos e ela o recebeu com um sorriso que não tinha nenhuma sombra de timidez ou embaraço.

— Bem, suponho que vocês estejam mergulhadas nos negócios; negócios das damas, digo. Muito diferente de meu negócio, que é o verdadeiro e real negócio da lei. Brincar com xales é trabalho muito diferente de elaborar acordos — Henry riu.

— Ah, eu sabia o quanto o senhor ficaria entretido em encontrar-nos todas tão ocupadas em admirar ornamentos. Mas realmente os xales indianos são exemplares muito perfeitos deste tipo de coisa.

— Não tenho dúvida de que sejam. Seus preços são muito perfeitos, também. Nada que me faça falta.

Os cavalheiros vieram entrando sem avisar, um a um, e as conversas e barulho aprofundaram-se.

— Este é seu último jantar, não é? Não há mais nenhum antes de quinta-feira?

— Não. Penso que após esta noite poderemos descansar, o que certamente não tenho feito por muitas semanas; pelo menos, esse tipo de descanso em que as mãos não têm mais nada o que fazer, e todos os arranjos estão completos para um evento que nos ocupa a mente e o coração. Hei de ficar contente de ter algum tempo para pensar, e estou certa de que Edith também.

— Não estou tão certo sobre ela; mas posso imaginar que a senhorita estará. Ultimamente, sempre que a vi, a senhorita estava sendo levada por um vendaval de tarefas de outra pessoa.

— Sim — disse Margaret, muito tristemente, lembrando-se das intermináveis discussões sobre frivolidades que vinham acontecendo há mais de um mês: — Pergunto-me se um casamento deve ser sempre precedido por aquilo que o senhor chama de vendaval, ou se em alguns casos não poderia sim haver um tempo de calma e paz logo antes dele.

— A madrinha da Cinderela encomendando o enxoval, o desjejum de casamento[3], endereçando os convites, por exemplo — disse Mr. Lennox, rindo.

— Mas todos esses trabalhos são realmente necessários? — perguntou Margaret, olhando diretamente para ele buscando uma resposta. Um senso de indescritível fadiga provocado por todos os arranjos para um belo evento, no qual Edith se ocupou como autoridade suprema pelas últimas seis semanas, a oprimia justamente agora; e ela realmente queria que alguém a ajudasse com algumas ideias agradáveis e calmas relacionadas ao casamento.

— Ah, é claro — ele respondeu com nova seriedade em seu tom de voz. — Há formalidades e cerimônias pelas quais devemos passar, não tanto para nossa própria satisfação, como para calar a boca do mundo, sem a qual haveria muito pouca satisfação na vida. Mas o que seria um casamento ideal para a senhorita?

— Oh, nunca pensei muito sobre isso; apenas que eu gostaria que fosse em uma bela manhã de verão; e eu gostaria de caminhar para a igreja sob a sombra das árvores; não ter tantas damas de honra, e não ter desjejum de casamento. Ouso dizer que estou me decidindo contra as mesmas coisas que têm me dado o maior trabalho justo agora.

— Não, não penso que a senhorita esteja. A ideia de imponente simplicidade está bem de acordo com o seu caráter.

Margaret não gostou muito dessas palavras; ela recuou, lembrando-se de ocasiões anteriores nas quais ele tentara conduzi-la a entrar em uma discussão (na qual ele tomou a parte cortês) sobre seu próprio caráter e formas de ser. Ela encurtou o assunto dizendo:

— É natural para mim pensar na igreja de Helstone, e na caminhada até ela, ao invés de entrar em uma igreja de Londres, no

meio de uma rua pavimentada.

— Conte-me sobre Helstone. A senhorita nunca a descreveu para mim. Eu devo gostar de ter alguma ideia do lugar no qual a senhorita morará, quando o número noventa e seis em Harley Street for fechado e parecer sombrio e sujo. Em primeiro lugar, Helstone é um vilarejo, ou uma cidade?

— Oh, apenas uma aldeia; não penso que poderia chamar de vilarejo de modo algum. Há uma igreja e umas poucas casas próximas no campo, chalés, na verdade, com rosas crescendo em frente a todos eles.

— E florescendo por todo o ano, especialmente no Natal. Faça sua pintura completa — disse ele.

— Não — respondeu Margaret, de alguma forma irritada —, não estou fazendo uma pintura. Estou tentando descrever Helstone como realmente é. O senhor não deveria ter dito isso.

— Estou arrependido — ele respondeu. — Apenas realmente soou como um vilarejo em um conto, mais do que na vida real.

— E assim o é — respondeu Margaret, com veemência. — Todos os outros lugares na Inglaterra que tenho visto parecem tão rudes e de aparência prosaica, depois de New Forest[4]. Helstone é como um vilarejo em um poema, em um dos poemas de Tennyson[5]. Mas não mais tentarei descrevê-lo. O senhor apenas riria de mim se eu lhe dissesse o que penso de lá, o que realmente é.

— De fato, eu não riria. Mas vejo que a senhorita está muito decidida. Bem, então, conte-me aquilo que eu deveria gostar ainda mais de saber. Como é o presbitério, por exemplo?

— Oh, não posso descrever meu lar. É meu lar, e não posso colocar seu encanto em palavras.

— Rendo-me. A senhorita está bastante severa esta noite, Margaret.

— Como? — disse ela, pousando seus grandes e suaves olhos sobre ele. — Eu não sabia que estava.

— Ora, porque fiz um comentário infeliz, a senhorita não me contará como é Helstone, nem dirá coisa alguma sobre seu lar, embora eu lhe tenha dito o quanto gostaria de ouvir sobre ambos, o último especialmente.

— Mas de fato não posso lhe contar sobre meu próprio lar. Não acho que seja um assunto para se falar, a menos que o senhor o conhecesse.

— Bem, então — pausando por um momento —, conte-me o que a senhorita faz lá. Aqui a senhorita lê, ou toma lições, ou de outra forma aprimora sua mente, até o meio do dia; faz uma caminhada antes do jantar, dá uma volta com sua tia depois, e tem algum tipo de compromisso à noite. Pronto, agora preencha seu dia em Helstone. A senhorita cavalga, anda de carruagem, ou caminha?

— Caminho, decididamente. Não temos cavalo, nem mesmo para meu pai. Ele caminha até a própria extremidade de sua paróquia. As caminhadas são tão lindas, seria uma vergonha ir de carruagem, quase uma vergonha cavalgar.

— A senhorita faz muita jardinagem? Isso, creio, é uma ocupação adequada para jovens damas no interior.

— Não sei. Temo que não hei de gostar de tão duro trabalho.

— Grupos de tiro com arco, piqueniques, jogos de bola, jogos de caça?'

— Oh não! — disse ela, rindo. — O benefício eclesiástico de papai é muito pequeno; e mesmo se nós estivéssemos próximos a

tais coisas, duvido que eu fosse até elas.

— Entendo, a senhorita não me contará nada. A senhorita apenas me dirá que não vai fazer isso e aquilo. Antes que as férias terminem, penso que hei de lhe fazer uma visita, e ver com o que a senhorita realmente se ocupa.

— Espero que vá. Então o senhor verá por si mesmo quão linda Helstone é. Agora eu devo ir. Edith está se sentando para tocar, e eu sei apenas o suficiente de música para virar as folhas para ela; e ademais, tia Shaw não gostará que conversemos.

Edith tocou brilhantemente. No meio da peça a porta entreabriu, e a noiva viu capitão Lennox hesitando para entrar. Ela derrubou sua partitura, correu para fora do cômodo, e deixou Margaret em pé confusa e corando para explicar aos atônitos convidados qual a visão que causara a repentina fuga da prima. Capitão Lennox havia chegado antes do que era esperado; ou era realmente tão tarde? Eles olharam para seus relógios, ficaram devidamente chocados, e tomaram suas deixas.

Então Edith voltou, brilhando de prazer, meio tímida, meio orgulhosa, conduzindo seu alto e bonito capitão. O irmão dele apertou-lhe a mão, e Mrs. Shaw lhe deu boas-vindas no seu modo bondoso e gentil, que tinha sempre algo lamurioso em si, proveniente do longo hábito de considerar a si mesma uma vítima de um casamento incompatível. Mesmo agora que o general se fora, e ela tinha uma boa vida, com tão poucos contratempos quanto possíveis, ainda assim ficava bastante perplexa ao se deparar com ansiedade e pesar. Ela tinha transformado sua própria saúde em uma fonte de apreensão; tendo uma pequena tosse nervosa sempre que pensava sobre isso; e algum médico complacente ordenara

justamente o que ela desejava, uma temporada de inverno na Itália. Mrs. Shaw tinha desejos tão fortes quanto as outras pessoas, mas nunca gostara de fazer qualquer coisa pelo simples e claro motivo de proporcionar prazer a si mesma; ela preferia ser compelida a gratificar-se por meio da ordem ou desejo de alguma outra pessoa. Ela realmente se convencia de que estava se submetendo a alguma dura necessidade externa; e assim ela era capaz de lamentar-se e queixar-se na sua maneira suave, enquanto na realidade estivesse o tempo todo fazendo apenas o que lhe agradava.

Foi desta forma que ela começou a falar de sua viagem ao capitão Lennox, que assentia, como se em dever, a tudo o que sua futura sogra dizia, enquanto os olhos dele buscavam Edith, que estava se ocupando em reorganizar a mesa do chá, e solicitar todos os tipos de guloseimas, a despeito das garantias dele de que havia jantado nas últimas duas horas.

Mr. Henry Lennox permaneceu encostado contra a lareira, entretido com a cena familiar. Estava próximo de seu belo irmão; tinha uma aparência singela em uma família singularmente bonita; mas o rosto dele era inteligente, perspicaz e expressivo; e por vezes Margaret se perguntava o que ele poderia estar pensando, enquanto se mantinha em silêncio, mas estava evidentemente observando, com um interesse que era ligeiramente sarcástico, tudo o que Edith e ela faziam. O sentimento de sarcasmo era provocado pela conversa entre Mrs. Shaw e seu irmão, e o último estava separado daquilo que despertava seu interesse. Ele pensava ser uma bela visão ver as duas primas tão ocupadas em seus pequenos arranjos sobre a mesa. Embora Edith escolhera fazer a maior parte sozinha. Ela estava em um humor de desfrutar mostrar a seu amado quão

bem ela conseguia se comportar como a esposa de um soldado. Ela descobriu que a água no samovar estava fria e mandou subir a grande chaleira da cozinha; a única consequência disso foi que quando ela a encontrou na porta, e tentou carregá-la, era demasiado pesada para ela, e ela entrou com uma expressão amofinada, com uma mancha preta em seu vestido de musselina, e a pequena mão branca e redonda machucada pela asa quente da chaleira, que ela estendeu para mostrar ao capitão Lennox, exatamente como uma criança ferida; e, é claro, o remédio era o mesmo em ambos os casos. O rápido ajuste que Margaret fez no *réchaud* mostrou-se o artifício mais eficaz, embora não fosse como em um acampamento de ciganos que Edith, que em alguns de seus humores, escolhia considerar o mais próximo de uma vida de acampamento. Após esta noite tudo foi afobação, até que a cerimônia de casamento terminasse.

Capítulo II

Rosas e espinhos

Pela suave luz verde na lenhosa clareira,
Nas margens de musgo onde brincou tua alvorada;
Perto da árvore familiar, através da qual, os teus olhos
Pela primeira vez contemplaram, apaixonados, o céu de verão.
— MRS. HEMANS.[6]

Margaret estava mais uma vez em seu vestido matinal, viajando calmamente para casa com seu pai, que viera auxiliar no casamento. Sua mãe ficara detida em casa por uma variedade de meias razões, nenhuma das quais qualquer pessoa entendia inteiramente, exceto Mr. Hale, que estava perfeitamente ciente de que todos os argumentos dele em favor de um vestido de cetim cinza, que estava a meio caminho entre o velho e o novo, haviam se provado sem valia; e que, já que ele não tinha o dinheiro para equipar sua esposa novamente, da cabeça aos pés, ela não compareceria ao casamento da única filha de sua única irmã.

Se Mrs. Shaw houvesse adivinhado a real razão pela qual Mrs. Hale não acompanhara seu esposo, ela haveria derramado vestidos sobre ela; mas já fazia quase vinte anos desde que Mrs. Shaw havia sido a pobre, linda Miss Beresford, e ela realmente esquecera todas as tristezas, exceto aquela da infelicidade surgida da disparidade de idade na vida conjugal, sobre a qual ela poderia discutir por meia hora. A tão querida Maria havia se casado com o homem de seu

coração, apenas oito anos mais velho do que ela, com o temperamento mais doce, e os cabelos de um negro-azulado que raramente se vê. Mr. Hale era um dos pregadores mais encantadores que ela já ouvira, e um modelo perfeito de fosse uma dedução muito lógica de todas essas premissas, mas ainda assim era a conclusão característica de Mrs. Shaw, enquanto ela pensava sobre a sina de sua irmã: “Casar-se por amor, o que a tão querida Maria pode ainda desejar neste mundo?”

Mrs. Hale, para falar a verdade, poderia responder com uma lista pronta, “uma lustrosa seda cinza-prata, um chapéu branco, e oh!, dúzias de coisas para o casamento, e centenas de coisas para a casa!” Margaret apenas sabia que sua mãe não havia considerado conveniente vir, e ela não lamentava pensar que o encontro e a saudação delas tomariam lugar no presbitério de Helstone, em vez de, durante a confusão dos últimos dois ou três dias na casa em Harley Street, onde ela mesma tivera que fazer o papel de Fígaro, e era solicitada em todos os lugares ao mesmo tempo.

Sua mente e corpo doíam agora com a lembrança de tudo o que fizera e dissera dentro das últimas quarenta e oito horas. A despedida feita tão apressadamente, entre muitas outras despedidas, daquelas com quem ela vivera por tanto tempo, a oprimiam agora com uma triste nostalgia pelos tempos que não existiam mais; não importava o quanto houvessem significado, eles se foram para nunca mais voltar. O coração de Margaret parecia mais pesado do que ela jamais imaginara possível ao retornar para seu próprio e querido lar, o lugar e a vida pelos quais ansiara por anos — naqueles tempos em que mais ansiamos e desejamos –

pouco antes dos nossos sentidos aguçados perderem a consciência ao adormecer.

Ela arrancou de sua mente com firmeza essas lembranças do passado para a brilhante e serena contemplação de um futuro esperançoso. Seus olhos começaram a ver, não visões do que havia sido, mas a realidade diante dela: seu caro pai recostado e adormecido no vagão. Seu cabelo negro-azulado era agora grisalho e caía delgadamente sobre suas sobrancelhas. Os ossos de sua face estavam nitidamente à vista — nitidamente demais para serem belos, se as feições dele houvessem sido menos finamente esculpidas; como estavam, elas tinham uma graça e até uma dignidade toda próprias. O rosto estava sereno, mas era mais descanso após fadiga do que a serena calma do semblante de alguém que levava uma vida plácida e satisfeita. Margaret foi dolorosamente atingida pela gasta e ansiosa expressão de seu pai. Ela voltou o pensamento para as abertas e confessas circunstâncias da vida dele a fim de encontrar a causa para as linhas que falavam tão claramente de perturbação e depressão habituais.

“Pobre Frederick!”, pensou ela, suspirando. “Oh! Se Frederick houvesse se tornado um clérigo, em vez de entrar para a Marinha, e estar perdido para todos nós! Eu queria saber de tudo. Nunca entendi a explicação de tia Shaw. Eu soube apenas que ele não podia voltar para a Inglaterra por causa daquele terrível assunto. Pobre querido papai! Quão triste ele parece! Estou tão feliz de estar indo para casa, para estar perto para confortar ele e a mamãe”.

Ela estava de prontidão com um vivaz sorriso, no qual não havia um traço de fadiga, para saudar seu pai quando ele acordasse. Ele sorriu de volta novamente, mas forçadamente, como

se fosse um esforço incomum. O rosto dele tornou a expressar a habitual ansiedade. Tinha o hábito de entreabrir sua boca como se para falar, que constantemente alterava a forma dos lábios, e dava ao seu rosto uma expressão indecisa. Mas ele tinha os mesmos olhos grandes e suaves da filha, olhos que se moviam vagarosa e quase majestosamente pelas órbitas, e eram bem velados por suas pálpebras brancas e translúcidas.

Margaret parecia-se mais com ele do que com sua mãe. Algumas vezes as pessoas se espantavam que pais tão bonitos tivessem uma filha tão distante do padrão de beleza regular; não era bela de modo algum, diziam ocasionalmente. Sua boca era larga; não era um botão de rosa que podia apenas abrir o suficiente para deixar sair um “sim” e “não”, e “se lhe agrada, senhor”. Mas a larga boca era uma suave curva de ricos rubros lábios; e a pele, se não alva e bela, era de suavidade e delicadeza como o mármore. Se o olhar em seu rosto era, de modo geral, demasiado digno e reservado para alguém tão jovem, agora, falando com seu pai, era brilhante como a manhã — cheio de sardas, e relances que falavam de infantil alegria, e infinita esperança no futuro.

Era final de julho quando Margaret voltou para casa. As árvores da floresta eram de um verde-escuro, cheio e sombrio; as samambaias abaixo delas captavam todos os enviesados raios de sol; o clima estava abafado e ruminantemente imóvel. Margaret costumava caminhar muito ao lado de seu pai, esmagando as samambaias com um cruel contentamento, enquanto ela as sentia ceder sob seu leve pé, e exalar suas fragrâncias peculiares — andando pelos campos abertos, para a morna flagrante luz, vendo uma multidão de criaturas selvagens e livres refestelando-se à luz

do sol, que fazia brotar as ervas e flores. Esta vida — pelo menos essas caminhadas — transformavam em realidade todas as expectativas de Margaret. Ela tinha orgulho de sua floresta. Aquele povo era o seu povo. Ela tinha amizades sinceras entre eles; aprendia e deleitava-se em usar suas palavras peculiares; sentia-se livre com eles; cuidava dos seus bebês; conversava ou lia com lenta distinção para seus idosos; carregava guloseimas para seus doentes. Ela até havia decidido ensinar na escola, onde seu pai ia todos os dias como se a uma tarefa agendada, mas ela era continuamente tentada a sair e visitar algum amigo — homem, mulher, ou criança — em algum chalé à sombra da verdejante floresta. Sua vida fora de casa era perfeita. A vida dentro de casa tinha seus contratempos. Com a vergonha própria de uma criança, ela culpava-se por sua visão perspicaz, ao perceber que nem tudo lá era como devia ser. Sua mãe — sua mãe sempre tão bondosa e terna com ela — parecia por vezes muito descontente com a situação deles; acreditava que o bispo estranhamente negligenciava seus deveres episcopais, em não outorgar a Mr. Hale um melhor benefício eclesiástico; e quase repreendia seu marido por ele não se permitir dizer que desejava deixar a paróquia e aceitar o encargo de uma maior. Ele suspirava alto enquanto respondia, que se ele pudesse fazer o que devia na pequena Helstone, seria grato; mas a cada dia ficava mais subjugado; o mundo tornava-se mais desconcertante. Diante de cada repetida insistência de sua esposa, de que ele procurasse alguma nova nomeação, Margaret percebia que seu pai se recolhia mais e mais; e em tais ocasiões ela se esforçava para reconciliar sua mãe com Helstone. Mrs. Hale dizia que uma vizinhança próxima de tantas árvores afetava sua saúde; e

Margaret tentava interessá-la pelos campos – belos, amplos, altos, tingidos pelo sol e sombreados pelas nuvens; posto que ela estivesse certa de que sua mãe se acostumara demasiadamente a uma vida reclusa, estendendo raramente as suas caminhadas para além da igreja, da escola e dos chalés vizinhos. Isso funcionou por algum tempo, mas quando o outono se aproximou, e o clima tornou-se mais instável, a opinião de sua mãe sobre a insalubridade do lugar aumentou; e ela lamentava-se ainda mais frequentemente que seu esposo, que era mais preparado do que Mr. Hume e era um melhor sacerdote de paróquia do que Mr. Houldsworth, não houvesse obtido a nomeação que estes dois antigos vizinhos haviam conseguido.

Margaret não estava preparada para essas longas horas de descontentamento, que maculavam a paz do seu lar. Ela sabia e havia ponderado sobre a ideia que deveria desistir de muitos luxos, que haviam trazido apenas aborrecimentos e empecilhos à sua liberdade em Harley Street. Seu entusiasmo perspicaz com cada prazer material era delicadamente equilibrado, talvez em demasia, por seu consciente orgulho de ser capaz de viver sem tudo aquilo, se necessário fosse. Mas a nuvem nunca vem do horizonte que vigiamos. Anteriormente, quando Margaret vinha passar as suas férias em casa, havia leves reclamações e lamentos passageiros da parte de sua mãe, por algo insignificante ligado a Helstone, e a posição de seu pai lá; mas em sua felicidade geral ao recordar aqueles tempos, ela esquecera-se dos pequenos detalhes que não eram tão agradáveis. Na última metade de setembro, as chuvas e tempestades outonais avançaram, e Margaret foi obrigada a permanecer mais em casa do que havia feito até então. Helstone

ficava a alguma distância de quaisquer vizinhos com o mesmo padrão de cultura deles.

— É indubitavelmente um dos lugares mais inóspitos na Inglaterra — disse Mrs. Hale, em um de seus humores queixosos. — Não posso evitar arrepender-me constantemente de que seu pai realmente não tenha ninguém com quem se associar aqui; ele está tão desperdiçado, encontrando-se apenas com fazendeiros e trabalhadores de semana a semana. Se apenas vivêssemos no outro lado da paróquia, seria alguma coisa; lá estaríamos a quase uma distância que se poderia caminhar da casa dos Stansfields, e certamente aos Gormans poderíamos ir caminhando.

— Gormans? — perguntou Margaret. — São aqueles os Gormans que fizeram fortuna com comércio em Southampton? Oh! Fico feliz que não os visitemos. Não gosto de gente de espírito mesquinho. Penso que estamos muito melhor sem eles, conhecendo apenas camponeses e trabalhadores, e pessoas sem tanta pretensão.

— Você não deve ser tão exigente, Margaret querida! — disse sua mãe, secretamente pensando em um jovem e bonito Mr. Gorman que ela havia uma vez conhecido na casa de Mr. Hume.

— Não! Penso que meu gosto é bastante compreensivo. Gosto de todas as pessoas cujas ocupações têm a ver com terra; gosto de soldados e marinheiros, e as três profissões eruditas[7], como eles as chamam. Estou certa de que a senhora não quer que eu admire açougueiros e padeiros, e parafineiros, quer, mamãe?

— Mas os Gormans não são açougueiros nem padeiros, mas altamente respeitáveis fabricantes de coches.

— Muito bem. Fabricação de coches é um comércio igual aos outros, e eu penso que seja um muito mais inútil do que aquele de açougueiros e padeiros. Oh! Quão cansada eu costumava ficar dos passeios diários na carruagem de tia Shaw, e quanto eu ansiava por caminhar!

E Margaret caminhava, a despeito do clima. Ela ficava tão feliz ao ar livre, ao lado de seu pai, que chegava quase a dançar; e com a suave violência do vento oeste atrás de si, enquanto ela cruzava alguma charneca, parecia ser conduzida adiante, tão leve e facilmente quanto a folha caída que era soprada pela brisa do outono. Mas as noites eram bastante difíceis de preencher agradavelmente. Imediatamente após o chá, seu pai recolhia-se à sua pequena biblioteca, e ela e sua mãe eram deixadas sozinhas. Mrs. Hale nunca se importou muito com livros, e havia desencorajado seu marido, logo no início de sua vida conjugal, no seu desejo de ler em voz alta para ela, enquanto trabalhava. Certa vez eles tentaram jogar gamão como recurso; mas enquanto Mr. Hale passou a ter crescente interesse em sua escola e seus paroquianos, ele descobriu que as interrupções que surgiam desses deveres eram consideradas como dificuldades por sua esposa, não sendo aceitos como a condição natural da profissão dele, mas sendo lamentados abundantemente e combatidos por ela enquanto surgiam. Então ele se recolhia, enquanto as crianças eram ainda jovens, em sua biblioteca, para passar suas noites (se ele estivesse em casa) lendo livros de teoria e metafísicos que eram o seu deleite.

Quando Margaret estivera visitando Helstone anteriormente, trouxera consigo uma grande caixa de livros, recomendados por mestres ou preceptoras, e descobrira que o dia do verão era

demasiado curto para dar conta da leitura que ela tinha para fazer antes de seu retorno à cidade. Agora havia apenas os Clássicos Ingleses, bem encadernados e pouco lidos, que foram retirados da biblioteca de seu pai para preencher as pequenas prateleiras de livros na sala de visitas. *The Seasons*, de Thomson[8]; *Cowper*, de Hayley[9]; *Cicero*, de Middleton[10], eram de longe os mais leves, mais novos e mais divertidos. As prateleiras de livros não ofereciam muitas opções. Margaret contou à sua mãe cada particularidade de sua vida em Londres, e a tudo Mrs. Hale ouviu com interesse, algumas vezes entretida e questionadora, outras vezes um pouco inclinada a comparar a facilidade e o conforto das circunstâncias de sua irmã com os limitados recursos do vicariato de Helstone. Em tais noites, Margaret era capaz de parar de falar subitamente, e ouvir o pinga-pinga da chuva sobre os caixilhos da pequena janela arqueada. Uma ou duas vezes Margaret viu-se contando mecanicamente a repetição do monótono som, enquanto refletia se deveria arriscar-se a fazer um questionamento sobre um assunto muito próximo de seu coração, e perguntar onde Frederick estava agora; o que ele estava fazendo, quanto tempo fazia desde que eles haviam tido notícias sobre ele. Mas a consciência do delicado estado de saúde de sua mãe, e do seu absoluto desgosto por Helstone, tudo datando da mesma época do motim no qual Frederick havia estado envolvido, cujo relato completo Margaret nunca ouvira, e que agora parecia condenado a ser enterrado em triste oblívio, fizeram-na recuar e evitar o assunto a cada vez que ocorresse a ela. Quando ela estava com sua mãe, seu pai parecia a melhor pessoa a quem solicitar por informação; e quando estava com ele, ela pensava que podia falar mais facilmente com sua mãe.

Provavelmente não havia muito a ser ouvido que fosse novo. Em uma das cartas que ela havia recebido antes de deixar Harley Street, seu pai havia-lhe dito que eles haviam recebido notícias de Frederick; ele ainda estava no Rio[11], e muito bem de saúde, e enviava todo seu amor para ela; eram notícias convencionais, e não a importante informação pela qual ansiava. Sempre se referiam a Frederick, nas raras vezes em que seu nome era mencionado, como “Pobre Frederick”.

Seu quarto era mantido exatamente como ele o havia deixado; e era regularmente espanado e colocado em ordem por Dixon, a criada de Mrs. Hale, que não se encarregava de nenhum outro trabalho doméstico, mas sempre se lembrava do dia em que fora contratada por lady Beresford como criada das damas que estavam sob a custódia de Sir John, as belas senhoritas Beresford, as belles de Rutlandshire. Dixon sempre havia considerado Mr. Hale a praga que tinha caído sobre a próspera vida de sua jovem patroa. Se Miss Beresford não houvesse tido tanta pressa em se casar com um pobre clérigo do campo, não se podia imaginar o que ela poderia ter se tornado. Mas Dixon era demasiadamente leal para desertá-la em sua aflição e ruína (pseudônimo de sua vida de casada). Ela permanecera com Mrs. Hale e era devotada aos interesses dela; sempre considerando-se a boa e protetora fada, cujo dever era confundir o gigante maligno, Mr. Hale.

Mestre Frederick havia sido seu favorito e orgulho; e era com um pequeno suavizar de sua aparência e modos dignos, que ela entrava semanalmente para arrumar o aposento tão cuidadosamente como se ele estivesse vindo para casa naquela mesma noite. Margaret não podia deixar de acreditar que deveria

existir alguma recente informação de Frederick, desconhecida à sua mãe, que estivesse deixando seu pai ansioso e apreensivo. Mrs. Hale, entretanto, não parecia perceber qualquer alteração nos olhares ou modos de seu esposo. Seus ânimos eram sempre ternos e gentis, prontamente afetados por qualquer pequena informação concernente ao bem-estar de outrem. Ele ficava deprimido por muitos dias após testemunhar um leito de morte, ou ouvir sobre qualquer crime. Mas agora Margaret notava uma desatenção, como se os pensamentos dele estivessem ocupados com algum outro assunto, cuja opressão não podia ser aliviada por qualquer atividade diária, tal como confortar familiares enlutados, ou ensinar na escola com esperança de diminuir os males da geração vindoura.

Mr. Hale não mais visitava seus paroquianos com a costumeira frequência; estava mais recluso em seu gabinete e esperava com ansiedade o carteiro do vilarejo, que anunciava a sua chegada com uma batida na persiana da janela dos fundos da cozinha. Às vezes, andava lentamente pelo jardim se a manhã estivesse agradável, e se não estivesse, permanecia parado sonhadoramente à janela do gabinete até que o carteiro chegasse, ou descesse a alameda, dando um respeitoso aceno de cabeça na direção do sacerdote, que o observava andar até muito além da cerca viva de rosa mosqueta, e passar pelo grande arbusto, antes que ele voltasse ao seu gabinete para começar seu dia de trabalho, exibindo todos os sinais de um coração pesado e uma mente ocupada.

Mas Margaret estava em uma idade em que qualquer apreensão, não necessariamente baseada em conhecimento de fatos, é facilmente afastada da mente por um dia claro de sol, ou alguma circunstância externa feliz. E quando os brilhantes catorze

belos dias de outubro chegaram, suas preocupações foram todas sopradas para longe tão levemente quanto lanugem de cardo, e ela não pensava em nada além das glórias da floresta. A colheita havia terminado, e agora que a chuva havia passado, muitas clareiras profundas estavam acessíveis, as quais Margaret apenas observara no clima de julho e agosto. Ela aprendera a desenhar com Edith; e lamentara-se o suficiente, durante a melancolia do tempo ruim, por sua indolência em ter desenhado a beleza do arvoredo enquanto o tempo ainda estava bom, e determinou-se a pintar o que conseguisse antes que o inverno se estabelecesse razoavelmente. Com isso em mente, estava ocupada preparando sua tábua de pintura certa manhã, quando Sarah, a criada, abriu amplamente a porta da sala de visitas e anunciou:

— Mr. Henry Lennox está à sua espera, senhorita.

Capítulo III

“Quanto maior a pressa, pior a velocidade”[12]

“Aprenda a ganhar de uma dama a sorte
Nobremente, enquanto é alto o merecimento;
Bravamente, enquanto por vida e morte —
Com uma seriedade valente.
Conduza-a para longe das mesas festeiras,
Aponte-a ao estrelado firmamento,
Proteja-a, com suas palavras verdadeiras,
Inocente das adulações do cumprimento”.
— MRS. BROWNING.[13]

— Mr. Henry Lennox.

Margaret havia pensando nele há apenas um momento, lembrando-se do inquérito dele sobre suas prováveis ocupações em casa. Era *“parler du soleil et l’on en voit les rayons”*[14],e o brilho do sol iluminava o rosto de Margaret enquanto ela colocava sua tela de pintura de lado, e adiantava-se para apertar-lhe a mão.

— Avise a mamãe, Sarah — disse ela. — Mamãe e eu queremos lhe fazer tantas perguntas sobre Edith; fico tão agradecida ao senhor por vir.

— Eu não disse que deveria vir? — disse ele, em um tom mais baixo que aquele no qual ela havia falado.

— Mas eu soube que o senhor estava tão longe, nas Highlands[15], que nunca imaginei que poderia vir até Hampshire.

— Oh! — disse ele, mais levemente —, nosso jovem casal estava pregando tantas peças tolas, correndo todos os tipos de riscos, escalando alguma montanha, velejando naquele lago, que eu realmente pensei que eles precisassem de um mentor que cuidasse deles. E de fato eles precisavam; eles estavam bastante além do manejo de meu tio, e mantiveram o velho cavalheiro em pânico por dezesseis das vinte e quatro horas. De fato, quando eu vi quão inaptos eles eram para serem confiados a ficarem sozinhos, pensei ser meu dever não os deixar até que os visse seguramente embarcados em Plymouth[16].

— O senhor esteve em Plymouth? Oh! Edith nunca mencionou isso. Certamente, ela tem escrito suas cartas com muita pressa ultimamente. Eles realmente embarcaram na quinta-feira?

— Realmente embarcaram, e aliviaram-me de muitas responsabilidades. Edith enviou para a senhorita todos os tipos de mensagens. Creio que tenho uma pequena nota em algum lugar; sim, aqui está.

— Oh! Obrigada! — exclamou Margaret; e então, meio desejosa de ler o bilhete sozinha, sem ser observada, retirou-se com a desculpa de avisar sua mãe novamente (Sarah certamente havia cometido algum erro) de que Mr. Lennox estava lá.

Quando ela havia deixado o cômodo, ele começou a olhar ao redor de si em seu modo escrutinador. A pequena sala de visitas estava com a melhor das aparências à luz dos raios do sol matinal. Sob o arco da janela do meio, que estava aberta, rosas e madressilva de cor escarlate espiavam em um canto; o caminho de

grama curta estava maravilhoso com verbenas e gerânios de todas as vivas cores. Mas o próprio brilho do lado de fora fazia as cores do lado de dentro parecerem pobres e esvanecidas. O carpete estava longe de ser novo; o estofado de chita havia sido frequentemente lavado; o aposento inteiro era menor e mais gasto do que ele havia esperado, como pano de fundo e moldura para Margaret, ela mesma tão majestosa. Ele pegou um dos livros que estavam sobre a mesa; era o *Paradiso*[17] de Dante, na própria e antiga encadernação italiana original de velino branco e dourado; ao lado dele estava um dicionário, e algumas palavras copiadas à escrita de Margaret. Era uma enfadonha lista de palavras, mas de certa forma ele gostava de olhar para ela. Ele colocou-a de volta na mesa com um suspiro.

"A morada é evidentemente tão pequena quanto ela disse. Parece estranho, posto que os Beresfords pertencem a uma rica família".

Enquanto isso, Margaret havia encontrado sua mãe. Fora um dos dias espasmódicos de Mrs. Hale, quando tudo era uma dificuldade e uma dureza; e a aparição de Mr. Lennox tomou esta forma, embora secretamente ela se sentisse honrada por ele haver pensado que valia a pena visitá-las.

— Que grande infortúnio! Estamos ceando cedo hoje, tendo nada além de carne fria, a fim de que os serviçais possam continuar o passar das roupas; e ainda assim, é claro, devemos convidá-lo para jantar, sendo cunhado de Edith e tudo. E seu pai está em tão baixos ânimos esta manhã com alguma coisa, não sei o quê. Entrei no gabinete ainda agora, e ele tinha seu rosto na mesa, cobrindo-o com as mãos. Eu lhe disse que tinha certeza de que o ar de

Helstone não estava mais lhe fazendo bem, assim como a mim, e ele repentinamente levantou a cabeça, e me implorou que eu não falasse mais uma palavra contra Helstone, ou ele não poderia suportar; se havia um lugar que ele amava na Terra era Helstone. Mas certamente, se ele está assim, é o ar úmido e relaxante.

Margaret sentia como se uma fina nuvem fria se interpusesse entre ela e o sol. Ela havia escutado pacientemente, com esperanças de que pudesse servir de algum alívio à sua mãe desabafar; mas agora era tempo de levá-la de volta para Mr. Lennox.

— Papai gosta de Mr. Lennox; eles se deram visivelmente bem no desjejum do casamento. Ouso dizer que sua vinda fará bem a ele. E não se preocupe com o jantar, querida mamãe. Carne fria servirá otimamente para um almoço, que é como Mr. Lennox mais provavelmente considerará esse jantar às duas horas da tarde[18].

— Mas o que faremos com ele até lá? São apenas dez e meia agora?

— Eu o convidarei para sair e pintar comigo. Sei que ele desenha, e isso o tirará de seu caminho, mamãe. Apenas entre agora; ele achará tão estranho se a senhora não entrar.

Mrs. Hale tirou seu avental de seda preta e alisou as faces. Ela tinha a aparência de uma dama muito bonita, enquanto saudava Mr. Lennox com a cordialidade devida a alguém que era quase um parente. Ele evidentemente esperava ser convidado a passar o dia, e aceitou o pedido com uma alegre prontidão que fez Mrs. Hale desejar que ela pudesse acrescentar algo à carne fria. Ele estava satisfeito com tudo; encantado com a ideia de Margaret de saírem para pintar juntos; não perturbaria Mr. Hale de modo algum, com a

perspectiva de tão logo encontrá-lo ao jantar. Margaret trouxe seus materiais de desenho para que ele escolhesse qual usar; e depois que o papel e pincéis haviam sido devidamente selecionados, os dois saíram com os ânimos mais alegres do mundo.

— Agora, por favor, apenas pare aqui por um minuto ou dois — disse Margaret. — Estes são os chalés que tanto me assombraram durante a chuvosa quinzena, reprovando-me por eu não os haver pintado.

— Antes que eles desabem e não mais sejam vistos. Sinceramente, se eles têm que ser desenhados, e eles são muito pitorescos, é melhor que não adiemos até o próximo ano. Mas onde haveremos de nos sentar? — brincou o cavalheiro.

— Oh! O senhor parece ter vindo direto dos escritórios em Temple[19], em vez de ter estado dois meses nas Highlands! Olhe para este lindo tronco de árvore, que os lenhadores deixaram justamente na posição certa para a luz. Colocarei minha toalha xadrez sobre ele, e será um bom trono florestal.

— Com seus pés naquele charco como um escabelo real? Fique, eu me moverei, e então a senhorita poderá chegar mais perto deste modo. Quem mora nestes chalés?

— Eles foram construídos por posseiros cinquenta ou sessenta anos atrás. Um deles não é habitado; os guardas florestais vão derrubá-lo, assim que o velho homem que mora no outro tiver morrido, pobre senhor! Olhe, lá está ele, devo ir e falar com ele. Ele é tão surdo que o senhor ouvirá todos os nossos segredos.

O velho homem estava sob o sol de cabeça descoberta, apoiando-se em seu bastão à frente de seu chalé. As rígidas feições dele relaxaram em um tímido sorriso enquanto Margaret se

aproximava e falava com ele. Mr. Lennox rapidamente acrescentou as duas figuras ao seu desenho, e terminou a paisagem como um pano de fundo para eles — como Margaret percebeu, quando chegou o momento de levantar-se, jogando fora água e restos de papel, e exibindo um ao outro os seus desenhos. Ela riu e corou: Mr. Lennox observou seu semblante.

— Agora, eu chamo isso de traição — disse ela. — Nunca pensei que o senhor estivesse usando o velho Isaac e eu como modelos, quando o senhor me disse que perguntasse a ele a história dos chalés.

— Foi irresistível. A senhorita não pode saber quão forte a tentação foi. Eu mal ouso dizer o quanto gosto deste desenho.

Ele não estava bastante certo se ela ouvira esta última frase antes que ela fosse ao córrego para lavar sua paleta. Ela retornou bastante enrubescida, mas parecendo perfeitamente inocente. Ele ficou alegre com isso, posto que o discurso havia escapulido dele por descuido, uma coisa rara no caso de um homem que tanto premeditava suas ações quanto Henry Lennox.

O aspecto da casa estava bem arrumado e brilhante quando eles retornaram. As nuvens no semblante de Mrs. Hale haviam desaparecido sob a providencial influência de um par de carpas presenteado por um vizinho de forma muito oportuna. Mr. Hale havia voltado de sua ronda matinal e aguardava seu visitante logo ali fora do postigo que levava ao jardim. Ele parecia um perfeito cavalheiro em seu casaco bastante puído e chapéu bem gasto.

Margaret tinha orgulho de seu pai; sentia sempre um renovado e terno orgulho em ver o quão favoravelmente ele impressionava cada estranho; ainda assim seu olho perspicaz procurou sobre o

rosto dele e encontrou lá traços de alguma perturbação incomum, que havia sido apenas posta de lado, não removida.

Mr. Hale pediu para olhar os desenhos deles.

— Penso que você fez os matizes no colmo muito escuros, não fez? — enquanto ele devolvia o de Margaret a ela, e estendia a mão para o de Mr. Lennox, que fora negado a ele por um momento, não mais.

— Não, papai! Não penso que o fiz. O alho-poró e o sedum-vistoso cresceram tão mais escuros na chuva. Não está parecido, papai? — perguntou ela, espiando por sobre o ombro dele, enquanto ele olhava as figuras no desenho de Mr. Lennox.

— Sim, muito parecido. Sua figura e porte estão excelentes. E esse é justamente o jeito tenso do pobre velho Isaac de vergar suas costas longas e reumáticas. O que é isto pendurado no galho da árvore? Não é um ninho de passarinho, certamente.

— Oh não! Isso é meu chapéu. Nunca consigo desenhar usando chapéu; deixa minha cabeça tão quente. Pergunto-me se eu poderia dominar a arte de desenhar. Há tantas pessoas por aqui que eu gostaria de pintar — disse Margaret.

— Eu diria que, se a senhorita muito desejar uma similaridade, nisto, certamente, sempre obterá sucesso — disse Mr. Lennox. — Tenho grande fé no poder da vontade. Penso eu mesmo que tenho tido bastante sucesso sobre a sua vontade.

Mr. Hale havia-os precedido para dentro da casa, enquanto Margaret estava se delongando a colher algumas rosas, com as quais pretendia adornar seu vestido para o jantar.

“Qualquer jovem dama de Londres entenderia o sentido implícito desse discurso”, pensou Mr. Lennox. “Ela ficaria atenta a

analisar cada palavra que um jovem cavalheiro lhe dissesse pela *arrière-pensée*[20] de um elogio. Mas não creio que Margaret seja assim".

— Espere! — exclamou ele. — Deixe-me ajudá-la — e ele colheu para ela algumas aveludadas rosas carmesins que estavam fora do alcance dela, e então dividindo o espólio, colocou duas na floreira dele, e a deixou entrar, satisfeita e feliz, para arranjar suas flores.

A conversação ao jantar fluiu calma e agradavelmente. Havia muitas perguntas a serem feitas de ambos os lados, a mais recente informação que cada um podia trocar dos movimentos de Mrs. Shaw na Itália; e no interesse do que foi dito, havia a despretensiosa simplicidade dos modos do presbitério — acima de tudo, na vizinhança de Margaret, Mr. Lennox esqueceu a pequena sensação de desapontamento com a qual ele havia primeiro percebido que ela havia falado senão a simples verdade quando havia descrito a morada de seu pai como muito pequena.

— Margaret, minha criança, você poderia ter juntado para nós algumas peras para nossa sobremesa — disse Mr. Hale, enquanto o hospitaleiro luxo de uma recém-decantada garrafa de vinho era colocado sobre a mesa.

Mrs. Hale levantou-se apressadamente. Era como se sobremesas fossem coisas *impromptu*[21] e incomuns no presbitério; enquanto, se Mr. Hale apenas houvesse olhado para trás haveria visto biscoitos e marmelada, e outras coisas, todas arranjadas na ordem formal no aparador. Mas a ideia de peras havia tomado posse da mente de Mr. Hale, e dela ele não haveria de se livrar.

— Há algumas *beurrés*[22] marrons contra a cerca sul que valem todas as frutas e compotas estrangeiras. Corra, Margaret, e colha algumas para nós.

— Proponho que adentremos o jardim, e comamo-las lá — disse Mr. Lennox.

— Nada é tão delicioso como cravar os dentes na fruta crocante, suculenta, aquecida e perfumada pelo sol. O pior é que as vespas são impudentes o suficiente para disputá-la conosco, mesmo no ápice do desfrute.

Ele se levantou, como se para seguir Margaret, que havia desaparecido pela janela ao lado da qual ele apenas aguardava a permissão de Mrs. Hale. Ela haveria certamente encerrado o jantar de maneira apropriada, e com todas as cerimônias que haviam transcorrido tão suavemente até então, especialmente já que ela e Dixon haviam tirado os copos de dedo[23] do depósito com o propósito de ser tão elegante quanto convinha à irmã da viúva do general Shaw, mas já que Mr. Hale levantara-se imediatamente, e preparava-se para acompanhar seu convidado, Mrs. Hale não pôde fazer nada senão ceder.

— Hei de armar a mim mesmo com uma faca — disse Mr. Hale. — Os dias de comer fruta tão primitivamente como você descreve já se foram para mim. Devo descascá-la e parti-la em metades e em quartos antes que eu possa desfrutá-la.

Margaret fez um prato para as peras com uma folha de beterraba, que destacava admiravelmente a cor marrom dourada delas. Mr. Lennox olhava mais para ela do que para as peras; mas seu pai, inclinado a desfrutar fastidiosamente do imenso prazer e perfeição daquela hora, que havia lhe roubado da ansiedade,

escolheu finalmente a fruta mais madura, e sentou-se no banco do jardim para apreciá-la do jeito que lhe aprazia. Margaret e Mr. Lennox passeavam pela trilha no alpendre ao longo da cerca sul, onde as abelhas ainda zuniam e trabalhavam ocupadamente em suas colmeias.

— Que vida perfeita a senhorita parece viver aqui! Sempre desdenhei muito dos poetas, com seus desejos, *"Minha seja uma choupana junto a um monte"*[24] e esse tipo de coisa. Mas agora temo que tudo seja verdade é que não tenho sido nada mais que um rude operário. Logo agora sinto como se o duro estudo de vinte anos do Direito me fosse amplamente recompensado por um ano de uma vida primorosa e serena como essa aqui, que céus! — exclamou ele olhando para cima —, tais folhagens carmesim e âmbar, tão perfeitamente imóveis como essas! — ele apontou para algumas das grandes árvores da floresta que cercavam o jardim como se ele fosse um ninho.

— O senhor deve por favor lembrar-se de que nossos céus nem sempre são de um azul tão profundo como estão hoje. Temos chuva, e nossas folhas caem e ficam encharcadas; embora eu pense que Helstone seja um lugar tão perfeito quanto qualquer outro no mundo. Lembre-se de como o senhor bastante escarneceu minha descrição daqui uma noite em Harley Street: "um vilarejo tirado de um conto".

— Escarneci, Margaret?! Essa é uma palavra bastante dura!

— Talvez tenha sido. Apenas sei que eu deveria ter gostado de conversar com o senhor sobre o que muito me absorvia na ocasião, e o senhor... como devo falar, então? O senhor falou

desrespeitosamente de Helstone como um mero vilarejo descrito em um conto.

— Nunca mais farei isso — disse ele, calorosamente. Eles viraram a esquina da trilha.

— Eu podia quase desejar, Margaret... — ele parou e hesitou. Era tão incomum para o fluente advogado hesitar que Margaret o olhou, em um pequeno estado de questionadora imaginação; mas em um instante, existia algo nos modos dele que ela não conseguia definir, ela desejou estar de volta com sua mãe e com seu pai, em qualquer lugar longe dele, posto que ela estava certa de que ele diria algo a que ela não saberia como responder. Em seguida seu forte orgulho sobrepujou a súbita agitação, que ela esperava que ele não houvesse percebido. É claro que ela conseguiria responder, e responderia corretamente; e era pobre e mesquinho de sua parte esquivar-se de ouvir qualquer discurso, como se ela não tivesse o poder de colocar um fim a ele com sua altiva dignidade virginal.

— Margaret — disse ele, tomando-a de surpresa, e apossando-se repentinamente de sua mão, a fim de que ela fosse forçada a ficar e escutar, enquanto todo o tempo desprezava-se pelo alvoroço de seu coração.

— Eu fiquei surpresa. Eu não sabia que o senhor me queria bem dessa maneira. Tenho sempre pensado no senhor como um amigo; e, por favor, gostaria muito de continuar a pensar assim. Não gosto de ser abordada como o senhor o vem fazendo. Não posso lhe responder como o senhor deseja que eu responda, e ainda assim, eu lamentaria muito se o aborrecesse.

— Margaret — disse ele, olhando-a nos olhos, que encontraram os dele com seu olhar aberto e direto, expressivo da

máxima boa-fé e relutância em infligir dor.

— A senhorita — ele ia dizer — “ama outra pessoa?” Mas parecia como se essa pergunta fosse ser um insulto à pura serenidade daqueles olhos. — Perdoe-me, fui muito abrupto. E fui punido por isso. Apenas permita-me ter esperanças. Dê-me o pobre consolo de dizer-me que a senhorita nunca encontrou ninguém que pudesse... — novamente uma pausa. Ele não conseguia concluir essa frase. Margaret repreendeu-se intensamente por ser a causa da aflição dele.

— Ah! Se o senhor nunca tivesse deixado entrar em sua cabeça essa afeição! Era um prazer tão grande pensar no senhor como um amigo.

— Mas eu posso ter esperanças, não posso, Margaret, de que algum dia a senhorita me pensará seu amado? Não agora, entendo, não há pressa, mas algum dia?

Ela ficou em silêncio por um minuto ou dois, tentando descobrir a verdade que estava em seu próprio coração, antes de responder; e então disse:

— Nunca pensei no... — ela hesitou — senhor, senão como um amigo. Gosto de pensar assim; e estou certa de que nunca poderia pensar no senhor de outro modo. Rogo, esqueçamos que toda essa (desagradável, ela ia dizer, mas conteve-se) — conversa.

Ele pausou antes que respondesse. Então, com seu frio tom habitual, respondeu:

— É claro, já que seus sentimentos são tão decididos, e já que esta conversa tem sido tão evidentemente desagradável para a senhorita, é melhor que não seja lembrada. Isso tudo é muito bom

na teoria, esse plano de esquecer qualquer coisa dolorosa, mas será um tanto difícil para mim, pelo menos, levá-lo adiante.

— O senhor está aborrecido — disse ela, tristemente —, ainda assim, como eu poderia evitar isso?

Ela parecia tão verdadeiramente pesarosa enquanto dizia isso, que, por instantes, ele lutou contra sua real decepção, e então respondeu mais calorosamente, mas ainda com uma pequena dureza no tom:

— A senhorita deveria ser condescendente com o sofrimento, não apenas de um enamorado, Margaret, mas de um homem não dado a romance em geral, prudente, mundano, como algumas pessoas me chamam, que levado a agir contra meus usuais hábitos pela força de uma paixão... bem, não falaremos mais sobre isso; embora na única concessão que esse homem fez, aos melhores e mais profundos sentimentos da sua natureza, encontrou senão rejeição e repulsa. Hei de consolar-me escarnecendo minha própria tolice. Um esforçado advogado pensar em matrimônio!

Margaret não conseguia responder a isso. Todo o tom a incomodava. Parecia tocar e destacar todos os pontos de diferença que muito frequentemente a repeliram nele; embora ainda fosse o homem mais agradável, o amigo mais compreensivo, a pessoa entre todos os outros que melhor a entendia em Harley Street. Ela sentia um tom de desprezo misturar-se com sua dor por havê-lo recusado. Seu lindo lábio contorceu-se em ligeiro desdém. Foi bom que, havendo eles completado a volta no jardim, repentinamente encontraram Mr. Hale, cujo paradeiro eles tinham momentaneamente esquecido. Ele ainda não terminara de degustar a pera, que delicadamente descascara e fatiara em longas tiras da

espessura de um papel prateado, a qual saboreava calmamente. Era como se a história do rei oriental, que mergulhara sua cabeça em uma vasilha de água, ao comando do mágico, e antes que ele imediatamente a retirasse, passasse pela experiência de toda uma vida. Margaret sentia-se aturdida, e incapaz de recuperar autocontrole suficiente para juntar-se à trivial conversa que se seguiu entre seu pai e Mr. Lennox. Ela estava séria, e pouco disposta a falar; cheia de espanto, perguntando-se quando Mr. Lennox partiria, o que lhe permitiria relaxar e pensar sobre os eventos do último quarto de hora. Ele estava quase tão ansioso para partir quanto ela para que ele fosse embora; mas poucos minutos de conversa leve e despretensiosa, conduzida com todo esforço possível, eram um sacrifício que ele devia à sua humilhada vaidade, ou ao seu respeito próprio. Ele por vezes fitava o rosto triste e pensativo dela.

“Não lhe sou tão indiferente quanto ela acredita”, pensava ele para si mesmo. “Não perderei a esperança”.

Antes que um quarto de hora se passasse, seu modo de conversar estava levemente sarcástico; falando da vida em Londres e da vida no interior, como se tivesse a consciência de seu lado zombeteiro, e receoso de sua própria sátira. Mr. Hale ficou intrigado. Seu visitante era um homem diferente do qual ele encontrara antes, no desjejum de casamento e no jantar hoje; um homem mais arrogante, mais astuto, mais mundano, e, como tal, dissonante de Mr. Hale. Foi um alívio para todos os três quando Mr. Lennox disse que deveria partir imediatamente se desejasse pegar o trem das cinco horas. Eles prosseguiram para a casa para encontrar Mrs.

Hale, e dizer-lhe adeus. No último momento, Henry Lennox deixou transparecer sua real natureza.

— Margaret, não me despreze; tenho um coração, não obstante este modo de falar que não me serve de nada. Como prova disso, creio que eu a ame mais do que nunca — disse Mr. Lennox, e pensou: “se não a odeio”, isso pelo desdém com o qual Margaret o escutara durante a última meia hora. — Adeus, Margaret!

Capítulo IV

Dúvidas e dificuldades

“Lance-me sobre alguma margem desfolhada,
Onde tracejar eu possa
Os vestígios de algum triste destroço,
Se tu estiveres lá, embora ruja a enseada,
Hei de não implorar calma mais delicada”.
— HABINGTON.[25]

Ele se fora. A casa estava fechada pelo restante do dia. Nada mais de céus cor azul intenso ou matizes carmesim e âmbar. Margaret subiu para vestir-se para o chá antecipado, encontrando Dixon de mau humor pela interrupção que um visitante havia naturalmente ocasionado em um dia tão ocupado. Ela demonstrou isso, escovando os cabelos de Margaret com muita força, sob o pretexto de estar com pressa para atender Mrs. Hale. Ainda assim, afinal, Margaret teve que esperar muito tempo na sala de visitas antes que sua mãe descesse. Sentou-se sozinha à lareira, com velas apagadas na mesa atrás de si, pensando sobre o dia, na feliz caminhada, na alegre sessão de pintura, no alegre e agradável jantar, e na desconfortável e infeliz caminhada pelo jardim.

Quão diferentes os homens eram das mulheres! Aqui estava ela perturbada e infeliz, porque seu instinto tornara impossível qualquer resposta que não fosse uma negativa; enquanto ele, não muitos minutos após haver encontrado rejeição na proposta que

deveria ser a mais importante e sagrada de sua vida, conseguia falar como se as causas ganhas, o sucesso, todas as consequências superficiais de uma boa casa e viver em uma inteligente e agradável sociedade, fossem seus únicos desejos professos. Oh céus! Como ela poderia tê-lo amado se ele ao menos fosse diferente, com uma diferença que ela sentiu, refletindo, ser daquelas que a atingia profundamente. Então veio-lhe à mente o pensamento de que a superficialidade dele não poderia ser senão simulada, para encobrir a amargura da decepção que estaria estampada em seu próprio coração, se ela algum dia tivesse amado e sido rejeitada.

Sua mãe entrou no cômodo antes que este turbilhão de pensamentos estivesse organizado de maneira ordenada. Margaret teve que se livrar das lembranças do que fora feito e dito ao longo do dia, e tornar-se uma ouvinte compreensiva ao relato de como Dixon reclamara do ferro de passar, pois havia queimado novamente uma peça de roupa; e como Susan Lightfoot fora vista com flores artificiais em seu chapéu, dando evidências de ser possuidora de um caráter vaidoso e leviano. Mr. Hale bebericava seu chá em abstraído silêncio; Margaret guardava todas as respostas para ela mesma. Perguntava-se como seu pai e mãe podiam ser tão esquecidos, tão desatentos com relação ao visitante do dia, a ponto de nunca mencionarem o nome dele. Ela esquecia que Mr. Lennox não lhes fizera proposta alguma.

Após o chá, Margaret observou que Mr. Hale se levantou, encostou o cotovelo na lareira, apoiou a cabeça com a mão, devaneando sobre alguma coisa. De vez em quando ele suspirava profundamente. Mrs. Hale havia saído para consultar Dixon sobre

alguma roupa de inverno para os pobres. Margaret estava preparando a tapeçaria de lã de sua mãe, retraindo-se com o pensamento de que teria uma longa noite, desejando que a hora de dormir chegasse logo para que ela pudesse repensar novamente os eventos do dia.

— Margaret! — disse Mr. Hale, finalmente, em um tom de desespero repentino, que a fez sobressaltar. — Essa tapeçaria é algo de importância imediata? Digo, você pode deixá-la e vir ao meu gabinete? Quero falar-lhe sobre algo muito sério para todos nós.

“Muito sério para todos nós?”, Margaret se perguntou. Mr. Lennox não tivera oportunidade de ter qualquer conversa privada com seu pai após a recusa dela, ou então isso seria de fato um assunto muito sério. Em primeiro lugar, sentia-se culpada e envergonhada de ter crescido tanto e se tornado uma mulher a ponto de ser pedida em casamento; e segundamente, ela não sabia se desagradaria seu pai que ela houvesse tomado a liberdade de recusar a proposta de Mr. Lennox. Mas logo sentiu que não era esse o caso, visto que isso ocorrera há pouco tempo e de forma repentina, não dando motivo para quaisquer cogitações complicadas, que seu pai porventura desejasse abordar com ela. Ele a fez tomar uma cadeira ao lado dele; atiçou o fogo, ajeitou o pavio queimado das velas, deu uma fungadela, e suspirou uma ou duas vezes antes que pudesse decidir o que dizer. Finalmente falou de forma brusca: — Margaret! Terei que deixar Helstone.

— Deixar Helstone, papai?! Mas por quê?

Mr. Hale não respondeu por um minuto ou dois. Ele mexia com alguns papéis à mesa de forma nervosa e confusa, abrindo seus lábios para falar diversas vezes, mas fechando-os novamente sem

ter a coragem de proferir uma palavra sequer. Margaret não podia suportar o suspense, que era ainda mais aflitivo para o seu pai do que para ela mesma.

— Mas por quê, querido papai? Por favor, conte-me!

Repentinamente, ele olhou para ela, e então disse com uma lenta e forçada calma:

— Porque eu não devo mais ser um pároco da Igreja da Inglaterra.

Margaret imaginara que nada menos que alguma nomeação, daquelas que sua mãe tanto desejava, havia sido finalmente concedida ao seu pai, algo que o forçaria a deixar a linda e amada Helstone e, talvez, o compelisse a viver em alguma das majestosas e silenciosas casas paroquiais que Margaret havia visto de tempos em tempos em cidades maiores. Eram certamente lugares grandes e imponentes, mas se, para ir para lá, fosse necessário deixar para sempre seu lar em Helstone, seria um sofrimento longo e duradouro. Mas nada comparado ao choque provocado pela última fala de Mr. Hale. O que ele queria dizer? Parecia pior por ser tão misterioso. O lamentável aspecto de aflição em seu rosto, quase implorando por um julgamento piedoso e bondoso por parte da filha, deixou Margaret sentindo-se repentinamente doente. Poderia ele estar implicado em qualquer coisa que Frederick houvesse feito? Frederick era um foragido. Haveria seu pai, por um amor natural ao filho, sido conivente em qualquer coisa...

— Oh! O que é? Fale, papai! Conte-me tudo! Por que o senhor não pode mais ser um clérigo? Certamente, se o bispo soubesse tudo o que sabemos sobre Frederick, e a dura e a injusta...

— Não é nada sobre Frederick e o bispo não teria nada a ver com isso. É sobre mim, Margaret. Vou te contar tudo. Responderei quaisquer perguntas de uma só vez, mas após esta noite nunca mais falaremos sobre isso. Posso enfrentar as consequências de minhas dolorosas e miseráveis dúvidas, mas falar sobre o que tem me causado tanto sofrimento é um esforço que está além das minhas forças.

— Dúvidas, papai?! Dúvidas quanto à religião? — perguntou Margaret, mais chocada do que nunca.

— Não! Não dúvidas quanto à religião; nem a menor injúria a isso — ele pausou. Margaret suspirou, como se à beira de algum novo horror. Mr. Hale começou novamente, falando rapidamente, como se para cumprir uma tarefa incômoda:

— Você não conseguiria entender tudo, se eu lhe dissesse, Margaret. Minha ansiedade, durante anos, para saber se eu tinha o direito de manter meu benefício eclesiástico, meus esforços para mitigar minhas dúvidas latentes sobre a autoridade da Igreja. Oh, Margaret! Como eu amo a santa Igreja da qual estou prestes a ser expulso!

Ele não conseguiu prosseguir por alguns momentos. Margaret não sabia o que dizer; aquilo parecia-lhe terrivelmente misterioso, como se seu pai estivesse prestes a tornar-se um maometano.

— Hoje andei lendo sobre os dois mil que foram expulsos de suas igrejas — continuou Mr. Hale, sorrindo fracamente —, tentando roubar um pouco da bravura deles; mas é inútil, inútil, não posso evitar senti-lo profundamente.

— Mas, papai, o senhor considerou bem? Oh! Parece tão terrível, tão chocante — disse Margaret, repentinamente irrompendo

em lágrimas. A única sólida fundação de seu lar, sua opinião sobre seu amado pai, parecia cambaleante e abalada. O que ela podia dizer? O que haveria de ser feito? A visão da aflição dela fez Mr. Hale enervar-se, a fim de tentar confortá-la. Ele engoliu os secos e asfixiantes soluços que vinham arfando de seu coração até então, foi até sua estante de livros e retirou um volume, que estivera lendo ultimamente e do qual ele pensava que havia retirado força para entrar no caminho que agora escolhera.

— Escute, querida Margaret — disse ele, colocando um braço ao redor da cintura dela. Margaret tomou a mão do pai entre as suas, agarrando-a com força, mas não conseguia levantar a cabeça, tão grande era sua agitação interior.

— Este é o monólogo de alguém que uma vez fora um clérigo em uma paróquia do interior, como eu; foi escrito por um certo Mr. Oldfield, pároco de Carsington, em Derbyshire[26], cento e sessenta anos atrás, ou mais. As provações dele terminaram. Ele lutou a boa luta — estas últimas duas frases ele falou baixo, como se para si mesmo. Então Mr. Hale leu em voz alta:

"Quando tu não podes mais continuar em teu trabalho sem desonrar a Deus, desacreditar a religião, renunciar a tua integridade, ferir a tua consciência, estragar tua paz, e arriscar a perda da tua salvação; em suma, quando as condições sobre as quais tu deves continuar (se fores continuar) em tuas ocupações são pecaminosas, e injustificáveis pela palavra de Deus, tu podes, sim, tu deves crer que Deus trará teu próprio silêncio, suspensão, privação, e desistência, à Sua glória, e ao avanço do interesse do Evangelho. Quando Deus não for usar-te em um modo, ainda assim Ele o fará em outro. A uma alma que deseje servir e honrá-Lo nunca há de

faltar oportunidade para fazê-lo; nem deves tu então limitar O Santo de Israel a ponto de pensar que Ele tem senão um modo no qual Ele pode glorificar-Se através de ti. Ele pode fazê-lo tanto por teu silêncio quanto por tua pregação; tanto pela tua desistência quanto pela tua persistência em continuar teu trabalho. Não é o pretexto de fazer a Deus o maior serviço, ou executar a mais árdua tarefa, que desculpará o menor pecado, embora esse pecado capacitasse ou desse-nos a oportunidade para realizar essa tarefa. Tu terás pouco a agradecer, Ó minha alma!, se, quando tu fores encarregada com a corrupção da adoração de Deus, falsificando teus votos, tu fingires uma necessidade para isso a fim de continuar no sacerdócio".

Enquanto Mr. Hale lia isso, e olhava rapidamente para muito mais que não lera, ganhou resolução por si mesmo, e sentia como se ele também pudesse ser bravo e firme em fazer o que ele cria ser certo; mas, ao concluir a leitura, ouviu o soluço abafado e convulsivo de Margaret, e sua coragem afundou sob a aguçada noção de sofrimento.

— Margaret, querida! — disse ele, puxando-a para mais perto. — Pense nos primeiros mártires, pense nos milhares que têm sofrido.

— Mas, pai — disse ela, repentinamente levantando seu rosto corado, banhado em lágrimas —, os primeiros mártires sofreram pela verdade, enquanto o senhor... oh! Caro, caro papai!

— Eu sofro pelo bem da minha consciência, minha criança — disse ele, com uma dignidade que estava apenas trêmula pela aguda sensibilidade do seu caráter. — Devo fazer o que a minha consciência ordena. Tenho suportado, há muito, autorreprovação que haveria despertado qualquer mente menos tórpida e covarde do

que a minha — ele balançou a cabeça enquanto continuava: — o desejo apaixonado de sua pobre mãe, finalmente satisfeito da forma mais escarnecedora, como costumam ser os desejos mais intensos, as maçãs de Sodoma[27], causaram esta crise, pela qual devo ser agradecido, e espero ser. Não passou um mês desde que o bispo me ofereceu outra paróquia; se eu a houvesse aceitado eu teria que fazer uma nova declaração de conformidade à Liturgia da minha instituição. Margaret, eu tentei fazê-la; tentei contentar-me em simplesmente recusar a adicional nomeação, e ficar calmamente aqui, sufocando minha consciência, como eu já havia feito antes. Deus me perdoe!

Ele levantou-se e caminhou por todo o cômodo, pronunciando em baixo tom palavras de autorreprovação e humilhação, das quais Margaret era grata por ouvir senão algumas poucas. Finalmente ele disse:

— Margaret, volto ao triste fardo, de que devemos deixar Helstone.

— Sim! Entendo. Mas quando?

— Escrevi ao bispo. Ouso dizer que já lhe contei, mas ando esquecendo as coisas justo agora — disse Mr. Hale, recaindo em sua maneira depressiva tão logo começou a falar dos difíceis detalhes práticos. — Bem escrevi ao bispo informando-o de minha intenção de resignar este vicariato. Ele tem sido muito bondoso; tem usado de argumentos e censuras, tudo em vão, em vão. Eram os mesmos com os quais eu tentara convencer-me, sem sucesso. Hei de pegar a carta de renúncia, e esperar pelo bispo, para dizer-lhe adeus. Isso será uma provação, mas pior, muito pior, será separar-me do meu querido povo. Há um pároco auxiliar designado para ler

as preces, um certo Mr. Brown. Ele virá ficar conosco amanhã. Domingo próximo pregarei o meu sermão de despedida.

“Será tudo tão repentino assim?”, pensou Margaret; talvez fosse mesmo melhor dessa forma. Procrastinar as coisas acrescentaria apenas mais fisgadas à dor; era melhor ficar entorpecida do que ouvir sob todos os arranjos, que pareciam estar quase completos antes mesmo que ela houvesse sabido do ocorrido.

— O que mamãe diz? — perguntou ela, com um profundo suspiro.

Para sua surpresa, seu pai começou a andar novamente, antes que respondesse. Finalmente, ele respondeu:

— Margaret, sou um pobre covarde afinal de contas. Não posso suportar causar dor aos outros. Sei tão bem que a vida de casada de sua mãe não tem sido tudo o que ela esperava, tudo o que ela tinha direito de esperar, e isto será um golpe tão grande que ainda não tive a força e a coragem para contar-lhe. Contudo, ela deve saber agora — disse ele, olhando avidamente para sua filha. Margaret estava quase subjugada com a ideia de que sua mãe nada sabia, e ainda assim o assunto estava tão avançado!

— Sim, de fato ela deve — disse Margaret. — Talvez, afinal, ela não deva. Oh sim! Ela ficará, ela deverá ficar chocada — como se a força do golpe voltasse sobre ela mesma ao tentar compreender como outra pessoa o receberia. — Para onde iremos? — perguntou ela, finalmente atingida com uma nova ponderação quanto aos planos futuros deles, se é que ele os tinha.

— Para Milton do Norte[28] — ele respondeu, com uma fastidiosa indiferença, posto que ele havia percebido que embora o

amor de sua filha a levasse a unir-se a ele, e empenhar-se por tranquilizá-lo com o seu afeto, ainda assim a intensidade da dor era tão nova quanto nunca na mente dela.

— Milton do Norte?! A cidade industrial em Darkshire?

— Sim — disse ele, no mesmo tom deprimido e indiferente.

— Por que lá, papai? — perguntou ela.

— Porque lá eu posso ganhar o pão para minha família. Porque eu não conheço ninguém lá, e ninguém conhece Helstone, ou poderá algum dia falar comigo sobre este lugar.

— Pão para sua família! Pensei que o senhor e mamãe tivessem — e então ela parou, controlando seu interesse natural a respeito da futura vida deles, já que ela via a melancolia acumular-se na fronte de seu pai. Mas ele, com sua rápida intuitiva empatia, leu no rosto dela, como se num espelho, os reflexos de sua própria depressão, e esforçou-se para afastá-los.

— Você saberá de tudo, Margaret. Apenas me ajude a contar para sua mãe. Penso que posso fazer qualquer coisa, exceto isso. A ideia da aflição dela me deixa doente de temor. Se eu lhe contar tudo, talvez você pudesse dar a notícia para ela amanhã. Passarei o dia fora, para dizer o meu adeus ao fazendeiro Dobson e ao pobre povo da Aldeia de Bracy. Você desgostaria muito de ter que contar isso a ela, Margaret?

Margaret desgostava, sim, e encolhia-se diante da ideia mais do que de qualquer coisa que tivera que fazer em sua vida. Ela não conseguiu responder e seu pai disse: — Você desgosta muito, não é, Margaret?

Então ela tomou o controle de si novamente, e disse, com vivacidade:

— É uma coisa dolorosa, mas deve ser feita, e a farei tão bem quanto puder. O senhor já deve ter muitas coisas dolorosas para fazer.

Mr. Hale balançou sua cabeça desanimadamente e apertou a mão dela em forma de gratidão. Margaret estava aflita novamente a ponto de desatar em lágrimas. Para mudar seus pensamentos, ela disse: — Agora me conte, papai, quais são os nossos planos. O senhor e mamãe têm algum dinheiro, independente do benefício eclesiástico, não têm? Sei que a tia Shaw tem.

— Sim, suponho que temos aproximadamente cento e setenta libras por ano para nós. Setenta disso sempre tem ido para Frederick, desde que ele saiu do país. Não sei se ele quer tudo isso — continuou de maneira hesitante. — Ele deve ter algum pagamento por servir ao exército espanhol.

— Frederick não deve sofrer privações — disse Margaret, decididamente, — em um país estrangeiro; tão injustamente tratado pelos seus. Restam cem. O senhor, mamãe e eu poderíamos viver com cem libras por ano em alguma parte muito barata, muito calma da Inglaterra? Oh! Penso que poderíamos!

— Não! — disse Mr. Hale. — Isso não seria a solução. Devo fazer alguma coisa. Devo manter-me ocupado, para afastar os pensamentos mórbidos. Ademais, em uma paróquia de interior eu me lembraria de Helstone, e de meus deveres aqui. Eu não poderia suportar, Margaret. E cem libras por ano seria pouco demais, após serem supridas as necessidades da casa, para proporcionar à sua mãe todos os confortos aos quais ela está acostumada, e que merece. Não. Devemos ir para Milton. Isso está estabelecido. Sempre decido melhor sozinho, sem ser influenciado por aqueles

que amo — disse ele, como uma meia desculpa por haver arranjado quase tudo, antes que houvesse contado a qualquer um de sua família sobre suas intenções.

— Não posso aguentar objeções. Elas me deixam indeciso.

Margaret decidiu manter silêncio. Afinal, o que importava para onde eles fossem, comparado àquela única terrível mudança?

Mr. Hale continuou: — Poucos meses atrás, quando a angústia causada por minha dúvida se tornou mais do que eu podia suportar sem falar com ninguém, escrevi para Mr. Bell. Você se lembra de Mr. Bell, Margaret?

— Não. Eu nunca o vi, penso. Mas sei quem ele é. Padrinho de Frederick, seu antigo professor em Oxford, não é?

— Sim. Ele é um Fellow[29] em Plymouth College. É um nativo de Milton do Norte, eu creio. De qualquer modo, ele tem propriedade lá, que tem aumentado muito de valor desde que Milton tornou-se uma grande cidade industrial. Bem, tive razão para suspeitar, para imaginar, é melhor eu não dizer nada sobre isso, de qualquer forma. Mas tenho certeza da simpatia de Mr. Bell. Não posso dizer que ele tenha me dado muita força, mas foi tão bondoso quanto alguém pode ser. Ele tem vivido uma vida tranquila em seu colegiado e é graças a ele que estamos indo para Milton.

— Como? — disse Margaret.

— Ora ele tem inquilinos, e casas, e fábricas lá; então, embora ele desgoste do lugar, ele acha demasiado agitado para alguém de seus hábitos, é obrigado a manter algum tipo de conexão; e ele me disse que ouviu falar que há uma boa oportunidade para um tutor privado lá.

— Um tutor privado?! — disse Margaret, demonstrando desdém. — O que neste mundo podem querer os industriais manufatores com os clássicos, ou a literatura, ou as habilidades de um cavalheiro?

— Oh — disse seu pai —, alguns deles realmente parecem ser bons indivíduos, conscientes de suas próprias deficiências, que é mais do que se pode dizer de muitos homens em Oxford. Alguns querem resolutamente aprender, embora já sejam homens feitos. Outros desejam que seus filhos tenham uma melhor instrução que eles. De qualquer forma, há uma abertura, como tenho dito, para um tutor privado. Mr. Bell me recomendou a um certo Mr. Thornton, um inquilino dele e, a julgar por suas cartas, é um homem muito inteligente. E em Milton, Margaret, hei de ter uma vida ocupada, se não feliz, com pessoas e cenários tão diferentes que nunca lembrarei de Helstone.

Ali estava o motivo secreto, Margaret sabia por meio de seus próprios sentimentos. Seria diferente. Discordante como era — com quase uma detestação por tudo o que ela havia ouvido do Norte da Inglaterra, os industriais, o povo, a região selvagem e sombria — havia esta única recomendação: seria diferente de Helstone, e nunca poderia lembrá-los daquele amado lugar.

— Quando iremos? — perguntou Margaret, após um curto silêncio.

— Não sei exatamente. Eu gostaria de conversar sobre isso com você. Entenda, sua mãe nada sabe ainda, mas penso eu, em uma quinzena; após minha escritura de renúncia ser enviada, não hei de ter direito de permanecer aqui.

Margaret estava quase aturdida.

— Em uma quinzena!

— Não... não, não exatamente... Nada está estabelecido — disse seu pai, de modo ansioso e hesitante, ao notar o velado pesar que cobriu os olhos dela, e a repentina mudança em sua compleição. Mas ela recuperou-se imediatamente.

— Sim, papai, é melhor que tudo seja estabelecido logo e decididamente, como o senhor diz. O problema é mamãe não saber nada sobre isso... Esta que é a grande perplexidade.

— Pobre Maria! — respondeu Mr. Hale, carinhosamente. — Pobre, pobre Maria! Oh, se eu não fosse casado, se eu fosse senão sozinho no mundo, quão fácil seria! Do jeito que está... Margaret, não ouso contar a ela!

— Não — disse Margaret, tristemente —, eu contarei. Dê-me até amanhã à noite para escolher o momento apropriado. Oh, papai! — exclamou ela, em repentina e apaixonada súplica. — Conte-me que é um pesadelo, um sonho horrível, não a dura realidade! O senhor não pode querer realmente deixar a Igreja, desistir de Helstone e afastar-se para sempre de mim e de mamãe, conduzido por alguma desilusão, alguma tentação! O senhor de fato não quer me dizer isso!

Mr. Hale permaneceu sentado em rígida quietude enquanto ela falava.

Então olhou para o rosto da filha, e disse de modo lento e comedido: — Eu digo, Margaret. Você não deve se enganar a ponto de duvidar da realidade de minhas palavras, da minha já estabelecida intenção e decisão — Mr. Hale olhou-a com o mesmo semblante firme e duro por alguns momentos após ele haver terminado de falar. Ela, também, olhava de volta com olhos

suplicantes, antes que pudesse acreditar que era irrevogável. Então ela levantou-se e dirigiu-se até à porta, sem mais uma palavra ou olhar. Enquanto os dedos dela estavam na maçaneta, ele a chamou de volta. Estava em pé em frente da lareira, encolhido e vergado; mas enquanto ela se aproximava, ele se recompôs ficando ereto, e, colocando suas mãos sobre a cabeça dela, disse, solenemente:

— Que a bênção de Deus seja sobre ti, minha criança!

— E que Ele restaure o senhor à Sua Igreja — respondeu ela, com a plenitude de seu coração. No momento seguinte ela receava que a resposta à sua bênção pudesse parecer desrespeitosa e errada, que pudesse magoá-lo vindo de sua filha e, então, jogou seus braços ao redor do pescoço dele. Ele a abraçou por um ou dois minutos. Então o ouviu murmurar para si mesmo: — Os mártires e confessores tinham ainda mais dor para suportar, não fraquejarei.

Eles ficaram assustados ao ouvirem Mrs. Hale perguntar por sua filha. Separaram-se rapidamente com a plena consciência de tudo o que estava diante deles. Mr. Hale apressadamente disse: — Vá, Margaret, vá. Hei de ficar fora amanhã o dia todo. Antes da noite você haverá contado à sua mãe.

— Sim — ela respondeu, e retornou à sala de visitas em um estado aturdido e confuso.

Capítulo V

Decisão

“Peço-te um amor previdente,
Para através de sábia vigília constante,
Encontrar os bons com rejubilosos sorrisos,
E secar olhos lacrimejantes;
E um coração em descanso próprio
Para com quem ser compreensivo e mitigante”.
— ANÔNIMO.[30]

Margaret foi uma boa ouvinte a todos os pequenos planos de sua mãe de oferecer alguns pequenos confortos à vida dos paroquianos mais pobres. Ela não podia furtar-se de escutar, embora cada novo projeto fosse como uma facada em seu coração. Quando chegasse a época do tempo frio, eles deveriam estar bem longe de Helstone. O reumatismo do velho Simon poderia estar pior, assim como sua visão; não haveria ninguém para ir até sua casa ler para ele ou confortá-lo com pequenas tigelas de caldo e um bom cobertor vermelho de flanela: ou se houvesse, seria um estranho, e o velho homem esperaria em vão por ela. O pequeno garoto aleijado de Mary Domville se arrastaria em vão para a porta e procuraria por ela, vinda da floresta. Esses pobres amigos nunca entenderiam a razão pela qual ela os abandonara; e havia muitos outros. “Papai sempre gastou o ordenado que ele recebia do benefício eclesiástico na paróquia. Estou, talvez, invadindo os direitos dos próximos, mas

o inverno provavelmente será severo, e nossos velhos e pobres paroquianos devem ser ajudados".

— Oh, mamãe, vamos fazer tudo o que pudermos — disse Margaret, avidamente, não vendo o lado prudente da questão, agarrando-se apenas à ideia de que eles estavam prestando tal ajuda pela última vez —, pode ser que não fiquemos aqui muito tempo.

— Você se sente mal, minha querida? — perguntou Mrs. Hale, ansiosamente, mal interpretando a insinuação de Margaret sobre a incerteza da estadia deles em Helstone. — Você parece pálida e cansada. É este ar suave, úmido, insalubre.

— Não, não, mamãe, não é isso. O ar daqui é delicioso. Tem o cheiro da mais fresca, mais pura fragrância, depois da fumaceira em Harley Street. Mas estou cansada, certamente deve estar perto da hora de dormir.

— Não demorará muito... são nove e meia. É melhor que vá logo dormir, querida. Peça a Dixon um mingau de aveia. Verei você assim que estiver na cama. Temo que tenha apanhado um resfriado; ou o ar ruim de algum dos lagos estagnados...

— Oh, mamãe — disse Margaret, sorrindo francamente enquanto a beijava —, estou muito bem. Não se alarme quanto a mim, estou apenas cansada.

Margaret subiu para seu quarto. Para acalmar a ansiedade de sua mãe, ela aceitou tomar uma tigela de mingau de aveia. Estava deitada languidamente na cama quando Mrs. Hale subiu para fazer algumas últimas inquirições e beijá-la antes de retirar-se para seu próprio quarto para dormir. Mas no instante em que ela ouviu a porta de sua mãe ser trancada, pulou da cama, e vestindo seu robe,

começou a andar por todo o quarto, até que o rangido de uma das tábuas lembrou-a de que não devia fazer barulho algum. Ela dirigiu-se até a pequena janela recuada e aconchegou-se em seu assento. Àquela manhã quando olhara para fora, seu coração havia se regozijado ao ver as luzes brilhantes e claras na torre da igreja, que prediziam um dia belo e ensolarado. Esta noite, embora tenha transcorrido no máximo dezesseis horas, sentava-se demasiado cheia de pesar para chorar, mas com uma dor fastidiosa e fria, que parecia haver empurrado a juventude e a leveza para fora de seu coração, para nunca mais voltarem. A visita de Mr. Henry Lennox, seu pedido, era como um sonho, uma coisa à parte de sua vida real. A difícil realidade era, que seu pai acalentara dúvidas tentadoras em sua mente a ponto de tornar-se um cismático, um proscrito, e todas as mudanças consequentes disso agrupavam-se ao redor deste único e aflitivo fato.

Ela olhou pela janela, para a silhueta cinza-escura da torre da igreja, elevando-se quadrada e ereta no centro da vista, recortada contra as profundezas de um azul transparente mais ao longe, na qual contemplava, e sentia que poderia contemplar para sempre, alcançando a cada momento uma distância maior, e ainda assim não vendo nenhum sinal de Deus! Pareceu-lhe, naquele momento, como se a Terra estivesse mais completamente desolada do que se cingida por uma redoma de ferro, atrás da qual pudesse estar a indelével paz e glória do Todo Poderoso. Aquelas profundezas do espaço sem fim, na sua imóvel serenidade, zombavam mais dela do que quaisquer limites materiais, encarcerando os gritos dos sofredores da Terra, que agora poderiam ascender àquele infinito esplendor de vastidão e perderem-se: esmorecer-se para sempre,

antes que alcançassem o trono de Deus. Ela estava nessa disposição de espírito quando seu pai entrou sem ser ouvido. A luz da lua era forte o suficiente para permiti-lo ver sua filha naquele lugar e atitude incomuns. Ele aproximou-se e tocou-lhe o ombro antes que ela pudesse perceber sua presença.

— Margaret, ouvi que você estava acordada. Não pude evitar entrar para pedir a você que ore comigo, que façamos a prece do Pai Nosso; isso fará bem a nós dois.

Mr. Hale e Margaret ajoelharam-se ao assento da janela, ele olhando para o alto, ela de cabeça baixa e humildemente envergonhada. Deus estava ali, perto e ao redor deles, ouvindo as palavras sussurradas de seu pai. Ele podia ser um herege; mas não havia ela, em suas desesperantes dúvidas cinco minutos atrás, se mostrado a mais absoluta cética? Ela não pronunciou uma palavra sequer, mas enfiou-se em sua cama após seu pai havê-la deixado, como uma criança envergonhada de sua falta. Se o mundo estava cheio de problemas desconcertantes, ela confiaria, e apenas pediria que lhe fosse mostrado o passo necessário para a próxima hora. Mr. Lennox, sua visita, sua proposta, cujas lembranças tinham sido tão rudemente deixadas de lado pelos eventos subsequentes do dia, assombrava seus sonhos naquela noite. Ele estava escalando uma árvore de fabulosa altura para alcançar o galho sobre o qual estava pendurado o chapéu dela: ele estava caindo, e ela lutava para salvá-lo, mas foi contida por alguma mão invisível e poderosa. Ele morreu. E ainda assim, com uma mudança de cena, ela estava mais uma vez na sala de visitas em Harley Street, conversando com ele como antes, e ainda assim tinha a consciência o tempo inteiro de que o vira morto naquela terrível queda.

Que noite miserável e desassossegada! Uma má preparação para o dia vindouro! Margaret despertou com um sobressalto, não revigorada, e consciente de uma realidade pior do que a de seus sonhos febris. Tudo recaíra sobre ela; não meramente o pesar, mas a terrível discórdia no pesar. Até que distância seu pai havia vagado, conduzido por dúvidas que para ela eram tentações do maligno? Ela ansiava por perguntar, embora não desejasse saber a resposta por nada deste mundo.

A boa e fresca manhã fez sua mãe sentir-se particularmente bem-disposta e feliz ao desjejum. Ela continuou a falar bastante, planejando caridades para o vilarejo, alheia ao silêncio de seu marido e às respostas monossilábicas de Margaret. Antes que as coisas fossem esclarecidas, Mr. Hale levantou-se; ele colocou uma mão sobre a mesa, como que para apoiar-se:

— Não hei de estar em casa até a noite. Estou indo à Aldeia Bracy, e pedirei ao fazendeiro Dobson que me dê algo para jantar. Devo estar de volta para o chá às sete — ele não olhou para nenhuma delas, mas Margaret sabia o que ele queria dizer. Até às sete a notícia deveria ser dada à sua mãe.

Mr. Hale teria procrastinado dar-lhe esse anúncio até às seis e meia, mas Margaret era de caráter diferente. Ela não poderia suportar o dificultoso peso em sua mente durante todo o dia; melhor livrar-se do pior; o dia seria demasiado curto para confortar sua mãe. Mas enquanto ela ficava à janela, pensando em como começar, e esperando que a serviçal deixasse o cômodo, sua mãe subiu para arrumar suas coisas para ir à escola. Ela desceu pronta e equipada, e com um humor mais alegre do que o usual.

— Mãe, venha caminhar no jardim comigo esta manhã; só uma volta — disse Margaret, colocando seu braço ao redor da cintura de Mrs. Hale.

Elas passaram pela janela aberta. Mrs. Hale falou — disse algo — Margaret não sabia dizer o quê. Seu olhar avistou uma abelha pousando em uma flor de pétalas compridas: quando aquela abelha voasse para fora com seu espólio, ela começaria — esse seria o sinal. Lá vinha ela.

— Mamãe! Papai vai deixar Helstone! — Margareth deixou escapar. — Ele deixará a Igreja, e irá morar em Milton do Norte.

Ali estavam os três duros fatos dificilmente falados.

— O que lhe faz dizer isso, Margaret? — perguntou Mrs. Hale, em uma voz surpresa e incrédula. — Quem lhe contou tal disparate?

— O próprio papai — disse Margaret, ansiando para dizer algo gentil e consolador, mas literalmente não sabendo como. Elas estavam próximas a um banco de jardim. Mrs. Hale sentou-se, e começou a chorar.

— Não entendo o que está dizendo — ela disse. — Ou você cometeu algum grande equívoco, ou eu realmente não lhe entendo.

— Não, mamãe, não cometi equívoco algum. Papai escreveu ao bispo, dizendo que ele tem dúvidas de tal modo que ele não poderia conscienciosamente permanecer como sacerdote da Igreja da Inglaterra, e que ele deve desistir de Helstone. Ele também consultou Mr. Bell, o padrinho de Frederick, a senhora o conhece, mamãe; e está arranjado para irmos morar em Milton do Norte.

Mrs. Hale olhava para cima, para o rosto de Margaret, todo o tempo em que ela falava essas palavras. A sombra em seu

semblante dizia que ela, ao menos, acreditava na verdade do que ela dizia.

— Não penso que possa ser verdade — disse Mrs. Hale, finalmente. — Ele certamente teria me contado antes que chegasse a isso.

Veio fortemente à mente de Margaret que sua mãe deveria ter sido informada, não obstante suas queixas por descontentamento e apreensão, fora um erro de seu pai havê-la deixado saber de sua mudança de opinião, e sua iminente mudança de vida, por sua melhor informada filha. Margaret sentou-se ao lado de sua mãe, e apoiou a cabeça não resistente dela em seu seio, inclinando suas próprias suaves faces para tocar-lhe carinhosamente o rosto.

— Querida, mamãe! Estávamos com tanto medo de causar-lhe dor. Papai sentiu tão agudamente... a senhora sabe que ele não é forte, e deve ter sido um terrível suspense passar por isso.

— Quando ele lhe contou, Margaret?

— Ontem, apenas ontem — respondeu Margaret, detectando os ciúmes que motivaram a pergunta. — Pobre papai! — disse Margaret, tentando redirecionar os pensamentos de sua mãe para uma piedade compassiva por tudo o que seu pai havia passado. Mrs. Hale levantou sua cabeça.

— O que ele quer dizer com ter dúvidas? — ela perguntou. — Certamente, ele não quer dizer que pensa diferentemente... que ele sabe mais do que a Igreja.

Margaret sacudiu sua cabeça, e lágrimas vieram aos seus olhos, já que sua mãe havia tocado no nervo exposto de sua lamentação.

— O bispo não poderia ajudá-lo? — perguntou Mrs. Hale, meio impacientemente.

— Temo que não — disse Margaret. — Mas eu não perguntei. Não pude suportar ouvir o que ele poderia responder. Está tudo estabelecido de qualquer forma. Ele deixará Helstone em uma quinzena. Não estou certa se ele disse que já havia enviado sua carta de renúncia.

— Em uma quinzena! — exclamou Mrs. Hale. — Realmente acho que isto é muito estranho... não é de forma alguma certo. Eu chamo isso de insensibilidade — disse ela, começando a sentir-se aliviada em meio às lágrimas. — Ele tem dúvidas, você diz, e abre mão de seu benefício eclesiástico, e tudo sem me consultar? Ouso dizer, se ele me houvesse contado suas dúvidas no começo, eu poderia havê-las cortado enquanto não houvessem florescido.

Embora Margaret sentisse que a conduta de seu pai fora errada, ela não conseguia suportar ouvir sua mãe censurá-lo. Ela sabia que a reserva dele originava-se de sua ternura por ela, que poderia ser covarde, mas não insensível.

— Eu quase esperava que a senhora ficasse feliz em deixar Helstone, mamãe — disse ela, após uma pausa. — A senhora nunca se sentiu bem com o ar daqui e sabe disso.

— Você não pode achar que o ar enfumaçado de uma cidade manufatureira, cheia de chaminés e sujeira como Milton do Norte, seja melhor do que este ar, que é puro e doce, se não for demasiado suave e relaxante? Imagine-se vivendo no meio de fábricas e operários de indústria! Embora, é claro, se seu pai deixar a Igreja, não haveremos de ser admitidos em sociedade em lugar nenhum. Será uma tamanha desgraça para nós! Pobre querido Sir

John! É bom que ele não esteja vivo para ver o que seu pai se tornou! Todos os dias após o jantar, quando eu era menina, morando com sua tia Shaw, na Praça Beresford, Sir John costumava fazer o primeiro brinde assim: “À Igreja e ao Rei, e abaixo as Ancas”[31].

Margaret estava feliz que os pensamentos de sua mãe se desviaram do fato de que seu marido tenha ficado em silêncio sobre um ponto que tanto lhe tocava o coração. Ao lado da séria e vital ansiedade quanto à natureza das dúvidas de seu pai, esta era a única circunstância do caso que deu a Margaret o máximo de dor.

— A senhora sabe, temos pouca sociedade aqui, mamãe. Os Gormans, que são nossos vizinhos mais próximos (a quem chamamos de sociedade, e nós mal os vemos), têm estado no ramo do comércio tanto quanto o povo de Milton do Norte.

— Sim — disse Mrs. Hale, quase indignadamente —, mas, de qualquer forma, os Gormans fizeram carruagens para metade da pequena nobreza do condado, e foram incluídos em algum tipo de relação com eles; mas essas pessoas das fábricas, quem no mundo que possa custear roupas de linho usaria de algodão?

— Bem, mamãe, eu desisto de falar sobre os fiadores de algodão; não os estou defendendo, não mais do que qualquer outro povo do comércio. Apenas que haveremos de ter algum contato com eles.

— Por que no mundo seu pai escolheu Milton do Norte para morar?

— Em parte — disse Margaret, suspirando —, porque é tão diferente de Helstone... e em parte porque Mr. Bell disse que existem oportunidades lá para um tutor privado.

— Tutor privado em Milton?! Por que ele não pode ir a Oxford e ser um tutor para cavalheiros?

— A senhora se esquece, mamãe! Ele está deixando a Igreja por conta das opiniões dele... as dúvidas dele não o fariam bem em Oxford.

Mrs. Hale ficou em silêncio por algum tempo, chorando mansamente. Finalmente ela disse:

— E os móveis... como vamos manejar a remoção? Nunca me mudei em minha vida, e apenas uma quinzena para pensar sobre isso!

Margaret estava inexprimivelmente aliviada ao ver que a ansiedade e a aflição de sua mãe foram rebaixadas a este ponto, tão insignificante para ela, e no qual podia fazer tanto para ajudar. Ela planejava e prometia, e conduzia sua mãe a organizar inteiramente tudo o quanto pudesse ser estabelecido antes que elas soubessem, de alguma forma mais definitiva, o que Mr. Hale pretendia fazer. Ao longo do dia, Margaret não saiu do lado de sua mãe; entregou sua alma para ser empática e confortá-la em suas várias mudanças de humor, especialmente no período da noite, quando ficou cada vez mais ansiosa para que seu pai pudesse encontrar um ambiente tranquilo, após um dia de fadiga e aflição. Ela pensava muito sobre o que ele devia ter sofrido em segredo por tanto tempo; sua mãe apenas respondera friamente que ele deveria ter contado a ela, e que de qualquer forma ele deveria ter tido um conselheiro para dar-lhe orientação; e Margaret sentiu o coração fraquejar quando ouviu os passos de seu pai no salão. Ela não ousava ir encontrá-lo, e contar a ele o que ela havia feito todo o dia, por medo de contrariar e enciumar sua mãe. Ela o ouviu protelando,

como se esperando por ela, ou algum sinal dela; e ela não ousava mover-se; ela viu pelo tremor nos lábios de sua mãe, e mudança de cor, que ela também estava ciente de que seu esposo tinha retornado. Ele abriu a porta do cômodo, e lá permaneceu incerto se deveria ou não entrar. Seu rosto estava cinzento e pálido; ele tinha uma tímida e temerosa expressão em seus olhos, algo quase deplorável de se ver no rosto de um homem; mas aquele olhar de abatida incerteza, de mental e corporal langor, tocou o coração de sua esposa. Ela foi até ele, e jogou-se em seus braços, gritando:

— Oh, Richard, Richard, você deveria ter me contado mais cedo!

E então, em lágrimas, Margaret a deixou, subindo apressadamente as escadas para jogar-se em sua cama, e esconder o rosto nos travesseiros, abafando os soluços histéricos que vieram finalmente com toda a força, após o rígido autocontrole que exercera durante todo o dia. Quanto tempo permaneceu assim, ela não sabia dizer. Não ouviu barulho algum, embora a criada viesse arrumar o quarto. A garota atemorizada saiu sorrateiramente na ponta dos pés, e foi contar a Mrs. Dixon que Miss Hale estava chorando como se seu coração fosse partir: tinha certeza de que ela adoeceria mortalmente se continuasse daquela forma. Logo em seguida, Margaret viu a figura de Dixon na sombra, segurando uma vela um pouco atrás de si, por medo do efeito da luz nos olhos sobressaltados e inchados de Miss Hale.

— Oh, Dixon! Não percebi sua entrada no quarto! — disse Margaret, retomando o autocontrole. — Já é muito tarde? — continuou ela, levantando-se languidamente da cama, deixando que seus pés tocassem o chão sem sustentar-se sobre eles, enquanto

afastava os cabelos molhados e cacheados do rosto, e tentava aparentar como se não houvesse problema algum; e ela tivesse apenas adormecido.

— Eu mal consigo dizer que horas são — respondeu Dixon, em um tom de voz ressentido. — Desde que sua mamãe me contou a terrível notícia, quando eu a vestia para o chá, perdi toda a noção do tempo. Não sei o que será de todos nós! Quando Charlotte me disse quase agora que Miss Hale estava chorando, pensei, não é à toa, coitadinha! E o patrão pensar em virar dissidente a esta altura da vida, e não se pode dizer que tenha se saído bem na Igreja, também não se saiu mal, afinal de contas. Eu tive um primo, Miss, que virou pastor metodista aos cinquenta anos de idade, depois de ter sido um alfaiate durante toda a vida; mas ele nunca tinha sido capaz de fazer um par de calças decente, não importando quanto tempo ele estivesse no ramo do comércio, por isso não era de se estranhar; mas o patrão! Como eu disse à patroa. “O que o pobre Sir John teria dito? Ele nunca gostou do fato de a minha senhora ter se casado com Mr. Hale, mas se soubesse a que ponto as coisas chegariam, teria feito os piores juramentos, se isso fosse possível!”

Dixon estava tão acostumada a comentar sobre os procedimentos de Mr. Hale com sua senhora (que a ouvia, ou não, se ela estivesse com bom humor), que não reparou nos olhos cintilantes e nas narinas dilatadas de Margaret. Ouvir uma serviçal falar do seu pai desse modo na sua presença?!

— Dixon — disse ela, no tom baixo que sempre usava quando estava muito excitada, e que tinha o som de alguma tormenta distante, ou de uma ameaçadora tempestade desabando ao longe. — Dixon! Você esquece com quem está falando — ela levantou-se

ereta e firme sobre seus pés, confrontando a criada, e fixando sobre ela seu olhar resoluto e perspicaz. — Eu sou filha de Mr. Hale. Vá! Você cometeu um grande equívoco, e um do qual estou certa de que seu bom senso a fará lamentar quando você pensar no assunto.

Dixon hesitou e permaneceu no quarto por um ou dois minutos. Margaret repetiu: — Você pode retirar-se agora, Dixon. Desejo que saia.

Dixon não sabia se deveria ressentir-se com tais palavras tão decididas ou se deveria chorar; qualquer curso de ação seria de bom grado com a patroa, mas, como ela dizia a si mesma, “Miss Margaret tem alguma coisa de velho cavalheiro em si, assim como o pobre Mr. Frederick; eu me pergunto de onde eles conseguiram isso?”, e ela, que teria se ressentido com tais palavras vindas de qualquer um menos altivo e determinado em modos, submeteu-se o suficiente para dizer, em um tom meio humilde, meio injuriado:

— Devo desabotoar seu vestido, Miss, e pentear seus cabelos?

— Não! Não hoje, obrigada — e Margaret conduziu-a seriamente para fora do quarto e trancou a porta. Daquele momento em diante, Dixon passou a obedecer e admirar Margaret. Ela dizia que era porque ela se parecia muito com o pobre Mr. Frederick; mas a verdade era que Dixon, como muitos outros, gostava de sentir-se comandada por uma natureza poderosa e decidida.

Margaret precisava de toda a ajuda que Dixon pudesse oferecer, em ações, e não em palavras; posto que, por algum tempo, Dixon pensava ser seu dever mostrar-se ofendida falando o menos possível com sua jovem patroa; assim gastou sua energia em ações ao invés da fala. Uma quinzena era um tempo muito curto para fazer os arranjos para uma mudança tão séria. Quando Dixon

iniciou o discurso: “Nenhum cavalheiro, de fato, quase qualquer outro cavalheiro...” e olhando naquele instante as sobrancelhas retas e austeras de Margaret, interrompeu o restante da frase, e docilmente tomou a gota de hortelã que Margaret a havia oferecido, para aliviar a “pequena comichão no meu peito, Miss”. De fato, quase qualquer um, a não ser Mr. Hale, teria conhecimento prático o suficiente para ver que, em tão curto tempo, seria difícil estabelecer-se em qualquer casa em Milton do Norte, ou, de fato, em qualquer outro lugar para onde eles pudessem levar a mobília que tinha por necessidade de ser retirada do vicariato de Helstone.

Mrs. Hale, subjugada por todos os problemas e decisões domésticas imediatas que pareciam surgir sobre ela de uma vez só, ficou de fato doente, e Margaret quase sentiu-se aliviada quando sua mãe se recolheu ao seu leito, e deixou o manejo dos assuntos nas mãos dela. Dixon, fiel ao seu posto de guarda-costas, atendia sua patroa com dedicação, e apenas emergia do quarto de dormir de Mrs. Hale para balançar sua cabeça, e murmurar para si mesma de uma maneira que Margaret escolhia não ouvir. A única coisa clara e simples diante dela era a necessidade de deixar Helstone. O sucessor de Mr. Hale na paróquia fora indicado; e, de qualquer forma, após a decisão de seu pai, não deveria haver mais delongas, pelo bem dele e por todas as outras considerações. Posto que ele voltava para casa toda noite cada vez mais deprimido, após decidir despedir-se de cada paroquiano individualmente. Margaret, inexperiente como era em todos os negócios práticos a serem finalizados, não sabia a quem solicitar orientação. A cozinheira e Charlotte trabalhavam com braços dispostos e corações decididos em todo o processo de mudança e empacotamento; e, na medida

em que isso ia acontecendo, o admirável bom senso de Margaret a levava a perceber o que era melhor e decidir o que deveria ser feito. Mas para onde eles iriam? Deveriam partir em uma semana. Iriam direto para Milton, ou para onde? Tantos arranjos dependiam desta decisão que Margaret resolveu perguntar ao pai certa noite, a despeito de sua evidente fadiga e baixos ânimos. Ele respondeu:

— Minha querida! Eu realmente tenho tido muito sobre o que pensar para resolver isso. O que sua mãe diz? O que ela deseja? Pobre Maria!

Ele ouviu um eco ainda mais intenso do que o seu suspiro. Dixon acabara de entrar no cômodo para pegar mais uma xícara de chá para Mrs. Hale e, ouvindo as últimas palavras de Mr. Hale, e protegida pela presença dele dos olhos reprovadores de Margaret, teve a coragem de dizer: “Minha pobre patroa!”

— Você não pensa que ela esteja pior hoje — disse Mr. Hale, virando-se rapidamente.

— Certamente não sei dizer, senhor. Não me cabe julgar. A doença parece estar mais na mente do que no corpo.

Mr. Hale parecia infinitamente aflito.

— É melhor que você leve o chá para mamãe enquanto ainda está quente, Dixon — disse Margaret, em um tom de calma autoridade.

— Oh! Peço perdão, Miss! Meus pensamentos estavam por demais ocupados pensando em minha pobre... em Mrs. Hale.

— Papai! — disse Margaret —, é este suspense que é ruim para vocês dois. É claro, mamãe sentiu muito sua mudança de opinião, não podemos evitar isso — ela continuou, suavemente —, mas agora o curso é claro, pelo menos até certo ponto. E penso,

papai, que eu poderia conseguir que mamãe me ajudasse com os preparativos, se o senhor pudesse me dizer para o que devemos nos preparar. Ela nunca expressou nenhum desejo sobre coisa alguma, e pensa apenas no que não pode ser evitado. Iremos direto para Milton? O senhor providenciou uma casa lá?

— Não — ele respondeu. — Suponho que devamos ir para alojamentos, e procurar por uma casa.

— E empacotar a mobília para que possa ser deixada na estação ferroviária, até que encontremos uma?

— Suponho que sim. Faça o que achar melhor. Apenas se lembre, haveremos de ter muito menos dinheiro para gastar.

Eles nunca tiveram muitas superfluidades, como Margaret sabia. Sentiu que aquele era um grande peso jogado repentinamente sobre seus ombros. Quatro meses atrás, todas as decisões que ela precisava tomar eram sobre que vestido usaria para jantar, e auxiliar Edith a desenvolver a lista de quem deveria acompanhar quem nos jantares em casa. Nem a família com a qual vivera necessitava de muitas decisões. Exceto no único grande caso da oferta do capitão Lennox, tudo fluía com a regularidade de um relógio. Uma vez por ano, havia uma longa discussão entre sua tia e Edith para decidir se deveriam ir para a Ilha de Wight, no exterior, ou para a Escócia; mas nesses momentos Margaret se deixava levar, sem qualquer esforço próprio, para o calmo porto de seu lar. Agora, desde aquele dia quando Mr. Lennox viera e a surpreendera pedindo uma decisão, cada dia trazia um novo questionamento, significativo para ela a ser resolvido, envolvendo aqueles a quem amava.

Seu pai subiu após o chá para sentar-se com sua esposa. Margaret permaneceu sozinha na sala de visitas. Repentinamente, ela tomou uma vela e foi ao gabinete dele para buscar um grande atlas. Arrastando-o para a sala de visitas, começou a examinar o mapa da Inglaterra. Ela estava pronta para estudá-lo animadamente quando seu pai desceu as escadas.

— Encontrei um belo plano — disse Margaret. Veja aqui, em Darkshire, à distância da largura de um dedo de Milton, está Heston, da qual frequentemente tenho escutado de pessoas do Norte como sendo um lugarejo costeiro muito agradável. Agora, o senhor não acha que poderíamos deixar mamãe lá com Dixon, enquanto eu e o senhor vamos olhar casas até conseguirmos uma toda pronta para ela em Milton? Ela desfrutaria dos ares marítimos que a prepariam para o inverno e seria poupada de toda fadiga, e Dixon adoraria cuidar dela.

— Dixon irá conosco? — perguntou Mr. Hale, em um tipo de inevitável consternação.

— Oh, sim! — disse Margaret. — Dixon realmente pretende, e não sei o que mamãe faria sem ela.

— Mas teremos que suportar um modo de vida muito diferente, temo eu. Tudo é tão mais complexo em uma cidade. Duvido que Dixon consiga adaptar-se. Para dizer-lhe a verdade, Margaret, eu por vezes sinto que essa mulher se dá ares.

— Certamente ela se dá, papai — respondeu Margaret —, e se ela terá que adaptar-se a um novo estilo de vida, teremos que nos adaptar com seus ares, que estarão piores. Mas, ela realmente ama a todos nós, e ficaria infeliz em nos deixar, certamente;

especialmente nessa mudança; então, pelo bem da mamãe, e pelo bem da lealdade dela, penso que ela deve ficar junto de nós todos.

— Muito bem, minha querida. Continue. Estou resignado. Quão longe fica Heston de Milton? A largura de um dos seus dedos não me dá uma ideia muito clara de distância.

— Ora, suponho que seja algo perto de trinta milhas; isso não é muito!'

— Não em distância, mas em... Não importa! Se você realmente pensa que fará bem para sua mãe, que seja estabelecido assim.

Isso foi um grande passo. Agora Margaret poderia trabalhar, agir e planejar em bom ritmo. E agora Mrs. Hale poderia levantar-se de seu langor, e esquecer seu real sofrimento pensando no prazer e no deleite de ir para o litoral. Seu único desgosto era de que Mr. Hale não poderia estar com ela durante toda a quinzena que ficaria lá, como já fizera quando eles eram noivos, e ela estivera hospedada com Sir John e lady Beresford, em Torquay.

Capítulo VI

Adeus

Sem vigília, o galho do jardim há de balançar,
O tenro botão de flor cairá flutuando,
Desamada aquela faia, morrerá,
O plátano, queimará até findar;
Desamado, o girassol, brilhará estonteante,
Irradiará em chamas seu disco de pétalas,
E muitas rosa-cravo alimentarão
Com a especiaria do verão o ar sussurrante.

* * * * * *

Até que da selva e do pomar
Uma nova associação nascerá,
E ano a ano a paisagem crescerá
E seja, ao filho do estranho, familiar;
Enquanto ano a ano lavrarão os operários
Sua usual turfa, ou podarão as clareiras;
E ano a ano esvairá nossa memoração
De toda a cadeia de montanhas.
— TENNYSON.[32]

O último dia chegou. A casa estava cheia de caixotes, sendo levados para fora pela porta da frente, para a estação ferroviária

mais próxima. Até a linda grama ao lado da casa ficara desarrumada e suja com a palha que havia sido soprada sobre ela pelas portas e janelas abertas. Os cômodos tinham um estranho som de ecos — a luz entrava forte e intensa pelas janelas descortinadas —, já parecendo estranhos e pouco familiares. O quarto de vestir de Mrs. Hale havia sido deixado intocado até o último momento; e lá ela e Dixon estavam empacotando roupas, e interrompendo uma à outra frequentemente com exclamações, ao revolverem com afeiçoada consideração algum tesouro esquecido, na forma de alguma relíquia das crianças enquanto eram ainda pequenas. Elas não fizeram muito progresso em seu trabalho. No andar de baixo, Margaret permanecia calma e controlada, pronta para aconselhar ou recomendar os homens que tinham sido chamados para ajudar a cozinheira e Charlotte. Estas duas últimas, chorando entre intervalos, imaginavam como a jovem dama conseguia manter-se assim neste último dia, e decidiram que ela devia não se importar muito com Helstone, havendo estado por tanto tempo em Londres. Lá estava Margaret, muito pálida e calma, com seus olhos grandes e sérios observando tudo, qualquer circunstância, por menor que fosse. O que não conseguiam entender é que seu coração doía o tempo todo, com uma pesada pressão que nenhum suspiro poderia remediar ou aliviar, e que o esforço constante das suas faculdades perceptivas fora a única maneira de evitar que gritasse de dor. Além disso, se ela desse vazão a esse sentimento, quem se encarregaria de tudo? Seu pai estava examinando papéis, livros, registros, e sabe-se mais o quê, na sacristia com o escriturário; e quando ele entrasse, haveria os seus próprios livros para empacotar, algo que ninguém além dele

mesmo poderia fazer a seu contento. Ademais, seria Margaret alguém que demonstrava seus sentimentos diante de estranhos, ou até mesmo de conhecidos da casa como a cozinheira e Charlotte?! Não ela. Mas finalmente os quatro empacotadores entraram na cozinha para tomar chá; Margaret, então, moveu-se abatida e vagarosamente para longe do lugar no corredor onde ela havia estado por tanto tempo, saindo da vazia e ecoante sala de visitas, para o crepúsculo de uma noite do início de novembro. Havia um delicado véu de suave neblina obscurecendo, mas não escondendo, todas as coisas, dando a elas uma tonalidade lilás, posto que o sol ainda não se pusera por completo; um pisco-de-peito-ruivo cantava; talvez, pensou Margaret, fosse o mesmo pisco que seu pai havia frequentemente chamado de meu animal de estimação de inverno, e para o qual ele havia feito, com suas próprias mãos, uma espécie de casa junto à janela de seu gabinete. As folhas estavam mais maravilhosas do que nunca; o primeiro toque da friagem as deitaria todas no chão. Já uma ou duas estavam constantemente flutuando, âmbar e dourada nos baixos e inclinados raios de sol.

Margaret caminhou ao longo da trilha abaixo do muro da Pereira. Ela nunca mais havia estado lá desde sua caminhada ao lado de Henry Lennox. Aqui, neste canteiro de tomilho, ele começara a falar de algo que ela não deveria pensar agora. Seus olhos fixaram-se naquela rosa caída, enquanto tentava responder-lhe; e foi bem no meio da última frase dita por ele que ela percebeu a vívida beleza das leves folhas das cenouras. Apenas uma quinzena atrás! E tudo estava tão mudado! Onde ele estaria agora? Em Londres, dando as mesmas voltas de sempre; jantando com o antigo grupo de Harley Street, ou com seus jovens e alegres

amigos. Até mesmo agora, enquanto ela caminhava tristemente através daquele úmido e melancólico jardim ao anoitecer, com tudo decaindo e esvanecendo-se, e vindo a apodrecer ao seu redor, ele poderia estar alegremente guardando seus livros de Direito após um dia de satisfatória labuta, refrescando-se, como havia dito a ela que fazia com frequência, com uma caminhada em Temple Gardens. Estaria captando naquele instante o grande, inarticulado e poderoso rugido de dezenas de milhares de homens ocupados, bem próximos ao alcance da mão, mas sem serem vistos, e até vislumbrando, em meio às suas voltas apressadas e os vislumbres das luzes da cidade surgindo das profundezas do rio. Ele havia frequentemente falado a Margaret dessas caminhadas, nos intervalos entre os estudos e o jantar. Em seus melhores dias e em seus melhores humores ele havia falado sobre elas; e o pensamento nelas agora lhe atingira a imaginação. Aqui não havia som. O pisco partira para a vasta quietude da noite. Aqui e ali, a porta de um chalé ao longe era aberta e fechada, como se para admitir o cansado labutador que voltava para casa; mas o som era longínquo demais. Um furtivo, rastejante e crepitante som entre as quebradiças folhas caídas da floresta, além do jardim, parecia quase ao alcance da mão. Margaret sabia que devia ser algum larápio. Sentada em seu quarto no outono passado, com a luz de sua vela já extinta, e deleitando-se puramente na solene beleza dos céus e da terra, mais de uma vez vira o leve e silencioso salto dos larápios pela cerca do jardim, seus rápidos passos ao longo da grama orvalhada à luz do luar, e o desaparecimento deles na negra e imóvel sombra além. A liberdade selvagem e aventureira de suas vidas tomava-lhe a imaginação e ela sentia-se inclinada a desejar-lhes sucesso; não tinha medo

deles. Mas esta noite sentia medo, não sabia por quê. Ela ouviu Charlotte fechando as janelas e trancando a casa para a noite, ignorante de que qualquer um houvesse saído pelo jardim. Um pequeno galho — podia ser de madeira podre, ou poderia haver sido quebrado à força — caiu pesadamente na parte mais próxima da floresta, Margaret correu, ligeira como Camilla[33], até a janela, batendo nesta de um modo trêmulo e apressado que assustou Charlotte e a fez correr.

— Deixe-me entrar! Deixe-me entrar! Sou só eu, Charlotte!

Seu coração não reduziu a pulsação até que ela estivesse segura na sala de visitas, com as janelas fechadas e lacradas, e com suas paredes familiares a cercando e protegendo. Sentou-se sobre um caixote; o cômodo lúgubre e desmontado estava frio, não havia nenhum fogo ou outra luz, apenas a vela de Charlotte ainda acesa. Charlotte olhou para Margaret com surpresa e Margaret, sentindo mais do que vendo seu olhar, levantou-se.

— Eu temi ter sido esquecida do lado de fora, Charlotte — disse ela, meio sorrindo. — E então, você jamais me ouviria da cozinha, e as portas que dão para a viela e para o átrio da igreja já foram trancadas há muito tempo.

— Oh, Miss, eu certamente haveria sentido a sua falta logo. Os homens precisariam da Miss para dizer-lhes como prosseguir. Servi o seu chá no gabinete do patrão, o cômodo mais confortável, por assim dizer.

— Obrigada, Charlotte. Você é uma boa moça. Hei de lamentar deixá-la. Você deve tentar escrever-me, caso eu possa lhe dar qualquer pequena ajuda ou bom conselho. Hei de sempre ficar feliz

em receber uma carta de Helstone, você sabe. Certamente lhe enviarei meu endereço, assim que eu o souber.

O gabinete estava pronto para o chá. Havia uma boa e ardente fogueira, e velas sobre a mesa, ainda apagadas. Margaret sentou-se no tapete, em parte para se aquecer, posto que a umidade da noite aderira ao seu vestido e a fadiga em excesso a deixara com frio. Ela manteve-se equilibrada apertando suas mãos unidas ao redor de seus joelhos; sua cabeça pendeu um pouco na direção do seu peito; a atitude era a de alguém abatido, qualquer que pudesse ser o seu estado de espírito. Mas quando ela ouviu os passos de seu pai no cascalho do lado de fora, sobressaltou-se, e rapidamente, agitando seus pesados cabelos negros para trás, e enxugando algumas poucas lágrimas que haviam caído em sua face, ela nem sabia como, foi abrir-lhe a porta. Mr. Hale mostrava-se bem mais deprimido do que ela. Margaret mal conseguia fazê-lo falar, embora conversasse sobre assuntos que podiam interessá-lo, à custa de um esforço que ela acreditava ser o seu último.

— O senhor fez uma caminhada muito longa hoje? — perguntou ela, ao vê-lo recusar qualquer tipo de comida.

— Até Fordham Beeches. Fui ver a viúva Maltby. Ela está tristemente pesarosa por não haver dado adeus a você. Ela diz que a pequena Susan tem vigiado a estrada por muitos dias. Ah, Margaret, qual é o problema, querida?

O pensamento da pequena criança esperando por ela, e sendo continuamente desapontada, não por esquecimento da parte dela, mas pela simples incapacidade de deixar a casa, era a última gota no cálice da pobre Margaret, e ela estava soluçando e chorando como se seu coração fosse partir-se. Mr. Hale estava perturbado e

perplexo. Levantou-se, e andou nervosamente de um lado para o outro da sala. Margaret tentou se controlar, mas não falaria até que ela pudesse fazê-lo com firmeza. Ela o ouviu dizer, como se falasse consigo mesmo.

— Não posso suportar isso. Não posso suportar ver o sofrimento de outra pessoa. Penso que posso passar pelo meu próprio com paciência. Oh, não haveria um meio de voltar atrás?

— Não, pai — disse Margaret, olhando diretamente para ele, e falando em tom baixo e firme. — Já é ruim acreditar que errou. Seria infinitamente pior reconhecer-se como um hipócrita — ela abaixou sua voz nas últimas palavras, como se a ideia de hipocrisia em conexão com seu pai, por um momento sequer, demonstrasse desrespeito.

— E no mais — ela prosseguiu — é apenas porque estou cansada hoje; não pense que eu esteja sofrendo por aquilo que fez, querido papai. Não devemos falar sobre isso esta noite, creio eu — disse ela, vendo que lágrimas e soluços lhe escapavam a despeito de seus esforços. — É melhor que eu vá e leve esta xícara de chá para mamãe. Ela tomou o dela cedo demais, quando eu estava muito ocupada para vê-la, e estou certa de que ficará feliz com outra agora.

Na manhã seguinte, a implacável viagem de trem os arrancou da bela e amada Helstone. Eles se foram; viram pela última vez a longa e baixa casa paroquial, meio encoberta com rosas-da-china e piracantas, mais aconchegante do que nunca, com o sol da manhã batendo em suas janelas, cada uma pertencendo a algum cômodo muito amado. Assim que se acomodaram no veículo, vindo de Southampton para levá-los até a estação, foram embora para não

mais retornar. Uma fisgada no coração de Margaret a fez esforçar-se para olhar para fora e capturar o último vislumbre da antiga torre da igreja, em uma curva em que sabia que a veria por entre as árvores da floresta, mas seu pai lembrou-se disso também, e ela silenciosamente reconheceu o seu maior direito à única janela da qual poderia avistá-la. Ela recostou-se e fechou os olhos, as lágrimas surgiram, e brilharam por um instante nos seus espessos cílios antes de rolarem bochechas abaixo, e caírem, descuidadas, em seu vestido.

Deviam parar em Londres para passar a noite em algum hotel tranquilo. A pobre Mrs. Hale chorara quase o dia inteiro; e Dixon mostrava seu pesar por meio de seu extremo mau humor, e pelas contínuas e irritantes tentativas de impedir que suas anáguas sequer tocassem o adormecido Mr. Hale, a quem ela considerava como a origem de todo aquele sofrimento.

Passaram por ruas conhecidas, casas que haviam visitado com frequência, lojas nas quais Margaret se recostara, ao lado de sua tia, enquanto a dama tomava algumas decisões importantes e intermináveis, — e definitivamente por muitos conhecidos nas ruas; embora a manhã lhes parecesse de incalculável duração, e sentissem como se a tarde há muito se encaminhava para o repouso da escuridão — chegaram em Londres na hora mais agitada de uma tarde de novembro. Fazia muito tempo desde que Mrs. Hale havia estado em Londres; e ela se levantou, quase como uma criança, para olhar as diferentes ruas ao seu redor, e contemplar e deslumbrar-se com as lojas e carruagens.

— Oh, lá está a Harrison, onde comprei tantas coisas do meu enxoval! Meu Deus! Como está alterada! Eles têm imensas janelas

de vidros laminados, maiores do que as da Crawford em Southampton. Oh, e ali, eu acredito... não, não é... é sim... Margaret, acabamos de passar por Mr. Henry Lennox. Onde ele pode estar indo, entre todas essas lojas?

Margaret adiantou-se para olhar, mas rapidamente retrocedeu, sorrindo para si mesma ante o gesto involuntário. Eles já estavam a cem jardas de distância a esta altura; mas ele lhe parecia uma relíquia de Helstone. Ele fora associado a uma manhã ensolarada, em um dia agitado, e ela teria gostado de tê-lo visto, sem ser vista, e sem a chance de se falarem.

A noite, sem ocupações, passada em um elevado quarto de hotel, foi longa e difícil. Mr. Hale saiu para ver seu livreiro e para visitar um ou dois amigos. Todas as pessoas que viam, tanto no hotel ou fora nas ruas, pareciam estar apressadas para algum compromisso, sendo esperadas, ou esperando por alguém. Apenas eles pareciam estranhos, sem amigos e desolados. Ainda assim, na distância de apenas uma milha, Margaret conhecia casa após casa, onde ela ou sua mãe, por causa da tia Shaw, seriam bem-vindas, se chegassem alegres, ou até em paz de espírito. Se viessem lamentosas, e necessitando de empatia em uma situação complicada como a presente, então elas seriam vistas como uma sombra em todas essas casas de conhecidos íntimos, mas não amigos. A vida de Londres é muito movimentada e plena para admitir uma hora sequer daquele sentimento de profundo silêncio que os amigos de Jó mostraram quando *“sentaram-se com ele na terra sete dias e sete noites, e nenhum deles lhe dizia palavra; pois viam que a dor dele era demasiado grande”*[34].

Capítulo VII

Novos cenários e rostos

“Bruma obstruindo o brilho do sol,
Fumacentas casas de gnomo
Rodeiam-me por todos os lados”.
— MATTHEW ARNOLD.[35]

Na tarde seguinte, a aproximadamente vinte milhas de Milton do Norte, eles entraram no pequeno ramal ferroviário que levava a Heston. A própria Heston era uma longa e dispersa rua, correndo paralela à costa. Ela tinha um caráter próprio, já que era diferente dos pequenos locais de banho no Sul da Inglaterra, e estes eram diferentes das praias do continente. Para usar uma palavra escocesa, tudo parecia mais “propositai”[36]. As carroças do interior tinham mais ferro, e menos madeira e couro nos arreios de cavalo; as pessoas nas ruas, embora dispostas ao prazer, possuíam ainda uma mente ocupada. As cores pareciam mais cinzentas, mais resistentes, não tão alegres e bonitas. Não se via mais trabalhadores usando aventais, até mesmo entre as pessoas do campo, pois prejudicavam seus movimentos podendo se enroscar no maquinário, e assim o hábito de usá-los se havia esvanecido. Nas cidades desse tipo no Sul da Inglaterra, Margaret havia visto comerciantes, que, quando não estavam ocupados em seus negócios, recostavam-se um pouco às suas portas, desfrutando do ar fresco e da visão de pessoas que passeavam pela rua. Aqui, se

tinham alguma folga dos fregueses, eles se faziam ocupados na loja, até mesmo, Margaret imaginou, com o desnecessário desenrolar de fitas e o voltar a enrolá-las. Todas essas diferenças lhe atingiram a mente, enquanto ela e sua mãe saíram na manhã seguinte para procurar alojamento.

As duas noites passadas em hotéis haviam custado mais do que Mr. Hale havia antecipado, e elas ficaram felizes em se instalar nos primeiros quartos limpos e agradáveis que haviam encontrado. Lá, pela primeira vez em muitos dias, Margaret se sentiu à vontade. Os quartos estavam prontos para recebê-los. Havia algo de sonho naquele lugar, que o tornava ainda mais perfeito e confortável para repousar. O mar distante, quebrando em ondas na areia da praia com o seu som repetitivo; os gritos mais próximos dos meninos que cuidavam dos cavalos; as cenas incomuns movendo-se diante dela como pinturas que, em sua preguiça, não se importava que fossem inteiramente explicadas bem antes que passassem; a caminhada pela praia para respirar o ar marinho, suave e morno naquela parte da costa, mesmo no final de novembro; a longa e enevoada linha do horizonte tocando o céu de tenra cor; a branca vela de um barco distante parecendo prateada sob os pálidos raios de sol: parecia que ela poderia passar a vida inteira sonhando, absorta nessa prazerosa contemplação que ocupava o seu presente, e sem ousar pensar no passado, ou desejar ponderar sobre o futuro.

Mas deve-se enfrentar o futuro, não importa o quão austero e duro ele possa ser. Certa noite foi arranjado que Margaret e seu pai deveriam ir, no dia seguinte, a Milton do Norte para procurar por uma casa. Mr. Hale havia recebido diversas cartas de Mr. Bell, e uma ou duas de Mr. Thornton, e ele estava ansioso para averiguar

finalmente a grande quantidade de particularidades a respeito de sua posição e chances de sucesso lá, o que ele só poderia fazer por meio de uma entrevista com o último cavalheiro. Margaret sabia que eles deviam se mudar; mas a ideia de uma cidade industrial lhe era repugnante e acreditava que sua mãe estava se beneficiando com os ares de Heston, então ela teria procrastinado essa ida para Milton de boa vontade.

Muitas milhas antes de chegarem a Milton, eles viram uma nuvem cor chumbo intenso suspensa sobre o horizonte, na direção na qual eles seguiam. Era muito mais escura em contraste com o tom cinza-azulado do pálido céu de inverno, pois, em Heston, já tinham visto os primeiros sinais do inverno. Mais próximo à cidade, o ar tinha um leve sabor e aroma de fumaça; talvez, afinal, fosse mais a perda da fragrância da grama e da vegetação do que qualquer real sabor ou aroma. Logo estavam dando voltas pelas ruas longas e retas, de casas regulares, todas pequenas e de tijolos. Aqui e ali, erguia-se uma grande e retangular fábrica, com várias janelas, como uma galinha entre seus pintinhos, soltando fumaça preta, e suficientemente responsável pela nuvem que Margaret acreditara ser apenas um prenúncio de chuva. Enquanto eles se dirigiam pelas maiores e mais largas ruas, da estação até o hotel, tiveram que parar constantemente; grandes veículos carregados bloqueavam a não muito larga via principal. Margaret já havia visitado algumas grandes cidades em suas viagens com sua tia. Mas nelas, os pesados veículos destinados a carregar madeira pareciam ter variados propósitos e intentos; aqui cada transporte, cada vagão e caminhão, carregava algodão, fosse na forma crua em sacas, ou na forma tecida em fardos de chita. As pessoas aglomeravam-se nas

ruas, muitas delas bem-vestidas no que se referia ao tecido, mas com um relaxado desleixo que espantou Margaret, por ser tão diferente da elegância puída e surrada da mesma classe de pessoas em Londres.

— New Street — disse Mr. Hale. — Esta, creio eu, é a rua principal de Milton. Bell falou-me dela com frequência. Foi a abertura desta rua, de uma viela até uma grande via principal, trinta anos atrás, que elevou tanto o valor da sua propriedade.

A fábrica de Mr. Thornton deve estar em algum lugar não muito longe daqui, posto que ele é inquilino de Mr. Bell. Mas imagino que ele trabalhe no seu armazém.

— Onde fica nosso hotel, papai?

— Próximo ao fim desta rua, creio eu. Almoçaremos antes ou depois de olharmos as casas que marcamos no Milton Times?

— Oh, vamos terminar nosso trabalho primeiro.

— Muito bem. Então apenas verei se há qualquer nota ou carta para mim de Mr. Thornton, que disse que me informaria qualquer coisa que pudesse apurar sobre essas casas, e então partiremos. Manteremos o coche; será mais seguro do que nos perdermos, e nos atrasarmos para o trem esta tarde.

Não havia cartas esperando por ele. Eles partiram à procura de uma casa. Trinta libras por ano era tudo o que eles podiam pagar, mas em Hampshire podiam encontrar uma espaçosa casa com um agradável jardim por esse valor. Em Milton, mesmo uma casa com a acomodação necessária de duas salas de estar e quatro quartos de dormir parecia inexequível. Eles percorreram a lista, rejeitando cada uma assim que a visitavam. Então eles olhavam um para o outro em desalento.

— Devemos voltar para a segunda, penso eu, em Crampton, não chamam de subúrbio? Lá havia três salas de estar; o senhor não se lembra de como rimos com o número de salas comparado aos três quartos de dormir? Mas já planejei tudo. O cômodo da frente, no andar de baixo, será o seu gabinete e nossa sala de jantar (pobre papai!), posto que, o senhor sabe, decidimos que mamãe deve ter uma sala de estar o mais agradável possível; e aquele cômodo da frente no andar de cima, com o atroz papel de parede azul e rosa e a pesada cornija, tinha realmente uma bela vista para a planície, com a grande curva do rio, ou canal, ou o que quer que seja, lá embaixo. Então eu poderia ficar com o pequeno quarto de dormir de trás, na projeção do primeiro lance de escadas, sobre a cozinha, o senhor sabe, e o senhor e mamãe ficam com o quarto atrás da sala de visitas, e aquele reservado no sótão dará um esplêndido quarto de vestir.

— Mas e Dixon, e a garota que teremos para ajudar?

— Oh, espere um minuto. Estou dominada pela descoberta do meu próprio talento para gerenciamento. Dixon terá, deixe-me ver, eu já sei, a sala de estar dos fundos. Penso que ela gostará disso. Ela resmunga tanto das escadas em Heston; e a garota terá aquele pequeno sótão sobre o quarto do senhor e da mamãe. Isso não será bom?

— Ouso dizer que será. Mas os papéis de parede. Que mau gosto! E como essas cores e as tão pesadas cornijas sobrecarregam a casa!

— Não se importe, papai! Certamente, o senhor conseguirá encantar o senhorio para que coloque novos papéis de parede em um ou dois cômodos, na sala de visitas e no seu quarto de dormir,

posto que mamãe terá mais contato com eles; e suas estantes de livros esconderão muito daquele padrão berrante na sala de jantar.

— Então você acha que é a melhor casa? Se for, é melhor que eu vá logo falar com esse tal de Mr. Donkin, a quem o anúncio se refere. Vou levá-la de volta ao hotel, onde você poderá pedir o almoço e descansar, e logo estarei de volta. Espero que eu seja capaz de conseguir os papéis de parede.

Margaret também esperava, embora não dissesse nada. Ela nunca estivera em contato com um gosto que aprecia ornamentos, embora ruins, mais do que a singeleza e simplicidade que são a moldura da elegância. Seu pai levou-a até a entrada do hotel, deixando-a aos pés da escadaria, e foi para o endereço do senhorio da casa pela qual haviam decidido. Tão logo Margaret pôs sua mão na porta da sala de estar deles, ela foi alcançada por um criado apressado:

— Peço-lhe perdão, madame. O cavalheiro foi embora tão rapidamente, não tive tempo de dizer-lhe. Mr. Thornton chegou quase imediatamente após vocês terem saído; e, como entendi pelo que o cavalheiro dissera, vocês estariam de volta em uma hora, e foi o que eu lhe informei, e então ele retornou há aproximadamente cinco minutos, e disse que esperaria por Mr. Hale. Ele está nos seus aposentos agora, madame.

— Obrigada. Meu pai retornará logo, e então poderá informá-lo assim que chegar — Margaret abriu a porta e entrou com aparência habitual: correta, destemida e dignificada. Ela não sentiu estranheza; estava demasiadamente acostumada aos hábitos da sociedade para isso. Ali estava uma pessoa para tratar de negócios com seu pai; e, como ele era alguém que havia se mostrado solícito,

ela estava disposta a tratá-lo com a maior civilidade possível. Mr. Thornton estava bem mais surpreso e desconcertado do que ela. Em vez de um calmo clérigo de meia-idade, uma jovem dama adiantara-se com um ar de franca dignidade, uma jovem dama de um tipo diferente daqueles aos quais ele estava habituado a ver. Seu vestido era muito simples: um chapéu de palha do melhor material e estilo, ornamentado com uma fita branca; um vestido de seda escura, sem qualquer enfeite ou babado; um grande xale indiano, que caía sobre seus ombros em longas e pesadas dobras, e que ela usava como uma imperatriz veste seu manto. Ele não entendia quem ela era, ao se deparar com o seu olhar simples, direto e impassível, demonstrando que a presença dele não perturbava ao seu lindo semblante, e nem trazia qualquer rubor de surpresa ao pálido marfim de sua tez. Ele havia ouvido que Mr. Hale tinha uma filha, mas imaginava que ela fosse uma menininha.

— Mr. Thornton, creio eu! — disse Margaret, após uma pausa de meio instante, durante a qual ele ficou sem palavras. — Queira sentar-se. Meu pai me trouxe à porta, não faz um minuto, mas infelizmente não lhe foi dito que o senhor estava aqui, e ele saiu a negócios. Mas ele deverá voltar quase imediatamente. Lamento que o senhor tenha tido o trabalho de vir duas vezes.

O próprio Mr. Thornton estava habituado a comandar, mas ela parecia exercer, de imediato, algum tipo de domínio sobre ele. Estava começando a ficar impaciente com a perda de seu tempo em um dia comercial, um momento antes de a jovem aparecer, mas agora se sentava calmamente a pedido dela.

— A senhora sabe onde Mr. Hale foi? Talvez eu seja capaz de encontrá-lo.

— Ele foi à casa de um certo Mr. Donkin, em Canute Street. Ele é o senhorio da casa que meu pai deseja alugar, em Crampton.

Mr. Thornton conhecia a casa. Ele vira o anúncio, e havia estado lá para olhá-la, atendendo ao pedido de Mr. Bell de que auxiliasse Mr. Hale com tudo que estivesse ao seu alcance; e também estava instigado por seu próprio interesse no caso de um clérigo que havia desistido de seu meio de vida nas circunstâncias que Mr. Hale o fizera. Mr. Thornton havia pensado que a casa em Crampton era realmente a melhor opção; mas agora que ele via Margaret, com seus magníficos modos, ele começou a sentir vergonha de haver imaginado que a casa seria muito boa para os Hales, a despeito de uma certa vulgaridade nela que o havia atingido quando fora vê-la. Mr. Thornton não conseguia evitar observar a aparência de Margaret. O lábio superior ligeiramente curvado, o queixo empinado, redondo e maciço, a maneira de mover a cabeça, seus movimentos cheios de uma feminilidade suave e desafiante, sempre davam aos estranhos uma impressão de altivez. Ela estava cansada agora, preferindo permanecer em silêncio, e descansar como seu pai havia planejado; mas, é claro, ela deveria portar-se como uma dama, e dirigir-se com cortesia, de tempos em tempos, a esse estranho; que era polido ou refinado em demasia, diga-se de passagem, após um áspero encontro com as ruas e multidões de Milton. Ela desejava que ele partisse, como havia falado que faria, ao invés de permanecer sentado, respondendo com frases curtas a todas as suas observações. Margaret tirara o xale, e o pendurara sobre as costas de sua cadeira. Sentou-se de frente para ele e virada para a luz; Mr. Thornton viu, então, a plenitude de sua beleza; seu pescoço redondo e branco

sobressaindo-se do corpo cheio, porém esbelto; seus lábios movendo-se levemente enquanto ela falava, sem quebrar a expressão fria e serena de seu rosto com qualquer movimento dessa adorável e altiva curva; seus olhos, com sua suave melancolia, encontrando os dele com a calma liberdade da inocência. Ele quase disse a si mesmo que não gostava dela, antes que a conversa terminasse; tentou convencer-se disso para compensar a mortificante sensação que sentia, enquanto olhava para ela com uma admiração que mal conseguia reprimir, e ela o olhava com orgulhosa indiferença, tomando-o, pensava ele, por aquilo que, em sua irritação, disse a si mesmo que era — um indivíduo grande e rude, sem qualquer graça ou refinamento. A calma frieza da conduta dela foi interpretada por ele como desdém, e ressentia-se em seu coração ao cúmulo de quase se levantar e ir embora, e não ter nada mais a ver com esses Hales, e sua presunção.

Logo que Margaret havia exaurido seu último assunto de conversação, que mal podia ser chamada assim, com suas frases tão curtas e poucas, seu pai entrou, e com um cortês pedido de desculpas, no seu modo cavalheiresco e agradável, restaurou seu nome e o de sua família na boa opinião de Mr. Thornton.

Mr. Hale e seu visitante tinham bastante a conversar a respeito de seu amigo em comum, Mr. Bell; e Margaret, feliz que seu papel de entreter o visitante havia terminado, foi até a janela, tentando familiarizar-se mais com o estranho aspecto da rua. Ela ficou tão absorta observando o que se passava do lado de fora que ela mal ouvira seu pai quando lhe falou, e ele teve que repetir o que dissera:

— Margaret! O senhorio persiste em admirar aquele horrendo papel de parede, e temo que teremos que mantê-lo.

— Oh céus! Lamento muito! — respondeu ela, e começou a planejar em sua mente a possibilidade de escondê-lo, pelo menos parte dele, com algumas de suas pinturas, mas desistiu da ideia, afinal, provavelmente ficaria pior. Enquanto isso, seu pai, com sua gentil hospitalidade do campo, estava pressionando Mr. Thornton a ficar e almoçar com eles. Seria muito inconveniente para ele fazê-lo, embora sentisse que teria cedido, se Margaret houvesse apoiado o convite de seu pai por palavras ou olhares. Mr. Thornton, no entanto, estava feliz que ela não o houvesse feito, e ainda assim, ao mesmo tempo, estava irritado com ela por não o fazer. Quando ele se foi, ela fez uma baixa e breve reverência, e ele sentiu-se ainda mais desconcertado e mais consciente de si mesmo do que jamais havia estado em toda a sua vida.

— Bem, Margaret, agora ao almoço, tão rápido quanto pudermos. Você já o pediu?

— Não, papai; aquele homem estava aqui quando entrei, e não tive uma oportunidade.

— Então devemos pegar qualquer coisa que conseguirmos. Ele deve ter esperado por muito tempo, temo eu.

— Pareceu excessivamente longo para mim. Eu estava justo em meu último suspiro quando o senhor entrou. Ele nunca prolongava qualquer assunto, mas dava pequenas, curtas e abruptas respostas.

— Bem direto ao ponto, eu diria. É um rapaz esclarecido. Ele disse (você ouviu?) que Crampton fica sobre solo rochoso, e é de longe o mais saudável subúrbio na vizinhança de Milton.

Quando eles voltaram a Heston, tiveram que relatar os eventos do dia para Mrs. Hale, que estava cheia de perguntas que eles respondiam enquanto bebiam o chá.

— E como é o seu correspondente, Mr. Thornton?

— Pergunte a Margaret — respondeu o marido. — Ela e ele tiveram uma longa conversa enquanto eu estava fora falando com o senhorio.

— Oh! Eu mal sei como ele é — disse Margaret, preguiçosamente; demasiado cansada para exigir muito de seus poderes descritivos. Levantando-se, disse: — Ele é um homem alto, de ombros largos, de aproximadamente... que idade, papai?

— Eu diria trinta.

— Aproximadamente trinta anos, com um rosto que não chega a ser comum, nem bonito, nada memorável, não como um cavalheiro; mas isso não era de se esperar.

— Mas não é vulgar, nem comum — acrescentou seu pai, um tanto ciumento de qualquer depreciação do único amigo que ele tinha em Milton.

— Oh não! — disse Margaret. — Com tal expressão de resolução e poder, nenhum rosto, por mais simples que seja, poderia ser vulgar ou comum. Eu não deveria gostar de barganhar com ele; ele parece muito inflexível. No geral, parece um homem feito para o lugar que ocupa, mamãe; sagaz e forte, como convém a um grande comerciante.

— Não chame os industriais de Milton de comerciantes, Margaret — corrigiu seu pai. — Eles são muito diferentes.

— São? Eu aplico a palavra a todos que têm algo tangível para vender; mas se o senhor pensa que o termo não está correto, papai,

não o usarei. Mas, oh mamãe! Falando de vulgaridade e grosseria, a senhora deve se preparar para o papel de parede de nossa sala de visitas. Rosas tons de azul e rosa-escuro, com folhas amarelas! E uma pesada cornija em volta de todo o cômodo!

Mas quando se mudaram para sua nova casa em Milton, os detestáveis papéis de parede haviam sumido. O senhorio recebeu os agradecimentos muito serenamente; e os permitiu pensar, se assim o quisessem, que ele havia se arrependido de sua decisão de não trocar o papel. Não havia uma necessidade particular de contar-lhes que o que ele fizera não tinha nada a ver com o reverendo Mr. Hale, um desconhecido em Milton, ele estava apenas alegre em atender uma curta e áspera advertência de Mr. Thornton, o abastado industrial.

Capítulo VIII

Saudades de casa

“E é o lar, lar, lar;

Lar onde de bom grado eu estaria”.[37]

Precisava-se de mais que um bonito e leve papel de parede nos cômodos para reconciliá-los com aquele lugar. Os densos nevoeiros de novembro já tinham se precipitado sobre Milton e o ar parecia espesso e pardamente sombrio. A vista do vale, com sua planície e o vasto braço do rio, estava totalmente coberta quando Mrs. Hale chegou ao seu novo lar.

Margaret e Dixon tinham trabalhado por dois dias, desempacotando e arranjando, mas tudo dentro da casa ainda parecia em desordem. Do lado de fora, uma espessa névoa rastejava até pelas janelas e se infiltrava por cada porta aberta, em sufocantes espirais brancos de névoa insalubre.

— Oh, Margaret! Iremos morar aqui? — perguntou Mrs. Hale, em vazio desânimo.

O coração de Margaret ecoou a melancolia do tom no qual a pergunta fora feita. Ela mal pôde comandar-se o suficiente para dizer: — Oh, as névoas em Londres são às vezes muito piores!

— Mas então você conhecia aquela Londres, e os amigos que lá ficaram. Aqui... ora! Estamos desolados. Oh, Dixon, que lugar é este!

— De fato, madame, estou certa de que vai matá-la tão logo, e então eu vou saber quem irá... Espere, Miss Hale, isso é pesado demais para a senhorita levantar.

— De modo algum, obrigada, Dixon — respondeu Margaret, friamente. — A melhor coisa que podemos fazer por mamãe é aprontar o quarto dela para que ela vá descansar, enquanto eu vou e a levo uma xícara de chá.

Mr. Hale estava igualmente sem ânimo, e igualmente veio para Margaret em busca de empatia.

— Margaret, eu realmente creio que este não seja um lugar muito saudável. Apenas suponha que a saúde de sua mãe ou a sua devam sofrer. Eu queria ter ido para algum outro lugar no interior em Wales. Isto é realmente terrível — disse ele, indo até a janela.

Não havia conforto a ser dado. Estavam estabelecidos em Milton e deveriam suportar a fumaça e a névoa por uma estação. De fato, toda a outra vida parecia excluída deles por uma tão espessa névoa de circunstância. Apenas no dia anterior, Mr. Hale havia calculado, com desânimo e horror, quanto a remoção deles e a quinzena em Heston tinham lhe custado. Ele viu que absorveram dele quase todo o pequeno estoque de dinheiro vivo. Não! Ali estavam e ali eles deveriam permanecer.

À noite, quando Margaret se deu conta disso, sentiu-se inclinada a sentar-se em estupor e desespero. O pesado ar fumacento acumulava-se em seu quarto, que ocupava a longa estreita projeção na parte de trás da casa. A janela, localizada à lateral do oblongo, dava para a parede branca de similar projeção, a não mais que dez pés de distância. Ela assomava-se através da névoa como uma grande barreira à esperança. Dentro do cômodo,

tudo estava em confusão. Todos os esforços deles tinham sido dirigidos a fazer o quarto de sua mãe confortável. Margaret sentou-se sobre uma caixa, e sentiu um aperto no peito ao lembrar que o cartão de instruções do endereço havia sido escrito em Helstone — a amada e bela Helstone! Ela perdeu-se em lúgubres pensamentos, mas por fim se decidiu, tinha que tirar de sua mente os problemas do presente. Repentinamente se lembrou de que ela tinha uma carta de Edith que, com a confusão da manhã, havia lido apenas a metade. Era para contar da chegada deles em Corfu; da viagem deles ao longo do Mediterrâneo, da música e da dança a bordo de navio; a alegre nova vida abrindo-se diante ela; sua casa com sua varanda de treliça e vista das falésias brancas e do profundo mar azul. Edith escrevia fluentemente, de maneira clara, e Margaret podia vislumbrar cada detalhe como se estivesse lá. Ela não só podia apenas capturar os pontos salientes e característicos de uma cena, como podia enumerar indiscriminados particulares para que Margaret pudesse construir a cena por ela mesma. Capitão Lennox, e outro oficial recém-casado, dividiam um suntuoso chalé, no alto das lindas pedras escarpadas, pendendo sobre o mar. Apesar da estação já estar avançada, os dias deles pareciam ser passados em piqueniques em barcos ou na terra. Tudo ao ar livre, em busca de prazer e alegria. A vida de Edith parecia-se com o profundo céu azul acima dela, livre, absolutamente livre de qualquer nuvem ou sombra. Seu marido tinha que comparecer aos treinamentos, e ela, a esposa do oficial mais musical lá, teve que copiar as novas e populares melodias das músicas inglesas mais recentes, para o benefício do regente da banda. Aquela parecia ser a mais severa e árdua de suas tarefas. Ela expressava uma afetuosa esperança de

que, se o regimento permanecesse por outro ano em Corfu, Margaret pudesse ir e fazê-la uma longa visita. Ela perguntou a Margaret se ela se lembrava do dia, há um ano, no qual chovera o dia todo em Harley Street e como ela, Edith, não podia colocar seu novo vestido para ir a um estúpido jantar, e como ele ficou todo molhado e espadanado quando ela entrou na carruagem; e como, naquele mesmo jantar, elas haviam visto o capitão Lennox pela primeira vez.

Sim! Margaret lembrava-se muito bem. Edith e Mrs. Shaw foram ao jantar e ela havia se juntado à comitiva à noite. A lembrança do abundante luxo de todos os arranjos, da imponente beleza da mobília, do tamanho da casa, da pacífica e imperturbável calma dos visitantes, tudo veio vividamente sobre ela, em estranho contraste ao tempo presente. O suave mar daquela antiga vida se fechara, sem um marco restante para contar onde eles todos tinham estado. Os habituais jantares, as visitas, as compras, as noites de dança, estavam todos acontecendo, acontecendo para sempre, embora sua tia Shaw e Edith não mais estivessem lá. E dela, é claro, sentiam menos falta ainda. Ela duvidava se qualquer um daquele antigo grupo sequer pensasse nela, exceto Henry Lennox. Ele também, sabia ela, esforçar-se-ia para esquecê-la, por causa da dor que ela lhe causara. Ela o havia ouvido frequentemente se jactar de seu poder de colocar qualquer pensamento desagradável para bem longe dele. Então ela penetrou mais fundo no que poderia ter ido. Se ela houvesse sentido por ele um afeto mais profundo do que de um amigo e o houvesse aceitado, e então acontecesse essa mudança de opinião de seu pai, e a consequente situação atual, ela não podia duvidar, senão, que isso haveria sido impacientemente

recebido por Mr. Lennox. Em determinado sentido, era uma amarga mortificação para ela, mas ela podia suportar isso pacientemente, porque ela sabia da pureza do propósito de seu pai, e isso a fortalecia para suportar os erros dele, não obstante quão graves e sérios na estima dela eles fossem. Mas o fato de o mundo considerar seu pai degradado, em seu rude indiscriminado julgamento, haveria oprimido e irritado Mr. Lennox. Enquanto ela se dava conta do que poderia ter sido, começou a ser grata pelo que era. Eles estavam no ponto mais baixo agora; eles não podiam estar pior. O espanto de Edith e o desânimo de sua tia Shaw haveriam que ser encarados bravamente, quando as cartas delas chegassem. Então, Margaret levantou-se e começou lentamente a se despir, sentindo o pleno luxo de agir descansadamente, tarde que fosse, após passada toda a correria do dia. Ela adormeceu, esperando por alguma luz, fosse interna ou externa. Mas se ela houvesse sabido quanto tempo seria antes que a luz viesse, seu coração haveria afundado no desespero.

Aquela época do ano era a mais imprópria à saúde, bem como para os ânimos. Sua mãe pegara um severo resfriado, e a própria Dixon, evidentemente, não estava bem, embora Margaret não pudesse insultá-la mais que tentando ajudá-la, ou cuidando dela de qualquer forma. Eles não conseguiam saber de nenhuma moça para ajudá-la; todas estavam trabalhando nas fábricas; pelo menos, aquelas que se candidataram foram repreendidas por Dixon, por pensar que moças como aquelas jamais podiam algum dia ser confiadas a trabalhar na casa de um cavalheiro. Então eles tiveram que manter uma diarista trabalhando constantemente. Margaret ansiava por mandar buscar Charlotte, mas além da objeção de ela

ser uma melhor serviçal que o que eles podiam agora custear, a distância era demasiado grande.

Mr. Hale encontrou vários pupilos, recomendados a ele por Mr. Bell, ou pela mais imediata influência de Mr. Thornton. A maior parte deles tinha a idade em que muitos meninos estariam ainda na escola, mas, de acordo com as prevalentes e, aparentemente, bem fundamentadas noções de Milton, para transformar um rapaz em um bom comerciante, ele deveria ser pego jovem, e aclimatado à vida da fábrica, ou escritório ou armazém. Se ele fosse enviado até mesmo às universidades escocesas, voltaria desarranjado para carreiras comerciais; quanto mais se fosse para Oxford ou Cambridge, onde não poderia ingressar antes que fizesse dezoito. Então a maioria dos manufatores colocava seus filhos para aprender na idade de catorze ou quinze anos, impiedosamente cortando fora todos os galhos na direção da literatura ou ao cultivo das faculdades mentais, na esperança de direcionar toda a força e vigor para o comércio. Ainda assim havia alguns pais mais sábios; e alguns rapazes que tinham noção o suficiente para perceber suas próprias deficiências e esforçavam-se para remediá-las. Melhor, havia alguns não tão jovens, mas homens no primórdio da vida, que tinham a austera sabedoria para reconhecer sua própria ignorância, e aprender tarde o que deveriam haver aprendido cedo. Mr. Thornton era, talvez, o mais velho dos pupilos de Mr. Hale. Mas ele, certamente, era seu favorito. Mr. Hale adquiriu o hábito de citar as opiniões dele tão frequentemente, e com tanta consideração, que se tornou uma pequena piada doméstica imaginar quanto tempo, durante a hora apontada para instrução, poderia ser dado ao

absoluto aprendizado, já que tanto desse tempo parecia haver sido passado em conversação.

Margaret muito encorajava essa maneira leve e jovial de ver a familiaridade de seu pai com Mr. Thornton, porque ela sentia que sua mãe estava inclinada a considerar essa nova amizade de seu marido com ciumentos olhos. Enquanto o tempo dele tinha estado unicamente ocupado com seus livros e seus paroquianos, como acontecia em Helstone, ela parecia se importar pouco se ela o visse muito ou não, mas agora que ele parecia ansiar avidamente por cada renovação da interação dele com Mr. Thornton, ela parecia magoada e irritada, como se ele estivesse desprezando a companhia dela pela primeira vez. O elogio desmedido de Mr. Hale tinha o usual efeito de irritar seus ouvintes; eles ficavam um pouco inclinados a se rebelarem contra Aristides ser sempre chamado de "o Justo"[38].

Após uma calma vida em uma paróquia do interior por mais de vinte anos, havia algo deslumbrante para Mr. Hale na energia que conquistava imensas dificuldades com facilidade. O poder do maquinário de Milton, o poder dos homens de Milton, o impressionava com um senso de grandeza, ao qual ele se submetia sem se importar em inquirir pelos detalhes de seu exercício. Mas Margaret saía menos, não conhecia sobre maquinários e homens, via menos daquele poder em seu efeito público, e, quando isso aconteceu, ficou impressionada com um ou dois que, além de atingirem multidões de pessoas, podiam sofrer intensamente pelo bem de muitos. A questão sempre é: algum dia algo fora feito para minorar os sofrimentos das exceções? Ou, no triunfo da amontoada procissão, os indefesos foram tripudiados, em vez de serem

gentilmente recolhidos para o lado da estrada do conquistador, a quem eles não tinham poder para acompanhar em sua marcha?

Coube a Margaret procurar por uma serviçal para assistir Dixon, que se havia primeiramente encarregado de encontrar a pessoa que ela queria para fazer todo o trabalho duro da casa. Mas as ideias de Dixon sobre moças prestativas eram fundadas na lembrança de caprichosas meninas mais velhas da escola de Helstone, que ficavam muito orgulhosas de poderem ir até a paróquia em um dia de muito trabalho, e tratavam Mrs. Dixon com todo o respeito, e muito mais temor, que elas sentiam por Mr. e Mrs. Hale. Dixon não deixava de notar essa admirada reverência que lhe era prestada, nem a desgostava; isso a lisonjeava tanto quanto Louis XIV se sentia lisonjeado por seus bajuladores, que cobriam seus olhos ante a brilhante luz de sua presença. Mas nada menos que seu fiel amor por Mrs. Hale poderia havê-la feito suportar os modos independentes e rudes com os quais todas as moças de Milton, que tinham se candidatado para a posição de serviçal, responderam aos seus inquéritos a respeito de suas qualificações. Foram até o cúmulo de questioná-la de volta; tinham suas próprias dúvidas quanto à solvência de uma família que morava numa casa de trinta libras por ano, e assim davam-se ares, e mantinha duas serviçais, uma delas tão altiva e poderosa. Mr. Hale não era mais admirado como o vigário de Helstone, mas como um homem que apenas podia gastar até certo ponto. Margaret estava enfadada e impaciente com os relatos que Dixon perpetuamente trazia a Mrs. Hale do comportamento dessas pretensas serviçais. Não que Margaret se sentisse ofendida pelos rudes e não corteses modos dessas pessoas; não que se encolhesse, com fastidioso orgulho,

ante suas saudações vulgares; ou se sentisse severamente ressentida pelas suas ostensivas curiosidades quanto aos meios e posições de qualquer família que vivesse em Milton, e ainda não estivesse engajada em algum tipo de comércio. Mas, quanto mais Margaret se sentia impaciente, mais provável ela estava de ficar em silêncio sobre o assunto; e, de qualquer modo, se ela tomasse sobre si a tarefa de ser indagada por uma serviçal, ela poderia poupar sua mãe do recital de todos os seus desapontamentos e insultos, imaginados ou reais.

De acordo com isso, Margaret foi por todos os cantos, visitando açougueiros e merceeiros, à procura de uma moça incomparável; e diminuindo suas esperanças e expectativas a cada semana, já que ela descobrira a dificuldade de encontrar qualquer pessoa em uma cidade manufatureira que não preferisse os melhores salários e maiores independências de trabalhar em uma fábrica. Era uma provação para Margaret sair sozinha nesse ocupado irrequieto lugar. As ideias de propriedade de Mrs. Shaw, sobre as convenções sociais e sua própria indefesa dependência, tinham-na sempre feito insistir que um lacaio devesse acompanhar Edith e Margaret, se elas fossem além de Harley Street ou da imediata vizinhança. À época, Margaret havia estado silenciosamente se rebelando contra os limites pelos quais essa regra de sua tia circunscrevera sua independência: e ela havia duplamente desfrutado das livres caminhadas e passeios de sua vida na floresta, a partir do contraste que eles apresentavam com a vida na cidade. Em Helstone, ela seguia adiante com passos destemidos e vigorosos, que ocasionalmente irrompiam em uma corrida, se ela estivesse com pressa, e ocasionalmente eram acalmados até perfeito repouso,

enquanto ela permanecia escutando ou assistindo a quaisquer das selvagens criaturas que cantavam nos folhosos pátios, ou olhava, com seus aguçados e vivazes olhos, algum arbusto silvado ou emaranhado tojo. Era uma provação trocar tal movimento ou tal quietude, guiada apenas por sua doce vontade, pelo ritmo decoroso necessário nas ruas de Milton. Mas ela podia haver rido de si mesma por se importar com tal mudança, se não viesse acompanhada de uma mais séria irritação.

O lado da cidade, no qual Crampton ficava, era especialmente uma via principal para as pessoas das fábricas. Nas ruas de trás de sua casa havia muitas fábricas, das quais emanavam torrentes de homens e mulheres, duas ou três vezes ao dia. Até que Margaret houvesse aprendido os seus horários de entrada e saída, ela sentia-se muito infeliz em constantemente se encontrar com eles. Os operários vinham apressados, com ousados e destemidos rostos, altos risos e galhofas, particularmente dirigidos àqueles que parecessem estar acima deles em nível de posição social. Os tons de suas incontidas vozes, e seus descuidos com todas as regras comuns de polidez, assustaram Margaret de início. As moças, com suas rudes, mas não inamistosas liberdades, comentavam sobre o vestido dela, até tocavam no seu xale ou vestido, para averiguar seu exato material; ou melhor, uma ou duas vezes foram feitas a ela perguntas relacionadas a algum artigo que elas perpetuamente admiravam. Havia uma confiança tão simples nas femininas empatias daquelas jovens, com o amor por vestidos, e em suas bondades, que Margaret alegremente respondia os inquéritos, tão logo os entendia; e sorria ligeiramente com os comentários delas. Ela não se importava em encontrar qualquer número de moças, por

mais tempestuosas e falantes que elas pudessem ser. Mas ela, às vezes, temia e se inflamava contra os operários, que comentavam não apenas sobre seu vestido, mas sobre sua aparência, com a mesma aberta destemida maneira. E ela, que até então considerava uma impertinência até o mais refinado comentário sobre sua aparência pessoal, tinha que suportar a indisfarçada admiração daqueles homens tão diretos e vulgares no falar. Mas a própria franqueza marcava a inocência deles de qualquer intenção de ferir a delicadeza dela, como ela haveria percebido se houvesse estado menos assustada com o desordenado tumulto. De seu temor saiu um lampejo de indignação que fez sua face escarlate, e seus escuros olhos faiscarem como chamas, enquanto ela ouvia alguns dos discursos deles. Ainda assim, havia outros ditos deles que, quando ela alcançava a calma segurança de sua casa, a divertiam tanto quanto eles a irritavam.

Por exemplo, um dia, após ela ter passado por um número de homens, muitos dos quais lhe fizeram o usual cumprimento de desejar que ela fosse a amada deles, um dos insolentes acrescentou: “Seu formoso rosto, minha moça, deixa meu dia mais brilhante”. E no outro dia, enquanto ela estava inconscientemente sorrindo por algum pensamento passageiro, ela foi abordada por um malvestido operário, de meia-idade, que lhe disse: “Você bem pode sorrir, minha moça, muita gente sorriria se tivesse tal formoso rosto”. Este homem parecia tão cansado e preocupado que Margaret não pôde evitar dar a ele um sorriso como resposta, feliz de pensar que sua aparência, tal como era, devesse ter o poder de provocar um pensamento agradável. Ele pareceu entender seu olhar de compreensão, e um silencioso reconhecimento foi estabelecido

entre eles, sempre que o acaso do dia os fazia cruzar os caminhos um do outro. Eles nunca tinham trocado uma só palavra; nada havia sido dito senão aquele elogio inicial, ainda assim, de alguma forma, Margaret considerava aquele homem com mais interesse que qualquer outra pessoa em Milton. Uma ou duas vezes, aos domingos, ela o via passear com uma moça, evidentemente sua filha, e, se possível, ainda mais sem saúde do que ele próprio.

Um dia, Margaret e seu pai foram passear longe, nos campos que cercavam a cidade. Era o começo da primavera, e ela havia amealhado algumas das flores que cresciam nas cercas vivas e valas, violetas, celidônias e outras flores, com um silencioso lamento em seu coração pela doce profusão do Sul. Seu pai a havia deixado para ir a Milton tratar de algum negócio e, no caminho para casa, ela encontrou seus humildes amigos. A moça olhava desejosamente para as flores, e, agindo por repentino impulso, Margaret as ofereceu a ela. Seus pálidos olhos azuis acenderam-se ao tomá-las, e seu pai falou por ela.

— Obrigado, Miss, Bessy gostou muito dessas flores, isso sim; e eu gostei muito de sua bondade. A senhora não é dessa região, imagino.

— Não! — respondeu Margaret, meio suspirando. — Eu venho do Sul, de Hampshire — ela continuou, meio temerosa de ferir a consciência dele da própria ignorância, se ela usasse um nome que ele não entendesse.

— Isso é além de Londres, não é? E eu venho dos caminhos de Burnley, quarenta milhas ao Norte. E ainda assim, veja, Norte e Sul, ambos se encontraram, e fizeram bons amigos neste grande e fumacento lugar.

Margaret havia diminuído seu ritmo para caminhar ao lado do homem e de sua filha, cujos passos eram regulados pela fraqueza da última. Ela agora falava à moça, e havia um som de tenra piedade no tom de sua voz, enquanto ela falava, que penetrou direto no coração do pai.

— Temo que você não seja muito forte.

— Não — disse a moça —, nem nunca serei.

— A primavera está vindo — disse Margaret, como se para sugerir agradáveis e esperançosos pensamentos.

— Nem primavera nem verão me farão bem — disse a moça, calmamente. Margaret olhou para o homem, quase esperando alguma contradição dele, ou pelo menos algum comentário que modificasse a absoluta desesperança de sua filha. Mas, em vez disso, ele acrescentou:

— Temo que ela fale a verdade. Temo que ela já tenha ido longe demais.

— Ainda vou ver a primavera aonde estou para ir, e as flores, os amarantos e, além disso, as brilhantes túnicas.

— Pobre menina, pobre menina! — exclamou seu pai, em um baixo tom. — Não tenho tanta certeza disso, mas se é um conforto para ti, pobre menina! Logo serei um pobre pai!

Margaret ficou chocada com essas palavras; chocada, mas não repelida; na verdade, mais atraída e interessada.

— Onde vocês moram? Penso que devamos ser vizinhos, nos encontramos tão frequentemente neste caminho.

— Nós ficamos no número nove, em Frances Street, segunda curva à esquerda depois de passar pelo Golden Dragon.

— E seu nome? Não posso esquecer-me disso.

— Não me envergonho de meu nome. É Nicholas Higgins. Ela se chama Bessy Higgins. Por que a pergunta?

Margaret ficou surpresa com esta última pergunta, pois em Helstone teria ficado entendido, após os inquéritos os quais lhes fizera, que ela pretendesse ir visitar quaisquer pobres vizinhos por cujos nome e habitação ela tinha perguntado.

— Pensei que... eu pretendia ir visitar vocês.

Repentinamente se sentiu bastante tímida em oferecer-se para visitar, sem ter qualquer razão para dar por seu desejo de fazê-lo, além de um bondoso interesse por um estranho. Parecia uma impertinência da parte dela e ela leu esse sentido também nos olhos do homem.

— Não gosto tanto de ter gente estranha em minha casa — mas, abrandando-se, já que viu a intensificada cor dela, ele acrescentou: — A senhora é uma forasteira, como se pode dizer, e talvez não conheça muita gente por aqui, e deu à minha diaba aqui flores de suas próprias mãos... a senhora pode vir se quiser.

Margaret ficou meio satisfeita, meio exasperada com essa resposta. Ela não tinha certeza se iria a um lugar onde a permissão fora dada como um favor conferido. Mas quando eles entraram na cidade, e em Frances Street, a moça parou um minuto, e disse:

— Não se esqueça de que deve vir e nos ver.

— Sim, sim — disse o pai, impacientemente: — ela virá. Ela está um pouco inibida agora, porque ela pensa que eu poderia haver falado mais civilmente, mas ela pensará melhor, e virá. Posso ler seu formoso rosto orgulhoso como um livro. Venha, Bess, lá está o sino da fábrica tocando.

Margaret foi para casa, pensando em seus novos amigos, e sorrindo do discernimento do homem sobre o que se havia passado na mente dela. A partir daquele dia Milton se tornou um lugar mais vivaz para ela. Não eram os longos e ermos dias ensolarados da primavera, nem era aquele tempo que a estava reconciliando com a cidade de sua habitação. Era que ela havia encontrado um interesse humano.

Capítulo IX

Vestindo-se para o chá

“Lá fica a terra da China, coloridas com manchas enricada,
Pincelada de ouro e escrita de veias de azul-celeste,
O agradável sabor da folha Índica,
Ou as bagas tostadas de Mocho, alegre gratifica”.
— MRS. BARBAULD.[39]

No dia seguinte a esse encontro com Higgins e sua filha, Mr. Hale subiu as escadas para ir à pequena sala de visitas em uma hora incomum. Verificou os diferentes objetos no cômodo, como se os examinasse, mas Margaret percebeu que era meramente um tique nervoso, uma forma de adiar algo que ele desejava, mas temia dizer. E por fim falou:

— Minha querida! Chamei Mr. Thornton para vir tomar chá esta noite.

Mrs. Hale estava recostada em sua poltrona, com os olhos fechados, e com uma expressão de dor em seu rosto que, ultimamente, se tornara habitual. Mas ela despertou descontente, ao ouvir as palavras do marido.

— Mr. Thornton?! E hoje?! Para quê no mundo esse homem quer vir aqui? E Dixon está lavando minhas musselinas e rendas, e não há muita água suave com estes horríveis ventos do leste, que suponho que haveremos de ter durante todo o ano em Milton.

— O vento está sempre oscilando, minha querida — disse Mr. Hale, olhando para a fumaça do lado de fora, que vinha exatamente do Leste. Ele apenas ainda não entendia os pontos da bússola, e os arranjava *ad libitum*, de acordo com as circunstâncias.

— Não me diga! — disse Mrs. Hale, estremecendo, e enrolando-se mais em seu xale. — Vento do leste ou oeste, imagino que esse homem venha assim mesmo.

— Oh, mamãe, isso mostra que a senhora não conhece Mr. Thornton. Ele parece uma pessoa que desfrutaria lutar contra qualquer situação adversa que ele pudesse encontrar, inimigos, ventos ou circunstâncias. Quanto mais chover e ventar, mais certos estaremos de sua presença aqui. Mas irei ajudar Dixon. Serei uma famosa engomadeira. E ele não esperará por nenhum entretenimento além de conversar com papai. Estou realmente ansiando por encontrar o Pítias para o seu Damão[40], papai. O senhor sabe que só o vi senão uma vez, e ficamos tão desconcertados, sem saber o que dizer um ao outro, que não nos demos particularmente bem.

— Não sei se algum dia você chegaria a gostar dele, ou o consideraria agradável, Margaret. Ele não é um homem que agrade às damas.

Margaret virou o pescoço de um modo desdenhoso.

— Não admiro particularmente os homens que agradam às damas, papai. Mas Mr. Thornton vem aqui como seu amigo, como alguém que lhe tem apreço.

— A única pessoa em Milton — disse Mrs. Hale.

— Então vamos dar-lhe as boas-vindas, e alguns bolos de coco. Dixon ficará lisonjeada se pedirmos que ela faça alguns; e eu

tomarei a tarefa de passar suas toucas, mamãe.

Muitas vezes, naquela manhã, Margaret desejou que Mr. Thornton estivesse longe o suficiente. Ela havia planejado outras ocupações para si mesma: escrever uma carta para Edith, ler um pouco de Dante e fazer uma visita aos Higgins. Mas, em vez disso, passou a manhã engomando, ouvindo as reclamações de Dixon, e apenas esperando que, com excesso de simpatia, conseguisse evitar que ela fosse levar um relato de suas lamúrias para Mrs. Hale. De vez em quando, Margaret tinha que se lembrar da consideração de seu pai por Mr. Thornton, subjugar a irritação da fadiga que estava se apossando dela, e que lhe dava terríveis dores de cabeça as quais ela havia sentido ultimamente. Ela mal conseguia falar quando se sentou finalmente, e disse à sua mãe que ela não era mais Peggy, a engomadeira, mas Margaret Hale, a dama. Ela falou em tom de brincadeira, e ficou bastante irritada com sua língua comprida quando viu que sua mãe a levou a sério.

— Sim! Se alguém me houvesse dito, quando eu era Miss Beresford, e uma das belles do condado, que uma filha minha teria que passar metade de um dia em pé, em uma cozinha pequena e amontoada, trabalhando como qualquer serviçal, para que pudéssemos nos preparar apropriadamente para receber um comerciante, e que esse comerciante seria o único...

— Oh, mamãe! — disse Margaret, levantando-se —, não me puna por meu infeliz comentário. Não me importo de engomar, ou de fazer qualquer tipo de trabalho para a senhora e o papai. Continuo sendo uma dama de nascimento e criação, mesmo que eu venha a esfregar chão, ou lavar pratos. Estou cansada agora, mas é por pouco tempo; dentro de meia hora estarei pronta para fazer a

mesma coisa novamente. E quanto a Mr. Thornton ser um comerciante, ora ele não pode evitar isso, pobre indivíduo. Não suponho que a educação dele o tornaria apto para muita coisa além disso.

Margaret levantou-se lentamente, e foi para seu próprio quarto; posto que justo agora ela não conseguiria suportar muito mais.

Na casa de Mr. Thornton, a essa mesma hora, passava-se uma cena similar, ainda que diferente. Uma senhora de ossos largos, que há muito passara da meia-idade, estava sentada trabalhando em uma austera e belamente mobiliada sala de jantar. Suas feições, como sua compleição, eram fortes e robustas, mas não pesadas. Seu rosto mudava de uma decidida expressão a outra igualmente decidida. Não havia grande variação no seu semblante; mas aqueles que olhavam para ele uma vez, geralmente olhavam novamente; até os passantes na rua viravam suas cabeças para contemplar, por um instante a mais, aquela mulher firme, severa e digna, que nunca cedia passagem a alguém na rua por cortesia, ou se detinha em seu curso direto e progressivo até seu objetivo claramente definido que ela propunha para si mesma. Estava belamente vestida em um austero vestido de seda preta, no qual nem um fio sequer estava gasto ou descolorido. Estava cosendo uma grande e longa toalha de mesa da mais fina textura, segurando-a contra a luz ocasionalmente para descobrir pequenos pontos, que requeriam seu delicado cuidado. Não havia um livro pelo cômodo, à exceção dos Comentários Bíblicos de Matthew Henry, cujos seis volumes estavam dispostos no centro do maciço aparador, ladeados por um samovar em um lado, e uma lamparina no outro. Em algum aposento remoto estava ocorrendo um exercício

de piano. Alguém estava praticando um morceau de salon, tocando-o muito rapidamente; na média, cada terceira nota era indistinta ou totalmente pulada, e os acordes altos no fim eram dissonantes, mas não menos satisfatórios para o executante. Mrs. Thornton ouviu um passo, como seu próprio, de caráter decisivo, passar pela porta da sala de jantar.

— John! É você?

Seu filho abriu a porta e entrou.

— O que o trouxe para casa tão cedo? Pensei que você fosse tomar chá com aquele amigo de Mr. Bell, aquele Mr. Hale.

— E irei, mamãe. Voltei para casa para vestir-me!

— Vestir?! *Hum!* Quando eu era uma menina, os rapazes ficavam satisfeitos em se vestirem uma vez por dia. Por que você deveria se vestir para tomar uma xícara de chá com um velho sacerdote?

— Mr. Hale é um cavalheiro, e sua esposa e filha são damas.

— Esposa e filha?! Elas ensinam também? O que elas fazem? Você nunca as mencionou.

— Não, mamãe, porque nunca vi Mrs. Hale; apenas vi Miss Hale por meia hora.

— Tome cuidado para que você não seja capturado por uma moça pobre, John.

— Não sou facilmente capturado, mãe, como penso que a senhora saiba. Mas não devo aceitar que a senhora fale assim de Miss Hale, que, a senhora sabe, é ofensivo a mim. Nunca estive ciente de qualquer jovem dama tentando me capturar, nem creio que alguém já tenha se dado a esse trabalho inútil.

Mrs. Thornton escolheu não ceder ao seu filho nesse ponto; ou então ela tinha, em geral, suficiente orgulho por seu sexo.

— Bem! Apenas digo, tome cuidado. Talvez as moças de Milton tenham espírito e bons sentimentos em demasia para sair caçando maridos; mas essa Miss Hale vem dos condados aristocráticos, onde, se o que dizem é verdade, maridos ricos são prêmios cobiçados.

A fronte de Mr. Thornton se contraiu, e ele deu um passo cômodo adentro.

— Mãe (com um sorriso desdenhoso) —, a senhora me fará confessar. A única vez em que vi Miss Hale, ela me tratou com uma altiva civilidade que tinha um forte sabor de desprezo em si. Manteve-se indiferente a mim como se ela fosse uma rainha, e eu seu humilde e sórdido vassalo. Fique tranquila, mãe.

— Não! Não estou tranquila nem satisfeita. Que direito ela tinha, filha de um sacerdote renegado, de virar o nariz para você?! Se eu fosse você eu não me vestiria por nenhum deles, que bando atrevido!

Enquanto deixava o cômodo, Mr. Thornton disse:

— Mr. Hale é bom, gentil e um homem culto. Ele não é atrevido. E quanto a Mrs. Hale, lhe direi como ela é hoje à noite, se a senhora se importar em ouvir.

Ele fechou a porta e saiu.

— Desprezar meu filho! Tratá-lo como seu vassalo, francamente! *Hum!* Eu gostaria de saber onde ela encontraria outro como ele! Menino e homem, com o coração mais nobre e intrépido que já conheci. Não importa se sou mãe dele, posso ver como ele é,

sem ser cega. Eu sei como Fanny é; e sei como John é. Desprezá-lo?! Eu a odeio!

Capítulo X

Ferro e ouro forjados

“Nós somos as árvores, que agitando firmam-se mais”.
— GEORGE HERBERT.[41]

Mr. Thornton deixou a casa sem voltar à sala de jantar. Ele estava um pouco atrasado, e andava rapidamente em direção a Crampton. Estava ansioso para não insultar seu novo amigo por qualquer impontualidade desrespeitosa. O relógio da igreja marcava sete e meia enquanto ele estava parado à porta aguardando pelos lentos movimentos de Dixon; duplamente vagarosos quando tinha que se degradar atendendo à campainha. Foi conduzido até a pequena sala de visitas, e bondosamente saudado por Mr. Hale, que o levou até sua esposa, cujo pálido rosto, e o corpo recoberto por um xale, serviam como uma justificativa silenciosa para o cumprimento frio e lânguido dela. Margaret estava acendendo a lamparina quando Mr. Thornton entrou, posto que estava escurecendo. A lamparina espalhou uma bela luz no centro do sombrio cômodo, ali, conforme os hábitos do interior, eles não excluíam o céu noturno, nem a penumbra que imperava seu exterior. De alguma forma, esta sala contrastava com aquela que ele deixara há pouco; bonita, austera, sem qualquer sinal de presença feminina, exceto no único lugar onde a mãe dele se fartava, inadequada para qualquer outra ocupação que não fosse comer e beber. Apesar de ser uma sala de jantar, sua mãe preferia sentar-se

nela, e sua vontade era a lei da casa. Mas a sala de visitas dos Hales não era assim. Era duas vezes, vinte vezes mais bela, mas não tinha nem a quarta parte de seu conforto. Aqui não havia espelhos, nem mesmo um fragmento de vidro para refletir a luz, como a água em uma paisagem; nenhuma decoração, apenas uma cálida e sóbria amplitude de cores, realçada pelas queridas e antigas cortinas de chita e capas de cadeiras de Helstone. Uma escrivaninha aberta ficava junto à janela oposta à porta; junto à outra havia uma prateleira, com um alto vaso chinês de louça branca, do qual caíam guirlandas de hera inglesa, bétulas verde-pálido, e folhas de faia com cor de cobre. Lindas cestas de trabalho estavam espalhadas pelo cômodo, e livros encontravam-se esquecidos sobre a mesa, como se tivessem sido recentemente colocados lá. Atrás da porta havia outra mesa, montada para o chá, com uma toalha de mesa branca, sobre a qual se exibiam os bolos de coco, e uma cesta empilhada com laranjas e maçãs americanas vermelhas, dispostas em fatias.

Parecia a Mr. Thornton que todos esses graciosos cuidados eram habituais à família; e especialmente a Margaret. Ela estava parada ao lado da mesa de chá em um vestido de musselina de cor clara com detalhes em rosa. Parecia como se não estivesse participando da conversação, ocupada somente com as xícaras de chá, entre as quais suas belas mãos de marfim se moviam com silenciosa delicadeza. Tinha em seu braço afilado um bracelete que frequentemente lhe caía sobre o pulso. Mr. Thornton assistia à recolocação desse trabalhoso ornamento, com muito mais atenção do que ouvia a conversa de Mr. Hale. Era como se o fascinasse vê-la puxando o bracelete para cima impacientemente, prendê-lo na

carne macia; e então vê-lo cair novamente. Ele quase exclamou: — E aí vem ele, novamente! Havia tão pouco a ser feito na preparação do chá após a sua chegada, que quase se lamentava de ter que parar de observar Margaret para comer e beber. Ela entregou-lhe a xícara de chá com o ar orgulhoso de uma escrava relutante; no entanto, seus olhos perceberam o momento em que ele estava pronto para outra xícara; e ele quase ansiava para pedir-lhe que fizesse por ele o que fora compelida a fazer por seu pai, que lhe tomou o dedo mindinho e o polegar na sua mão masculina, e os usou como pinça para pegar cubos de açúcar. Mr. Thornton viu seus belos olhos erguidos para o pai, cheios de luz, meio risonhos e meio amorosos, enquanto essa pequena pantomima se passava entre os dois, que imaginavam não estar sendo observados por ninguém. A cabeça de Margaret ainda doía, como comprovavam a palidez de sua compleição e o seu silêncio, mas ela estava decidida a superar-se se houvesse qualquer pausa longa e inconveniente na conversa, para que o amigo, pupilo e convidado de seu pai não tivesse motivos para sentir-se, de alguma forma, negligenciado. Mas a conversação continuou e Margaret recolheu-se a um canto, próximo à mãe, com seu trabalho de costura, após a mesa de chá haver sido retirada, sentindo que poderia deixar o fluxo de seus pensamentos vagar, sem medo de ser repentinamente requisitada para preencher algum vazio na conversa.

Mr. Thornton e Mr. Hale estavam ambos absortos na continuação de algum assunto que havia sido começado em seu encontro anterior. Margaret foi chamada ao tempo presente por algum comentário trivial de sua mãe, falado em voz baixa; e repentinamente olhando por cima do seu trabalho de costura, seus

olhos foram capturados pela diferença física entre seu pai e Mr. Thornton, que denotava distintamente suas naturezas opostas. Seu pai era esbelto, o que o fazia parecer mais alto do que ele realmente era, quando não contrastado, como agora, com a estrutura alta e massiva do outro. As linhas no rosto de seu pai eram suaves e brandas, com uma espécie de movimento ondulante frequente passando por elas, mostrando cada flutuante emoção; as pálpebras eram grandes e arqueadas, dando aos olhos uma beleza peculiar e lânguida que parecia quase feminina. As sobrancelhas eram finamente arqueadas, mas estavam, pelo próprio tamanho das pálpebras, a uma considerável distância dos olhos. Já no rosto de Mr. Thornton, as retas sobrancelhas ficavam bem próximas aos seus olhos claros, profundos e sérios, sem serem desagradavelmente astutos, e que pareciam intencionados o suficiente para penetrar no próprio âmago daquilo para quem ele olhasse. As linhas do rosto eram poucas, porém firmes, como se fossem esculpidas em mármore, e localizavam-se principalmente ao redor dos lábios, que eram levemente comprimidos sobre um conjunto de dentes tão perfeitos e belos que davam o efeito de um repentino raio de sol quando o raro e brilhante sorriso chegava em um instante e invadia seus olhos, mudando-lhe toda a aparência severa e decidida de um homem disposto a fazer e a enfrentar tudo, à profunda e honesta alegria do momento, que é raramente vista tão destemidamente e instantaneamente, exceto nas crianças. Margaret gostava daquele sorriso; fora a primeira coisa que ela admirara neste novo amigo de seu pai; e o caráter oposto, mostrado em todos os detalhes físicos que ela acabara de notar, parecia explicar o

evidente interesse que os dois homens demonstravam sentir um pelo outro.

Ela reorganizou o trabalho de lã de sua mãe, e voltou-se para seus próprios pensamentos, como que completamente esquecida por Mr. Thornton, como se não estivesse na sala, tão completamente ocupado ele estava em explicar a Mr. Hale o magnífico poder da máquina a vapor, ainda que tivesse um delicado ajuste, que estava evocando a Mr. Hale algumas das histórias maravilhosas dos gênios subservientes das Noites Árabes — em um momento, esticando-se entre o céu e a terra preenchendo toda a amplidão do horizonte, e no momento seguinte, obedientemente comprimidos em um vaso, pequeno o suficiente para ser carregado pela mão de uma criança.

— E esta imaginação poderosa, essa realização material de um pensamento gigantesco, saiu do cérebro de um homem em nossa boa cidade. Esse mesmo homem tem dentro de si a capacidade de montar, passo a passo, sobre cada maravilha que ele alcança, uma maravilha ainda maior. E serei compelido a dizer que temos muitos entre nós que, se ele se houvesse ido, poderiam seguir esse mesmo caminho e continuar a guerra que compele, e há de compelir, todo o poder material a ceder para a ciência.

— Seu orgulho lembra-me aqueles antigos versos:

“Tenho cem capitães na Inglaterra” — disse ele,

“Tão bons quanto ele sempre foi”.[42]

Ao ouvir a citação de seu pai, Margaret levantou os olhos repentinamente de maneira questionadora. Como no mundo eles haviam ido de rodas dentadas a Chevy Chase?

— Não é orgulho da minha parte — respondeu Mr. Thornton —, é o simples fato. Não negarei que me sinto orgulhoso por pertencer a uma cidade, ou talvez deva dizer um condado, cujas necessidades trouxeram à luz tais grandezas de concepção. Eu preferiria ser um homem labutando, sofrendo, ou melhor, falhando e sem sucesso aqui, do que levar uma próspera e monótona vida nos velhos entediantes redutos os quais vocês chamam de sociedade aristocrática lá no Sul, com seus lentos dias de descuidado conforto. Pode-se ficar entupido com mel e incapaz de erguer-se e voar.

— O senhor está equivocado — disse Margaret, desperta pela calúnia ao seu amado Sul e sendo levada a defendê-lo apaixonadamente, trazendo cor às suas bochechas e lágrimas raivosas aos seus olhos. — O senhor não sabe nada sobre o Sul. Se há menos aventuras ou menos progresso, suponho que não devo dizer menos excitação, provocados pelo espírito apostador do comércio, que parece requisito para forçar a criação destas maravilhosas invenções, há menos sofrimento também. Vejo homens aqui andando pelas ruas olhando para o chão, derrotados por algum lamento opressor ou preocupação, que não apenas sofrem, mas também odeiam. Agora, no Sul temos nossos pobres, mas não há aquela terrível expressão em seus semblantes de um doloroso senso de injustiça que eu vejo aqui. O senhor não conhece o Sul, Mr. Thornton — ela concluiu, caindo em um silêncio determinado, e com raiva de si mesma por haver dito tanto.

— E devo dizer que a senhorita não conhece o Norte? — perguntou ele, com uma inexprimível gentileza no tom, já que ele percebera que a magoara. Ela continuou resolutamente em silêncio, ansiando pelas adoráveis assombrações que havia deixado no

distante Hampshire, com uma saudade apaixonada que a fez perceber, se ela falasse, que sua voz sairia instável e trêmula.

— De qualquer modo, Mr. Thornton — disse Mrs. Hale —, o senhor concordará que Milton é uma cidade tão fumacenta e suja como nunca encontrará alguma no Sul.

— Temo que devo desistir que fique limpa algum dia — disse Mr. Thornton, com um sorriso rápido e reluzente. — Mas somos constrangidos pelo Parlamento a consumir nossa própria fumaça; então eu suponho, como boas criancinhas, que devemos fazer o que nos ordenam. Pelo menos algumas vezes.

— Mas penso que o senhor me disse que havia alterado suas chaminés de forma a consumir a fumaça, não disse? — perguntou Mr. Hale.

— As minhas foram alteradas por vontade própria, antes que o Parlamento se intrometesse no assunto. Foi um dispêndio considerável, mas compenso na economia de carvão. Não estou certo se eu devia ter feito dessa forma ou esperado até que o decreto fosse aprovado. De qualquer forma, devia ter esperado até ser informado e multado, e criado todos os obstáculos que a lei me permitisse. Mas todas as leis que dependem de notificações e penalidades tornam-se inertes diante da odiosidade do maquinário. Duvido que exista em Milton alguma chaminé que tenha sido notificada nos últimos cinco anos, embora algumas estejam constantemente lançando no ar um terço de seu carvão, o que é chamado aqui de fumaça antiparlamentar.

— Apenas sei que é impossível manter as cortinas de musselina limpas por mais de uma semana; e em Helstone permaneciam nas janelas por um mês ou mais, e não pareciam

sujas ao final desse tempo. E quanto às mãos, Margaret, quantas vezes você disse que lavou suas mãos esta manhã antes das doze horas? Três vezes, não foi?

— Sim, mamãe.

— O senhor parece ter uma forte objeção aos decretos do Parlamento e a toda legislação que afete seu modo de gerenciamento aqui em Milton — disse Mr. Hale.

— Sim, tenho; e muitos outros também têm. E com motivo, penso eu. Todo o maquinário do comércio do algodão, não me refiro a maquinário de madeira e ferro agora, é tão novo que não é de se espantar que não funcione tudo direito de uma só vez. Setenta anos atrás o que isso representava? E agora o que não representa? Materiais crus e brutos se juntaram; homens do mesmo nível, quanto à educação e posição, tomaram repentinamente as diferentes posições de patrões ou empregados, devido tanto à sua inteligência inata, quanto às oportunidades e probabilidades que distinguem alguns e os fazem ver adiante o grande futuro oculto nesse rude modelo de Sir Richard Arkwright[43]. O rápido desenvolvimento do que podemos chamar de um novo comércio, deu àqueles primeiros patrões enorme poder de riqueza e comando. Não me refiro meramente sobre os operários, mas sobre os compradores, sobre o mercado de todo o mundo. Ora, posso citar ao senhor, como exemplo, um anúncio publicado há menos de cinquenta anos em um jornal de Milton, em que fulano (um dentre a meia dúzia de estampadores de chita da época) fecharia seu armazém ao meio-dia diariamente; portanto, todos os compradores deveriam vir antes dessa hora. Imagine um homem ditando desta maneira a hora em que ele venderia e não venderia. Agora, creio

eu, se um bom cliente escolhe vir à meia-noite, devo me levantar, e estar de pé com chapéu na mão para receber suas ordens.

Os lábios de Margaret se curvaram, mas de alguma forma ela foi compelida a ouvir; não mais conseguia se abstrair em seus próprios pensamentos.

— Apenas cito tais coisas para mostrar o poder quase ilimitado que os manufatores tinham aproximadamente no começo deste século. Os homens ficavam zonzos com isso. Só porque um homem tinha sucesso em suas venturas, não havia razão para supor que a sua mente fosse bem equilibrada em todas as outras coisas. Pelo contrário, seu senso de justiça e sua simplicidade eram frequente e absolutamente sufocados sob a abundância da riqueza que caía sobre ele; e fala-se de estranhas histórias sobre as extravagâncias selvagens e os bailes constantes em que viviam aqueles primeiros senhores do algodão. Não pode haver dúvida, também, da tirania que eles exerciam sobre seus operários. O senhor conhece o provérbio, Mr. Hale, “coloque um pedinte sobre um cavalo, e ele cavalgará até o diabo”, bem, alguns desses primeiros manufatores realmente cavalgaram até o diabo em magnífico estilo, esmagando carnes e ossos humanos sob os cascos de seus cavalos, sem remorso. Mas pouco a pouco veio uma reação, havia mais fábricas, mais patrões; e mais empregados eram necessários. O poder dos patrões e empregados tornou-se mais equilibrado; e agora a batalha é travada de forma mais justa entre nós. Dificilmente nos submetemos à decisão de um árbitro, muito menos à interferência de um intrometido com apenas um punhado do conhecimento dos fatos, mesmo que esse intrometido seja o Supremo Tribunal do Parlamento.

— Há necessidade de chamar isso de uma batalha entre as duas classes?' — perguntou Mr. Hale. — Eu sei, pelo seu uso do termo, que ele lhe dá a verdadeira ideia do real estado das coisas.

— É verdade; e creio que seja tão necessária quanto aquela prudente sabedoria e boa conduta que são sempre opostas a ela, e que travam batalhas contra ignorância e imprevidência. É uma das grandes belezas de nosso sistema, que um operário possa elevar-se ao poder e posição de um patrão pelos seus próprios méritos e atitudes; que, de fato, qualquer um que paute sua conduta pela decência e sobriedade, e cumpra seus deveres, chega a melhores posições; talvez não como patrão, mas como um supervisor, um encarregado do caixa, um contador, um balconista, alguém do lado da autoridade e da ordem.

— O senhor então considera todos que não têm sucesso em elevar-se no mundo, por qualquer que seja a causa, como seus inimigos, se eu lhe entendi corretamente — disse Margaret, em uma voz clara e fria.

— Como inimigos deles próprios, certamente — disse ele, rapidamente, nem um pouco irritado pela altiva desaprovação no modo de falar e no tom que Margaret usara. Mas, em um momento, sua honestidade direta o fez sentir que suas palavras foram senão uma pobre e pedante resposta ao que ela havia dito; e, mesmo que ela escarnecesse o quanto quisesse dele, era seu dever explicar o que havia dito, tanto o quanto pudesse. Ainda assim, foi muito difícil separar a interpretação dela, daquilo que ele quisera dizer. Ele poderia ilustrar melhor suas palavras contando a eles algo sobre sua própria vida; mas não seria um assunto demasiado pessoal sobre o qual falar para estranhos? Ainda assim, era o meio mais

simples e direto de explicar; então, colocando de lado o toque de timidez que lhe trouxe um lampejo de rubor ao seu rosto, ele disse:

— Não estou falando sem propriedade. Dezesseis anos atrás, meu pai morreu sob circunstâncias miseráveis. Fui tirado da escola, e tive que me tornar um homem (tão bem quanto pude) em poucos dias. Tenho uma mãe que poucos têm a bênção de ter; uma mulher de poderosa força e firme resolução. Fomos para uma pequena cidade do interior, onde a vida custava menos do que em Milton, e onde consegui emprego em uma loja de tecidos (um lugar essencial, a propósito, para se obter conhecimento de mercadorias). Semana após semana nossa renda chegou a quinze xelins, nos quais devíamos sustentar três pessoas. Minha mãe administrou tudo de uma forma que eu economizasse, regularmente, três desses quinze xelins. Isso foi o começo; ensinou-me abnegação. Agora que sou capaz de proporcionar à minha mãe conforto, mais do que seu próprio desejo requer, lhe agradeço silenciosamente em cada ocasião o prematuro treinamento que ela me deu. Agora, quando percebo que em meu próprio caso não se tratou de boa sorte, nem mérito, nem talento, mas simplesmente os hábitos de vida que me ensinaram a desprezar indulgências não merecidas, de fato, nunca pensar duas vezes sobre elas, creio que este sofrimento, que Miss Hale diz estar impresso nos semblantes do povo de Milton, é senão a punição natural pelos prazeres desfrutados desmerecidamente, em algum período anterior de suas vidas. Não olho para pessoas autoindulgentes e sensuais como dignas de meu ódio; eu simplesmente as olho com desprezo por sua pobreza de caráter.

— Mas o senhor teve os rendimentos de uma boa educação — destacou Mr. Hale. — O vivo entusiasmo com o qual o senhor está

agora lendo Homero, mostra-me que o senhor não veio a ele como um livro desconhecido; o senhor já o leu antes, e está apenas relembrando seu antigo conhecimento.

— Isso é verdade. Eu havia tropeçado nele na escola; ouso dizer que o meu conhecimento das línguas clássicas era considerável naqueles dias, embora meu Latim e Grego já tenham saído da minha memória desde então. Mas eu lhe pergunto, que preparação esse conhecimento me deu para a vida que eu levo hoje? Nenhuma. Absolutamente nenhuma de modo algum. No ponto da educação, qualquer homem que possa ler e escrever está no mesmo nível que eu, quanto aos conhecimentos realmente úteis que tive àquela época.

— Bem! Não concordo com o senhor. Mas talvez eu seja um tanto pedante. A revigorante e heroica simplicidade da vida homérica não lhe encorajou?

— Nem um pouco! — exclamou Mr. Thornton, rindo. — Eu estava demasiado ocupado para pensar sobre quaisquer pessoas mortas, com os vivos ao meu lado apertando-me, pescoço com pescoço, na luta pelo pão. Agora que tenho minha mãe segura em uma confortável posição que convém à sua idade, e devidamente recompensada pelos seus esforços anteriores, posso recordar toda essa velha narração e desfrutá-la meticulosamente.

— Ouso dizer, meu comentário é baseado no meu sentimento profissional de que não há nada como o conhecimento — respondeu Mr. Hale.

Quando Mr. Thornton se levantou para ir embora, após apertar as mãos de Mr. e Mrs. Hale, ele dirigiu-se para Margaret para despedir-se de maneira similar. Era o costume do lugar, mas

Margaret não estava preparada para isso. Ela fez uma simples reverência, embora no instante em que viu a mão, meio estendida e rapidamente puxada de volta, ela lamentou que não houvesse estado ciente da intenção. Mr. Thornton, contudo, nada sabia de seu pesar, e, endireitando-se, saiu balbuciando enquanto deixava a casa:

— Uma moça mais orgulhosa e desagradável, eu nunca vi. Até a sua grande beleza é apagada da memória de uma pessoa, em consequência dos seus modos desdenhosos.

Capítulo XI

Primeiras impressões

“Em todo nosso sangue, dizem eles, ferro há,
E um grão ou dois seja sadio, quiçá;
Mas o dele, ele faz-me sentir rudemente,
Tem um pouco de aço demasiadamente”.
— ANÔNIMO.[44]

— Margaret! — disse Mr. Hale, ao retornar depois de conduzir o seu convidado até a porta. — Não pude deixar de observar o seu rosto com alguma ansiedade quando Mr. Thornton confessou ter sido um empregado de loja. Eu já sabia através de Mr. Bell; então estava ciente do que me aguardava; mas cheguei a esperar que você se levantasse e deixasse a sala.

— Oh, papai! O senhor não quer dizer que pensou que sou tão boba assim? Realmente gostei daquele relato que ele fez sobre si mesmo, mais do que qualquer outra coisa que ele disse. Todo o resto me revoltou, por sua rudeza; mas ele falou sobre si mesmo com tanta simplicidade, com tão pouca da pretensão que faz os comerciantes serem indivíduos vulgares, e com tão terno respeito pela mãe dele, que era menos provável que eu deixasse a sala do que quando ele estava se ufanando sobre Milton, como se não houvesse outro lugar igual no mundo; ou quando calmamente professou desprezar as pessoas descuidadas, esbanjadoras e imprevidentes, sem sequer pensar que é seu dever tentar fazê-las

diferentes, dar-lhes algo do treinamento que sua mãe lhe deu, e ao qual ele evidentemente deve a sua posição, qualquer que seja. Não! A declaração dele e ter sido um empregado de loja foi a coisa que mais gostei.

— Estou surpresa com você, Margaret — disse sua mãe. — Você que sempre estava acusando os outros de serem mesquinhos em Helstone! Não penso, Mr. Hale, que o senhor tenha agido bem em nos apresentar uma pessoa sem nos contar quem ela era e o que fazia. Fiquei realmente temerosa de demonstrar o quanto fiquei chocada com algumas partes do discurso dele. Seu pai “morrendo em miseráveis circunstâncias”. Ora, só pode ter sido em uma casa de correção.

— Não estou certo se o que aconteceu foi pior do que estar em uma casa de correção — respondeu o marido. — Ouvi bastante sobre a vida pregressa dele através de Mr. Bell antes que viéssemos para cá; e como ele contou somente uma parte, preencherei o que falta. O pai de Mr. Thornton especulava selvagemente, falhou, e então se matou, porque não conseguiu suportar a desgraça. Todos os seus amigos sumiram depois que seu jogo desonesto foi revelado, lutas selvagens e arriscadas, feitas com dinheiro de outras pessoas, para reganhar sua própria porção de riqueza. Ninguém se prontificou a ajudar a mãe e o menino. Havia outra criança, creio eu, uma menina; muito jovem para fazer dinheiro, mas claro que ela tinha que ser sustentada. Pelo menos, nenhum amigo se prontificou imediatamente, e Mrs. Thornton não é alguém, imagino eu, de esperar pela morosa bondade de outrem. Então eles deixaram Milton. Sei que ele foi trabalhar em uma loja, e que seus ganhos, juntamente com a pequena porção da

propriedade assegurada pela mãe, haviam sido usados para mantê-los por um bom tempo. Mr. Bell disse que eles viveram se alimentando de mingau feito com água por anos, como, ele não soube dizer; mas muito depois que os credores desistiram de ter qualquer esperança de pagamento (se, de fato, tiveram alguma esperança sobre isso após o suicídio dele), esse jovem rapaz retornou a Milton, e foi calmamente até cada credor, pagando-lhe a primeira parcela do dinheiro que era devido. Sem fazer barulho, sem reunir todos os credores, tudo feito de forma silenciosa e calma, finalmente tudo foi pago; ajudado materialmente pela circunstância de que um dos credores, um velho e rabugento indivíduo (Mr. Bell diz), tornou Mr. Thornton como uma espécie de sócio.

— Isso realmente foi muito bom — disse Margaret. — Que pena que tal natureza devesse ser manchada por sua posição como um industrial de Milton.

— Manchada, como? — perguntou o pai.

— Oh, papai, por esta atitude de testar tudo pelo padrão da riqueza. Quando ele falou do poder das máquinas, ele evidentemente via isso como uma nova maneira de estender o seu comércio e fazer mais dinheiro. E os pobres homens ao seu redor, diz que são pobres porque são viciosos, fora do alcance de sua empatia porque não tiveram a sua natureza de ferro, e os talentos que o ajudaram a ficar rico.

— Viciosos, não. Ele nunca disse isso. Imprevidentes e autoindulgentes foram as palavras dele.

Margaret estava recolhendo os materiais de trabalho de sua mãe, e preparando-se para ir dormir. Assim que ela estava deixando a sala, hesitou, ficou inclinada a fazer uma confissão que pensou

que agradaria seu pai, mas que para ser plena e verdadeira, deveria incluir um pouco de contradição. No entanto, resolveu falar:

— Papai, eu realmente penso que Mr. Thornton é um homem formidável; mas, pessoalmente, não gosto dele de modo algum.

— E eu gosto! — disse seu pai, rindo. — Pessoalmente também, como você diz, e tudo. Não o coloco como um herói, ou qualquer coisa desse tipo. Mas boa noite, criança. Sua mãe parece tristemente cansada esta noite, Margaret.

Margaret havia notado a aparência estafada de sua mãe há algum tempo e ficara ansiosa, e agora esse comentário do seu pai a enviou para a cama com um profundo temor, pesando em seu coração. A vida em Milton era tão diferente daquela que Mrs. Hale estava acostumada a viver em Helstone, dentro e fora de casa, respirando perpetuamente um ar fresco e limpo. O próprio ar de Milton era tão diferente, privado de qualquer princípio revigorante; as preocupações domésticas pressionavam muito, e de uma forma tão nova e sórdida, todas as mulheres da família tinha boas razões para temer que a saúde de Mrs. Hale fosse seriamente afetada. Havia vários outros sinais de que algo estava errado com Mrs. Hale. Ela e Dixon tinham conversas misteriosas no quarto dela, do qual Dixon saía chorando e irritada, como era de seu costume ao demonstrar empatia pelas perturbações de sua patroa. Uma vez Margaret havia entrado no cômodo logo após Dixon havê-lo deixado, e encontrou sua mãe de joelhos, e, enquanto Margaret saía sorrateiramente, ouviu umas poucas palavras, que eram evidentemente uma prece por força e paciência para suportar severos sofrimentos corporais. Margaret ansiava por renovar os laços de íntima confiança que haviam sido quebrados por sua longa

residência na casa de sua tia Shaw, e empenhava-se, por meio de carícias gentis e palavras doces, em ocupar o lugar mais especial do coração de sua mãe. Mas embora ela recebesse em retorno carícias e palavras afetuosas, em tal profusão que a teria alegrado anteriormente, ainda assim ela sentia que escondiam um segredo dela, e acreditava que esse segredo estava seriamente relacionado à saúde de sua mãe.

Ela ficou acordada por muito tempo naquela noite, planejando como diminuir a maligna influência da vida em Milton sobre sua mãe. Conseguiria uma criada para dar assistência permanente a Dixon, se abrisse mão de todo o seu tempo para a busca; e então, de qualquer forma, sua mãe poderia ter toda a atenção pessoal que ela requeria, e à qual havia estado acostumada por toda sua vida.

O tempo e os pensamentos de Margaret foram absorvidos por muitos dias visitando cartórios, vendo todo tipo de pessoas improváveis, e muito menos prováveis. Uma tarde ela encontrou Bessy Higgins na rua, e parou para falar com ela.

— Olá, Bessy, como você está? Espero que esteja melhor, agora que o vento mudou.

— Melhor e pior, se é que entende o que quero dizer.

— Não exatamente — respondeu Margaret, sorrindo.

— Estou melhor por não estar sendo despedaçada pelas tosses todas as noites, mas estou fatigada e cansada de Milton, e ansiando para ir para a terra de Beulah; e quando penso que estou cada vez mais longe, meu coração desfalece e não fico melhor, fico pior.

Margaret voltou-se para caminhar ao lado da moça em seu lento progresso para casa. Mas não falou por um ou dois minutos.

Finalmente disse em uma voz baixa:

— Bessy, você deseja morrer? — posto que ela mesma fugia da morte, com todo o apego à vida que é tão natural aos jovens e saudáveis.

Bessy ficou em silêncio também, por um ou dois minutos. E então, respondeu: — Se você levasse a vida que levo, e ficasse tão exausta dela como eu fico, e pensasse às vezes: “talvez isso dure por cinquenta ou sessenta anos, pois dura para alguns”, e ficasse tonta e confusa, e doente, enquanto cada um desses sessenta anos parecesse girar ao seu redor, e zombar de você a respeito de tantas horas e minutos, e infindos pedaços de tempo, oh, querida! Eu te digo que fico suficientemente feliz quando o doutor fala do seu temor de que eu não veja outro inverno.

— Ora, Bessy, que tipo de vida tem sido a sua?

— Nada melhor do que a de muitos outros, imagino. Só que eu me revolto contra ela, e eles não.

— Mas o que foi que houve? Sabe, sou uma estranha aqui, então talvez eu não seja tão rápida em entender o que você quer dizer como se eu houvesse vivido toda minha vida em Milton.

— Se tivesse vindo à nossa casa quando disse que viria, eu poderia talvez ter contado. Mas o pai diz que você é como todos os outros; do tipo, longe dos olhos, longe do coração.

— Não sei quem são todos os outros e tenho estado muito ocupada; e, para dizer a verdade, eu me esqueci da promessa...

— Você se ofereceu! Nós nunca pedimos.

— Eu tinha esquecido o que disse naquela ocasião — continuou Margaret, calmamente. — Deveria ter pensado nisso

novamente quando estivesse menos ocupada. Posso ir com você agora?

Bessy deu uma rápida olhadela no rosto de Margaret, para ver se o desejo expresso era real. A perspicácia do seu olhar transformou-se em ávido anseio, ao encontrar o olhar suave e amigável de Margaret.

— Não tenho muitos que se importam comigo; se você quiser, pode vir.

Então elas caminharam juntas em silêncio. Quando elas viravam em um pequeno pátio, abrindo para uma rua esquálida, Bessy disse:

— Não vá ficar intimidada se o pai estiver em casa e falar meio rudemente no início. Ele gostou de você, entenda, e pensou que viria nos ver; e só porque ele gosta de você que ficou irritado e aborrecido quando não veio.

— Não tema, Bessy.

Mas Nicholas não estava em casa quando elas entraram. Uma menina grande e desmazelada, um pouco mais nova do que Bessy, mais alta e forte, estava ocupada na pia, batendo nos objetos de um modo rude e hábil, mas de modo geral fazendo tanto barulho que Margaret se incomodou, por compaixão pela pobre Bessy, que havia sentado na primeira cadeira que vira, como se completamente estafada da sua caminhada. Margaret pediu à irmã que trouxesse um copo de água, e enquanto ela corria para pegá-lo (derrubando os ferros de engomar, e uma cadeira no caminho), ela desamarrou os laços do chapéu de Bessy, para que pudesse tomar fôlego.

— Você pensa que vale a pena importar-se com uma vida como esta? — disse Bessy, com dificuldade. Margaret não lhe

respondeu, mas levou a água aos lábios dela. Bessy tomou um longo e sedento gole, e então se recostou e fechou os olhos. Margaret ouviu-a murmurar para si mesma: *"E não mais terão fome, nem sede, nem o calor, nem o sol os afligirá".*[45]

Margaret inclinou-se e disse: — Bessy, não fique impaciente com sua vida, qualquer que ela seja... ou possa ter sido. Lembre-se de quem a deu a você, e fez dela o que ela é!

Margaret ficou assustada ao ouvir Nicholas falar atrás dela; ele havia entrado sem que ela o notasse.

— Agora, não terei ninguém pregando para minha menina. Ela já está ruim do jeito que está, com seus sonhos e suas imaginações metodistas, e suas visões de cidades com portões de ouro e pedras preciosas. Mas se isso a entretém, deixe estar, mas não quero que metam mais coisas na cabeça dela.

— Mas certamente — disse Margaret, encarando-o —, o senhor acredita no que eu disse, que Deus lhe deu a vida, e ordenou que tipo de vida deveria ser?

— Eu acredito no que eu vejo, e em nada mais. É nisso que eu acredito, mocinha. Não acredito em tudo o que ouço, não! De jeito nenhum. Certa vez, ouvi uma jovem fazer um alvoroço para saber onde morávamos, prometendo que viria nos ver. Minha menina acreditou nessa promessa, e muitas vezes ficou corada quando ouvia um passo estranho lá fora; eu notei isso sem ela perceber. E agora, finalmente essa moça veio, e é bem-vinda, contanto que pare de pregar sobre aquilo que nada sabe.

Bessy estivera olhando para o rosto de Margaret; ela ergueu-se um pouco para falar agora, pousando sua mão sobre o braço de Margaret com um gesto de súplica. — Não fique aborrecida com ele,

há muitos que pensam como ele; muitos e muitos aqui. Se você os ouvisse falar, não ficaria chocada com ele. É um homem muito bom, é meu pai, mas oh! — disse ela, retrocedendo em desespero — o que ele diz às vezes me faz ansiar pela morte mais do que nunca, posto que quero saber sobre tantas coisas, e fico tão perturbada com esse mistério.

— Minha pobre menina... minha pobre menina... não é o meu desejo perturbá-la, mas um homem deve falar em favor da verdade, e quando eu vejo o mundo indo todo errado a essa hora do dia, se incomodando com coisas sobre as quais nada sabe, e deixando desfeitas todas as coisas que estão perto de si, em desordem... ora, eu digo, deixe essa conversa sobre religião para lá, e se ponha a trabalhar no que a moça vê e sabe. Esse é o meu credo. É simples, fácil de alcançar e de realizar.

Mas Bessy apenas suplicava mais com Margaret.

— Não pense duramente sobre ele... é um bom homem, é mesmo. Algumas vezes penso que ficarei abatida com pesar até mesmo na Cidade de Deus, se o pai não estiver lá — disse Bessy e a cor febril veio às suas bochechas, tornando seus olhos brilhantes. — Mas o senhor estará lá, pai! O senhor há de estar! Oh, meu coração! — ela colocou a mão no coração, e ficou pavorosamente pálida.

Margaret a segurou nos braços, colocando sua cabeça cansada sobre seu colo. Afastou os cabelos finos e suaves de sua fronte, e os banhou com água. Nicholas entendeu todos esses sinais com rapidez pelo amor que sentia pela filha, e até a irmã se movia com laboriosa gentileza ante o pedido de silêncio de

Margaret. No presente momento, o espasmo que pressagiou a morte passara, e Bessy, levantando-se, disse:

— Irei para a cama, é o melhor lugar, mas — segurando o vestido de Margaret —, venha outra vez, eu sei que virá, mas apenas diga!

— Virei amanhã — disse Margaret.

Bessy inclinou-se para o pai, que se preparou para carregá-la para o andar de cima; e enquanto Margaret se levantava para partir, ele esforçou-se para dizer algo: — Eu podia desejar que houvesse um Deus, se fosse apenas para Lhe pedir que te abençoe, minha menina.

Margaret foi embora muito triste e pensativa. Estava atrasada para o chá em casa. Em Helstone a impontualidade às refeições era uma grande falta aos olhos de sua mãe; mas agora isso, tanto essa como muitas outras pequenas irregularidades, parecia haver perdido seus poderes de irritação, e Margaret quase ansiava pelas antigas reclamações.

— Você encontrou alguma criada, querida?

— Não, mamãe; aquela Anne Buckley nunca daria certo.

— Deixem que eu tente — disse Mr. Hale. — Todos já tiveram a oportunidade de tentar resolver essa grande dificuldade. Agora me deixem tentar. Eu posso ser a Cinderela que calçará o sapatinho, afinal.

Margaret mal podia sorrir da pequena piada, tão oprimida estava por sua visita aos Higgins.

— O que o senhor faria, papai? Como o senhor resolveria isso?

— Ora, eu pediria a uma boa senhora que me recomendasse alguém conhecido dela ou de suas criadas.

— Muito bom. Mas devemos primeiro conseguir a nossa boa senhora.

— Você já a conseguiu. Ou melhor, ela está vindo para a cilada, e você a pegará amanhã, se for habilidosa.

— O que quer dizer, Mr. Hale? — perguntou sua esposa, com a curiosidade aumentada.

— Ora, meu pupilo-modelo (como Margaret o chama) me disse que a mãe dele pretende visitar Mrs. e Miss Hale amanhã.

— Mrs. Thornton! — exclamou Mrs. Hale.

— A mãe da qual ele nos falou? — perguntou Margaret.

— Mrs. Thornton; a única mãe que ele tem, creio eu — respondeu Mr. Hale, calmamente.

— Hei de gostar de conhecê-la. Deve ser uma pessoa incomum — sua mãe acrescentou. — Talvez ela tenha alguma parente que possa nos servir, e que goste de nossa casa. Ela parece ser uma pessoa tão cuidadosa e econômica, que gostaria de qualquer pessoa saída da mesma família.

— Minha querida — disse Mr. Hale, alarmado. — Rogo, não insista nessa ideia. Imagino que Mrs. Thornton é tão altiva e orgulhosa no seu próprio modo, quanto nossa pequena Margaret aqui é no modo dela, e creio que ela ignore completamente aquele antigo tempo de provação, pobreza e economia, do qual o seu filho fala tão abertamente. Estou certo, de qualquer forma, de que ela não gostaria que estranhos soubessem disso.

— Tome nota de que não se trata do meu tipo de altivez, papai, se tenho qualquer um; não concordo com o senhor, embora sempre esteja me acusando disso.

— Não tenho muita certeza de que seja o jeito dela também, mas pelas pequenas coisas que tenho ouvido do filho, imagino que sim.

Elas importavam-se muito pouco para perguntar de que maneira o filho havia falado sobre a mãe. Margaret apenas queria saber se ela deveria ficar para receber esta visita, já que isso a impediria de ir ver como Bessy estava, até mesmo mais tarde no mesmo dia, já que as primeiras horas sempre estavam ocupadas com assuntos da casa; e então ela se lembrou de que sua mãe não deveria ser deixada sozinha, com todo o peso de entreter a visita.

Capítulo XII

Visitas matinais

“Bem — suponho que devamos”.

— AMIGOS EM CONCÍLIO.[46]

Mr. Thornton tivera alguma dificuldade em moldar sua mãe até o desejado ponto de civilidade. Ela não costumava fazer visitas frequentemente; e quando as fazia, desempenhava seus deveres com má vontade. Seu filho lhe dera uma carruagem; mas ela recusava-se a deixá-lo despender dinheiro para manter os cavalos; eles eram alugados em ocasiões solenes, quando ela fazia visitas matinais ou vespertinas. Há uma quinzena ela havia alugado cavalos por três dias e concluíra confortavelmente todas as suas visitas, que agora teriam o aborrecimento e a despesa mais uma vez. Ainda assim Crampton era muito longe para ir caminhando. Ela questionara repetidamente o filho se o seu desejo de que ela visitasse os Hales era forte o suficiente para justificar a despesa de um coche de aluguel. Ficaria grata se não fosse; posto que, como ela dizia, “não via utilidade em fazer amizade e ter intimidade com todos os professores e mestres de Milton; ora, da próxima vez ele iria querer que ela visitasse a esposa do professor de dança de Fanny!”

— E assim eu o faria, mãe, se Mr. Mason e a esposa estivessem sem amigos em um lugar estranho, como os Hales.

— Oh, não precisa falar tão asperamente. Irei amanhã. Eu apenas queria que você entendesse perfeitamente a situação.

— Se a senhora for amanhã, vou encomendar os cavalos.

— Que bobagem, John. Assim pensarão que você é feito de dinheiro.

— Não exatamente, ainda. Mas quanto aos cavalos, estou decidido. Da última vez que a senhora saiu em um coche de aluguel, voltou com uma dor de cabeça, devido aos solavancos.

— Nunca reclamei disso, certamente.

— Não. Minha mãe não é dada a reclamações — disse ele, um tanto orgulhoso. — Por isso, tenho mais razão para cuidar da senhora. Agora quanto a Fanny, um pouco de dificuldade lhe faria bem.

— Ela não é feita do mesmo material que você, John. Não conseguiria suportar — Mrs. Thornton ficou em silêncio depois disso; posto que suas últimas palavras carregavam relação a um assunto que a mortificava. Ela tinha um desprezo inconsciente pela fraqueza de caráter, e Fanny era fraca nos mesmos pontos nos quais sua mãe e seu irmão eram fortes.

Mrs. Thornton não era uma mulher muito dada à argumentação; seu rápido julgamento e sua firme resolução serviam-lhe bem mais do que quaisquer longas argumentações e discussões consigo mesma. Sentia instintivamente que nada poderia fortalecer Fanny, de modo a suportar as contrariedades pacientemente, ou enfrentar dificuldades corajosamente e, embora ela estremecesse ao reconhecer essa verdade sobre a filha, isso apenas lhe produzia um tipo de piedosa ternura em relação a ela; muito parecida com a conduta que as mães estão afeitas a ter para

com seus filhos fracos e adoentados. Um estranho ou um observador descuidado poderiam considerar que os modos de Mrs. Thornton para com seus filhos denotavam muito mais amor por Fanny do que por John. Mas essa pessoa estaria profundamente enganada. A própria ousadia com a qual mãe e filho falavam verdades desagradáveis, um para o outro, denotava uma firme confiança na alma de cada um, mais do que a constrangedora ternura dos modos de Mrs. Thornton para com sua filha, e a vergonha com a qual tentava esconder a ausência na jovem de todas as grandes qualidades que ela mesma possuía inconscientemente, e que tanto valorizava em outrem; essa vergonha traía a falta de um porto seguro para sua afeição. Ela nunca chamava o filho por qualquer nome senão John; “amor” e “querida”, e outros termos similares, eram reservados para Fanny. Mas seu coração rendia graças por seu filho dia e noite, e ela caminhava orgulhosamente entre as mulheres por causa dele.

— Fanny querida, hei de ter cavalos para a carruagem hoje para visitar aqueles Hales. Você não gostaria de visitar a sua ama? Fica na mesma direção, e ela fica sempre tão alegre em vê-la. Você poderia permanecer lá enquanto eu estou na casa de Mrs. Hale.

— Oh, mamãe, é um caminho tão longo, e estou tão cansada.

— De quê? — perguntou Mrs. Thornton, com a sobrancelha ligeiramente contraída.

— Não sei... o tempo, eu acho. É tão relaxante. A senhora não podia trazer a ama aqui, mamãe? A carruagem podia pegá-la, e ela passaria o resto do dia aqui, eu sei que ela gostaria.

Mrs. Thornton não falou nada, mas colocou seu trabalho sobre a mesa, parecendo pensativa.

— Será um longo caminho para ela fazer à noite! — ela comentou, finalmente. — Oh, mas a enviarei de volta para casa em um coche. Nunca pensei em mandá-la a pé.

Nesse momento, Mr. Thornton entrou, logo antes de ir para a fábrica.

— Mãe! Nem preciso dizer que, se houver qualquer coisa que possa fazer por Mrs. Hale que está inválida, a senhora fará, estou certo.

— Se eu descobrir alguma coisa, farei. Mas eu mesma nunca estive doente, então não estou muito ciente dos gostos dos inválidos.

— Bem! Aqui está Fanny então, que raramente está sem uma indisposição. Ela será capaz de sugerir algo, talvez... não será, Fan?

— Não estou sempre com uma indisposição — disse Fanny, irritadamente. — E não vou com mamãe. Tenho uma dor de cabeça hoje e não vou sair.

Mr. Thornton parecia aborrecido. Os olhos de sua mãe estavam inclinados sobre seu trabalho de costura, ao qual se dedicava com afinco.

— Fanny! Eu desejo que você vá — disse ele, autoritariamente. — Fará bem a você, em vez de mal. Você me agradará indo, sem que eu diga mais nada sobre o assunto.

Ele saiu abruptamente do cômodo após dizer isso.

Se tivesse ficado um minuto mais, Fanny teria chorado com o seu tom de comando, mesmo quando ele usou as palavras “você me agradará”. Como ele partiu, ela resmungou.

— John sempre fala como se eu fingisse estar doente, e estou certa de que nunca fingi uma coisa dessas. Quem são esses Hales, para ele fazer tanto estardalhaço?

— Fanny, não fale assim do seu irmão. Ele deve ter boas razões de um jeito ou de outro, ou não desejaria que fôssemos. Apresse-se, vá se trocar.

Mas a pequena altercação entre seu filho e sua filha não ajudara a deixar Mrs. Thornton mais favorável em relação a “esses Hales”. Seu enciumado coração repetia o questionamento de sua filha: “Quem são eles, para deixar o John tão ansioso, temendo que não lhes façamos as honras?” Esse pensamento lhe voltava à mente como um refrão de uma canção, muito depois que Fanny já havia esquecido o assunto, na agradável excitação em ver o efeito de um chapéu novo no espelho.

Mrs. Thornton era tímida. Somente há poucos anos tivera tempo suficiente para frequentar a sociedade; algo que não apreciava. No entanto, sentia satisfação em oferecer jantares, e em criticar os de outrem. Mas sair para tornar-se conhecida a estranhos era uma coisa muito diferente. Sentia-se pouco confortável, e aparentava ser mais severa e circunspecta do que era, ao entrar na pequena sala de visitas dos Hales.

Margaret estava ocupada bordando uma delicada peça de cambraia para o bebê que Edith estava esperando, “trabalho frívolo, inútil”, pensou Mrs. Thornton. Ela gostou muito mais do tricotado duplo de Mrs. Hale, que lhe pareceu mais sensível ao seu próprio modo. No geral, o cômodo era cheio de enfeites, que deviam tomar muito tempo para espanar; e tempo era dinheiro para pessoas de renda limitada. Refletiu sobre todos esses pormenores enquanto

conversava com Mrs. Hale em seu modo majestoso, e proferindo todas as estereotipadas generalidades que a maioria das pessoas pode encontrar para dizer quando estão com o pensamento em outra coisa.

Mrs. Hale estava esforçando-se mais em suas respostas, encantada com alguma renda realmente antiga que Mrs. Thornton ostentava em seu vestido; “renda”, como ela posteriormente observou a Dixon, “feita com aquele antigo ponto inglês que não tem sido feito por estes setenta anos, e nem se consegue comprar mais. Deve ter sido uma herança, e mostra que ela teve ancestrais importantes”. Então a dona da renda ancestral tornou-se digna de algo mais do que o lânguido esforço para entreter uma visita, ao qual Mrs. Hale limitaria sua conversação. E Margaret, esforçando seu cérebro para conversar com Fanny, ouviu sua mãe e Mrs. Thornton mergulharem no interminável assunto dos criados.

— Suponho que a senhorita não seja musical — disse Fanny —, já que não vejo um piano aqui.

— Gosto muito de ouvir a boa música, mas não sei tocar muito bem, e papai e mamãe não se importam muito com isso. Então vendemos nosso antigo piano quando viemos para cá.

— Eu me pergunto como consegue viver sem um. Para mim, parece uma necessidade da vida.

“Quinze xelins por semana, e três economizados!”, pensou Margaret consigo mesma. “Mas ela deveria ser muito jovem. Provavelmente esqueceu da sua experiência pessoal. Mas deve saber algo sobre aqueles dias”. O tom de Margaret tinha um pouco mais de frieza quando falou:

— Vocês têm bons concertos aqui, creio eu.

— Oh, sim! Deliciosos! Demasiado abarrotados, isso é o pior. Os diretores admitem pessoas tão indiscriminadamente. Mas é certo que se ouve o que há de mais novo no que diz respeito à música aqui. Após algum concerto, é claro, eu sempre faço uma grande encomenda de partituras na Johnson.

— A senhorita gosta das músicas recentes simplesmente pela novidade, então?

— Oh, sabe-se que é a moda em Londres, ou então os cantores não as trariam até aqui. A senhorita esteve em Londres, é claro.

— Sim — disse Margaret. — Morei lá por vários anos.

— Oh! Londres e a Alambra são os dois lugares que anseio ver!

— Londres e a Alambra?!

— Sim! Desde que li os Contos da Alambra. A senhorita não os conhece?

— Não penso que conheça. Mas, certamente, a jornada até Londres é muito agradável.

— Sim, mas de certo modo — disse Fanny, baixando sua voz —, mamãe nunca esteve em Londres, e não consegue entender o meu anseio. Ela tem muito orgulho de Milton, um lugar sujo e fumacento, como sei que é. Creio que ela o admire mais por essas mesmas qualidades.

— Se tem sido o lar de Mrs. Thornton por alguns anos, posso entender muito bem o amor dela por ele — disse Margaret, em sua voz clara como um sino.

— O que a senhorita está dizendo sobre mim, Miss Hale? Posso saber? Margaret não tinha a resposta pronta para esse

questionamento, que a pegou de surpresa, então Miss Thornton respondeu:

— Oh, mamãe! Estamos apenas tentando entender a sua afeição por Milton.

— Obrigada — disse Mrs. Thornton. — Não sinto que minha afeição natural pelo lugar onde nasci e fui criada, e que tem sido desde então minha residência por alguns anos, requeira qualquer entendimento.

Margaret estava irritada. Do modo como Fanny havia colocado, realmente parecia como se elas houvessem estado impertinentemente discutindo os sentimentos de Mrs. Thornton, mas ela também se aborreceu contra o modo daquela senhora demonstrar que estava ofendida.

Mrs. Thornton continuou após a pausa de um momento:

— A senhorita conhece qualquer coisa de Milton, Miss Hale? A senhorita viu quaisquer de nossas fábricas? Nossos magníficos armazéns?

— Não! — disse Margaret. — Não vi qualquer coisa com essa descrição ainda.

Então ela sentiu que, ocultando sua absoluta indiferença a tais lugares, estaria dificilmente falando a verdade; então ela continuou: — Ouso dizer que papai já teria me levado, se eu me importasse mais. Mas eu realmente não encontro muito prazer em conhecer fábricas.

— São lugares muito curiosos — disse Mrs. Hale —, mas lá há tanto barulho e sujeira sempre. Lembro-me que, certa vez, fui visitar uma fábrica de velas usando um vestido de seda lilás, e ele ficou absolutamente arruinado.

— Muito provavelmente — disse Mrs. Thornton, de um modo desagradável.

— Eu meramente pensei que, como estranhos recém-chegados para residir em uma cidade que se tornou uma das mais eminentes do país, justamente pelo caráter e importância de seu peculiar negócio, vocês teriam se importado em visitar alguns dos lugares onde ele é realizado; lugares únicos no reino, como estou informada. Se Miss Hale mudar de opinião e condescender em se interessar pelas fábricas de Milton, posso apenas dizer que hei de ficar alegre em conseguir sua admissão no setor de estampagem ou tecelagem, ou nas operações mais simples de fiação conduzidas nas indústrias do meu filho. Cada melhoramento em termos de maquinário, creio eu, pode ser visto lá, em sua mais alta perfeição.

— Estou tão feliz que a senhorita não goste de fábricas e indústrias, e todos esses tipos de coisas — disse Fanny, em meio sussurro, enquanto ela levantava para acompanhar sua mãe, que estava se despedindo de Mrs. Hale com apressada dignidade.

— Penso que eu gostaria de conhecer tudo sobre elas, se eu fosse a senhorita — respondeu Margaret, calmamente.

— Fanny! — disse sua mãe, enquanto elas saíam na carruagem —, seremos educadas com esses Hales, mas não forme uma de suas amizades apressadas com a filha. Ela não lhe fará bem, eu vejo. A mãe está muito doente, mas parece ser uma pessoa boa e tranquila.

— Não quero formar qualquer amizade com Miss Hale, mamãe — disse Fanny, aborrecida. — Pensei que estivesse fazendo o meu dever ao conversar com ela, e ao tentar entretê-la.

— Bem, de qualquer forma, John deve estar satisfeito agora.

Capítulo XIII

Uma suave brisa em um lugar mormacento

“Que dúvida e problema, medo e aflição,
E angústia, tudo sombras vãs são;
Que não há de permanecer a própria cessação;
Que estafados desertos nós possamos trilhar,
Um fatigado labirinto possamos tramar,
Através de escuros caminhos subterrâneos hão de nos levar;
Ainda assim, se nós iremos a um Guia obedecer,
A mais estafada trilha, o mais trevoso padecer
No celestial dia há de verter;
E nós, agora jogados sobre alheio litoral,
Havemos de encontrar, passada nossa viagem fatal,
Tudo na casa de nosso Pai, afinal!”
— R. C. TRENCH.[47]

Margaret correu escada acima logo que as visitantes partiram, colocou seu chapéu e xale, e saiu apressada para saber notícias de Bessy Higgins, e fazer-lhe o máximo de companhia antes do jantar. Enquanto percorria as ruas estreitas e abarrotadas, sentiu o quanto elas agora lhe interessavam, simplesmente por ela se importar com um de seus habitantes.

Mary Higgins, a desmazelada irmã mais nova, havia se esforçado tanto o quanto pôde para arrumar a casa para a esperada visita. O centro do assoalho havia sido duramente polido, enquanto

as saliências embaixo das cadeiras e da mesa, e em volta das paredes, retinham sua aparência escura e suja. Embora o dia estivesse quente, havia fogo na lareira, fazendo com que todo o lugar parecesse um forno. Margaret não entendia que a prodigalidade de carvão fosse um sinal de hospitalidade da parte de Mary, e pensou que talvez o opressivo calor fosse necessário para Bessy. A própria Bessy estava recostada em um pequeno estofado, ou sofá, colocado abaixo da janela. Ela estava muito mais debilitada do que no dia anterior, e cansada de levantar-se a cada momento que ouvia passos para ver se era Margaret que chegava. E agora que Margaret estava ali, e sentara-se ao lado dela, Bessy recostou-se em silêncio, contente de olhar para o rosto de Margaret, e tocar o seu vestido, com uma admiração infantil pela fineza de sua textura.

— Eu nunca soube por que as pessoas na Bíblia se importavam com vestes macias. Mas deve ser bom sair vestida como você. É diferente do comum. As pessoas mais finas me cansam os olhos com tantas cores, mas, de alguma forma, as que você usa me deixam descansada. Onde conseguiu esse vestido?

— Em Londres — respondeu Margaret, muito divertida.

— Londres?! Você esteve em Londres?

— Sim! Morei lá por alguns anos. Mas meu lar era na floresta, no interior.

— Conte-me sobre isso — pediu Bessy. — Eu gosto de ouvir falar do interior e de árvores, e tais coisas — ela se recostou, fechou seus olhos e cruzou as mãos sobre o colo, em perfeito descanso, como se para receber todas as histórias que Margaret lhe pudesse transmitir.

Margaret não havia falado de Helstone desde que a deixou, exceto citando o lugar casualmente. Ela o via em sonhos mais vividamente do que se fosse real. Ao adormecer, à noite, sua memória percorria todos os seus lugares agradáveis. Mas seu coração estava aberto para essa menina: — Oh, Bessy, eu amava com tanta ternura o lar que deixamos! Gostaria que você pudesse vê-lo. Não posso contar-lhe a metade de sua beleza. Há grandes árvores por todo o lugar, com seus galhos se esticando longos e retos, fazendo uma boa sombra para descanso até mesmo ao meio-dia. E ainda assim, embora cada folha pareça imóvel, há um contínuo som sussurrante de movimento por todo o lugar, e mais ao longe. Às vezes a relva é tão suave e macia quanto veludo; e outras vezes luxuriante com a perpétua umidade de um pequeno riacho que murmura escondido ao alcance da mão. Em outras partes há samambaias selvagens, extensões inteiras de samambaias; algumas são bem verdes; outras têm listas amarelas como se o sol dourado pousasse sobre elas, exatamente como no mar.

— Nunca vi o mar — murmurou Bessy. — Mas continue.

— Então, aqui e ali, há prados, altos como se estivessem acima dos topos das árvores...

— Fico feliz com isso. Sinto-me meio sufocada em lugares baixos. Quando saio para um passeio, sempre quis ir para o alto e ver ao longe, e respirar toda plenitude daquele ar. Eu já fico sufocada o suficiente em Milton, e penso que o som das árvores que você falou, que continua sempre e sempre, me deixaria tonta; é isso que fazia minha cabeça doer tanto na fábrica. Agora eu imagino que nesses campos há muito barulho, não é?

— Não — disse Margaret. — Nada além do som de uma cotovia voando alto no ar. Algumas vezes eu ouvia um fazendeiro falando alto com seus criados, mas era tão longe que apenas me lembrava de que, em algum lugar distante, outras pessoas estavam trabalhando duro, enquanto eu apenas me sentava à grama e não fazia nada.

— Eu costumava pensar que se eu pudesse ter um dia de folga, para descansar, um dia em um lugar calmo como esse que você falou, talvez me fizesse bem. Mas agora que tenho muitos dias de ociosidade, estou tão fatigada deles como estava do meu trabalho. Algumas vezes fico tão estafada que penso que não conseguirei desfrutar dos céus sem um pouco de descanso antes. Estou com medo de ir direto para lá, sem antes usufruir de um bom sono no túmulo para me refazer.

— Não tenha medo, Bessy — disse Margaret, pousando sua mão sobre a da moça. — Deus pode lhe dar o descanso mais perfeito do que qualquer outro na Terra, ou até mesmo que o sono da morte possa lhe dar.

Bessy moveu-se desconfortavelmente, então disse:

— Gostaria que o pai não falasse daquele jeito. Ele tem boas intenções, como eu lhe disse ontem, e lhe digo de novo e de novo. Mas veja, embora eu não acredite nele de dia, ainda assim à noite, quando estou com febre, meio adormecida e meio acordada, essas coisas me vêm à mente... Oh! É tão ruim! E eu penso, se este deve ser o fim de tudo, e se o propósito do meu nascimento foi só para desperdiçar meu coração e minha vida, e adoecer neste sombrio lugar, com esses barulhos de fábrica em meus ouvidos o tempo todo, e eu pudesse gritar para que eles parassem, e me deixassem

ter um pouquinho de quietude... com a lanugem do algodão enchendo meus pulmões, até que eu deseje morrer para poder respirar profundamente o ar limpo do qual você falou... e a minha mãe que morreu, e eu não pude dizer a ela novamente o quanto a amava, e contar todos os meus problemas... penso que se essa vida é o fim, e que não há um Deus para enxugar todas as lágrimas de todos os olhos... Você, menina, você! — disse ela.

Sentou-se, agarrando violentamente, quase furiosamente, as mãos de Margaret: — Eu poderia enlouquecer, e matá-la, eu poderia...

Ela então caiu para trás completamente exaurida pela cólera. Margaret ajoelhou-se ao seu lado.

— Bessy... nós temos um Pai no Céu.

— Eu sei disso! Eu sei disso — gemeu ela, virando a cabeça de um lado para o outro, constrangida. — Sou muito perversa. Falei muito perversamente. Oh! Não fique assustada comigo e nem deixe de vir aqui novamente. Eu não machucaria um fio de cabelo sequer em sua cabeça.

E, abrindo seus olhos, olhou avidamente para Margaret: — creio que sei melhor do que você o que há de vir. Eu li o livro do Apocalipse até que eu o soubesse de cor, e nunca duvido quando estou acordada, e em meus sentidos, de toda a glória que me espera.

— Não vamos falar das fantasias que vêm à sua cabeça quando está com febre. Gostaria de ouvir algo sobre o que você costumava fazer quando estava bem.

— Penso que eu estava bem quando a mãe morreu, mas nunca fui muito forte desde aquela época. Comecei a trabalhar em

uma sala de cardação logo depois, e a lanugem entrou em meus pulmões e me envenenou.

— Lanugem? — perguntou Margaret, inquisitivamente.

— Penugem — esclareceu Bessy. — Pequenas porções que voam do algodão, quando eles o estão cardando, e enchem o ar até que tudo pareça uma fina poeira branca. Eles dizem que se acumula nos pulmões, e os fecha. De qualquer forma, há muitos que trabalhavam cardando o algodão, e acabaram destruídos, tossindo e cuspindo sangue, porque foram envenenados pela lanugem.

— Mas como isso pode ser evitado? — perguntou Margaret.

— Não sei. Algumas pessoas têm uma grande roda em um canto das salas de cardação para fazer uma corrente de ar, e carregar a poeira para fora, mas essa roda custa muito dinheiro, quinhentas ou seiscentas libras, talvez, e não traz lucro nenhum; por isso, só poucos patrões a colocaram; e eu ouvi dizer de homens que não querem trabalhar nos lugares onde tem uma roda, porque dizem que sentem mais fome, depois de estarem acostumados a engolir lanugem, e agora passar sem ela, e que o salário deles teria que ser aumentado se eles fossem trabalhar em tais lugares. Então, entre patrões e empregados, as rodas fracassaram. Ainda assim, gostaria que houvesse uma roda em nosso trabalho.

— Seu pai não sabia sobre isso? — perguntou Margaret.

— Sim! E ele lamentou. Mas nossa fábrica era boa no todo; com um estável conjunto de pessoas; e o pai tinha medo de me mandar para um lugar estranho, pois embora não pareça agora, muitas pessoas costumavam dizer que eu era uma excelente moça. Eu não gostava de ser considerada delicada e suave, e Mary tinha que continuar os estudos, a mãe disse, e o pai sempre querendo

comprar livros, e ir a palestras de um tipo ou de outro. Tudo isso custava dinheiro, então eu apenas continuei trabalhando lá, até que nunca mais aquele zumbido saísse dos meus ouvidos, ou a lanugem da minha garganta. Isso é tudo.

— Qual sua idade? — perguntou Margaret.

— Faço dezenove, julho próximo.

“E eu também tenho dezenove”, pensou Margaret, com mais tristeza do que Bessy, pelo contraste entre elas. Ela não pôde falar por um momento ou dois, tentando conter a emoção.

— Sobre Mary — disse Bessy. — Eu queria lhe pedir que fosse uma amiga para ela. Ela só tem dezessete, mas é a última de nós. E eu não quero que vá para a fábrica, mas ainda não sei para que ela poderia servir.

“Ela não serve para muita coisa”, Margaret pensou, olhando inconscientemente de relance para os cantos sujos do cômodo. — Ela mal poderia encontrar uma posição de criada, poderia? — perguntou Bessy.

— Temos uma antiga e fiel serviçal, quase uma amiga, que precisa de ajuda, mas que é muito meticulosa, e não seria certo atormentá-la com qualquer tipo de assistência que seria um aborrecimento e uma irritação.

— Não, eu entendo. Vejo que você está certa. Nossa Mary é uma boa menina, mas quem a ensinou a fazer o trabalho doméstico? Nenhuma mãe, e eu na fábrica até que não fosse boa para mais nada, além de repreendê-la por fazer errado o que eu não sabia fazer. Mas desejaria que ela pudesse viver com você, por tudo isso.

— Mas, mesmo que ela não esteja exatamente capacitada para viver conosco como uma criada, e eu não sei nada sobre isso, tentarei ser uma boa amiga para ela por sua causa, Bessy. Agora devo ir. Voltarei novamente assim que puder, mas se não for amanhã, ou o dia seguinte, ou até uma semana ou uma quinzena a partir de hoje, não pense que me esqueci de você. Eu posso estar ocupada.

— Eu sei que você não se esquecerá de mim novamente. Não deixarei de confiar em você, não mais. Mas lembre-se, em uma semana ou uma quinzena, eu posso estar morta e enterrada!

— Virei assim que eu puder, Bessy — disse Margaret, apertando a sua mão. — Mas você irá mandar me informar se estiver pior.

— Sim, isso irei — disse Bessy, apertando de volta a mão de Margaret.

Daquele dia em diante, Mrs. Hale foi se tornando cada vez mais inválida. Aproximava-se o primeiro aniversário do casamento de Edith, e olhando para o ano que passou, para a pilha de problemas acumulados, Margaret perguntava-se como tinham conseguido suportar. Se ela pudesse ter previsto o que aconteceria, teria se esquivado e se escondido do tempo vindouro! E ainda assim, dia após dia tudo havia se tornado mais suportável; em meio a tantos pesares, brilharam pequenos pontos de verdadeira felicidade. Há um ano, quando voltou a Helstone, e tomou conhecimento do aspecto murmurador da personalidade de sua mãe, teria sofrido amargamente com a ideia de suportar uma longa doença, em um lugar estranho, desolado, barulhento e movimentado – ainda mais tendo os confortos domésticos reduzidos em todos os aspectos da

vida familiar. Mas, com o aumento dos motivos para queixa, agora sérios e justificados, um novo tipo de paciência havia surgido na mente de sua mãe. Ela estava gentil e quieta diante do intenso sofrimento físico, quase na mesma proporção que fora impaciente e depressiva, quando não havia motivos reais para sua aflição. Já Mr. Hale estava exatamente naquele estado de apreensão que, em homens de sua espécie, toma a forma de cegueira deliberada. Ficando cada vez mais irritado, como Margaret nunca o vira, quando a filha expressava sua ansiedade.

— De fato, Margaret, você está se tornando fantasiosa! Deus sabe que eu seria o primeiro a ficar alarmado se sua mãe estivesse realmente doente. Nós sempre percebemos quando ela tinha dores de cabeça em Helstone, mesmo que não nos contasse. Ela fica bastante pálida quando está doente, e agora suas bochechas estão coradas e brilhantes, exatamente como eram quando a conheci.

— Mas, papai — disse Margaret, com hesitação. — Sabe, eu acho que é o rubor da dor.

— Bobagem, Margaret. Eu lhe digo, você está imaginando coisas. Quem não está bem é você, penso eu. Mande buscar o médico amanhã para você mesma, e então, se isso acalmar mais a sua mente, ele poderá ver sua mãe.

— Obrigada, querido papai. Isso me fará mais feliz, de fato — e foi até ele dar-lhe um beijo. Mas ele a afastou, gentilmente, porém com firmeza, como se ela houvesse sugerido ideias desagradáveis, das quais lhe agradaria se livrar tão prontamente quanto o fez com a presença dela. Ele caminhava ansiosamente por todo o cômodo.

— Pobre Maria! — disse ele, meio em solilóquio. — Eu queria que fosse possível fazer o que é certo, sem precisar sacrificar

outrem. Hei de odiar esta cidade, e a mim mesmo também, se ela... Diga-me, Margaret, sua mãe conversa frequentemente com você, sobre os antigos lugares de Helstone?

— Não, papai —respondeu Margaret, tristemente.

— Então, veja, ela não pode estar aflita com eles, não é? Sempre foi um conforto para mim, pensar que sua mãe era tão simples e aberta que eu conhecia cada pequeno sofrimento que ela tinha. Ela nunca ocultaria de mim qualquer coisa que afetasse seriamente a saúde dela, não acha, Margaret? Estou muito certo de que ela não faria isso. Então não quero ouvir essas ideias tolas e mórbidas. Venha, me dê um beijo, e vá correndo para sua cama.

Mas ela continuou a ouvi-lo movendo-se pelo cômodo (como um guaxinim, como ela e Edith costumavam dizer) muito depois de ter trocado lentamente de roupa — e muito tempo depois de já ter se deitado.

Capítulo XIV

O motim

“Eu estava acostumada
A dormir à noite tão docemente quanto uma criança, —
Agora se o vento sopra rude, me faz sobressaltar,
E pensar em meu pobre menino se revirando
Sobre os ruidosos mares. E então pereci
Senti o quanto foi difícil tirá-lo de mim
Por tão pequena falta”.
— SOUTHEY.[48]

Foi um consolo para Margaret, naquela época, perceber que sua mãe se aproximou dela, mais ternamente e intimamente, do que já havia feito desde os dias de sua infância. Mrs. Hale tomou-a em seu coração como sua amiga e confidente, um posto que Margaret sempre ansiara ocupar, e invejara Dixon por ser a preferida. A filha esforçava-se diligentemente para atender com empatia a cada apelo da mãe, que eram muitos, até os relacionados a ninharias. Ninharias que ela não haveria notado ou considerado, como um elefante não perceberia um pequeno alfinete preso em sua pata e, ainda assim, a levantaria cuidadosamente a pedido do seu protetor. Margaret aproximara-se de sua recompensa de forma inconsciente.

Uma noite, quando Mr. Hale estava ausente, a mãe começou a falar-lhe sobre seu irmão Frederick, o assunto sobre o qual há muito tempo Margaret ansiava por fazer perguntas, e quase o único em

que sua timidez sobrepujava à sua franqueza natural. Quanto mais desejasse saber sobre ele, menos probabilidade havia de que falasse.

— Oh, Margaret, ventou tanto na noite passada! O uivo do vento descia pela chaminé até o nosso quarto! Não consegui dormir. Nunca consigo quando o vento está tão terrível assim. Adquiri o hábito de acordar à noite desde quando o pobre Frederick foi para o mar; e mesmo agora, embora não desperte de uma vez, sonho que ele está em algum mar tempestuoso, com paredes de ondas nos dois lados de seu navio. As ondas são enormes, transparentes como um vidro esverdeado e bem maiores do que os mastros. Elas curvam-se sobre o navio com aquela espuma branca cruel e terrível, como uma serpente eriçada. É um sonho antigo, que sempre retorna em noites de ventania, até que eu dê graças aos céus por estar acordada, sentada na cama, rígida de terror. Pobre Frederick! Ele agora está em terra, por isso o vento não pode lhe fazer mal algum. Embora eu acredite que possa sacudir e derrubar algumas daquelas altas chaminés.

— Onde está Frederick agora, mamãe? Sei que nossas cartas são endereçadas aos cuidados de Mr. Barbour, em Cádiz[49], mas onde ele está, de verdade?

— Não consigo me lembrar do nome do lugar, mas ele não usa mais o nome Hale; você deve lembrar-se disso, Margaret. Note a presença das iniciais F. D. no canto de suas cartas. Ele agora usa o nome Dickenson. Eu gostaria que ele tivesse adotado o nome Beresford, que é seu por direito, mas seu pai achou melhor que não. Ele poderia ser facilmente reconhecido, você sabe, se usasse o meu nome de solteira.

— Mamãe — disse Margaret —, eu estava na casa de tia Shaw quando tudo aconteceu; e suponho que não fosse madura o suficiente para que me contassem toda a verdade. Mas eu gostaria de saber agora, se a senhora puder me relatar e, se falar sobre esse assunto não lhe causar muito sofrimento.

— Sofrimento?! Não — respondeu Mrs. Hale, com as bochechas ruborizando. — No entanto, me dói pensar que talvez eu nunca mais venha a ver o meu querido menino outra vez. Sei que ele agiu corretamente, Margaret. Podem dizer o que quiserem, mas eu tenho suas próprias cartas como prova. E acreditarei nele, embora ele seja meu filho, antes que qualquer corte marcial[50] na Terra. Vá até o meu pequeno aparador japonês, querida, e na segunda gaveta à esquerda você encontrará um pacote de cartas.

Margaret foi. Lá estavam as cartas, amareladas e manchadas pelo mar, com a peculiar fragrância que tem as cartas vindas do oceano. Margaret as levou de volta para sua mãe, que, desamarrando o barbante de seda com seus dedos trêmulos, e examinando as datas, entregou-as a Margaret para que as lesse. Mrs. Hale fazia, então, comentários apressados e ansiosos sobre seus conteúdos, quase antes que sua filha pudesse entender do que se tratava.

— Veja, Margaret, como ele desgostou do capitão Reid desde o começo. Era o segundo tenente no navio, o Órion, no qual Frederick velejou pela primeira vez. Pobre rapaz, como ficava bem no seu uniforme de aspirante, com o punhal na mão, abrindo todos os jornais como se fosse um corta-papéis! Mas esse Mr. Reid, como era chamado na ocasião, parecia não gostar de Frederick desde o início. E então... Espere! Estas são as cartas que ele escreveu a

bordo do *Russell*. Quando foi designado para esse navio, e descobriu que seu antigo inimigo capitão Reid estava no comando, ele realmente pretendia suportar sua tirania pacientemente. Olhe! É esta a carta. Apenas leia, Margaret. Onde ele diz... Espere... “Meu pai pode confiar em mim, que eu suportarei com justa paciência tudo o que um oficial e cavalheiro possa suportar de outro. Mas, devido ao meu conhecimento prévio do capitão, confesso que aguardo com apreensão uma longa série de tiranias a bordo do *Russell*”. Veja, ele promete suportar pacientemente, e estou certa de que ele o fez, pois era um menino de temperamento mais doce, quando não aborrecido, que poderia existir. É nesta carta que ele fala da impaciência do capitão Reid com a tripulação, por não fazer as manobras do navio tão rapidamente como no *Avenger*? Veja, ele diz que havia muitos novatos a bordo do *Russell*, enquanto o *Avenger* havia estado quase três anos ancorado, com nada a fazer senão manter os escravos afastados, e treinar sua tripulação, até que subissem e descessem dos cordames como ratos ou macacos.

Margaret leu a carta lentamente. Estava meio ilegível pelo esvanecimento da tinta. Devia ser, e provavelmente era, uma declaração da imperiosidade do capitão Reid a respeito de ninharias. Fora muito exagerada pelo narrador, que a escrevera no calor da raiva. Alguns marinheiros estavam no alto, no cordame do mastro principal, e o capitão ordenara que descessem correndo, ameaçando o derradeiro homem com um gato-de-nove-caudas[51]. Aquele que estava mais distante no mastro, sentindo a impossibilidade de ultrapassar seus companheiros, e apavorado com a ideia da flagelação, jogou-se desesperadamente para baixo tentando alcançar uma corda consideravelmente mais baixa.

Falhou, e caiu desacordado no convés, vindo a óbito poucas horas depois, para a indignação da tripulação que estava no seu auge, quando o jovem Hale escreveu sua carta.

— Mas só recebemos essa carta muito tempo depois de havermos tomado conhecimento sobre o motim. Pobre Fred! Ouso dizer que fora um consolo para ele escrevê-la, mesmo que não soubesse como enviá-la, pobre menino! E então vimos um relato nos jornais, quer dizer, muito antes que a carta de Fred nos alcançasse. O relato falava sobre um motim atroz que havia rompido a bordo do Russell, e que os amotinados tomaram posse do navio e fugiram com ele, supostamente para transformá-lo em um navio pirata. Soubemos que o capitão Reid fora enviado à deriva em um bote com alguns homens, oficiais ou algo assim, e que seus nomes foram informados, posto que todos foram resgatados por um navio a vapor das Índias Ocidentais. Oh, Margaret! Como seu pai e eu ficamos doentes com aquela lista, ao constatarmos que o nome de Frederick Hale não estava lá. Pensávamos que pudesse ser algum equívoco, já que o nosso pobre Fred era um rapaz tão bom, apenas um pouco passional. Esperávamos que o nome de Carr na lista, fosse um erro tipográfico para Hale, um descuido do jornal. E antes que o correio chegasse no dia seguinte, seu pai saiu andando até Southampton para comprar os jornais. Eu não conseguia ficar em casa, por isso fui ao seu encontro. Ele estava demorando mais do que o esperado, então, sentei-me junto à cerca para aguardá-lo. Quando finalmente chegou, estava com os braços caídos, a cabeça baixa, e andando pesadamente, como se cada passo fosse um grande esforço. Margaret, parece que o vejo agora.

— Não continue, mamãe. Posso entender tudo — disse Margaret, inclinando-se carinhosamente para a mãe, e beijando sua mão.

— Não, você não pode, Margaret. Ninguém que não o tenha visto poderia. Eu mal pude levantar-me para ir ao seu encontro. De repente, tudo parecia girar ao meu redor. E quando me aproximei, ele não disse nada, nem pareceu surpreso em me ver lá, em Oldham, a pouco mais de três milhas de casa. Colocou meu braço no seu, e ficou acariciando minha mão, como se quisesse me acalmar para receber um pesado golpe. Eu tremia e não conseguia falar. Ele me tomou em seus braços, encostou sua cabeça na minha, e começou a tremer e a chorar com uma voz abafada e murmurada. Fiquei perfeitamente imóvel, aterrorizada, e apenas implorei que me contasse tudo o que ouvira. Ele estendeu sua mão trêmula como se alguém a movesse contra sua vontade, e deu-me o terrível jornal para que eu pudesse ler. Nele, chamavam o nosso Frederick de “traidor da pior espécie”, “uma vil e ingrata desonra para sua classe”. Oh! Não consigo dizer quais palavras ruins eles não usaram. Rasguei o papel em pedacinhos assim que o li... rasguei... Oh! Margaret, creio que o rasguei com meus dentes. Eu não chorei. Não consegui. Minhas bochechas estavam tão quentes quanto o fogo, e meus próprios olhos queimavam em minha cabeça. Vi seu pai olhando sério para mim. Eu disse que era uma mentira, e era mesmo. Meses depois, esta carta veio, e você vê como ele foi provocado. Não foi por si mesmo, nem por suas próprias mágoas, que ele se rebelou. Mas disse o que pensava ao capitão Reid, e assim tudo foi de mal a pior, mas a maioria dos marujos foi leal a Frederick.

— Penso, Margaret — ela continuou, após uma pausa, exausta, com a voz fraca e trêmula. — Fico até alegre com isso, tenho mais orgulho de Frederick por ter se rebelado contra a injustiça, do que se ele houvesse sido apenas um bom oficial.

— Sei que *eu* tenho — disse Margaret, em um tom firme e decidido. — Lealdade e obediência à sabedoria e à justiça são atitudes admiráveis; e é ainda mais admirável desafiar o poder arbitrário usado de modo injusto e cruel. Ele agiu não em benefício próprio, mas em benefício dos mais indefesos.

— Por tudo isso, gostaria de ver Frederick mais uma vez, só uma vez. Ele foi meu primeiro bebê, Margaret.

Mrs. Hale falava pesarosamente, e quase como se justificando pelo seu ardente desejo, como se isso fosse uma depreciação para a filha remanescente. Mas tal ideia nunca cruzou a mente de Margaret. Ela estava pensando em como satisfazer o desejo de sua mãe.

— Isso foi há seis ou sete anos... Será que eles ainda o processariam, mãe? E se ele voltasse e se submetesse a um julgamento, qual seria a punição? Certamente que ele apresentaria evidências de que fora provocado.

— Não seria bom — respondeu Mrs. Hale. — Alguns dos marinheiros que acompanharam Frederick foram apanhados, e levados à corte marcial a bordo do *Amicia*. Acreditei em tudo o que eles disseram em suas defesas, pobres coitados, e tudo condizia com a história de Frederick. Mas não adiantou de nada... — e pela primeira vez durante a conversa, Mrs. Hale começou a chorar. Margaret sentia a necessidade de saber pela mãe a informação que ela já antevia, ou temia que tivesse acontecido.

— O que aconteceu com eles, mamãe?

— Eles foram enforcados no mastro do navio — disse Mrs. Hale, solenemente. — E o pior foi que a corte, ao condená-los à morte, disse que eles se desviaram de seus deveres por causa de seus oficiais superiores.

Elas ficaram em silêncio por um longo tempo.

— E Frederick esteve na América do Sul por muitos anos, não esteve?

— Sim. E agora ele está na Espanha. Em Cádiz, ou algum lugar próximo de lá. Se ele vier para a Inglaterra, será enforcado. Nunca mais verei seu rosto novamente, posto que se ele voltar à Inglaterra, ele será enforcado.

Não havia como confortá-la. Mrs. Hale virou o rosto para a parede, e ficou perfeitamente imóvel em seu desespero de mãe. Nada podia ser dito para consolá-la. Ela tirou a mão de Margaret com um movimento um tanto impaciente, como se ela preferisse ser deixada sozinha com a lembrança de seu filho. Quando Mr. Hale entrou, Margaret saiu, oprimida pela melancolia, e sem conseguir enxergar nenhuma perspectiva de claridade em seu horizonte sombrio.

Capítulo XV

Mestres e Homens

“Pensamento briga com pensamento:
para fora pula uma faísca de verdade
Da colisão da espada e escudo”.
— W. S. LANDOR.[52]

— Margaret — disse seu pai no dia seguinte —, precisamos retribuir a visita de Mrs. Thornton. Sua mãe não está muito bem, e pensa que não pode caminhar muito longe, mas você e eu iremos esta tarde.

Enquanto eles iam, Mr. Hale começou a falar sobre a saúde de sua esposa, com um tipo de ansiedade velada, que Margaret estava alegre em ver, finalmente, despertada.

— Você consultou o médico, Margaret? Você o mandou buscar?

— Não, papai, o senhor falou sobre ele vir me ver, mas eu estava bem. Se eu ao menos conhecesse algum bom médico, eu lhe pediria que viesse hoje ainda, pois estou certa de que mamãe está seriamente indisposta.

Ela colocou a verdade assim clara e fortemente, porque seu pai havia tão completamente fechado sua mente contra a ideia, quando ela havia citado seus medos da última vez. Mas agora o caso estava mudando. Ele respondeu em um abatido tom: — Você pensa que ela tem alguma reclamação escondida, Margaret? Você acha que

ela esteja realmente muito doente? Dixon disse alguma coisa? Oh, Margaret! Estou assombrado pelo medo de que nossa vinda para Milton a tenha matado. Minha pobre Maria!

— Oh, papai! Não imagine tais coisas — disse Margaret, chocada. — Ela não está bem, isso é tudo. Muitos não ficam bem por um tempo; e, com boa orientação médica, ficam melhores e mais fortes do que nunca.

— Mas Dixon disse qualquer coisa sobre ela?

— Não! O senhor sabe que Dixon gosta de fazer mistério com ninharias; e ela tem estado um pouco misteriosa sobre a saúde de mamãe, o que muito me tem alarmado, isso é tudo. Sem qualquer razão, ouso dizer. O senhor sabe, papai, o senhor disse outro dia que eu estava ficando fantasiosa.

— Espero e confio que você esteja. Mas não pense mais sobre o que eu disse naquele dia. Gosto que você seja fantasiosa sobre a saúde de sua mãe. Não tenha medo de me contar suas fantasias. Gosto de ouvi-las, embora, ouso dizer, falei como se eu estivesse aborrecido. Mas perguntaremos a Mrs. Thornton se ela pode nos indicar um bom médico. Não jogaremos fora nosso dinheiro em qualquer um senão alguém de primeira posição. Espere, vamos dobrar nesta rua.

Não parecia conter na rua qualquer casa grande o suficiente para a habitação de Mrs. Thornton. Seu filho nunca dera qualquer impressão quanto ao tipo de casa na qual ele vivia; mas, inconscientemente, Margaret havia imaginado que aquela alta, sólida e lindamente vestida Mrs. Thornton devesse viver em uma casa do mesmo caráter dela mesma. Agora Marlborough Street consistia em longas fileiras de pequenas casas, com uma parede

branca aqui e ali; pelo menos isso era tudo o que eles podiam ver do ponto no qual eles entraram.

— Ele me contou que morava em Marlborough Street, tenho certeza — disse Mr. Hale, com um ar muito perplexo.

— Talvez seja uma das economias que ele ainda pratica, morar em uma casa muito pequena. Mas aqui há muitas pessoas passando; deixe-me perguntar.

Ela então perguntou a um transeunte, e foi informada de que Mr. Thornton morava próximo à fábrica, e teve a porta do pavilhão apontada para ela, ao fim da longa e maciça parede que eles tinham notado.

A porta do pavilhão era como um portão de jardim comum; em um lado dele estavam portões fechados para a entrada e saída de vagonetas e vagões. O porteiro do pavilhão os admitiu a um grande oblongo pátio, onde havia em um lado escritórios para a transação de negócios; no oposto, uma imensa fábrica cheia de janelas, de onde prosseguia o contínuo estrépito de maquinário e o longo e murmurado rugido da máquina a vapor, suficiente para ensurdecer aqueles que moravam próximo ao anexo. Oposto à parede, adjacente à rua corrida, em um dos lados estreitos do oblongo, estava uma bela casa abobadada em pedra, enegrecida, certamente, pela fumaça, mas com tinta, janelas e degraus mantidos escrupulosamente limpos. Era evidentemente uma casa que havia sido construída há uns cinquenta ou sessenta anos. Os revestimentos de pedra — as longas e estreitas janelas, e a quantidade delas — os lances de degraus até a porta da frente, ascendendo de cada um dos dois lados, e guardados por corrimões, tudo testemunhava sua idade. Margaret apenas se perguntava por

que pessoas que podiam custear uma morada em tão boa casa, e mantê-la em tão perfeita ordem, não preferiam uma habitação muito menor no interior, ou até mesmo em algum subúrbio; não no contínuo turbilhão e estampido da fábrica.

Seus desacostumados ouvidos mal podiam capturar a voz de seu pai, enquanto eles ficaram parados nos degraus aguardando a abertura da porta. O pátio, também com grandes portões na parede maciça que limitava o terreno, era senão uma sombria perspectiva para as salas de visitas da casa — como Margaret descobriu quando eles tinham subido a antiquada escadaria, e sido introduzidos na sala de visitas, cujas três janelas se situavam sobre a porta de entrada e o cômodo ao lado direito da casa. Não havia ninguém na sala de visitas. Parecia como se ninguém houvesse estado nela desde o dia em que a mobília fora coberta, com tanto cuidado quanto se a casa estivesse para ser submersa por lava, e descoberta mil anos depois. As paredes eram rosa e dourado; o padrão no carpete representava buquês de flores em um claro chão, mas foi cuidadosamente coberto no centro por uma alfombra de linho, acetinada e sem cor. As cortinas eram de renda; cada cadeira e sofá tinha sua própria cobertura de tecido ou tricô. Grandes grupos de alabastro ocupavam cada superfície plana, a salvo de poeira sob suas sombras de vidro. No meio do cômodo, logo abaixo do candelabro empacotado, estava uma grande mesa circular, com livros inteligentemente encadernados e arranjados em intervalos regulares ao redor da circunferência de sua polida superfície, como coloridos travões de uma roda. Tudo refletia luz, nada a absorvia. Todo o cômodo tinha uma aparência dolorosamente aflitiva, cintilada, sarapintada, que impressionou Margaret tão

desagradavelmente que ela mal era consciente da peculiar limpeza requerida para manter tudo tão branco e puro em tal atmosfera, ou do trabalho que deveria ser voluntariamente despendido para assegurar aquele efeito de desconforto gélido, glacial. Para onde quer que ela olhasse havia evidência de cuidado e labor, mas não para obter conforto ou contribuir para os hábitos de tranquila ocupação de um lar; apenas para ornamentar e para preservar o ornamento da sujeira ou destruição.

Eles tiveram tempo para observar, e para falar um ao outro em vozes baixas, antes que Mrs. Thornton aparecesse. Eles estavam conversando sobre o que todo o mundo podia ouvir, mas era um efeito comum em uma sala como aquela, fazer com que as pessoas falassem baixo, como se indispostas a despertar estranhos ecos.

Finalmente Mrs. Thornton entrou, farfalhando em sua bela seda negra, assim como lhe era afeito; suas musselinas e rendas rivalizando, mas não excedendo, a pura brancura das musselinas e tules do cômodo. Margaret explicou como foi que sua mãe não os pôde acompanhar para retribuir a visita, mas em sua ansiedade para não trazer de volta os medos de seu pai tão vividamente, ela deu senão um confuso relato, e deixou a impressão na mente de Mrs. Thornton de que a indisposição de Mrs. Hale era alguma temporária ou fantasiosa indisposição de damas finas, que poderia ser colocada de lado, houvesse existido um motivo forte o suficiente; ou que, se fosse demasiado severo para que permitisse que ela saísse de casa àquele dia, a visita poderia haver sido deferida. Lembrando-se, também, dos cavalos da carruagem dela, contratados para sua própria visita aos Hales, e de como Fanny havia sido ordenada a ir por Mr. Thornton, a fim de prestar-lhes seus

respeitos, Mrs. Thornton sentiu-se ligeiramente ofendida, e não ofereceu a Margaret nenhuma empatia — de fato, não deu qualquer crédito pela declaração da indisposição de sua mãe.

— Como está Mr. Thornton? — perguntou Mr. Hale. — Eu temia que ele não estivesse bem, por seu apressado bilhete de ontem.

— Meu filho raramente fica doente; e quando fica, nunca fala sobre isso, ou faz disso uma desculpa para não fazer qualquer coisa. Ele me contou que não poderia conseguir tempo para ler com o senhor hoje à noite. Ele lamentou isso, estou certa, pois ele valoriza as horas passadas com o senhor.

— Certamente elas são igualmente agradáveis a mim — respondeu Mr. Hale. — Faz-me sentir jovem novamente ver o prazer e sua apreciação de tudo o que é fino na literatura clássica.

— Não tenho dúvida de que os clássicos são muito desejáveis para pessoas que têm tempo. Mas, confesso, foi contra meu julgamento que meu filho renovou esse estudo. O tempo e lugar em que ele vive, a mim parecem requerer toda sua energia e atenção. Clássicos podem ser muito bons para homens que desperdiçam suas vidas no interior ou em universidades; mas os homens de Milton devem ter seus pensamentos e poderes absortos no trabalho de hoje. Pelo menos, essa é minha opinião — esta última cláusula ela deu com *“o orgulho que macaqueia a humildade”*[53].

— Mas, certamente, se a mente fica por muito tempo dirigida a um objeto apenas, ficará tesa e rígida, e incapaz de assimilar muitos interesses — disse Margaret.

— Não entendo bem o que a senhorita quer dizer com uma mente tornar-se tesa e rígida. Nem admiro essas personalidades

inconstantes que se prestam totalmente a uma coisa hoje, para tornar-se absolutamente esquecida dela em seu novo interesse de amanhã. Ter muitos interesses não cabe à vida de um industrial de Milton. É suficiente, ou deveria ser, que ele tivesse apenas um grande objetivo, e dedicasse todos os seus esforços para impulsionar sua realização.

— E o objetivo é...? — perguntou Mr. Hale.

Seu pálido rosto ruborizou e seus olhos se acenderam, enquanto ela respondia: — Obter e manter um alto e honrável lugar entre os mercantes de seu país, e entre os homens de sua cidade. Tal lugar meu filho conseguiu por si mesmo. Vá onde o senhor quiser, não digo na Inglaterra apenas, mas na Europa, o nome de John Thornton de Milton é conhecido e respeitado entre todos os homens de negócios. É claro, mas é desconhecido nos circuitos elegantes e da moda — ela acrescentou, desdenhosamente: — Cavalheiros e damas desocupados não são prováveis de saber muito de um manufator de Milton, a menos que ele entre para o Parlamento, ou case-se com a filha de um lorde.

Ambos, Mr. Hale e Margaret, sentiram-se desconfortáveis e grotescamente conscientes de que nunca tinham ouvido falar de seu grande nome, até que Mr. Bell lhes houvesse escrito dizendo que Mr. Thornton seria um bom amigo para se ter em Milton. O mundo da orgulhosa mãe não era o mundo deles, as aristocracias de Harley Street de um lado; dos clérigos do interior e proprietários de terra de Hampshire de outro. O rosto de Margaret, a despeito de todos os seus esforços para mantê-lo simplesmente como ouvinte, acabou por revelar à sensível Mrs. Thornton estes pensamentos e sentimentos.

— Penso que a senhorita nunca ouviu deste meu maravilhoso filho, Miss Hale. A senhorita pensa que sou uma mulher velha, cujas ideias são pautadas por Milton, e que acha que seu pequeno corvo é o mais branco já visto.

— Não — disse Margaret, com algum ânimo. — Pode ser verdade que eu estivesse pensando que mal ouvi o nome de Mr. Thornton antes que eu viesse para Milton. Mas, desde que cheguei aqui, tenho ouvido o suficiente para fazer-me respeitá-lo e admirá-lo, e para sentir quanta justiça e verdade há no que a senhora disse dele.

— Quem falou à senhorita dele? — perguntou Mrs. Thornton, um pouco molificada, ainda assim ciumenta, com receio de que as palavras de qualquer pessoa não lhe devessem fazer plena justiça. Margaret hesitou antes que ela respondesse. Não gostava desse questionamento autoritário. Mr. Hale veio em seu auxílio, assim ele pensava.

— Foi o próprio Mr. Thornton que nos fez saber o tipo de homem que ele era. Não foi, Margaret?

Mrs. Thornton empertigou-se, e disse:

— Meu filho não é de contar seus próprios feitos. Devo lhe perguntar novamente, Miss Hale, com base em que relato a senhorita formou sua favorável opinião dele? Uma mãe é curiosa e voraz na sua admiração pelos filhos, a senhorita sabe.

Margaret respondeu: — Foi tanto pelo que o próprio Mr. Thornton reteve de si mesmo, a respeito do que nos havia sido contado de sua vida por Mr. Bell. Foi mais por isso, do que de alguma coisa que ele mesmo houvesse dito, que nós todos sentimos quanta razão a senhora tem para ter orgulho dele.

— Mr. Bell! O que ele pode saber de John? Ele, vivendo uma preguiçosa vida em uma apática universidade. Mas fico agradecida à senhorita, Miss Hale. Muitas jovens senhoritas haver-se-iam encolhido por dar a uma velha senhora o prazer de ouvir que se falou bem de seu filho.

— Por quê? — perguntou Margaret, olhando diretamente para Mrs. Thornton, em perplexidade.

— Por quê?! Porque suponho que elas devam ter escrúpulos em mostrar a uma velha mãe, quão certamente elas estariam fazendo uma defensora, caso elas tivessem quaisquer planos sobre o coração do filho.

Ela deu um sorriso austero, pois havia sido agradada pela franqueza de Margaret; e talvez ela sentisse que ela havia estado fazendo perguntas demais, como se ela tivesse o direito de interrogá-la. Margaret riu-se abertamente da noção apresentada a ela; riu tão alegremente que agrediu aos ouvidos de Mrs. Thornton, como se as palavras que tivessem suscitado aquela risada, devessem ter sido absoluta e inteiramente ridículas. Margaret parou sua hilaridade tão logo viu o olhar aborrecido de Mrs. Thornton.

— Peço-lhe perdão, madame. Mas eu realmente fico muito agradecida à senhora por exonerar-me de fazer quaisquer planos sobre o coração de Mr. Thornton.

— Jovens damas já o fizeram antes de agora — disse Mrs. Thornton, rigidamente.

— Espero que Miss Thornton esteja bem — acrescentou Mr. Hale, desejoso de mudar o curso da conversa.

— Ela está bem como ela sempre está. Ela não é forte — respondeu Mrs. Thornton, curtamente.

— E Mr. Thornton? Suponho que eu possa esperar vê-lo na quinta-feira?

— Não posso responder pelos compromissos de meu filho. Há algum desconfortável trabalho acontecendo na cidade; a ameaça de uma greve. Se for verdade, a experiência e julgamento dele o farão muito consultado pelos amigos dele. Mas devo pensar que ele poderá ir na quinta-feira. De qualquer forma, estou certa de que ele lhe informará se não puder.

— Uma greve? — perguntou Margaret. — Para quê? Para que eles vão entrar em greve?

— Pelo domínio e posse da propriedade de outras pessoas — respondeu Mrs. Thornton, com um feroz resfôlego. — Isso é pelo que eles sempre entram em greve. Se os operários de meu filho entrarem em greve, apenas direi que eles são um bando de cães de caça ingratos. Mas não tenho dúvidas de que eles entrarão.

— Eles estão querendo maiores salários, suponho? — perguntou Mr. Hale.

— Isso é a face da coisa. Mas a verdade é, eles querem ser mestres, e tornar os patrões escravos em seu próprio terreno. Eles estão sempre tentando isso. Sempre têm em suas mentes e, a cada cinco ou seis anos, lá vem uma batalha entre mestres e operários. Eles vão se descobrir equivocados dessa vez, imagino eu, vão ver que as coisas são diferentes do que calcularam. Se eles deixarem o trabalho, descobrirão que não será tão fácil entrar novamente. Creio eu, os mestres têm uma coisa ou duas em suas cabeças que ensinarão esses homens a não entrarem em greve novamente com pressa, se eles tentarem dessa vez.

— Isso não vai deixar a cidade numa desordem? — perguntou Margaret.

— É claro que vai. Mas certamente a senhorita não é uma covarde, é? Milton não é o lugar para covardes. Lembro-me de um tempo quando tive que fazer meu caminho através de uma multidão de homens brancos e raivosos, todos jurando que teriam o sangue de Makinson assim que ele se atrevesse a mostrar seu nariz fora da sua fábrica; e ele, nada sabendo disso; alguém tinha que ir e contar a ele, ou ele seria um homem morto, e era necessário que fosse uma mulher, então eu fui. E quando eu havia entrado, não pude sair. Era como se valesse a minha vida. Então fui ao telhado, onde havia pedras empilhadas prontas para cair nas cabeças da multidão, se eles tentassem forçar as portas da fábrica. E eu haveria levantado aquelas pesadas pedras, e as derrubado com mira tão boa quanto a do melhor homem lá, mas desmaiei com o calor pelo qual eu havia passado. Se a senhorita mora em Milton, deve aprender a ter um valente coração, Miss Hale.

— Eu faria o meu melhor possível — respondeu Margaret, bastante pálida. — Não sei se sou valente, ou não, até que eu seja testada, mas temo que possa ser uma covarde.

— As pessoas do Sul que vivem no campo ficam frequentemente assustadas com aquilo que nossos homens e mulheres de Darkshire chamam apenas de viver e batalhar. Mas quando se passa dez anos entre um povo, que está sempre devendo rancor aos seus melhores, e apenas esperando por uma oportunidade para pagar, a senhorita saberá se é uma covarde ou não, tome minha palavra.

Mr. Thornton foi àquela noite à casa de Mr. Hale. Foi levado até a sala de visitas, onde Mr. Hale estava lendo em voz alta para sua esposa e filha.

— Venho em parte para trazer-lhe uma nota de minha mãe, e em parte para me desculpar por não cumprir meu tempo de ontem. A nota contém o endereço o qual a senhorita pediu, do Dr. Donaldson.

— Obrigada! — disse Margaret, apressadamente, estendendo a sua mão para tomar a nota, pois ela não queria que sua mãe ouvisse que eles tinham feito qualquer inquérito sobre um médico. Ficou contente ao ver que Mr. Thornton pareceu compreender imediatamente o seu sentimento. Deu-lhe a nota sem qualquer outra palavra ou explicação. Mr. Hale começou a falar sobre a greve. O rosto de Mr. Thornton assumiu uma expressão semelhança à pior feição de sua mãe, que imediatamente repeliu a espectadora Margaret.

— Sim; os tolos farão uma greve. Deixe-os. Para nós está muito bem. Mas nós lhes demos uma chance. Eles pensam que o comércio está próspero como estava no ano passado. Vemos a tempestade no horizonte e recolhemos nossas velas. O senhor pode perguntar, talvez, por que não explicamos as nossas razões; eles não acreditam que estejamos agindo razoavelmente. Devemos dar-lhes explicações de como escolhemos gastar ou economizar nosso dinheiro? Henderson tentou se esquivar dos homens dele, em Ashley, e falhou. Ele muito queria uma greve; haveria cabido muito bem ao livro dele. Então, quando os homens vieram pedir pelos cinco por cento que eles estão reivindicando, ele lhes disse que pensaria sobre isso, e dar-lhes-ia resposta no dia do pagamento;

sabendo o tempo todo qual seria a sua resposta, é claro, mas pensando que ele fortaleceria a presunção deles à sua própria maneira. Contudo, eles foram mais espertos, e ouviram algo sobre as péssimas perspectivas do comércio. Então eles entraram na sexta-feira e recuaram de sua reivindicação, e agora eles são obrigados a continuarem trabalhando. Mas nós, os patrões de Milton, tomamos hoje a nossa decisão. Não avançaremos um penny. Vamos dizer-lhes que, talvez, tenhamos que reduzir os salários, mas não podemos custear um aumento. Então aqui estamos, esperando pelo próximo ataque deles.

— E qual será? — perguntou Miss Hale.

— Conjecturo eu, uma greve simultânea. A senhorita verá Milton sem fumaça em poucos dias, imagino eu, Miss Hale.

— Mas por quê? — perguntou ela. — O senhor não poderia explicar que boa razão o senhor tem para esperar maus negócios? Não sei se uso as palavras certas, mas o senhor entenderá o que quero dizer.

— A senhorita dá a seus serviçais razões para suas despesas, ou sua economia no uso do seu próprio dinheiro? Nós, donos do capital, temos o direito de escolher o que faremos com ele.

— Um direito humano — disse Margaret, muito baixo. — Peço-lhe perdão, não ouvi o que a senhorita disse.

— Peço-lhe perdão, não ouvi o que a senhorita disse.

— Eu preferiria não repetir — disse ela. — Foi relacionado a um sentimento com o qual não penso que o senhor partilharia.

— A senhorita não tentará? — pleiteou ele; os pensamentos dele repentinamente se dirigiram a apreender o que ela havia dito.

Ela ficou incomodada com a insistência dele, mas não escolheu dar muita importância às suas palavras.

— Eu disse que o senhor tem um direito humano. Quis dizer que não parecia haver razões, senão religiosas, pelas quais o senhor não deveria fazer o que quer com seus próprios recursos.

— Sei que diferimos em nossas opiniões religiosas, mas a senhorita não me dá crédito por ter alguma, embora não a mesma que a sua?

Ele estava falando em uma suave voz, como se para ela apenas. Ela não desejava ser assim exclusivamente abordada. Ela respondeu em seu usual tom:

— Não penso que eu tenha qualquer ocasião para considerar suas especiais opiniões religiosas no assunto. Tudo o que eu quis dizer foi, que não há lei humana para impedir que os empregadores absolutamente desperdicem ou joguem fora todo seu dinheiro, se eles quiserem; mas há passagens na Bíblia que bastante implicariam, pelo menos para mim, que eles negligenciaram seus deveres como administradores, se assim o fizessem. Contudo, conheço tão pouco sobre greves, e taxas de salários, e capital, e trabalho, que é melhor que eu não converse com um economista político como o senhor.

— Melhor ainda, mais razão a senhorita tem — disse ele, avidamente. — Hei apenas de ficar muito feliz em explicar para a senhorita tudo o que pode parecer anômalo ou misterioso a um estranho; especialmente em uma época como esta, quando nossos feitos certamente serão debatidos por qualquer rabiscador que possa segurar uma pena.

— Obrigada — respondeu ela, friamente. — É claro, hei de solicitar ao meu pai em primeira instância por qualquer informação que ele possa me dar, se eu ficar confusa em morar aqui no meio desta estranha sociedade.

— A senhorita a pensa estranha. Por quê?

— Não sei... suponho que seja porque vejo duas classes dependentes uma da outra, em toda forma possível, ainda assim cada uma evidentemente considerando os interesses da outra como opostos aos seus próprios. Nunca morei em um lugar antes onde houvesse dois conjuntos de pessoas sempre criticando um ao outro.

— Quem a senhorita ouviu criticando os mestres? Não estou perguntando se a senhorita já viu alguém abusando dos homens; pois vejo que a senhorita persiste em entender mal o que eu disse no outro dia. Mas de quem a senhorita ouviu crítica aos patrões?

Margaret ruborizou; então sorriu enquanto disse:

— Não sou afeita a ser catequizada. Recuso-me a responder à sua pergunta. Além disso, não tem nada a ver com o fato. O senhor deve tomar minha palavra de que tenho ouvido algumas pessoas, ou, pode ser, apenas um dos operários falar como se fosse do interesse dos empregadores evitar que eles ganhassem dinheiro... pois isso os tornaria muito independentes se eles tivessem uma soma de poupança no banco.

— Ouso dizer que foi aquele homem Higgins que lhe contou tudo isso — disse Mr. Hale. Mr. Thornton não pareceu ouvir o que Margaret evidentemente não queria que ele soubesse. Mas ele ouviu, ainda assim.

— Ouvi, além disso, que era considerada vantagem para os mestres manterem operários ignorantes, não advogados

incompetentes, como o capitão Lennox costumava chamar aqueles homens em sua companhia que questionavam e queriam saber a razão de qualquer coisa.

Esta última parte da frase ela dirigiu mais ao seu pai do que a Mr. Thornton. — Quem é capitão Lennox? — perguntou Mr. Thornton, com um estranho tipo de desprazer, que o impediu por um momento de responder a ela! Seu pai retomou a conversação.

— Você nunca foi afeita a escolas, Margaret, ou você haveria visto e conhecido, antes disso, quanto está sendo feito pela educação em Milton.

— Não! — disse ela, com repentina mansidão. — Sei que não me importo o suficiente com as escolas. Mas o conhecimento e a ignorância da qual eu estava falando, não se relacionam a ler e escrever, ou ensino ou informação que se pode dar a uma criança. Estou certa de que o que foi pretendido dizer, foi a ignorância da sabedoria que há de guiar homens e mulheres. Eu mal sei o que isso significa. Mas ele, isto é, meu informante fala como se os mestres quisessem que seus operários fossem meramente iguais a uma criança, grande e forte, vivendo apenas o momento presente, com uma obediência cega e irracional.

— Em suma, Miss Hale, é muito evidente de que seu informante encontrou uma ouvinte muito pronta para toda a difamação que ele escolheu proferir contra os mestres — disse Mr. Thornton, em um tom ofendido.

Margaret não respondeu. Ela estava desagradada com o caráter pessoal que Mr. Thornton havia conferido ao que ela dissera.

Mr. Hale falou em seguida:

— Devo confessar que, embora eu não me tenha tornado tão intimamente familiarizado com quaisquer operários como Margaret tem, estou demasiado atingido pelo antagonismo entre o empregador e o empregado, na própria superfície das coisas. Até concluo essa impressão pelo que o senhor mesmo tem dito de tempo em tempo.

Mr. Thornton fez uma pausa antes que falasse. Margaret havia acabado de deixar o cômodo, e ele estava vexado com o estado de sentimento entre ele mesmo e ela. Contudo, o pequeno aborrecimento, tornando-o mais frio e mais pensativo, deu uma maior dignidade ao que ele disse:

— Minha teoria é de que meus interesses são idênticos àqueles de meus operários e vice-versa. Miss Hale, eu sei, não gosta de ouvir homens serem chamados de “mão de obra”, então não usarei essa expressão, embora ela me venha mais prontamente aos lábios como o termo técnico, cuja origem, qualquer que tenha sido, data de antes do meu tempo. Em algum dia futuro, em algum milênio, na utopia, essa unidade possa ser trazida à prática, do mesmo modo como posso imaginar uma república a forma mais perfeita de governo.

— Leremos A República, de Platão, assim que terminarmos Homero.

— Bem, na era platônica, podia acontecer que todos, homens, mulheres e crianças, fossem aptos para uma república, mas, em nosso presente estado de moral e inteligência, prefiro uma monarquia constitucional. Em nossa infância requeremos um sábio despotismo para nos governar. De fato, muito passada a infância, crianças e jovens são mais felizes sob as infalíveis leis de uma

discreta e firme autoridade. Concordo com Miss Hale ao ponto de considerar nossas pessoas na condição de crianças, enquanto nego que nós, os mestres, temos qualquer coisa a ver com fazê-las ou mantê-las assim. Mantenho que o despotismo é o melhor tipo de governo para eles; tanto que nas horas nas quais entro em contado com eles devo necessariamente ser um autocrata. Usarei minha maior sabedoria, sem nenhum embuste ou sentimento filantrópico, do qual temos tido muito no Norte, para fazer normas sensatas e tomar justas decisões na condução do meu negócio; normas e decisões que venham primeiro em meu próprio benefício e no deles em segundo lugar. Mas não serei forçado a justificar as minhas razões, nem recuarei daquilo que já tenho declarado ser minha resolução. Deixe que eles parem de trabalhar, se optarem pela greve! Hei de sofrer tanto quanto eles, mas ao final eles descobrirão que não tenho mitigado ou alterado um jota.

Margaret havia reentrado no cômodo e estava sentada com seu trabalho, mas ela não falou. Mr. Hale respondeu: — Ouso dizer que estou falando em grande ignorância, mas a partir do pouco que sei, eu deveria dizer que as massas estavam já passando rapidamente para o trabalhoso estágio que intervém entre a infância e a vida adulta, tanto na vida social quanto na individual. Agora, o erro que muitos pais cometem no tratamento do indivíduo nessa época, é insistir na mesma irracional obediência como quando tudo o que ele tinha a fazer era obedecer às leis simples, como: “Venha quando for chamado” e “Faça o que lhe mandam!” Mas um sábio pai estimula o desejo de ação independente, de forma a tornar-se o amigo e o conselheiro quando seu absoluto governo deverá cessar. Se eu

estiver errado em meu raciocínio, lembre-se, foi o senhor quem adotou a analogia.

— Muito recentemente — disse Margaret — ouvi uma história do que aconteceu em Nuremberg[54] apenas três ou quatro anos atrás. Um homem rico lá vivia sozinho em uma das imensas mansões que foram anteriormente tanto moradias quanto armazéns. Foi relatado que ele teve um filho, mas ninguém sabia disso ao certo. Por quarenta anos esse rumor continuou aumentando e diminuindo, nunca absolutamente morrendo. Após a morte desse homem, descobriu-se ser verdade. Ele tivera um filho, um homem bastante crescido, mas com o intelecto não exercitado de uma criança, que ele havia criado naquele estranho modo[55], a fim de salvá-lo da tentação e do erro. Mas, é claro, quando essa grande e velha criança foi solta no mundo, cada mau conselheiro tinha poder sobre ele. Ele não sabia diferenciar o bem do mal. Seu pai havia cometido o disparate de criá-lo na ignorância e tomá-la por inocência; e após catorze meses de tumultuosa vivência, as autoridades da cidade tiveram que tomar conta dele, a fim de salvá-lo da fome. Ele não sabia sequer usar palavras efetivamente suficientes para ser um pedinte de sucesso[56].

— Usei a comparação (sugerida por Miss Hale) da posição do mestre àquela de um pai; então não devo queixar-me de a senhorita transformar a semelhança em uma arma contra mim. Mas, Mr. Hale, quando o senhor estava construindo um pai sábio como um modelo para nós, o senhor disse que ele cedia a seus filhos em seu desejo de ação independente. Agora, certamente, não chegou o momento de a mão de obra ter alguma independência de ação durante as horas de trabalho; eu mal sei o que o senhor quis dizer com isso,

então. E eu digo que os patrões estão abrindo caminho para a independência dos seus empregados de uma maneira que, eu pelo menos, não deveria sentir-me justificado por fazer, se nós interferíssemos muito com a vida que eles levam fora das fábricas. Só porque eles trabalham dez horas por dia para nós, não vejo que temos qualquer direito de impor orientação e um controle sobre aquilo que eles fazem do resto de seu tempo. Valorizo minha própria independência tão altamente que não posso imaginar degradação maior do que aquela de ter outro homem perpetuamente me dirigindo, e aconselhando e censurando, ou até planejando, muito proximamente, de qualquer forma as minhas ações. Ele pode ser o mais sábio dos homens, ou o mais poderoso, eu deveria igualmente me rebelar e me ressentir dessa interferência. Imagino que esse seja um sentimento tão forte no Norte da Inglaterra quanto no Sul.

— Peço-lhe perdão, mas isso não acontece justamente porque não existe igualdade da amizade entre as classes conselheiras e aconselhadas? Porque cada homem tem que se manter em uma posição isolada e anticristã, separado de seu irmão e invejoso dele, e constantemente com medo de seus direitos serem entrincheirados?

— Estou apenas reconhecendo um fato. Bem, Mr. Hale, lamento dizer, mas tenho um compromisso às oito horas, e devo apenas tomar os fatos como os encontrei hoje à noite, sem tentar explicá-los. Da forma como as coisas se encontram, isso certamente não fará nenhuma diferença na determinação de como agir... Os fatos devem ser aceitos.

— Mas — disse Margaret, em uma voz baixa — parece para mim que faz toda a diferença no mundo...

Seu pai fez um sinal para que ela ficasse em silêncio e permitisse que Mr. Thornton concluísse o que ele tinha a dizer. Ele já estava levantando-se e preparando-se para sair.

— A senhorita deve me conceder este único ponto. Dado um forte sentimento de independência em cada homem de Darkshire, tenho eu qualquer direito de impor minhas visões, da maneira na qual ele há de agir, sobre outro (odiando isso como eu mesmo veementemente deveria), meramente porque ele tem trabalho a vender e eu capital a comprar?

— De modo nenhum! — disse Margaret, determinada a dizer apenas isso. — De modo nenhum por causa de suas posições de trabalho e capital, quaisquer que elas sejam, mas porque o senhor é um homem, lidando com um conjunto de homens sobre os quais o senhor tem, quer o senhor rejeite o uso disso ou não, imenso poder, apenas porque suas vidas e seu bem-estar são tão constantemente e intimamente entremeados. Deus nos tem feito de forma que nós devamos ser mutuamente dependentes. Podemos ignorar nossa própria dependência, ou recusar reconhecer que outros dependem de nós em mais aspectos do que o pagamento de salários semanais; não obstante, as coisas são assim. Nem o senhor nem qualquer outro mestre podem ajudar a si mesmos. O homem mais orgulhosamente independente depende daqueles ao redor dele para suas insensíveis influências sobre o seu caráter e sua vida. E o mais isolado de todos os egos de Darkshire, de vocês, tem dependentes pendurados por todos os lados. E não pode livrar-se deles, sacudi-los, espantá-los, não mais do que um grande rochedo não pode espantar...

— Rogo que não faça comparações, Margaret; você já nos confundiu uma vez — disse seu pai, sorrindo, ainda que desconcertado com o pensamento de que eles estivessem detendo Mr. Thornton contra a vontade dele, o que era um engano, pois ele preferia ficar, desde que Margaret pudesse falar, embora o que ela dissesse apenas o irritasse.

— Apenas me diga, Miss Hale, a senhorita já foi alguma vez influenciada... não, esse não é um modo justo de colocar isso. Mas, digamos, se a senhorita está sempre consciente de ser influenciada por outros, e não pelas circunstâncias, esses outros estariam agindo direta ou indiretamente? Têm eles estado trabalhando no sentido de estimular, de pressionar, de comandar, de agir corretamente pelo bem do exemplo, ou têm sido eles homens simples e verdadeiros, assumindo seu dever, e fazendo-o corajosamente, sem um pensamento de como suas ações poderiam transformar um homem industrioso, ou promover a sua salvação? Ora, se eu fosse um operário, eu deveria ficar vinte vezes mais impressionado pelo conhecimento de que meu mestre era honesto, pontual, rápido, resoluto em todos os feitos dele (e os trabalhadores são espiões mais aguçados que valetes), do que por qualquer quantidade de interferência, quão bondosa tenha sido sua intenção, sobre meus modos de agir fora das horas de trabalho. Não costumo pensar muito proximamente sobre aquilo que eu mesmo não sou; mas creio que conto com a direta honestidade de minhas mãos, e com a franqueza da oposição delas, em distinto contraste com o modo no qual a produção seja gerenciada em algumas fábricas, apenas porque eles sabem que eu desprezo tirar alguma vantagem desonrosa, ou mesmo fazer algo de forma oculta. Vai além de um

curso inteiro de palestras sobre “Honestidade é a Melhor Política”, que é a vida diluída em palavras. Não, não! O que o mestre é, isso serão os empregados, mesmo que não haja pensamento por parte dele.

— Essa é uma grande admissão — disse Margaret, rindo. — Quando vejo homens violentos e obstinados à procura de seus direitos, posso seguramente inferir que o patrão é assim também, que ele ignora um pouco aquele espírito sofredor, e é benigno, e não busca os seus interesses[57].

— A senhorita é apenas igual a todos os estranhos que não entendem o funcionamento de nosso sistema, Miss Hale — disse ele, apressadamente. — A senhorita supõe que nossos homens sejam marionetes de massa, prontos para serem moldados em qualquer forma amável que nos agrade. A senhorita esquece que temos apenas a ver com eles por menos de um terço de suas vidas; e a senhorita parece não perceber que os deveres de um industrial são muito maiores e mais amplos do que aqueles meramente de um empregador: temos um amplo caráter comercial para manter, que nos transforma nos grandes pioneiros da civilização.

— Parece-me — disse Mr. Hale, sorrindo — que o senhor pode ser um pouco pioneiro em sua própria casa. Eles são um grupo de homens duros, bárbaros; um conjunto de indivíduos idólatras, estes seus homens de Milton.

— Eles são isso — respondeu Mr. Thornton. — Cirurgia de água de rosa[58] não bastará para eles. Cromwell haveria dado um magnífico dono de fábrica, Miss Hale. Eu queria que tivéssemos ele para acabar com esta greve para nós.

— Cromwell não é meu herói — disse ela, friamente. — Mas estou tentando conciliar a sua admiração pelo despotismo com o seu respeito pela independência de caráter de outros homens.

Ele ruborizou com o tom dela.

— Escolho ser o inquestionável e isento mestre de meus trabalhadores, durante as horas em que eles trabalham para mim. Mas fora dessas horas, nossa relação cessa; e então entra o mesmo respeito pela independência deles que eu mesmo exijo.

Ele não falou novamente por um minuto, ele estava muito vexado. Mas livrou-se disso e desejou a Mr. e Mrs. Hale boa-noite. Então, aproximando-se de Margaret, ele disse em uma voz mais baixa:

— Falei rispidamente com a senhorita uma vez esta noite, e temo eu, bastante rudemente. Mas a senhorita sabe que sou senão um incauto industrial de Milton. A senhorita poderia me perdoar?
— Certamente — disse ela, sorrindo abertamente para ele. A expressão do rosto dele era, de alguma forma, ansiosa e oprimida, e mal se esvaneceu enquanto ele encontrou seu doce ensolarado semblante, do qual todos os efeitos do vento norte da discussão já tinham inteiramente desaparecido. Mas ela não lhe estendeu a mão e, novamente, ele sentiu a omissão, e a atribuiu ao orgulho.

Capítulo XVI

A sombra da morte

“Confie naquela velada mão, que leva
Ninguém por qual caminho ele fosse tomar;
E sempre esteja preparado para a mudança,
Porquanto a lei do mundo é como o vai e vem de um mar”.
— DO ÁRABE.[59]

Na tarde seguinte, Dr. Donaldson veio prestar sua primeira visita a Mrs. Hale. Aquele mistério, que Margaret esperava que tivesse desfeito com seus mais recentes hábitos de intimidade, havia sido retomado entre elas. Ela foi excluída do cômodo, enquanto Dixon foi admitida. Margaret não era uma amante fácil de ser conquistada, mas quando ela amava, amava apaixonadamente, e não com pequeno grau de ciúmes.

Ela entrou no quarto de dormir da sua mãe, logo atrás da sala de visitas, e começou a andar de um lado para outro, enquanto aguardava pela saída do médico. De vez em quando, ela parava para ouvir; imaginava que ouviu um gemido. Ela apertou suas mãos fortemente, e segurou sua respiração. Estava certa de haver ouvido um gemido. Então tudo ficou quieto por poucos minutos mais; e então havia a movimentação de cadeiras, as vozes elevadas, todas as pequenas perturbações das despedidas.

Quando ela ouviu a porta se abrir, saiu rapidamente do quarto de dormir.

— Meu pai está ausente, Dr. Donaldson; ele teve que atender a um pupilo neste horário. Posso incomodá-lo e convidá-lo que venha à sala dele lá no andar de baixo?

Ela percebeu, e triunfou sobre todos os obstáculos que Dixon jogou em seu caminho; assumindo sua legítima posição como filha da casa, algo como o espírito do Irmão Mais Velho[60], que debelou a oficiosidade do velho serviçal muito efetivamente. A consciente suposição de Margaret desta incomum dignidade de conduta para com Dixon, deu a ela o divertimento de um instante em meio à sua ansiedade. Ela sabia, pela expressão de surpresa no rosto de Dixon, quão ridiculamente majestosa ela própria devia estar parecendo. Conduziu-se ao andar de baixo, cômodo adentro, com essa ideia em mente; que deu a ela, por instantes, o esquecimento da aguçada angústia que lhe causava o atual assunto que tinha em mãos. Agora, isso voltava, e parecia arrancar dela seu fôlego. Foi necessário um momento ou dois antes que ela pudesse proferir alguma palavra.

Mas ela falou com um ar de comando, e perguntou:

— Qual é o problema com mamãe? O senhor me agradará contando-me a simples verdade.

Então, vendo uma ligeira hesitação por parte do médico, ela acrescentou:

— Sou a única filha que ela tem; aqui, quero dizer. Meu pai não está suficientemente alarmado, temo eu; e, portanto, se há qualquer séria apreensão, deve ser trazida a ele gentilmente. Posso fazer isso. Posso cuidar de minha mãe. Rogo, fale, senhor; ver seu rosto, e não ser capaz de lê-lo, dá-me um temor pior que confio que quaisquer palavras suas justificarão.

— Minha cara jovem, sua mãe parece ter uma mais atenta e eficiente serviçal, que é mais como amiga dela...

— Sou a filha dela, senhor.

— Mas quando eu lhe contar que ela expressou desejo de que a senhorita não soubesse...

— Não sou boa nem paciente o suficiente para submeter-me à proibição. Ademais, estou certa de que o senhor é demasiado sábio e demasiado experiente para haver prometido manter o segredo.

— Bem — disse ele, meio sorrindo, embora tristemente o suficiente. — Aí a senhorita está certa. Não prometi. De fato, temo eu, o segredo será sabido em breve sem que eu o revele.

Ele pausou. Margaret ficou muito branca, e comprimiu seus lábios um pouco mais. De outras formas nenhum músculo se moveu. Com o rápido discernimento para personalidades, sem o qual nenhum homem clínico pode se elevar à eminência de Dr. Donaldson, ele viu que ela iria extorquir a verdade inteira; que ela saberia o jota que lhe fosse ocultado; e que a ocultação seria tortura mais aguda do que o conhecimento da verdade. Ele falou duas curtas frases em uma voz baixa, olhando para ela todo o tempo, pois suas pupilas dilataram em um negro horror e a brancura de sua compleição tornou-se lívida. Ele cessou a fala. Esperou que aquele olhar se fosse, esperou que a entrecortada respiração dela se normalizasse. Então ela disse:

— Agradeço-lhe mais sinceramente, senhor, a sua confiança. Esse temor tem-me assombrado por muitas semanas. É uma verdadeira agonia. Minha pobre, pobre mãe! — seus lábios começaram a tremer, e ele lhe permitiu ter o alívio das lágrimas, certo do poder de autocontrole dela para cessá-las. Poucas

lágrimas, essas foram todas que ela derramou, antes que ela se lembrasse de todas as perguntas que ela ansiava por fazer.

— Haverá muito sofrimento?

Ele balançou sua cabeça. — Isso não se pode dizer. Depende da constituição, depende de mil coisas. Mas as recentes descobertas da ciência médica nos têm dado grande poder de alívio.

— Meu pai! — disse Margaret, tremendo inteira.

— Não conheço Mr. Hale. Quero dizer, é difícil aconselhar. Mas eu deveria dizer, sejam fortes, e com o conhecimento que a senhorita me tem forçado a dar-lhe tão abruptamente, até que eu não pudesse recusar, tornou-se familiar à senhorita, em algum grau, de forma que a senhorita possa, sem grande esforço, ser capaz de dar ao seu pai todo conforto que a senhorita puder. Antes desse tempo, minhas visitas, que, é claro, hei de repetir de tempo em tempo, embora eu tema que não possa fazer nada senão aliviar... mil pequenas circunstâncias haverão ocorrido para despertar o alarme dele, para aprofundá-lo, de forma que ele acabará por ficar bem preparado. Não, minha cara jovem... não, minha cara... — referindo-se aos honorários. — Eu estive com Mr. Thornton, e honro seu pai pelo sacrifício que ele tem feito, tão equivocado quanto eu creia que ele esteja. Bem, por esta vez apenas, se faz questão, minha cara. Apenas se lembre, quando eu vier novamente, venho como amigo. E a senhorita deve aprender a me considerar como tal, porque conhecer um ao outro em tais circunstâncias, vale anos de visitas matinais.

Margaret não conseguia falar devido ao choro, mas ela apertou a mão dele ao se despedir.

“Isso é o que eu chamo de boa moça!”, pensou Dr. Donaldson, quando ele estava sentado em sua carruagem, e teve tempo de examinar seu dedo anelado, que havia ligeiramente sofrido pela pressão dela. “Quem haveria pensado que aquela pequena mão poderia ter dado tamanho aperto? Mas os ossos eram bem colocados, e isso dá imenso poder. Que rainha ela é! Com sua cabeça jogada para trás no início, para forçar-me a falar a verdade, e então a inclinando tão avidamente para ouvir. Pobrezinha! Posso ver que ela não é dada a esgotamentos. Embora seja espantoso como aquelas criaturas com brio podem aguentar e sofrer. Essa garota joga até o fim. Outra, que houvesse chegado àquela mortal e pálida cor, nunca poderia haver voltado sem desmaiar ou entrar em histeria. Mas ela não faria nenhum dos dois... não ela! E a própria força de sua vontade a trouxe de volta. Uma moça como essa ganharia meu coração, se eu fosse trinta anos mais jovem. Mas é tarde demais agora. Ah! Aqui estamos na casa dos Archers”.

Então ele saltou para fora da carruagem, com sabedoria, seriedade, experiência e empatia, pronto para comparecer aos chamados feitos por essa família, como se não houvesse nenhuma outra no mundo.

Nesse ínterim, Margaret havia retornado ao gabinete de seu pai por um momento, para recuperar as forças antes de subir e ficar na presença de sua mãe.

— Oh, meu Deus, meu Deus! Mas isso é terrível. Como hei de suportar? Tal mortal doença! Nenhuma esperança! Oh, mamãe, mamãe, eu queria nunca haver ido à casa de tia Shaw, e estado por todos aqueles preciosos anos longe da senhora! Pobre mamãe! Quanto ela deve haver suportado! Oh, rogo-te, meu Deus, que os

sofrimentos dela não sejam muito agudos, muito medonhos. Como hei de suportar vê-los? Como suportarei a agonia de papai? Ele não deve saber ainda; não tudo de uma vez. Isso o mataria. Mas não perderei outro momento longe de minha querida e preciosa mãe.

Ela correu ao andar de cima. Dixon não estava no quarto. Mrs. Hale estava encostada na poltrona, com um suave xale branco enrolado ao redor dela, e uma apropriada touca colocada, na expectativa da visita do médico. Seu rosto tinha uma fraca cor em si, e a própria exaustão após o exame deu a ele um olhar tranquilo. Margaret ficou surpresa de vê-la parecer tão calma.

— Ora, Margaret, como você parece estranha! Qual é o problema?

E então, enquanto a ideia entrou furtivamente em sua mente, sobre qual era o verdadeiro estado, ela acrescentou, como se um pouco desagradada:

— Você não andou vendo Dr. Donaldson, e fazendo perguntas a ele, andou, criança?

Margaret não respondeu, apenas olhou melancolicamente para ela. Mrs. Hale tornou-se ainda mais desagradada. — Ele não quebraria, certamente, a promessa dele comigo, e...

— Oh sim, mamãe, ele quebrou. Eu o fiz fazê-lo. Fui eu... culpe a mim.

Ela ajoelhou-se ao lado de sua mãe e agarrou sua mão. Não a soltaria, embora Mrs. Hale tentasse puxá-la de volta. Ela a continuou beijando, e as quentes lágrimas que ela derramou a banharam.

— Margaret, foi muito errado de sua parte. Você sabia que eu não queria que você soubesse.

Mas como se cansada de contestar, deixou sua mão no aperto de Margaret, e pouco a pouco ela devolveu a pressão fracamente. Isso encorajou Margaret a falar.

— Oh, mamãe! Deixe-me ser sua enfermeira. Aprenderei qualquer coisa que Dixon possa me ensinar. Mas a senhora sabe que sou sua filha, e realmente penso que tenho o direito de fazer tudo pela senhora.

— Você não sabe o que está pedindo — disse Mrs. Hale, com um tremor.

— Sim, eu sei. Sei muito mais do que a senhora está ciente. Deixe-me ser sua enfermeira. Deixe-me tentar, de qualquer forma. Ninguém nunca tentou, ou há de tentar com tanto afinco quando eu. Será tal conforto, mamãe.

— Minha pobre criança! Bem, você há de tentar. Sabe, Margaret, Dixon e eu pensávamos que você se encolheria para longe de mim se soubesse...

— Dixon pensava? — perguntou Margaret, seu lábio de curvando. — Dixon não poderia me dar crédito por amá-la o suficiente, não tanto quanto ela mesma! Pensou, suponho, que eu fosse uma daquelas pobres adoecidas mulheres que gostam de deitar-se em almofadas cor-de-rosa e ser abanadas o dia todo. Não deixe as imaginações de Dixon se interporem mais entre nós, mamãe. Não deixe, por favor! — implorou ela.

— Não fique com raiva de Dixon — disse Mrs. Hale, ansiosamente.

Margaret se recuperou.

— Não! Não ficarei. Tentarei e serei humilde, e aprenderei os modos dela, se a senhora apenas me deixar fazer tudo o que posso

pela senhora. Deixe-me estar no primeiro lugar, mamãe... sou ávida por isso. Eu costumava imaginar que a senhora me esqueceria enquanto eu estivesse longe, na casa de tia Shaw, e, à noite, chorava até dormir com essa ideia em minha cabeça.

— E eu costumava pensar, como Margaret irá suportar nossa improvisada pobreza após o abundante conforto e luxo em Harley Street? Muitas vezes me senti mais envergonhada de você ver nossos arranjos em Helstone, do que se qualquer estranho os descobrisse.

— Oh, mamãe! E eu gostava tanto deles. Eles eram tão mais divertidos que todos aqueles modos aborrecidos de Harley Street. A prateleira do guarda-louça com pegadores, que servia como uma bandeja para o jantar em grandes ocasiões! E os antigos baús de chá, estofados e cobertos para servir de divãs! Penso que o que a senhora chama de improvisados arranjos na querida Helstone eram uma encantadora parte da vida lá.

— Nunca hei de ver Helstone novamente, Margaret — disse Mrs. Hale, as lágrimas acumulando-se em seus olhos. Margaret não conseguia responder. Mrs. Hale continuou: — Enquanto eu estava lá, eu estava para sempre querendo deixá-la. Cada lugar parecia mais degradável. E agora eu hei de morrer bem longe de lá. Estou sendo legitimamente punida.

— A senhora não deve falar assim — disse Margaret, impacientemente. — Ele disse que a senhora pode viver por anos. Oh, mamãe! Teremos a senhora de volta a Helstone ainda.

— Não, nunca! Devo tomar isso como uma justa penitência. Mas, Margaret... Frederick!

À menção dessa única palavra, ela repentinamente gritou alto, como em alguma aguda agonia. Parecia como se o pensamento dele perturbasse toda a compostura dela, destruísse sua calma, sobrepujasse a exaustão. Selvagens e passionais gritos se sucederam:

— Frederick! Frederick! Venha a mim. Estou morrendo. Filhinho primogênito, venha a mim mais uma vez!

Mrs. Hale foi tomada por violenta histeria. Margaret correu, aterrorizada, e chamou Dixon. Esta entrou irritada e acusou Margaret de haver superexcitado a mãe. Margaret aguentou tudo docemente, apenas confiando que seu pai não pudesse retornar. A despeito de seu alarme, que foi ainda mais alto do que a ocasião exigia, ela obedeceu a todas as instruções de Dixon prontamente e com eficiência, sem uma palavra de autojustificação. Ao assim fazer, ela amoleceu Dixon, que parou de acusá-la. Elas colocaram sua mãe na cama, e Margaret se sentou ao lado dela até que ela dormisse, e ainda continuou lá, até que Dixon sinalizasse que ela saísse do quarto. Com um amargo rosto, como se ela estivesse fazendo algo contrário à sua natureza, ordenou que fosse tomar uma xícara de chá que ela havia preparado para ela na sala de visitas, e ficou ao lado de Margaret, em uma atitude de comando, enquanto a moça obedecia.

— Não deveria ter sido tão curiosa, Miss, e então a senhora não precisaria ter se afligido antes do tempo. Teria vindo em tempo suficiente. E agora, suponho, a senhorita vai contar ao mestre, e uma linda casa eu vou ter com vocês três!

— Não, Dixon — disse Margaret, pesarosamente —, não contarei ao papai. Ele não poderia suportar como eu posso.

E como forma de provar quão bem ela suportava, ela explodiu em lágrimas.

— Ai! Eu sabia como seria! Agora a senhorita vai acordar sua mãe, logo depois de ela ter ido dormir tão calmamente. Miss Margaret, minha cara, tenho tido que suportar isso por várias semanas; e embora eu não finja que posso amar ela como a senhorita, ainda assim amei ela melhor do que qualquer outro homem, mulher ou criança; ninguém, senão Mestre Frederick, sequer se aproximou dela em minha mente. Desde que a ama de lady Beresford me levou para ver ela vestida em crepe branco, e espigas de milho, e crisântemos escarlates, e eu passei uma agulha por meu dedo, e ela quebrou lá dentro, e ela rasgou seu lenço de bolso trabalhado, cortou-o em pedaços e entrou para molhar as bandagens novamente com loção, logo quando ela voltou do baile, onde ela tinha sido a jovem dama mais bonita de todas, nunca amei ninguém como ela. Mal pensava naquela época que eu devesse viver bastante para ver ela descer tão baixo. Não estou censurando ninguém. Muitos acham a senhorita linda e elegante, e coisas mais. E quem não acharia? Até mesmo neste fumacento lugar, o suficiente para cegar os olhos de alguém, as corujas conseguem ver isso. Mas a senhorita nunca será tão bela como a sua mãe foi, nunca; nem que a senhorita viva cem anos.

— Mamãe é muito linda ainda. Pobre mamãe!

— Agora não comece novamente, ou vou ter que dar vazão, finalmente — disse, soluçando. — Desse jeito a senhorita nunca aguentará se o mestre voltar, e começar a perguntar. Saia e dê uma caminhada, e volte quando estiver melhor. Muitas são as vezes que

tenho ansiado por caminhar até tudo isso passar; pensando em qual era o problema dela, e como tudo isso deve terminar.

— Oh, Dixon! — disse Margaret —, quão frequentemente tenho sido atravessada com você, não sabendo que terrível segredo você tinha que carregar!

— Deus abençoe a senhorita, criança! Gosto de ver a Miss mostrar um pouco de ânimo. É o bom e velho sangue Beresford. Ora, o último Sir John deu dois tiros em seu administrador, lá onde ele estava, só por dizer que ele tinha extorquido os inquilinos, e ele teria extorquido os inquilinos até que ele não pudesse conseguir mais dinheiro deles, não mais do que ele pudesse tirar de uma pedra.

— Bem, Dixon, não atirarei em você, e tentarei não ser atravessada novamente.

— A senhorita nunca foi. Se eu disse isso às vezes, foi sempre a eu mesma, apenas em particular, por modo de fazer uma pequena agradável conversação, posto que não há ninguém aqui apto com quem conversar. E quando fica exaltada, a senhorita é a própria imagem de Mestre Frederick. Eu poderia encontrar em meu coração as forças para colocar a Miss em cólera qualquer dia, apenas para ver o olhar tempestuoso dele vindo como uma grande nuvem sobre seu rosto. Mas agora saia, Miss. Eu cuidarei da patroa; e quanto ao mestre, os livros dele são companhia o suficiente para ele, se acontecer de ele entrar.

— Irei — disse Margaret. Ela ficou com Dixon por mais ou menos um minuto, como se temerosa e irresoluta. Então, repentinamente, beijando-a, saiu rapidamente do cômodo.

— Que Deus abençoe *ela*! — disse Dixon. — Ela é doce como uma noz. Aí estão três pessoas que eu amo: a patroa, o Mestre Frederick e ela. Só eles três. Isso é tudo. Que o resto seja enforcado, posto que não sei por que eles estão no mundo. O patrão nasceu, suponho eu, para casar-se com a patroa. Se eu pensasse que ele amava *ela* apropriadamente, eu poderia amar *ele* no devido tempo. Mas ele devia ter se importado muito mais com ela, e não ter estado sempre lendo, lendo, pensando, pensando. Veja o que isso lhe trouxe! Muitos que nunca leem nem pensam, conseguem ser reitores, decanos e coisas mais; e eu ouso dizer que o mestre poderia ter conseguido, se ele apenas se importasse com a patroa, e deixasse a enfadonha leitura de vez. Lá vai ela — olhando janela afora enquanto ela ouviu a porta da frente ser fechada. — Pobre moça! Suas roupas parecem gastas perto do que pareciam quando ela voltou para Helstone, um ano atrás. Lá ela não tinha nem uma maldita meia ou um par de luvas remendadas em todo o seu guarda-roupa. E agora...!

Capítulo XVII

O que é uma greve?

“Há sarças afligindo cada caminho,
Que clamam por paciente atenção;
Há uma cruz em cada lote,
E uma ávida necessidade de oração”.
— ANÔNIMO.[61]

Margaret saiu muito abatida e desalentada. Mas não foi preciso mais do que a distância de uma rua, sim, o ar de uma rua de Milton, para animar seu jovem espírito antes que ela chegasse à primeira curva. Seu passo ficou mais leve; seus lábios, mais corados. Começou a prestar atenção à sua volta, em vez de ter seus pensamentos voltados tão exclusivamente para si mesma. Ela viu vários desocupados nas ruas, o que era incomum: homens com suas mãos nos bolsos deambulando por ali; grupos de moças rindo e falando alto, aparentemente excitadas a altos ânimos, mostrando uma tempestuosa independência de caráter e comportamento. Os homens de pior aparência — a vergonhosa minoria — penduravam-se nos degraus das casas de cerveja e lojas de gim, fumando, e comentando muito livremente sobre cada transeunte. Margaret desgostava da ideia de uma longa caminhada por essas ruas, até chegar aos campos, que ela planejava ir. Em vez disso, ela iria ver Bessy Higgins. Não seria tão revigorante quanto uma calma

caminhada na natureza, mas ainda assim seria, talvez, uma coisa mais generosa a se fazer.

Nicholas Higgins estava sentado fumando, junto à lareira, quando ela entrou. Bessy estava na cadeira de balanço do outro lado.

Nicholas tirou o cachimbo da boca e, levantando-se, empurrou sua cadeira na direção de Margaret. Encostou-se contra a chaminé, em posição descansada, enquanto ela perguntava como Bessy estava.

— Está no fundo do poço, muito sem ânimo, mas sua saúde está melhor. Ela não gosta desta greve. É muito agarrada à paz e à tranquilidade, a qualquer preço.

— Essa é a terceira greve que vejo — disse ela, suspirando, como se aquilo fosse resposta e explicação suficiente.

— Bem, a terceira vale por todas as outras. Vamos ver se não pegamos os patrões desta vez. Vamos ver se eles não vão vir, e implorar que voltemos a trabalhar por nosso próprio preço. Isso é tudo. Já perdemos dantes, lhe garanto, mas desta vez fizemos nosso plano muito fundo.

— Por que vocês entram em greve? — perguntou Margaret. — Entrar em greve é deixar o trabalho até que vocês consigam sua própria taxa de salários, não é? O senhor não deve se espantar com minha ignorância, de onde venho nunca se falava em greve.

— Eu queria morar lá — disse Bessy, enfadonhamente. — Não aguento mais ficar cansada e exausta com essas greves. Esta é a última que verei. Antes que ela tenha acabado, hei de estar na Grande Cidade, a Santa Jerusalém.

— Ela só pensa na vida que está por vir, não consegue pensar no presente. Agora eu, a senhora vê, sou obrigado a fazer o melhor que posso aqui. Acho que um pássaro nas mãos vale dois voando. Então essas são as diferentes visões que tomamos na questão da greve.

— Mas — disse Margaret —, se as pessoas entrassem em greve, como vocês chamam, de onde eu venho, como eles são praticamente todos trabalhadores do campo, a semente não seria espalhada; o feno, colhido; o milho, ceifado.

— Sim? — disse ele.

Ele havia voltado para seu cachimbo, e colocou o seu “sim” na forma de uma interrogação.

— Ora — ela continuou —, o que seria feito dos fazendeiros?

Ele soprou a fumaça. — Eu avalio que eles teriam, ou de desistir de suas fazendas, ou pagar uma parte justa de salário.

— Suponhamos que eles não pudessem, ou que assim não fizessem. Os trabalhadores não poderiam todos deixar as fazendas em um minuto, por mais que desejassem fazê-lo, pois não teriam feno nem milho para vender naquele ano. E de onde viria o dinheiro para pagar o salário dos trabalhadores em seguida?

Ainda soprando fumaça, ele disse, finalmente:

— Não sei nada dos seus modos lá do Sul, senhorita. Tenho ouvido que eles são um bando de homens sem espírito, oprimidos. Não têm energia, vivem mortos de fome. São tão tontos de fome que nem sabem quando são enganados. Agora, não é assim aqui. Sabemos quando nos enganam, e temos muito sangue dentro de nós pra suportar. Apenas tiramos nossas mãos dos nossos teares, e dizemos: “Vocês, mestres, podem nos matar de fome, mas não vão

nos enganar!” E malditos sejam eles, eles não vão conseguir desta vez!

— Eu queria poder morar no Sul — disse Bessy.

— Há muito a suportar lá — disse Margaret. — Há pesares a suportar em todo lugar. Há trabalho corporal muito duro para ser conduzido, com muito pouca comida para dar força.

— Mas é ao ar livre — disse Bessy. — E longe do barulho intenso e sem fim, e do calor que adoece.

— Fica algumas vezes sob pesada chuva, e algumas vezes em amargo frio. Uma jovem pessoa pode suportar, mas um homem velho fica torturado com reumatismo; curvado e encolhido antes de seu tempo. Ainda assim ele deve apenas trabalhar do mesmo modo, ou então ir para a casa de correção.

— Pensei que você fosse tão afeita aos modos do interior do Sul.

— E sou —respondeu Margaret, sorrindo um pouco, enquanto se viu pega dessa forma.

— Apenas quero dizer, Bessy, que há coisas boas e más em tudo neste mundo; e já que você sentiu a maldade aqui, pensei que fosse senão justo que você devesse saber que há coisas ruins lá também.

— E a senhora diz que eles nunca entram em greve lá? — perguntou Nicholas, abruptamente.

— Não! — disse Margaret. — Penso que eles têm muita compreensão.

— E eu penso — respondeu ele, salpicando as cinzas para fora do seu cachimbo com tanta veemência que o quebrou — que não é

que eles tenham muita compreensão, mas que eles têm muito pouco ânimo.

— Ó, pai! — exclamou Bessy —, o que o senhor tem ganhado com greve? Pense naquela primeira greve quando a mãe morreu, como todos nós tivemos que passar fome, o senhor mais que todos. Ainda assim muitos continuaram trabalhando pelo mesmo salário, até que todos fossem procurar trabalho onde tivesse; e muitos se tornaram pedintes pelo resto de suas vidas.

— Sim — disse ele. — É que aquela greve foi mal gerenciada. O pessoal à frente era um bando de homens tolos. Você verá, será diferente desta vez.

— Mas até agora o senhor não me disse por que está fazendo a greve? —perguntou Margaret, novamente.

— Ora, a senhora vê, há cinco ou seis mestres que se juntaram para pagar os mesmos salários que têm pagado nos dois últimos anos, e estão prosperando com isso, e ficando ainda mais ricos. E agora eles vêm a nós, e dizem que temos que ganhar menos. E nós não aceitamos. Morreremos de fome antes, e veremos quem trabalhará para eles, então. Eles haverão matado o ganso que botava os ovos de ouro para eles, assim avalio.

— E então o senhor planeja morrer, a fim de ter vingança sobre eles!

— Não — disse ele. — Eeu não planejo. Apenas prefiro ansiar pela chance de morrer em meu posto antes de ceder. Isso é o que o pessoal chama de bom e honrável em um soldado, e por que não em um pobre tecelão?

— Mas — disse Margaret —, um soldado morre pela causa da nação, pelo bem dos outros.

Ele sorriu sombriamente. — Minha moça — disse ele —, a senhora é senão uma jovem menina, mas não acha que eu posso manter três pessoas, isto é, Bessy, Mary e eu, com dezesseis xelins por semana? A senhora não pensa que é por mim mesmo que estou fazendo a greve, a esta altura? É o mesmo que a causa dos outros, como aquele soldado acolá. Só que ele morre por alguém em quem ele nunca botou os olhos, nem ouviu a voz em todos os seus carregados dias, enquanto eu tomo o caso de John Boucher, que mora a duas casas daqui, com uma esposa doente, e oito filhos, nenhum deles em idade de trabalhar. E não luto só a causa dele apenas, embora ele seja um pobre imbecil, já que pode operar apenas dois teares por vez, mas tomo a causa da justiça. Por que temos que receber menos salário agora, eu pergunto, que dois anos atrás?

— Não me pergunte — disse Margaret. — Sou muito ignorante. Pergunte a algum dos seus patrões. Certamente eles lhe darão uma razão para isso. Não é meramente uma decisão arbitrária deles, à qual se chega sem razão.

— A senhora é apenas uma forasteira, e nada mais — respondeu ele, desprezivelmente. — Logo se vê que a senhora não sabe de nada, “perguntar aos mestres!” Eles nos diriam para cuidar das nossas próprias vidas, e eles cuidariam das deles. Sendo que o nosso negócio, a senhora já entendeu, é aceitar receber o mísero salário, e sermos gratos, e o negócio deles é nos reduzir a ponto de nos matar de fome, para inchar os lucros deles. Isso é o que é.

— Mas — disse Margaret, determinada a não ceder, embora ela visse que o estava irritando: — O estado do comércio pode estar

tal que não possa capacitá-los a dar a vocês a mesma remuneração.

— Estado do comércio! Isso é só embuste dos mestres. Eu estou falando do rateio dos salários. Os mestres mantêm o estado do comércio em suas próprias mãos; e apenas o movem adiante como um carrinho de bebê preto, para assustar crianças travessas até que elas sejam boazinhas. Eu lhe digo que é o papel deles, à disposição deles, como algumas pessoas chamam, nos derrubar para inchar a fortuna deles. E o nosso é resistir e lutar duro, não apenas por nós mesmos, mas por aqueles que nos rodeiam, por justiça e honestidade. Nós os ajudamos a fazer os seus lucros, e devemos ajudar a gastá-los. Não é que queiramos tanto o metal deles desta vez, como já quisemos muitas vezes antes. Temos um dinheiro economizado e estamos decididos a nos erguer ou cair juntos. Nenhum homem nosso aceitará trabalhar por menos do salário que o sindicato diz que é nosso direito. Então eu digo, “viva a greve”, e deixem que Thornton, e Slickson, e Hamper, e o grupo deles cuidem disso!

— Thornton!? — perguntou Margaret. — Mr. Thornton de Marlborough Street?

— Sim! Thornton da Fábrica Marlborough, como nós o chamamos.

— Ele é um dos mestres contra os quais vocês estão lutando, não é? Que tipo de patrão ele é?

— A senhora já viu um buldogue? Coloque um buldogue sobre as patas traseiras, e o vista em um casaco e calções, e a senhora acaba de ver John Thornton.

— Não — disse Margaret, rindo. — Eu nego isso. Mr. Thornton é simples o suficiente, mas ele não é como um buldogue, que tem nariz curto e largo, e lábio superior contraído como se estivesse rosnando.

— Não! Não em aparência, lhe garanto. Mas deixe John Thornton se apegar a uma ideia, e ele se manterá nela como um buldogue. A senhora pode puxá-lo com um forcado antes que ele se solte. Vale a pena lutar contra ele, esse John Thornton. Quanto a Slickson, eu imagino, algum desses dias ele irá adular seus homens de volta com belas promessas; que eles serão trapaceados assim que estiverem em poder dele novamente. Vai empurrar suas multas pra cima deles, lhe garanto. Ele é escorregadio como uma enguia, ele é. Ele é como um gato, tão polido quanto, e ardiloso, e feroz. A luta com ele nunca será uma honesta briga, como será com Thornton. Este é rígido como um prego de porta, um indivíduo obstinado em cada polegada, aquele buldogue velho!

— Pobre Bessy! — disse Margaret, virando-se para ela. — Você suspira por isso tudo. Você não gosta da batalha e da luta como seu pai gosta, não é?

— Não! — disse ela, pesadamente. — Isso me adoece. Eu poderia ter desejado ter tido outra conversa ao meu redor em meus últimos dias, do que apenas o embate e o choque que têm exaurido toda a minha vida; sobre trabalho e salários; mestres, mão de obra e fura-greves.

— Pobre diaba! Os últimos dias vão passar! Está com uma aparência um pouco melhor, apesar da agitação e da mudança. Além disso, ficarei um pouco aqui para tornar o ambiente mais vivaz para ti.

— Fumaça de tabaco me sufoca! — disse ela, queixosamente.

— Então não fumarei nunca mais em casa! — ele respondeu, ternamente. — Mas por que não me disse antes, tola menina?

Ela não falou por um tempo, e então, tão baixo que apenas Margaret a ouviu: — Imagino, ele irá buscar todo o conforto que puder no cachimbo e na bebida antes que a greve termine.

Seu pai saiu para o ar livre, evidentemente para terminar seu cachimbo.

Bessy disse, passionalmente: — Agora eu sou uma tola, não sou, Miss? Eu sabia que eu deveria manter o pai em casa, e longe do pessoal que está sempre pronto para tentar um homem, em tempo de greve, para ir beber. Eu deveria ter mantido a minha língua quieta e não ter brigado por causa daquele cachimbo dele. Ele vai sair, eu sei que vai, como faz sempre que sai para fumar, e ninguém sabe onde isso acabará. Eu preferia ter ficado sufocada primeiro com a fumaça antes que isso acontecesse.

— Mas seu pai bebe? — perguntou Margaret.

— Não, não digo beber — respondeu ela, ainda no mesmo tom selvagem e excitado. — Mas que tipo de prazer se tem? Há dias em que você, como acontece com outras pessoas, suponho, quando você se levanta, e enquanto as horas se arrastam, apenas anseia por um pouco de mudança, um pouco de estímulo, como se diz. Eu sei que eu fui e comprei um pão de quatro libras de outro padeiro, que não o comum, um dia desses, só porque eu estava enjoada com o pensamento de continuar, para sempre, com a mesma visão em meus olhos, e o mesmo som em meus ouvidos, e o mesmo gosto em minha boca, e o mesmo pensamento (ou nenhum pensamento, até) em minha cabeça, dia após dia, para sempre.

Tenho ansiado por ser um homem para sair correndo, até mesmo se fosse apenas um vagabundo para vagar por algum novo lugar à procura de trabalho. E o pai, todos os homens, sente isso com mais força do que eu. Eles ficam cansados da mesmice, e de trabalhar para sempre. E o que há para eles fazerem? Não se deve culpá-los se vão à loja de gim para fazer o sangue correr mais rápido e mais vivamente, e ver as coisas que eles nunca veem em nenhuma outra época, fotos, espelhos e coisas tais. Mas o pai nunca foi um bêbedo, embora, talvez, ele caia na bebida, por vezes. Apenas veja — e agora sua voz tornou-se lúgubre, um suplicante tom —, em tempos de greve há muito para tombar um homem, posto que todos eles começam tão esperançosamente, e onde encontram conforto? Ele ficará raivoso e louco, todos eles ficam, e eles ficam cansados de ficarem furiosos e transtornados e, talvez, em sua cólera, façam coisas que eles ficariam felizes em esquecer. Que Deus abençoe seu doce e lamentável rosto! Mas você não sabe o que é uma greve ainda.

— Vamos, Bessy — disse Margaret —, não direi que você está exagerando, porque não sei o suficiente sobre isso. Mas, talvez, como não está bem, esteja apenas olhando para um lado, e há outro e melhor a ser observado.

— É tudo bonito o suficiente para você dizer, que tem vivido em agradáveis lugares verdes toda a sua vida, e nunca conheceu a pobreza ou a preocupação, ou até mesmo a maldade.

— Cuidado — disse Margaret, as faces ruborizando, e seus olhos se acendendo — com como você julga, Bessy. Daqui hei de ir para casa, para minha mãe, que está tão doente, Bessy, que não há outra saída senão a morte para ela fora da prisão de seu grande

sofrimento. Ainda assim devo animar meu pai, que não tem noção de seu estado real, e para quem o conhecimento deve vir gradualmente. A única pessoa, a única que poderia me ter compaixão e me ajudar, cuja presença confortaria minha mãe, mais do que qualquer outra coisa terrena, é falsamente acusado, e correria o risco de morrer se ele viesse ver sua moribunda mãe. Isto eu conto para você, apenas você, Bessy. Você não deve mencionar isso para ninguém. Nenhuma outra pessoa em Milton, e quase nenhuma em toda a Inglaterra, sabe disso. Não tenho preocupação? Oh, Bessy, Deus é justo, e nossos fardos são bem proporcionados por Ele, embora ninguém, senão Ele, saiba da amargura de nossas almas.

— Peço seu perdão — respondeu Bessy, humildemente. — Algumas vezes, quando tenho pensado em minha vida, e o pequeno prazer que tive nela, creio que, talvez, eu fui uma dessas pessoas amaldiçoadas a morrerem pela queda de uma estrela no céu. *"E o nome da estrela era Absinto; e a terça parte das águas tornou-se absinto, e homens morreram das águas, porque se tornaram amargas"*[62]. Uma pessoa pode suportar melhor a dor e a tristeza se pensar que isso foi profetizado há muito para si. De alguma forma, então parece como se minha dor fosse necessária para o cumprimento, de outra forma parece que tudo foi enviado para nada.

— Não, Bessy — disse Margaret. — Deus não aflige voluntariamente. Não deambule tanto sobre as profecias, mas leia as partes mais claras da Bíblia.

— Ouso dizer que seria mais sábio, mas onde eu ouviria tais grandes palavras de promessa, ou saberia de coisas tão diferentes desse enfadonho mundo e desta cidade acima de tudo, como no

Apocalipse? Muitas vezes tenho repetido os versos do sétimo capítulo, para mim mesma, só pelo som. É lindo como o som de um órgão, e tão diferente de todos os meus dias, também. Não, não posso desistir do Apocalipse. Ele me dá mais conforto do que qualquer outro livro na Bíblia.

— Deixe-me vir e ler para você alguns dos meus capítulos favoritos.

— Sim — disse ela, vorazmente. — Venha. Talvez o pai ouça você. Ele fica danado com a minha conversa. Ele diz que nada disso tem a ver com as coisas de hoje, e esse é o negócio dele.

— Onde está sua irmã?

— Foi cortar fustão. Eu estava relutante em deixá-la ir, mas de alguma forma devemos viver, e o sindicato não nos dá muito.

— Agora devo ir. Você me fez bem, Bessy.

— Eu lhe fiz bem?!

— Sim. Entrei aqui muito triste, e bastante inclinada a pensar que meu próprio sofrimento era o único no mundo. E agora ouço como você tem tido que suportar por anos, e isso me tornou mais forte.

— Deus a abençoe! Pensei que todos os bons feitos estivessem do lado de pessoas ricas e gentis. Hei de ficar orgulhosa se eu pensar que posso fazer bem a você.

— Não ficará, se pensar bem. Irá apenas se confundir, isso é só um conforto.

— Você não é como ninguém que já vi. Não sei que ideia fazer de você.

— Nem eu de mim mesma. Adeus!

Bessy parou de se balançar na cadeira para contemplá-la, e seus pensamentos foram sobre Margaret.

“Pergunto-me se há muita gente como ela no Sul. Ela é como uma brisa de que vem do campo, pura, leve e acariciante. Sempre me anima! Quem pensaria que aquele rosto, brilhante e forte como o do anjo com quem sonho, poderia haver conhecido o pesar de que ela fala? Pergunto-me como ela pecará. Todos nós devemos pecar. Penso muito nela, com certeza. Mas já notei que o pai pensa do mesmo jeito. E até Mary. E não é com frequência que Mary nota alguma coisa”.

Capítulo XVIII

Gostos e desgostos

“Meu coração revolta-se dentro de mim, e duas vozes
Fazem-se audíveis dentro de meu seio”.
— WALLENSTEIN.[63]

Ao retornar para casa, Margaret encontrou duas cartas sobre a mesa: uma era uma nota para sua mãe; a outra, que havia chegado pelo correio, era evidentemente de sua tia Shaw, coberta de carimbos postais estrangeiros, fina, prateada e farfalhante. Ela tomou a outra, e a estava examinando, quando seu pai entrou repentinamente:

— Então sua mãe está cansada e foi para a cama cedo! Temo que um dia tão agitado como o de hoje não tenha sido o melhor para o médico vê-la. O que ele disse? Dixon me contou que ele falou com você sobre ela.

Margaret hesitou. O olhar do pai tornou-se mais sério e ansioso:

— Ele não a pensa seriamente doente?

— Não no presente. Ela precisa de cuidados, foi o que ele disse. Ele foi muito bondoso, e disse que a visitaria novamente para ver como o remédio dele agiu.

— Apenas cuidado. Ele não recomendou mudança de ar? Ele não disse que esta cidade fumacenta estava causando qualquer dano a ela, disse, Margaret?

— Não! Nem uma palavra — ela respondeu, seriamente. — Ele estava ansioso, penso.

— Médicos têm esses modos ansiosos. É da profissão — disse ele.

Margaret viu, nos modos nervosos do pai, que a primeira impressão de possível perigo estava formada sobre sua mente, apesar de toda a amenidade que ela o havia contado. Ele não conseguia esquecer o assunto, não conseguia falar de outras coisas. Continuou recorrendo a ele por toda a noite, com uma indisposição a receber sequer a mais ligeira desfavorável ideia, o que deixou Margaret inexprimivelmente triste.

— Esta carta é de tia Shaw, papai. Ela chegou a Nápoles, e a achou muito quente, então ela tomou aposentos em Sorrento. Mas não penso que ela goste da Itália.

— O médico não disse nada sobre dieta, disse?

— É para ser nutritiva e digerível. O apetite de mamãe é muito bom, penso eu.

— Sim! E isso torna tanto mais estranho que ele deveria haver pensado em falar sobre dieta.

— Eu perguntei a ele, papai.

Outra pausa. Então Margaret continuou: — Tia Shaw diz que me mandou alguns ornamentos de coral, papai, mas — acrescentou Margaret, meio sorrindo, — ela teme que os dissidentes[64] de Milton não gostem deles. Ela apreendeu dos Quakers[65] todas as ideias dela de dissidentes, não é?

— Se você sequer ouvir ou notar que sua mãe deseja qualquer coisa, certifique-se de me informar. Temo tanto que ela não me conte sempre o que ela gostaria. Rogo, procure aquela moça que

Mrs. Thornton citou. Se tivermos uma boa e eficiente serviçal na casa, Dixon poderia ficar constantemente com ela, e eu garanto que logo a teríamos de novo entre nós, se for só cuidado o que ela necessita. Ela tem estado muito cansada ultimamente, com esse tempo quente e a dificuldade de se conseguir uma serviçal. Um pouco de descanso a colocará no lugar. O que acha, Margaret?

— Espero que sim — disse Margaret, mas falou tão tristemente que seu pai tomou nota disso. Ele apertou sua bochecha.

— Vamos, se você ficar tão pálida assim, eu terei que fazê-la ruborizar um pouco. Cuide de você mesma, criança, ou você precisará do médico a seguir.

Mas ele não conseguia sossegar com qualquer coisa naquela noite. Ficava continuamente caminhando para trás e para frente, em laborioso pé ante pé, para ver se sua esposa ainda estava dormindo. O coração de Margaret condoía-se com a inquietude dele, sua tentativa de sufocar e estrangular o hediondo medo que se avultava dos lugares obscuros do seu coração. Ele voltou, finalmente, um pouco confortado.

— Ela está acordada agora, Margaret. Sorriu quando me viu de pé ao seu lado. Apenas o velho sorriso dela. E ela diz que se sente descansada e pronta para o chá. Onde está a nota para ela? Ela a quer ver. Lerei para ela enquanto você prepara o chá.

A nota provou-se ser um convite formal de Mrs. Thornton para Mr., Mrs. e Miss Hale para um jantar, no dia vinte e um. Margaret ficou surpresa com a aceitação do convite, depois de todas as tristes probabilidades que tivera durante o dia. Mas assim foi. A ideia da ida de seu esposo e filha a esse jantar havia cativado bastante a imaginação de Mrs. Hale, até mesmo antes que Margaret lesse o

conteúdo da nota. Foi um evento para diversificar a monotonia da vida da doente, e ela agarrou-se à ideia de que eles deveriam ir, com mais irrequieta obstinação, quando Margaret objetou.

— Não, Margaret? Se ela deseja, certamente iremos ambos de boa vontade. Ela nunca desejaria que fôssemos, a menos que se sentisse realmente mais forte. De fato, ela está melhor do que pensávamos que estivesse, não é, Margaret? — perguntou Mr. Hale, ansiosamente, enquanto ela se preparava para escrever a nota de aceitação, no dia seguinte.

— Eh! Margaret? — questionou ele, com um nervoso movimento de mãos. Parecia cruel recusar-lhe o conforto pelo qual ele tanto ansiava. E, ademais, a apaixonada recusa dele em admitir a existência de qualquer temor, quase inspirava a própria Margaret com esperança.

— Realmente penso que ela esteja melhor desde a noite passada — disse ela. — Seus olhos parecem mais brilhantes e sua compleição mais clara.

— Deus a abençoe! — disse seu pai, avidamente. — Mas é verdade? O dia de ontem foi tão mormacento que todo mundo se sentiu mal. Foi quase um dia inapropriado para Dr. Donaldson vê-la.

Então ele saiu para seus deveres do dia, agora aumentados pela preparação de algumas palestras que ele havia prometido fazer aos trabalhadores em um liceu da vizinhança. Ele havia escolhido Arquitetura Eclesiástica como assunto, mais em concordância com seu próprio gosto e conhecimento do que adequado ao caráter do lugar ou ao desejo por particulares tipos de informação entre aqueles para quem ele estava para lecionar. E a própria instituição, estando em débito com ele, estava muito feliz em conseguir um

curso gratuito ministrado por um homem educado e realizado como Mr. Hale, e deixou que o assunto fosse qualquer um.

— Bem, mãe? — perguntou Mr. Thornton àquela noite —, quem aceitou seu convite para o dia vinte e um?

— Fanny, onde estão as notas? As famílias Slickson, Collingbrook e a Stephens virão; já os Browns recusaram. Hales, pai e filha, vêm, pois a mãe está bastante doente. Os Macpherson vêm, e também Mr. Horsfall e Mr. Young. Eu estava pensando em convidar os Porters, já que os Browns não poderão vir.

— Muito bom. Sabe, temo muito que Mrs. Hale esteja muito longe de estar bem, pelo que Dr. Donaldson diz.

— É estranho eles aceitarem um convite para jantar se ela está muito doente — disse Fanny.

— Eu não disse muito doente — disse seu irmão, bastante rispidamente. — Eu apenas disse muito longe de estar bem. Eles não devem saber também. E então ele, repentinamente, se lembrou que, pelo que Dr. Donaldson lhe havia contado, Margaret, de qualquer forma, devia estar ciente do exato estado do caso.

— Muito provavelmente eles estão bastante cientes do que você disse ontem, John, da grande vantagem que seria para eles, para Mr. Hale, quero dizer, ser apresentado a tais pessoas como os Stephens e os Collingbrook.

— Estou certo de que isso não deve tê-los influenciado. Não! Penso que entendo o que acontece.

— John! — disse Fanny, rindo em seu pequeno, fraco e nervoso modo.

— Como você professa entender esses Hales, se você nunca permite que saibamos qualquer coisa sobre eles? Eles são

realmente tão diferentes da maioria das pessoas que se encontra?

Ela não pretendia vexá-lo, mas se ela houvesse tido a intenção, não poderia havê-lo feito mais meticulosamente. Ele ficou em silêncio, contudo, não se dignando de responder à pergunta dela.

— Eles não me parecem fora do modo comum — disse Mrs. Thornton. — Ele parece ser um tipo suficientemente digno de homem; demasiado simples para o comércio, então talvez seja por isso que se tornou primeiro um clérigo, e agora um professor. Já ela, é uma fina dama com sua enfermidade. E quanto à moça, ela é a única que me confunde, quando penso nela, o que não faço com frequência. Ela parece se dar ares de grande importância, e não consigo entender por quê. Pude quase imaginar que ela se pensa muito boa até mesmo para sua própria companhia, às vezes. E ainda assim eles não são ricos, por tudo o que ouvi falar, nunca foram.

— E ela não é talentosa, mamãe. Ela não sabe tocar.

— Continue, Fanny. O que mais lhe falta para que seja elevada ao seu padrão?

— Não! John — disse sua mãe —, esse discurso de Fanny não tem maldade alguma. Eu mesma ouvi Miss Hale dizer que ela não sabia tocar. Se você nos deixasse em paz, poderíamos, talvez, gostar dela, e enxergar seus méritos.

— Estou certa de que eu nunca conseguiria! — murmurou Fanny, protegida por sua mãe. Mr. Thornton ouviu, mas não se dignou de responder. Ele estava andando de um lado para outro na sala de jantar, desejando que sua mãe mandasse pedir velas para permiti-lo trabalhar, ler ou escrever, e então colocar um fim à conversação. Mas ele nunca pensara em interferir em qualquer dos

pequenos arranjos domésticos que Mrs. Thornton observava, em habitual relembrança de suas antigas economias.

— Mãe — disse ele, parando e corajosamente proferindo a verdade: — eu queria que a senhora gostasse de Miss Hale.

— Por quê? — perguntou ela, sobressaltada por seus modos ávidos, ainda que ternos. — Você não está pensando em casar-se com ela, uma moça sem um *penny*?

— Ela nunca me aceitaria — disse ele, com um curto riso.

— Não, não penso que aceitaria — respondeu sua mãe. — Ela riu de mim quando a elogiei por proferir algo que Mr. Bell havia dito a seu favor. Gostei da moça por fazê-lo tão francamente, posto que me fez certa de que ela não tinha pensamento em você. E no minuto seguinte ela me vexou tanto ao me fazer pensar... Bem, não importa! Apenas, você está certo em dizer que ela se tem em muito alta opinião para pensar em aceitá-lo. Mulher atrevida! Eu gostaria de saber onde ela encontraria alguém melhor!

Se essas palavras magoaram o filho, a luz sombria impediu que traísse qualquer emoção. Um minuto depois chegou perto da mãe, colocando a mão afetuosamente e suavemente em seu ombro, e disse:

— Bem, estou tão convencido da verdade das suas palavras quanto a senhora mesmo pode estar, e como não tenho nenhuma intenção ou expectativa de pedi-la para ser minha esposa, a senhora verá, no futuro, que estou bastante desinteressado em falar sobre ela. Mas, antevejo problema para aquela moça, talvez falta de cuidado materno, e apenas desejo que a senhora esteja pronta para ser uma amiga para ela, no caso de ela precisar de uma. Agora, Fanny — disse ele —, confio que você terá delicadeza o suficiente

para entender, que é tão grande injúria para Miss Hale quanto para mim; na verdade, eu acredito que ela achará mais ofensivo supor que eu tenha qualquer razão, mais do que as que dou agora, para implorar a você e à minha mãe que se mostrem extremamente gentis e atenciosas para com ela.

— Não posso perdoar-lhe o orgulho — disse sua mãe —, mas serei sua amiga, se houver necessidade, porque você pediu, John. Teria me tornado amiga da própria Jezebel se você tivesse me pedido. Mas aquela moça, que ergue seu nariz para todos nós, que empina seu nariz para você...

— Não, mãe. Nunca me coloquei, e pretendo nunca me colocar ao alcance do seu desprezo.

— Desprezo, de fato! — uma das bufadas expressivas de Mrs. Thornton. — Não continue falando de Miss Hale, John, se tenho que ser boa para ela. Quando estou com ela, não sei se eu mais gosto ou desgosto; mas quando penso nela, e ouço você falar dela, a odeio. Posso ver que ela também se deu ares de importância para com você tão bem quanto se você me houvesse contado.

— E se ela o fez — disse ele, e então pausou por um momento, e continuou: — não sou um menino, para ser intimidado por um olhar orgulhoso de uma mulher, ou para me importar com a má interpretação dela de mim e minha posição. Consigo rir disso!

— Certamente! E dela também, com suas finas noções e sua arrogância!

— Eu apenas me pergunto por que você fala tanto dela, então? — disse Fanny. — Certamente, estou cansada o suficiente do assunto.

— Bem! — disse seu irmão, com uma sombra de amargura. — Suponha que encontremos um assunto mais agradável. O que você diz de uma greve, como tema mais afável para uma conversa?

— Os operários realmente pararam? — perguntou Mrs. Thornton, com vívido interesse.

— Os homens de Hamper realmente estão fora. Os meus estão trabalhando para completar a semana deles, com medo de serem processados por cisão de contrato. Eu mantenho todos eles cientes de sua punição por isso, caso deixem seus trabalhos antes da hora.

— As despesas com advogado teriam sido maiores do que valem esses próprios tecelões, um bando de ordinário, ingratos! — disse sua mãe.

— Certamente. Mas eu lhes mostrei como mantenho minha palavra, e como espero que eles mantenham as deles. Eles me conhecem agora. Os homens de Slickson também estão fora, e é muito certo de que ele não gastará dinheiro para puni-los. Estamos nos preparando para demitir, mãe.

— Espero que não haja muitos pedidos em mãos?

— Claro que há. Eles sabem disso bem o suficiente. Mas eles não entendem tudo muito bem, embora pensem que entendam.

— O que você quer dizer, John?

Velas haviam sido trazidas, e Fanny havia tomado seu interminável trabalho de tricô, sobre o qual ela estava bocejando, recostando-se na cadeira, de tempo em tempo, para olhar para o vazio, sem pensar em nada.

— Ora — disse ele —, os americanos estão colocando seus fios com tanta força no mercado mundial, que a nossa única chance é produzi-los mais barato. Se não pudermos, pode ser que

fechemos nossas lojas de uma vez, e tanto os patrões como os empregados cairão na mendicância. Ainda assim aqueles tolos querem voltar aos preços pagos três anos atrás; não, alguns dos seus líderes citam os preços de Dickinson, agora, embora saibam tão bem quanto nós o quanto as multas arrancam de seus salários, e nenhum homem honrável as haveria extorquido. E há outras maneiras que eu por mim abster-me-ia de usar, mas a real taxa de salário paga por Dickinson é menor do que a nossa. Sobre minha palavra, mãe, eu queria que as antigas leis combinadas estivessem em uso. É muito ruim descobrir que tolos, homens teimosos e ignorantes como estes, apenas unindo suas bobas e fracas mãos, podem comandar as fortunas daqueles que trazem toda a sabedoria que conhecimento e experiência, e muito frequentemente doloroso pensamento e ansiedade, podem dar. A próxima coisa será, de fato, na verdade já estamos chegando a isso, que haveremos de ir e pedir, de chapéu na mão, humildemente, ao secretário do Sindicato dos Fiandeiros que seja tão bondoso a ponto de fornecer-nos mão de obra, com seus próprios preços. Isso é o que eles querem; eles, que não têm o discernimento de ver que, se não conseguirmos uma parte justa dos lucros para nos compensar por nosso desgaste aqui na Inglaterra, podemos nos mudar para algum outro país. E isso, com a concorrência local e estrangeira, nenhum de nós está suscetível a conseguir uma parte acima do justo, e devemos ser gratos o suficiente se pudermos conseguir isso, em um número médio de anos.

— Você pode conseguir mão de obra na Irlanda? Eu não manteria esses indivíduos por um dia. Eu os ensinaria que eu sou o patrão, e poderia empregar que serviçais quisesse.

— Sim! Certamente, posso. E é o que farei, se eles insistirem nisso. Será trabalhoso e dispendioso, e temo que haverá algum perigo, mas farei isso, antes de ceder.

— Se vamos ter todo esse gasto extra, lamento que estejamos dando um jantar agora.

— Eu também. Não por causa da despesa, mas porque hei de ter muito sobre o que pensar, e muitos compromissos inesperados que tomarão meu tempo. Mas temos que contar com a presença de Mr. Horsfall, e ele não ficará em Milton por muito tempo. E quanto aos outros, devemos jantares a eles, e será tudo um só trabalho.

Ele continuou com sua incansável caminhada, não falando mais, mas, de tempo em tempo, dando um profundo suspiro, como se esforçasse para jogar fora algum pensamento irritante. Fanny fez à sua mãe um número sem fim de perguntas sobre ninharias, nenhuma delas relacionada com o assunto que preocupava a dama, como qualquer pessoa mais sábia haveria percebido. Consequentemente, ela recebeu muitas respostas curtas. Ela não lamentou quando, às dez horas, os serviçais perfilaram-se para as orações. Estas, sua mãe sempre lia, capítulo por capítulo. Eles estavam agora trabalhando estavelmente o Antigo Testamento. Quando as orações estavam terminadas, sua mãe lhe desejou boa noite, com aquele longo e estável olhar, que não transmitia a expressão da ternura que estava em seu coração, mas ainda assim tinha a intensidade de uma bênção.

Mr. Thornton continuou sua caminhada. Todos seus planos de negócios haviam sido suspensos, um abrupto adiamento, com as demissões que se aproximavam. A sua premeditação de muitas ansiosas horas fora descartada, absolutamente desperdiçada pela

tolice insana deles, que prejudicaria mais a eles do que a ele mesmo, embora ninguém pudesse colocar qualquer limite ao estrago que eles estavam causando. E esses eram os homens que se julgavam aptos a dirigir os patrões à disposição do capital deles! Hamper havia dito, apenas naquele mesmo dia, que se ele fosse arruinado pela greve, começaria a vida novamente, confortado pela convicção de que aqueles que a trouxeram estavam em pior situação que ele mesmo, pois ele possuía a cabeça e as mãos, enquanto eles tinham apenas mãos. E se eles acabassem com seu próprio mercado, eles não o conseguiriam de volta, nem o tornar qualquer outra coisa. Mas esse pensamento não era um consolo para Mr. Thornton. Poderia ser que a vingança não lhe trouxesse prazer algum; poderia ser que ele valorizasse a posição que havia conquistado com o suor de seu rosto, tanto que ele sentia profundamente que ela fosse posta em perigo pela ignorância ou tolice de outrem. E sentia tão intensamente que ele não tinha outros pensamentos a não ser sobre quais seriam as consequências da conduta deles para com seus destinos. Ele andava para cima e para baixo, fixando seus dentes de vez em quando. Finalmente o relógio bateu duas horas. As velas tremeluziram nos candelabros e se apagaram. Ele acendeu a sua própria, balbuciando para si mesmo:

— De uma vez por todas, eles haverão de saber com quem eles têm que lidar. Posso dar uma quinzena a eles, não mais. Se eles não acabarem essa loucura antes do fim desse tempo, devo ter mão de obra irlandesa. Acho que é coisa de Slickson, confundi-los com suas fraudes! Ele pensava que seu estoque estava abarrotado, então pareceu ceder no início, quando a deputação recaiu sobre ele. E, é

claro, ele apenas os confirmou na tolice deles, como ele pretendia. Foi daí que isso se espalhou.

Capítulo XIX

As visitas de um anjo

“Com os anjos as mais vívidas ilusões
Fazem à alma seu clamor, quando o homem porventura dorme,
Transcendem algumas estranhas meditações,
E espiam o celeste resplendor”.
— HENRY VAUGHAN.[66]

Mrs. Hale estava curiosamente entretida e muito interessada com a ideia do jantar dos Thorntons. Ela ficava se perguntando sobre os detalhes, com algo da simplicidade de uma pequena criança, que quer ver descritos previamente todos os prazeres que ela pressente. Mas as monótonas vidas dos inválidos frequentemente os transformam em crianças, enquanto nenhum deles tem qualquer senso de proporção dos acontecimentos, e tendem a acreditar que as paredes e cortinas, que se fecham no mundo deles, e os isolam de todas as outras coisas, devem por necessidade ser maiores do que qualquer coisa escondida além deles. Ademais, Mrs. Hale tivera suas vaidades enquanto moça e, talvez, houvesse indevidamente sentido a mortificação delas quando ela se tornou a esposa de um pobre clérigo. Essas frivolidades tiveram que ser sufocadas e reprimidas, mas não estavam extintas. Ela gostava da ideia de ver Margaret vestida para uma festa, e discutia o que ela deveria usar, com uma irrequieta ansiedade que divertia a filha. Margaret estava mais acostumada à sociedade, em

seu um ano em Harley Street, do que sua mãe com seus vinte e cinco anos de Helstone.

— Então você pensa que há de usar seu vestido de seda branca, Margaret. Tem certeza de que ele ainda vai lhe servir? Faz quase um ano desde que Edith se casou!

— Oh sim, mamãe! Mrs. Murray o fez, e é certo que ficará bom. Pode estar um cadarço na cintura mais apertado ou mais largo, caso eu tenha ficado mais gorda ou mais magra. Mas não penso que tenha havido qualquer alteração.

— Não era melhor deixar Dixon vê-lo? Pode ter ficado amarelado pelo não uso.

— Se a senhora quiser, mamãe. Mas caso aconteça o pior, tenho um lindo vestido de uma seda rosa, bastante fina e muito boa, que tia Shaw me deu, apenas dois ou três meses antes de Edith se casar. Ele não pode ter amarelado.

— Não! Mas a cor pode ter esvanecido.

— Bem! Então tenho uma seda verde. Sinto-me como se isso fosse a preocupação dos ricos, mamãe.

— Eu só queria saber o que você iria vestir — disse Mrs. Hale, nervosamente.

Os modos de Margaret mudaram imediatamente.

— Devo ir e vesti-los um após o outro, mamãe, e então a senhora poderia ver qual gostou mais?

— Mas... sim! Talvez isso fosse melhor.

E assim Margaret saiu. Ela estava muito inclinada a pregar algumas peças por estar tão bem-vestida em uma hora tão incomum. Disse à sua mãe que ela parecia envergada em seu rico vestido de seda branca, mais como um queijo, e recuou para longe

como se ela fosse uma rainha; mas quando Margaret viu que essas extravagâncias eram consideradas como interrupções de um assunto sério para Mrs. Hale, e como tal a aborreciam, ela se tornou séria e calma. O que tinha o mundo (o mundo de Mrs. Hale) para se inquietar tanto sobre qual vestido usaria, ela não conseguia entender. Mas naquela mesma tarde, ao contar para Bessy Higgins da serviçal que Mrs. Thornton havia prometido indicar, Bessy animou-se bastante ao saber da notícia.

— Minha nossa! Você vai jantar na casa de Thornton, das Fábricas Marlborough?

— Sim, Bessy. Por que está tão surpresa?

— Oh, não sei. Mas eles andam com todas as pessoas mais importantes de Milton.

— E você não pensa que somos pessoas muito importantes em Milton, eh, Bessy? — brincou Margaret e as bochechas de Bessy ruborizaram um pouco por seu pensamento ser assim tão facilmente lido.

— Bem — disse ela —, entenda, eles pensam muito sobre dinheiro aqui, e eu avalio que você não tenha muito.

— Não — disse Margaret —, isso é bem verdade. Mas nós somos pessoas educadas, e temos vivido entre pessoas educadas. É tão espantoso assim que sejamos convidados para jantar por um homem que se considera inferior a meu pai por vir a ele para ser instruído? Não pretendo culpar Mr. Thornton. Poucos assistentes de cortineiro, como ele já foi uma vez, poderiam haver feito de si mesmos o que ele é.

— Mas vocês poderão retribuir, como os ricos fazem, com um jantar em sua casa tão pequena? A casa de Thornton é três vezes

maior.

— Bem, penso que podemos conseguir dar a Mr. Thornton um jantar de retribuição, como você diz. Talvez não em tão grande cômodo, nem com tantas pessoas. Mas não creio que tenhamos pensado sobre isso de modo algum dessa maneira.

— Nunca pensei que você estaria jantando na casa da família Thornton — repetiu Bessy. — Ora, o próprio prefeito janta lá, e os membros do Parlamento e tudo.

— Penso que eu conseguiria suportar a honra de encontrar-me com o prefeito de Milton.

— Mas aquelas damas se vestem tão bem! — disse Bessy, com um ansioso olhar ao simples vestido estampado de Margaret, que seus olhos de Milton avaliaram como havendo custado sete pence a jarda.

O rosto de Margaret agitou-se em uma alegre risada.

— Obrigada, Bessy, por pensar tão bondosamente sobre eu parecer bonita entre todas as pessoas importantes. Mas tenho muitos bons vestidos. Uma semana atrás, eu deveria pensar que eles eram demasiado bons para qualquer coisa que eu devesse querer algum dia novamente. Mas como eu vou jantar na casa de Mr. Thornton, e talvez conhecer o prefeito, hei de colocar meu melhor vestido, você pode ter certeza.

— O que você vai vestir? — perguntou Bessy, de alguma forma aliviada.

— Seda branca — disse Margaret. — Um vestido que usei no casamento de uma prima há um ano.

— Isso bastará! — disse Bessy, recostando-se em sua cadeira. — Eu me recuso a ver você sendo depreciada.

— Oh! Estarei bem o suficiente, se isso irá me salvar de ser depreciada em Milton.

— Eu queria poder ver você vestida assim! — disse Bessy. — Você não é o que as pessoas chamariam de linda, não é clara ou rosada o suficiente para isso. Mas, sabe, eu tive um sonho com você muito antes de conhecê-la.

— Bobagem, Bessy!

— Sim, mas eu sonhei. Seu mesmo rosto, olhando com seus claros e diretos olhos na escuridão, com seus cabelos soprados para trás, e saindo como raios ao redor de sua testa, que estava tão suave e tão honesta como me parece agora. E você sempre vinha para me dar forças, que eu parecia retirar dos seus profundos e reconfortantes olhos, e você estava vestida em vestes brilhantes, justo como você estará vestida. Então, você vê, era você!

— Não, Bessy — disse Margaret, gentilmente. — Foi senão um sonho.

— E por que, na minha aflição, eu não poderia sonhar um sonho, tanto como os outros? Não há tantos na Bíblia? Sim, eu tenho visões também! Ora, até meu pai acredita nos sonhos! Digo-lhe novamente, eu a vi tão claramente, vindo em minha direção, com seus cabelos esvoaçando para trás com a própria rapidez do movimento, bem da forma como você os usa, com alguns fios soltos, e com o vestido branco e brilhante que você vai usar. Deixe-me ir vê-la usando-o. Quero vê-la e tocá-la do mesmo modo como você estava em meu sonho.

— Minha querida Bessy, isso é imaginação sua.

— Imaginação ou não, você veio, como eu sabia que viria quando vi seus movimentos em meu sonho. E quando você está

aqui ao meu lado, avalio que me sinto mais reconfortada, justamente como o fogo conforta em um dia frio e melancólico. Você disse que seria no dia vinte e um; agradeço a Deus, irei e verei você.

— Oh, Bessy! Você pode ir e será bem-vinda, mas não fale assim, realmente me faz lamentar. Faz mesmo.

— Vou guardar isso para mim mesma, vou morder a minha língua, mas não é por isso que deixa de ser verdade.

Margaret ficou em silêncio. Por fim, disse:

— Vamos falar sobre isso algumas vezes, se você pensa ser verdade. Mas não agora. Conte-me, seu pai ainda está fazendo greve?

— Sim! — disse Bessy, com pesar, num tom muito diferente daquele que ela havia falado senão um minuto ou dois antes. — Ele e muitos outros, todos tecelões de Hamper, e muitos além deles. Nessa greve as mulheres estão tão perversas quanto os homens, em sua selvageria. A comida custa muito dinheiro, e elas precisam ter comida para seus filhos, avalio. Suponha que Thornton divida o seu jantar com eles, o mesmo dinheiro gasto em carne e batatas, manteria muitos bebês chorões calados, e tranquilizaria um pouco os corações das mães!

— Não fale assim! — disse Margaret. — Você me fará sentir perversa e culpada por ir a esse jantar.

— Não! — exclamou Bessy. — Alguns são eleitos de antemão para banquetes suntuosos e finos linhos cor de púrpura e talvez você seja um deles. Outros labutam e sofrem por toda a sua vida, e os próprios cães não são piedosos em nossos dias, como eles eram nos dias de Lázaro. Mas se você me pedir para esfriar sua língua

com a ponta do meu dedo, atravessarei o grande golfo por você, apenas pela lembrança do que você tem sido para mim aqui[67].

— Bessy! Você está com muita febre! Consigo saber pelo toque da sua mão, tão bem quanto pelo que você está dizendo. Não haverá divisão, naquele terrível dia, entre os que têm sido pedintes e os ricos. Não seremos julgados por essa mera circunstância, mas pelo fiel séquito de Cristo.

Margaret levantou-se, pegou um pouco de água e, encharcando seu lenço de bolso nela, deitou a fria umidade na testa de Bessy, e começou a friccionar os pés frios como pedra. Bessy fechou seus olhos, e permitiu-se ser cuidada. Finalmente, ela disse:

— Você ficaria confusa até perder seus cinco sentidos, assim como eu, se você tivesse uma pessoa após outra entrando para perguntar por seu pai, e ficando para me contar cada uma a sua história. Alguns falaram com um ódio mortal, e me gela o sangue com as terríveis coisas que disseram dos mestres. Muitas, sendo mulheres, ficaram lamentando, lamentando do preço da carne (com as lágrimas rolando por suas faces, e elas nunca as secavam, nem prestavam atenção nelas), e de como seus filhos não conseguiam dormir à noite pela fome.

— E eles pensam que a greve irá consertar isso? — perguntou Margaret.

— Eles dizem que sim — respondeu Bessy. — Eles realmente dizem que o comércio tem estado bom por muito tempo, e que os patrões têm feito um sem-fim de dinheiro. Quanto eles têm, o pai não sabe, mas, é claro, o sindicato sabe. E é natural que agora eles queiram a sua parte dos lucros, já que a comida está ficando cara. E o sindicato diz que eles não farão seus deveres se eles não fizerem

os mestres lhes darem a sua parte. Mas os patrões têm que obter vantagem de alguma forma; e estou temerosa de que eles manterão a vantagem para sempre. É como a grande batalha do Armagedon[68], a forma como eles continuam zombando e lutando uns contra os outros, até que, mesmo enquanto lutam, serão arremessados para dentro da sepultura.

Justo nesse momento, Nicholas Higgins entrou. Ele ouviu as últimas palavras da filha.

— Sim! E eu vou lutar também, e eu vou conseguir desta vez. Não vai demorar muito para fazer eles ceder, posto que eles têm recebido um bom lote de pedidos, todos sob *contrato*. Logo vai descobrir que é melhor que eles nos deem nossos cinco por cento do que perder os lucros que pode ganhar. Sem falar na multa por não cumprir os contratos. A-há, meus mestres! Eu sei quem vai vencer!

Margaret imaginou, pelos seus modos, que ele devia ter bebido; não tanto pelo que ele disse, mas pelo modo excitado no qual ele falava. E a suposição foi confirmada pela evidente ansiedade que Bessy demonstrou para apressar sua partida. Bessy disse:

— Dia vinte e um, isso é quinta-feira desta semana. Posso ir e ver você vestida para o jantar dos Thornton, avalio? Que horas é o seu jantar?

Antes que Margaret pudesse responder, Higgins irrompeu:

— Jantar na casa do Thornton?! Tu vais jantar na casa dele? Peça a ele que lhe faça um brinde ao sucesso das encomendas dele. Daqui para o dia vinte e um, avalio, ele vai derreter seus miolos pensando em como terminar *elas* a tempo. Conte a ele que

há setecentos operários que marcharão para dentro das Fábricas Marlborough, na manhã seguinte após ele nos dar os cinco por cento, e vão ajudar *ele* a terminar seu contrato muito rapidamente. A senhora vai ter todos os patrões lá. Meu mestre, o Hamper, ele é um do tipo à moda antiga. Nunca fala com um homem sem jogar nele um juramento ou uma maldição. Eu deveria pensar que ele vai morrer se em algum dia ele falar comigo com educação. Mas, afinal, ele late mais do que morde, e a senhora pode dizer que um dos seus grevistas disse isso, se quiser. Eh! Mas a senhora vai ter um lote de donos de usina premiados na casa do Thornton! Eu deveria gostar de ouvir a conversa deles, quando eles estiverem um tanto inclinados a sentar-se, depois do jantar, de modo que não poderiam escapar da conversa ao redor. Eu lhes diria o que penso. Falaria no modo duro que eles estão impondo sobre nós!

— Adeus! — disse Margaret, apressadamente. — Adeus, Bessy! Hei de esperar para ver você no dia vinte e um, se você estiver bem o suficiente.

Os medicamentos e o tratamento que o Dr. Donaldson havia ordenado para Mrs. Hale, fizeram-na tão bem de início, que não apenas a doente, mas também Margaret, começaram a ter esperanças de que ele pudesse ter se equivocado, e que ela poderia se recuperar permanentemente. Quanto a Mr. Hale, embora ele nunca houvesse tido uma ideia da séria natureza das apreensões dela, triunfou sobre os medos delas com um evidente alívio, que provou o quanto ele fora afetado pelo o que pôde perceber da doença. Apenas Dixon continuava permanentemente a coaxar no ouvido de Margaret. Contudo, Margaret desafiava o corvo[69] e mantinha a esperança.

Eles precisavam desse lampejo de esperança dentro de casa, posto que fora dela, até mesmo para os olhos não instruídos pelo assunto, havia uma lúgubre infeliz aparência de descontentamento. Mr. Hale tinha seus próprios conhecidos entre os homens trabalhadores, e estava deprimido com as tristes histórias, de sofrimento e perseverança, avidamente relatadas. Eles teriam se recusado a falar do que tinham que suportar com qualquer um que pudesse, por sua posição, ter compreendido isso sem a necessidade de palavras. Mas aqui estava esse homem, de um condado distante, que estava perplexo pelos funcionamentos do sistema em meio do qual fora jogado, e cada um estava ávido a fazer dele um juiz, e dar testemunho de suas próprias causas para irritação.

Então Mr. Hale trouxe todo o seu orçamento de pesares, e o despejou ante Mr. Thornton, para que ele, com sua experiência enquanto patrão, os arranjasse, e explicasse sua origem, o que ele sempre fazia, à luz dos princípios econômicos; mostrando que, enquanto o comércio era conduzido, sempre haveria um aumento seguido de uma retração da prosperidade comercial. E que na fase de retração, um certo número de mestres, assim como de empregados, deveria cair em ruína, e estes não mais seriam vistos entre as posições dos prósperos e felizes. Ele falava como se essa consequência fosse inteiramente lógica, que nem os empregadores nem os empregados teriam qualquer direito de reclamar se esse se tornasse o seu destino. O empregador devia dar as costas a uma corrida na qual ele não mais conseguia competir, com um amargo senso de incompetência e fracasso — ferido na batalha — tripudiado por seus semelhantes na corrida pela riqueza,

desprezado onde ele fora uma vez honrado — e humildemente pedindo por trabalho, em vez de conceder emprego com uma mão senhorial. É claro, falando assim da sina que, como um mestre, poderia ser a sua própria – nas flutuações do comércio – ele não estava suscetível a ter mais empatia por aqueles operários, que eram perpassados nessa rápida e impiedosa alteração, e que, de bom grado, teriam se deitado para morrer com calma longe do mundo que não os queria mais. Talvez eles nunca mais pudessem descansar em seus túmulos pelos gritos agarrados dos amados e indefesos que eles deixariam para trás, e, talvez, invejassem o poder do pássaro selvagem, que pode alimentar seus filhotes com o próprio sangue de seu coração.

A alma inteira de Margaret inflamou-se contra ele enquanto ele argumentava dessa forma, como se o comércio fosse tudo, e a humanidade, nada. Ela mal podia agradecer-lhe a bondade que ele demonstrara, que o levou naquela mesma noite a oferecer-lhe — tendo a delicadeza de entender que ele deveria fazer a oferta em particular — todas as conveniências que sua própria riqueza, ou o espírito previdente da mãe, tinha-lhes permitido acumular no seu recesso familiar, e que, como ele ouviu do Dr. Donaldson, Mrs. Hale poderia talvez precisar. A presença dele, após a forma como ele tinha falado, lembrando-a da sua desgraça, aquela doença da mãe, que ela estava em vão tentando persuadir a si mesma de que ainda poderia ser evitada — tudo conspirava para que Margaret rangesse os dentes no seu limite, enquanto ela olhava-o e ouvia-o. Por que razão ele tinha que ser a única pessoa, exceto Dr. Donaldson e Dixon, admitida ao terrível segredo que ela mantinha oculto no mais profundo e sagrado recesso de seu coração — não ousando olhar

para ele, a menos que ela evocasse força divina para suportar a visão de que, algum dia, muito em breve, ela deveria chorar por sua mãe, e nenhuma resposta viria da escuridão vazia e muda? Ainda assim, ele sabia de tudo. Ela via isso nos seus compassivos olhos. Ela ouvia isso em sua voz grave e trêmula. Como conciliar aqueles olhos, aquela voz, com o raciocínio duro e o modo seco e impiedoso no qual ele expunha os axiomas do comércio, e serenamente os seguiu até o fim, nas suas plenas consequências? O desacordo despejou-se sobre ela inexprimivelmente. Mais ainda por causa da aglomerante angústia a qual ela ouvira Bessy falar. Certamente, Nicholas Higgins, o pai, falava diferentemente. Ele havia sido apontado como líder do comitê, e disse que sabia os segredos os quais os exotéricos desconheciam. Ele dissera isso, expressa e particularmente, justamente na véspera do jantar de Mrs. Thornton, quando Margaret, entrando para falar com Bessy, encontrou-o discutindo o assunto com Boucher, o vizinho de quem ela já ouvira falar com frequência, às vezes excitando a compaixão de Higgins, como um homem inabilidoso com uma grande família dependendo dele para o sustento; e em outras, enfurecendo seu mais energético e sanguíneo vizinho, pela falta do que ele ultimamente chamava de espírito.

Era evidente que Higgins estava alterado quando Margaret entrou. Boucher estava de pé, com ambas as mãos na alta cornija da lareira, ora balançando um pouco seus braços, e olhando selvagemente para o fogo, com um tipo de desespero que irritava Higgins, mesmo que este lhe tocasse o coração. Bessy estava se balançando violentamente na cadeira, para frente e para trás, como era afeita (naquela altura Margaret já sabia) quando estava agitada.

Sua irmã Mary estava vestindo e amarrando sua touca (em grandes e desajeitados laços, como cabia aos seus grandes desajeitados dedos), para ir cortar fustão, soluçando e chorando alto, e evidentemente ansiando por escapar de uma cena que a perturbava.

Margaret deparou-se com essa cena. Ela ficou por um momento parada à porta; então, com um dedo sobre os lábios, dirigiu-se furtivamente para um assento próximo a Bessy. Nicholas a viu entrar, e a cumprimentou com um rude, mas não inamistoso, aceno de cabeça. Mary apressou-se e ficou contente por poder escapar pela porta aberta, chorando em voz alta enquanto saía da presença do pai. Apenas John Boucher não tomou nota de quem chegou e de quem saiu.

— É inútil, Higgins. Ela não pode viver com tudo isso. Ela está apenas se afundando, não pela falta de carne para ela mesma, mas porque ela não consegue suportar a visão dos pequenos passando fome. Sim, passando fome! Cinco xelins por semana pode ser bom para você, que só tem duas bocas para sustentar, e uma delas é uma diaba que já pode ganhar sua própria carne. Mas nós passamos fome. E te falo com franqueza, ela vai morrer, como eu temo que vai, ela morrerá antes de conseguirmos os cinco por cento. Jogarei o dinheiro de volta na cara do patrão, e direi: “Maldito seja você; seja maldito todo o mundo cruel de vocês; que não pôde deixar viver a melhor esposa que já trouxe crianças a um homem!” E olha, rapaz, eu te odiarei, e a todo o bando do sindicato. Sim, e vou perseguir vocês até o céu com meu ódio; irei, rapaz! Irei, se você me iludir nesse assunto. Você disse, Nicholas, na quarta-feira da semana passada, e agora é quinta da outra semana, isso dá uma

quinzena, que teríamos os mestres vindo atrás de nós e nos implorando para tomar nosso trabalho de volta, o nosso próprio salário, e o tempo está quase acabando, e há nosso pequeno Jack deitado na cama, muito fraco para chorar, mas de vez em quando soluçando em seu coração por falta de comida, nosso pequeno Jack, eu te digo, rapaz! Ele nunca melhorou desde que nasceu, e ela o ama como se ele fosse a sua própria vida, e ele é, posto que avalio que ele haverá me custado esse precioso preço, vai me tirar meu bem mais precioso. Nosso pequeno Jack, que me acorda cada manhã, colocando seus pequenos doces lábios em meu grande rosto rude e abominável, procurando um lugar suave para beijar, ele está morrendo de fome.

Aqui os profundos soluços sufocaram o pobre homem, e Nicholas olhou para cima, com olhos até a borda de lágrimas, para Margaret, antes que ele pudesse ganhar coragem para falar.

— Segure-se, homem. Teu pequeno Jack não há de passar fome. Consegui metal, e iremos comprar para a criança um pouco de leite e um bom pão de quatro libras neste exato minuto. O que é meu é teu, certamente, se tu quiseres. Apenas, não perca a coragem, homem! — continuou ele, tateando em uma chaleira para pegar todo o dinheiro que tinha. — Eu te digo, do fundo da minha alma, que isso vai acabar. É só suportar por mais uma semana, e você verá a forma como os mestres virão atrás da gente, rogando para nós voltarmos para as fábricas. E o sindicato, quer dizer, eu mesmo, cuidarei para que você tenha o suficiente para as crianças e a patroa. Então não enfraqueça o coração, e não vá procurar os tiranos em busca de trabalho.

O homem virou o rosto ao ouvir essas palavras, um rosto tão pálido, descarnado, sulcado pelo medo e desesperança, que a sua própria calma forçou Margaret a chorar.

— Você sabe bem, que um tirano ainda pior do que os patrões está dizendo: “Passem fome até a morte, antes que vocês ousem ir novamente ao sindicato”. Você bem sabe disso, Nicholas, posto que você é um deles. Vocês podem ter bom coração, cada um separado, mas uma vez juntos, em bando, vocês não têm mais piedade por um homem do que um selvagem lobo enlouquecido pela fome.

Nicholas tinha sua mão sobre a tranca da porta, quando parou e virou-se para Boucher, fechando-a em seguida:

— Que Deus me ajude, homem! Se eu não estou fazendo o melhor por ti, e por todos nós. Se estou errado quando penso que estou certo, é pecado deles que me deixou onde estou, em minha ignorância. Eu tinha pensado até que meu cérebro doesse. Acredite em mim, John, eu pensei. E eu digo novamente, não há saída para nós senão termos fé no sindicato. Eles vão vencer, você vai ver que vão!

Nem Margaret nem Bessy tinham falado sequer uma palavra. Elas mal podiam proferir um suspiro, quando os olhos de uma encontravam os da outra e buscavam as profundezas de seus corações. Bessy, finalmente, disse:

— Nunca pensei ouvir papai chamar por Deus novamente. Mas você o ouviu dizer, “Que Deus me ajude”!

— Sim! — disse Margaret. — Deixe-me trazer o dinheiro que consegui economizar; deixe-me trazer um pouco de comida para os filhos daquele pobre homem. Não os deixe saber que vem de qualquer um senão de seu pai. Será senão muito pouco.

Bessy recostara-se na cadeira, sem tomar qualquer nota do que Margaret havia lhe dito. Ela não chorou, ela apenas tremia, o peito arfando.

— Meu coração está seco de lágrimas — disse ela. — Boucher tem estado aqui nestes últimos dias, contando-me de seus temores e problemas. Ele é senão um fraco tipo de homem, eu sei, mas é um homem mesmo assim.

E, embora eu tenha estado raivosa, muitas vezes antes de agora, com ele e sua esposa, que sabe ainda menos do que ele se virar, ainda assim, veja, nem todas as pessoas são sábias, e ainda assim Deus os deixa viver. Sim, e dá a eles alguém para amar, e por quem ser amado, tão bem quanto Salomão. E se o pesar vem sobre aqueles que eles amam, os machuca tanto quanto já machucou Salomão. Não consigo entender. Talvez seja bom que alguém como Boucher tenha o sindicato para cuidar dele. Mas eu apenas gostaria de ver os meios que o sindicato vai usar, e queria colocá-los um por um, face a face com Boucher. Avalio que se eles o ouvissem, eles lhe diriam (se eu os pegasse um por um) que ele poderia voltar e pegar o que ele pudesse pelo seu trabalho, mesmo se não fosse tanto quanto eles ordenaram.

Margaret ficou sentada absolutamente em silêncio. Como ela poderia algum dia voltar para o conforto e esquecer a voz daquele homem, com seu tom de improfessável agonia, contando sofrimentos que suas palavras não conseguiam descrever? Ela puxou sua bolsa; nela não tinha muito do que ela pudesse chamar de seu próprio, mas o que tinha, ela colocou na mão de Bessy sem falar.

— Obrigada. Há muitos deles que não recebem nem isso, e não estão em estado pior, ou pelo menos não demonstram tanto quanto ele. Mas o pai não vai deixá-los em falta, agora ele sabe. Você vê, Boucher tem sido puxado para baixo com seus filhos, e ela sendo tão rabugenta, e tudo o que eles puderam penhorar se havia ido neste último ano. Você não deve pensar que íamos deixá-los passar fome, posto que nós mesmos estamos um pouco apertados, mas se os vizinhos não cuidarem dos vizinhos, não sei quem cuidará.

Bessy parecia quase temerosa com receio de que Margaret devesse pensar que eles não tiveram vontade, e, em certo grau, o poder de ajudar alguém que ela evidentemente considerava como tendo uma reivindicação sobre eles.

— Além disso — ela continuou —, o pai está certo e seguro de que os mestres devem ceder dentro dos próximos dias, que eles não podem segurar por muito mais tempo. Mas obrigada do mesmo jeito, agradeço por mim mesma, tanto quanto por Boucher, posto que isso apenas deixa meu coração mais e mais afetuoso por você.

Bessy parecia muito mais calma hoje, mas temerosamente lânguida e exausta. Enquanto terminava de falar, ela parecia tão fraca e exaurida que Margaret ficou alarmada.

— Não é nada — disse Bessy. — Não é a morte ainda. Tive uma noite temível com muitos sonhos, ou algo como sonhos, posto que eu estivesse bem acordada. E estou toda em um desfalecimento confuso hoje, apenas o pobre rapaz acolá me deixou mais ativa. Não! Ainda não é a morte, mas a morte não está muito longe. Sim! Cubra-me, e eu talvez durma um pouco, se a tosse me permitir. Boa

noite, ou boa tarde talvez, pode ser que eu deva dizer, as luzes estão brumosas hoje.

Capítulo XX

Homens e cavalheiros

“Velho e jovem, menino, deixem todos eles comerem, por mim;
Deixe-os ter dez dentes de adorno, não me importo”.
— ROLLO, DUQUE DA NORMANDIA.[70]

Margaret foi para casa tão dolorosamente pensativa com o que ela havia ouvido e visto que mal soube como se animar para os deveres que a aguardavam; a necessidade de manter um constante fluxo de alegre conversação com sua mãe, que, agora que estava incapaz de sair, sempre aguardava o retorno de Margaret da mais curta caminhada como se trouxesse boas notícias.

— E sua amiga da fábrica poderá vir para vê-la vestida para o jantar?

— Ela estava tão doente que nem pensei em perguntar — disse Margaret, tristemente.

— Homessa! Todos estão doentes agora, penso — disse Mrs. Hale, com um pouco do ciúme que um inválido sente do outro. — Mas deve ser muito triste estar doente em uma daquelas pequenas ruas estreitas — disse Mrs. Hale, sua gentil natureza prevalecendo, assim como os antigos hábitos de pensar de Helstone. —Aqui já é ruim o suficiente. O que você poderia fazer por ela, Margaret? Mr. Thornton me enviou um pouco do antigo vinho do porto, depois que você saiu. Acha que uma garrafa desse vinho lhe faria bem?

— Não, mamãe! Não creio que eles sejam assim tão pobres. Pelo menos, eles não agem como se fossem. E, de qualquer forma, a doença de Bessy é degenerativa, ela não quererá vinho. Talvez, eu possa levar para ela uma pequena conserva, feita de nossas queridas frutas de Helstone. Não! Há outra família a quem eu deveria gostar de dar. Oh mamãe, mamãe! Como poderei me vestir da maneira mais fina e sair para passear em importantes festas, depois da tristeza que presenciei hoje? — disse Margaret, rompendo os limites que ela havia estabelecido para si mesma antes que entrasse, e contasse para sua mãe o que ela havia visto e ouvido no chalé dos Higgins.

O assunto perturbou Mrs. Hale excessivamente. Tornou-a inquietamente irritada até que ela pudesse fazer alguma coisa. Ela instruiu Margaret que empacotasse uma cesta na própria sala de visitas, para ser enviada naquela mesma hora até a família; e estava quase com raiva da filha por ela dizer que não fariam mal se mandassem a cesta apenas na manhã seguinte, já que ela sabia que Higgins havia provido pelas necessidades imediatas deles, e ela mesma havia deixado dinheiro com Bessy. Mrs. Hale a chamou de insensível por dizer isso, e não se permitiu respirar até que a cesta fosse enviada. Então ela disse:

— Afinal, talvez, tenhamos agido errado. Foi apenas na última vez que Mr. Thornton esteve aqui, que ele nos disse, que aqueles que ajudam a prolongar a greve, socorrendo os grevistas, não são verdadeiros amigos. E este homem Boucher era um grevista, não era?

A pergunta foi feita a Mr. Hale por sua esposa, quando ele subia as escadas, revigorado, logo após dar uma aula a Mr.

Thornton, que havia terminado com uma conversa, como era seu costume. Margaret não se importava se a sua doação prolongasse a greve. Seus pensamentos não iam longe o suficiente para isso, em seu presente estado de excitação.

Mr. Hale ouvia, e tentava ficar tão calmo como um juiz. Lembrava-se de todas as coisas que pareciam tão claras, meia hora antes, enquanto saíam dos lábios de Mr. Thornton. E então chegou a um acordo, não muito satisfatório. Sua esposa e filha não apenas tinham agido corretamente naquela instância, mas também ele não via, no momento, como elas poderiam ter feito de outra forma. Não obstante, como regra geral, era bem verdade o que Mr. Thornton dissera, pois se a greve se prolongasse, deveria terminar com os mestres trazendo mão de obra de mais longe (se, de fato, o resultado final não fosse, como havia sido antes, com a invenção de alguma máquina que diminuiria a necessidade de mão de obra); ora, estava claro o suficiente que a coisa mais bondosa era recusar toda ajuda que pudesse reforçá-los em sua tolice. Mas, quanto a esse Boucher, ele iria vê-lo na primeira hora da manhã, e tentaria descobrir o que poderia ser feito por ele.

Mr. Hale saiu na manhã seguinte, como propusera. Ele não encontrou Boucher em casa, mas conversou longamente com a esposa dele. Prometeu pedir por uma ordem da enfermaria para que ela se tratasse; e, vendo a abundância provida por Mrs. Hale, e de alguma forma desperdiçada pelas crianças, que eram mestres no andar de baixo na ausência de seu pai, ele voltou para casa com um relato mais consolador e alegre do que Margaret havia ousado esperar. De fato, o que ela havia dito na noite anterior havia preparado seu pai para um estado de coisas tão desastroso que,

como ele esperava o pior, descreveu tudo melhor do que realmente estava.

— Mas irei novamente, e verei o homem ele mesmo — disse Mr. Hale. — Eu mal sei até agora como comparar uma dessas casas com as nossas pobres cabanas de Helstone. Vejo mobília aqui que nossos trabalhadores nunca haveriam pensado em comprar, e comida comumente usada que eles considerariam luxo; ainda assim, para essas mesmas famílias daqui, parece não haver outro recurso, agora que seus salários semanais estão suspensos, senão a loja de penhores. Temos que aprender uma linguagem distinta, e medir por um padrão diferente, aqui em Milton.

Bessy, também, estava bastante melhor naquele dia. Ainda assim ela estava tão fraca que parecia ter esquecido inteiramente seu desejo de ver Margaret vestida — se, de fato, aquele não houvesse sido um febril desejo de um estado meio delirante.

Margaret não conseguia evitar a comparação entre aqueles seus trajes pouco comuns — para ir aonde ela não desejava, seu coração pesado com várias ansiedades — com os velhos, alegres e femininos *toilettes* que ela e Edith haviam feito pouco mais do que um ano atrás. Seu único prazer agora, em enfeitar-se com essas roupas luxuosas, era pensar no deleite de sua mãe ao vê-la vestida. Ela corou quando Dixon, abrindo com força a porta da sala de visitas, fez uma aparição para admirá-la.

— Miss Hale parece bonita, madame, não parece? O coral de Mrs. Shaw não poderia ter vindo em hora melhor. Dá exatamente o toque certo de cor, madame. De outra forma, Miss Margaret, a senhorita teria ficado muito pálida.

O cabelo preto de Margaret era muito espesso para ser trançado; precisava mais ser torcido em voltas e voltas, e ter sua fina maciez de seda modelada, numa cascata de belos e sedosos cachos, que circulavam sua cabeça como uma coroa, e então foram unidos em um grande nó em espiral atrás. Ela manteve o peso com dois grandes grampos de coral, que pareciam duas compridas flechas. Suas brancas mangas de seda foram enroladas com cadarços do mesmo material; e, em seu pescoço, logo abaixo da base de sua garganta curvada e branca como leite, havia pesadas contas cor de coral.

— Oh, Margaret! Como eu deveria gostar de ir com você a uma das antigas reuniões dos Barrington... levar você, como lady Beresford costumava me levar.

Margaret beijou sua mãe por aquele pequeno rompante de vaidade maternal, mas mal conseguia sorrir com isso, pois se sentia muito sem ânimo.

— Eu preferiria ficar em casa com a senhora; muito mais, mamãe.

— Bobagem, querida! Certifique-se de notar bem o jantar. Hei de gostar de saber como eles gerenciam essas coisas aqui em Milton. Particularmente o segundo prato, querida. Olhe o que eles servem em vez de carne de caça.

Mrs. Hale haveria estado mais do que interessada — ela ficaria atônita se houvesse visto a suntuosidade da mesa de jantar e seus arranjos. Margaret, com seu gosto cultivado em Londres, sentiu o número de iguarias opressivo, metade da quantidade teria sido suficiente; e o efeito, mais leve e mais elegante. Mas era uma das rigorosas leis da hospitalidade de Mrs. Thornton, que cada uma das

iguarias deveria ser provida para todos os convidados experimentarem, se eles se sentissem inclinados a fazê-lo. Não ligando para a abstenção da bebida em seus hábitos diários, era parte de seu orgulho, montar um banquete, antes de tudo para seus convidados, como se desse a máxima importância para isso. Seu filho compartilhava desse sentimento. Ele nunca conhecera, embora pudesse imaginar e fosse capaz de apreciar — nenhum tipo de sociedade senão aquela que dependia da troca de soberbas refeições. Embora ele se negasse o dispêndio pessoal de desnecessários seis pence, e havia mais de uma vez lamentado que os convites para este jantar tivessem sido enviados, ainda assim, como não tinha mais solução, ele estava alegre em ver a antiga magnificência da preparação.

Margaret e seu pai foram os primeiros a chegar. Mr. Hale era ansiosamente pontual ao horário especificado. Não havia ninguém no andar de cima na sala de visitas senão Mrs. Thornton e Fanny. Cada cobertura dos móveis fora removida, e a sala resplandecia com a seda adamascada amarela dos estofados e um carpete brilhantemente florido. Cada canto parecia repleto de ornamento, até que se tornasse uma fadiga aos olhos, e apresentasse um estranho contraste à calva feiura da paisagem que era o grande pátio da fábrica, onde largos portões dobráveis estavam abertos para a admissão das carruagens. A fábrica erguia-se lúgubre ao lado esquerdo das janelas, projetando uma sombra, c0m seus muitos andares, que escurecia a noite de verão antes de seu tempo.

— Meu filho teve um compromisso de negócios até o último momento. Ele estará aqui imediatamente, Mr. Hale. Posso lhe implorar que tome um assento?

Mr. Hale estava em pé junto à janela enquanto Mrs. Thornton falava. Ele se virou para fora, dizendo: — A senhora não acha tão próxima vizinhança com a fábrica bastante desagradável, às vezes?

Ela se empertigou:

— Nunca. Não me tornei tão refinada a ponto de desejar esquecer a fonte da riqueza e poder de meu filho. Ademais, não há outra fábrica como essa em Milton. Um pavilhão somente tem duzentos e vinte jardas quadradas.

— Eu quis dizer que a fumaça e o barulho, o constante sair e entrar de operários, podem ser irritantes!

— Concordo com o senhor, Mr. Hale! — disse Fanny. — Há um contínuo cheiro de vapor, e maquinário oleoso e o barulho é perfeitamente ensurdecedor.

— Já ouvi barulho que era chamado de música muito mais ensurdecedor. A sala de motores fica no final da fábrica que dá para a rua; nós mal ouvimos, exceto no clima do verão, quando todas as janelas estão abertas; e quanto ao contínuo murmúrio dos operários, perturba-me não mais do que o zunido de uma colmeia de abelhas. De qualquer forma, sempre que penso nisso, lembro-me de meu filho, e vejo que tudo pertence a ele, e que é dele a cabeça que dirige isso. Justo agora, não há um som vindo da fábrica; a mão de obra foi ingrata o bastante para fazer greve, como talvez vocês tenham ouvido. Mas o próprio negócio (do qual eu falava, quando vocês entraram), refere-se às atitudes que ele vai tomar para fazê-los aprenderem o lugar deles.

A expressão no rosto dela, sempre austera, aprofundava-se em obscura raiva enquanto ela falava. Seu semblante não se desfez nem quando Mr. Thornton entrou na sala, pois ela viu, em um

instante, o peso das preocupações e da ansiedade, das quais ele não conseguia se livrar, embora seus convidados recebessem dele uma saudação que parecia tanto alegre quanto cordial. Ele deu um aperto de mão em Margaret. Ele sabia que era a primeira vez que as suas mãos se tocavam, embora ela estivesse perfeitamente inconsciente do fato. Ele inquiriu por Mrs. Hale, e ouviu o relato otimista e esperançoso de Mr. Hale; e olhando para Margaret, para entender até que ponto ela concordava com seu pai, ele não viu sombra de dissensão cruzar o rosto dela. E, enquanto ele olhava-a com essa intenção, foi atingido mais uma vez pela grande beleza dela. Ele nunca a havia visto em tal vestido antes, e, ainda assim, agora parecia como se tal elegância de vestimenta fosse tão benéfica para a nobre silhueta e a altiva serenidade do semblante dela, que ela deveria sair sempre vestida daquela forma. Ela estava conversando com Fanny; sobre o quê, ele não conseguia ouvir, mas notou o habitual jeito inquieto de sua irmã, de continuamente arranjar alguma parte de seu vestido, seus olhos dispersivos olhando ora para cá, ora para lá, mas sem qualquer propósito definido; e ele as comparou desconfortavelmente com os grandes e suaves olhos que olhavam adiante estavelmente para algum objeto, como se da luz irradiasse alguma gentil influência de repouso: as curvas graciosas dos lábios vermelhos, entreabertos no interesse do que sua companhia dizia. A cabeça um pouco inclinada para a frente, formando uma linha longa e envolvente desde o alto, onde a luz se refletia nos brilhantes cabelos negros, à suave marmórea beleza dos ombros. Os braços redondos e claros e as mãos pequenas, repousadas levemente uma sobre a outra, mas perfeitamente imóveis em sua bonita atitude.

Mr. Thornton suspirou enquanto absorvia tudo isso, em um de seus repentinos olhares compreensivos. Então virou as costas para as jovens damas, e jogou-se com um esforço, mas com todo seu coração e alma, para uma conversação com Mr. Hale.

Mais pessoas chegavam — mais e mais. Fanny deixara Margaret e ajudava sua mãe a receber seus convidados. Mr. Thornton percebeu que, neste influxo, ninguém estava conversando com ela, e ficou inquieto sobre essa aparente negligência. Mas ele nunca se aproximaria dela, não deveria nem a olhar. Apenas, ele sabia tudo o que ela estava fazendo — ou não fazendo — melhor do que sabia os movimentos de qualquer outra pessoa no cômodo. Margaret estava tão inconsciente de si mesma, e tão entretida assistindo outras pessoas, que nem pensou se ela havia sido deixada sem atenção ou não. Alguém, que ela não entendeu o nome, a conduziu à mesa de jantar, mas não parecia muito inclinado a conversar com ela. Havia uma muito animada conversação se passando entre os cavalheiros. As damas, em sua maioria, estavam silenciosas, ocupando-se em tomar notas do jantar e criticando os vestidos umas das outras.

Margaret pegou a deixa da conversação geral, ficou cada vez mais interessada, e escutou atentamente. Mr. Horsfall, o estranho, cuja visita à cidade era o motivo inicial da festa, estava fazendo perguntas relativas ao comércio e às manufaturas do lugar. E o restante dos cavalheiros — todos homens de Milton — estavam lhe dando respostas e explicações. Alguma discussão começou, que foi calorosamente contestada. Referia-se a Mr. Thornton, que mal havia falado antes, mas que agora dava sua opinião, justificando-a tão claramente que até seus oponentes cederam. A atenção de

Margaret foi assim chamada para seu anfitrião. Sua postura como chefe da casa e responsável por entreter seus amigos, era tão direta, simples e modesta, a ponto de ser maravilhosamente dignificada. Margaret pensava que ela nunca o havia visto sob uma luz tão favorável. Quando ele ia à sua casa, havia sempre alguma coisa, fosse por excesso de entusiasmo, ou por aquele tipo de vexado aborrecimento que parecia pronto para pressupor que ele fora injustamente julgado, ainda assim se sentia demasiado orgulhosa para tentar fazê-lo ser melhor entendido. Mas agora, entre seus semelhantes, não havia incerteza quanto à posição dele. Ele era considerado por eles como um homem de grande força de caráter e poderoso de várias maneiras. Não havia necessidade de lutar pelo respeito deles. Ele o tinha, e ele sabia disso. E essa segurança conferia uma refinada tranquilidade à sua voz e aos seus modos, que Margaret não havia notado antes.

Ele não tinha o hábito de conversar com as damas, e o que ele dizia era um tanto formal. Com a própria Margaret ele mal falara de qualquer modo. Ela estava surpresa ao pensar o quanto ela estava apreciando o jantar. Ela sabia o suficiente agora para entender muitos interesses locais, até algumas das palavras técnicas empregadas pelos ávidos donos de fábricas. Silenciosamente tomou partido na questão que eles estavam discutindo. De qualquer forma, eles falavam em desesperada avidez — não no estilo trivial que tanto a cansava nas antigas festas de Londres. Ela estranhou que, com toda essa deambulação sobre as manufaturas e o comércio do lugar, nenhuma alusão foi feita à greve então pendente. Ela não sabia ainda quão friamente tais coisas eram tomadas pelos mestres, como se tivessem um único desfecho possível. Certamente, os

trabalhadores estavam cortando suas próprias gargantas, como eles haviam feito muitas vezes antes; mas se fossem tolos, e colocassem seus futuros nas mãos de um perverso bando de sindicalistas pagos, eles deveriam aguentar as consequências. Um ou dois acharam que Thornton estava abatido; e, é claro, ele deveria perder com essa greve. Mas era um acidente que poderia acontecer com qualquer um deles, um dia ou outro. E Thornton era tão bom em gerenciar uma greve quanto qualquer um, pois ele tinha tanta força quanto qualquer rapaz de Milton. Os tecelões haviam se equivocado com este homem, tentando ludibriá-lo, e eles riam internamente com a ideia do embaraço e da derrota dos operários, em sua tentativa de alterar um jota do que Thornton havia decretado.

Margaret ficou entediada após o jantar junto às damas. Ficou alegre quando os cavalheiros voltaram, não meramente porque ela capturara os olhos de seu pai para espantar seu sono; mas porque ela poderia ouvir algo maior e mais importante do que os mesquinhos interesses sobre os quais as damas conversavam. Ela gostava da exultação pelo poder que estes homens de Milton possuíam. Podia ser bastante exaltado em sua demonstração, e com sabor de audácia, mas ainda assim eles pareciam desafiar os antigos limites da possibilidade, em um tipo de fina intoxicação, causada pela lembrança do que havia sido alcançado, e do que ainda deveria ser. Se nos momentos de maior frieza, ela não pudesse aprovar o ânimo deles em todas as coisas, ainda assim havia muito a admirar no seu esquecimento de si mesmos e do presente, em seus antecipados triunfos sobre a matéria inanimada, em algum tempo futuro, que nenhum deles devesse viver para ver.

Ela ficou bastante sobressaltada quando Mr. Thornton falou com ela, próximo de seu cotovelo:

— Eu pude ver que a senhorita estava do nosso lado, em nossa discussão no jantar, não estava, Miss Hale?

— Certamente. Mas sei tão pouco sobre isso. Fiquei surpresa, contudo, ao descobrir, a partir do que Mr. Horsfall disse, que havia outros que pensavam em tão diametralmente oposta maneira, como este Mr. Morrison de quem ele falou. Ele não pode ser um cavalheiro, não é?

— Não sou a pessoa adequada para julgar o cavalheirismo de outro, Miss Hale. Quero dizer, não entendo muito bem sua aplicação da palavra. Mas eu diria que esse Morrison não é homem de verdade. Não sei quem ele é; meramente o julgo pelo relato de Mr. Horsfall.

— Suspeito que meu “cavalheiro” inclua o seu “homem de verdade”.

— E muitas coisas mais, a senhorita implicaria. Difiro da senhorita. Um homem é para mim um ser mais elevado e mais completo do que um cavalheiro.

— O que o senhor quer dizer? — perguntou Margaret. — Devemos entender as palavras diferentemente.

— Entendo que “cavalheiro” é um termo que apenas descreve uma pessoa em sua relação com outros, mas quando falamos dele como “um homem”, o consideramos não meramente com respeito aos seus semelhantes, mas em relação a ele mesmo, à vida, ao tempo, à eternidade. Um náufrago solitário como Robinson Crusoé, um prisioneiro colocado em um calabouço para o resto da vida, melhor ainda, até um santo em Patmos[71], tem sua resistência, sua

força, sua fé, melhor descrita em se falar dele como “um homem”. Estou bastante enfadado desta palavra “cavalheirismo”, que parece a mim ser frequentemente usada inapropriadamente, e frequentemente, também, com tão exagerada distorção de significado, enquanto a plena simplicidade do substantivo “homem” e do adjetivo “viril” não são reconhecidas, tanto que sou induzido a introduzi-las na escala do dia.

Margaret pensou por um momento, mas antes que ela pudesse expressar sua lenta convicção, ele foi chamado para longe por alguns dos ávidos manufatores, cujos discursos ela não conseguia ouvir, embora pudesse adivinhar a importância pelas curtas e claras respostas que Mr. Thornton dava, que eram estáveis e firmes como o estouro de uma diminuta arma distante. Eles estavam evidentemente falando sobre a greve, e discutindo qual o melhor curso a seguir. Em certo momento ela ouviu Mr. Thornton dizer:

— Isso tem sido feito.

Então veio um apressado murmúrio, ao qual se juntaram dois ou três.

— Todos esses arranjos têm sido feitos.

Algumas dúvidas foram implicadas, algumas dificuldades citadas por Mr. Slickson, que agarrava o braço de Mr. Thornton, para melhor imprimir suas palavras. Mr. Thornton afastou-se ligeiramente, ergueu um pouco suas sobrancelhas, e então respondeu:

— Aceito o risco. O senhor não precisa se juntar a nós, a menos que escolha fazê-lo.

Ainda assim, surgiram outras desconfianças.

— Não tenho medo de qualquer coisa tão vergonhosa quanto um incêndio proposital. Somos inimigos declarados e consigo

proteger a mim mesmo de qualquer violência que eu apreender. E irei asseguradamente proteger todos que me procurarem em busca de trabalho. Eles conhecem a minha determinação, tão bem e tão inteiramente como vocês.

Mr. Horsfall o tomou um pouco em um lado, como Margaret conjecturou, para fazê-lo alguma outra pergunta sobre a greve, mas, na verdade, foi para perguntar sobre ela: — quem é aquela jovem? Tão serena, tão majestosa e tão linda?

— Uma dama de Milton? — perguntou ele, ao ouvir o seu nome.

— Não! É do Sul da Inglaterra, Hampshire, creio eu — foi a resposta fria e indiferente.

Mr. Slickson estava catequizando Fanny sobre o mesmo assunto.

— Quem é aquela fina moça de aparência distinta? Uma irmã de Mr. Horsfall?

— Oh céus, não! Aquele lá é Mr. Hale, seu pai, falando agora com Mr. Stephens. Ele dá aulas, quer dizer, ele lê com rapazes. Meu irmão John vai a ele duas vezes por semana, e então ele implorou que mamãe os convidasse até aqui, com esperanças de torná-lo conhecido. Creio que temos algumas das brochuras deles, se o senhor quiser uma.

— Mr. Thornton! Ele realmente encontra tempo para ler com um tutor, em meio a todos os seus negócios, e essa abominável greve em suas mãos?

Fanny não estava certa, pelos modos de Mr. Slickson, se ela deveria ter orgulho ou vergonha da conduta de seu irmão; e, como todas as pessoas que tentam tomar os “deveres” de outras pessoas como

regra para seus próprios sentimentos, ela ficou inclinada a corar por qualquer singularidade de ação. Foi salva da vergonha pela dispersão dos convidados.

Capítulo XXI

O cavaleiro negro

“Sobre a Terra não é conhecido ninguém,
Cuja risada não seja irmã de uma lágrima”.
— ELLIOTT.[72]

Margaret e seu pai caminharam até a casa. A noite estava bonita; as ruas, limpas; e com sua bonita seda branca, como o vestido de cetim verde de Leezie Lindsay[73], na balada, “franzido para cima até seu joelho”, ela estava de braços dados com seu pai, pronta para dançar com o revigorante ar fresco e frio da noite.

— Eu penso que Thornton não esteja bastante confortável, por causa da greve. Ele parecia muito ansioso esta noite.

— Eu deveria me espantar se ele não estivesse. Mas ele falava com sua usual frieza aos outros, quando estes sugeriam diferentes coisas, logo antes de irmos embora.

— Assim ele fez após o jantar também. Seria necessária muita coisa para agitá-lo e tirá-lo de sua fria maneira de falar, mas o rosto dele me pareceu muito ansioso.

— Eu estaria, se fosse ele. Ele deve saber do descontentamento crescente e do ódio mal disfarçado dos seus operários; que todos o veem como o que a Bíblia chama de um “homem duro”, não tanto injusto como insensível; claro no julgamento, sustentando os seus “direitos” como nenhum outro ser humano ousaria fazer, considerando o quanto nós e nossos

mesquinhos direitos somos na visão do Todo Poderoso. Estou alegre que o senhor o tenha achado ansioso. Quando me lembro das palavras e modos meio loucos de Boucher, não posso suportar pensar quão friamente Mr. Thornton falava.

— Em primeiro lugar, não estou tão convencido quanto você está da absoluta perturbação daquele homem, Boucher; pelo momento, ele estava pessimamente alheio, não duvido. Mas há sempre um misterioso suprimento de dinheiro nesses sindicatos; e, pelo que você disse, era evidente que o homem era de uma passional e demonstrativa natureza, e deu forte expressão a tudo o que ele sentia.

— Oh, papai!

— Bem! Apenas quero que você faça justiça a Mr. Thornton, que é, suspeito, de uma exata oposta natureza, um homem que é demasiado orgulhoso para mostrar seus sentimentos. Justo o caráter que eu deveria ter pensado de antemão que você teria admirado, Margaret.

— Assim admiro... assim eu deveria, mas não me sinto tão certa quanto o senhor da existência desses sentimentos. Ele é um homem de grande força de caráter, de incomum intelecto, considerando as poucas vantagens que teve na vida.

— Não tão poucas. Ele tem levado uma vida prática desde quando criança. Desde jovenzinho tem sido chamado para exercer julgamento e autocontrole. Tudo o que desenvolve o intelecto de alguém. Certamente, ele precisa de algum conhecimento do passado, que dá a mais verdadeira base para uma conjectura quanto ao futuro. Mas ele conhece essa necessidade, ele a

percebe, e isso é alguma coisa. Você tem bastante preconceito contra Mr. Thornton, Margaret.

— Ele é o primeiro espécime de um manufator, de uma pessoa engajada no comércio, que eu já tive a oportunidade de estudar, papai. Ele é minha primeira azeitona: deixe-me fazer uma careta enquanto a engulo. Sei que ele é de um tipo bom, e pouco a pouco eu hei de gostar dele. Prefiro pensar que já estou começando a fazê-lo. Eu estava muito interessada pelo assunto sobre o qual os cavalheiros estavam falando, embora eu não entendesse metade daquilo. Lamentei bastante quando Miss Thornton veio levar-me para o extremo da sala, dizendo que ela tinha certeza de que eu deveria estar desconfortável sendo a única dama entre tantos cavalheiros. Nunca sequer havia pensado nisso, eu estava tão ocupada ouvindo; e as damas eram tão maçantes, papai. Oh, tão maçantes! Ainda assim penso que foi bom também. Lembrou-me do nosso antigo jogo de ter vários substantivos para introduzir em uma sentença.

— O que você quer dizer, criança? — perguntou Mr. Hale.

— Ora, elas tomavam substantivos designando coisas que davam evidência de riqueza: governantas, jardineiros, quantidade de cristais, renda valiosa, diamantes, e todas tais coisas; e cada uma delas formava seu discurso de forma a incluí-los todos, na mais bonita acidental maneira possível.

— Você terá tanto orgulho de sua serviçal, quando você a conseguir, se for tudo verdade sobre ela o que Mrs. Thornton diz.

— Certamente, hei de ter. Senti-me como uma grande hipócrita esta noite, sentada lá em meu vestido de seda branca, com minhas mãos inúteis sobre meu colo, quando me lembrei de todos os

trabalhos, meticulosas tarefas domésticas, que elas haviam feito hoje. Elas me tomaram por uma fina dama, tenho certeza.

— Até eu fiquei equivocado o suficiente para pensar que você parecia uma dama, minha querida — disse Mr. Hale, calmamente sorrindo.

Mas os sorrisos foram mudados para pálidos e trêmulos olhares, quando eles viram a expressão de Dixon, enquanto ela abria a porta.

— Oh, mestre! Oh, Miss Margaret! Graças a Deus vocês chegaram! Dr. Donaldson está aqui. A serviçal vizinha de nós mandou buscar *ele*, posto que a diarista já tinha ido embora. Ela está melhor agora, mas, oh, senhor! Pensei que ela teria morrido uma hora atrás.

Mr. Hale agarrou o braço de Margaret para se firmar e não cair. Ele olhou para o rosto dela, e viu uma expressão de surpresa e mais extremo pesar, mas não a agonia de terror que contraíra seu próprio despreparado coração. Ela sabia mais do que ele, e ainda assim ela ouvia com uma desesperançosa expressão de amedrontada apreensão.

— Oh! Eu não a deveria ter deixado... perversa filha que sou! — gemeu Margaret, indo adiante, enquanto ela dava apoio aos apressados passos de seu trêmulo pai ao andar de cima. Dr. Donaldson os encontrou no patamar.

— Ela está melhor agora — ele sussurrou. — O opiato fez efeito. Os espasmos foram muito ruins. Não é de se espantar que assustassem sua ama, mas ela irá recobrar suas forças desta vez.

— Desta vez! Deixe-me ir até ela!

Meia hora atrás, Mr. Hale era um homem de meia-idade, agora sua vista estava turva, seus sentidos oscilantes, seus passos cambaleantes, como se ele tivesse setenta anos de idade.

Dr. Donaldson tomou o braço dele e o conduziu até o quarto. Margaret seguiu de perto. Lá estava sua mãe, com uma inconfundível expressão em seu rosto. Podia estar melhor agora, estava dormindo, mas a morte a havia marcado para si própria, e era claro que em breve ela retornaria para tomar posse.

Mr. Hale olhou para ela por algum tempo, sem pronunciar uma palavra. Então ele começou a tremer por inteiro, e, desvencilhando-se do ansioso cuidado do Dr. Donaldson, tateou para encontrar a porta. Não conseguia enxergá-la, embora muitas velas, trazidas no repentino susto, estivessem queimando e cintilando. Ele cambaleou para dentro da sala de visitas, e tateou ao redor por uma cadeira. Dr. Donaldson arrastou uma até ele, e o colocou nela. Tomou-lhe o pulso.

— Fale com ele, Miss Hale. Devemos animá-lo.

— Papai! — disse Margaret, com uma voz chorosa que estava selvagem de dor. — Papai! Fale comigo! — a especulação veio novamente aos olhos dele, e ele fez grande esforço.

— Margaret, você sabia disso? Oh, foi cruel de sua parte!

— Não, senhor, não foi cruel! — respondeu Dr. Donaldson, com rápida decisão. — Miss Hale agiu sob minhas instruções. Pode haver sido um equívoco, mas não foi cruel. Sua esposa será uma criatura diferente amanhã, confio. Ela tem tido convulsões, como antecipei, embora eu não tenha contado para Miss Hale minhas apreensões. Ela tomou o opiato que eu trouxe comigo, terá um bom

longo sono, e, amanhã, aquela aparência que o alarmou tanto terá passado.

— Mas não a doença?

Dr. Donaldson olhou para Margaret. Sua cabeça inclinada, em seu rosto nenhum apelo por um indulto temporário, mostrava àquele rápido observador da natureza humana, que ela pensava melhor que a verdade inteira devesse ser contada.

— Não a doença. Não podemos curar a doença, com todas as nossas pobres vangloriadas habilidades. Podemos apenas atrasar seu progresso, aliviar a dor que ela causa. Seja um cristão, senhor... Tenha fé na imortalidade da alma, que nenhuma dor, nenhuma doença mortal, pode assaltar ou tocar!

Mas toda a resposta que ele recebeu, foi nas sufocadas palavras: — O senhor nunca foi casado, Dr. Donaldson, o senhor não sabe o que é isso — e seus profundos e viris soluços varreram a quietude da noite como pesados pulsos de agonia. Margaret ajoelhou-se ao lado dele, acariciando-o com lacrimosas carícias. Ninguém, nem mesmo Dr. Donaldson, sabia como o tempo se havia passado. Mr. Hale foi o primeiro a ousar falar das necessidades do presente momento.

— O que devemos fazer? — perguntou ele. — Conte-nos a ambos. Margaret é meu cajado, minha mão direita.

Dr. Donaldson deu suas claras e sensíveis instruções. — Nada de temor por esta noite, melhor ainda, até paz para amanhã, e para muitos dias ainda. Mas nenhuma duradoura esperança de recuperação.

Ele aconselhou Mr. Hale a ir dormir e deixar apenas um para assistir ao sono, que ele esperava que fosse sem perturbações. Ele

prometeu vir novamente cedo de manhã. E com um caloroso e bondoso aperto de mão, ele os deixou. Eles falaram senão poucas palavras; estavam demasiado exaustos pelo terror para fazer mais do que decidir sobre o imediato curso de ação.

Mr. Hale estava decidido a ficar sentado por toda a noite, e tudo o que Margaret conseguiu fazer foi prevalecer sobre ele para que repousasse no sofá da sala de visitas. Dixon, honesta e firmemente, recusou-se a ir dormir; e, quanto a Margaret, era simplesmente impossível que ela devesse deixar sua mãe, mesmo que todos os médicos no mundo falassem em “poupar recursos” e “um assistente apenas para a vigília”. Então, Dixon sentou-se, e encarou, e piscou, e tombou-se, e se suspendeu de volta com um solavanco, e finalmente desistiu da batalha, e roncou abundantemente.

Margaret havia tirado seu vestido e o jogado de lado com um tipo de impaciente nojo, e vestido seu robe. Ela sentia-se como se nunca pudesse dormir novamente; como se todos os seus sentidos estivessem agudamente alertas, todos dotados de dupla intensidade, pelo propósito de assistir ao sono da mãe. Cada visão e som — melhor ainda, até cada pensamento, tocavam algum nervo profundamente. Por mais de duas horas, ela ouviu os inquietos movimentos de seu pai no quarto ao lado. Ele vinha perpetuamente à porta do quarto de sua mãe, pausando lá para ouvir, até que ela, sem notar a sua presença próxima, foi abrir a porta para dizer-lhe como tudo estava, em resposta às questões que os ressequidos lábios dele mal podiam formar. Finalmente ele, também, adormeceu, e toda a casa ficou quieta. Margaret sentou-se atrás da cortina, pensando. Muito longe no tempo, muito longe no espaço, pareciam todos os interesses dos dias passados. Não mais do que trinta e

seis horas atrás, ela cuidava de Bessy Higgins. Quanto a seu pai, o seu coração sofrera por Boucher. Agora, tudo isso era como a memória de um sonho de alguma vida anterior... Tudo que havia passado porta afora parecia separado de sua mãe, portanto, irreal. Apenas Harley Street parecia mais distinta. Lembrou-se, como se fosse ontem, como lhe agradava delinear as feições de sua mãe no rosto de sua tia Shaw. E como as cartas chegavam, fazendo-a pensar em sua casa com todo o anseio e amor. A própria Helstone estava agora enterrada no turvo passado. Os dias sombrios e cinzentos do precedente inverno e primavera, tão enfadonhos e monótonos, pareciam mais associados com aquilo com que ela se importava agora, acima de qualquer preço. Ela haveria de bom grado agarrado as saias daquele ido tempo, e rogado que ele retornasse, e lhe desse de volta o que ela muito pouco havia valorizado enquanto estava ainda em sua posse. Que vã exibição a vida parecia! Quão sem substância, inconstante e flutuante! Era como se, em algum alto campanário, bem além da agitação e solavanco da terra, tivesse um sino continuamente dobrando: “Todos são sombras! Todos são passantes! Tudo é passado!” E quando o dia amanheceu, frio e cinza, como muitas manhãs felizes antes, e Margaret olhou um por um dos que dormiam, aquela terrível noite pareceu-lhe irreal, como um sonho; também era uma sombra, havia passado.

A própria Mrs. Hale não estava consciente, quando acordou, de quão doente ela havia estado na noite anterior. Ela estava bastante surpresa com a visita matinal de Dr. Donaldson, e perplexa com os ansiosos rostos do marido e da filha. Ela consentiu em permanecer na cama àquele dia, dizendo que ela certamente estava cansada;

mas, no seguinte, ela insistiu em levantar-se; e Dr. Donaldson deu seu consentimento ao retorno dela até a sala de visitas. Ela sentia-se inquieta e desconfortável em qualquer posição, e antes do cair da noite ela ficou muito febril. Mr. Hale estava absolutamente letárgico, e era incapaz de decidir qualquer coisa.

— O que podemos fazer para poupar mamãe de outra noite como aquela? — perguntou Margaret, ao médico, no terceiro dia.

— É, até certo grau, a reação após os poderosos opiatos que tenho sido obrigado a ministrar. É mais doloroso para a senhorita ver do que para ela suportar, creio eu. Mas, penso, se pudéssemos conseguir um colchão d'água, poderia ser uma coisa boa. Amanhã ela já deverá estar bem, praticamente como ela estava antes desse ataque. Ainda assim, eu gostaria que ela tivesse esse colchão. Mrs. Thornton tem um, eu sei. Tentarei visitá-la esta tarde. Aliás — disse ele, seus olhos capturando o rosto de Margaret, embranquecido por assistir em um quarto de doente: — Não estou certo se eu poderei ir, tenho uma longa ronda a fazer. Não lhe faria mal dar uma rápida caminhada até Marlborough Street, e perguntar a Mrs. Thornton se ela pode emprestá-lo.

— Certamente — disse Margaret. — Eu poderia ir enquanto mamãe estiver dormindo, esta tarde. Estou certa de que Mrs. Thornton o emprestaria para nós.

A experiência de Dr. Donaldson lhes falou corretamente. Mrs. Hale parecia ter se livrado das consequências de seu ataque, e parecia mais vivaz e melhor esta tarde, que Margaret sequer esperava vê-la daquela forma novamente. Sua filha a deixou após o jantar, sentada em sua cadeira confortável, com sua mão pousada sobre a de seu marido, que, de longe, parecia mais sofrido e abatido

do que ela, não havia dúvida. Ainda assim, ele conseguia sorrir, um sorriso cheio de langor, muito fracamente, é verdade, mas, um dia ou dois antes, Margaret nunca pensou vê-lo sorrir novamente.

Eram mais ou menos duas milhas da casa deles em Crampton Crescent até Marlborough Street. Estava muito quente para caminhar muito rapidamente. Um sol de agosto irradiava rua abaixo às três horas da tarde. Margaret continuou, sem notar qualquer coisa muito diferente do usual na primeira milha e meia de sua jornada. Estava absorta em seus próprios pensamentos, e havia aprendido, a esta altura, a tecer seu caminho através do irregular fluxo de seres humanos que fluía pelas ruas de Milton. Mas, pouco a pouco, ela foi atingida por uma incomum aglutinação entre a massa de pessoas na amontoada rua na qual ela estava entrando. Eles não pareciam mover-se tanto quanto falavam, e escutavam, e zumbiam com excitação, sem sair do ponto onde eles estavam. Ainda assim, enquanto abriam espaço para ela, e, decidida no propósito de sua tarefa, e nas necessidades que a sugeriam, ela foi menos rápida em observação do que poderia haver sido, se sua mente houvesse estado à vontade.

Chegou a Marlborough Street antes que se apossasse dela a plena convicção de que havia uma inquietação, um opressivo senso de irritação espalhado entre as pessoas. Havia, ao seu redor, uma tempestuosa atmosfera, tanto moralmente quanto fisicamente. De cada viela que conduzia a Marlborough Street vinha um rumor baixo e distante, como miríades de furiosas vozes indignadas. Os habitantes de cada pobre esquálida moradia estavam reunidos ao redor das portas e janelas, se de fato eles não estivessem realmente em pé no meio das passagens estreitas — todos com

olhares dirigidos rumo a um ponto: a própria Marlborough Street era o foco de todos esses olhos humanos, que traíam os mais intensos interesses de vários tipos. Alguns com raiva feroz; outros mais brandos, mas com incansáveis ameaças; alguns tomados pelo medo ou implorando súplica. E quando Margaret alcançou a pequena entrada lateral pelas portas dobráveis, na grande parede maciça que dava para o pátio da Fábrica Marlborough, e esperava a resposta do porteiro ao sino, ela olhou ao redor e ouviu o primeiro estrondo distante do rolar de uma tempestade humana. Viu surgir, lentamente, a primeira e iminente onda da sombria multidão, com sua ameaçadora crista, tombar, e recuar, no final da rua, que, um momento atrás, parecia tão cheia de barulho reprimido, mas que agora estava preocupantemente calma. Todas essas circunstâncias forçaram a atenção de Margaret, mas não penetravam no seu coração preocupado. Ela não sabia o que eles pretendiam, qual era a profunda significância daquilo. Apenas sabia e sentia a intensa pressão da faca afiada, que logo iria cravar-se e atravessá-la profundamente, deixando-a sem mãe. Ela estava tentando dar-se conta disso, a fim de que, quando viesse, ela pudesse estar pronta para confortar seu pai.

O porteiro abriu o portão cautelosamente, mas não o suficiente para admiti-la.

— É a senhora, madame? — disse ele, respirando profundamente e abrindo o portão, mas ainda não inteiramente. Margaret entrou. Ele apressadamente o trancou atrás dela.

— O pessoal está todo vindo para cá, não é? — perguntou ele.

— Não sei, mas algo incomum parecia acontecer. As ruas estão cheias.

Ela passou pelo pátio e subiu os degraus até a porta da casa. Não havia som próximo — nenhum motor a vapor trabalhando, nenhum clique de maquinário, nenhuma mistura ou choque de muitas vozes estridentes, mas, ao longe, o ameaçador rugido reunido clamava profundamente.

Capítulo XXII

Um golpe e suas consequências

“Mas o trabalho se tornou escasso, enquanto o pão ficou exorbitante,
E salários diminuíram, do outro lado;
Posto que hordas irlandesas cá eram licitantes,
Para executar nosso trabalho mal pago”.
— RIMAS DA LEI DO MILHO.[74]

Margaret foi levada até a sala de visitas, que havia retornado ao seu estado normal, com os móveis resguardados sob a proteção de capas de tecido. As janelas estavam meio abertas por causa do calor, e as cortinas venezianas cobriam a vidraça, de forma que uma opaca luz cinza, refletida do pavimento abaixo, distorcia todas as sombras. Combinadas com a luz da sala, matizada de verde, faziam com que até o próprio rosto de Margaret, como ela se viu nos espelhos, parecesse horrendo e pálido. Ela sentou-se e esperou, ninguém veio. Por vezes, o vento parecia carregar o distante som da multidão para mais perto; e ainda assim não havia vento! O som morria em profunda quietude entrementes.

Fanny entrou, finalmente.

— Mamãe virá imediatamente, Miss Hale. Ela desejou que eu me desculpasse com a senhorita pelas coisas como estão. Talvez a senhorita saiba que meu irmão importou mão de obra da Irlanda, e isso tem irritado excessivamente o povo de Milton, como se ele não

tivesse o direito de conseguir trabalhadores onde ele quisesse. E os estúpidos desgraçados daqui não trabalhariam para ele; e agora eles têm assustado tanto esses pobres irlandeses famintos, com as ameaças deles, que não ousamos deixar que eles saiam. A senhorita pode vê-los amontoados naquela sala superior na fábrica. John disse que eles vão dormir lá, para mantê-los seguros daqueles brutos, que nem trabalharão nem deixarão que eles trabalhem. E mamãe está providenciando comida para eles, e John está falando com eles, pois algumas das mulheres estão chorando, querendo voltar para a Irlanda. Ah! Aqui está mamãe!

Mrs. Thornton entrou com um olhar de negra austeridade em seu rosto, que fez Margaret lamentar ter chegado em uma hora tão ruim para incomodá-la com seu pedido. Contudo, foi apenas em complacência com o desejo de Mr. Thornton, que ela perguntasse por qualquer coisa que eles pudessem precisar no progresso da doença de sua mãe. A fronte de Mrs. Thornton se contraiu, e sua boca ficou imóvel, enquanto Margaret falava com gentil modéstia da inquietude de sua mãe, e do desejo do Dr. Donaldson de que ela devesse ter o alívio de um colchão d'água. Ela cessou. Mrs. Thornton não respondeu imediatamente. Então ela se sobressaltou e exclamou:

— Eles estão nos portões! Chame John, Fanny! Chame-o na fábrica! Eles estão nos portões! Eles vão arrombá-los para entrarem! Chame John, eu disse!

E simultaneamente foi ouvido o ruído de centenas de passos pesados, o qual ela havia estado ouvindo, em vez de atentar às palavras de Margaret. Ouvia-se, também, um crescente estrondo de vozes raivosas e enfurecidas, atrás da barreira constituída pelos

portões de madeira, que balançava, como se aquela multidão enlouquecida, não à vista, fizesse bate-estacas com seus corpos. A multidão recuava um curto espaço, apenas para vir com mais unido e estável ímpeto contra os portões, até que seus grandes golpes fizessem as fortes barreiras estremecerem, como caniço ante ao vento. As mulheres juntaram-se ao redor das janelas, para olhar para a cena que as aterrorizava. Mrs. Thornton, as serviçais, Margaret, todas estavam lá. Fanny havia retornado, gritando escada acima, como se perseguida a cada passo, e havia se jogado em histéricos soluços no sofá. Mrs. Thornton esperava por seu filho, que ainda estava na fábrica. Ele saiu, do pátio olhou para elas — o pálido aglomerado de rostos — e sorriu encorajador, antes que ele trancasse a porta da fábrica. Então ele acenou para que uma das mulheres viesse e destrancasse a porta da casa, que Fanny havia fechado atrás dela em seu louco voo. A própria Mrs. Thornton foi abri-la. E o som da bem conhecida e autoritária voz de Mr. Thornton, pareceu ter o mesmo efeito do gosto de sangue para a multidão enfurecida do lado de fora. Até então eles haviam estado sem voz, sem palavra, precisando de todo seu fôlego para o esforço duro de arrombar os portões. Mas agora, ouvindo-o falar do lado de dentro, eles emitiram tão furioso grunhido que não pareceu deste mundo, pois até Mrs. Thornton ficou lívida de medo enquanto ela o precedia para dentro da sala. Ele entrou um pouco ruborizado, mas seus olhos brilhavam, como em resposta ao clamor da trombeta do perigo, e com um orgulhoso olhar de desafio em seu rosto, que lhe dava a aparência de um nobre, senão um belo homem.

Margaret sempre temera que sua coragem falhasse em qualquer emergência, e ela acabasse provando o que ela mais

temia — ser uma covarde. Mas agora, neste real tempo de razoável medo e proximidade de terror, ela esqueceu-se de si mesma, e sentia apenas uma intensa empatia — intensa até doer — pelos interesses do momento.

Mr. Thornton veio francamente até ela:

— Lamento, Miss Hale, que a senhorita tenha nos visitado neste infeliz momento, quando, temo eu, a senhorita pode estar envolvida em qualquer que seja o risco que tenhamos que suportar. Mãe! Não é melhor que a senhora e as outras fossem para os quartos dos fundos? Não estou certo se eles conseguiram abrir passagem a partir de Pinner Lane para dentro do pátio do estábulo; mas se não, a senhora e as demais estarão mais seguras lá do que aqui. Vá, Jane! — continuou ele, dirigindo-se à serviçal superior. E ela se foi, seguida pelas outras.

— Eu fico aqui! — disse-lhe a mãe. — Onde você estiver, é onde eu ficarei.

E, de fato, recuar para os cômodos dos fundos não era de nenhum proveito; a multidão havia cercado os prédios exteriores pelos fundos, e estava enviando seu horrendo ameaçador rugido da parte de trás. As serviçais recuaram-se para o sótão, com muitos choros e gritos agudos. Mr. Thornton sorriu desdenhosamente enquanto as ouvia. Ele olhou para Margaret, que estava em pé, sozinha à janela mais próxima da fábrica. Os olhos dela brilhavam, sua cor estava mais profunda nas bochechas e nos lábios. Como se ela sentisse o olhar dele, ela virou-se para ele e fez uma pergunta que havia estado por algum tempo em sua mente:

— Como estão os pobres operários importados? Estão seguros ali na fábrica?

— Sim! Deixei-os acovardados em um pequeno cômodo, no topo de um lance de escadas, nos fundos. Implorei que evitassem qualquer risco e escapassem para baixo, até aqui, se eles ouvissem qualquer ataque feito às portas da fábrica. Mas não são eles... é a mim que eles querem.

— Quando os soldados poderão estar aqui?' — perguntou sua mãe, em uma baixa, mas não instável, voz.

Ele tirou seu relógio do bolso com a mesma compostura tranquila com a qual ele fazia tudo. Ele fez um pequeno cálculo:

— Supondo que Williams saiu imediatamente quando falei com ele, e não tenha que se desviar entre eles, deve ser daqui uns vinte minutos ainda.

— Vinte minutos! — disse sua mãe, pela primeira vez mostrando seu terror no tom da sua voz.

— Feche as janelas imediatamente, mãe — pediu ele. — Os portões não suportarão tal outro choque. Feche aquela janela, Miss Hale.

Margaret fechou sua janela, e então foi assistir aos dedos trêmulos de Mrs. Thornton.

Por alguma causa ou outra, houve uma pausa de vários minutos na rua, que estava obscura às pessoas da casa. Mrs. Thornton olhou com uma selvagem ansiedade para o semblante de seu filho, como se pudesse apreender a partir dele a interpretação da repentina quietude. Contudo, o rosto dele estava imóvel, em rígidas linhas de insolente desafio, nem esperança nem medo podiam ser lidos ali.

Fanny se levantou:

— Eles foram embora? — perguntou ela, em um sussurro.

— Embora? — respondeu ele. — Escute!

Ela escutou. Todos eles puderam ouvir o grande e único sopro da tensão; o rangido de madeira lentamente cedendo; a deslocação do ferro; o puxão violento dos gonzos que se soltavam; a poderosa queda dos pesados portões. Fanny se levantou cambaleando — deu um passo ou dois em direção à sua mãe, e caiu em seus braços em um ataque de desmaio. Mrs. Thornton a levantou com uma força que era da vontade tanto quanto do corpo, e a carregou.

— Com a graça de Deus! — disse Mr. Thornton, enquanto a via sair de lá. — Não seria melhor que a senhorita subisse, Miss Hale?

Os lábios de Margaret formaram um: — Não! — mas ele não conseguiu ouvi-la, haja vista os pesados ruídos dos inúmeros passos, logo abaixo da própria parede da casa, e do furioso rosnado das vozes baixas e profundas, que tinham um atroz murmúrio de satisfação, mais medonho do que seus desorientados gritos não muitos minutos antes.

— Não se importe! — disse ele, pensando em encorajá-la. — Lamento muito que a senhorita tenha sido aprisionada em todo este alarme, mas não pode durar muito agora. Em poucos minutos os soldados estarão aqui.

— Oh, Deus! — gritou Margaret, repentinamente. — Lá está Boucher! Conheço seu rosto, embora ele esteja lívido de raiva. Ele está lutando para chegar à frente. Veja! Veja!

— Quem é Boucher? — perguntou Mr. Thornton, friamente, e aproximando-se da janela para descobrir o homem por quem Margaret tomava tal interesse. Tão logo eles viram Mr. Thornton, eles emitiram um grito. Chamar aquele urro de não humano, não era nada — era o demoníaco desejo de alguma terrível besta selvagem

pela comida que lhe era impedida de devorar. Até ele se inclinou para trás por um momento, consternado com a intensidade do ódio que tinha provocado.

— Deixe-os gritar! — disse ele. — Em cinco minutos mais... Apenas espero que meus pobres irlandeses não estejam perdendo a cabeça de medo por tal diabólico barulho. Mantenha sua coragem por cinco minutos, Miss Hale.

— Não tema por mim — ela disse, apressadamente. — Mas o quê em cinco minutos? O senhor não pode fazer nada para acalmar aquelas pobres criaturas? É horrível vê-las.

— Os soldados estarão aqui imediatamente, e isso os trará de volta à razão.

— Razão? — disse Margaret, rapidamente. — Que tipo de razão?

— A única razão que faz com que homens se tornem bestas selvagens. Pelos céus! Eles foram para a porta da fábrica!

— Mr. Thornton — bradou Margaret, tremendo inteira com sua paixão. —Desça neste instante, se o senhor não for um covarde. Desça e os encare como um homem. Salve esses pobres estrangeiros que o senhor atraiu até aqui. Fale com seus operários como se eles fossem seres humanos. Fale com eles bondosamente. Não deixe os soldados entrarem e derrubarem pobres criaturas que estão enlouquecidas. Vejo um lá que está. Se o senhor tem qualquer coragem ou qualidade nobre em seu sangue, saia e fale com eles, de homem para homem.

Ele virou-se e olhou para ela enquanto ela falava. Uma negra nuvem formou-se sobre o rosto dele. Ele travou seus dentes enquanto ouvia as palavras dela.

— Irei. Talvez eu possa lhe pedir que me acompanhe ao andar de baixo, e tranque a porta atrás de mim. Minha mãe e minha irmã precisarão dessa proteção.

— Oh! Mr. Thornton! Não sei... Eu posso estar errada... Apenas...

Mas ele já havia ido. Estava no andar de baixo, na entrada. Havia destrancado a porta da frente. Tudo o que ela podia fazer era segui-lo rapidamente e fechá-la atrás dele, e escalar as escadas novamente com um coração doente e uma cabeça atordoada. Novamente ela tomou seu lugar na mais distante janela. Ele estava nos degraus logo abaixo; ela viu isso pela direção de mil olhos furiosos. Mas ela não podia ver nem ouvir coisa alguma, apenas a selvagem satisfação do raivoso murmúrio que atravessava a multidão. Ela abriu totalmente a janela. Muitos na multidão eram meros meninos, cruéis e impensados — cruéis porque eram impensados – alguns eram homens, esquálidos como lobos e loucos por depredar. Ela sabia como era; eles eram como Boucher, com crianças famintas em casa — contando com o último sucesso em seus esforços para conseguir maiores salários, e enfurecidos além da medida ao descobrirem que irlandeses estavam para serem trazidos para roubar o pão de seus pequenos.

Margaret sabia de tudo isso, pois lera claramente no rosto de Boucher, perdidamente desesperado e lívido com a fúria. Se Mr. Thornton lhes dissesse senão alguma coisa — deixassem-no ouvir a voz dele apenas — parecia-lhe melhor do que esta cólera e fúria selvagem contra o pedregoso silêncio que não concedia palavra a eles, até mesmo de raiva ou repreensão. Mas talvez ele estivesse falando agora. Houve um momentâneo silêncio no meio daquele

barulho, desarticulado como aquele de uma tropa de animais. Ela arrancou seu chapéu e se curvou para a frente para ouvir. Conseguia apenas ver, pois Mr. Thornton havia de fato feito a tentativa de falar, mas o momentâneo instinto da multidão de ouvi-lo havia passado, e o povo estava se enfurecendo mais e mais.

Ele estava parado com seus braços cruzados ao peito; imóvel como uma estátua; seu rosto pálido com a excitação reprimida. Eles estavam tentando intimidá-lo — fazê-lo recuar; cada um estava urgindo o outro a algum imediato ato de violência contra ele. Margaret sentiu intuitivamente que, em um instante, tudo seria alvoroço. O primeiro movimento causaria uma explosão, na qual, entre tais centenas de homens enfurecidos e meninos descuidados, a vida de Mr. Thornton não estaria segura.

Em instantes, as paixões tempestuosas haveriam transposto seus limites, e varrido todas as barreiras da razão, ou qualquer noção das consequências. Enquanto ela olhava, ela viu rapazes no fundo se abaixando para tirar seus pesados tamancos de madeira — os projéteis mais à mão que eles podiam encontrar. Ela viu que isso era a faísca para a pólvora, e, com um grito, que ninguém ouviu, ela saiu correndo para fora da sala, desceu as escadas — ergueu a grande barra de ferro da porta com uma imperiosa força — abriu a porta completamente — e estava ali, face a face com aquele mar de homens furiosos, seus olhos punindo-os como ardentes flechas de reprimenda.

Os tamancos ficaram presos nas mãos que os seguravam — os semblantes, tão cruéis um momento antes, agora pareciam hesitantes, como se perguntando, o que isso significava, pois ela estava entre eles e seu inimigo. Ela não conseguia falar, mas

estendeu seus braços em direção a eles até que ela pudesse recuperar seu fôlego.

— Oh, não usem violência! Ele é um homem, e vocês são muitos.

Mas suas palavras se extinguiram, pois sua voz não tinha força; era senão um áspero sussurro. Mr. Thornton estava um pouco de lado; ele havia saído de trás dela, como se ciumento de qualquer coisa que pudesse entrar entre ele e o perigo.

— Vão! — disse ela, uma vez mais (e agora sua voz era como um grito). — Os soldados foram chamados, estão vindo. Vão em paz. Vão embora. Vocês hão de ter alívio de suas reclamações, quaisquer que sejam elas.

— E esses canalhas irlandeses serão mandados de volta novamente? — perguntou um do meio da multidão, com furiosa ameaça em sua voz.

— Nunca, por sua ordem! — exclamou Mr. Thornton.

E imediatamente a tempestade irrompeu. Os gritos elevaram-se e preencheram o ar, mas Margaret não os ouviu. Seus olhos estavam no grupo de rapazes que se havia armado com seus tamancos algum tempo antes. Ela viu o gesto deles, ela sabia seu significado, ela leu o intuito deles. Mais outro momento, e Mr. Thornton poderia ser esmagado. Ele, a quem ela havia incitado e desafiado a ir e enfrentar o perigo. Ela apenas pensou em como poderia salvá-lo. Ela jogou seus braços em volta dele, de seu pescoço, e fez de seu corpo um escudo contra aquelas pessoas furiosas. Ainda assim, com braços cruzados, ele livrou-se dela.

— Vá embora — disse ele, em sua profunda voz. — Isto não é lugar para a senhorita.

— É sim! — disse ela. — O senhor não viu o que vi.

Se ela pensava que seu sexo seria uma proteção — que, se fechasse os olhos e desse as costas à terrível fúria daqueles homens, em qualquer esperança de que, antes que ela olhasse novamente, eles haveriam pausado e refletido, se esquivado e desaparecido — ela estava errada. A descuidada paixão deles os havia levado longe demais para parar — pelo menos havia levado alguns deles longe demais, pois eram sempre os rapazes selvagens, com seu amor por excitação cruel, que lideravam o tumulto, descuidados com o derramamento de sangue que isso pudesse levar.

Um tamanco voou pelo ar. Os olhos fascinados de Margaret assistiram ao progresso dele; ele errou seu alvo, e ela ficou doente de terror, mas não mudou sua posição, apenas escondeu seu rosto no braço de Mr. Thornton. Então ela se virou e falou novamente:

— Pelo amor de Deus! Não prejudiquem a causa de vocês por esta violência. Vocês não sabem o que estão fazendo.

Ela esforçava-se para fazer suas palavras distintas.

Um afiado pedregulho voou sobre ela, acertando-lhe a testa e a face, trazendo um lençol de luz ofuscante sobre seus olhos. Ela caiu como uma morta nos ombros de Mr. Thornton. Então ele descruzou seus braços, e a segurou em um deles por um instante:

— Vocês fazem bem! — gritou ele. — Vocês vieram para expulsar os inocentes estrangeiros, centenas de vocês, sobre um único homem. E quando uma mulher vem sobre vocês, para pedir pelo seu próprio bem, para serem criaturas razoáveis, sua covarde fúria cai sobre ela! Vocês fazem bem!

Eles ficaram em silêncio enquanto ele falava. Eles estavam assistindo, atentos e boquiabertos, a trilha de sangue vermelho-escuro que os acordava de seu transe de paixão. Aqueles mais próximos dos portões saíram sorrateiramente e envergonhados. Houve um movimento por toda a multidão — um movimento de retirada. Apenas uma voz gritou:

— A pedra foi para ti, mas tu estavas abrigado atrás de uma mulher!

Mr. Thornton tremeu com fúria. O fluxo de sangue havia tornado Margaret consciente — turvamente, vagamente, confusamente. Ele a colocou suavemente no degrau, sua cabeça encostada contra o corrimão.

— A senhorita pode descansar aí? — ele perguntou. Mas sem esperar pela resposta dela, ele desceu lentamente os degraus e avançou para o meio da multidão. — Agora me matem, se este é o seu desejo brutal. Não há mulher para me proteger aqui. Vocês podem me espancar até a morte, nunca me farão mudar aquilo que eu já determinei, não vocês!

Permaneceu entre eles, com seus braços cruzados, precisamente a mesma atitude em que ele havia estado nos degraus.

Mas o retrógrado movimento rumo ao portão já havia começado — tão sem razão, talvez tão cegamente quanto a simultânea raiva. Ou, talvez, fosse a ideia da chegada dos soldados, e a visão daquele rosto pálido, virado para cima, com olhos fechados, imóvel e triste como mármore, embora as lágrimas se derramassem pelo emaranhado de cílios e caíssem, mas, mais pesado e mais lento do que até mesmo as lágrimas, era o fio de

sangue que gotejava de sua ferida. Até os mais desesperados — o próprio Boucher — agora recuava, hesitante, olhando com uma expressão feroz de raiva, mas finalmente se foi, murmurando maldições ao mestre, que permanecia em sua inalterada atitude, olhando para a retirada deles com desafiadores olhos. No momento em que a retirada se alterou para uma fuga (como era certo do próprio caráter deles), ele subiu depressa os degraus, até alcançar Margaret. Ela tentou se levantar sem a ajuda dele.

— Não é nada — ela disse, com um adoentado sorriso. — A pele está ralada, e fiquei assustada no momento. Oh, estou tão agradecida que eles se foram!

E ela chorou, pela primeira vez em todo aquele tumulto, sem se conter. Mr. Thornton não podia oferecer-lhe a sua compaixão. A raiva dele não havia se aplacado; estava na verdade se elevando à medida que o senso de imediato perigo estava passando. O distante estrépito dos soldados foi ouvido, apenas cinco minutos de atraso, mas tarde demais para fazer a desaparecida multidão sentir o poder da autoridade e da ordem. Ele esperava que eles vissem as tropas, e fossem subjugados pelo pensamento de sua estreita fuga. Enquanto esses pensamentos cruzavam a sua mente, Margaret agarrou-se ao corrimão para se estabilizar, mas sua visão escureceu — ele apenas teve tempo de ampará-la com seus próprios braços, antes que ela caísse. — Mãe, mãe! — gritou ele. — Desça... Eles se foram, e Miss Hale está ferida!

Ele a carregou em seus braços até a sala de jantar e a colocou no sofá; deitou-a tão suavemente e, olhando para sua face pura e branca, o senso do que ela significava para ele, veio sobre ele tão aguçadamente, que ele falou tudo em sua dor: — Oh, minha

Margaret, minha Margaret! Ninguém pode saber o que a senhorita é para mim! Morta... fria como a senhorita está agora, a senhorita é a única mulher que eu já amei! Oh, Margaret, Margaret!

Inarticuladamente como ele falava, ajoelhado ao lado dela, e mais gemendo do que falando, ele levantou-se de um salto, envergonhado de si mesmo, enquanto sua mãe se aproximava. Ela nada viu, senão seu filho um pouco mais pálido, um pouco mais austero do que o usual.

— Miss Hale está ferida, mãe. Uma pedra atingiu-a na têmpora. Ela perdeu uma boa quantidade de sangue, temo eu.

— Ela parece seriamente ferida... Quase pude imaginá-la morta — disse Mrs. Thornton, bastante alarmada.

— É apenas um desmaio. Ela já falou comigo depois do golpe.

Mas todo o sangue no corpo dele parecia correr para dentro do seu coração enquanto ele falava, e ele absolutamente tremia.

— Vá e chame Jane, ela pode providenciar as coisas que quero; e você vá para seu povo irlandês. Eles estão chorando e gritando como se estivessem loucos de pavor.

Ele se foi, hesitantemente. Saiu como se pesos estivessem presos em cada um dos membros com os quais ele a carregara. Chamou Jane. Destacou que ela deveria ter todo cuidado feminino com Margaret, todo zelo gentil. Mas cada pulso seu batia; seu corpo todo vibrava, enquanto ele se lembrava de como ela havia descido, e se colocado à sua frente, em perigo — poderia ter sido para salvá-lo? No momento, ele a havia empurrado para o lado, e lhe falado rudemente; ele nada havia visto senão o desnecessário perigo no qual ela se havia colocado.

Ele foi ver seu povo irlandês, mas cada nervo em seu corpo ainda vibrava com o pensamento nela, e viu que era difícil entender o suficiente do que eles estavam dizendo para amenizar e confortar seus medos. Lá, declararam, eles não ficariam; eles reivindicavam serem enviados de volta. E então ele teve que pensar, conversar e racionalizar.

Mrs. Thornton banhou as têmporas de Margaret com *eau de Cologne*[75]. Enquanto a aguardente tocava o ferimento, que até então nem Mrs. Thornton nem Jane haviam percebido, Margaret abriu seus olhos, mas era evidente que ela não sabia onde estava, nem quem elas eram. Os círculos negros ao redor dos seus olhos se aprofundaram, os lábios tremeram e se contraíram, e ela tornou-se inconsciente mais uma vez.

— Ela recebeu um golpe terrível — disse Mrs. Thornton. — Há qualquer pessoa que pode sair para buscar um médico?

— Não eu, madame, se me permite — disse Jane, tremendo e recuando. — A ralé pode estar nos arredores. Não penso que o corte seja tão profundo, madame, como parece.

— Não correrei o risco. Ela foi ferida em nossa casa. Se você é uma covarde, Jane, eu não sou. Eu irei.

— Rogo, madame, deixe-me enviar alguém da polícia. Tantos vieram, e há soldados também.

— E ainda assim você tem medo de ir! Não terei o tempo deles tomado com nossos deveres. Eles terão o suficiente para fazer pegando alguns da multidão. Você não ficará com medo de ficar nesta casa? — ela perguntou desdenhosamente, e continuou banhando a testa de Miss Hale. — Ficará? Não hei de ficar mais de dez minutos fora.

— Hannah não poderia ir, madame?

— Por que Hannah? Por que não qualquer um senão você? Não, Jane, se você não vai, eu vou.

Mrs. Thornton foi primeiro ao quarto em que ela havia deixado Fanny esticada na cama. Ela sobressaltou-se quando sua mãe entrou.

— Oh, mamãe, como a senhora me aterrorizou! Pensei que a senhora fosse um homem que houvesse entrado na casa.

— Bobagem! Os homens todos foram embora. Há soldados por todo o lugar, procurando fazer seu trabalho que agora é tarde demais. Miss Hale está deitada no sofá da sala de jantar muito ferida. Vou sair para buscar um médico.

— Oh! Não, mamãe! Eles matarão a senhora.

Ela agarrou-se ao vestido de sua mãe. Mrs. Thornton o puxou repentinamente de volta com uma mão nada gentil.

— Encontre-me outra pessoa para ir, mas essa garota não pode sangrar até a morte.

— Sangrar! Oh, que horrível! Como ela se feriu?

— Não sei, não tive tempo para perguntar. Desça até ela, Fanny, e tente fazer-se útil. Jane está com ela, e acredito que seja pior do que parece. Jane se recusou a deixar a casa, covarde mulher! E não me colocarei diante de quaisquer recusas mais de meus serviçais, então eu mesma estou indo.

— Oh, minha nossa, minha nossa! — exclamou Fanny, chorando e preferindo descer ante ao pensamento de ser deixada sozinha, com a visão de ferimentos e derramamento de sangue dentro da própria casa.

— Oh, Jane! — disse ela, entrando sorrateiramente na sala de jantar. — Qual é o problema? Quão branca ela parece! Como ela se feriu? Eles jogaram pedras na sala de visitas?

Margaret de fato parecia branca e abatida, embora seus sentidos estivessem começando a retornar. Mas o torpor do desfalecimento deixava-a miseravelmente fraca. Ela estava consciente do movimento ao seu redor, e do alívio da *eau de Cologne*, e uma ânsia de que esse alívio continuasse sem interrupção. Mas quando elas pararam para conversar, ela não pôde mais abrir seus olhos ou pedir que continuassem lhe banhando a fronte, pois assim se movem as pessoas que deitam em um transe como a morte, para proferir uma palavra, para deter os terríveis preparativos para o enterro, enquanto elas estão ainda inteiramente conscientes, não meramente das ações daqueles ao seu redor, mas da ideia que é o motivo para tais ações.

Jane parou de banhar a fronte de Margaret para responder à pergunta de Miss Thornton.

— Ela teria estado segura o suficiente, Miss, se ela houvesse ficado na sala de visitas, ou subido conosco. Estávamos no sótão da frente, e pudemos ver tudo fora de perigo.

— Onde estava ela, então? — perguntou Fanny, aproximando-se lentamente, enquanto acostumava-se à visão do rosto pálido de Margaret.

— Bem na porta da frente... com o mestre! — disse Jane, significativamente. — Com John! Com meu irmão! Como ela chegou lá?

— Não, Miss, isso não cabe a mim dizer — respondeu Jane, com um ligeiro movimento de cabeça. — A Sarah...

— Sarah o quê? —perguntou Fanny, com impaciente curiosidade.

Jane retomou seus cuidados com Margaret, como se o que Sarah fez ou disse não fosse exatamente a coisa que ela gostaria de repetir.

— Sarah o quê? — voltou a perguntar Fanny, rispidamente. — Não fale nessas meias palavras, ou não consigo entendê-la.

— Bem, Miss, já que a senhora quer saber... A Sarah, sabe, estava no melhor lugar para ver, na janela da direita. E ela diz, e disse no exato momento também, que ela viu Miss Hale com seus braços ao redor do pescoço do patrão, abraçando-o em frente a todas aquelas pessoas.

— Não acredito! — disse Fanny. — Sei que ela gosta do meu irmão, qualquer um pode ver isso. E eu ouso dizer que ela daria seus olhos para que ele se casasse com ela, coisa que ele nunca fará, posso lhe assegurar. Mas não creio que ela seria tão ousada e avançada a ponto de colocar seus braços ao redor do pescoço dele.

— Pobre moça! Ela pagou caro por isso, se ela o fez. É minha crença, de que o golpe levou tanto sangue à cabeça dela, que ela nunca mais vai se recuperar totalmente. Ela parece um cadáver agora.

— Oh, eu queria que mamãe voltasse! — disse Fanny, apertando suas mãos. — Nunca fiquei em um cômodo com uma pessoa morta antes.

— Fique, Miss! Ela não está morta. As pálpebras dela estão tremendo, e aqui tem lágrimas descendo pelas bochechas dela. Fale com ela, Miss Fanny!

— A senhorita está melhor agora? — perguntou Fanny, em uma voz trêmula.

Nenhuma resposta; nenhum sinal de reconhecimento; mas uma fraca cor rósea retornou aos lábios dela, embora o restante de seu rosto estivesse pálido, quase acinzentado.

Mrs. Thornton entrou apressadamente, com o cirurgião mais próximo que ela pôde encontrar. — Como ela está? Você está melhor, minha querida? — enquanto Margaret abria seus enevoados olhos e a contemplava sonhadoramente. — Aqui está Mr. Lowe para vê-la.

Mrs. Thornton falava alto e distintamente, como se para uma pessoa surda. Margaret tentou levantar-se, e seus cabelos cacheados e exuberantes precipitaram em cascata acima do corte.

— Estou melhor agora — disse ela, em uma voz muito baixa e fraca. — Fiquei um pouco doente.

Ela deixou o médico tomar sua mão e sentir seu pulso. A brilhante cor veio por um momento ao seu rosto, quando ele pediu para examinar o ferimento em sua testa. Ela olhou para Jane, como se temesse aquela sua inspeção mais do que a do médico.

— Não é tanto, penso eu. Estou melhor agora. Devo ir para casa.

— Não até eu ter aplicado algumas tiras de bandagem e a senhorita ter descansado um pouco.

Ela sentou-se apressadamente, sem outra palavra, e permitiu que o ferimento fosse limpo e fechado.

— Agora, se o senhor me permite — disse ela —, eu devo ir. Pensem na mamãe, se ela ouvir algum rumor sobre isso. Ela está

gravemente doente, penso eu. O ferimento está sob os cabelos, não está?

— Bastante. Ninguém conseguirá notar.

— Mas a senhorita não deve ir — disse Mrs. Thornton, impacientemente. — A senhorita não está bem para ir.

— Eu devo — disse Margaret, decididamente. — Pense em papai. Se ele ouvir sobre o ocorrido... Devo ir — disse ela, veementemente. — Não posso ficar aqui. Posso pedir um coche?

— A senhorita está bastante ruborizada e febril — observou Mr. Lowe.

— É apenas por estar aqui, quando eu tanto quero ir. O ar... se eu sair, o ar fresco me fará bem — pleiteou ela.

— Eu realmente acredito que seja como ela diz — Mr. Lowe respondeu. — Se a mãe dela está tão doente como a senhora me contou no caminho até aqui, pode ser muito sério ela ouvir desse motim, e não ter sua filha de volta na hora em que esperava. O ferimento não é profundo. Irei buscar um coche, se suas serviçais ainda estiverem com medo de sair.

— Oh, obrigada! — disse Margaret. — Isso me fará um grande bem. É o ar deste cômodo que me faz sentir tão mal.

Ela recostou-se no sofá e fechou seus olhos. Fanny acenou para sua mãe, chamando-a para fora da sala, e lhe contou algo que a deixou igualmente ansiosa pela partida de Margaret, tanto quanto a própria Margaret. Não que ela acreditasse inteiramente na declaração de Fanny, mas creditava o suficiente para que seus modos, ao despedir-se da moça, parecessem muito constrangidos.

Mr. Lowe retornou no coche.

— Se a senhorita me permitir, acompanhá-la-ei até sua casa, Miss Hale. As ruas não estão muito calmas ainda.

Os pensamentos de Margaret já estavam suficientemente claros no presente para torná-la desejosa de se livrar tanto de Mr. Lowe quanto do coche antes que ela chegasse a Crampton Crescent, por medo de alarmar seu pai e sua mãe. Para além daquela meta, ela não olharia. Aquele medonho sonho de insolentes palavras faladas sobre ela mesma, nunca poderia ser esquecido — mas poderia ser colocado de lado até que ela estivesse mais forte — posto que, oh! Ela estava muito fraca, e sua mente buscava por algum fato presente sobre o qual se estabilizar, e se manter consciente, longe de outro horrível e adoentado desfalecimento.

Capítulo XXIII

Equívocos

“Que quando a mãe a viu, em sua mente
Tinha perturbada ferida, não bem sabia o que esperar”.
— SPENSER.[76]

Margaret havia partido há menos de cinco minutos quando Mr. Thornton entrou, o rosto em chamas.

— Não consegui vir antes. O superintendente... Onde ela está?

Ele olhou ao redor da sala de jantar, e então se dirigiu quase furiosamente à sua mãe, que estava calmamente rearranjando a desarrumada mobília, e não respondeu imediatamente.

— Onde está Miss Hale? — perguntou ele novamente.

— Foi para casa — disse ela, bastante brevemente.

— Foi para casa?!

— Sim. Ela estava muito melhor. De fato, não creio que estivesse seriamente ferida; algumas pessoas desmaiam com a menor das coisas.

— Lamento que ela tenha ido para casa — disse ele, andando desconfortavelmente pelo cômodo. — Ela não poderia estar recuperada o suficiente para isso.

— Ela disse que estava e Mr. Lowe disse que ela estava. Fui buscá-lo eu mesma.

— Obrigado, mãe.

Ele parou e estendeu a mão, para apertar a da mãe em agradecimento. Mas ela não notou o movimento.

— O que você fez com os seus irlandeses?

— Mandei buscar no Dragon uma boa refeição para eles, pobres desgraçados. E então, por sorte, encontrei o Padre Grady, e pedi a ele que falasse com eles, e os dissuadisse de irem embora em bando. Como Miss Hale foi para casa? Estou certo de que ela não conseguia caminhar.

— Ela foi em um coche. Tudo foi feito apropriadamente, até o pagamento. Vamos falar de outra coisa. Ela já causou perturbação suficiente.

— Não sei onde eu estaria se não fosse por ela.

— Você se tornou tão indefeso a ponto de ter que ser defendido por uma moça? — perguntou Mrs. Thornton, desdenhosamente.

Ele ruborizou. — Não há muitas moças que teriam recebido os golpes dirigidos a mim, quero dizer, com tão boa vontade.

— Uma moça apaixonada faria muita coisa — respondeu Mrs. Thornton, curtamente.

— Mãe! — ele deu um passo para a frente, ficou parado, tomado pela paixão. Mrs. Thornton estava um pouco sobressaltada com a força evidente que ele estava fazendo para manter-se calmo. Ela não estava certa da natureza das emoções que havia provocado. Era apenas a violência delas que era clara. Seria raiva? Os olhos dele brilhavam, sua postura se distendera, sua respiração era forte e rápida. Era uma mistura de alegria, de raiva, de orgulho, de feliz surpresa, de ofegante dúvida; mas ela não conseguia perceber isso. Ainda assim, Mrs. Thornton sentia-se desconfortável — como se a presença de qualquer forte sentimento, cuja causa

não era inteiramente entendida ou simpatizada, sempre tivesse esse efeito. Foi até o aparador, abriu uma gaveta, e tirou um espanador, que mantinha lá para qualquer propósito ocasional. Ela havia visto uma gota de *eau de Cologne* no braço polido do sofá, e instintivamente procurou limpá-la. Mas manteve suas costas viradas para o filho por muito mais tempo do que era necessário; e quando ela falou, sua voz parecia incomum e constrangida.

— Suponho que você tenha tomado algumas providências sobre os arruaceiros? Teme que haja mais violência? Onde estava a polícia? Nunca estão à mão quando são requisitados!

— Pelo contrário, vi três ou quatro deles, quando os portões cederam, lutando e batendo de verdade; e outros vieram correndo assim que o pátio estava sendo esvaziado. Eu poderia ter dado o nome de alguns dos indivíduos que estavam liderando, naquele momento, se eu estivesse em posse dos meus sentidos. Mas não haverá nenhuma dificuldade, muitas pessoas conseguirão identificá-los.

— Mas eles não voltarão esta noite?

— Providenciarei guardas suficientes para as instalações. Marquei um encontro com o capitão Hanbury em meia hora na estação.

— Mas antes deve tomar um pouco de chá.

— Chá! Sim, suponho que devo. São seis e meia, e pode ser que eu fique fora por algum tempo. Não espere por mim, mãe.

— Você não espera que eu vá dormir antes que o veja seguro, espera?

— Bem, talvez não — ele hesitou por um momento. — Mas se eu tiver tempo, devo passar por Crampton, após fazer os arranjos

com a polícia e ter visto Hampter e Clarkson.

Seus olhos se encontraram. Olharam-se com intensidade por um minuto. Então ela perguntou:

— Por que você irá até Crampton?

— Para perguntar por Miss Hale.

— Mandarei perguntar. Williams deve levar o colchão d'água que ela veio pedir. Ele deve inquirir como ela está.

— Devo ir eu mesmo.

— Não apenas para perguntar como Miss Hale está?

— Não, não apenas para isso. Quero agradecer-lhe a maneira pela qual ela ficou entre mim e a multidão.

— O que fez você descer até lá, afinal? Foi como colocar a cabeça na boca do leão!

Ele olhou intensamente para ela, percebeu que ela não sabia o que se passara entre ele e Margaret na sala de visitas, e respondeu com outra pergunta:

— A senhora terá medo de ser deixada sozinha, até que eu providencie algum policiamento? Ou é melhor mandarmos Williams buscá-los agora, para que possam estar aqui quando terminarmos o chá? Não há tempo a ser perdido. Devo sair daqui um quarto de hora.

Mrs. Thornton deixou o cômodo. Seus criados ficaram confusos com as instruções dela, normalmente tão precisas e decididas, agora nebulosas e incertas. Mr. Thornton permaneceu na sala de jantar, tentando pensar nos negócios que ele tinha que fazer na delegacia, mas na realidade pensando em Margaret. Tudo parecia indistinto e vago para além – para trás – ou próximo ao toque dos

braços dela em seu pescoço... aquele aperto suave que fazia seu rosto corar enquanto pensava nisso.

O chá teria sido muito silencioso, se não fosse pela perpétua descrição de Fanny de seus próprios sentimentos: como ela havia ficado alarmada, como pensou que eles tinham partido, e, então, como se sentiu enjoada, fraca e trêmula dos pés à cabeça.

— Pronto, já basta — disse seu irmão, levantando-se da mesa. — A realidade foi o suficiente para mim.

Ele estava deixando o cômodo, quando sua mãe colocou a mão sobre seu braço.

— Você voltará aqui antes de ir para os Hales? — perguntou ela, em uma voz baixa e ansiosa.

— Eu sei o que eu sei — disse Fanny para si mesma.

— Por quê? Será muito tarde para perturbá-los?

— John, volte para mim apenas por esta noite. Será tarde para Mrs. Hale. Mas não é isso. Amanhã, você... Volte esta noite, John!

Ela raramente tinha suplicado alguma coisa ao filho. Era muito orgulhosa para isso, mas nunca tinha suplicado em vão.

— Voltarei direto para cá assim que finalizar meus negócios. A senhora está certa, Williams perguntará por eles... por ela.

Mrs. Thornton não conseguiu ser de modo algum uma boa companhia de conversa para Fanny, nem sequer uma boa ouvinte enquanto seu filho estava ausente. Mas quando ele retornou, seus olhos e ouvidos estavam ávidos para ver e ouvir todos os detalhes que ele pudesse dar, sobre os passos que tomara para assegurar a si mesmo e àqueles a quem escolhera empregar, de qualquer repetição dos ultrajes do dia. Ele sabia claramente qual era seu objetivo. Punição e sofrimento eram as consequências naturais para

aqueles que tinham tomado parte no tumulto. Tudo aquilo era necessário, a fim de que a propriedade fosse protegida e a vontade do proprietário pudesse cortar até o fim, limpa e afiada como uma espada.

— Mãe! A senhora sabe o que tenho a dizer para Miss Hale, amanhã?

A pergunta veio sobre ela tão repentinamente, durante uma pausa na qual, pelo menos, havia esquecido de Margaret.

Ela levantou a cabeça e olhou para ele.

— Sim! Eu sei. Você não poderia agir diferente.

— Agir diferente?! Não entendo a senhora.

— Quero dizer que, após permitir que ela demonstrasse os sentimentos daquela forma, considero que você esteja preso por honra...

— Preso por honra?! — disse ele, desdenhosamente. — Temo que honra não tenha nada a ver com isso. “Demonstrar os sentimentos daquela maneira!” A que sentimentos a senhora se refere?

— Não, John, não há necessidade de ficar com raiva. Ela não desceu correndo, e se agarrou a você para o salvar do perigo?

— Sim! — disse ele. — Mas, mãe — continuou ele, parando de andar bruscamente, em frente dela. — Não ouso ter esperanças. Nunca fui covarde antes, mas não posso crer que tal criatura goste de mim.

— Não seja tolo, John. Tal criatura! Ora, se alguém o ouvisse falar assim, pensaria que ela é filha de um duque. E que prova a mais você precisa, do seu amor por você? Posso crer que ela tenha encontrado dificuldades com seu modo aristocrático de ver as

coisas, mas gosto mais dela por enxergar com clareza, afinal. Para mim, isto é uma coisa muito difícil de admitir — disse Mrs. Thornton, sorrindo lentamente, enquanto lágrimas se formavam em seus olhos. — Depois de hoje à noite, ficarei em segundo plano. Foi para ter você para mim, só para mim, umas poucas horas a mais, que lhe implorei para não a ver até amanhã!

— Mais querida mãe! (Ainda assim o amor é egoísta, e em um instante ele retornou às suas próprias esperanças e medos de uma forma que lançou uma sombra sobre o coração de Mrs. Thornton). — Mas eu sei que ela não gosta de mim. Hei de me colocar aos pés dela, preciso fazê-lo. Se houvesse uma chance em mil, ou em um milhão... eu o faria.

— Não tema! — disse sua mãe, esmagando seu próprio sofrimento interior, ao notar que o filho não percebera a sua rara ebulição dos sentimentos maternais e a pontada de ciúmes que traía a intensidade do seu amor disfarçado. — Não tenha medo — disse ela, friamente. — Enquanto se tratar de amor, ela pode ser digna de você. Deve ter sido muito difícil para ela sobrepujar o seu orgulho. Não tenha medo, John — disse ela, beijando-o, enquanto lhe desejava boa noite. E ela saiu lenta e majestosamente do cômodo. Mas quando entrou em seu próprio quarto, trancou a porta, e sentou-se para chorar, algo que raramente acontecia.

Margaret entrou no cômodo (onde seu pai e sua mãe estavam sentados, conversando em voz baixa), parecendo muito pálida e branca. Ela aproximou-se deles, antes que tivesse coragem o suficiente para falar.

— Mrs. Thornton enviará o colchão d’água, mamãe.

— Querida, como você parece cansada! Está muito quente, Margaret?

— Muito quente, e as ruas estão bastante difíceis com a greve.

A cor de Margaret voltou vívida e brilhante como nunca, mas esvaneceu-se imediatamente.

— Aqui está uma mensagem de Bessy Higgins, pedindo que você fosse vê-la — disse Mrs. Hale. — Mas estou certa de que você está demasiadamente cansada.

— Sim! — disse Margaret. — Estou cansada, não posso ir.

Ela estava muito silenciosa e trêmula enquanto fazia o chá. Sentiu-se grata ao ver seu pai tão ocupado com sua mãe, a ponto de não notar sua aparência. Mesmo após sua mãe se recolher, ele não aceitou se afastar da esposa, resolvendo ler para ela até que dormisse. Margaret ficou sozinha.

“Agora pensarei sobre isso, relembrarei de tudo. Não pude fazê-lo antes, não ousei”.

Sentou-se imóvel em sua cadeira, suas mãos apertando os joelhos, seus lábios comprimidos, os olhos fixos como alguém que tem uma visão. Respirou profundamente.

“Eu, que odeio cenas — eu, que desprezava as pessoas por mostrarem emoção, achando que elas não tinham autocontrole... desci e precisei me lançar no corpo a corpo, como uma tola romântica! Será que fiz bem? Eles teriam ido embora sem mim, ouso dizer”. Mas isso era transpor a conclusão racional, como o seu julgamento equilibrado logo sentiu. “Não, talvez eles não fossem. Fiz algum bem. Mas o que me possuiu para defender aquele homem, como se ele fosse uma criança indefesa?! Ah!”, disse ela, apertando as mãos, “não é de se espantar que aquelas pessoas pensassem

que eu estava apaixonada por ele, após me desgraçar daquela maneira. Eu apaixonada, e ainda mais por ele!”

Suas pálidas bochechas repentinamente se tornaram uma chama de fogo; e ela cobriu seu rosto com suas mãos. Quando ela as retirou, suas palmas estavam molhadas com lágrimas quentes.

“Oh, quão baixo eu caí, para que falem isso de mim! Eu não poderia ter sido tão corajosa por qualquer outra pessoa, só porque ele era tão absolutamente indiferente a mim, se, de fato, não chego a desgostá-lo. E me irrita ainda mais, saber que deveria haver jogo justo de ambos os lados; e eu conseguia ver se era justo. Não era justo”, pensou ela, veementemente, “que ele ficasse lá, protegido, aguardando os soldados, que poderiam capturar aquelas pobres criaturas enlouquecidas como em uma armadilha e sem um esforço da parte dele, para trazê-los à razão. E foi mais que injusto para eles partirem para atacá-lo, como ameaçaram. Eu faria tudo novamente, digam o que quiserem de mim. Se eu evitei um golpe, uma ação cruel e raivosa, que de outra forma teria sido cometida, fiz o trabalho de uma mulher. Deixe que eles insultem meu orgulho virginal tanto quanto quiserem. Eu ando pura diante de Deus!”

Ela olhou para cima, e uma nobre paz parecia descer e acalmar seu rosto, até que estivesse “mais imóvel que mármore cinzelado”[77].

Dixon entrou:

— Desculpe-me incomodá-la, Miss Margaret, aqui está o colchão d’água vindo da casa de Mrs. Thornton. Temo que hoje seja muito tarde para usá-lo, posto que a patroa está quase dormindo... Mas será perfeito para amanhã.

— Muito — disse Margaret. — Você deve enviar nossos melhores agradecimentos.

Dixon deixou o cômodo por um momento.

— Desculpe, Miss Margaret, o criado disse que deve inquirir sobre a saúde da senhorita, especialmente. Penso que ele está se referindo à patroa, mas ele diz que as últimas ordens que recebeu foram para perguntar como Miss Hale estava.

— Eu?! — disse Margaret, levantando-se. — Estou muito bem. Diga a ele que estou perfeitamente bem.

Mas sua compleição estava tão mortalmente branca quanto seu lenço, e sua cabeça doía intensamente.

Mr. Hale entrara naquele momento. Deixara a esposa adormecida e desejava, como Margaret percebera, ser entretido e interessar-se por alguma coisa que ela pudesse lhe contar. Com doce paciência, ela suportou sua dor, sem uma palavra de reclamação, e esquadrinhou inúmeros pequenos assuntos de conversação — tudo, exceto o tumulto, que ela não citou uma vez sequer. Pensar no ocorrido, a deixava doente.

— Boa noite, Margaret. Tenho uma boa chance de dormir bem esta noite, e você parece muito pálida com sua vigília. Hei de chamar Dixon se sua mãe precisar de qualquer coisa. Vá para a cama e descanse bem; posto que estou certo de que precise disso, pobre criança!

— Boa noite, papai.

Ela deixou que a cor se fosse de seu rosto. O forçado sorriso se esvaneceu. Os olhos ficaram lúgubres com a pesada dor. Ela libertou sua forte vontade daquela laboriosa tarefa. Até de manhã, deveria se sentir doente e exaurida.

Ela deitou-se e não se mexeu mais. Mover a mão ou o pé, ou até mesmo um dedo, teria sido um esforço além dos poderes da vontade ou da ação. Ela estava tão cansada, tão aturdida, que pensou que nunca dormiria; seus pensamentos febris passaram e repassaram a fronteira entre o sono e a vigília, e mantiveram sua própria miserável identidade. Ela não conseguia ficar sozinha, prostrada e sem forças como estava. Uma nuvem de rostos olhava para ela, dando a menor ideia de uma raiva furiosa e vívida, ou de perigo pessoal, mas um profundo senso de vergonha, quando deveria ser o objeto de respeito universal. Uma sensação de vergonha tão aguda, que sentia que poderia de bom grado se esconder debaixo da terra, e ainda assim não conseguiria escapar daquele olhar fixo e vigilante de muitos olhos.

Capítulo XXIV

Equívocos esclarecidos

“Sua beleza foi a primeira que ganhou o lugar
E escalou as paredes de meu intrépido coração
Que, agora cativo, está a se estiolar,
Desagradavelmente preparado para o rigor do deserto;
Ainda assim não há de tolerar o menor de seu criado,
A despeito de rude repulsa ou silencioso orgulho”.
— WILLIAM FOWLER.[78]

Na manhã seguinte, Margaret levantou-se da cama com esforço, grata que a noite houvesse terminado. Não se sentia renovada, mas ainda assim havia descansado. Tudo correra bem na casa durante a noite; sua mãe acordara apenas uma vez. Uma pequena brisa agora se espalhava pelo ar quente, e embora não houvesse árvores para mostrar o alegre movimento causado pelo vento entre as folhas, Margaret sabia que, em algum lugar, nas margens das estradas, nos bosques ou nas densas florestas, havia um som agradável, murmurante e dançante... um barulho corrido e cadente. Esse mero pensamento trazia um eco de alegria distante ao seu coração.

Ela sentou-se com o seu trabalho de costura no quarto de Mrs. Hale. Tão logo a mãe acordasse do sono matinal, ela a ajudaria a vestir-se e, logo após o jantar, iria visitar Bessy Higgins. Baniria toda a lembrança da família Thornton, posto que não havia necessidade

de pensar neles até que estivessem de fato perante ela, em carne e osso. Mas, é claro, o esforço para não pensar trouxe-os apenas mais fortemente à sua mente; e, de tempos em tempos, um cálido rubor vinha sobre o seu pálido rosto, colorindo-o como um raio de sol entre as nuvens esparsas, movendo-se em direção ao mar.

Dixon abriu a porta muito suavemente, e esgueirou-se pé ante pé até Margaret, sentada à sombra da janela.

— Mr. Thornton, Miss Margaret. Ele está na sala de visitas.

Margaret largou sua costura.

— Ele perguntou por mim? Papai não está aqui? — Ele perguntou pela senhorita; e o patrão saiu.

— Muito bem, irei — disse Margaret, calmamente. Mas ela se demorou estranhamente. Mr. Thornton estava junto à janela, com as costas viradas para a porta, aparentemente absorto em observar alguma coisa na rua. Mas, na verdade, ele estava com medo de si mesmo. Seu coração batia acelerado na expectativa da chegada de Margaret. Não conseguia esquecer o toque dos braços dela ao redor de seu pescoço, apesar da impaciência que sentira naquela ocasião; mas agora a lembrança daquela defesa em forma de abraço, parecia agitá-lo por completo, derretendo cada decisão e todo o poder de autocontrole, como se fosse cera diante de uma fogueira. Ele temia adiantar-se para encontrar-se com ela, com os braços dele estendidos em muda súplica para que ela se aninhasse neles, como havia feito no dia anterior. O coração dele pulsava alto e rápido. Um homem forte como ele, tremia com a antecipação do que tinha a dizer, e como isso poderia ser recebido. Ela poderia se aconchegar, ruborizar, e voar como um pássaro para os seus braços, como se aquele fosse o seu lar natural e o seu lugar de

descanso. Em um momento, ele ardia com impaciência ao pensar que ela pudesse fazer isso, mas no seguinte, temia uma rejeição passional, cuja própria ideia secava o seu futuro com uma chaga tão mortal que ele se recusava a pensar nisso. Sobressaltou-se ao perceber a presença de mais alguém no cômodo. Ele se virou. Ela havia entrado tão suavemente que ele não a ouvira; os ruídos da rua tinham sido mais distintos aos seus ouvidos desatentos do que os lentos movimentos dela, no seu suave vestido de musselina.

Ela ficou parada ao lado da mesa, sem oferecer-lhe assento. Suas pálpebras estavam meio caídas por sobre seus olhos; os dentes estavam cerrados, não comprimidos; os lábios estavam apenas um pouco separados sobre eles, permitindo ver a linha branca entre as suas curvas. Sua respiração lenta e profunda dilatava suas delicadas e belas narinas; era o único movimento visível em seu semblante. A pele sedosa, o rosto oval, o rico contorno de sua boca, os cantos com profundas covinhas estavam, hoje, pálidos e abatidos; a perda de sua cor costumeira, natural e saudável, era mais evidente pela sombra pesada do escuro cabelo, penteado por sobre as têmporas, para esconder qualquer sinal do golpe que ela recebera. Sua cabeça, apesar de seus olhos baixos, inclinava-se um pouco para trás, na antiga atitude orgulhosa. Seus longos braços estavam imóveis nas laterais do seu corpo. De todo, ela parecia com algum prisioneiro, falsamente acusado de um crime que odiava e desprezava, e do qual estava muito indignado para se justificar.

Mr. Thornton deu um ou dois rápidos passos adiante; recobrou-se, e foi com calma firmeza à porta (que ela havia deixado aberta), e a fechou. Então voltou, e ficou de frente para ela por um momento,

recebendo a impressão geral da sua bela presença, antes que ousasse perturbá-la, talvez repeli-la, pelo que ele tinha a dizer.

— Miss Hale, fui muito ingrato ontem...

— O senhor nada teve para ser grato — disse ela, levantando os olhos, e olhando direta e firmemente para ele. — O senhor quer dizer, suponho, que acha que deve me agradecer pelo o que fiz.

A despeito de si mesma, em desafio à sua raiva, um forte rubor subiu-lhe por todo o rosto, e queimou até mesmo os seus olhos; que, no entanto, sustentaram aquele olhar sério e firme.

— Foi apenas um instinto natural; qualquer mulher haveria feito exatamente o mesmo. Todas nós sentimos a santidade do nosso sexo como um grande privilégio quando vemos o perigo. Eu é que devo — disse ela, apressadamente — desculpar-me com o senhor, por haver dito palavras impensadas que o enviaram para o perigo.

— Não foram as suas palavras; foi a verdade que elas transmitiram, e a forma pungente como foi expressa. Mas a senhorita não me afastará com isso, e assim escapar da expressão de minha profunda gratidão, do meu... — ele estava à beira do abismo agora; não falaria no calor da sua ardente paixão; ele pesaria cada palavra. Ele conseguiria; e sua vontade triunfou. Ele parou no meio dessa frase.

— Não tento escapar de nada — disse ela. — Simplesmente digo, que o senhor não me deve qualquer gratidão; e posso acrescentar, que qualquer expressão disso será dolorosa a mim, porque não sinto que a mereço. Ainda assim, se isso o aliviará até mesmo de uma obrigação imaginária, continue falando.

— Não quero ser aliviado de qualquer obrigação — disse ele, provocado pelos modos calmos dela. — Imaginária, ou não, não me

questiono sobre isso. Escolho acreditar que devo minha própria vida à senhorita... sim... sorria, e pense ser um exagero, se quiser. Creio nisso, porque acrescenta um valor àquela vida para pensar... Oh, Miss Hale! — continuou ele, baixando sua voz a tão tenra intensidade de paixão que ela estremeceu e agitou-se diante dele. — Pensar em uma circunstância tão difícil, que sempre que eu exultar com a existência daqui em diante, posso dizer a mim mesmo: “Toda essa alegria na vida, todo esse honesto orgulho em fazer o meu trabalho no mundo, toda essa intensa consciência de existir, devo a ela!” E isso dobra a alegria, faz o orgulho brilhar, aguça o sentido da existência até que eu mal saiba se é dor ou prazer, pensar que eu devo isso a alguém... Não, a senhorita deve me ouvir, há de me ouvir... — disse ele, dando um passo adiante, com firme determinação... — Devo isso a alguém que eu amo, como não creio que um homem já tenha amado uma mulher.

Ele segurou forte a mão dela na sua. Estava ofegante enquanto esperava pelo que deveria vir em resposta. Ao ouvir o tom gélido de Margaret, ele afastou sua mão com indignação, posto que o tom era glacial, embora as palavras saíssem hesitantes, como se ela não soubesse onde encontrá-las.

— Seu modo de falar me choca. É uma blasfêmia. Não posso ajudá-lo, se esse é o meu primeiro sentimento. Poderia não ser assim, ouso dizer, se eu entendesse o tipo de sentimento que o senhor descreve. Não quero irritá-lo; e ademais, devemos falar gentilmente, posto que mamãe está dormindo, mas todos os seus modos me ofendem.

— Como?! — exclamou ele. — Isso a ofende?! Sou de fato um infeliz!

— Sim! — disse ela, com recobrada dignidade. — Realmente me sinto ofendida; e, penso eu, com razão. O senhor parece imaginar que minha conduta de ontem... — novamente suas faces ficaram ruborizadas, mas desta vez com os olhos inflamando com indignação mais do que com vergonha — foi um ato pessoal entre o senhor e eu; e que o senhor pode vir e me agradecer isso, em vez de perceber, como um cavalheiro perceberia... sim! Um cavalheiro — ela repetiu, em alusão à conversa anterior deles sobre essa palavra — que qualquer mulher, digna do nome de mulher, avançaria para proteger, com seu honroso desamparo, um homem exposto ao perigo da violência de muitos outros.

— E o cavalheiro protegido dessa forma está proibido de expressar seus agradecimentos! — irrompeu ele, desdenhosamente. — Sou um homem. E reivindico o direito de expressar meus sentimentos.

— E cedi esse direito. Simplesmente digo que o senhor me causa dor insistindo sobre isso — ela respondeu, orgulhosamente. — Mas o senhor parece haver imaginado, que não fui meramente guiada pelo meu instinto feminino, mas... — e aqui as lágrimas apaixonadas (impedidas de caírem há muito e combatidas veementemente) vieram aos seus olhos e sufocaram sua voz —, mas que fui impelida por algum sentimento particular pelo senhor... o senhor! Ora, não havia um homem sequer, nem um pobre homem desesperado em toda aquela multidão, por quem eu não tivesse mais empatia... por quem eu não faria o pouco que pudesse com maior boa vontade.

— A senhorita pode continuar falando, Miss Hale. Estou ciente de todas as suas deslocadas empatias. Agora creio que foi apenas

o seu senso inato de opressão (sim; eu, embora seja um patrão, posso ser oprimido) que a fez agir tão nobremente como agiu. Sei que a senhorita me despreza; permita-me dizer, é porque não me entende.

— Não me importo a ponto de desejar entender — ela respondeu, apoiando-se na mesa para se firmar; considerava-o cruel, como, de fato, ele era, e sentia-se fraca de indignação.

— Não, vi que não se importa. A senhorita é injusta e arbitrária.

Margaret comprimiu seus lábios. Ela não falaria em resposta a tais acusações. Mas, apesar de tudo isso, com todas as palavras selvagens que Mr. Thornton dissera, ele poderia ter se jogado aos pés dela, e beijado a bainha de seu traje. Ela não falou, ela não se moveu. As lágrimas de orgulho ferido caíram quentes e rápidas. Ele esperou por um tempo, ansiando que ela dissesse alguma coisa, até mesmo um insulto, ao qual pudesse responder. Mas ela permanecia em silêncio. Ele pegou o chapéu.

— Uma palavra mais. A senhorita fala como se considerasse uma desonra ser amada por mim. Não pode evitar isso. Não. Mesmo se eu quisesse, não poderia libertá-la dessa desonra. Mas eu não o faria, se pudesse. Nunca amei mulher alguma antes, minha vida tem estado muito ocupada, meus pensamentos muito absorvidos em outras coisas. Agora eu a amo e continuarei amando. Mas não tema muita expressão desse sentimento de minha parte.

— Não temo — ela respondeu, levantando-se ereta. — Ninguém nunca ousou ser impertinente comigo, e ninguém há de ser. Mas, Mr. Thornton, o senhor tem sido muito bondoso com meu pai — disse ela, mudando o tom de sua voz e tentando falar com

suavidade feminina. — Não continuemos irritando um ao outro. Rogo que não!

Ele não prestou atenção às suas palavras, ocupando-se em suavizar a lanugem de seu chapéu com a manga de seu casaco, por meio minuto ou mais; e então, rejeitando a mão estendida de Margaret, e agindo como se não percebesse o sério olhar de arrependimento dela, virou-se, abruptamente, e deixou o cômodo. Margaret capturou um relance do seu rosto antes que ele se fosse.

Quando ele se foi, ela pensou ter visto o brilho de lágrimas contidas nos olhos dele; e isso transformou a antipatia orgulhosa dela em algo diferente e mais bondoso, quase tão doloroso quanto o remorso por haver causado tal sofrimento a qualquer pessoa.

— Mas como poderia evitá-lo? — perguntou ela a si mesma. — Nunca gostei dele. Fui sempre cortês e não tive problema algum em ocultar minha indiferença. De fato, nunca pensei em mim ou nele, então meus modos devem ter mostrado a verdade. Com tudo o que aconteceu ontem, ele poderia se equivocar. Mas isso é culpa dele, não minha. Eu o faria novamente, se necessário fosse, embora me conduzisse a toda essa vergonha e confusão.

Capítulo XXV

Frederick

“A vingança tem seus próprios meios;
A desperta disciplina proclama alto suas razões,
E feridos navais urgem por suas violadas sanções”.
— BYRON.[79]

Margaret começou a se perguntar se todos os pedidos de casamento eram assim tão inesperados; se todas as propostas eram de antemão — tão perturbadoras à época de suas ocorrências, como as duas que ela tinha recebido. Uma involuntária comparação entre Mr. Lennox e Mr. Thornton erigiu-se em sua mente. Ela estava pesarosa que tivesse surgido das circunstâncias, no caso de Henry Lennox, a expressão de qualquer outro sentimento além de amizade. Aquele pesar era o sentimento predominante, na primeira ocasião em que ela recebera uma proposta. Ela não se sentira tão atordoada — tão impressionada como se sentia agora, quando ecos da voz de Mr. Thornton ainda permaneciam pelo cômodo. No caso de Lennox, ele parecia haver ultrapassado por um momento a barreira entre a amizade e o amor; e, no instante seguinte, arrependera-se tanto quanto ela, embora por diferentes razões. No caso de Mr. Thornton, até onde Margaret sabia, não houve estágio interveniente de amizade. As relações deles eram uma série de contínuas oposições. Suas opiniões se confrontavam; e, de fato, ela nunca havia percebido que ele se

importava com as opiniões dela, enquanto pertencentes a ela, como indivíduo. Ele parecia livrar-se delas com desprezo, na medida em que elas desafiavam seu caráter forte e pétreo, a força de sua paixão, até que ela sentisse a fadiga do esforço de fazer inúteis protestos. E agora ele havia vindo, naquele estranho modo selvagem e passional, para tornar conhecido o seu amor. Posto que, embora primeiramente a tenha chocado, que a oferta dele fosse forçada e aguilhoada pela aguda compaixão dele pela exposição que ela havia feito de si mesma — que ele, como outrem, pudesse compreender mal — ainda assim, antes mesmo que ele deixasse o cômodo — e certamente não cinco minutos depois, a clara convicção alvorecia sobre ela, brilhava claro sobre ela, que ele a amava; que ele a havia amado; que ele amá-la-ia. E ela encolheu-se e estremeceu, como sob a fascinação de algum grande poder, repugnante a toda a sua vida anterior. Margaret arrepiou-se e tentou se esconder da ideia. Mas era inútil. Para parodiar uma linha de Tasso, de Fairfax:

"A forte ideia dele vagava pelo pensamento dela".[80]

Ela desgostava dele tanto mais por haver dominado a vontade interna dela. Como ele ousava dizer que ele ainda a amaria, embora ela o repelisse com desprezo? Ela desejava ter falado mais — mais forte. Falas afiadas e perspicazes vieram em tropel à sua mente, embora fosse tarde demais para dizê-las. A profunda impressão daquela conversa era como aquela de um horror em um sonho; que não deixa o quarto, embora nós acordemos, e esfreguemos nossos olhos e forcemos um teso e rígido sorriso sobre nossos lábios. Fica lá — encolhido e algaraviando, com fixos olhos medonhos, em algum canto do quarto, escutando para ouvir se ousamos denunciar

sua presença para qualquer um. E não ousamos, pobres covardes que somos!

E então ela estremeceu ante a ameaça do amor duradouro dele. O que ele queria dizer? Não tinha ele o poder de intimidá-la? Ele veria. Era preciso mais do que o atrevimento de um homem para ameaçá-la assim. Ele fundamentou tudo aquilo sobre o miserável dia de anterior? Se necessário fosse, ela faria o mesmo amanhã — por um aleijado pedinte, de bom grado e alegremente — mas por ele, ela faria, tão corajosamente, a despeito das deduções dele, e do frio limo da impertinência das mulheres. Fizera aquilo porque era certo, simples e verdadeiro, salvar onde ela podia salvar; até mesmo tentar salvar. *"Fais ce que dois, advienne que pourra".*[81]

Até então ela não se movera de onde estava quando ele a havia deixado. Nenhuma circunstância externa a tinha despertado do transe de pensamento, no qual ela havia sido mergulhada pelas últimas palavras dele, e pelo olhar de seus olhos profundos, decididos olhos apaixonados, cujas chamas haviam feito seus próprios olhos baixarem diante deles. Ela foi até a janela e a abriu com vigor, para dissipar a opressão que pairava ao redor dela. Então ela foi e abriu a porta, com um tipo de impetuoso desejo de expulsar as lembranças da última hora na companhia dele, ou em ativo esforço. Mas tudo estava profundamente silencioso na calmaria do meio-dia, em uma casa, onde um inválido dorme o sono agitado que lhe é negado às horas da noite. Margaret não queria ficar sozinha. O que ela faria? "Ver Bessy Higgins, é claro", pensou ela, quando a lembrança da mensagem enviada na noite anterior cintilou em sua mente.

E ela se foi.

Quando ela chegou lá, encontrou Bessy sentada em uma poltrona alta, colocada próxima à lareira, embora o dia estivesse mormacento e opressivo. Ela estava recostada, quase deitada, como se descansando languidamente após algum paroxismo de dor. Margaret sentiu-se certa de que ela deveria respirar com maior liberdade, o que uma postura mais sentada garantiria; e, sem uma palavra, ela a levantou, arranjou os travesseiros para que Bessy ficasse mais à vontade, embora muito lânguida.

— Eu pensei que nunca iria vê-la novamente — disse ela, finalmente, olhando melancolicamente para o rosto de Margaret.

— Temo que você esteja muito pior. Mas não pude vir ontem, minha mãe estava tão doente... por muitas razões — disse Margaret, ruborizando.

— Você poderia pensar que fui longe demais ao mandar Mary chamar você. Mas as disputas e as altas vozes haviam me despedaçado, e eu pensei, quando o pai saiu, oh!, se eu pudesse apenas ouvir a voz dela, lendo para mim algumas palavras de paz e promessa, eu podia morrer em silêncio e descansar em Deus, assim como um bebê tem seu sono apressado pela canção de ninar de sua mãe.

— Posso ler um capítulo para você, agora?

— Sim, pode! Pode acontecer que eu não entenda o sentido, no início; parecerá longe, mas quando você chegar às palavras que eu gosto, aos textos reconfortantes, parecerá perto de meu ouvido, e como se estivesse passando através de mim.

Margaret começou. Bessy mexia-se para lá e para cá. Se, por um esforço, ela escutasse por um momento, no momento seguinte parecia duplamente inquieta. Finalmente, ela irrompeu:

— Não continue lendo. É inútil. Estou blasfemando o tempo inteiro em minha mente, pensando raivosamente que nada pode ser feito. Pode acontecer que você tenha ouvido falar do tumulto ontem nas Fábricas Marlborough? A fábrica de Thornton, você sabe.

— Seu pai não estava lá, estava? — perguntou Margaret, ruborizando profundamente.

— Não ele. Ele teria dado a sua própria mão direita para que isso nunca houvesse acontecido. É isso que está me atormentando. E ele está derrubado e muito irritado por isso. É inútil dizer a ele que os tolos sempre vão romper os limites. Você nunca vai ver um homem tão desanimado como ele.

— Mas por quê? — perguntou Margaret. — Não entendo.

— Ora, você vê, ele é um líder do comitê, em especial nesta greve. O sindicato o apontou para o cargo, embora eu não devesse lhe dizer, ele foi avaliado como um profundo indivíduo, com verdadeira força de caráter. E ele e os outros líderes do comitê fizeram seus planos. Eles tinham que suportar juntos para o bem ou para o mal, isso era o que a maior parte pensava. E, acima de tudo, não era para irem contra a lei. O pessoal iria apoiá-los se eles os vissem lutando e passando fome, porém, calados e pacientemente. Mas, se houvesse qualquer barulho, luta ou batalha, até mesmo com os fura-greves, tudo estaria acabado, como eles sabiam pela experiência de muitas e muitas vezes antes. Eles tentariam falar com os fura-greves para persuadi-los e também os advertir. Mas o que quer que acontecesse, o comitê encarregou todos os membros do sindicato a deitarem e morrerem, se necessário fosse, sem dar um golpe. E então eles estavam certos de que o povo estaria com eles. E, além de tudo isso, o comitê sabia que eles estavam certos

em suas exigências, e eles não queriam ter o certo todo misturado com o errado, até que o pessoal não conseguisse separar, não mais do que eu consigo separar o pó da gelatina que você me deu para misturar; a gelatina é muito maior, mas o pó dá o gosto em tudo. Bem, lhe contei finalmente sobre isso, mas estou cansada. Pense você, o que pode representar para o pai ter todo o trabalho dele desfeito, e por tal tolo como Boucher, que precisa agora seguir as novas ordens do comitê. Arruinar a greve é tão ruim como se ele pretendesse fazer o papel de Judas. Ah! Mas o pai deu a ele o que ele merecia ontem à noite! Ele chegou ao ponto de dizer que ele iria e contaria à polícia onde eles poderiam encontrar o líder do tumulto, ou ele o entregaria aos donos das fábricas para fazerem o que quisessem com ele. Ele mostraria ao mundo que os reais líderes da greve não eram tais como Boucher, mas homens racionais e firmes. Boa mão de obra e bons cidadãos, que eram amigáveis à lei e ao julgamento, que manteriam a ordem; que apenas queriam seu salário certo, e não trabalhariam até mesmo se passassem fome, até que o conseguissem, mas que nunca feririam propriedade ou vida, posto que — baixando sua voz — eles disseram que Boucher atirou uma pedra na irmã de Thornton, que quase a matou.

— Isso não é verdade — disse Margaret. — Não foi Boucher quem atirou a pedra — ela primeiro ficou vermelha, depois branca.

— Então você estava lá, estava? — perguntou Bessy, languidamente, pois, de fato, ela havia falado com muitas pausas, como se o discurso fosse incomumente difícil para ela.

— Sim. Não importa. Continue. Apenas não foi Boucher quem jogou a pedra. Mas o que ele respondeu ao seu pai?

— Ele não falou palavra. Ele estava em tal tremor, envergonhado, que eu não pude suportar olhar para ele. Ouvi sua respiração ofegante, e uma vez pensei que ele estivesse soluçando. Mas quando o pai disse que iria entregá-lo à polícia, ele deu um grande grito, e atingiu o pai no rosto com seu punho fechado, e saiu como um raio. O pai ficou atordoado com o golpe de início, afinal Boucher era um fraco para a luta e para a fome. Ele se sentou um pouco, e colocou suas mãos à frente de seus olhos; e então bateram na porta. Não sei de onde tirei forças, mas sai do sofá e me agarrei a ele: “Pai, pai!”, disse eu. “Tu não irás nunca delatar aquele pobre faminto homem. Nunca te deixarei ir, até que digas que não irás”. “Não seja uma tola”, disse ele, “palavras vêm mais prontas do que atos à maioria dos homens. Nunca pensei em entregá-lo à polícia, embora, por Deus, ele mereça, e eu não me importaria se outra pessoa tivesse feito o serviço sujo, e lhe desse uma surra. Mas agora ele me atingiu, eu não poderia fazer isso agora nem nunca, pois estaria permitindo que outros homens tomassem a minha briga. Mas se algum dia ele melhorar dessa fome, e estiver em boa condição, ele e eu vamos ter uma boa briga, daquelas de rosnar e tudo, e verei o que posso fazer por ele”. E então o pai me tirou dali, pois, de fato, eu estava fraca o suficiente, e seu rosto estava branco como argila, onde não havia sangue, e me deixou enojada só de olhar. E eu não sei se eu dormi ou acordei, ou estive em um morto desfalecimento, até que Mary entrasse; e eu disse a ela que buscasse você para mim. E agora não fale comigo, mas apenas leia alto o capítulo. Estou mais confortável em minha mente por ter botado isso para fora. Mas eu quero alguns pensamentos, daquele outro mundo mais distante, para tirar o fatigado gosto da

minha boca. Leia para mim, não um capítulo de sermão, mas um capítulo de história. Eles têm figuras que vejo quando meus olhos estão fechados. Leia sobre os Novos Céus e a Nova Terra e pode acontecer que eu me esqueça de tudo.

Margaret leu em sua voz suave e baixa. Embora os olhos de Bessy estivessem fechados, ela estava escutando por algum tempo, pois a umidade das lágrimas reunia-se pesadamente em seus cílios. Finalmente ela dormiu; com muitos sobressaltos e murmuradas súplicas. Margaret a cobriu e a deixou, pois sentia uma desconfortável sensação de que poderia ser requisitada em sua casa; e, ainda assim, até agora, parecia cruel deixar a moribunda moça.

Mrs. Hale estava na sala de visitas ao retorno de sua filha. Foi um de seus melhores dias, e ela estava cheia de louvores ao colchão d'água. Segundo ela, havia sido mais como as camas da casa de Sir John Beresford, do que qualquer outra coisa em que ela havia dormido desde então. Ela não sabia como, mas as pessoas pareciam ter perdido a arte de fazer o mesmo tipo de camas como costumavam fazer na sua juventude. Alguém pensaria que era fácil o suficiente; havia os mesmos tipos de plumas a serem obtidas, e ainda assim, de alguma forma, até a noite passada ela não sabia quando havia tido um bom sono de descanso. Mr. Hale sugeriu que alguns dos méritos das camas de plumas de dias anteriores, pudessem ser atribuídos à atividade da juventude, que dava um encanto ao descanso, entretanto, essa ideia não foi bondosamente recebida por sua esposa.

— Não, Mr. Hale. As camas na casa de Sir John é que eram boas. Agora, Margaret, você é jovem o suficiente, e anda por aí o

dia todo. Acha que as camas são confortáveis? Apelo a você. Elas lhe dão uma sensação de perfeito repouso quando você se deita sobre elas? Ou melhor, você não fica se sacudindo, e tentando em vão encontrar uma posição confortável, e acorda de manhã tão cansada quanto quando você se deitou?

Margaret riu. — Para dizer a verdade, mamãe, nunca pensei sobre minha cama de modo algum, de que tipo ela é. Fico tão sonolenta à noite que, se eu apenas me deitar em qualquer lugar, adormeço imediatamente. Então não penso que eu seja uma competente testemunha. Mas então, a senhora sabe, nunca tive a oportunidade de testar as camas da casa de Sir John Beresford. Nunca estive em Oxenham.

— Nunca esteve? Oh, não, certamente! Foi o pobre querido Fred que levei comigo, lembro-me perfeitamente. Apenas fui a Oxenham uma vez depois que me casei, para o casamento de sua tia Shaw, e o pobrezinho do Fred era, então, um bebê. Eu sabia que Dixon não gostava de trocar sua função de criada para ama, e eu tinha medo de que, se eu a levasse para perto de seu antigo lar, entre seu próprio povo, ela pudesse querer me deixar. Mas o pobre bebê ficou doente em Oxenham, com a dentição; e, como fiquei bastante com Anna, logo antes do casamento dela, e não sendo muito forte eu mesma, Dixon teve o encargo de cuidar dele sozinha, como jamais havia feito antes. E isso a tornou tão afeiçoada a ele, e ela ficava toda orgulhosa quando ele virava as costas para todo mundo para agarrar-se a ela, que não creio que ela, sequer, pensou em me deixar novamente, embora fosse muito diferente do que ela havia estado acostumada. Pobre Fred! Todos o amavam. Ele nasceu com o dom de ganhar corações. Faz-me pensar muito mal

do capitão Reid, quando sei que ele desgostava de meu próprio e caro menino. Penso, pelo o que aconteceu, que é uma certa prova de que ele tinha um mau coração. Ah! Seu pobre pai, Margaret. Ele deixou o cômodo. Ele não pode suportar ouvir falar em Fred.

— Amo ouvir sobre ele, mamãe. Conte-me tudo o que a senhora quiser; a senhora nunca poderá me contar o bastante. Conte-me como ele era quando bebê.

— Sabe, Margaret, você não deve se sentir magoada, mas ele era muito mais bonito do que você foi. Lembro-me, quando a vi pela primeira vez nos braços de Dixon, eu disse: “Nossa, que coisinha feia!” E ela disse: “Não é toda criança que é como Mestre Fred, Deus o abençoe!” Nossa! Como me lembro bem disso. Naquela época eu podia ficar com Fred nos meus braços todos os minutos do dia, e o berço dele ficava ao lado da minha cama. E agora... agora Margaret ... eu não sei onde meu menino está, e algumas vezes penso que nunca hei de vê-lo novamente.

Margaret sentou-se ao lado do sofá de sua mãe, em um pequeno banco, e, suavemente, tomou sua mão, acariciando-a e beijando-a, como se quisesse confortá-la. Mrs. Hale chorou sem contenção. Finalmente, ela empertigou-se, enrijeceu-se no sofá, e virando-se para sua filha, disse com lacrimosa, quase solene, avidez:

— Margaret, se eu puder ficar melhor, se Deus me permitir ter uma chance de recuperação, deve ser para ver meu filho Frederick uma vez mais. Isso despertaria qualquer pobre resquício de saúde restante em mim.

Ela pausou, e pareceu tentar reunir forças para algo mais ainda a ser dito. Sua voz estava embargada quando continuou — estava

trêmula como se contemplasse alguma ideia estranha, ainda que bem próxima do presente.

— Margaret, se estou para morrer... se sou uma daquelas apontadas para morrer antes que muitas semanas terminem... devo ver minha criança primeiro. Não consigo pensar como isso pode ser arranjado, mas eu encarrego você, Margaret, como se você mesma esperasse por algum conforto em sua última doença. Traga-o a mim para que eu possa abençoá-lo. Apenas por cinco minutos, Margaret. Não poderia haver perigo em cinco minutos. Oh, Margaret, deixe-me vê-lo antes que eu morra!

Margaret não pensava em qualquer coisa que pudesse ser absolutamente irracional nesse discurso: não procuramos por razão ou lógica nas passionais súplicas daqueles que estão doentes de morte. Somos atormentados com a lembrança de mil oportunidades perdidas de realizar os desejos daqueles que logo passarão adiante entre nós. E se eles nos pedem isso pela futura felicidade de nossas vidas, nós a despejamos aos seus pés e a tiramos de nós. Mas o desejo de Mrs. Hale era tão natural, tão justo, tão certo para ambas as partes, que Margaret sentia que, tanto por conta de Frederick quanto por causa de sua mãe, ela deveria negligenciar todas intermediárias chances de perigo, e jurar a si mesma fazer tudo em seu poder para sua realização. Os olhos grandes, suplicantes e dilatados de sua mãe estavam fixos sobre ela, olhando-a melancolicamente, mas com firmeza, embora os pobres brancos lábios tremessem como aqueles de uma criança. Margaret gentilmente se levantou e ficou de frente para sua frágil mãe, para que ela pudesse apreender a segura realização de seu desejo pela calma estabilidade do rosto de sua filha.

— Mamãe, escreverei esta noite, e contarei a Frederick o que a senhora diz. Estou tão certa de que ele virá imediatamente a nós, como estou certa de minha vida. Fique calma, mamãe, a senhora há de vê-lo até onde qualquer coisa terrena possa ser prometida.

— Você escreverá esta noite? Oh, Margaret! O correio sai às cinco. Você escreverá até lá, não escreverá? Tenho tão poucas horas restantes... sinto, querida, como se eu não devesse me recuperar, embora algumas vezes seu pai consiga me persuadir a ter esperanças. Você escreverá imediatamente, não escreverá? Não perca uma única postagem, pois, justo por aquela postagem perdida, eu posso perdê-lo.

— Mas, mamãe, papai não está aqui.

— Papai não está aqui! E o quê, então? Você quer dizer que ele me negaria este último desejo, Margaret? Ora, eu não deveria estar doente... estar morrendo... se ele não me houvesse tirado de Helstone, para este lugar insalubre, fumacento e sem sol.

— Oh, mamãe! — disse Margaret.

— Sim. É isso, de fato. Ele mesmo sabe disso, ele tem dito isso muitas vezes. Ele faria qualquer coisa por mim, você não quer dizer que ele me recusaria este último desejo... prece, se você quiser chamar assim. E, de fato, Margaret, a avidez por ver Frederick está entre mim e Deus. Não posso orar até ter esta única coisa; de fato, não posso. Não perca tempo, querida Margaret. Escreva agora e mande na próxima remessa do correio. Então ele poderá estar aqui... em vinte e dois dias! Posto que é certo que ele virá. Cordas ou correntes não poderão segurá-lo. Em vinte e dois dias hei de ver o meu menino.

Ela recostou-se em sua cadeira, por um longo tempo ela não tomou nota do fato de que Margaret estava sentada imóvel, suas mãos cobrindo seus olhos.

— Você não está escrevendo! — disse sua mãe, finalmente. — Traga-me algumas penas e papel; tentarei escrever eu mesma.

Ela empertigou-se, tremendo inteira com febril avidez. Margaret retirou suas mãos do rosto e olhou para sua mãe, tristemente.

— Apenas espere até papai chegar. Vamos perguntar a ele como melhor fazê-lo.

— Você prometeu, Margaret, não um quarto de hora atrás... você disse que Frederick viria.

— E ele há de vir, mamãe. Não chore, minha mãezinha querida. Escreverei aqui, agora... a senhora há de me ver escrever... e há de ir nesta próxima postagem; e se papai considerar necessário, ele pode escrever novamente quando chegar... é apenas o atraso de um dia. Oh, mamãe, não chore tão lamentavelmente, corta-me o coração.

Mrs. Hale não conseguia conter suas lágrimas, elas vinham histericamente; e, na verdade, ela não fez esforços para controlá-las, mas antes evocavam todas as figuras do feliz passado e o provável presente — pintando a cena quando ela deitaria como cadáver, com o filho que ela havia ansiado ver em vida chorando sobre ela, e ela inconsciente à presença dele — até que ela estivesse gemendo por autopiedade, em um estado de soluço e exaustão, que fez o coração de Margaret doer. Mas, por fim, ela ficou calma e, ansiosamente, assistiu a sua filha, enquanto ela começou sua carta. Margaret escreveu sua súplica com rapidez; selou-a apressadamente, por medo de que sua mãe pedisse para

vê-la. E, então, para maior segurança, por pedido da própria Mrs. Hale, levou-a ela mesma ao correio. Ela estava voltando para casa, quando seu pai a alcançou.

— E onde você tem estado, minha bela dama? — perguntou ele.

— No correio, com uma carta; uma carta para Frederick. Oh, papai, talvez eu tenha feito errado, mas mamãe foi capturada por tal desejo passional de vê-lo. Ela disse que a faria bem novamente e então ela disse que ela deve vê-lo antes que morresse... não consigo lhe dizer quão urgente ela foi! Fiz errado?

Mr. Hale não respondeu de início. Então ele disse: — Você deveria ter esperado até que eu chegasse, Margaret.

— Tentei persuadi-la... — e então ela ficou em silêncio.

— Não sei — disse Mr. Hale, após uma pausa. — Ela deveria vê-lo se ela o deseja tanto, pois creio que lhe faria mais bem do que todos os remédios dos médicos e, talvez, até fosse restabelecê-la por completo. Mas o perigo para ele, temo eu, é muito grande.

— Todos esses anos desde o motim, papai?

— Sim. É necessário, é claro, que o governo tome muitas medidas rigorosas para a repressão de ofensas contra autoridade, mais particularmente na Marinha, onde um oficial comandante precisa estar cercado, aos olhos de seus homens, com uma vívida consciência de todo o poder que há em casa para apoiá-lo, e tomar a sua causa, e vingar quaisquer injúrias oferecidas a ele, se necessário for. Ah! Não é nada para eles quão longe suas autoridades têm tiranizado, esfolado apressados temperamentos até a loucura, ou, se isso pode ser qualquer desculpa depois, nunca é permitido na primeira instância; eles não poupam despesas,

mandam navios, vasculham os mares para tomarem os ofensores, o lapso dos anos não lava a memória da ofensa, é um fresco e vívido crime nos livros do almirantado até que esteja apagado por sangue.

— Oh, papai, o que fiz?! E ainda assim parecia tão certo no momento. Estou certa de que o próprio Frederick correria o risco.

— Assim ele faria; assim ele deveria! Não, Margaret, estou feliz que esteja feito, embora eu não ousasse fazê-lo eu mesmo. Sou grato que seja como é; eu deveria ter hesitado e, aí, talvez, pudesse ter sido tarde demais para fazer qualquer coisa. Querida Margaret, você fez o que é certo sobre isso; e o fim está além de nosso controle.

Estava tudo muito bem, mas o relato de seu pai da incansável maneira com a qual motins eram punidos fez Margaret tremer e encolher-se. E se ela tivesse atraído seu irmão para casa para apagar a memória do seu erro com seu próprio sangue! Ela viu que a ansiedade de seu pai era mais profunda do que a fonte das últimas palavras animadoras dele. Tomou-lhe o braço e caminhou até a casa pensativamente e fadigosamente ao lado dele.

Capítulo XXVI

Mãe e filho

“Encontrei aquele santo lugar de descanso
Ainda imutável”.
— MRS. HEMANS.[82]

Quando Mr. Thornton deixou a casa naquela manhã, estava quase cego por sua desorientada paixão. Ele estava tão atordoado como se Margaret, em vez de olhar, falar e se mover como uma terna e graciosa dama, fosse uma robusta mulher de pescador, e tivesse dado nele um sonoro golpe com seus punhos fechados. Ele tinha certamente dores corporais — uma violenta dor de cabeça, e uma latejante pulsação intermitente. Ele não conseguia suportar o barulho, a berrante luz, o contínuo estrondo da movimentada rua. Chamava-se de tolo por sofrer assim e, ainda assim, ele não conseguia, no momento, lembrar-se da causa de seu sofrimento, e se era adequado às consequências que tinha produzido. Teria sido um alívio para ele, se ele pudesse ter se sentado e chorado, no degrau de uma porta, como uma criança pequena que se enfurece e reage tempestuosamente com lágrimas passionais a alguma injúria que tenha recebido. Ele disse para si mesmo que odiava Margaret, mas uma sensação selvagem e aguda de amor fulminou como um raio aquele sentimento sombrio e tempestuoso, até mesmo enquanto ele formava as palavras expressivas de ódio. O maior conforto dele estava em abraçar seu tormento; e em sentir, como ele

havia de fato dito a ela, que, embora ela pudesse desprezá-lo, desdenhá-lo, tratá-lo com sua orgulhosa soberana indiferença, ele não mudaria uma partícula. Ela não podia fazê-lo mudar. Ele a amava e a amaria para sempre. E desafiaria ela e essa miserável dor no corpo.

Ele ficou imóvel por um momento, para tornar sua resolução firme e clara. Havia um ônibus passando, indo para o interior; o condutor pensava que ele estivesse desejando embarcar, e parou próximo à calçada. Era muito trabalhoso desculpar-se e explicar; então ele subiu, e foi carregado para longe — passando por longas filas de casas — então passando por destacadas vilas com jardins aparados, até que chegassem ao verdadeiro campo, com as fileiras de sebes junto à estrada, e, pouco a pouco, a uma pequena vila interiorana. Então todos desceram; e também Mr. Thornton, e porque eles andavam para longe, ele também andou. Ele foi para os campos, caminhando vivamente, porque os rápidos movimentos aliviavam-lhe a mente. Conseguia lembrar-se de tudo agora; a lamentável figura que ele devia ter parecido; o modo absurdo no qual ele havia feito a própria coisa que ele, tão frequentemente, havia concordado consigo mesmo que seria a mais tola coisa no mundo. E tinha se deparado exatamente com as consequências que, em sua sabedoria, sempre havia predito que eram certas que seguiriam, se ele algum dia se fizesse tão tolo. Estava ele enfeitiçado por aqueles lindos olhos, aquela boca macia, entreaberta e suspirante, que apenas ontem esteve tão próxima, encostada em seu ombro? Ele não conseguia sequer repelir a lembrança de que ela havia estado ali; que os seus braços tinham estado ao redor dele; uma única vez — mesmo se nunca mais o fizessem. Ele

apenas capturara relances dela, ele não a entendia inteiramente. Em um momento ela era tão corajosa, e em outro, tão tímida. Uma hora tão terna, noutra tão altiva e majestosa. E então ele refletiu sobre cada vez que ele a tinha visto, como modo de esquecê-la, afinal. Ele a viu em cada vestido, em cada humor, e não sabia qual se tornara o seu melhor. Até mesmo naquela manhã, quão magnífica ela havia estado, seus olhos flamejando sobre a ideia de que, só porque ela havia compartilhado o perigo com ele ontem, ela se importasse o mínimo com ele!

Se Mr. Thornton foi um tolo de manhã, como ele mesmo assegurou pelo menos vinte vezes, ele não se tornara muito mais sábio à tarde. Tudo o que ele ganhou em retorno por seu trajeto de ônibus de seis *penny*, foi uma mais vívida convicção de que nunca existiu, nunca poderia existir, qualquer moça como Margaret; que ela não o amava e nunca o amaria; mas que ela — não!, nem o mundo inteiro — nunca poderia impedi-lo de amá-la. E então ele voltou ao pequeno vilarejo, e subiu novamente no ônibus para retornar para Milton.

Era fim de tarde quando ele desceu próximo ao seu depósito. Os costumeiros lugares traziam de volta os costumeiros hábitos e modos de pensar. Ele sabia o quanto de trabalho tinha a fazer — mais do que seu usual, devido à comoção do dia anterior. Tinha que ver seus colegas magistrados; tinha que completar os arranjos, apenas esboçados pela manhã, para o conforto e a segurança de seus recém-importados operários irlandeses; tinha que se assegurar de que eles não teriam qualquer chance de comunicação com os trabalhadores descontentes de Milton. Ao final de tudo, ele tinha que ir para casa e encontrar-se com sua mãe.

Mrs. Thornton havia estado sentada na sala de jantar o dia todo, esperando, a qualquer momento, a notícia da aceitação de seu filho por Miss Hale. Ela se havia preparado muitas e muitas vezes, com algum repentino barulho na casa; havia retomado o trabalho deixado pela metade, e recomeçado a trabalhar sua agulha diligentemente, embora através de óculos esmaecidos, e com uma instável mão! E muitas vezes a porta havia sido aberta, e alguma pessoa indiferente entrava com alguma insignificante incumbência. Então seu rígido rosto desenrijava de sua cinzenta e gélida expressão, e as feições caíam na relaxada aparência de abatimento, tão incomum à sua austeridade. Ela deslocava-se para longe da contemplação de todas as lúgubres mudanças que seriam acarretadas sobre ela mesma pelo casamento de seu filho; forçava seus pensamentos para os costumeiros arranjos domésticos. Os futuros recém-casados precisariam de estoques frescos de linho para a casa; e Mrs. Thornton tinha cestas e cestas, cheias de toalhas de mesa e lenços, trazidos do depósito, e começou a avaliar a provisão. Havia alguma confusão entre o que era dela e, consequentemente, marcado G. H. T. (para George e Hannah Thornton), e o que era de seu filho — comprado com o dinheiro dele, marcado com as iniciais dele. Alguns daqueles marcados G. H. T. eram adamascado holandês do tipo antigo, requintadamente fino; nenhum era como aqueles de agora. Mrs. Thornton permaneceu olhando para eles por muito tempo — eles tinham sido seu orgulho assim que ela se casara. Então ela uniu suas sobrancelhas, e apertou e comprimiu seus lábios, e cuidadosamente descoseu o G. H. Ela chegou ao ponto de procurar pela linha de seda vermelha da Turquia, para colocar as novas iniciais do futuro casal, mas a linha

fora toda usada — e ela não tinha força para mandar buscar mais. Então ela olhou fixamente para o vazio, uma série de visões passando diante dela, em todas as quais seu filho era o principal, o único objeto — seu filho, seu orgulho, sua propriedade. Ainda assim ele não chegava. Indubitavelmente ele estava com Miss Hale. O novo amor já a estava deslocando de seu lugar como primeira no coração dele. Uma terrível dor — uma fisgada de ciúme inútil — a atravessou: ela mal sabia se era mais física ou mental, mas a forçou a sentar-se. Em um momento, ela estava de pé novamente, tão rígida como sempre — com um severo sorriso em seu rosto pela primeira vez naquele dia, pronta para abrir a porta e receber o regozijado triunfador, que nunca deveria conhecer o dolorido lamento que sua mãe sentia com o casamento dele. Com tudo isso, havia pensado pouco na futura nora como um indivíduo. Ela estava para ser a esposa de John. Tomar o lugar de Mrs. Thornton de senhora da casa, era apenas uma das ricas consequências que embelezavam a suprema glória; toda abundância e conforto doméstico, todo o linho roxo e fino, honra, amor, obediência, tropas de amigos, tudo viria tão naturalmente como joias no manto de um rei, e seriam tão pouco consideradas pelo seu valor em si. Ser escolhida por John destacaria uma moça simples do campo para o resto do mundo. E Miss Hale não era tão ruim assim. Se ela houvesse sido uma moça de Milton, Mrs. Thornton haveria decididamente gostado dela. Ela era pungente, e tinha bom gosto, ânimo e personalidade forte. Verdade, ela era tristemente preconceituosa e muito ignorante, mas isso era para ser esperado por sua criação sulista. Um estranho tipo de mortificada comparação de Fanny com ela passou na mente de Mrs. Thornton. E pela

primeira vez ela falou rudemente da sua filha; ofendeu-a sem rodeios. E, então, como meio de penitência, ela tomou os Comentários de Henry[83], e tentou fixar sua atenção no livro, em vez de perseguir a ocupação em que ela tomava orgulho e prazer — continuar sua inspeção do linho de mesa.

Os passos *dele*, finalmente! Ela o ouviu, mesmo enquanto ela pensava que estivesse terminando uma frase; enquanto seus olhos realmente passaram sobre o livro, e sua memória conseguia mecanicamente repetir palavra por palavra, ela o ouviu entrar pela porta da frente. Seus agudos sentidos conseguiam interpretar cada som de movimento: agora ele estava junto à chapeleira, agora na própria porta da sala. Por que ele pausava? Que a deixasse saber do pior.

Ainda assim sua cabeça estava inclinada sobre o livro; ela não olhou para cima. Ele veio para perto da mesa, e ficou imóvel lá, esperando até que ela houvesse terminado o parágrafo que aparentemente a absorvia. Finalmente, ela esforçou-se para olhá-lo.

— Então, John?

Ele sabia o que aquela pequena fala queria dizer. Mas ele tinha se preparado. Ele ansiava por responder com um gracejo; a amargura de seu coração poderia ter proferido um, mas sua mãe merecia mais dele. Deu a volta por trás dela, para que ela não conseguisse ver seu olhar, e, inclinando-se, beijou-lhe a face cinzenta e rígida, murmurando:

— Ninguém me ama... ninguém se importa comigo, senão a senhora, mãe.

Ele virou-se e encostou sua cabeça na peça da chaminé, lágrimas forçando-se dentro dos masculinos olhos dele. Ela ergueu-

se e cambaleou. Pela primeira vez em sua vida, a forte mulher cambaleou. Ela colocou suas mãos sobre os ombros dele; ela era uma mulher alta. Olhou para o rosto dele e o fez olhar para ela.

— Amor de mãe é dado por Deus, John. Mantém-se firme para sempre e sempre. O amor de uma moça é como uma lufada de fumaça, muda conforme o vento. E ela não o quer, meu próprio rapaz, não o quer?

Ela cerrou os dentes; mostrou-os como um cão por toda a amplitude de sua boca. Ele sacudiu a cabeça.

— Não sou adequado para ela, mãe. Eu sabia que não era.

Ela emitiu palavras entrecortadas entre seus dentes fechados. Ele não conseguiu ouvir o que ela dizia, mas a expressão dos olhos dela demonstrava ter sido uma maldição — se não tão grosseiramente formulada, houve a intenção em seu coração. E ainda assim seu espírito saltava leve, de saber que ele era dela novamente.

— Mãe! — disse ele, apressadamente. — Não consigo ouvir uma palavra contra ela. Poupe-me, poupe-me! Estou muito fraco em meu dolorido coração. Eu ainda a amo. Eu a amo mais do que nunca.

— E eu a odeio — disse Mrs. Thornton, em uma baixa e furiosa voz. — Tentei não a odiar, quando ela ficou entre nós, pois, eu disse a mim mesma, ela o fará feliz; e eu daria o sangue de meu coração para que isso fosse possível. Mas agora, a odeio por sua infelicidade. Sim, John, é inútil esconder seu dolorido coração de mim. Sou a mãe que o carregou, e seu pesar é minha agonia, e se você não a odeia, eu a odeio.

— Então, mãe, a senhora me faz amá-la ainda mais. Ela é injustamente tratada pela senhora, e devo tornar a balança igual. Mas por que falamos sobre amor ou ódio? Ela não se importa comigo, e isso é o suficiente... até demais. Nunca mais falemos sobre o assunto. É a única coisa que a senhora pode fazer por mim nessa questão. Nunca mais a citemos.

— Com todo o meu coração. Eu apenas queria que ela, e que tudo o que pertence a ela, fossem varridos de volta para o lugar de onde vieram.

Ele ficou imóvel, contemplando o fogo por um minuto ou dois. Os secos e sombrios olhos dela encheram-se de lágrimas indesejadas enquanto olhava para ele, mas ela parecia tão severa e calma como sempre, quando ele voltou a falar:

— Expediram mandados de prisão contra três homens por conspiração, mãe. O tumulto de ontem ajudou a derrubar a greve.

E o nome de Margaret não foi mais mencionado entre Mrs. Thornton e seu filho. Eles voltaram ao seu usual modo de conversa — sobre fatos, não opiniões, muito menos sentimentos. As vozes e tons deles eram calmos e frios, um estranho poderia haver ido embora e pensado que ele nunca havia visto tão frígida indiferença de conduta entre tão próximas relações.

Capítulo XXVII

Arranjo de frutas

“Posto que nunca qualquer coisa pode ser imprópria
Quando simplicidade e dever a oferecem”.
— SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO.

Mr. Thornton foi direto e claro com todos os interesses do dia seguinte. Havia uma pequena demanda por produtos finalizados, e como isso afetava o seu ramo de negócio, ele tomou vantagem disso, e dirigiu difíceis barganhas. Ele fora agudo ao máximo na reunião com seus colegas magistrados — dando-lhes a melhor assistência possível com seu forte sentido do dever e seu poder de ver as consequências em um relance, e então chegando a uma decisão rápida. Homens mais velhos, homens de longa data na cidade, homens de muito maior riqueza — concretamente investida em terra, enquanto a dele estava toda em capital flutuante, aplicada em seu comércio — dirigiam-se a ele em busca de seus conselhos práticos e sábios. Ele fora incumbido de tratar com a polícia e de liderar em todos os passos necessários ligados àquele caso. E ele não se importava com a inconsciente deferência deles, não mais do que se importaria com o suave vento do Oeste, que mal fazia a fumaça das grandes e altas chaminés desviar de seu direto e ascendente curso. Ele não era ciente do silencioso respeito prestado a ele. Se tivesse sido de outra forma, ele teria considerado isso como um obstáculo ao seu progresso rumo ao objetivo que ele

tinha traçado. Do modo como era, ele olhava para o célere cumprimento daquilo apenas. Foram os gananciosos ouvidos de sua mãe que captaram, das mulheres dos magistrados e dos homens ricos, quão altamente Mr. Este ou Mr. Aquele pensava de Mr. Thornton; e que se ele não estivesse lá, as coisas teriam acontecido de modo muito diferente — muito mal, de fato. Ele resolvera seus negócios por inteiro àquele dia. Parecia que sua profunda mortificação de ontem, e o aturdido curso despropositado das horas seguintes, houvessem dissipado todas as brumas de seu intelecto. Ele sentiu seu poder e deleitou-se nele. Ele podia quase desafiar seu coração. Se ele tivesse sabido disso antes, poderia ter cantado a canção do moleiro que morava ao lado do rio Dee:

"Não me importo com ninguém, ninguém se importa comigo".[84]

A evidência contra Boucher, e outros cabeças do tumulto, fora levada diante dele. Aquela contra os três outros, por conspiração, havia falhado. Mas ele austeramente encarregou a polícia de ficar em vigília, pois o braço direito da lei deveria estar em prontidão para golpear velozmente, tão logo eles pudessem provar uma falha. E então ele deixou o quente e opressivo cômodo na corte do distrito, e saiu para a mais fresca, mas ainda mormacenta, rua.

Parecia que ele agora dava vazão à sua mente. Estava tão lânguido que não conseguia controlar seus pensamentos e eles vaguearam furtivamente até ela, e trouxeram de volta aquela cena — não da repulsa e da rejeição no dia anterior, mas os olhares e as ações do dia antes desse.

Andou mecanicamente ao logo das ruas abarrotadas, misturando-se por entre as pessoas, mas nunca as vendo — quase doente com o anseio de que aquela meia hora — aquele único

breve espaço de tempo quando ela se agarrou a ele, e o coração dela bateu contra o dele — voltasse novamente.

— Ora, Mr. Thornton, o senhor está muito friamente fingindo que não me conhece, devo dizer. E como está Mrs. Thornton? Bravo clima este! Nós médicos não gostamos disso, posso lhe dizer!

— Perdão, Dr. Donaldson. Realmente não o vi. Minha mãe está muito bem, obrigado. É um belo dia, e bom para a colheita, espero. Se a safra de trigo for boa, haveremos de ter um vivo comércio no ano que vem, não importa o que vocês médicos pensem.

— Sim, sim. Cada homem por si mesmo. Seu clima ruim, e seus tempos difíceis, são bons para mim. Quando o comércio está ruim, há mais debilitamento da saúde, e preparação para a morte, ocorrendo entre os homens de Milton do que o senhor imagina.

— Não comigo, doutor. Sou feito de ferro. As notícias da pior dívida, a mais incobrável que eu já tive, nunca fizeram meu pulso variar. Esta greve, que me afeta mais do que a qualquer outra pessoa em Milton, mais do que a Hamper, por exemplo, nunca chega perto de meu apetite. O senhor deve ir a outro lugar para conseguir um paciente, doutor — brincou ele.

— A propósito, o senhor me recomendou uma boa paciente, pobre senhora! Não querendo falar nesse impiedoso modo, mas seriamente acredito que Mrs. Hale, aquela senhora de Crampton, sabe, não tem muitas semanas para viver. Nunca tive qualquer esperança de cura, como penso que disse ao senhor; mas a estive vendo hoje, e penso que ela está muito mal.

Mr. Thornton ficou em silêncio. A alardeada estabilidade de pulso lhe falhou por um instante.

— Posso fazer alguma coisa, doutor? — ele perguntou, em uma alterada voz. — O senhor sabe... deve ter visto que lá o dinheiro não é muito abundante. Há quaisquer confortos ou iguarias que ela deva ter?

— Não — respondeu o médico, balançando sua cabeça. — Oh, sim. Me lembrei. Ela implora por fruta... tem febre constante, mas as peras jargonelle farão tão bem quanto qualquer outra coisa, e há uma grande quantidade delas no mercado.

— O senhor me dirá se houver qualquer outra coisa que eu possa fazer, estou certo — respondeu Mr. Thornton. — Confio no senhor.

— Oh! Não tenha receio! Não pouparei o seu bolso, sei que é fundo o suficiente. Eu queria que o senhor me desse *carte-blanche* para todos os meus pacientes, e todas as querências deles.

Mas Mr. Thornton não tinha a benevolência geral... nenhuma filantropia universal; poucos até lhe haveriam dado crédito por fortes afeições. Mas ele foi direto à primeira loja de frutas em Milton, e escolheu o cacho de uvas roxas com o mais delicado odor sobre elas, os pêssegos de cores mais ricas e as mais frescas folhas de videiras. Elas foram embaladas em uma cesta, e o empregado aguardou a resposta a seu inquérito: — Para onde haveremos de enviá-las, senhor?

Não houve resposta. — Para as Fábricas Marlborough, suponho, senhor?

— Não! — Mr. Thornton disse. — Dê a cesta a mim. Eu a levarei.

Foram necessárias ambas as mãos dele para carregá-la; e ele teve que passar através da mais ocupada parte da cidade de

comércio feminino. Muitas jovens damas, do conhecimento dele, viraram para olhar para ele, e acharam estranho vê-lo ocupado justamente como um carregador ou um menino de incumbências.

Ele estava pensando: “Não serei desencorajado de fazer o que escolho apenas por causa do pensamento dela. Gosto de levar estas frutas à pobre mãe, e é simplesmente correto que eu o faça. Ela nunca há de me desprezar por fazer o que me apraz. Uma bonita piada, de fato, se, por medo de uma altiva moça, eu falhasse em fazer uma bondade a um homem de quem eu gostasse! Faço isso por Mr. Hale, faço isso em desafio a ela”.

Ele andava em incomum ritmo e logo estava em Crampton. Subiu dois degraus de uma vez, e entrou na sala de visitas antes que Dixon pudesse anunciá-lo — o rosto dele ruborizado, seus olhos brilhando com amável seriedade. Mrs. Hale jazia no sofá, queimando de febre. Mr. Hale estava lendo em voz alta. Margaret estava trabalhando em um banco baixo ao lado de sua mãe. O coração dela disparou, se o dele não, com aquele encontro. Mas ele não tomou conhecimento dela, mal do próprio Mr. Hale; foi direto com sua cesta a Mrs. Hale, e disse, naquele subjugado e gentil tom, que é tão tocante quando usado por um robusto homem em plena saúde, falando a uma débil inválida:

— Encontrei-me com Dr. Donaldson, madame, e como ele disse que fruta seria bom para a senhora, tomei a liberdade, a enorme liberdade de trazer à senhora algumas que pareciam boas para mim.

Mrs. Hale ficou excessivamente surpresa, excessivamente agradada e bastante trêmula com avidez. Mr. Hale, com poucas palavras, expressou uma gratidão mais profunda.

— Pegue um prato, Margaret, uma cesta, qualquer coisa.

Margaret ficou em pé ao lado da mesa, com um pouco de medo de se mover ou fazer qualquer barulho para despertar em Mr. Thornton a consciência de que ela estava no cômodo. Ela pensava que seria desconcertante para ambos serem trazidos em consciente colisão; e imaginou que, por ela estar em um baixo assento no princípio, e agora de pé atrás do pai, ele a havia negligenciado. Como se ele não sentisse a sua presença por toda parte, embora os olhos dele nunca houvessem repousado sobre ela!

— Devo ir — disse ele —, não posso ficar. Se a senhora me perdoa essa liberdade, meus rudes modos, muito abruptos, temo, mas serei mais gentil de uma próxima vez. A senhora me permitirá o prazer de lhe trazer algumas frutas novamente, se eu vir alguma que seja tentadora. Boa tarde, Mr. Hale. Adeus, madame.

Ele se foi. Nem uma palavra, nem um olhar para Margaret. Ela acreditava que ele não a havia visto. Ela foi pegar um prato em silêncio, e ergueu a fruta suavemente, com as pontas de seus delicados e afilados dedos. Foi bom da parte dele trazê-las; ainda mais depois de ontem!

— Oh! É tão delicioso! — disse Mrs. Hale, em uma débil voz. — Quão bondoso da parte dele pensar em mim! Margaret, meu amor, apenas saboreie estas uvas! Não foi bondade dele?

— Sim! — disse Margaret, calmamente.

— Margaret! — disse Mrs. Hale, bastante rabugenta. — Você não gosta de nada que Mr. Thornton faz. Nunca vi ninguém sob tanto preconceito.

Mr. Hale, que havia estado descascando um pêssego para sua esposa e, cortando fora um pequeno pedaço para ele mesmo, disse:

— Se eu tivesse qualquer preconceito, o presente de tão deliciosas frutas como estas, derretê-lo-ia por inteiro. Nunca saboreei uma fruta assim, não! Nem mesmo em Hampshire, desde que eu era um menino; e para meninos, imagino eu, toda fruta é boa. Lembro-me de comer abrunhos e siris com deleite. Você se lembra dos emaranhados arbustos de groselha, Margaret, no canto da parede oeste do jardim, em Helstone?

Ela não se lembrava? Ela não se lembrava de cada mancha do tempo na velha parede de pedra? Os liquens cinzas e amarelos que a marcavam como um mapa; o pequeno gerânio que crescia nas fendas? Ela havia sido agitada pelos eventos daqueles últimos dois dias; sua vida inteira agora era um desafio à sua coragem. E, de alguma forma, aquelas descuidadas palavras de seu pai, tocando na lembrança dos ensolarados tempos de antigamente, fizeram-na levantar, sobressaltada, e, derrubando sua costura no chão, saiu apressadamente do cômodo para seu próprio quarto. Ela mal havia dado vazão ao primeiro sufocante soluço, quando se tornou ciente de Dixon em pé junto às suas gavetas, e, evidentemente, procurando por alguma coisa.

— Deus me abençoe, Miss! Como a senhora me assustou! A patroa não está pior, está? Há algum problema?

— Não, nada. Apenas sou boba, Dixon, e quero um copo de água. O que você está procurando? Mantenho minhas musselinas nessa gaveta.

Dixon não falou, mas continuou remexendo. O cheiro de lavanda saiu e perfumou o quarto.

Finalmente Dixon encontrou o que queria; o que era, Margaret não conseguia ver. Dixon virou-se, e falou para ela:

— Eu não queria lhe contar o que eu estava procurando, pois a senhorita já tem agitação suficiente para suportar, e sei que a senhorita vai se angustiar com isso. Eu quis esconder isso da Miss até a noite, talvez, até outra hora qualquer.

— Qual é o problema? Rogo, me conte, Dixon, de uma vez.

— Aquela jovem moça que a senhorita vai ver, Higgins, quero dizer.

— Sim?

— Bem! Ela morreu esta manhã, e sua irmã está aqui, veio pedir uma coisa estranha. Parece que a jovem que morreu tinha um desejo de ser enterrada com algo seu, e então a irmã veio pedir por isso. E eu estava procurando por uma velha touca noturna para dar.

— Oh! Deixe-me encontrar uma — disse Margaret, em meio às lágrimas.

— Pobre Bessy! Nunca pensei que não deveria vê-la novamente.

— Ora, tem mais uma coisa. A menina lá embaixo queria que eu perguntasse para a senhorita se a Miss gostaria de ir ver a irmã dela.

— Mas ela está morta! — disse Margaret, ficando um pouco pálida. — Nunca vi uma pessoa morta. Não! Eu preferiria que não.

— Eu nunca devia ter perguntado, se a senhorita não tivesse entrado. Eu disse a ela que a Miss não iria.

— Descerei e falarei com ela — disse Margaret, com medo e receio de que a rudeza de modos de Dixon pudesse ferir a pobre menina. Então, levando a touca em sua mão, ela foi à cozinha. O rosto de Mary estava tão inchado de chorar, e ela irrompeu novamente quando viu Margaret.

— Oh, madame, ela a amava, ela a amava, ela amava de fato!

E por muito tempo, Margaret não conseguia fazer com que ela dissesse qualquer coisa a mais do que isso. Finalmente, a compaixão de Margaret, e a reprimenda de Dixon, forçaram a revelação de novos fatos. Nicholas Higgins havia saído de manhã, deixando Bessy tão bem quanto no dia anterior. Mas em uma hora ela ficou pior; algum vizinho correu para chamar Mary onde ela estava trabalhando; eles não sabiam onde encontrar o pai dela; Mary conseguiu chegar apenas poucos minutos antes de ela morrer.

— Foi um dia ou dois atrás que ela pediu para ser enterrada com alguma coisa da senhorita. Ela nunca se cansava de falar sobre a senhorita. Ela costumava dizer que a Miss era a coisa mais linda em que ela tinha colocado os olhos. Ela a amava tão preciosamente. As últimas palavras dela foram: “Dê a ela meus afeiçoados respeitos; e mantenha o pai longe da bebida”. A senhorita irá vê-la, madame? Ela teria considerado isso uma grande congratulação, sabe.

Margaret retraiu-se um pouco, evitando responder.

— Sim, talvez eu possa. Sim, irei. Irei antes do chá. Mas onde está seu pai, Mary?

Mary sacudiu sua cabeça, e levantou-se para ir.

— Miss Hale — disse Dixon, em uma voz baixa. — Qual é a utilidade de a senhorita ir ver a pobre coitada morta? Eu nunca diria uma palavra contra isso, se pudesse fazer qualquer bem para a menina; e eu não me importaria nem um pouco de ir eu mesma, se isso fosse satisfazer *ela*. Eles têm apenas uma noção, essas pessoas comuns, de isso ser um respeito ao morto. Menina — disse

ela, virando-se rapidamente. — Eu vou ver a sua irmã. Miss Hale está ocupada, e ela não pode ir, de outra forma ela iria.

A moça olhou melancolicamente para Margaret. A vinda de Dixon poderia ser uma congratulação, mas não era a mesma coisa para a pobre irmã, que havia tido suas pequenas fisgadas de ciúmes, durante a vida de Bessy, da intimidade entre ela e a jovem dama.

— Não, Dixon! — disse Margaret com decisão. — Eu irei. Mary, você há de me ver esta tarde.

E por medo de sua própria covardia, ela saiu, a fim de tirar dela mesma qualquer chance de mudar sua determinação.

Capítulo XXVIII

Conforto no pesar

“Através da cruz até a coroa! E embora a vida do teu ser
Assalte provas não ditas com força expoente,
Bom ânimo! Bom ânimo! Logo termina o amargo combater,
E tu hás de reinar em paz com Cristo, finalmente”.
— KOSEGARTEN.[85]

“Verdade, nos sentimos fortes na ventura, para precisar de Ti naquela estrada; mas chegada a aflição, tola é a alma que não clama por Deus”.
— MRS. BROWNING.[86]

Aquela tarde ela caminhou rapidamente para a casa dos Higgins. Mary vigiava a sua chegada, com um rosto meio desconfiado. Margaret sorriu com os olhos para tranquilizá-la. Elas passaram rapidamente pelo cômodo, para chegar ao andar de cima, e se encontraram na calma presença da morta. Então Margaret ficou feliz de que houvesse vindo. O rosto, frequentemente tão fatigado de dor, tão inquieto com turbulentos pensamentos, tinha agora o fraco suave sorriso do eterno descanso sobre ele. Lentas lágrimas assomaram-se aos olhos de Margaret, mas uma profunda calma apossou-se de sua alma. Então isso era a morte! Parecia mais pacífica do que a vida. Todas as lindas escrituras vieram em

sua mente. “Eles descansam de seus labores”, “Os fatigados repousarão”; “Ele concede aos seus amados o sono”.

Lentamente, muito lentamente, Margaret virou-se para longe da cama. Mary estava humildemente soluçando ao fundo. Elas desceram as escadas sem uma palavra.

Nicholas Higgins estava parado no meio da sala, descansando sua mão sobre a mesa; seus grandes olhos arregalados pelas notícias que ele havia ouvido, enquanto ele vinha da corte, de muitas ocupadas línguas. Seus olhos estavam secos e furiosos; estudando a realidade de sua morte. Fazendo-se entender que o lugar dela não a conheceria mais, pois ela havia estado adoentada, morrendo por tanto tempo, que ele havia se persuadido de que ela não morreria, que ela “sobreviveria”.

Margaret sentia como se ela não tivesse nenhum direito de estar ali, familiarizando-se com o ambiente da morte que ele, o pai, havia apenas acabado de descobrir. Ela tinha parado por um momento na íngreme tortuosa escadaria, quando ela o viu, mas agora ela tentava esgueirar-se para passar por seu olhar abstraído, e deixá-lo no solene círculo de sua miséria doméstica.

Mary sentou-se na primeira cadeira que achou, e, levando seu avental ao rosto, começou a chorar.

O barulho pareceu despertá-lo. Ele tomou o braço de Margaret repentinamente, e a segurou até que conseguisse reunir palavras para falar. Parecia esmorecido. Elas saíram densas, sufocadas e ásperas:

— A senhora estava com ela? A senhora a viu morrer?

— Não! — respondeu Margaret, ficando imóvel, com extrema paciência, agora que ela se via percebida. Decorreu-se algum

tempo antes que ele falasse novamente, mas ele manteve-se segurando o braço dela.

— Todos os homens têm que morrer — disse ele, finalmente, com estranho tipo de seriedade, que de início sugeriu a Margaret a ideia de que ele havia estado bebendo, não o suficiente para intoxicar-se, mas o suficiente para tornar seus pensamentos desnorteados. — Mas ela era mais jovem que eu.

Ainda ponderava sobre o evento, não olhando para Margaret, embora ele a segurasse fortemente. Repentinamente, ele olhou para ela com uma indagação selvagem em seu olhar: — Você está certa e segura de que ela está morta, não apenas desmaiada? Ela já esteve assim antes, muitas vezes.

— Ela está morta — respondeu Margaret.

Ela não sentia medo em falar com ele, embora ele machucasse seu braço, e houvesse clarões selvagens na estupidez dos seus olhos.

— Ela está morta! — ela repetiu, suavemente.

Ele ainda olhava para ela com aquele olhar examinador, que parecia esvanecer-se dos olhos dele, enquanto o olhar vagueava. Então, repentinamente, soltou Margaret, e, jogando-se sobre metade da mesa, ele começou a soluçar violentamente, balançando a mesa e cada peça de mobília no cômodo com seus violentos arquejos. Mary foi tremendo em direção a ele.

— Sai tu daqui! Sai tu daqui! — ele gritou, golpeando-a selvagem e cegamente. — Que me importa tu?

Margaret tomou a mão dela, e a segurou suavemente entre as dela. Ele arrancou os cabelos, bateu a própria cabeça contra a

madeira dura, então ele caiu exausto e estúpido. Ainda assim sua filha e Margaret não se moveram. Mary tremia da cabeça aos pés.

Afinal — podia ter passado um quarto de uma hora, podia ter levado uma hora — ele se levantou. Seus olhos estavam inchados e injetados, e parecia ter se esquecido de que havia qualquer pessoa por perto. Franziu as sobrancelhas às assistentes quando ele as viu. Estremeceu pesadamente e deu a elas mais um olhar taciturno. Não falou uma palavra, mas foi rumo à porta.

— Oh, pai, pai! — disse Mary, jogando-se sobre seu braço. — Não hoje! Qualquer noite, menos essa. Oh, me ajude! Ele está saindo para beber novamente! Pai, não vou deixá-lo. O senhor pode me bater, mas não vou deixá-lo. Ela me disse por último para não o deixar beber!

Mas Margaret ficou no vão da porta, silenciosa e ainda assim comandante. Ele olhou para ela desafiadoramente.

— É minha própria casa. Saia do caminho, diaba, ou você vai ver!

Ele havia empurrado Mary para longe com violência; parecia pronto para golpear Margaret. Mas ela não moveu uma feição... nem desviou dele os seus olhos sérios e profundos. Ele a encarava de volta com sombria fúria. Se ela houvesse movido uma das mãos ou dado um passo, ele a haveria empurrado para o lado, com até mais violência do que ele havia usado com sua própria filha, cujo rosto estava sangrando por sua queda contra uma cadeira.

— O que a senhora quer olhando para mim desse jeito? — perguntou ele, finalmente, intimidado e amedrontado com a severa calma dela. — Se a senhora pensa que vai me impedir de ir por qual caminho eu escolha, porque ela a amava... em minha própria casa,

também, onde eu nunca lhe pedi que viesse, a senhora está enganada. É muito difícil para um homem não poder ir para o único conforto restante.

Margaret sentiu que ele reconhecia sua autoridade. O que ela poderia fazer em seguida? Ele havia se sentado em uma cadeira, próxima à porta; meio vencido, meio ressentido; pretendendo sair assim que ela deixasse sua posição, mas indisposto a usar a violência que ele havia ameaçado não cinco minutos antes. Margaret colocou sua mão sobre o braço dele.

— Venha comigo — ela disse. — Venha e a veja!

A voz na qual ela falou foi muito baixa e solene, mas não expressava nenhum resquício de medo ou dúvida, fosse dele ou da sua complacência. Ele taciturnamente se levantou. Permaneceu incerto, com pertinaz irresolução sobre seu rosto. Ela esperou por ele lá; calma e pacientemente esperou pelo tempo dele de se mover. Ele tinha um estranho prazer em fazê-la esperar, mas finalmente ele se moveu em direção à escada.

Ela e ele ficaram ao lado do cadáver.

— Suas últimas palavras para Mary foram: “Mantenha o pai longe da bebida”.

— Isso não pode machucá-la agora — murmurou ele. — Nada, nada pode machucá-la agora.

Então, levantando sua voz a um lamuriado grito, ele continuou: — Podemos discutir e cair em briga... Podemos ficar em paz e sermos amigos... Podemos passar fome até sermos pele e osso... E nenhum dos nossos pesares nunca mais a tocará. Ela teve sua porção deles. Primeiro com trabalho duro, e por último com essa doença. Ela levou uma vida de cão: morrer sem conhecer uma

grande alegria em todos os seus dias! Não, diaba, não importa o que você diga, ela não pode saber nada disso agora, e eu devo dar um trago de bebida, só para me estabilizar contra o pesar.

— Não — disse Margaret, suavizando-se com os modos mais brandos dele. — O senhor não irá. Se a vida dela tem sido o que o senhor diz, de qualquer modo ela não temeu a morte, como alguns temem. Oh, o senhor deveria tê-la ouvido falar da vida eterna, a vida oculta com Deus, à qual ela agora faz parte.

Ele sacudiu sua cabeça, olhando para os lados e para cima, e para Margaret enquanto ela falava. Seu pálido e abatido rosto a atingira dolorosamente.

— O senhor está severamente cansado. Onde esteve o dia todo? Não no trabalho, imagino?

— Não no trabalho, certamente — disse ele, com um riso curto e sombrio. — Não no que a senhora chama de trabalho. Eu estava no comitê, até que eu estivesse esgotado tentando fazer com que aqueles tolos ouvissem a razão. Antes fui visitar a esposa do Boucher, às sete da manhã. Ela está acamada, mas estava delirantemente furiosa para saber onde seu imbecil bruto rapaz estava, como se eu tivesse que saber dele, como se ele aceitasse ser comandado por mim. O endiabrado tolo, que tem colocado a pata em todos os nossos planos! E tenho andado até meus pés doerem, indo atrás de homens que não querem ser vistos, agora que a lei está novamente contra nós. E meu coração doía, também, que é pior do que pés doendo; e se eu não visse um amigo que me contou, enquanto eu procurava por aquele idiota, eu nunca ia saber que ela estava aqui morta. Bess, minha menina, você acreditaria em

mim, você acreditaria, não acreditaria? — virando-se para a pobre muda forma, com selvagem apelo.

— Estou certa — disse Margaret. — Estou certa de que o senhor não sabia: foi bastante repentino. Mas agora, o senhor vê, seria diferente; o senhor sabe; o senhor a vê deitada aqui; o senhor soube o que ela disse em seu último suspiro. O senhor não irá beber, não é?

Nenhuma resposta. De fato, onde ele iria procurar por conforto?

— Venha para minha casa comigo — disse ela, finalmente, com um ousado risco, meio trêmula com sua própria proposta, enquanto a fazia. — Pelo menos o senhor há de ter alguma comida confortável, de que estou certa de que o senhor precisa.

— Seu pai é um pároco? — perguntou ele, com uma repentina mudança em suas ideias.

— Ele era — disse Margaret, curtamente.

— Irei e tomarei uma xícara de chá com ele, já que a senhora me convidou. Tenho muitas coisas que sempre desejei dizer a um pároco, e não sou específico quanto a se ele está pregando agora, ou não.

Margaret estava perplexa. A ideia de ele ir tomar chá com seu pai, que estaria totalmente despreparado para seu visitante, sua mãe tão doente, parecia absolutamente fora de questão; e ainda assim se ela recuasse agora, seria pior do que nunca, já que o levaria direto à loja de gim. Pensou que se pudesse apenas o levar à própria casa, já seria tão grande passo, que o próximo capítulo ela confiaria ao acaso.

— Adeus, velha diaba! Vamos nos separar, finalmente, é preciso! Mas você tem sido uma bênção para seu pai desde que

você nasceu. Deus abençoe seus brancos lábios, menina; eles têm um sorriso agora! E estou alegre de vê-lo mais uma vez, embora eu esteja só e abandonado para todo o sempre.

Ele curvou-se e afetuosamente beijou sua filha; cobriu seu rosto, e virou-se para seguir Margaret. Ela havia descido apressadamente as escadas para contar a Mary do seu arranjo; dizer que foi a única maneira que ela pôde pensar de mantê-lo longe do palácio do gim; e pedir a Mary que fosse também, pois seu coração doía com a ideia de deixar a pobre afeiçoada menina sozinha. Mas Mary tinha amigos entre os vizinhos, ela disse, que viriam e se sentariam um pouco com ela, estava tudo bem; mas o pai...

Ele logo se juntou a elas, ou Mary haveria falado mais. Ele havia expulsado sua emoção, como se ele estivesse envergonhado de sequer haver dado vazão a ela; e chegou a se controlar de tal forma que assumiu um tipo de amargo júbilo, como o crepitar de espinhos sob um vaso.

— Estou indo tomar chá com o pai dela, estou indo!

Mas quando saiu à rua, colocou seu chapéu baixo sobre suas sobrancelhas, e não olhou nem para a esquerda nem para a direita, enquanto caminhava adiante ao lado de Margaret. Ele temia ser perturbado pelas palavras, ainda mais pelos olhares de vizinhos empáticos. Então ele e Margaret caminharam em silêncio. Quando chegou perto da rua em que ele sabia que ela morava, ele olhou para suas roupas, suas mãos e sapatos.

— Eu devia ter me limpado primeiro.

Certamente haveria sido desejável, mas Margaret o assegurou de que ele entraria até o pátio, e lá ele teria sabão e toalha providos.

Ela não podia deixá-lo escapar das mãos dela logo ali.

Enquanto ele seguia a serviçal pela passagem, e através da cozinha, pisando cuidadosamente em cada marca escura do padrão do oleado, a fim de ocultar suas pegadas sujas, Margaret correu ao andar de cima. Ela encontrou Dixon no patamar.

— Como está mamãe? Onde está papai?

A mãe estava cansada e tinha ido para seu próprio quarto. Ela havia querido ir dormir, mas Dixon a havia persuadido a deitar-se no sofá, e ter seu chá trazido para ela lá; seria melhor do que ficar inquieta por permanecer muito tempo na cama.

Até então, tudo bem. Mas onde estava Mr. Hale? Na sala de visitas. Margaret entrou meio sem fôlego com a apressada história que ela tinha para contar. É claro, ela a contara incompletamente; e seu pai ficou bastante “tomado de surpresa” pela ideia do fiandeiro bêbado esperando por ele em seu calmo gabinete, com quem ele era esperado tomar chá, e por cujo nome Margaret estava suplicando ansiosamente. O manso e bondoso Mr. Hale haveria prontamente tentado consolá-lo em seu pesar, mas, infelizmente, o ponto que Margaret enfatizou com mais veemência foi o fato de que ele estivera bebendo, e ela o para casa como último expediente para mantê-lo longe da loja de gim. Um pequeno evento havia levado a outro tão naturalmente que Margaret mal tinha consciência do que ela havia feito, até que ela visse o ligeiro olhar de reprovação no rosto de seu pai.

— Oh, papai! Ele realmente é um homem de quem o senhor não desgostará, se o senhor não ficar chocado de início.

— Mas, Margaret, trazer um homem bêbado para casa? E sua mãe tão doente!

O semblante de Margaret decaiu. — Lamento, papai. Ele está muito calmo, ele não está embriagado de modo algum. Ele estava apenas estranho no início, mas isso pode ter sido o choque pela morte da pobre Bessy.

Os olhos de Margaret encheram-se de lágrimas. Mr. Hale tomou seu doce suplicante rosto em ambas as mãos e beijou sua testa.

— Está tudo bem, querida. Irei e o confortarei tanto quanto eu possa, e você vá ficar com sua mãe. Mas se você puder vir e me fazer companhia no gabinete, hei de ficar alegre.

— Oh, sim... obrigada.

Mas enquanto Mr. Hale deixava o cômodo, ela correu atrás dele:

— Papai... O senhor não deve se impressionar com o que ele diz: ele é um... Quero dizer, ele não crê em muito do que nós cremos.

— Homessa! Um fiandeiro bêbado infiel! — disse Mr. Hale para si mesmo, em desânimo. Mas para Margaret ele apenas disse: — Se sua mãe dormir, se certifique de vir imediatamente.

Margaret entrou no cômodo e Mrs. Hale despertou-se de uma soneca.

— Quando você escreveu para Frederick, Margaret? Ontem, ou antes de ontem?

— Ontem, mamãe.

— E a carta foi ontem?

— Sim. Eu mesma a despachei.

— Oh, Margaret, estou com tanto medo da vinda dele! E se ele for reconhecido? Se for preso? E se ele for executado, após todos

esses anos que ele tem sido mantido longe e vivido em segurança! Eu continuo sonhando que ele foi capturado e julgado.

— Oh, mamãe, não tenha medo. Haverá algum risco, sem dúvida, mas o diminuiremos tanto quanto pudermos. E é tão pouco! Agora, se estivéssemos em Helstone, seria vinte... cem vezes maior. Lá, todos se lembrariam dele, e se soubessem que havia um estranho na casa, eles estariam certos de adivinhar que seria Frederick; enquanto aqui, ninguém sabe ou se importa conosco o suficiente para notar o que fazemos. Dixon manter-se-á na porta como um dragão, não se manterá, Dixon, enquanto ele estiver aqui?

— Eles terão que ser muito espertos para passarem por mim! — disse Dixon, mostrando seus dentes com a simples ideia.

— E ele não precisa sair, exceto ao anoitecer, pobre rapaz!

— Pobre rapaz! — ecoou Mrs. Hale. — Mas eu quase quis que você não houvesse escrito. Seria tarde demais para pará-lo se você escrevesse novamente, Margaret?

— Temo que seria, mamãe — respondeu Margaret, lembrando-se da urgência com a qual ela lhe havia suplicado que viesse imediatamente, se ele desejasse ver sua mãe viva.

— Sempre desgostei de fazer coisas com tanta pressa — disse Mrs. Hale.

Margaret ficou em silêncio.

— Ora vamos, madame — disse Dixon, com um tipo de animada autoridade. — A senhora sabe que ver Mestre Frederick é justo a coisa pela qual a senhora mais anseia neste mundo. E estou feliz de que Miss Margaret tenha escrito imediatamente, sem enrolação. Tive muitos pensamentos de fazer isso eu mesma. E vamos manter ele escondido, conte com isso. Há apenas Martha na

casa que não ia fazer muita coisa para salvar *ele* de um alfinete; e tenho pensado que ela poderia ir ver a mãe dela justo nessa época. Ela tem dito uma ou duas vezes que ela gostaria de ir, posto que a mãe dela *teve* um derrame desde que ela veio para cá, ela só não gostaria de pedir. Mas eu cuidarei para que ela esteja segura longe daqui, assim que nós *souber* quando ele vem, Deus abençoe *ele*! Então tome seu chá, madame, com conforto, e confie em mim.

Mrs. Hale confiava mesmo mais em Dixon do que em Margaret. As palavras de Dixon a acalmaram por um tempo. Margaret serviu o chá em silêncio, tentando pensar em alguma coisa agradável para dizer; mas sua mente dava resposta parecida com a de Daniel O'Rourke, quando o homem-na-lua lhe pediu que largasse sua ferramenta de ceifar. *"Quanto mais você nos pedir, menos nos moveremos"*.[87] Quanto mais ela tentava pensar em alguma coisa, qualquer coisa além do perigo ao qual Frederick poderia estar exposto, mais sua imaginação parecia se agarrar àquela infeliz ideia. Sua mãe tagarelava com Dixon, absolutamente esquecida da possibilidade de Frederick ser julgado e executado — absolutamente esquecida de que, ao desejo dela, embora Margaret praticasse a ação, ele fora convocado a se expor ao perigo. Sua mãe era uma daquelas que emitiam terríveis possibilidades, miseráveis probabilidades, infelizes chances de todos os tipos, como um foguete solta faíscas; mas se as faíscas acenderem alguma matéria combustível, elas ficam latentes primeiro, e explodem em uma temerosa chama finalmente. Margaret ficou alegre quando, depois de executar com gentileza e cuidado os seus deveres filiais, ela pôde descer para o gabinete. Ela perguntava-se como seu pai e Higgins estavam se saindo.

Em primeiro lugar, o cavalheiro decoroso, bondoso, simples e antiquado, havia inconscientemente evocado, pelo seu próprio refinamento e maneiras gentis, toda a latente cortesia no outro.

Mr. Hale tratava todas as suas criaturas semelhantes de forma igual: nunca entrava na cabeça dele fazer qualquer diferença por causa da posição deles. Ele colocara uma cadeira para Nicholas, que ficou em pé até que, a pedido de Mr. Hale, tomasse um assento. Chamava-o invariavelmente de “Mr. Higgins”, em vez do brusco “Nicholas” ou “Higgins”, nomes os quais o “fiandeiro bêbado infiel” estava acostumado. Mas Nicholas não era nem um beberrão habitual nem um minucioso infiel. Ele bebia para afogar as preocupações, como ele mesmo havia expressado; e ele era infiel porque até agora ainda não havia encontrado qualquer forma de fé à qual ele pudesse se apegar, de coração e alma.

Margaret ficou um pouco surpresa, e muito agradada, quando encontrou seu pai e Higgins em ávida conversação — cada um falando com gentil polidez com o outro, embora as opiniões deles pudessem se chocar. Nicholas, limpo, alinhado (se apenas estivesse de roupas passadas) e falando calmamente — era uma nova criatura para ela, que o havia apenas visto na rude independência de sua própria casa. Ele havia “penteado” seu cabelo com água fresca e ajustara o lenço do seu pescoço. Pedira emprestado o toco de uma vela para polir seus sapatos, e lá ele se sentara, forçando alguma opinião sobre seu pai, com um forte sotaque de Darkshire, é verdade, mas com uma voz baixa, e uma boa e sincera compostura em seu rosto. Seu pai, também, estava interessado no que seu companheiro estava dizendo. Ele olhou para trás quando ela entrou, sorriu, e calmamente deu a ela a cadeira dele, e então se sentou

novamente, tão rápido quanto possível, e com uma pequena reverência de desculpas ao seu convidado pela interrupção. Higgins acenou para ela como um sinal de cumprimento; e ela suavemente ajustou seus materiais de trabalho à mesa, e preparou-se para ouvir.

— Como eu estava dizendo, senhor, avalio que o senhor não iria ter muita confiança em si, se tivesse vivido aqui, se o senhor tivesse sido criado aqui. Peço seu perdão se eu uso palavras erradas; mas o que quero dizer com toda a crença agora, são estes dizeres, máximas e promessas *fazidas* por gente que o senhor nunca viu, sobre as coisas e a vida, o que o senhor nunca viu, nem ninguém mais. Agora, o senhor diz que são coisas verdadeiras, e palavras verdadeiras e uma verdadeira vida. Eu só digo, onde está a prova? Há muitos e muitos mais sábios, e rapazes mais aprendidos do que eu sou, ao meu redor, pessoal que teve tempo para pensar sobre essas coisas, enquanto meu tempo tem tido que ser *entregado* a conseguir meu pão. Bem, essas pessoas. A vida deles está praticamente aberta para mim. Elas são pessoas reais. Elas não creem na Bíblia, não elas. Elas podem dizer que sim, só por dizer; mas Deus, senhor, deve saber que o primeiro grito deles de manhã não é: “O que tenho que fazer para conseguir a vida eterna?”, mas, sim: “O que tenho que fazer para encher a minha bolsa neste abençoado dia? Aonde vou? Que barganhas terei que fazer?” A bolsa e o ouro e as notas é coisas reais; coisas que *pode* ser sentidas e tocadas, elas são a realidade deles. E a vida eterna é tudo uma conversa, muito cabida para... Peço seu perdão, senhor; o senhor não é mais um pároco, creio eu. Bem! Eu nunca vou faltar com respeito a um homem na mesma situação difícil em que me encontro. Mas vou só fazer outra pergunta, e não quero que o

senhor responda agora, apenas coloque *ela* no seu cachimbo, e fume *ela* enquanto pensa, antes que comece a achar que nós, que apenas cremos no que vemos, somos tolos e palermas. Se a salvação, e a vida eterna, e o que mais, fosse verdade, não nas palavras dos homens, mas dentro dos corações dos homens, o senhor não pensa que eles iam atordoar *nós* com isso como eles fazem com economia política? Eles estão muito ansiosos para virem para nós com esse tanto de sabedoria, mas para outros seria uma maior conversação, se fosse verdade.

— Mas os patrões nada têm a ver com sua religião. Tudo aquilo em que eles estão conectados com vocês é comércio, assim eles pensam, e tudo em que concerne a eles, portanto, para retificar suas opiniões, é a ciência dos negócios.

— Estou alegre, senhor — disse Higgins, com um curioso piscar de olho —, que o senhor tenha dito, “assim eles pensam”. Eu teria considerado o senhor um hipócrita, temo, se o senhor não tivesse dito isso, por mais que o senhor seja um pároco, ou melhor, porque é um pároco. Entenda, se o senhor tivesse falado de religião como uma coisa que, se fosse verdade, não diz respeito a todos os homens para pressionar na mente de todos os homens, acima de todas as outras coisas nesta vasta terra, eu deveria ter achado o senhor um patife para ser um pároco; e eu prefiro pensar que o senhor é um tolo do que um patife. Sem ofensa, eu espero, senhor.

— De modo algum. O senhor me considera equivocado, e eu o considero muito mais fatalmente equivocado. Não espero convencê-lo em um dia... não em uma conversa; mas vamos nos conhecer, e falar livremente um ao outro sobre essas coisas, e a verdade irá prevalecer. Eu não acreditaria em Deus se eu não cresse nisso. Mr.

Higgins, eu confio, não importa do que o senhor tenha desistido, que o senhor acredita... — a voz de Mr. Hale baixou, em reverência — que o senhor acredita n'Ele.

Nicholas Higgins repentinamente se levantou, enrijecido. Margaret sobressaltou-se da cabeça aos pés, pois ela pensou, pelo modo do rosto dele, que ele estivesse entrando em convulsões. Mr. Hale olhou para ela espantado. Finalmente Higgins encontrou as palavras:

— Homem! Eu poderia ir ao chão com o senhor por me tentar. Que negócios o senhor tem para me pôr em prova com suas dúvidas? Pense nela deitada lá, após a vida que ela levou, e pense então como o senhor me negaria o único conforto restante, que há um Deus, e que Ele deu a ela essa vida. Não creio que ela viverá novamente — disse ele, sentando-se, e continuando melancolicamente, como se falasse para o fogo insensível. — Não creio em qualquer outra vida além desta, na qual ela suportou tanta dor e teve essa doença sem fim. E não posso tolerar pensar que foi tudo um conjunto de acasos, que poderiam ter sido alterados com um sopro do vento. Houve muitas vezes que pensei que não acreditava em Deus, mas nunca coloquei isso diante de mim em palavras, como muitos homens fazem. Eu posso ter rido daqueles que fizeram isso, que tiveram essa coragem, mas eu teria olhado ao meu redor depois, para ver se Ele me ouvia, se tivesse de existir um Ele. Mas hoje, quando sou deixado desolado, não vou ouvir o senhor com suas questões, e suas dúvidas. Tem senão uma coisa estável e calma em todo este mundo bagunçado, e, com razão ou sem razão, vou me agarrar a isso. É muito bom *pra* gente ser feliz...

Margaret tocou o braço dele muito suavemente. Ela não havia falado antes, nem ele a ouvira levantar-se.

— Nicholas, não queremos racionalizar, o senhor interpretou mal meu pai. Não argumentamos... nós acreditamos; e o senhor também. É o único conforto em tempos como estes.

Ele virou-se e tomou-lhe a mão.

— Sim! É sim, é sim — esfregando as lágrimas com o dorso da mão. — Mas a senhorita sabe, ela está morta em casa e eu estou muito atordoado de tristeza, e às vezes, eu mal sei o que estou dizendo. É como se os discursos que o pessoal tem feito, coisas espertas e inteligentes como pensei na época, me vêm à mente agora, quando o meu coração está prestes a explodir. A greve falhou também, a senhorita não sabia disso, Miss? Eu estava indo para casa para pedir a ela, como o pedinte que sou, um pouco de conforto nesse problema; e fui derrubado por aquele que me contou que ela estava morta, apenas morta. Isso foi tudo; mas isso foi o suficiente para mim.

Mr. Hale assoou seu nariz, e levantou-se para acender as velas a fim de ocultar sua emoção.

— Ele não é um infiel, Margaret. Como você pôde dizer isso? — murmurou ele, reprovadamente. — Tenho em mente ler para ele o décimo quarto capítulo de Jó.

— Não ainda, papai, penso eu. Talvez de modo algum. Vamos perguntá-lo sobre a greve, e dar a ele toda a empatia que ele precisa, e esperava ter da pobre Bessy.

Então eles perguntaram e ouviram. Os cálculos dos operários estavam baseados (como muitos dos cálculos dos mestres) em falsas premissas. Eles avaliaram seus companheiros como se

possuíssem a insensibilidade das máquinas, nem mais, nem menos. Não permitiam que as paixões humanas sobrepujassem a razão, como no caso de Boucher e os arruaceiros; e acreditavam que as representações das suas injúrias teriam o mesmo efeito sobre estranhos, de muito longe, enquanto as injúrias (imaginadas ou reais) tinham sobre eles mesmos. Eles ficaram consequentemente surpresos e indignados com os pobres irlandeses, que se haviam permitido serem importados e trazidos para tomar seus lugares. Essa indignação era temperada, em algum grau, pelo desprezo por “aqueles irlandeses”, e pelo prazer com a ideia do confuso modo no qual eles executariam o trabalho, deixariam perplexos seus novos mestres com sua ignorância e estupidez, das quais estranhas exageradas histórias estavam já se espalhando pela cidade. Mas o golpe mais cruel de todos foi o dos operários de Milton, que tinham desafiado e desobedecido as ordens do sindicato para manterem a paz, acontecesse o que acontecesse; que havia originado discórdia no campo, e espalhado o pânico de que a lei seria usada contra eles.

— E então a greve chegou a um fim... — disse Margaret.

— Sim, Miss. Está calmo como calmo pode. As portas da fábrica vão precisar ser *abridas* amanhã para deixar entrar todos que *vai* estar pedindo por trabalho; nem que seja apenas para mostrar que eles nada têm nada a ver com essas medidas, o que, se nós tivéssemos sido competentes e *fazidos* a coisa certa, teria trazido os salários a um ponto alto que eles não tinham estado nestes dez anos.

— O senhor procurará trabalho, não procurará? — perguntou Margaret. — O senhor é um famoso operário, não é?

— Hamper vai me deixar trabalhar na usina dele, quando ele cortar fora a mão direita dele, não antes, e não depois — disse Nicholas, calmamente. Margaret ficou em silêncio e triste.

— Sobre os salários — disse Mr. Hale. — O senhor não ficará ofendido, mas penso que o senhor cometeu alguns tristes equívocos. Eu gostaria de ler para o senhor alguns comentários em um livro que tenho.

Mr. Hale levantou-se e foi até a estante.

— Não precisa se incomodar, senhor — disse Nicholas. — As coisas de livros entram em um ouvido e saem pelo outro. Não consigo entender nada disso. Antes de Hamper e eu termos essa separação, o supervisor contou a ele que eu estava agitando os homens para pedirem salários mais altos; e Hamper se encontrou comigo um dia no pátio. Ele tinha um fino livro nas mãos dele, e disse ele: “Higgins, me contaram que o senhor é um daqueles malditos tolos que pensam que podem conseguir salários mais altos pedindo por eles; sim, e mantê-los altos também, quando vocês conseguirem forçá-los para o alto. Agora, darei uma chance e tentarei ver se o senhor tem algum senso. Aqui está um livro escrito por um amigo meu, e se o senhor ler, verá como salários encontram seu próprio nível, sem mestres ou homens terem nada a ver com eles; exceto os homens que cortam as suas próprias gargantas com a greve, como os bestuntos confusos que são”. Bem, senhor, agora eu coloco isso para o senhor. Sendo um pároco, e tendo lidado com esse negócio de pregação, e tendo tido que tentar e trazer o pessoal para o que o senhor pensava que era a forma correta de pensar, o senhor começa chamando *eles* de tolos e coisas tais, ou o senhor não preferiria mais dizer algumas palavras amáveis no início, para

deixar eles prontos para ouvirem e serem convencidos, se pudessem? E, em sua pregação, o senhor parava de vez em quando, e dizia, meio para eles e meio para o senhor mesmo: “Mas vocês são um bando tão tolo, que tenho uma forte noção de que é útil tentar colocar algum senso na cabeça de vocês?” Eu não estava em meu melhor estado, vou confessar, para absorver o que o amigo do Hamper tinha a dizer. Fiquei tão vexado com a forma que foi colocado para mim... mas pensei: “Vamos, vou ver o que esses rapazes têm a dizer, e julgarei se são eles ou eu que é o bestunto”. Então eu tomei o livro e montei nele; mas, Deus o abençoe, ficou falando sobre capital e trabalho, trabalho e capital, até que me botou para dormir. Nunca pude fixar corretamente em minha mente o que era o quê, e falava sobre eles como se fossem virtudes ou vícios. E o que eu queria saber era os direitos dos homens, quer fossem ricos ou pobres... contanto que eles apenas fossem homens.

— Mas por tudo isso — disse Mr. Hale — concordando que foi uma completa ofensa, uma tolice, uma atitude anticristã, o modo como Mr. Hamper falou com o senhor ao recomendar o livro do amigo dele, ainda assim, se o livro lhe dissesse o que ele falou, que os salários encontram seus próprios níveis, e que a greve melhor sucedida só pode forçá-los para cima por um momento, para afundá-los em muito maior proporção em seguida, considerando esta própria greve, o livro teria dito a verdade.

— Bem, senhor — disse Higgins, bastante obstinadamente —, pode ser, ou pode não ser. Há duas opiniões para estabelecer esse ponto. Mas suponha que fosse uma verdade duas vezes mais forte; não seria verdade para mim se eu não pudesse absorver. Ouço dizer que tem verdade no seu livro de Latim nas suas prateleiras;

mas é sem nexo e não verdade para mim, a menos que eu conheça o significado das palavras. Se o senhor, ou qualquer outro homem, paciente homem, viesse a mim, e dissesse que vai me ensinar o que as palavras querem dizer, e não me bater se eu for um pouco estúpido, ou esquecer como uma coisa se liga à outra, bem, acho que, com o tempo, eu posso conseguir ver a verdade disso; ou não. Não vou me prender a dizer que vou terminar pensando o mesmo que muitos homens. E não sou o tipo que pensa que a verdade pode ser formada em palavras, todas limpas e claras, como os homens da fundição recortam as chapas de ferro. Os ossos não afundam todos do mesmo modo. Vai cravar aqui na garganta deste homem, e ali na do outro. Até porque isso, quando desce, pode ser muito forte para este, e muito fraco para aquele. Pessoas que se prestam a medicar o mundo com a verdade delas, devem escrever diferente para mentes diferentes; e serem um pouco suaves no modo de dar *ela* também, ou os pobres doentes tolos poderão cuspir nos rostos delas. Agora Hamper primeiro me dá um tapa no ouvido, e então ele despeja o grande monte dele em mim, e diz que ele avalia que não fará nada para mim, sou tão tolo, mas aí está.

— Eu queria que alguns dos patrões mais bondosos e sábios encontrassem alguns de vocês homens, e tivessem uma boa conversa sobre essas coisas; seria, certamente, a melhor maneira de superar as dificuldades, que, realmente, eu acredito, surjam da ignorância, desculpe-me, Mr. Higgins. Essa conversa seria sobre assuntos que seria de mútuo interesse, para mestres e empregados, que fossem bem entendidos por ambos. Eu me pergunto — virando-se meio para sua filha —, se Mr. Thornton não poderia ser induzido a fazer tal coisa?

— Lembre-se, papai — disse ela, em uma voz muito baixa —, do que ele disse um dia... sobre os governos, o senhor sabe.

Ela estava indisposta a fazer qualquer alusão mais clara à conversação que eles haviam conduzido sobre o modo de governar operários — dando aos homens inteligência o suficiente para comandarem a si mesmos, ou por um sábio despotismo da parte do mestre — pois ela viu que Higgins havia capturado o nome de Mr. Thornton, se não a inteireza do discurso. De fato, ele começou a falar dele.

— Thornton! Ele é o rapaz que mandou buscar rapidamente aqueles irlandeses; e levou ao tumulto que arruinou a greve. Até Hamper, com toda a arrelia dele, teria esperado um pouco. Mas com Thornton é uma palavra e um golpe. E, agora, quando o sindicato teria agradecido a ele por continuar a busca por Boucher, e os rapazes que foram bem contra nossas ordens, é Thornton que dá um passo adiante e, friamente, diz que, como a greve chegou a um fim, ele, como parte prejudicada, não quer prestar queixas contra os arruaceiros. Pensei que ele tivesse mais coragem. Pensei que ele teria levado o ponto dele até o fim, e *fazido* a vingança dele de um modo aberto; mas diz ele (um na corte me disse as próprias palavras dele) “eles são bem conhecidos, vão encontrar a punição natural da conduta deles na dificuldade que vão ter em conseguir emprego. Isso será severo o suficiente”. Eu só queria que eles tivessem capturado Boucher, e o colocado contra Hamper. Eu vejo o velho tigre partindo contra ele! Ele teria poupado? Não ele!

— Mr. Thornton estava certo — disse Margaret. — O senhor está zangado com Boucher, Nicholas, ou então seria o primeiro a

ver, onde a punição natural seria severa o bastante para a ofensa, qualquer punição além seria algo como vingança.

— Minha filha não é nenhuma grande amiga de Mr. Thornton — disse Mr. Hale, sorrindo para Margaret, enquanto ela, tão vermelha quanto qualquer carnação, recomeçou a trabalhar com dobrada diligência —, mas creio que o que ela diz é verdade. Eu gosto dele por isso.

— Bem, senhor, esta greve tem sido um negócio cansativo para mim; e o senhor não vai se admirar se eu falar que estou um tanto irritado em ver que falhou, apenas por uns poucos homens que não sofrem em silêncio, e suportam, bravos e firmes.

— O senhor esquece — disse Margaret. — Não sei muito sobre Boucher, mas a única vez que o vi, não foi dos próprios sofrimentos dele de que ele falava, mas daqueles da sua mulher doente e dos seus filhos pequenos.

— Verdade! Mas ele mesmo não era feito de ferro. Ele teria gritado pelos próprios pesares dele, em seguida. Ele não era um que aguentasse.

— Como ele entrou para o sindicato? — perguntou Margaret, inocentemente. — O senhor não parece ter muito respeito por ele, nem ganhou muita vantagem por tê-lo.

As sobrancelhas de Higgins se fecharam. Ele ficou em silêncio por um ou dois minutos. Então ele disse, curtamente: — Não cabe a mim falar do sindicato. O que eles *faz*, eles *faz*. Aqueles que são do comércio, devem se apoiar. E se eles não estão dispostos a correr o risco com o resto, o sindicato tem seus modos e meios.

Mr. Hale viu que Higgins estava vexado com o rumo que a conversa havia tomado, e ficou em silêncio. Mas não Margaret,

embora ela visse os sentimentos de Higgins tão claramente quanto o pai; por instinto, ela sentia que, se ele pudesse ser levado a se expressar em claras palavras, conseguiriam esclarecer algumas coisas, e poderiam argumentar sobre o que era correto e justo.

— E quais são os modos e meios do sindicato?

Ele olhou para ela como se fosse manter uma pertinaz resistência ao desejo dela por informação. Mas o rosto calmo dela, fixo no dele, paciente e confiável, o compeliu a responder.

— Bem! Se um homem não pertence ao sindicato, aqueles que trabalham nos teares ao redor, têm ordens de não falarem com ele; se está pesaroso ou doente, é tudo o mesmo. Ele está fora dos limites, ele não é um de nós. Ele vive entre nós, ele trabalha entre nós, mas ele não é nenhum de nós. Em alguns lugares são multados os que falam com ele. Tente isso, Miss; tente viver um ano ou dois entre eles, enquanto eles olham para longe se a senhora olha para eles. Tente trabalhar dentro de duas jardas de multidões de homens que, a senhora sabe, têm um moído rancor contra a senhora nos seus corações. Pessoas para quem, se a senhora disser que está alegre, o olho não brilha, nem um lábio se move; a quem, se seu coração está pesado, a senhora nunca poderá dizer nada, porque eles nunca vão notar seus suspiros ou olhares tristes (e um homem não é um homem se gemer alto sobre gente perguntando a ele “qual é o problema?” Só experimente isso, Miss; dez horas por dia, trezentos dias por ano, e a senhora saberá um pouco o que é o sindicato.

— Ora! — disse Margaret. — Mas isso é uma tirania! Não, Higgins, não me importo uma palha com a sua raiva. Sei que o senhor pode ficar com raiva de mim, mas vou lhe dizer a verdade:

que eu nunca li, em toda a história que tenho lido, de uma mais lenta e arrastada tortura do que essa. E o senhor pertence ao sindicato! E o senhor fala da tirania dos mestres!

— Não — disse Higgins —, a senhora pode dizer o que quiser! Os mortos estão entre a senhora e toda palavra raivosa minha. A senhora pensa que eu me esqueço de quem está deitada *lá*, e como ela amava a senhora? E foram os patrões que nos *fez* pecar, se o sindicato é um pecado. Não esta geração talvez, mas a dos pais deles. Seus pais *moeu* nossos pais até ficar a poeira; nos moeu ao pó! Pastor! Lembro-me que ouvi minha mãe ler um texto em voz alta: *"Os pais comeram uvas azedas, e os dentes dos filhos ficaram embotados"*[88]. É assim com eles. Naqueles dias de dolorida opressão, os sindicatos começaram, foi uma necessidade. É uma necessidade agora, de acordo comigo. É uma resistência à injustiça passada, presente ou futura. Pode ser como a guerra; junto com ela *vêm* crimes. Mas eu penso que é um crime maior deixar isso como está. Nossa única chance é juntar os homens em um interesse comum; e se alguns são covardes e alguns são tolos, eles devem vir e se juntar à grande marcha, cuja única força está em números.

— Oh! — disse Mr. Hale, suspirando. — Seu sindicato em si mesmo, seria lindo, glorioso; seria a própria Cristandade, se fosse senão por um fim que afetasse o bem de todos, em vez daqueles de meramente uma classe como oposta a outra.

— Avalio que é hora de eu ir, senhor — disse Higgins, enquanto o relógio batia dez horas.

— Para casa? — perguntou Margaret, muito suavemente.

Ele a entendeu, e tomou a mão oferecida. — Para casa, Miss. A senhora pode confiar em mim, embora eu seja do sindicato.

— Eu realmente confio no senhor, Nicholas, sinceramente.

— Espere! — disse Mr. Hale, apressando-se para a estante. — Mr. Higgins! Estou certo de que o senhor se juntará a nós em nossa prece familiar!

Higgins olhou para Margaret, duvidosamente. Os olhos doces e sérios dela encontraram os dele; não havia nenhuma imposição neles, apenas um profundo interesse. Ele não falou, mas se manteve em seu lugar.

Margaret, a Eclesiástica; seu pai, o Dissidente; e Higgins, o Infiel, ajoelharam-se juntos. E isso não lhes fez mal algum.

Capítulo XXIX

Um raio de sol

“Alguns desejos cruzaram minha mente e vagamente a alegraram,
E um ou dois pobres prazeres melancólicos,
Cada um, à luz pálida e fria da esperança,
Prateando sua frágil asa, voaram silenciosamente —
Em meio às mariposas no raio de luar!”
— COLERIDGE.[89]

Amanhã seguinte trouxe para Margaret uma carta de Edith. Era afetuosa e inconsequente como a sua autora. Mas o afeto era encantador à própria natureza afetuosa de Margaret; e ela havia crescido com a inconsequência, então não a percebia. Dizia o seguinte:

“Oh, Margaret, vale a pena sair da Inglaterra para ver o meu menino! Ele é um pequenino adorável, especialmente usando o seu gorrinho, e mais especialmente com aquele que você enviou, moça tão boa, de dedos delicados e perseverantes! Como já tornei todas as mães daqui invejosas, quero mostrá-lo para alguém novo, e ouvir um novo conjunto de expressões de admiração; talvez, seja essa toda a razão; talvez não... Bem, possivelmente haja apenas um pouquinho do amor de prima misturado a isso. Mas eu quero tanto que você venha aqui, Margaret! Estou certa de que seria a melhor coisa para a saúde de tia Hale; todos aqui são jovens e saudáveis, e

nossos céus são sempre azuis, e nosso sol sempre brilha, e a banda toca deliciosamente da manhã até a noite; e, ao voltar ao coro da minha cantiga, meu bebê está sempre sorrindo. Estou constantemente esperando que você o desenhe para mim, Margaret. Não pelas coisas que ele faz; que são lindas e graciosas, o que tem de melhor. Penso que o amo muito mais do que a meu marido, que está ficando robusto e rabugento, o que ele chama de "ocupado". Não! Ele não está. Ele acaba de vir com notícias de um encantador piquenique, oferecido pelos oficiais do Hazard, ancorado na baía abaixo. Só porque me trouxe notícias tão agradáveis, retiro tudo o que acabo de dizer sobre ele. Alguém não queimou a mão por haver dito ou feito algo pelo qual se arrependesse? Bem, não posso queimar a minha, porque me machucaria, e a cicatriz seria feia, mas retiro tudo o que disse tão rápido quanto possa. Cosmo é tão querido quanto o meu bebê, e nem um pouco robusto, e tão pouco rabugento quanto um marido pode ser; só que, algumas vezes, ele é muito, muito ocupado. Eu diria que sem amor... o dever de esposa... mas onde eu estava? Eu tinha algo muito específico a dizer, eu sei... Oh, é isso... Cara Margaret! Você deve vir me visitar; faria bem à tia Hale, como eu disse anteriormente. Peça para o médico receitar-lhe isso. Diga a ele que é a fumaça de Milton que faz mal a ela. Não tenho dúvidas de que é isso, realmente. Três meses (você não deve vir para ficar menos do que isso) deste clima delicioso, ensolarado, e tendo uvas tão abundantemente quanto amoras, a curariam bem. Não convido o meu tio" — (Aqui a carta se tornou mais constrangida, e melhor escrita. Mr. Hale estava de castigo, em um canto, como uma criança travessa, por haver desistido do benefício eclesiástico), "porque, ouso dizer, ele

desaprova a guerra, e soldados, e bandas de música. Pelo menos sei que muitos dissidentes são membros da Sociedade da Paz, e temo que ele não gostaria de vir; mas, se ele quiser, querida, por favor diga-lhe que Cosmo e eu faremos todo o possível para deixá-lo feliz; e esconderei o uniforme vermelho e a espada de Cosmo, e farei a banda tocar todo tipo de músicas sérias e solenes; ou, se eles tocarem pompas e vaidades, será em tempo duplamente mais lento. Querida, se ele quiser acompanhar você e tia Hale, tentaremos tornar a sua estadia agradável, embora eu muito tema qualquer um que tenha feito algo pelo bem da consciência. Você nunca fez, espero. Diga à tia Hale que não traga muitas roupas quentes, embora eu tema que o ano já esteja bem adiantado antes que possam vir. Mas vocês não têm ideia do calor que faz aqui! Tentei usar meu grande e belo xale indiano em um piquenique. E me apeguei com os provérbios o tanto quanto pude: 'O orgulho obriga', e outros salutares ensinamentos de sabedoria, mas foi inútil. Eu parecia com a pequena cadela de mamãe, Tiny, com ornamentos de um elefante; sufocada, escondida, quase morta com a minha fineza. Então o tornei um excelente tapete para todos nós nos sentarmos. Aqui está o meu menino, Margaret, e se você não empacotar suas coisas assim que receber esta carta, e vir vê-lo, hei de pensar que você é descendente do Rei Herodes!"

Margaret realmente ansiava por um dia na vida de Edith... A sua ausência de preocupações, seu alegre lar e seus céus ensolarados. Se um desejo tivesse o poder de transportá-la, teria partido; apenas por um dia. Ela ansiava pela força que tal mudança lhe traria. Até mesmo por umas poucas horas, poder estar em meio àquela vida luminosa, e sentir-se jovem novamente. Nem vinte anos

ainda! E havia passado por tão grandes dificuldades, fazendo-a sentir-se bastante velha. Esse fora seu primeiro sentimento após ler a carta de Edith. Então, leu-a novamente, e, esquecendo de si mesma, achou divertida a semelhança existente entre ela e a própria Edith, e estava rindo alegremente quando Mrs. Hale entrou na sala de visitas, apoiada no braço de Dixon. Margaret voou para arrumar os travesseiros. Sua mãe parecia mais debilitada do que o normal.

— De que você estava rindo, Margaret? — perguntou a mãe, tão logo se recuperou do esforço para acomodar-se no sofá.

— De uma carta que recebi esta manhã de Edith. Devo lê-la para a senhora, mamãe?

Ela a leu em voz alta, e por algum tempo isso pareceu interessar à mãe, que continuava perguntando que nome Edith havia dado ao menino, e sugerindo todos os nomes prováveis, e todas as possíveis razões para que cada um desses nomes devesse ser escolhido. Bem no meio da conversa, Mr. Thornton chegou, trazendo, como presente, outra cesta de frutas para Mrs. Hale. Ele não podia, ou melhor, ele não iria negar a si mesmo a chance de rever Margaret. Não possuía outro objetivo senão a satisfação momentânea. Era a resoluta obstinação de um homem normalmente razoável e controlado. Ele entrou na sala, notando de relance a presença de Margaret; mas após uma fria e distante reverência, pareceu não permitir que seus olhos pousassem sobre ela novamente. Ficou apenas o tempo suficiente para ofertar seus pêssegos, dizendo algumas palavras bondosas e gentis, e então seus olhos frios e ofendidos encontraram os de Margaret em um

grave adeus, enquanto deixava o cômodo. Ela sentou-se silenciosa e pálida.

— Sabe, Margaret, eu realmente começo a gostar muito de Mr. Thornton.

Nenhuma resposta de início. Então Margaret forçou-se a dizer de forma indiferente: — É mesmo?

— Sim! Penso que ele realmente esteja ficando bastante polido em seus modos.

A voz de Margaret estava mais controlada agora. Ela respondeu: — Ele é muito bondoso e atento, não há dúvida disso.

— Espanta-me que Mrs. Thornton nunca venha nos visitar. Ela deve saber que estou doente, por causa do colchão d'água.

— Ouso dizer que ela saiba do seu estado de saúde pelo filho dela.

— Ainda assim, eu gostaria de vê-la. Você tem tão poucos amigos aqui, Margaret.

Margaret sentiu o que estava nos pensamentos de sua mãe. Um terno desejo de recomendar a bondade de alguma mulher à filha que logo seria deixada sem mãe. Mas ela não conseguia falar.

— Você acha — disse Mrs. Hale, após uma pausa —, que poderia ir pedir a Mrs. Thornton que venha me ver? Apenas uma vez. Não quero ser impertinente.

— Farei qualquer coisa que a senhora desejar, mamãe... Mas se... Mas quando Frederick vier...

— Ah, certamente! Teremos que manter nossas portas fechadas... não devemos deixar ninguém entrar. Mal sei se ouso desejar que ele venha ou não. Algumas vezes penso que seria melhor que não viesse. Tenho sonhos tão assustadores com ele.

— Oh, mamãe! Tomaremos cuidado. Colocarei o meu braço na direção de uma flecha, antes que ele sofra o menor dano. Confie a segurança dele a mim, mamãe. Cuidarei de Frederick, como uma leoa cuida de sua cria.

— Quando saberemos notícias dele?

— Não por uma semana, certamente... talvez mais.

— Devemos despachar Martha a tempo. Nunca daria certo tê-la conosco quando ele chegasse, e então devemos enviá-la para longe, o mais depressa possível.

— Dixon está certa de nos lembrar disso. Eu estava pensando que, se quiséssemos qualquer ajuda na casa enquanto Frederick estiver aqui, poderíamos talvez chamar Mary Higgins. Ela é muito frouxa no trabalho, mas é uma boa menina, e se dedicaria em fazer o seu melhor, estou certa. Poderia dormir em casa, e nunca precisaria subir as escadas, de forma a saber quem está na casa.

— Como quiser. Como Dixon quiser. Mas, Margaret, não aprenda a usar estas expressões horrendas de Milton. “Frouxa” é um provincianismo. O que sua tia Shaw dirá, se ela a ouvir falar assim quando voltar?

— Oh, mamãe! Não tente fazer um bicho de sete cabeças da tia Shaw — disse Margaret, rindo. — Edith aprendeu todos os tipos de gíria militar com o capitão Lennox, e tia Shaw nunca tomou conhecimento disso.

— Mas a sua é gíria de fábrica.

— E eu moro em uma cidade industrial, posso falar a linguagem de fábrica quando quiser. Ora, mamãe, eu conseguiria deixar a senhora atônita com uma grande quantidade de palavras

que nunca ouviu em sua vida. Não acredito que saiba o que é um fura-greve.

— Não mesmo, minha criança. Apenas sei que tem um som muito vulgar e não quero ouvi-la usando esse termo.

— Muito bem, minha cara mamãe, não usarei. Apenas terei que usar uma sentença explicativa inteira, ao invés disso.

— Não gosto de Milton — disse Mrs. Hale. — Edith está certa em dizer que foi essa fumaça que me deixou tão doente.

Margaret sobressaltou-se ao ouvir a mãe dizer isso. Seu pai acabara de adentrar-se no cômodo, deixando-a bastante ansiosa para evitar que a vaga impressão que percebera na mente dele, de que o ar de Milton houvesse prejudicado a saúde de sua mãe, não fosse aprofundada... e não tivesse qualquer confirmação. Ela não sabia dizer se Mr. Hale escutara o que a esposa dissera ou não; e então começou a falar apressadamente sobre outras coisas, sem perceber que Mr. Thornton o acompanhava.

— Mamãe está me acusando de ter absorvido uma grande quantidade de vulgaridade, desde que viemos para Milton.

A “vulgaridade” de que Margaret falava, referia-se puramente ao uso de palavras locais, e a expressão surgira da conversa que elas haviam mantido há pouco tempo. Mas o semblante de Mr. Thornton anuviou-se; e Margaret sentiu, repentinamente, o quanto a sua fala poderia ser mal interpretada por ele; e então, no ingênuo e natural desejo de evitar uma dor desnecessária, forçou-se a ir adiante e, com uma pequena saudação, continuou o que estava dizendo, dirigindo-se expressamente a ele.

— Agora, Mr. Thornton, embora “fura-greve” não tenha um som muito bonito, não é uma palavra expressiva? Eu poderia passar sem

ela, ao falar da coisa que ela representa? Se usar palavras locais é ser vulgar, eu era muito vulgar em New Forest, não era, mamãe?

Era algo incomum para Margaret, impor seu próprio assunto de conversação aos outros; mas, neste caso, ela estava tão ansiosa em impedir que Mr. Thornton se sentisse incomodado com as palavras que ouvira acidentalmente, que não foi senão depois de ter terminado de falar, que ela ruborizou intensamente, ao se dar conta do que fizera. Especialmente porque Mr. Thornton mal parecia entender a exata essência do que ela estava dizendo, ou a sua atitude, passando por ela, com fria reserva e de maneira cerimoniosa, para falar com Mrs. Hale.

Ao vê-lo, Mrs. Hale lembrou-se do seu desejo de ver Mrs. Thornton, e de recomendar a filha aos cuidados dela. Margaret sentou-se em completo silêncio, aborrecida e envergonhada com sua dificuldade em comportar-se naturalmente, e em manter a tranquilidade de seu coração, quando Mr. Thornton estava por perto. Ouviu a súplica de sua mãe para que Mrs. Thornton viesse vê-la; e viesse logo; no dia seguinte, se possível. Mr. Thornton prometeu-lhe que ela viria, conversou um pouco, e depois partiu. Os movimentos e a voz de Margaret pareceram imediatamente libertos de correntes invisíveis. Ele nem olhara para ela; e ainda assim, a cuidadosa fuga dos seus olhos denotava que, de algum modo, ele sabia que se eles pousassem por acaso em algum lugar, seria para descansar sobre ela. Se Margaret falasse, ele não lhe dava a menor atenção, embora suas próximas palavras para qualquer pessoa fossem modificadas pelo que ela havia dito. Algumas vezes havia uma resposta expressa a algo que ela havia comentado, mesmo que dirigida a outra pessoa. Esses não eram os maus modos da ignorância; eram

maus modos intencionais, despertos por uma profunda ofensa. Eram deliberados na ocasião e lamentados posteriormente. Mas nenhum planejamento profundo, nenhuma astúcia cuidadosa, poderia mantê-lo em uma posição tão privilegiada. Agora, Margaret pensava nele mais do que nunca; sem qualquer traço do que é chamado amor, mas com pesar por tê-lo ferido tão profundamente, e com um gentil e paciente desejo de que retornassem à sua posição anterior de amizade antagônica; posto que percebera que ele havia mantido a posição de amigo para com ela e o restante de sua família. Havia uma bonita humildade no comportamento de Margaret em relação a Mr. Thornton, como se fosse um pedido silencioso de desculpas pelas palavras demasiadamente fortes, uma reação aos acontecimentos do dia do tumulto.

Mas ele ressentia-se amargamente com aquelas palavras. Elas ressoavam em seus ouvidos. Estava, porém, orgulhoso do seu senso de justiça, que o fazia continuar com qualquer gentileza que ele pudesse oferecer aos pais dela. Ele exultava com a força que mostrava ao ser compelido a encará-la, sempre que pensava em qualquer ação que pudesse dar prazer ao seu pai ou à sua mãe. Pensava que não gostaria de rever alguém que o houvesse ferido tão profundamente; no entanto estava equivocado. Era um prazer indescritível estar no mesmo cômodo que ela, e sentir a sua presença. Mas ele não era grande analista dos seus próprios motivos, e estava equivocado, como tenho dito.

Capítulo XXX

Em casa, finalmente

“Os mais tristes pássaros uma estação encontram para cantar”.
— SOUTHWELL.[90]

“Nunca dobrar o manto sobre secreta aflição,
Nunca, vergado pelas nuvens da recordação,
Curvar novamente tua cabeça! Tu és ido para tua casa!”
— MRS. HEMANS.[91]

Mrs. Thornton veio para ver Mrs. Hale na manhã seguinte. Ela estava muito pior. Uma dessas repentinas mudanças — aqueles grandes e visíveis passos largos em direção à morte — tinham sido dados durante a noite, e sua própria família foi sobressaltada pela cinzenta e funda aparência que suas feições haviam tomado naquelas únicas doze horas de sofrimento. Mrs. Thornton — que não a tinha visto por semanas — ficou suavizada imediatamente. Ela havia vindo porque seu filho o pedira como um favor pessoal, mas com todos os orgulhosos amargos sentimentos, de sua natureza, armados contra aquela família da qual Margaret fazia parte. Ela duvidava da realidade da doença de Mrs. Hale; ela duvidava de qualquer necessidade além de uma fantasia momentânea da parte daquela senhora, para afastá-la do curso anteriormente estabelecido para suas ocupações do dia. Ela disse ao seu filho que queria que eles nunca houvessem chegado perto

daquela cidade; que ele nunca tivesse se tornado conhecido deles; que não houvesse sido tais línguas inúteis como Latim e Grego jamais inventadas. Ele suportou tudo isso muito silenciosamente, mas quando ela havia terminado sua invectiva contra as línguas mortas, ele calmamente retornou a exprimir, de forma breve, curta e decidida, o seu desejo de que ela devesse ir e ver Mrs. Hale à hora apontada, como mais provável de ser conveniente à inválida. Mrs. Thornton submeteu-se com tanta má vontade quanto podia ao desejo de seu filho, mas todo o tempo gostando mais dele por fazê-lo; e exagerando, em sua própria mente, a noção da extraordinária bondade da parte dele, em manutenção da perseverante amizade com os Hales.

A bondade dele à beira de tornar-se fraqueza (como acontecia a todas as mais ternas virtudes na mente dela), e seu próprio desprezo por Mr. e Mrs. Hale, e positivo desgosto por Margaret, eram as ideias que ocupavam Mrs. Thornton, até que ela fosse atingida em cheio pela sombra escura das asas do anjo da morte. Lá estava deitada Mrs. Hale — uma mãe como ela mesma — uma mulher muito mais jovem do que ela — na cama da qual não havia sinal de esperança de que ela pudesse algum dia se levantar novamente. Não havia mais variedade de luz e sombra para ela naquele escurecido quarto; nenhum poder de ação, raramente mudança de movimento; fracas alternâncias de sussurrado som e persistente silêncio; e ainda assim aquela monótona vida parecia quase intensa!

Quando Mrs. Thornton entrou, forte e próspera de vida, Mrs. Hale jazia imóvel, embora, pela expressão em seu rosto, ela estivesse evidentemente consciente de quem ela era. Mas ela não

abriu seus olhos por um minuto ou dois. A pesada umidade das lágrimas retesou seus cílios antes que ela olhasse para cima. Então, com sua mão tateando debilmente sobre os lençóis de cama, para tocar os grandes dedos firmes de Mrs. Thornton, ela disse, mal conseguindo fôlego, e Mrs. Thornton teve que se vergar de sua altivez para escutá-la:

— Margaret... a senhora tem uma filha... minha irmã está na Itália. Minha filha ficará sem uma mãe... em um lugar estranho... se eu morrer... a senhora será...

E seus membranosos olhos fixaram-se com uma intensidade de desejo no rosto de Mrs. Thornton. Por um minuto, não houve mudança em sua rigidez, ficou austero e imóvel. Não, mas os olhos da doente estavam ficando cada vez mais turvos com as lágrimas, que se acumulavam lentamente, ela poderia ter visto uma negra nuvem cruzar as frias feições. E não foi qualquer pensamento de seu filho, ou de sua filha viva, Fanny, que agitaram o coração dela, finalmente; mas uma repentina lembrança, sugerida por algo no arranjo do quarto... de uma filha pequenina... morta na infância... muitos anos atrás — que, como um repentino raio de sol, derreteu a gélida crosta, atrás da qual havia uma real terna mulher.

— A senhora deseja que eu seja uma amiga para Miss Hale — disse Mrs. Thornton, em sua comedida voz, que não suavizara como o seu coração, mas que saiu distinta e clara.

Mrs. Hale, seus olhos ainda fixos no rosto de Mrs. Thornton, pressionou a mão que estava debaixo da dela na colcha. Ela não conseguia falar. Mrs. Thornton suspirou: — Serei uma verdadeira amiga, se as circunstâncias o requererem. Não uma terna amiga. Isso eu não posso ser... — (“para ela”, Mrs. Thornton estava a ponto

de acrescentar, mas se enterneceu com a visão daquele pobre e ansioso rosto). — Não é da minha natureza demonstrar afeição mesmo onde a sinto, nem ofereço conselhos, em geral. Ainda assim, a seu pedido... se for de qualquer conforto à senhora, prometer-lhe-ei.

Então veio uma pausa. Mrs. Thornton estava muito conscienciosa para prometer o que ela não pretendia executar; e executar qualquer coisa bondosa em favor de Margaret, mais detestada neste momento do que nunca, era difícil, quase impossível.

— Eu prometo — disse ela, com uma séria severidade. Essas palavras, afinal, inspiraram a mulher moribunda a ter fé em algo mais estável do que a própria vida... oscilante, fugidia e vacilante!

— Prometo que em qualquer dificuldade na qual Miss Hale...

— Chame-a de Margaret! — arfou Mrs. Hale.

— Se *ela* vier a mim por ajuda, ajudá-la-ei com todo poder que tenho, como se ela fosse minha própria filha. Também prometo que se eu algum dia a vir fazendo o que penso ser errado...

— Mas Margaret nunca faz nada errado... não voluntariamente — suplicou Mrs. Hale.

Mrs. Thornton continuou como antes, como se não tivesse ouvido:

— Se eu algum dia a vir fazendo o que eu creio ser errado... e esse erro não tocar a mim ou aos meus, caso no qual eu possa supor ter um interessado motivo, contá-la-ei disso, fiel e claramente, como eu deveria desejar que fosse contado à minha própria filha.

Houve uma longa pausa. Mrs. Hale sentiu que essa promessa não incluía tudo; e ainda assim era muito. Havia reservas nela que

ela não compreendia, mas ela estava fraca, tonta e cansada.

Mrs. Thornton, por outro lado, estava revisando mentalmente todos os prováveis casos nos quais ela havia se comprometido em agir. Ela tinha um furioso prazer na ideia de dizer a Margaret verdades indesejáveis, na forma de desempenho do dever. Mrs. Hale recomeçou a falar:

— Eu lhe agradeço. Oro a Deus que a abençoe. Nunca hei de ver a senhora novamente neste mundo. Mas minhas últimas palavras são, agradeço-lhe à sua promessa de bondade à minha filha.

— Não bondade! — atestou Mrs. Thornton, desagradavelmente verdadeira no último instante.

Mas havendo aliviado a sua consciência dizendo essas palavras, ela não lamentou que elas não tivessem sido ouvidas. Ela apertou a suave e lânguida mão de Mrs. Hale, levantou-se e se dirigiu para fora da casa sem ver uma pessoa sequer.

Durante o tempo que Mrs. Thornton estava tendo esta entrevista com Mrs. Hale, Margaret e Dixon estavam juntando suas reflexões, e deliberando como elas deveriam manter a vinda de Frederick secreta a todos fora da casa. Uma carta dele podia agora ser esperada a qualquer momento; e ele seguramente seguiria rapidamente seu encalço. Martha devia ser mandada para longe em suas férias; Dixon devia manter austera guarda na porta da frente, admitindo apenas os poucos visitantes que já vinham à casa, e direcionando-os para o gabinete de Mr. Hale no andar de baixo. A doença extrema de Mrs. Hale dando a ela uma boa desculpa para isso. Se Mary Higgins fosse requerida como uma ajuda para Dixon na cozinha, ela deveria ver e ouvir tão pouco de Frederick quanto

possível. E, se fosse necessário, seria mencionado a ela sob o nome de Mr. Dickenson. Mas a natureza lenta e sem curiosidade dela era a maior salvaguarda de todas.

Elas decidiram que Martha deveria deixá-los naquela mesma tarde para visitar sua mãe. Margaret desejava que ela houvesse sido enviada para longe no dia anterior, já que ela imaginava que poderia ser considerado estranho, dar a uma serviçal férias, quando o estado de sua patroa requeria tanto comparecimento.

Pobre Margaret! Toda aquela tarde ela tivera que desempenhar o papel de uma filha romana, e dar ao pai um pouco da força de seu escasso estoque. Mr. Hale devia ter esperança e não se desesperar com os ataques do padecimento de sua esposa. Ele apoiava-se em cada trégua de sua dor como em uma boia, e acreditava que era o começo da absoluta recuperação. E então, quando as convulsões vinham, cada uma mais severa do que a última, surgiram novas agonias, e maiores desapontamentos para ele. Naquela tarde, ele estava sentado na sala de visitas, incapaz de suportar a solidão de seu gabinete, ou ocupar a si mesmo de qualquer outro modo. Enterrou sua cabeça em seus braços, que estavam deitados e dobrados sobre a mesa. O coração de Margaret doía ao vê-lo; ainda assim, como ele não falava, ela não gostaria de voluntariar qualquer tentativa de conforto. Martha se fora. Dixon estava sentada com Mrs. Hale enquanto ela dormia. A casa estava muito quieta e calma, e a escuridão veio, sem qualquer movimento para obter velas. Margaret estava sentada à janela, olhando para fora, para as lamparinas e a rua, mas nada vendo — apenas atenta aos pesados suspiros de seu pai. Ela não queria descer para procurar os candeeiros, com o receio de que a tácita restrição de sua presença

sendo removida, ele pudesse dar vazão à mais violenta emoção, sem ela estar ali para confortá-lo. Ainda assim ela estava apenas pensando que deveria ir e verificar o bom andamento do fogo da cozinha, que não havia ninguém senão ela mesma para comparecer, quando ela ouviu o abafado badalo da porta com tão violenta puxada que os fios chocalharam por toda a casa, embora o som absoluto não fosse alto. Ela levantou-se de um sobressalto, passou por seu pai, que sequer havia se movido àquele som amorfo e sombrio... voltou-se e o beijou ternamente. E ainda assim ele não se moveu, nem tomou qualquer nota de seu afeiçoado abraço.

Então ela desceu suavemente, pelo escuro, até a porta. Dixon haveria posto a corrente antes que a abrisse, mas Margaret não tinha um pensamento de medo em sua preocupada mente. A silhueta alta de um homem estava entre ela e a luminosa rua. Ele estava olhando para fora, mas ao som do ferrolho, ele se virou rapidamente.

— Aqui é a casa de Mr. Hale? — perguntou ele, em uma clara, plena e delicada voz. Margaret estremeceu. De início ela não respondeu, mas no momento seguinte ela falou, suspirando:

— Frederick! — e estendeu ambas as mãos para agarrar as dele e puxá-lo para dentro.

— Oh, Margaret! — disse ele, segurando-a pelos ombros, após eles se haverem beijado, como se mesmo naquela escuridão, ele conseguisse ver seu rosto, e ler em sua expressão uma resposta mais rápida à pergunta dele do que respostas podiam dar:

— Minha mãe! Ela está viva?

— Sim, ela está viva, querido, querido irmão! Ela está tão doente quanto possa estar, mas viva! Ela está viva!

— Graças a Deus! — disse ele.

— Papai está absolutamente prostrado de tristeza.

— Vocês me esperavam, não esperavam?

— Não, não recebemos nenhuma carta.

— Então cheguei antes dela. Mas minha mãe sabe que estou vindo?

— Oh! Todos nós sabíamos que você viria. Mas espere um pouco! Ande até aqui. Dê-me a sua mão. O que é isto? Oh! A sua bolsa de viagem. Dixon fechou as persianas, mas este é o gabinete de papai, e posso levá-lo até uma cadeira para descansar por uns poucos minutos, enquanto eu vou e conto a ele.

Ela tateou seu caminho até a delgada vela e fósforos lúcifer[92]. Ela repentinamente se sentiu tímida, quando a pequena débil luz os fez visíveis. Tudo o que ela pôde ver foi que o rosto de seu irmão estava incomumente moreno em compleição, e ela capturou o furtivo olhar de um par de olhos azuis memoravelmente extensos, que repentinamente tremeluziram com uma engraçada consciência do mútuo propósito deles de se inspecionarem um ao outro. Mas, embora irmão e irmã tivessem um instante de empatia em seus recíprocos olhares, eles não trocaram uma palavra; apenas, Margaret sentiu-se certa de que ela deveria gostar de seu irmão como um companheiro tanto quanto ela já o amava como um parente próximo. Seu coração estava maravilhosamente mais leve enquanto ela subia as escadas. A tristeza não era menor, na realidade, mas tornou-se menos opressiva por ter alguém que tinha com ela precisamente a mesma relação na qual ela estava. Nem a atitude esmorecida de seu pai tinha poder para abatê-la agora. Ele estava meio deitado sobre a mesa, desamparado como nunca. Mas

ela possuía o encanto por meio do qual ele despertaria. Ela o usou, talvez, demasiado violentamente em seu próprio grande alívio.

— Papai — disse ela, jogando seus braços afetuosamente ao redor do pescoço dele; levantando sua cabeça fatigada, com sua gentil firmeza, até que descansasse nos seus braços, e ela pudesse olhar nos olhos dele para transmitir força e confiança.

— Papai! Adivinhe quem está aqui!

Ele olhou para ela. Margaret viu a ideia do verdadeiro vislumbre dentro da nebulosa tristeza dos olhos dele, ser dispensada dali como uma selvagem imaginação.

Ele jogou-se para a frente, e escondeu seu rosto uma vez mais em seus braços estendidos, descansados sobre a mesa como outrora. Ela o ouviu sussurrar; ela curvou-se ternamente para ouvir.
— Não sei. Não me diga que é Frederick... não o Frederick. Não consigo suportar isso... estou muito fraco. E a mãe dele está morrendo!

Ele começou a chorar e se lamuriar como uma criança. Foi tão diferente a tudo o que Margaret havia esperado e imaginado, que ela ficou doente com o desapontamento, e ficou em silêncio por um instante. Então ela falou novamente — muito diferentemente — não tão exultantemente, muito mais terna e cuidadosamente.

— Papai, é Frederick! Pense em mamãe, quão alegre ela irá ficar! E, oh, pelo bem dela, quão alegres devemos estar! Pelo bem dele, também... nosso pobre, pobre menino!

Seu pai não mudou de atitude, mas parecia estar tentando entender o fato.

— Onde está ele? — perguntou ele, finalmente, seu rosto ainda escondido em seus prostrados braços.

— Em seu gabinete, bastante sozinho. Eu acendi a vela, e corri para cá para contar ao senhor. Ele está bastante sozinho e ficará se perguntando o porquê...

— Irei até ele — interrompeu seu pai.

Ele levantou-se e se apoiou no braço de Margaret, como no de um guia.

Margaret o conduziu à porta do gabinete, mas os ânimos dela estavam tão agitados que ela sentiu que não conseguiria suportar ver o encontro. Ela se virou, e correu escada acima, e chorou mais sinceramente. Foi a primeira vez que ela havia ousado permitir a si mesma esse alívio por dias. A tensão havia sido terrível, como ela agora sentia. Mas Frederick havia chegado! Ele, o único precioso irmão, estava lá, entre eles novamente! Ela mal conseguia acreditar nisso. Ela interrompeu seu choro, e abriu a porta de seu quarto de dormir. Não ouviu sons de vozes e quase temia que pudesse ter sonhado. Desceu as escadas, e ouviu à porta do gabinete. Escutou o zunir de vozes, e isso foi o suficiente.

Ela foi à cozinha, e agitou o fogo, iluminou a casa e preparou uma refeição leve para o viajante. Quão afortunado era que sua mãe estivesse dormindo! Ela sabia que ela dormia, pela luz da vela através da fechadura do quarto de dormir de sua mãe. O viajante poderia alimentar-se e refrescar-se, e a primeira excitação do encontro com seu pai estaria acabada, antes que sua mãe se tornasse consciente de qualquer coisa incomum.

Quando tudo estava pronto, Margaret abriu a porta do gabinete, e entrou como uma criada de mesa, com uma pesada bandeja segura por seus braços estendidos. Ela estava orgulhosa de servir Frederick. Mas ele, quando a viu, pulou em um instante, e a aliviou

de seu fardo. Foi um tipo de sinal de todo o vindouro alívio que a presença dele lhe daria. Irmão e irmã arranjaram a mesa juntos, dizendo pouco, mas suas mãos se tocando, e seus olhos falando a natural linguagem da expressão, tão inteligível àqueles de mesmo sangue. O fogo havia apagado, Margaret aplicou-se na tarefa de acendê-lo, pois as noites tinham começado a ficar geladas e, ainda assim, era desejável fazer todos os barulhos tão distante quanto possível do quarto de Mrs. Hale.

— Dixon diz que é um dom acender uma fogueira, não uma arte a ser adquirida.

— *Poeta nascitur, non fit*[93] — murmurou Mr. Hale, e Margaret estava alegre de ouvir novamente uma citação, ainda que fosse dita tão languidamente.

— Minha velha querida Dixon! Como haveremos de beijar um ao outro! — disse Frederick. — Ela costumava me beijar, e então olhar no meu rosto para ter certeza de que eu era a pessoa certa, e então me beijava novamente! Mas, Margaret, que trapalhona você é! Nunca vi mãos tão pequenas, desajeitadas e inúteis. Vá embora e lave-as, para cortar um pouco de pão com manteiga para mim, e deixe o fogo. Eu manejo isso. Acender fogueiras é um de meus talentos naturais.

Então Margaret saiu e retornou; e passou para dentro e fora do cômodo, em uma alegre inquietude que não conseguia ser satisfeita ficando sentada. Quanto mais desejos Frederick tinha, mais ela ficava agradada, e ele entendia tudo isso por instinto. Era um contentamento arrebatado do luto daquela casa, e o entusiasmo era mais pungente, porque eles sabiam, nas profundezas de seus corações, que irremediável pesar os aguardava.

Em meio a isso, ouviram os passos de Dixon nas escadas. Mr. Hale sobressaltou-se da enorme poltrona, em sua lânguida postura, da qual ele assistia suas crianças em um sonhador modo, como se elas estivessem encenando algum drama de felicidade, que era bonito de se olhar, mas que era distante da realidade, e no qual ele não tinha nenhum papel. Ele levantou-se e encarou a porta, mostrando uma ansiedade tão estranha e repentina de ocultar Frederick da vista de qualquer pessoa que entrasse, embora fosse a fiel Dixon, que um tremor perpassou Margaret, lembrando-a do novo temor em suas vidas. Ela agarrou o braço de Frederick, e o apertou com força, enquanto um austero pensamento comprimia suas sobrancelhas, e causou a cerração de seus dentes. E ainda assim eles sabiam que era apenas o passo comedido de Dixon. Eles a ouviram caminhar ao longo do corredor, para dentro da cozinha. Margaret se levantou.

— Irei a ela, e contarei. E hei de saber como está mamãe.

Mrs. Hale estava acordada. Ela deambulou de início, mas após eles lhe haverem dado um pouco de chá, ela estava recobrada, embora não disposta a falar. Era melhor que a noite devesse passar antes que fosse contado a ela da chegada de seu filho. A visita de Dr. Donaldson, marcada com antecedência, traria nervosa excitação o suficiente pela noite, e ele poderia contar a eles como a preparar para ver Frederick, que agora estava lá, na casa, e poderia ser convocado a qualquer momento.

Margaret não conseguia ficar sentada. Era um alívio para ela ajudar Dixon em todas as suas preparações para “Mestre Frederick”. Parecia como se ela nunca pudesse ficar cansada novamente. Cada vislumbre do cômodo onde ele se sentava ao lado

de seu pai, conversando com ele algo que ela não sabia, nem se importava em saber, era um ganho de força para ela. Seu próprio tempo para conversar e ouvir chegaria, afinal; e ela estava demasiado certa disso para se sentir com pressa de agarrá-lo. Ela absorveu a aparência dele e gostou. Frederick tinha feições delicadas, redimidas da efeminação pela cor morena de sua pele e pela vívida intensidade de expressão. Seus olhos eram geralmente risonhos, mas às vezes os olhos e a boca mudavam tão repentinamente, e davam a ela a ideia de tão latente paixão, que quase a amedrontavam. Mas esse olhar era apenas por um instante; e não tinha em si nenhuma obstinação, nenhuma vingança; era mais a instantânea ferocidade de expressão, que vem sobre os semblantes de todos os nativos de interiores selvagens ou sulistas — uma ferocidade que eleva o encanto da pueril suavidade, com a qual tal olhar pode ser confundido. Margaret podia temer a violência dessa natureza impulsiva, dessa forma casualmente traída, mas não havia nada nela que a tornasse suspeita, muito menos repulsiva, do recém-encontrado irmão. Pelo contrário, toda a interação deles era peculiarmente encantadora para ela desde o começo. Ela sabia, então, quanta responsabilidade ela havia tido de suportar, pela requintada sensação de alívio que sentia na presença de Frederick. Ele entendia seu pai e sua mãe — suas características e suas fraquezas, e continuou com descuidada liberdade, que era ainda delicadamente cuidadosa para não magoar ou ferir quaisquer dos sentimentos deles. Frederick parecia saber instintivamente quanto um pouco do natural brilho dos modos e da conversação dele não abalaria a profunda depressão de seu pai, ou poderia aliviar a dor de sua mãe. Sempre que houvesse estado fora de tom, e fora de

hora, sua paciente devoção e vigilância vinham à tona, e tornavam-no um admirável amo. Então Margaret ficava quase tocada a ponto de lágrimas pelas alusões que ele frequentemente fazia aos infantis dias deles em New Forest; ele não a havia esquecido — nem de Helstone — todo o tempo que ele havia estado vagueando por países distantes e entre pessoas estrangeiras. Ela podia conversar com ele do lugar antigo, e nunca temer cansá-lo. Ela havia estado com medo dele antes que ele viesse, mesmo enquanto ela tinha ansiado pela vinda dele. Sete ou oito anos tinham, ela sentiu, produzido tão grandes mudanças nela mesma que, esquecendo quanto da Margaret original restava, ela havia raciocinado que, se seus gostos e sentimentos foram tão materialmente alterados, mesmo em sua vida caseira, a selvagem carreira dele, com a qual ela tinha sido senão imperfeitamente familiarizada, devia quase ter substituído outro Frederick pelo alto mancebo em seu uniforme de aspirante, o qual ela se lembrava de ter admirado com tão respeitosa reverência. Mas, na ausência deles, eles tinham-se aproximado um ao outro em idade, tanto quanto em muitas outras coisas. E assim foi que o peso, nessa pesarosa época, foi atenuado de Margaret. Outra luz senão aquela da presença de Frederick, ela não tinha.

Por umas poucas horas, a mãe recobrou energias ao ver seu filho. Ela ficou sentada com as mãos dele nas dela; ela não se separava delas mesmo enquanto dormia; e Margaret tinha que alimentá-lo como um bebê, em vez de que ele devesse perturbar sua mãe removendo um dedo. Mrs. Hale acordou enquanto eles estavam dessa forma, engajados; ela lentamente moveu sua cabeça

no travesseiro, e sorriu para seus filhos, enquanto entendia o que eles estavam fazendo, e porque estava sendo feito.

— Sou muito egoísta — disse ela. — Mas não será por muito tempo.

Frederick debruçou-se e beijou a débil mão que aprisionava a dele.

Este estado de tranquilidade não podia perdurar por muitos dias, nem talvez por muitas horas; assim Dr. Donaldson assegurou para Margaret. Após o bondoso médico sair, ela foi furtivamente até Frederick, que, durante a visita, havia sido adjurado a permanecer calmamente oculto no salão de trás, usualmente o quarto de Dixon, mas agora concedido a ele.

Margaret contou a ele o que Dr. Donaldson disse.

— Não acredito nisso! — ele exclamou. — Ela está muito doente, pode estar perigosamente doente e em imediato perigo, também; mas não posso imaginar que ela poderia estar como está, se estivesse a ponto de morrer. Margaret! Ela deveria ter outra opinião... algum médico de Londres. Você nunca pensou nisso?

— Sim — disse Margaret. — Mais de uma vez. Mas não creio que isso lhe fizesse bem algum. E, você sabe, não temos o dinheiro para trazer qualquer grande cirurgião de Londres até aqui, e estou certa de que Dr. Donaldson está apenas em segundo lugar em habilidade comparado ao melhor, se, de fato, ele não for um deles.

Frederick começou a andar por todo o quarto, impacientemente.

— Tenho crédito em Cádiz — disse ele —, mas nenhum aqui, devido a esta desgraçada mudança de nome. Por que meu pai deixou Helstone? Isso foi um grande erro.

— Não foi nenhum grande erro — disse Margaret, melancolicamente. — E acima de todas as possíveis chances, evite deixar papai ouvir qualquer coisa como essa que acabou de dizer. Posso ver que ele já está se atormentando com a ideia de que mamãe nunca haveria estado doente se houvéssemos ficado em Helstone, e você não conhece o agonizante poder de autorreprovação de papai!

Frederick andou para longe como se estivesse no tombadilho de um navio. Finalmente ele parou bem de frente para Margaret, e olhou para sua tombada e esmorecida atitude por um instante.

— Minha pequena Margaret — disse ele, acariciando-a. — Vamos ter esperança por tanto tempo quanto pudermos. Pobre mocinha! O quê?! Este rosto está todo molhado com lágrimas? Terei esperanças, terei, a despeito de mil médicos. Resista, Margaret, e seja corajosa o suficiente para ter esperanças.

Margaret engasgou-se ao tentar falar, e quando ela o fez, foi muito baixo.

— Devo tentar ser dócil o suficiente para confiar. Oh, Frederick! Mamãe estava começando a me amar tanto! E eu estava começando a entendê-la. E agora vem a morte para nos romper em pedaços!

— Venha, venha! Vamos para o andar de cima, e fazer alguma coisa, em vez de desperdiçar tempo que pode ser tão precioso. Pensar já me deixou triste muitas vezes, querida! Mas agir, nunca o fez em toda a minha vida. Minha teoria é um tipo de paródia da máxima: “Consiga dinheiro, meu filho, honestamente se puder, mas consiga dinheiro”. Meu preceito é: “Faça alguma coisa, minha irmã,

faça o bem se você puder, mas, de qualquer forma, faça alguma coisa".

— Não excluindo travessura? — disse Margaret, sorrindo fracamente entre lágrimas.

— De modo algum. O que excluo é o remorso depois. Risque fora seus malfeitos (se você for particularmente conscienciosa), fazendo uma boa ação, tão logo você possa; exatamente como fizemos uma soma correta na lousa da escola, onde uma soma incorreta fora apenas meio apagada. Era melhor que molhar a esponja com nossas lágrimas. Tanto menor que a perda de tempo, na qual as lágrimas tinham que ser aguardadas, e um melhor efeito, finalmente.

Se Margaret considerava a teoria de Frederick um pouco rude de início, ela via como ela de fato trabalhava na contínua produção de bondade. Após uma noite ruim com sua mãe (posto que ele insistiu em tomar seu turno como amo), ele estava ocupado na manhã seguinte antes do desjejum, maquinando um descanso de pernas para Dixon, que estava começando a sentir as fadigas da vigília. À hora do desjejum, ele cativou Mr. Hale com relatos vívidos, ruidosos e descritivos da vida selvagem que ele havia levado no México, na América do Sul e outros lugares. Margaret teria desistido do esforço desesperado para despertar Mr. Hale de seu abatimento. Isso até mesmo a teria afetado e a tornado incapaz de falar de todo modo. Mas Fred, fiel à sua teoria, fazia alguma coisa perpetuamente. E falar era a única coisa a ser feita, além de comer, no desjejum.

Antes da noite daquele dia, a opinião de Dr. Donaldson foi provada ser muito bem fundamentada. Convulsões vieram, e

quando elas cessaram, Mrs. Hale estava inconsciente. Seu marido pôde deitar-se ao lado dela, sacudindo a cama com seus soluços. Os braços fortes de seu filho podiam levantá-la ternamente para uma posição confortável. As mãos de sua filha podiam banhar seu rosto, mas ela não os reconhecia. Ela nunca mais reconhecê-los-ia novamente, até que eles se encontrassem no Céu.

Antes que a manhã viesse, tudo estaria terminado.

Então Margaret se despertou de seu tremor e abatimento, e tornou-se um forte anjo de conforto para seu pai e seu irmão. Posto que Frederick tinha irrompido agora, e todas as teorias não lhe eram mais úteis. Ele chorava tão violentamente quando sozinho em seu pequeno quarto, à noite, que Margaret e Dixon desciam assustadas para avisá-lo que ficasse quieto, pois as repartições da casa eram senão finas, e os vizinhos podiam facilmente ouvir seus jovens e passionais soluços, tão diferentes da agonia lenta antes da morte, quando nos tornamos habituados ao pesar, e não ousamos rebelarmo-nos contra a inexorável maldição, conhecendo quem é que a decreta.

Margaret ficou sentada com seu pai no quarto com a morta. Se ele houvesse chorado, ela haveria sido grata. Mas ele se sentava ao lado da cama bastante quieto; apenas, de tempo em tempo, ele descobria o rosto, e o acariciava gentilmente, fazendo um tipo de suave inarticulado barulho, como aquele de alguma mãe animal acariciando sua cria. Ele não tomava nota da presença de Margaret. Uma vez ou duas ela veio para beijá-lo, e ele cedeu a isso, dando nela um pequeno empurrão depois, como se sua afeição o distraísse de sua absorção na morta. Ele sobressaltava-se quando ouvia os gritos de Frederick, e balançava sua cabeça: — Pobre

menino! Pobre menino! — ele dizia, e não tomava mais qualquer nota.

O coração de Margaret doía dentro dela. Ela não conseguia pensar em sua própria perda ao pensar no caso de seu pai. A noite se esgotara, e o dia estava à mão, quando, sem uma palavra de preparação, a voz de Margaret quebrou a quietude do quarto, com uma clareza de som que sobressaltou até ela mesma: *“Não se turbe o vosso coração”*[94], ela disse; e ela passou firmemente por todo aquele capítulo de indizível consolação.

Capítulo XXXI

‘Antigo conhecido deve ser esquecido?’[95]

“Não mostram aquelas maneiras, e todos estes semblantes,
A astúcia da serpente e a queda dos pecadores?”
— CRABBE.[96]

A fria e tiritante manhã de outubro surgiu; não a manhã de outubro do campo, com suas névoas macias e prateadas esvanecendo-se antes dos raios de sol, que acentuavam toda a beleza esplêndida das cores, mas a manhã de outubro de Milton, cujas prateadas brumas eram pesadas fumaças, e onde o sol conseguia apenas mostrar longas e sombrias ruas quando irrompia e brilhava. Margaret procedia languidamente, assistindo Dixon em sua tarefa de arranjar a casa. Seus olhos estavam continuamente turvos pelas lágrimas, mas ela não tinha tempo para dar vazão ao choro regular. O pai e o irmão dependiam dela; enquanto eles se entregavam ao pesar, ela devia estar trabalhando, planejando e ponderando. Até mesmo os arranjos necessários para o funeral pareciam ter sido delegados a ela.

Quando o fogo estava brilhante e crepitante — quando tudo parecia pronto para o desjejum, e a chaleira de chá já soava longe, Margaret deu uma última olhada pelo cômodo antes de ir convocar Mr. Hale e Frederick. Ela queria que tudo parecesse tão alegre quanto possível; e ainda assim, quando parecia, o contraste entre o ambiente e seus próprios pensamentos forçava-a a repentino

pranto. Ela estava ajoelhada ao lado do sofá, escondendo seu rosto nas almofadas para que ninguém ouvisse seu choro, quando Dixon tocou-lhe o ombro.

— Venha, Miss Hale. Venha, minha querida! A senhorita não deve se desesperar, ou o que será de todos nós? Não há outra pessoa na casa apta a dar uma direção de qualquer tipo, e há ainda tanto a ser feito. É preciso resolver quem cuidará do funeral; quem deverá ser avisado; e onde ele será realizado; tanta coisa a ser decidida, e Mestre Frederick está como um enlouquecido de tanto chorar, e o patrão nunca foi bom para decisões; e, pobre cavalheiro, anda por aí agora como se estivesse perdido. É ruim o bastante, minha querida, eu sei; mas a morte vem para todos nós, e a senhorita tem sorte de nunca ter perdido qualquer amigo até agora. Talvez sim. Mas esta é uma perda por si só, não pode ser comparada com qualquer outro evento no mundo.

Margaret não obteve qualquer conforto nas palavras de Dixon, mas a incomum ternura dos modos da empertigada e antiga serviçal tocou-lhe o coração; e, mais pelo desejo de mostrar gratidão a ela do que por qualquer outra razão, levantou-se e sorriu em resposta ao olhar ansioso de Dixon e foi dizer ao pai e ao irmão que o desjejum estava pronto.

Mr. Hale veio — como se estivesse em um sonho, ou melhor, com o movimento inconsciente de um sonâmbulo, cujos olhos e mente percebem outras coisas além do que está presente. Frederick entrou vivamente, com uma forçada animação, pegou a mão de Margaret, olhou nos seus olhos, e irrompeu em lágrimas. Ela teve que se esforçar para pensar em pequenas coisas para dizer durante todo o desjejum, a fim de prevenir que retornasse com muita força à

mente de seus companheiros a última refeição que eles tinham feito juntos, quando houve uma contínua e tensa audiência de algum som ou sinal vindo do quarto da doente.

Após o desjejum, ela resolveu falar com o pai sobre o funeral. Ele balançou a cabeça e assentiu com tudo o que ela propôs, embora muitas de suas sugestões absolutamente contradissessem uma à outra. Margaret não obteve nenhuma decisão real da parte dele; e estava deixando o cômodo languidamente, para consultar Dixon, quando Mr. Hale chamou-a de volta.

— Pergunte a Mr. Bell — disse ele, em uma voz apática.

— Mr. Bell?! — disse ela, um pouco surpresa. — Mr. Bell de Oxford?

— Mr. Bell — repetiu ele. — Sim. Ele foi meu padrinho de casamento.

Margaret entendeu a associação.

— Escreverei hoje — disse ela. E Mr. Hale afundou novamente em apatia. Durante toda a manhã ela continuou labutando, ansiando por descanso, mas em um contínuo turbilhão de negócios melancólicos.

Próximo da noite, Dixon disse a ela:

— Já está feito, Miss Hale. Eu estava realmente temerosa pelo mestre, de que ele tivesse um derrame de tanta tristeza. Ele tem estado o dia todo com a pobre patroa; e quando eu escutei à porta, o ouvi falando com ela, e conversando como se ela estivesse viva. Quando entrei, ele ficou muito quieto, mas estava como um desorientado. Então eu pensei comigo mesma, ele deveria ser desperto; e se lhe der um choque no princípio, talvez depois seja até melhor. Então fui e disse a ele que não achava seguro de que

Mestre Frederick ficasse aqui. E não acho mesmo. Foi apenas na quinta-feira, quando eu estava na rua, que encontrei um homem de Southampton, o primeiro que vejo desde que cheguei a Milton; eles não andam muito pelo Norte, penso. Bem, era o jovem Leonards, o filho do velho Leonards cortineiro, o maior patife que já viveu, que praguejou seu pai quase até a morte, e depois fugiu para o mar. Nunca consegui tolerar ele. Ele estava no Órion na mesma época que Mestre Frederick, embora eu não me lembre se ele estava lá quando houve o motim.

— Ele a reconheceu? — perguntou Margaret, ansiosamente.

— Ora, isso é o pior de tudo. Eu não acredito que ele teria me reconhecido se eu não fosse tola o suficiente a ponto de chamar o seu nome. Ele era um homem de Southampton, em um lugar estranho, ou então eu nunca teria chamado ele prontamente. Um indivíduo indecente, indigno como ele! Ele disse: “Miss Dixon! Quem teria pensado em vê-la aqui? Mas talvez eu me engane, e a senhorita não seja mais Miss Dixon?” Então eu disse a ele que ele ainda podia se dirigir a mim como uma dama solteira, embora eu tivesse tido boas chances de matrimônio se não fosse tão exigente. Ele foi polido o suficiente e disse “que não podia olhar para mim e duvidar disso”. Mas eu não seria pega nessa pilhéria por um indivíduo como ele, e foi o que lhe disse; e, por modo de ficar quite, perguntei a ele pelo seu pai (que eu sabia que o tinha posto para fora de casa), como se eles fossem os melhores amigos do mundo. Então, para me irritar, posto que a senhorita vê que estávamos ficando selvagens, para compensar as cortesias que dissemos um ao outro, ele começou a perguntar por Mestre Frederick, e disse em que complicação ele tinha se metido (como se as confusões de

Mestre Frederick algum dia fossem deixar George Leonards limpo, ou fazê-lo parecer outra coisa que não nojento e sujo), e de como Frederick seria enforcado por motim se ele algum dia fosse capturado, e como uma recompensa de cem libras tinha sido oferecida para quem o capturasse, e que desgraça isso tinha sido para a família; tudo para me irritar, a senhorita vê, minha cara, porque antes disso, no passado, eu havia ajudado o velho Mr. Leonards a dar a George uma boa avaliação, lá em Southampton. Então eu disse que havia outras famílias que ficariam gratas se pensassem que estavam ganhando a vida honestamente, como eu sabia, que teriam muito mais motivos para se envergonhar dos seus filhos, e bem longe de casa. Ao que ele respondeu, como o rapaz imprudente que ele é, que ele estava em uma missão confidencial, e se eu soubesse de qualquer jovem que tivesse sido tão infeliz a ponto de seguir um mau caminho, cheio de vícios, e quisesse se recuperar, ele não fazia nenhuma objeção a emprestar-lhe seu patrocínio. Ele, de fato! Ora, ele corromperia um santo! Eu não me sentia tão mal há anos como me senti quando estava lá conversando com ele. Eu podia ter chorado só de pensar que eu não consegui irritar ele o bastante, posto que ele continuou sorrindo para meu rosto, como se tomasse todos os meus cumprimentos a sério; e eu não percebi na hora que ele prestava atenção em tudo o que eu dizia, pelo menos enquanto eu estava furiosa com os seus discursos.

— Mas você não disse a ele qualquer coisa sobre nós, sobre Frederick?

— Não eu — disse Dixon. — Ele nunca teve a graça de perguntar onde eu estava ficando; e eu não teria dito se ele tivesse

perguntado. Nem eu perguntei qual era a sua preciosa missão. Ele estava esperando por um ônibus, que logo chegou, e ele deu sinal. Mas, para me atormentar até o fim, ele se voltou antes de entrar, e disse: “Se a senhorita quiser me ajudar a capturar o tenente Hale, Miss Dixon, seremos parceiros na recompensa. Eu sei que a senhorita gostaria de ser minha parceira, não gostaria? Não seja tímida, só diga sim”. E ele pulou no ônibus, e eu vi o rosto feio dele olhando malicioso para mim, com um sorriso perverso, pensando em como tinha dito a última palavra para me irritar.

Margaret ficou muito perturbada com o relato de Dixon.

— Você contou para Frederick? — perguntou ela.

— Não — disse Dixon. — Eu estava inquieta em minha mente sabendo que aquele maldoso Leonards estava na cidade; mas havia tantas outras coisas para pensar, que não me lembrei disso de modo algum. Mas quando eu vi o patrão sentado tão rígido, com os olhos tão vidrados e tristes, pensei que podia despertar ele ter que pensar um pouco na segurança de Mestre Frederick. Então eu disse tudo a ele, embora eu corasse em dizer como um rapaz tinha estado falando comigo. E isso fez bem a ele. E se formos manter Mestre Frederick escondido, pobre rapaz, ele teria que ir antes que Mr. Bell viesse.

— Oh, eu não estou com receio de Mr. Bell, mas tenho medo desse Leonards. Devo contar a Frederick. Como é esse Leonards?

— Um indivíduo mal-encarado, posso lhe assegurar, senhorita. Bigodes tais como eu ficaria envergonhada de usar, se fosse ele, de tão vermelhos que são! E, pelo que disse, ele estava em uma missão confidencial. E estava vestido de fustão assim como um operário.

Era evidente que Frederick deveria partir. E partir justo quando havia ocupado tão completamente seu lugar na família, e prometia ser um grande esteio e apoio para seu pai e sua irmã. Partir, quando seus cuidados para com a mãe ainda viva, e seu pesar pela sua morte, pareciam torná-lo uma daquelas pessoas peculiares, que são ligadas à família por um amor fraternal por aqueles que se foram. Enquanto Margaret estava pensando em tudo isso, sentada à lareira da sala de visitas — seu pai inquieto e apreensivo sob a pressão de seu recém-desperto medo, sobre o qual ele ainda não falara — Frederick entrou. Seu brilho esmaecera, mas a extrema violência da dor havia passado. Ele veio até Margaret e beijou sua testa.

— Quão pálida você parece, Margaret! — disse ele, em uma baixa voz. — Você tem pensado em todo mundo e ninguém tem pensado em você. Deite-se neste sofá, não há nada para você fazer.

— Isso é o pior — disse Margaret, em um triste sussurro. Mas ela foi e se deitou, e seu irmão cobriu seus pés com um xale, e então se sentou no chão ao lado dela; e os dois começaram a conversar em um tom controlado.

Margaret contou a ele tudo o que Dixon havia lhe relatado sobre sua entrevista com o jovem Leonards. Os lábios de Frederick apertaram-se com um longo sopro de desânimo.

— Eu gostaria que as coisas tivessem sido diferentes, ou que se resolvessem de uma vez. Um pior marujo nunca esteve a bordo de um navio, nem um homem pior também. Eu lhe digo, Margaret, você sabe as circunstâncias de todo caso?

— Sim, mamãe me contou.

— Bem, quando todos os marujos que serviam para alguma coisa se indignaram com nosso capitão, esse indivíduo só servia para bajular... Ah! E pensar que ele está aqui! Oh, se ele tivesse uma noção de que eu estava a vinte milhas dele, o patife me caçaria para saldar antigos ressentimentos. Eu preferiria que qualquer pessoa tivesse as cem libras que pensam que eu valho, do que aquele malandro. Que pena que a pobre e velha Dixon não pôde ser persuadida a me entregar e fazer uma provisão para sua velhice!

— Oh, Frederick, fique quieto! Não fale assim!

Mr. Hale veio na direção deles, ávido e trêmulo. Ouvira por acaso o que eles estavam dizendo. Ele tomou a mão de Frederick entre as dele: — Meu menino, você deve partir. É muito triste, mas vejo que você deve. Você fez tudo o que pôde, você foi um conforto para ela.

— Oh, papai, ele tem que ir? — disse Margaret, suplicando contra sua própria convicção daquela necessidade.

— Declaro, eu tenho em mente encarar tudo, e suportar meu julgamento. Se eu pudesse ao menos conseguir as provas! Não posso suportar a ideia de estar em poder de tal canalha como Leonards. Eu podia quase haver desfrutado, em outras circunstâncias, desta furtiva visita: tem tido todo o encanto que a mulher francesa atribui aos prazeres proibidos.

— Uma das coisas mais antigas de que me lembro — disse Margaret — foi você ter se metido em alguma grande desgraça, Fred, por roubar maçãs. Nós tínhamos muitas em casa, árvores carregadas delas; mas alguém lhe disse que fruta roubada tinha um gosto mais doce, que você tomou *au pie de la lettre*[97] e lá foi você roubar. Você não mudou muito seus sentimentos desde então.

— Sim, você deve ir — repetiu Mr. Hale, respondendo à pergunta de Margaret, que ela tinha perguntado há alguns minutos. Seus pensamentos estavam fixos apenas em uma coisa, e era um esforço para ele seguir os comentários em ziguezague de seus filhos, um esforço que ele não fez.

Margaret e Frederick se entreolharam. A rápida e momentânea simpatia não existiria mais entre eles se ele fosse embora. Tantas coisas que não podiam ser exprimidas foram compreendidas com um só olhar. Ambos seguiam o mesmo pensamento, até que ele estivesse perdido em tristeza. Frederick afastou-a primeiro:

— Sabe, Margaret, esta tarde eu estive muito perto de assustar Dixon e a mim mesmo. Eu estava no meu quarto; ouvi um badalo na porta da frente, mas pensei que a pessoa que bateu já houvesse resolvido seu assunto e ido embora há muito; então resolvi ir até o corredor, estava a ponto de fazer minha aparição, quando, ao abrir a porta do meu quarto, vi Dixon descendo as escadas. Ela franziu as sobrancelhas e me mandou me esconder novamente. Mantive a porta aberta, e a ouvi dar uma mensagem para um homem que estava no gabinete de meu pai, e que depois foi embora. Quem poderia ter sido? Algum dos lojistas?

— Muito provavelmente — disse Margaret, indiferente. — Esteve aqui um homenzinho muito calmo, que veio receber algumas ordens, aproximadamente, às duas horas.

— Mas este não era um homem pequeno, era um grande e poderoso indivíduo; e passava das quatro quando ele esteve aqui.

— Era Mr. Thornton — disse Mr. Hale.

Eles ficaram felizes por o haverem trazido para a conversação.

— Mr. Thornton! — disse Margaret, um pouco surpresa. — Eu pensei...

— Bem, pequena, o que você pensou? — perguntou Frederick, já que ela não terminara sua frase.

— Oh, apenas — disse ela, ruborizando e olhando diretamente para ele. — Eu imaginei que você houvesse falado de alguém de uma classe diferente, não um cavalheiro; alguém que viesse com uma incumbência.

— Ele parecia alguém desse tipo — disse Frederick, descuidadamente. — Eu o tomei por um lojista, e acontece que ele é um industrial.

Margaret ficou em silêncio. Ela lembrava-se de como no início, antes que ela conhecesse seu caráter, ela havia falado e pensado nele exatamente como Frederick estava fazendo. Era senão uma natural impressão causada por ele, e ainda assim ela ficou um pouco irritada com isso. Não estava disposta a falar; queria fazer Frederick entender que tipo de pessoa era Mr. Thornton, mas sua língua estava presa.

Mr. Hale continuou: — Ele veio oferecer qualquer assistência em poder dele, creio eu. Mas eu não pude vê-lo. Disse para Dixon que perguntasse a ele se ele gostaria de vê-la, Margaret, penso que pedi a ela que encontrasse você, e que você fosse recebê-lo. Não sei o que eu disse.

— Ele tem sido um conhecido muito agradável, não tem? — perguntou Frederick, lançando a pergunta como uma bola para qualquer um agarrá-la se quisesse.

— Um amigo muito bom — disse Margaret, quando seu pai não respondeu.

Frederick ficou em silêncio por um tempo. Finalmente ele falou:

— Margaret, é doloroso pensar que nunca poderei agradecer àqueles que foram bondosos com vocês. Seus conhecidos e os meus devem ficar separados. A menos, é claro, que eu corra os riscos de uma corte marcial, ou a menos que você e meu pai fossem à Espanha.

Ele atirou esta última sugestão como uma espécie de isca; e então repentinamente puxou o anzol. — Vocês não sabem como eu gostaria que fossem. Eu tenho uma boa posição, e a chance de melhorar — continuou ele, ruborizando como uma menina. —Aquela Dolores Barbour de quem eu estava lhe falando, Margaret, eu só queria que vocês a conhecessem; estou certo de que vocês gostariam; não, gostar é muito pobre, amar é a palavra; o senhor iria amá-la, pai, se a conhecesse. Ela não tem dezoito anos ainda, mas se pensar da mesma forma daqui a um ano, ela será minha esposa. Mr. Barbour não nos deixou chamar isso de noivado. Mas se vocês fossem, encontrariam amigos por toda parte, além de Dolores. Pense nisso, pai. Margaret, fique do meu lado.

— Não, nada mais de mudanças para mim — disse Mr. Hale. — Uma mudança me custou minha esposa. Mudanças em minha vida nunca mais. Ela estará aqui; e aqui ficarei o tempo que me resta.

— Oh, Frederick — disse Margaret. — Conte-nos mais sobre ela. Nunca imaginei isso; mas estou tão contente! Você terá alguém para amar e cuidar de você lá. Conte-nos tudo sobre isso.

— Em primeiro lugar, ela é uma católica romana. Essa é a única objeção que eu temia. Mas a mudança de opinião de meu pai; não, Margaret, não suspire.

Margaret teria razões para suspirar um pouco mais antes que a conversa terminasse. O próprio Frederick, na verdade, já era um católico romano, embora ainda não declarado. Era essa, então, a razão pela qual ele expressava tão fracamente, em suas cartas, a sua empatia pela extrema perturbação de Margaret por seu pai haver deixado a Igreja. Ela havia pensado que fosse a desatenção de um marujo; mas a verdade era que, até então, ele mesmo estava inclinado a desistir da forma de religião na qual ele havia sido batizado, sob pena que as opiniões dele estavam tendendo na direção exatamente oposta àquela de seu pai. Quanto o amor tinha a ver com essa mudança, nem mesmo o próprio Frederick podia dizer. Margaret afinal desistiu de falar sobre esse assunto; e, retornando ao fato do noivado, ela começou a considerá-lo sob uma luz nova:

— Mas pelo bem dela, Fred, você certamente tentará se inocentar das exageradas acusações que pesam contra você, mesmo que a acusação do motim em si seja verdadeira. Se houvesse uma corte marcial, e você pudesse encontrar suas testemunhas, você poderia, de qualquer forma, mostrar como sua desobediência à autoridade foi porque a autoridade era indignamente exercida.

Mr. Hale despertou para ouvir a resposta de seu filho.

— Em primeiro lugar, Margaret, quem irá procurar minhas testemunhas? Todos eles eram marujos e foram ordenados para outros navios, exceto aqueles cuja evidência valeria muito pouco, já que eles tomaram parte, ou simpatizaram com o caso. E depois, permita-me que lhe diga, você não sabe o que é uma corte marcial. Você a considera como uma assembleia em que a justiça é

administrada, em vez do que realmente é: uma corte na qual a autoridade pesa nove décimos na balança, e a evidência forma apenas o outro décimo. Em tais casos, a própria prova mal pode escapar de ser influenciada pelo prestígio da autoridade.

— Mas não vale tentar para ver quantas provas poderiam ser descobertas e dispostas a seu favor? No presente, todos aqueles que o conheciam anteriormente, acreditavam-no culpado sem qualquer sombra de atenuante. Você nunca tentou justificar-se, e nós nunca soubemos onde procurar provas das suas justificativas. Agora, pelo bem de Miss Barbour, torne sua conduta tão clara quanto puder aos olhos do mundo. Ela pode não se importar com isso; ela tem, estou certa, aquela confiança em você que todos nós temos; mas você não deve deixá-la se aliar a alguém sob tão séria acusação, sem mostrar ao mundo exatamente o que foi que você suportou. Você desobedeceu à autoridade, isso foi ruim; mas ter se mantido de prontidão, sem palavra ou ato, enquanto essa autoridade era brutalmente usada, teria sido infinitamente pior. As pessoas sabem o que você fez; mas não sabem os motivos que elevam isso de um crime a uma heroica proteção do fraco. Pelo bem de Dolores, eles devem saber.

— Mas como devo fazê-los saber? Não estou suficientemente certo da pureza e da justiça daqueles que seriam meus juízes, para entregar-me a uma corte marcial, mesmo que pudesse trazer todo um arranjo de testemunhas que falasse a verdade. Não posso enviar um pregoeiro por aí, para gritar alto e proclamar nas ruas o que agrada a você chamar de heroísmo. Ninguém leria um panfleto de autojustificação tanto tempo após o feito, mesmo se eu emitisse um.

— Você poderia consultar um advogado sobre suas chances de absolvição? — perguntou Margaret, olhando para ele, e corando fortemente.

— Devo primeiro conseguir meu advogado, e dar uma olhada nele, e ver se gosto dele, antes que eu possa torná-lo meu confidente. Muitos advogados sem clientes poderiam esquecer suas consciências, a ponto de pensar que poderiam conseguir cem libras muito facilmente fazendo uma boa ação, entregar a mim, um criminoso, para a justiça.

— Bobagem, Frederick! Pois eu conheço um advogado em cuja honra posso confiar; de cuja capacidade profissional as pessoas falam muito bem; e que fará, penso eu, tudo o que for possível por qualquer... qualquer parente de tia Shaw. Mr. Henry Lennox, papai.

— Penso que é uma boa ideia — disse Mr. Hale. — Mas não proponha qualquer coisa que irá deter Frederick na Inglaterra. Não, pela memória de sua mãe.

— Você poderia ir a Londres amanhã à noite em um trem noturno — continuou Margaret, animada com seu plano. — Ele deve ir amanhã, temo eu, papai — disse ela, ternamente. — Estabelecemos isso por causa de Mr. Bell e do encontro desagradável de Dixon.

— Sim, devo ir amanhã — confirmou Frederick, decididamente.

Mr. Hale grunhiu. — Não posso suportar me separar de você, e ainda assim estou desgraçado de ansiedade enquanto você estiver parado aqui.

— Bem, então — disse Margaret —, escutem meu plano. Ele chega a Londres na sexta-feira de manhã. Seria melhor que eu

desse a ele um bilhete para Mr. Lennox. Você o encontrará no gabinete dele em *Temple*.

— Vou escrever uma lista com os nomes das pessoas das quais posso me lembrar de que estavam a bordo do Órion. Eu poderia deixá-la com ele para que as descobrisse. Ele é irmão do esposo de Edith, não é? Lembro-me de você citá-lo em suas cartas. Tenho dinheiro nas mãos de Mr. Barbour. Posso pagar uma conta bem longa, se houver qualquer chance de sucesso. Dinheiro, querido pai, que eu havia mantido para um diferente propósito; então eu hei apenas de considerá-lo como emprestado.

— Você não correrá o risco, se o fizer. Aliás, será um risco, só que vale a pena tentar. Você pode partir de navio tanto de Londres quando de Liverpool?

— Certamente, pequeno ganso. Em qualquer lugar onde eu sinta água se agitando abaixo de uma prancha, lá me sinto em casa. Pegarei alguma embarcação ou outra para me levar para longe, não tema. Não ficarei vinte e quatro horas em Londres, longe de você por um lado, e de alguém por outro.

Foi antes um conforto para Margaret que Frederick olhasse, por cima dos seus ombros, enquanto ela escrevia para Mr. Lennox. Se ela não houvesse sido compelida assim a escrever de forma contínua e concisa, poderia haver hesitado a respeito de muitas palavras, e ficado confusa na escolha de várias expressões, na estranheza de ser a primeira a retomar o relacionamento, cujo término tinha sido tão desagradável para ambos os lados. Contudo, a nota lhe fora tomada antes que ela sequer tivesse tido tempo de repassá-la, e fechada dentro de um livro de bolso, de onde caiu um

longo cacho de cabelo negro, cuja visão fez com que os olhos de Frederick brilhassem de prazer.

— Você gostaria de ver isso agora, não gostaria? — perguntou ele. — Não! Você deve esperar até vê-la pessoalmente. Ela é demasiado perfeita para ser conhecida através de fragmentos. Nenhum tijolo mau será um espécime da edificação do meu palácio.

Capítulo XXXII

Infortúnios

“O quê!? Permanecer para ser denunciado, arrastado, talvez, em correntes”.

— WERNER.[98]

Todo o dia seguinte eles ficaram sentados juntos — os três. Mr. Hale mal falava, senão quando seus filhos lhe faziam perguntas e forçavam-no, por assim dizer, a voltar ao presente. O sofrimento de Frederick não era mais visto ou ouvido; o primeiro paroxismo havia passado, e agora ele se sentia envergonhado de ter se deixado aniquilar pela emoção e, embora seu pesar pela perda da mãe fosse um sentimento profundo e real, que perduraria por toda a sua vida, nunca mais deveria ser mencionado novamente. Margaret, não tão passional no princípio, estava sofrendo mais agora. Às vezes chorava bastante; e seus modos, até em falar sobre coisas indiferentes, tinham uma pesarosa ternura melancólica, que era aprofundada sempre que seus olhares caíam sobre Frederick, e ela pensava na partida dele que se aproximava rapidamente. Ao mesmo tempo que estava contente por ele estar indo, por conta de seu pai, entristecia-se por causa própria. O ansioso terror no qual Mr. Hale vivia com receio de que seu filho fosse descoberto e capturado, excedeu em muito o prazer que ele sentia com sua presença. O nervosismo havia aumentado desde a morte de Mrs. Hale, provavelmente porque ele deambulava sobre isso mais

exclusivamente. Ele sobressaltava-se com qualquer som incomum; e nunca estava confortável, a menos que Frederick se sentasse fora da visão imediata de qualquer pessoa entrando no cômodo. Perto da noite ele disse:

— Você irá com Frederick até a estação, Margaret? Vou querer saber se ele partiu com segurança. Você me trará a notícia de que ele está fora de Milton, de qualquer forma?

— Certamente — disse Margaret. — Eu gostaria de ir, se o senhor não for ficar solitário sem mim, papai.

— Não, não! Eu ficaria sempre imaginando que alguém o havia reconhecido, e que ele tinha sido preso, a menos que você possa me contar que o viu partir. E vá para a estação Outwood. É tão perto quanto, e sem tantas pessoas. Tome um coche até lá. Há menos risco de serem vistos. A que horas sai seu trem, Frederick?

— Dez minutos passados das seis; muito perto do escurecer. Então, o que vai fazer, Margaret?

— Oh, não há problema, consigo manejar isso. Estou ficando muito corajosa e muito dura. Se estiver escuro, não precisa se preocupar, pois é uma via muito bem iluminada por todo o caminho até em casa. E estive fora até bem mais tarde na semana passada.

Margaret estava grata quando a despedida terminou: a despedida da mãe morta e do pai vivo. Ela apressou Frederick para dentro do coche, a fim de encurtar a cena que ela via que era tão amargamente dolorosa para seu pai, que acompanhara o filho enquanto ele via sua mãe pela última vez. Em parte, como consequência disso, e em parte devido a um dos erros muito comuns no “Guia Ferroviário” quanto aos horários da chegada dos trens às estações menores, eles descobriram, ao chegar a

Outwood, que tinham quase dez minutos de antecedência. O guichê não estava aberto, então eles não podiam sequer pegar o tíquete. De acordo com isso, desceram o lance de escadas que levava ao subsolo da ferrovia. Havia um largo caminho de concreto cruzando diagonalmente uma área que ficava paralela à via das carruagens, e eles foram caminhar ali, lado a lado. Faziam um pequeno percurso para trás e para frente, nos poucos minutos que eles tinham de sobra.

A mão de Margaret estava pousada no braço de Frederick. Ele a segurou afetuosamente.

— Margaret! Estou indo consultar Mr. Lennox sobre a chance de me isentar dessa culpa, para que eu possa retornar à Inglaterra sempre que eu quiser, mais pelo seu bem do que pelo bem de qualquer outra pessoa. Não posso suportar pensar na posição solitária em que você ficará, se acontecer alguma coisa com nosso pai. Ele parece tristemente mudado, terrivelmente abalado. Eu queria que você o fizesse pensar no plano de Cádiz, por muitas razões. O que aconteceria com você se ele fosse levado embora? Você não tem nenhum amigo próximo. Somos curiosamente desprovidos de parentes.

Margaret mal podia evitar chorar com a terna ansiedade com a qual Frederick estava apresentando a ela um evento que ela mesma sentia não ser muito improvável, tão severamente os acontecimentos dos últimos meses tinham abatido Mr. Hale. Mas ela tentou animar-se enquanto dizia:

— Tem havido tantas inesperadas e estranhas mudanças em minha vida durante estes últimos dois anos, que sinto mais do que nunca o quanto é inútil calcular com muita exatidão o que eu deveria

fazer na ocorrência de um evento futuro. Tento pensar apenas no presente — ela pausou; eles haviam parado por um momento, próximos da área da escadaria que levava à estrada; o sol poente caía sobre seus rostos. Frederick segurou a mão dela na sua, e olhou com melancólica ansiedade para seu rosto, lendo lá mais preocupação e problema do que ela deixava entrever nas suas palavras. Ela continuou:

— Haveremos de escrever frequentemente um ao outro, e prometerei, posto que acredito que isso deixará sua mente mais tranquila, contar-lhe toda preocupação que eu tiver. Papai está — ela sobressaltou-se um pouco, um tremor que mal era visível, mas Frederick sentiu o movimento súbito da mão que ele segurava, e virou o rosto direto para a estrada, ao longo da qual um cavalheiro, montado num exuberante cavalo negro, vinha lentamente na direção exata do caminho em que eles se encontravam. Margaret curvou-se num cumprimento e sua reverência foi rigidamente retribuída.

— Quem é aquele? — indagou Frederick, quase antes de ele estar fora de alcance para não ouvir suas indagações. Margaret estava um pouco abatida, um pouco ruborizada, enquanto respondia: — Mr. Thornton; você o viu antes, você sabe.

— Apenas as costas dele. Ele não é um indivíduo muito simpático. Que carranca ele tem!

— Alguma coisa aconteceu para vexá-lo — disse Margaret, apologeticamente. — Você não o teria achado nem um pouco desinteressante se o houvesse visto com mamãe.

— Eu imagino que deva ser hora de ir e pegar meu tíquete. Se eu soubesse que estaria tão escuro, não teria mandado o coche de volta, Margaret.

— Oh, não se enerve com isso. Posso tomar um coche aqui, se eu quiser; ou voltar pela via férrea, onde há lojas, pessoas e lampiões por todo o caminho desde a estação de Milton. Não pense em mim, cuide de você mesmo. Estou doente só de pensar que Leonards pode estar no mesmo trem que você. Olhe bem no vagão antes de entrar.

Eles voltaram à estação. Margaret insistiu em entrar no saguão para comprar o bilhete, cuja parte interna era fartamente iluminada pela chama do lampião a gás. Alguns rapazes de aparência indolente estavam vagando por ali com o oficial da estação. Margaret pensou que já tinha visto o rosto de um deles, e devolveu a ele um orgulhoso olhar de ofendida dignidade pela encarada impertinente de indisfarçada admiração, e voltou apressadamente ao encontro de seu irmão, que estava em pé do lado de fora, e tomou-lhe o braço.

— Você pegou sua bolsa? Vamos caminhar por aqui na plataforma — disse ela, um pouco agitada com a ideia de tão logo ser deixada sozinha, e sua coragem esvaindo-se bem mais rápido do que ela gostaria de reconhecer até para si mesma. Ela ouviu um passo seguindo-os pelos pavilhões; parava quando eles paravam para olhar para fora ao longo da linha e ouvir o zumbido do trem que se aproximava. Eles não se falavam; seus corações estavam cheios de tristeza, em instantes o trem estaria ali e, minutos depois, ele haveria partido. Margaret quase se arrependeu da urgência com a qual ela lhe tinha suplicado que fosse para Londres, pois era aumentar o risco de que ele fosse descoberto. Se Frederick pegasse uma embarcação para a Espanha em Liverpool, poderia estar lá em duas ou três horas.

Frederick virou-se e seu rosto foi iluminado pela lamparina, onde o gás fora avivado para anunciar a chegada do trem. Um homem com trajes de um carregador ferroviário dirigiu-se para a frente; sua aparência era ruim, e parecia haver se embebedado até um estado de brutalidade, embora seus sentidos estivessem em perfeita ordem.

— Com sua licença, Miss! — disse ele, empurrando Margaret rudemente para o lado, e agarrando Frederick pelo colarinho.

— Seu nome é Hale, acredito.

Em um instante, como, Margaret não viu, posto que tudo dançasse diante de seus olhos, mas por alguma destreza de luta livre, Frederick o havia jogado para cima, e ele caiu da altura de três ou quatro pés, sobre a qual a plataforma estava elevada acima do espaço do suave chão, pelo lado da ferrovia. Lá ele ficou.

— Corra, corra! — arfou Margaret. — O trem está aqui. Era Leonards, não era? Oh, corra! Carregarei sua bolsa.

E ela o pegou pelo braço para empurrá-lo adiante com toda sua débil força. Uma porta foi aberta em um vagão, ele pulou para dentro; e quando o irmão se debruçou na janela para dizer “Deus a abençoe, Margaret!”, o trem passou veloz por ela e ela foi deixada sozinha. Estava tão terrivelmente fatigada e fraca que ficou grata por ser capaz de virar-se para a sala de espera das damas, e sentar-se por um instante.

No início ela não conseguia fazer nada senão arfar por fôlego. Foi tanta pressa, tão enjoativo alarme, tão próximo o risco. Se o trem não estivesse lá no momento, o homem teria saltado para cima novamente e chamado por assistência para prendê-lo. Ela se perguntava se o homem havia se levantado. Tentou se lembrar se o

havia visto mover-se; e imaginava se ele podia ter-se ferido seriamente. Ela aventurou-se para fora. A plataforma estava toda acesa, mas ainda bastante deserta. Ela foi até o final e observou à volta um pouco temerosa. Ninguém estava lá; Margaret ficou aliviada, sentiu-se contente de ter podido ir inspecionar, posto que, de outra forma, pensamentos terríveis teriam assombrado seus sonhos. E, mesmo assim, estava tão trêmula e assustada que sentiu que não conseguiria voltar caminhando para casa, ao longo da estrada, que parecia de fato solitária e escura, quando contemplada da estação iluminada. Esperaria até que passasse o trem para a cidade e tomaria seu assento nele. Mas, e se Leonards a reconhecesse como companheira de Frederick?! Ela espreitou ao redor, antes de se aventurar a entrar no guichê para pegar seu tíquete. Havia apenas alguns oficiais da ferrovia no lugar, conversando alto uns com os outros.

— Então Leonards andou bebendo novamente! — disse um, aparentemente uma autoridade. — Ele vai precisar de toda a influência de que ele se gaba para manter o lugar dele desta vez.

— Onde ele está? — perguntou outro, enquanto Margaret, de costas viradas para eles, contava seu troco com dedos trêmulos, não ousando se virar até que ela ouvisse a resposta para essa pergunta.

— Eu não sei. Ele entrou não faz cinco minutos, xingando terrivelmente, com uma história qualquer sobre uma queda que ele havia levado; e queria algum dinheiro emprestado de mim para ir a Londres no próximo trem. Ele me fez todos os tipos de promessas de bêbado, mas eu tinha outra coisa a fazer do que escutá-lo; eu lhe disse para ir cuidar de seus negócios e ele saiu pela porta da frente.

— Ele está no buraco mais próximo, pode apostar — disse o primeiro falante. — Seu dinheiro teria ido para lá também, se você tivesse sido tão tolo a ponto de emprestá-lo.

— Pegar a mim?! Eu sabia muito bem o que ele quis dizer com pegar o trem para Londres. Ora, ele nunca me pagou de volta aqueles cinco xelins — e assim eles continuaram.

E assim também toda a ansiedade de Margaret se dirigiu ao trem que estava para chegar. Escondeu-se mais uma vez na sala de espera de senhoras, e imaginava que cada barulho fosse os passos de Leonards, qualquer brado alto e tempestuoso era a voz dele. Mas ninguém se aproximou dela até que o trem chegasse; ocasião quando ela fora civilmente ajudada a entrar em um vagão por um carregador, para cujo rosto não ousou olhar até que o trem estivesse em movimento, e só então ela viu que não se tratava de Leonards.

Capítulo XXXIII

Paz

“Continue dormindo, meu amor, em tua cama gelada,
Para nunca ser inquietada!
Meu último boa noite — tu não hás de acordar
Até que eu tua sina hei de ultrapassar”.
— DR. KING.[99]

A casa parecia singularmente calma após todo o recente terror e tumultuada comoção. Seu pai havia acompanhado toda a preparação feita para seu descanso e conforto em seu retorno, depois se sentou novamente em sua habitual poltrona, para cair em um de seus tristes devaneios. Dixon havia tomado Mary Higgins para ter com quem ralhar e dirigir na cozinha; e sua repreensão não era menos enérgica por ser feita em furioso sussurro; posto que, falando acima de seu fôlego, ela haveria considerado irreverente, contanto que houvesse qualquer morto deitado na casa. Margaret havia decidido não mencionar ao pai o desfecho e o assustador evento do final da partida do irmão. Não havia utilidade em falar sobre isso, pois tudo tinha acabado bem; a única coisa a ser temida era o receio de que Leonards devesse de alguma forma conseguir dinheiro suficiente emprestado para efetuar seu propósito de seguir Frederick até Londres, e caçá-lo por lá. Mas havia imensas chances contra o sucesso de plano semelhante; e Margaret determinou não se atormentar pensando no que ela nada podia fazer para evitar.

Frederick estaria tanto em guarda quanto ela o pudera pôr; e, em um dia ou dois no máximo, ele estaria seguramente fora da Inglaterra.

— Suponho que teremos notícias de Mr. Bell amanhã — disse Margaret.

— Sim — respondeu seu pai. — Suponho que sim.

— Se ele puder vir, estará aqui amanhã à noite, imagino.

— Se ele não puder vir, hei de pedir a Mr. Thornton que vá comigo ao funeral. Não consigo ir sozinho. Eu entraria em colapso, absolutamente.

— Não peça a Mr. Thornton, papai. Deixe-me ir com o senhor — disse Margaret, impetuosamente.

— Você?! Minha querida, mulheres, geralmente, não vão a funerais.

— Não, porque elas não conseguem se controlar. Mulheres de nossa classe não vão, porque elas não têm poder sobre suas emoções, e ainda assim ficam envergonhadas de mostrá-las. As mulheres pobres vão, e não se importam se são vistas oprimidas pela tristeza[100]. Mas eu lhe prometo, papai, que se o senhor me deixar ir, não serei nenhum problema. Não vá ter com um estranho, e me deixar de fora, querido papai! Se Mr. Bell não puder vir, eu hei de ir. Não imporei meu desejo contra a sua vontade, se ele vier.

Mr. Bell não pôde vir. Ele estava com gota. Sua carta, contudo, era uma das mais afetuosas, e expressava grande e verdadeiro pesar por sua incapacidade em comparecer. Esperava logo vir lhes prestar uma visita, se eles pudessem recebê-lo. Sua propriedade em Milton requeria alguma atenção, e seu agente lhe tinha escrito para dizer que sua presença era absolutamente necessária; ou

então ele haveria evitado, tanto quanto pudesse, chegar perto de Milton, e agora a única coisa que o reconciliaria com essa necessária visita era a ideia de que ele devesse ver, e pudesse possivelmente confortar, seu velho amigo.

Margaret teve toda a dificuldade no mundo para persuadir seu pai a não envolver Mr. Thornton. Sentia uma indescritível repugnância diante dessa situação. Na noite anterior ao funeral, contudo, veio uma imponente nota de Mrs. Thornton endereçada a Miss Hale, dizendo que, a desejo de seu filho, a carruagem deles compareceria ao funeral, se não fosse desagradável à família. Margaret atirou o bilhete para seu pai.

— Oh, não permita essas formalidades, papai — disse ela. — Vamos sozinhos. O senhor e eu, papai. Eles não se importam conosco, ou então ele se haveria oferecido para ir ele mesmo, e não haver proposto o envio de carruagem vazia.

— Eu pensava que você fosse tão extremamente avessa à vinda dele, Margaret — disse Mr. Hale, um pouco surpreso.

— E assim sou. Não quero que ele venha de modo algum; e eu deveria especialmente desgostar da ideia de nós pedirmos isso a ele. Mas isso parece tal zombaria do luto que eu não esperava isso dele — ela sobressaltou seu pai irrompendo em lágrimas. Margaret havia estado tão subjugada em sua tristeza, tão previdente para os outros, tão gentil e paciente em todas as coisas, que agora Mr. Hale não conseguia entender seus modos inquietos. Ela parecia agitada e nervosa; e toda a ternura que seu pai, em seu turno, agora esbanjava sobre ela, só a fazia chorar mais.

Margaret passou uma noite tão ruim que estava mal preparada para a ansiedade adicional causada por uma carta recebida de

Frederick. Mr. Lennox estava fora da cidade; seu escriturário havia dito que ele retornaria na terça-feira seguinte no mais tardar, e que possivelmente estaria em casa na segunda-feira. Consequentemente, após alguma consideração, Frederick havia decidido permanecer em Londres mais um dia ou dois. Ele havia pensado em voltar a Milton; a tentação havia sido muito forte, mas a ideia de Mr. Bell socializando na casa de seu pai, e o susto que ele tinha recebido no último momento na estação ferroviária, o fizeram resolver ficar em Londres. Margaret poderia estar assegurada de que ele tomaria cada precaução contra ser rastreado por Leonards. Ela estava grata por ter recebido essa carta enquanto seu pai estava ausente no quarto de sua mãe. Se Mr. Hale houvesse estado presente, ele haveria esperado que ela a lesse em voz alta, e isso teria despertado nele um estado de alarme nervoso que ela haveria descoberto impossível de abrandar. Não havia meramente o fato, que a perturbava excessivamente, da detenção de Frederick em Londres, mas havia alusões ao reconhecimento no último momento em Milton, e à possibilidade de uma perseguição, que fez seu sangue correr frio; e como isso teria afetado seu pai? Muitas vezes Margaret se arrependera de haver sugerido e urgido o plano de consultar Mr. Lennox. Na ocasião, pareceu-lhe que a demora ocasionada nos trâmites legais seria irrelevante — e acrescentaria tão pouco às aparentemente pequenas chances de que Frederick fosse descoberto e preso; e, entretanto, tudo o que havia ocorrido desde então tornara essa decisão muito indesejável. Margaret lutou bravamente contra esse arrependimento por algo que não podia agora ser remediado; esse remorso por haver dito o que parecia certo à época, e até sábio, mas que os eventos posteriores

provaram ter sido tão tolo. Mas seu pai estava demasiado deprimido, de mente e corpo, para lutar saudavelmente. Ele sucumbiria a todas essas causas de mórbido pesar sobre o que não podia ser revogado. Margaret convocou todas as suas forças para seu auxílio. Seu pai parecia ter esquecido de que eles tinham qualquer razão para esperar uma carta de Frederick naquela manhã. Ele estava absorto em uma ideia fixa — que o último sinal visível da presença de sua esposa estava para ser tirado dele, e escondido para sempre de suas vistas. Ele tremia lamentavelmente enquanto o homem da agência funerária estava arranjando as cortinas de crepe ao redor da morta. Olhava melancolicamente para Margaret; e, quando liberado, cambaleou rumo a ela, murmurando:

— Ore por mim, Margaret. Não me restam forças. Não consigo orar. Renunciei a fé porque fui obrigado. Tentei suportar, de fato tentei. Sei que é a vontade de Deus. Mas eu não posso entender por que ela morreu. Ore por mim, Margaret, para que eu possa ter fé para orar. É uma grande dificuldade, minha criança.

Margaret sentou-se ao lado dele na carruagem, quase o apoiando em seus braços; e repetindo todos os nobres versos de sagrado conforto, ou textos expressando fiel resignação, de que ela conseguia se lembrar. Sua voz nunca vacilava; e ela mesma ganhava força fazendo isso. Os lábios de seu pai moviam-se após os seus, repetindo os bem conhecidos textos assim que ela proferia as palavras. Era terrível ver o esforço penoso e paciente de Mr. Hale, buscando uma resignação que ele não tinha força para receber no seu coração, como parte dele mesmo.

A coragem de Margaret quase se arrefeceu quando Dixon, com uma ligeira movimentação de mão, dirigiu sua atenção a Nicholas

Higgins e sua filha, parados um pouco distantes, mas profundamente atentos ao cerimonial. Nicholas usava suas roupas habituais de fustão, mas tinha um retalho de tecido preto costurado ao redor de seu chapéu — um evidente sinal de luto que ele nunca havia mostrado pela memória de sua filha Bessy. Mas Mr. Hale nada viu. Ele continuou repetindo para si mesmo, mecanicamente, por assim dizer, todo o serviço do funeral enquanto era lido pelo clérigo em ofício; ele suspirou duas ou três vezes quando tudo estava terminado; e então, pondo a mão no braço de Margaret, silenciosamente suplicou para ser conduzido para casa, como se ele estivesse cego, e ela fosse seu fiel guia.

Dixon soluçava alto; ela cobrira seu rosto com seu lenço, e estava tão absorta em seu próprio pesar que não percebeu que a multidão, atraída em tais ocasiões, estava se dispersando, até que foi abordada por alguém próximo a ela. Era Mr. Thornton. Ele havia estado presente todo o tempo, em pé, com cabeça baixa, atrás de um grupo de pessoas, de forma que, de fato, ninguém o tinha reconhecido.

— Rogo sua licença, mas a senhora pode me dizer como está Mr. Hale? E Miss Hale, também? Eu gostaria de saber como ambos estão.

— É claro, senhor. Eles estão como era de se esperar. O mestre está terrivelmente arrasado. Miss Hale está suportando melhor do que o previsto.

Mr. Thornton preferira ouvir que ela estava sofrendo a tristeza natural. Em primeiro lugar, havia egoísmo suficiente nele para sentir prazer com a suposição de que seu grande amor poderia servir de conforto e consolo para ela; muito semelhante com o tipo de prazer

passional e estranho que aguilhoa o coração de uma mãe, quando seu abatido infante se aninha próximo a ela, e fica dependente para tudo. Mas esta visão deliciosa do que poderia ter sido — em que, a despeito de toda a repulsa de Margaret, ele teria se permitido apenas poucos dias atrás — fora miseravelmente perturbada pela lembrança do que ele vira próximo à estação Outwood. “Miseravelmente perturbado!” Isso ainda era atenuar seus sentimentos. Ele foi novamente assombrado pela lembrança do bonito rapaz, com quem ela mantinha uma atitude de tão íntima confiança. A recordação o atravessava como uma lança de agonia; ele comprimiu os dedos com firmeza a fim de subjugar sua dor. Àquela hora tardia, tão longe de casa! Era necessário um grande esforço moral para encorajar a confiança dele — outrora tão perfeita — na pura e refinada postura virginal de Margaret, e na vida; tão logo seu esforço cessou, sua confiança caiu morta e impotente, e todos os tipos de fantasias selvagens perseguiam umas às outras como sonhos através de sua mente. Aqui estava uma pequena confirmação miserável, corrosiva confirmação! Ela “está suportando melhor do que o previsto” a perda da mãe. Ela tinha então alguma esperança na qual se agarrava; devia ser tão brilhante que, mesmo em sua afetuosa natureza, ela conseguia entrar para iluminar as escuras horas de uma filha recém-feita órfã. Sim! Ele sabia como ela amaria. Ele não a amara sem obter aquele instintivo conhecimento das aptidões que ela possuía. A alma dela caminharia em gloriosa luz do sol se qualquer homem fosse digno, por seu poder de amar, de ganhar de volta o amor dela. Até em seu luto ela descansaria na compaixão desse homem. De quem? Daquele outro homem. E que fosse outro, foi o bastante para fazer o rosto sério e

pálido de Mr. Thornton ficar duplamente lívido e austero à resposta de Dixon.

— Suponho que eu possa lhes fazer uma visita — disse ele, friamente. — Para Mr. Hale, quero dizer. Ele irá talvez me admitir depois de amanhã ou algo assim.

Ele falou como se a resposta lhe fosse indiferente. Mas não era assim. Por toda a sua dor, ele ansiava ver a autora daquele sofrimento. Embora ele odiasse Margaret às vezes, quando pensava naquela gentil atitude familiar e em todas as presentes circunstâncias, ele tinha um inquieto desejo de renovar a imagem dela em sua mente, uma ânsia pela própria atmosfera que ela respirava. Ele estava no Caríbdis[101] da paixão, e devia forçosamente passar de círculo em círculo, sempre mais próximo do centro fatal.

— Ouso dizer, senhor, que o mestre o receberá. Ele esteve lamentando muito por não ter podido vê-lo no outro dia, mas as circunstâncias não eram agradáveis naquela ocasião.

Por alguma razão ou outra, Dixon nunca mencionou esta entrevista que ela havia tido com Mr. Thornton para Margaret. Podia haver sido mero acaso, mas foi assim que ela nunca soube que ele havia comparecido ao funeral de sua pobre mãe.

Capítulo XXXIV

Falso e verdadeiro

“A verdade nunca, nunca te falhará!
Embora teu barco seja conduzido por vento e trovoada,
Embora cada tábua dele seja rachada e dilacerada
A verdade para sempre suportar-te-á!”
— ANÔNIMO.[102]

O “suportando melhor do que o previsto” constituía na verdade uma terrível tensão sobre Margaret. Algumas vezes ela pensava que devia dar vazão ao choro e lamentar sua agonia, quando lhe vinha de súbito o dilacerante pensamento, até mesmo durante suas aparentes conversações alegres com seu pai, de que ela não mais tinha uma mãe. Sobre Frederick, também, havia uma grande inquietude e um cessar quase definitivo das cartas de Londres. Na terça-feira, Margaret estava surpresa e desencorajada ao descobrir que ainda não havia carta. Ela estava totalmente no escuro quanto aos planos do irmão, e seu pai estava extremamente infeliz com essa incerteza. Isso rompeu o hábito ultimamente adquirido por Mr. Hale de sentar-se imóvel, junto a Margaret, em uma poltrona pela metade do dia. Em outros momentos como agora, ele mantinha-se agitado, andando por todo o cômodo; então saía dele; e ela o ouvia sobre o patamar abrindo e fechando as portas dos quartos de dormir, sem qualquer objetivo aparente. Ela tentava tranquilizá-lo lendo em voz alta; mas era evidente que ele não conseguia ouvir

por muito tempo junto a ela. Quão grata ela estava então, que houvesse mantido para si a adicional causa para ansiedade produzida pelo encontro deles com Leonards. Ficou alegre quando ouviu Mr. Thornton ser anunciado. A visita dele forçaria os pensamentos de seu pai para outro rumo.

Ele subiu direto ao encontro de seu pai, cujas mãos tomou e apertou sem uma palavra — segurando-as nas dele por um minuto ou dois, durante os quais o rosto, os olhos e o olhar dele mostravam mais compreensão do que poderia ser posto em palavras. Então ele virou-se para Margaret. Ela não parecia “melhor do que o previsto”. Sua imponente beleza estava esmaecida pelas muitas noites de vigília e pelas muitas lágrimas. A expressão em seu semblante era de tristeza suave e resignada — não de positivo sofrimento presente. Ele não pretendia cumprimentá-la senão com sua recente estudada frieza de comportamento; mas não pôde evitar aproximar-se dela – que se mantinha distante, timidamente retraída pela incerteza quanto aos seus modos recentes – e dizer-lhe as poucas, mas necessárias, palavras habituais, em tão terna voz que os olhos de Margaret se encheram de lágrimas, e ela virou-se para esconder sua comoção. Ela tomou seu trabalho e sentou-se muito calma e silenciosa. O coração de Mr. Thornton batia forte e rápido, e naquele momento ele absolutamente se esqueceu do que vira na estrada da ferrovia Outwood. Ele tentava conversar com Mr. Hale e — sendo a sua presença sempre um prazer para ele, com seu poder e decisão, assim como suas seguras opiniões, o tornava um porto seguro — era incomumente agradável para seu pai, como Margaret viu.

No momento Dixon veio à porta e disse: — Miss Hale, a senhora é requisitada.

Os modos de Dixon eram tão agitados que Margaret ficou angustiada. Algo havia acontecido com Fred. Ela não tinha dúvidas disso. Era bom que seu pai e Mr. Thornton estivessem tão entretidos na sua conversa.

— O que é, Dixon? — perguntou Margaret, assim que fechou a porta da sala de visitas.

— Venha por aqui, Miss — disse Dixon, abrindo a porta do que havia sido o quarto de dormir de Mrs. Hale, agora de Margaret, posto que seu pai se recusara a dormir lá novamente após a morte de sua esposa. — Não é nada, Miss — disse Dixon, engasgando-se um pouco. — Apenas um inspetor de polícia. Ele quer ver a senhora, Miss. Mas ouso dizer que não é sobre nada.

— Ele citou o nome de... — perguntou Margaret, hesitante, quase inaudivelmente.

— Não, Miss; ele não citou nada. Ele apenas perguntou se a senhorita morava aqui, e se ele podia falar com a senhora. Martha foi à porta e deixou *ele* entrar; ela levou *ele* até o gabinete do mestre. Eu mesma fui a ele para tentar se isso bastaria; mas não, é a senhora, Miss, que ele quer.

Margaret não falou novamente até que sua mão estivesse na fechadura da porta do gabinete. Aqui ela se virou e disse: — Cuide para que papai não desça. Mr. Thornton está com ele agora.

O inspetor ficou quase intimidado pela altivez dos seus modos quando ela entrou. Havia algo de indignação expresso no seu semblante, mas tão reprimido e controlado que deu a ela um esplêndido ar de desdém. Não havia surpresa, não havia curiosidade. Ela manteve-se de pé, esperando que ele dissesse do que se tratava. Nem uma pergunta sequer ela fez.

— Peço mil perdões, madame, mas meu dever me obriga a lhe fazer umas poucas e claras perguntas. Um homem morreu na enfermaria, em consequência de uma queda, ocorrida na estação Outwood, entre as cinco e as seis na tarde de quinta-feira, no vigésimo sexto dia. À hora, essa queda não pareceu de muita consequência; mas tornou-se fatal, os médicos dizem, pela presença de alguma doença interna, e o próprio hábito do homem de beber.

Os grandes e escuros olhos, contemplando diretamente o rosto do inspetor, dilataram-se um pouco. De outra forma não houve movimento perceptível à sua experiente observação. Seus lábios estenderam-se numa curva mais rica do que o comum, devido à forçada tensão dos músculos, mas ele não sabia qual era a aparência usual deles, a fim de reconhecer o desabituado taciturno desafio das firmes e envolventes linhas. Ela jamais titubeou ou tremeu. Olhava-o fixamente nos olhos. Então, enquanto ele pausava para continuar, ela disse, quase como se o encorajasse a contar a história: — Bem, prossiga!

— É suposto que um inquérito seja conduzido; há alguma ligeira evidência provando que o golpe, ou empurrão, ou a briga que causou a queda, foi provocado pela impertinência meio embriagada e tola deste pobre indivíduo a uma jovem dama, que caminhava com o homem que empurrou o falecido de cima da plataforma. Isso tudo foi observado por alguém na estação, que, contudo, não pensou mais sobre o assunto, já que o golpe parecia de pouca consequência. Há também alguma razão para identificar a dama com a própria senhora; caso no qual...

— Eu não estive lá — disse Margaret, ainda mantendo os olhos inexpressivos fixados no rosto dele, com o inconsciente olhar de uma sonâmbula.

O inspetor assentiu, mas nada falou. A dama diante dele não mostrava emoção, nenhum medo trêmulo, nenhuma ansiedade, nenhum desejo de terminar a entrevista. A informação que ele tinha recebido era muito vaga. Um dos carregadores, apressando-se para estar em prontidão quando o trem chegasse, havia visto uma briga, no outro extremo da plataforma, entre Leonards e um cavalheiro acompanhado por uma dama, mas não ouviu nenhum barulho; e antes que o trem tivesse entrado em plena velocidade após partir, ele havia sido quase derrubado pela precipitada corrida do enfurecido e meio intoxicado Leonards, xingando e praguejando horrivelmente. Ele não pensara mais nisso, até que a evidência dele fosse evocada pelo inspetor, que, ao fazer mais profundo inquérito na estação ferroviária, ouvira do chefe da estação que uma jovem dama e um cavalheiro tinham estado lá aproximadamente àquela hora — a dama memoravelmente bela — e soube, por assistência de algum vendeiro presente no momento, tratar-se de uma Miss Hale, vivendo em Crampton, cuja família comprava em sua loja. Não havia nenhuma certeza de que aquela dama e o cavalheiro fossem idênticos a outro par, mas havia grande probabilidade. O próprio Leonards se fora, meio louco com ódio e dor, ao palácio de gim mais próximo, em busca de conforto; e suas bêbedas palavras não haviam sido escutadas pelos ocupados criados de mesa de lá; eles, contudo, lembravam-se de ele levantar-se de um salto e amaldiçoar a si mesmo por não haver antes pensado no telégrafo elétrico, por algum propósito desconhecido; e eles acreditavam que ele saíra

com a ideia de ir lá. Em seu caminho, sobrepujado pela dor ou bebida, ele havia caído na estrada, onde a polícia o havia encontrado e levado à enfermaria. Lá ele nunca recuperou a consciência o suficiente para dar qualquer distinto relato de sua queda, embora uma vez ou duas ele tenha tido lampejos de sentido suficientes para fazer as autoridades mandarem buscar o magistrado mais próximo, na esperança de que ele pudesse ser capaz de tomar o depoimento do moribundo. Mas quando o magistrado chegou, ele estava divagando sobre estar no mar, e misturando nomes de capitães e tenentes, de forma indistinta, com aqueles de seus colegas carregadores na ferrovia; e suas últimas palavras foram uma maldição contra o “truque da Cornualha” que o tinha tornado, ele disse, mil libras mais pobre do que ele deveria ter sido. O inspetor repassou tudo em sua mente — a imprecisão da evidência para provar que Margaret havia estado na estação — a negação nada titubeante e a calma inabalável que ela dava a tal suposição. Margaret ficou esperando a próxima palavra do inspetor com uma serenidade que parecia suprema.

— Então, madame, tenho sua negação de que a senhora era a dama que acompanhava o cavalheiro que desferiu o golpe, ou deu o empurrão, que causou a morte desse pobre homem?

Uma dor rápida e aguda perpassou o cérebro de Margaret. “Oh Deus! Se eu soubesse que Frederick está seguro!” Um observador profundo dos semblantes humanos poderia ter visto a momentânea agonia que saltara de seus grandes olhos escuros, como a tortura de alguma criatura encurralada. Mas o inspetor, embora muito perspicaz, não era um observador muito profundo. Ele estava um pouco impressionado, não obstante, pela forma da resposta que

soou como uma repetição mecânica de sua primeira objeção — não alterou e nem modificou a forma a fim de se adequar à sua última pergunta.

— Eu não estava lá — disse ela, lenta e pesadamente. E durante todo esse tempo ela não piscou, ou desviou seu olhar vítreo e espectral. As sutis suspeitas do inspetor foram despertadas pelo eco sombrio da sua negação anterior. Era como se ela houvesse se forçado a uma inverdade, e estivesse atordoada a ponto de perder qualquer poder de variá-la.

Ele puxou seu livro de notas de forma bastante deliberada. Então ele olhou para ela; ela não se movera mais do que teria feito se fosse alguma grande estátua egípcia.

— Espero que a senhora não me considere impertinente quando digo que posso ter que visitá-la novamente. Posso ter que convocá-la a comparecer no inquérito e provar um álibi, se minhas testemunhas (fora apenas um homem que a reconhecera) — persistirem depondo sobre a sua presença nesse infortunado evento.

Ele olhou para ela penetrantemente. Ela ainda estava perfeitamente imóvel, nenhuma mudança de cor, ou sombra de culpa, em seu rosto orgulhoso. Ele pensou tê-la visto estremecer: ele não conhecia Margaret Hale. Ficava um pouco embaraçado por sua compostura régia. Devia tratar-se de um equívoco de identidade. Ele continuou: — É muito improvável, madame, que eu tenha que fazer qualquer coisa do tipo. Espero que a senhora me desculpe por fazer o que é apenas o meu dever, embora possa parecer impertinente.

Margaret curvou sua cabeça enquanto ele se dirigia à porta. Seus lábios estavam rígidos e secos. Não conseguia falar sequer as palavras comuns de adeus. Mas, repentinamente se adiantou, e abriu a porta do gabinete, e o precedeu levando-o à porta da casa, que ela abriu totalmente para a saída dele. Manteve seus olhos sobre ele, do mesmo modo sombrio e fixo, até que ele estivesse totalmente afastado da casa. Então fechou a porta e dirigiu-se até o meio do caminho para o gabinete; então ela retrocedeu, como se movida por algum impulso passional, e trancou a porta por dentro.

Voltou e entrou no gabinete, e parou, cambaleou para a frente, pausou novamente, oscilou por um instante onde ela estava, e caiu de bruços no chão em um morto desmaio.

Capítulo XXXV

Expiação

“Não há nada tão finamente engendrado,
Que não venha sobre ele o ensolarado”.

Mr. Thornton continuava sentado. Ele sentia que sua companhia dava prazer a Mr. Hale; e estava tocado pela desejosa súplica meio dita de que ele permanecesse um pouco mais — o lamurioso “não vá ainda”, que seu pobre amigo murmurava de tempo em tempo, o fazia permanecer. Ele indagava-se intimamente se Margaret não retornaria; contudo, não era com a intenção de vê-la que ele se demorava. Naquela hora — e na presença de alguém que estava tão minuciosamente sentindo a insignificância da Terra — ele foi razoável e controlado. Estava profundamente interessado em tudo o que o pai dela dizia:

“— Da morte, e da pesada bonança,
E da mente que se tornara embotada”.

Era curioso como a presença de Mr. Thornton tinha poder sobre Mr. Hale para fazê-lo destravar os secretos pensamentos que ele mantinha trancados até de Margaret. Fosse porque a simpatia da filha mostrar-se-ia de maneira tão vivaz, de forma tão perspicaz, que ele tinha medo da sua própria reação; fosse sua especulativa mente, que apresentava todos os tipos de dúvidas ao mesmo tempo, suplicando e gritando para serem transformadas em certezas; fosse porque ele sabia que Margaret haveria encolhido

pela expressão de quaisquer tais dúvidas — não, recuaria dele mesmo como capaz de concebê-las — qualquer que fosse a razão, ele conseguia desafogar-se melhor com Mr. Thornton do que com ela de todos os pensamentos, fantasias e medos que se haviam confinado em seu cérebro até agora. Mr. Thornton dizia muito pouco, mas cada frase que ele proferia se acrescentava à confiança e consideração de Mr. Hale por ele. Se Mr. Hale pausava para expressar alguma agonia que lhe viesse à mente, duas ou três palavras de Mr. Thornton completariam a sentença, e mostrariam quão profundamente seu significado havia sido compreendido. Fosse uma dúvida — um medo — uma errante incerteza procurando descanso, mas não encontrando nenhum — tão cegos por lágrimas estavam seus olhos — Mr. Thornton, em vez de ficar chocado, parecia haver passado por aquele mesmo estágio de pensamento ele mesmo, e conseguia sugerir onde o exato raio de luz estava para ser encontrado, que deveria tornar claros os lugares lúgubres. Homem de ação como ele era, ocupado na grande batalha do mundo, havia uma religião mais profunda ligando-o a Deus em seu coração, a despeito de sua forte obstinação, e através de todos os seus equívocos, que Mr. Hale jamais tinha sonhado. Eles nunca mais falariam sobre tais coisas, como tinha acontecido agora. Mas esta única conversa os fizera pessoas peculiares uma à outra; unindo-os de um modo que nenhuma solta e indiscriminada conversa sobre coisas sagradas jamais conseguiria alcançar. Quando todos são admitidos, como pode haver um Santo dos Santos?

E todo esse tempo, Margaret jazia tão imóvel e branca quanto a morte no chão do gabinete! Ela sucumbira sob seu árduo fardo.

Havia sido muito pesado e carregado por longo tempo; e ela, muito mansa e paciente, até que de uma vez sua fé havia cedido, embora tateasse em vão por socorro! Havia uma lamentável contração de sofrimento sobre seu lindo semblante, ainda que não houvesse nenhum outro sinal de consciência remanescente. A boca — há pouco tempo, tão taciturnamente projetada em desafio — estava relaxada e lívida.

“E par che de la sua labbia si mova
Uno spirtosoave e pien d’amore, Chi
vadicendo a l’anima: sospira!”[103]

O primeiro sintoma de que retornava à vida foi um leve tremor dos lábios — uma tênue e muda tentativa insondável de fala; mas os olhos estavam ainda fechados; e o tremor mergulhou-se em quietude. Então, debilmente, apoiando-se sobre seus braços por um instante para estabilizar-se, Margaret recobrou-se, e levantou-se. Seu pente havia caído de seu cabelo; e com um desejo intuitivo de obliterar os traços da fraqueza, e trazer-se à ordem novamente, ela procurava por ele, embora de tempo em tempo, no curso da busca, ela tivesse que se sentar e recuperar a força. Sua cabeça inclinava-se para a frente — suas mãos mansamente pousadas uma sobre a outra — ela tentava recobrar sua força de ânimo, esforçando-se para lembrar-se dos detalhes que a haviam atirado em tal medo mortal, mas não conseguia. Entendia apenas dois fatos — que Frederick havia estado em perigo de ser perseguido e detectado em Londres, não apenas culpado de um homicídio culposo, mas como o mais imperdoável líder do motim, e que ela havia mentido para salvá-lo. Havia um conforto: sua mentira o salvara, nem que fosse por ter ganhado algum tempo adicional. Se o inspetor viesse

novamente amanhã, após ela haver recebido a carta pela qual ansiava para assegurá-la da segurança de seu irmão, ela encararia sua vergonha, e suportaria sua amarga penitência — ela, a sublime Margaret — reconhecida perante uma sala de justiça, abarrotada por quem quer que fosse, mas se necessário, diria, subjugada, que ela havia agido como “um cão, e feito aquela coisa”. Mas se ele viesse antes que ela recebesse notícias de Frederick; se ele retornasse, como havia ameaçado veladamente, em poucas horas, ora!, ela diria aquela mentira novamente; embora como as palavras sairiam, após toda esta terrível pausa para reflexão e autorreprimenda, sem trair sua falsidade, ela não sabia, ela não conseguia antever. Mas sua repetição ganharia tempo, tempo para Frederick.

Ela foi desperta pela entrada de Dixon, que havia acabado de levar Mr. Thornton até a porta.

Ele mal havia dado dez passos na rua, antes que um ônibus passante parasse ao seu lado, e um homem descesse, e caminhasse até ele, tocando o chapéu num cumprimento, enquanto se aproximava. Era o inspetor de polícia.

Mr. Thornton havia obtido para ele seu primeiro cargo na polícia, e havia ouvido de tempo em tempo do progresso de seu *protégé*, mas eles nunca mais haviam se encontrado, e de início Mr. Thornton não se lembrou dele.

— Meu nome é Watson, George Watson, senhor, que o senhor conseguiu...

— Ah, sim! Eu me lembro. Ora você está ficando famoso, pelo que eu ouvi.

— Sim, senhor. Eu devo agradecer-lhe, senhor. Mas é sobre um pequeno assunto de negócios que sou tão ousado em abordar o senhor agora. Creio que o senhor foi o magistrado que compareceu para tomar o depoimento de um pobre homem que morreu na enfermaria na noite passada.

— Sim — respondeu Mr. Thornton. — Fui e ouvi algum tipo de declaração confusa, que o escriturário disse que não era de grande uso. Temo que ele fosse senão um bêbedo, embora não haja dúvida que ele veio a morrer por causa violenta, afinal. Uma das serviçais de minha mãe estava noiva dele, creio, e ela está em grande perturbação hoje. O que tem ele?

— Ora, senhor, a morte dele está estranhamente ligada com alguém da casa de onde eu vi o senhor saindo justo agora; era a de um Mr. Hale, creio eu.

— Sim! — disse Mr. Thornton, virando-se rápido e olhando no rosto do inspetor com repentino interesse. — O que tem isso?

— Ora, senhor, parece a mim que tenho uma bastante distinta cadeia de evidência, inculpando um cavalheiro que estava caminhando com Miss Hale àquela noite na estação Outwood, como o homem que golpeou ou empurrou Leonards da plataforma e assim causou sua morte. Mas a jovem dama nega que estivesse lá na hora.

— Miss Hale nega que tenha estado lá — repetiu Mr. Thornton, em uma alterada voz. — Conte-me, que noite era essa? Que horas?

— Aproximadamente às seis horas, na noite de quinta-feira, dia vinte e seis.

Eles continuaram caminhando, lado a lado, em silêncio por um minuto ou dois. O inspetor foi o primeiro a falar.

— Veja, senhor, há probabilidade de haver um inquérito judicial para investigar esse caso suspeito; e consegui um rapaz que está bastante certo, pelo menos ele estava de início, desde que ouviu da negação da jovem dama, ele diz que não gostaria de prestar juramento; mas ainda assim está bastante certo de que viu Miss Hale na estação, caminhando por lá com um cavalheiro, menos de cinco minutos antes dessa hora, quando um dos carregadores viu uma briga, que ele atribuiu um pouco à impudência de Leonards, mas que levou à queda que causou sua morte. E ao vê-lo sair da própria casa, senhor, pensei que eu poderia ter a ousadia de perguntar se... o senhor vê, é sempre desconcertante lidar com casos de disputada identidade, e não se deve gostar de duvidar da palavra de uma respeitável jovem dama, a menos que se tenha forte prova do contrário.

— E ela negou ter estado na estação àquela noite?! — repetiu Mr. Thornton, em um tom baixo, meditativo.

— Sim, senhor, duas vezes, de forma tão audível quanto possível. Eu lhe disse que deveria visitá-la novamente, mas vendo o senhor justo quando eu estava voltando de interrogar o rapaz que afirmou que era ela, pensei em pedir seu conselho, tanto como o magistrado que viu Leonards em seu leito de morte, quanto como o cavalheiro que me conseguiu meu cargo nas armadas.

— Você está bastante certo — disse Mr. Thornton. — Não tome quaisquer passos até que tenha me visto novamente.

— A jovem dama esperará que eu a visite, pelo que eu lhe disse.

— Eu só pretendo atrasá-lo em uma hora. Agora são três. Venha à minha fábrica às quatro horas.

— Muito bem, senhor!

E eles se separaram. Mr. Thornton apressou-se para a fábrica, e austeramente ordenou a seus secretários que não permitissem que ninguém o interrompesse. Fez seu caminho até sua sala privada, e trancou a porta. Então se entregou à tortura de refletir e repassar tudo em sua mente, e tentar entender cada detalhe. Como ele pôde se acalentar com a calma confiante que se refletira na sua imagem insuspeita e lacrimosa há menos de duas horas antes, ao ponto de ter se tornado fraco e apiedado o bastante para ansiar por ela, esquecido do ciúme selvagem e desconfiado que a própria visão dela — e daquele desconhecido para ele — a tal hora — em tal lugar? Como podia alguém tão pura se haver curvado de seus decorosos e nobres modos de conduzir? Mas era decoroso — era? Ele odiava-se pela ideia que se forçava sobre ele, apenas por um instante — não mais — e ainda assim, enquanto esteve presente, o arrebatava com sua antiga potência de atração pela imagem dela. E então essa mentira — quão terrível deve ter sido o temor da vergonha a ser revelada — posto que, afinal, a provocação feita por tal homem como era Leonards, quando excitado pela bebida, poderia, com toda probabilidade, ser mais do que suficiente para justificar qualquer um que avançasse para declarar as circunstâncias abertamente e sem reserva! Quão arrepiante e mortal aquele medo, que podia levar a sincera Margaret à falsidade! Ele conseguia quase se apiedar dela novamente. Qual seria o fim daquilo? Ela não poderia haver considerado tudo em que estava se envolvendo, caso houvesse um inquérito e a testemunha se apresentasse? Repentinamente ele se sobressaltou. Não deveria haver nenhum inquérito. Ele salvaria Margaret. Ele tomaria para si a

responsabilidade de impedir o inquérito, pois a razão pela qual, a incerteza do testemunho do médico (o qual ele ouvira vagamente na noite anterior, pelo cirurgião de plantão), podia ser senão duvidosa; os médicos haviam descoberto uma doença interna muito avançada; era certo de que se provaria fatal; eles haviam declarado que a morte podia ter sido acelerada pela queda, ou pela subsequente bebedeira e exposição ao frio. Se ele apenas soubesse como Margaret seria envolvida no caso — se tivesse antevisto que ela mancharia a sua pureza com uma falsidade, ele poderia tê-la salvo com uma palavra; posto que a pergunta, se haveria inquérito ou não, tinha sido posta na balança apenas na noite anterior. Miss Hale poderia amar outro — era indiferente e desdenhoso para ele — mas ainda assim lhe prestaria seus leais serviços, dos quais ela nunca deveria saber. Ele poderia desprezá-la, mas a mulher que ele havia amado uma vez deveria ser poupada da vergonha; e desonra seria comprometer a si mesma com uma mentira em uma corte pública, ou, de outra forma, suportar e reconhecer sua razão por desejar mais a escuridão do que a luz.

Mr. Thornton parecia muito austero e amargurado, enquanto passava por seus espantados funcionários. Estivera fora por cerca de meia hora e parecia um pouco menos austero quando retornou, embora sua incumbência houvesse obtido sucesso.

Ele escreveu duas linhas em uma tira de papel, a colocou em um envelope, e o selou. Isso ele deu a um de seus funcionários, dizendo:

— Marquei com Watson, aquele que era um empacotador no depósito e que entrou para a polícia, que me visitasse às quatro horas. Encontrei há pouco com um cavalheiro de Liverpool que

deseja me ver antes de deixar a cidade. Cuide de dar esta nota a Watson quando ele chegar.

A nota continha estas palavras:

“Não haverá inquérito. Evidência médica insuficiente para justificá-lo. Não tome mais nenhum passo. Não vi o legista; mas assumirei a responsabilidade”.

— Bem — pensou Watson —, isso me alivia de um desconcertante trabalho. Nenhuma de minhas testemunhas parecia certa de qualquer coisa, exceto a jovem mulher. Ela foi clara e distinta o suficiente. O carregador na ferrovia havia visto uma briga; ou quando ele a viu era provável apresentá-lo como uma testemunha, então poderia não haver sido uma briga, apenas uma pequena diversão, e Leonards podia haver saltado da plataforma ele mesmo; afinal, ele não conseguia ficar em pé firmemente. E Jennings, o empregado do merceeiro, bem, ele não estava tão ruim, mas eu duvido que eu conseguisse fazê-lo jurar, depois de ouvir que Miss Hale claramente negou. Teria sido um trabalho incômodo, sem nenhuma satisfação. E agora devo ir e contar a eles que não serão mais necessários.

Com essa intenção, ele apresentou-se novamente à casa de Mr. Hale naquela noite. O pai e Dixon haveriam de bom grado persuadido Margaret a ir dormir; mas eles, nenhum deles, sabia a razão para suas contínuas recusas a fazê-lo. Dixon havia descoberto parte da verdade, mas apenas parte. Margaret não contaria a nenhum ser humano o que havia dito, e ela não revelou o término fatal da queda de Leonards da plataforma. Então, a curiosidade de Dixon combinou-se com sua submissão para urgir com Margaret para que fosse descansar, pois a sua aparência,

enquanto ela estava largada no sofá, mostrava senão claramente demasiado que o descanso era necessário. Ela não falava, exceto quando abordada; tentava sorrir de volta em resposta aos ansiosos olhares de seu pai, que inquiriam ternamente. Mas, em vez de um sorriso, os pálidos lábios decidiram-se por um suspiro. Ele estava tão miseravelmente inquieto que, finalmente, ela consentiu em ir para seu próprio quarto, e preparar-se para dormir. Ela estava, de fato, inclinada a desistir da ideia de que o inspetor a visitaria novamente àquela noite, pois já se passava das nove horas.

Ela ficou junto ao pai, apoiando-se no espaldar de sua cadeira.

— O senhor irá dormir logo, papai, não irá? Não fique sentado aqui sozinho!

Qual foi sua resposta, ela não ouviu; as palavras foram perdidas em meio a um som muito mais baixo, que aumentava seus medos e enchia a sua mente. Houve um fraco badalo da campainha.

Ela beijou o pai e deslizou até o andar de baixo, com uma rapidez de movimento da qual ninguém a haveria julgado capaz, se a houvesse visto um minuto antes. Ela dispensou Dixon.

— Não venha; eu abrirei a porta. Eu sei que é ele... eu posso, eu mesma tenho que resolver isso.

— Como a senhora quiser, Miss! — disse Dixon, com irritação; mas no instante seguinte, ela acrescentou: — Mas a senhorita não está em condições para isso. Está mais morta que viva.

— Estou? — disse Margaret, virando-se e mostrando seus olhos iluminados por um fogo estranho, suas bochechas ruborizadas, embora seus lábios estivessem secos e lívidos ainda.

Ela abriu a porta para o inspetor, e o precedeu para dentro do gabinete. Colocou o candeeiro sobre a mesa e, com o auxílio de uma vela, o acedeu cuidadosamente, antes que se virasse e o encarasse.

— O senhor está atrasado! — disse ela. — Bem?

Ela prendeu a respiração esperando a resposta.

— Lamento lhe haver dado qualquer trabalho desnecessário, madame; posto que, afinal, eles renunciaram a qualquer ideia de conduzir um inquérito. Tive outros trabalhos para fazer e outras pessoas para ver, ou então eu deveria haver estado aqui antes de agora.

— Então está terminado? — disse Margaret. — Não haverá qualquer inquérito? — Creio que tenho uma nota de Mr. Thornton comigo — disse o inspetor, tateando seu livro de bolso.

— De Mr. Thornton?! — perguntou Margaret, surpresa.

— Sim, ele é um magistrado. Ah! Aqui está.

Ela não conseguia enxergar para lê-la, embora ela estivesse próxima à luz. As palavras dançavam diante de si. Mas ela a segurou em sua mão, e olhou para a nota como se a estivesse estudando atentamente.

— Estou certo, madame, é um grande peso tirado de minha mente; posto que as provas eram incertas, a senhora vê, de que o homem sequer tivesse mesmo recebido um golpe; e se houvesse qualquer questão de identidade, o caso se complicaria, como eu disse a Mr. Thornton.

— Mr. Thornton?! — murmurou Margaret, novamente.

— Encontrei-me com ele esta manhã, assim que ele estava saindo desta casa, e, já que ele é um antigo amigo meu, além de

ser o magistrado que viu Leonards ontem à noite, tive a ousadia de contar a ele minha dificuldade.

Margaret suspirou profundamente. Ela não queria ouvir mais nada; ela tivera medo tanto do que havia ouvido, quanto do que ainda poderia ouvir. Ela desejava que o homem se fosse. Ela forçou-se a falar.

— Obrigada por vir. Está muito tarde. Ouso dizer que já passa das dez horas. — Oh! Aqui está a nota! — ela continuou, repentinamente interpretando o significado da mão estendida para recebê-la. Ele a estava guardando, quando ela disse: — Penso que é um tipo de letra estreita e confusa. Não a consegui ler; o senhor pode apenas lê-la para mim?

Ele a leu em voz alta para ela.

— Obrigada. O senhor disse a Mr. Thornton que eu não estava lá?

— Oh, é claro, madame. Lamento agora que eu tenha agido com base em uma informação que parece ter sido tão errônea. De início o rapaz estava tão certo; e agora ele diz que teve dúvidas desde o princípio, e espera que o seu equívoco não lhe cause tanta irritação a ponto de a loja dele perder sua clientela. Boa noite, madame.

— Boa noite — ela tocou o sino para Dixon levá-lo até a porta. Quando Dixon retornou no corredor, Margaret passou rapidamente por ela.

— Está tudo bem! — disse ela, sem olhar para Dixon; e antes que a mulher pudesse segui-la com mais perguntas, ela havia corrido escada acima, entrado em seu quarto de dormir e trancado a porta.

Ela se atirou, vestida como estava, sobre sua cama. Estava demasiado exausta para pensar. Meia hora ou mais se passou antes que a desajeitada natureza de sua posição, e o frio, se sobrevindo por sua grande fadiga, tiveram o poder de despertar suas entorpecidas faculdades. Então ela começou a se lembrar, a combinar, a imaginar. A primeira ideia que se apresentou a ela foi, que todo aquele temor doentio pelo bem de Frederick estava acabado; que a tensão havia passado. A seguinte foi um desejo de lembrar cada palavra do inspetor que se relacionasse com Mr. Thornton. Quando ele o havia visto? O que ele havia dito? O que Mr. Thornton havia feito? Quais eram as palavras exatas de sua nota? E até que ela conseguisse relembrar, mesmo colocando ou omitindo algum artigo, as expressões exatas que ele usara na nota, sua mente recusava-se a continuar com seu progresso. Mas a convicção à qual ela chegou era clara o suficiente: Mr. Thornton a vira perto da estação Outwood na fatal quinta-feira à noite, e havia sido informado da negação de que ela estivera lá. Ela estava como uma mentirosa aos olhos dele. Ela era uma mentirosa! Mas, ela não tinha nenhum pensamento de penitência perante Deus; nada além do caos e da noite cercavam o único aterrador fato de que, aos olhos de Mr. Thornton, ela estava degradada. Margaret não tentou pensar em desculpas as quais apresentar. Aquilo nada tinha a ver com Mr. Thornton; ela nunca imaginou que ele, ou qualquer outra pessoa, pudesse encontrar causa para suspeitar de algo que era tão natural, como acompanhar seu irmão à estação. Mas o que era realmente falso e errado era desconhecido por ele, e ele tinha o direito de julgá-la. — Oh, Frederick! Frederick! — gritava ela —, o que eu não haveria sacrificado por você!

Até mesmo quando ela adormecera, seus pensamentos estavam compelidos a viajar o mesmo círculo, apenas com exageradas e monstruosas circunstâncias de dor.

Quando ela despertou, uma nova ideia lampejou em sua mente com todo o brilho da manhã. Mr. Thornton havia descoberto sua falsidade antes que ele fosse ao juiz; isso sugeria o pensamento de que ele havia, possivelmente, sido influenciado a assim fazê-lo com vista de poupá-la da repetição de sua negação. Mas ela afastou essa suposição para um lado com a doente obstinação de uma criança. Se assim for, ela não ia sentir nenhuma gratidão por ele, já que apenas mostrava a ela o quão fervorosamente ele devia ver que ela já estava desgraçada, antes que ele tomasse tão desnecessárias dores para poupá-la de quaisquer posteriores julgamentos de sinceridade, que já tinham falhado tão memoravelmente. Ela haveria passado por tudo aquilo — preferia cometer perjúrio para salvar Frederick, mais — muito mais — do que permitir que Mr. Thornton tivesse o conhecimento que o compelira a interferir para salvá-la. Que má sorte o levara a ter contato com o inspetor? O que o fizera ser o próprio magistrado enviado para receber o depoimento de Leonards? O que Leonards havia dito? Quanto daquilo era inteligível para Mr. Thornton, que já poderia, pelo pouco que ela sabia, estar ciente da antiga acusação contra Frederick, por meio do amigo mútuo deles, Mr. Bell? Se tinha se empenhado para salvar o filho, que veio em desafio à lei para comparecer ao leito de morte de sua mãe. E sob essa ideia ela conseguia se sentir grata — não ainda, se algum dia ela devesse, se a interferência dele houvesse sido compelida por desprezo. Oh! Tinha qualquer pessoa tão justa causa para sentir desprezo por ela?

Mr. Thornton, acima de todas as pessoas, a quem ela havia menosprezado de suas imaginárias alturas até agora! Ela repentinamente se encontrava aos pés dele, e estava estranhamente perturbada com sua queda. Ela encolhia-se de seguir as premissas à conclusão óbvia, e assim reconhecia para si mesma quanto ela valorizava o respeito e a boa opinião dele. Sempre que essa ideia se apresentava para ela, ao final de uma longa avenida de pensamentos, Margaret recusava-se a seguir aquele caminho, ela não acreditaria nele.

Era mais tarde do que ela imaginava, pois, na agitação da noite anterior, ela havia se esquecido de dar corda no relógio. Mr. Hale havia dado ordens especiais de que ela não fosse perturbada pelo usual despertar. Aos poucos, a porta abriu-se cautelosamente, e Dixon colocou sua cabeça para dentro. Percebendo que Margaret estava acordada, ela veio adiante com uma carta.

— Aqui está algo para lhe fazer bem, Miss. Uma carta de Mestre Frederick.

— Obrigada, Dixon. Como é tarde!

Ela falava muito languidamente, e permitiu que Dixon deixasse a carta sobre a coberta diante dela, sem estender uma mão para pegá-la.

— A senhora quer seu desjejum, estou certa. Vou trazer ele em um minuto. O mestre já está com a bandeja pronta, eu sei.

Margaret não respondeu; ela a deixou ir. Sentiu que devia estar sozinha antes que pudesse abrir a carta. Ela a abriu finalmente. A primeira coisa que seus olhos capturaram foi a data, dois dias antes que ela a houvesse recebido. Ele a havia então escrito quando havia prometido, e a inquietação deles poderia haver sido poupada.

Mas ela leria a carta e veria. Era apressada o suficiente, mas perfeitamente satisfatória. Ele havia visto Henry Lennox, que sabia o suficiente do caso para balançar sua cabeça, em primeira instância, e dizer a Frederick que ele havia feito uma coisa muito ousada em retornar à Inglaterra, com tal acusação, apoiada em tal poderosa influência, pesando sobre ele. Mas quando eles chegaram a conversar sobre isso, Mr. Lennox havia reconhecido que poderia haver alguma chance de absolvição, se ele pudesse senão provar as declarações dele com testemunhas críveis — que em tal caso poderia valer a pena enfrentar o julgamento, de outro modo seria um grande risco. Ele examinaria, tomaria todos os esforços. “Pareceu-me”, disse Frederick, “que sua apresentação, minha pequena irmã, fez toda a diferença. É isso mesmo? Ele fez muitos inquéritos, posso lhe assegurar. Pareceu-me um indivíduo perspicaz, inteligente, e com boa prática também, a julgar pelos sinais de ocupação e o número de escriturários ao redor dele. Mas estes podem ser apenas ardis de advogado. Consegui um lugar num navio pronto para zarpar, saio em cinco minutos. Posso ter que voltar à Inglaterra novamente por causa desse assunto, então mantenha minha visita em segredo. Hei de enviar a meu pai um raro e antigo xerez, tal como não se pode comprar na Inglaterra (tal coisa como tenho na garrafa diante de mim)! Ele precisa de alguma coisa do tipo. Mande meu terno amor para ele. Deus o abençoe. Estou certo, aqui está meu coche. P.S: Que fuga foi aquela! Cuide para que não vaze a notícia de minha estadia aqui, nem mesmo para os Shaws”.

Margaret virou o envelope; estava marcado “atrasado”. A carta provavelmente havia sido confiada a algum serviçal descuidado, que

se esquecera de postá-la. Oh! Quantas leves teias de acaso se colocam entre nós e a Tentação! Frederick havia estado a salvo, e fora da Inglaterra, vinte, não, trinta horas atrás; e fora apenas, aproximadamente, há dezessete horas que ela contara uma mentira para despistar a perseguição, que até então haveria sido em vão. Quão incrédula ela fora! Onde agora estava seu orgulhoso lema, *"Faisce que dois, advienne que pourra?"*[104]. Se ela houvesse senão ousado corajosamente contar a verdade enquanto considerasse ela mesma, desafiando-o a descobrir o que ela se recusaria a contar concernindo a outro, quão leve de coração ela estaria se sentindo agora?! Não humilhada perante Deus, como havendo falhado em confiança para com Ele; não degradada e rebaixada à vista de Mr. Thornton. Ela pegou-se com um miserável tremor. Aqui estava ela ordenando a baixa opinião dele sobre ela ao lado do desprazer de Deus. Como Mr. Thornton assombrava sua imaginação tão persistentemente? O que podia ser? Por que ela se importava com o que ele pensava, a despeito de todo o seu orgulho de si mesma? Acreditava que podia suportar o senso de desprazer do Todo Poderoso, porque Ele sabia de tudo, e podia ler o seu arrependimento, e ouvir seus gritos por ajuda em todo o tempo. Mas Mr. Thornton — por que ela tremia, e escondia seu rosto no travesseiro? Que forte sentimento a tinha sobrepujado, finalmente?

Ela saltou da cama e fez uma longa e fervorosa oração. Suavizava-a e confortava-a assim abrir seu coração. Mas tão logo revisou sua posição, viu que o espinho ainda estava lá; que ela não era boa o bastante, nem pura o suficiente, para ser indiferente à baixa opinião de semelhante criatura; que o simples pensamento de como ele devia estar considerando-a com desprezo, estava entre

ela e seu senso de transgressão. Entregou sua carta a seu pai assim que estava vestida. Havia tão pouca alusão ao susto deles na estação ferroviária, que Mr. Hale passou por ela sem prestar qualquer atenção. Na verdade, além do mero fato de Frederick haver partido sem ser descoberto ou levantado suspeita, ele não apreendeu muito da carta na hora, tão inquieto estava com a aparência lívida de Margaret. Ela parecia continuamente no ponto de prantear.

— Está tristemente abatida, Margaret. Não é de se admirar. Mas deve me permitir cuidar de você agora.

Ele a fez deitar-se no sofá e foi buscar um xale para cobri-la. Sua ternura libertou suas lágrimas, e ela chorou amargamente.

— Pobre criança! Pobre criança! — disse ele, olhando-a ternamente, enquanto ela virava o rosto para a parede, sacudida pelos soluços. Após um tempo eles cessaram, e ela começou a se perguntar se ousaria aliviar sua tristeza contando ao pai tudo o que a amargurava. Mas havia muito mais razões contra isso do que a favor. A única razão favorável era o alívio para si mesma; e contra estava o argumento de que isso acrescentaria materialmente ao nervosismo do pai, se fosse de fato necessário que Frederick viesse à Inglaterra novamente; que ele deambularia sobre a circunstância de seu filho haver causado a morte de um homem, mesmo sendo involuntariamente e a contragosto; que esse conhecimento perpetuamente recorreria para perturbá-lo, em várias formas de exagero e distorção da simples verdade. E sobre sua própria grande falta — ele ficaria perturbado além da medida com sua carência de coragem e de fé, ainda perpetuamente perturbado em encontrar desculpas para ela. Anteriormente Margaret haveria ido a ele, tanto

como sacerdote quanto como pai, para contar de sua tentação e de seu pecado. Mas ultimamente eles não conversavam tanto sobre tais assuntos; e ela não sabia como, na mudança de opinião dele, ele responderia se a profundeza de sua alma chamasse pela dele. Não! Ela manteria seu segredo e suportaria o fardo sozinha. Na solidão de seu quarto iria perante Deus e choraria por Sua absolvição. Sozinha ela suportaria sua desgraçada posição na opinião de Mr. Thornton. Ela estava indizivelmente tocada pelos ternos esforços de seu pai de pensar em alegres assuntos sobre os quais conversarem, e assim levar seus pensamentos para longe de tudo o que havia acontecido recentemente. Fazia alguns meses desde que ele estivera tão conversador como naquele dia. Ele não se deixava cansar-se, e ofendia Dixon desesperadamente insistindo em atender, ele próprio, a Margaret. Finalmente ela sorriu; um pobre, fraco e débil sorriso, mas deu a ele o mais verdadeiro prazer.

— Parece estranho pensar que o que nos dá mais esperança no futuro se chama Dolores — disse Margaret. O comentário tinha mais relação com o caráter do pai do que com a sua própria personalidade; mas hoje eles pareciam ter trocadas as naturezas.

— Sua mãe era uma espanhola, acredito, isso justifica sua religião. Seu pai era um rígido presbiteriano, mas Dolores é um nome muito bonito e suave.

— Quão jovem ela é! Mais jovem catorze meses do que eu. Apenas a idade que Edith tinha quando ficou noiva de capitão Lennox. Papai, iremos e os veremos na Espanha.

Ele balançou sua cabeça, mas disse: — Se você desejar, Margaret. Apenas nos deixe voltar para cá. Pareceria injusto, cruel com sua mãe, que sempre, temo eu, desgostava tanto de Milton, se

nós partíssemos agora que ela está enterrada aqui, e não pode ir conosco. Não, querida; você pode ir e vê-los, e me trazer de volta um relato de minha filha espanhola.

— Não, papai, não irei sem o senhor. Quem cuidará do senhor quando eu estiver fora?

— Eu deveria gostar de saber qual de nós está cuidando do outro. Mas se você fosse, eu deveria persuadir Mr. Thornton a me deixar dar a ele lições duplas. Nós trabalharíamos os clássicos de forma excepcional. Isso seria um perpétuo interesse. Você poderia prosseguir, e ver Edith em Corfu, se você quisesse.

Margaret não falou tudo de uma vez. Então ela disse bastante seriamente:

— Obrigada, papai. Mas não quero ir. Esperaremos que Mr. Lennox maneje tão bem que Frederick possa trazer Dolores para nos ver quando eles estiverem casados. E quanto a Edith, o regimento não permanecerá por muito mais tempo em Corfu. Talvez vejamos ambos aqui antes que o ano termine.

Os assuntos animados de Mr. Hale tinham chegado ao fim. Alguma dolorosa lembrança havia se esgueirado para sua mente e o colocado em silêncio. Logo Margaret disse: — Papai, o senhor viu Nicholas Higgins no funeral? Ele estava lá, e Mary também. Pobre indivíduo! Era o modo dele de mostrar condolência. Ele tem um coração afetuoso sob seus modos bruscos e ásperos.

— Estou certo disso — respondeu Mr. Hale. — Vi isso desde o início, até quando você tentou me persuadir de que ele era todos os tipos de coisas ruins. Iremos e os veremos amanhã, se você estiver forte o suficiente para caminhar tanto.

— Oh sim. Eu quero vê-los. Não pagamos Mary, ou melhor, ela se recusou a receber, Dixon diz. Iremos de modo a pegá-lo logo antes do seu jantar, e antes de ele ir para seu trabalho.

Quando a noite se aproximava, Mr. Hale disse: — Eu tinha certa expectativa de que Mr. Thornton viesse nos visitar hoje. Ele falou de um livro ontem que ele possuía, e que eu me interessei de ver. Ele disse que tentaria trazê-lo hoje.

Margaret suspirou. Ela sabia que ele não viria. Ele seria demasiado delicado para correr o risco de encontrá-la, enquanto a vergonha dela estivesse tão fresca na memória dele. A simples menção do nome dele renovou seu incômodo e produziu uma recaída daquele sentimento de exaustão e preocupação deprimida. Ela deu vazão ao apático langor. Repentinamente lhe ocorreu que essa era uma estranha maneira de mostrar sua paciência, ou recompensar seu pai por seu vigilante cuidado para com ela durante todo o dia.

Ela sentou-se e se ofereceu para ler em voz alta. Os olhos dele estavam falhando, e ele alegremente aceitou sua proposta. Ela lia bem, dava a devida ênfase às palavras, mas houvesse alguém lhe perguntado, quando ela terminou, o significado do que estivera lendo, ela não conseguiria dizer. Estava esmagada com um sentimento de ingratidão para com Mr. Thornton, já que, pela manhã, ela havia se recusado a aceitar a bondade que ele lhe havia mostrado em fazer investigações complementares junto à equipe médica, a fim de evitar que o inquérito fosse conduzido. Oh! Ela era grata! Ela havia sido covarde e falsa, e havia mostrado sua covardia e falsidade em ação que não podia ser revogada, mas ela não era ingrata.

Isso enviou um brilho ao seu coração, saber como ela podia sentir-se em relação a alguém que tinha razão para desprezá-la. A causa para o desprezo dele era tão justa, que ela o respeitaria menos se houvesse pensado que ele não sentia desprezo. Era um prazer sentir quão intensamente ela o respeitava. Ele não podia proibi-la de fazer isso; era o único conforto em toda essa agonia.

Tarde da noite, o esperado livro chegou, “com as bondosas considerações de Mr. Thornton”, e desejos de saber como Mr. Hale estava.

— Diga que estou muito melhor, Dixon, mas que Miss Hale...

— Não, papai — disse Margaret, avidamente. — Não diga nada sobre mim. Ele não perguntou.

— Minha querida criança, como você está tremendo! — disse seu pai, poucos minutos depois. — Você deve ir deitar-se imediatamente. Você ficou bastante pálida!

Margaret não se recusou a ir, embora ela estivesse relutante em deixar seu pai sozinho. Ela precisava do alívio da solicitude após um dia de ocupado pensamento, e mais ocupado arrependimento.

Mas ela parecia bem mais normal no dia seguinte; afinal, a arrastada seriedade e tristeza, e a ocasional ausência da mente, causando uma apatia, não eram sintomas antinaturais nos primeiros dias de pesar? E quase em proporção ao restabelecimento de sua saúde, ocorreu a recaída de Mr. Hale, que voltara a incorrer em seu abstrato devaneio sobre a esposa que ele havia perdido, e sobre a última fase da sua vida, a qual estava fechada para sempre.

Capítulo XXXVI

União nem sempre é a força

“Os passos das escoras, pesados e vagarosos,
Os soluços dos enlutados, profundos e silenciosos”.
— SHELLEY.[105]

À hora arranjada no dia anterior, eles saíram em sua caminhada para verem Nicholas Higgins e sua filha. Foram lembrados de sua recente perda por um estranho tipo de timidez em seus novos trajes, e pelo fato de que era a primeira vez, por muitas semanas, que eles tinham deliberadamente saído juntos. Eles andavam muito próximo um do outro em indizível compreensão.

Nicholas estava sentado ao lado da lareira em seu habitual canto, mas ele não tinha seu costumeiro cachimbo. Descansava a cabeça na mão, com o braço apoiado em um joelho. Ele não se levantou quando os viu, embora Margaret pudesse ler as boas-vindas nos olhos dele.

— Sentem-se, sentem-se. O fogo está quase no fim — disse ele, dando nele uma vigorosa estocada, como se para tirar a atenção dele mesmo. Ele estava bastante desordenado, certamente, com uma negra barba por fazer, crescida por muitos dias, deixando o rosto pálido ainda mais lívido, e uma jaqueta que deveria ter sido remendada há muito tempo.

— Pensamos que devíamos ter uma boa chance de encontrar o senhor, logo depois da hora do jantar — disse Margaret.

— Tivemos nossos pesares também, desde que o vimos — disse Mr. Hale.

— Sim, sim. Pesares é mais abundante que jantares agora, avalio. Minha hora de jantar agora se estende por todo o dia; é bem certo de me encontrar por aqui.

— O senhor está sem trabalho? — perguntou Margaret.

— Sim — ele respondeu, curtamente. Então, após o silêncio de um momento, ele acrescentou, olhando para cima pela primeira vez: — Não estou querendo cobres. Não pensem nisso. Bess, pobre menina, tinha um pequeno estoque debaixo de seu travesseiro, pronta para colocar em minha mão, no último momento, e Mary está cortando fustão. Mas estou sem trabalho do mesmo jeito.

— Devemos algum dinheiro a Mary — disse Mr. Hale, antes que a aguda pressão de Margaret no braço dele pudesse deter as palavras.

— Se ela aceitar, coloco ela para fora de casa. Eu morarei dentro destas quatro paredes, e ela morará fora. Isso é tudo.

— Mas devemos a ela muitos agradecimentos pelo seu bom serviço — começou Mr. Hale novamente.

— Eu nunca agradeci sua filha aí pelos atos dela de amor à minha pobre diaba. Nunca pude encontrar as palavras. Tenho que começar e tentar agora, se o senhor começar a fazer alvoroço só porque a pequena Mary pôde servir a vocês.

— É por causa da greve que o senhor está sem trabalho? — perguntou Margaret, gentilmente.

— A greve acabou. Está acabada por este tempo. Estou sem trabalho porque nunca fui pedir. E nunca fui pedir, porque palavras boas são escassas, e palavras ruins são abundantes.

Ele estava em humor de tomar por um prazer ranzinza dar respostas em forma de charadas. Mas Margaret notou que ele gostaria de ser convidado a dar uma explicação.

— E palavras boas são...?

— Pedir trabalho. Avalio que elas são quase as melhores palavras que os homens podem dizer. “Dê trabalho para mim” significa “e eu vou fazer ele como um homem”. Estas são as palavras boas.

— E as palavras ruins são recusar trabalho quando o senhor o pede.

— Sim. Palavras ruins é dizer: “Ah, meu fino rapaz! Você foi fiel à sua ordem, e eu vou ser fiel à minha. Você fez o melhor que pôde por eles enquanto queriam ajuda; esse é seu modo de ser fiel ao seu tipo; e eu vou ser fiel ao meu. Você tem sido um pobre tolo, como não sabia mais nem ser um verdadeiro tolo fiel. Então vá e que o diabo lhe carregue. Não tem trabalho para você aqui”. Essas são as más palavras. Não sou um tolo; e se eu fosse, o pessoal devia ter me ensinado a ser sábio do jeito deles. Podia acontecer de eu aprender, se qualquer um tivesse tentado me ensinar.

— Não valeria a pena — disse Mr. Hale — perguntar ao seu antigo mestre se ele o tomaria de volta novamente? Poderia ser uma pobre chance, mas seria uma possibilidade.

Ele olhou para cima novamente, com um olhar penetrante em direção ao cavalheiro, e então insinuou um riso baixo e amargo.

— Mestre, se não for ofensa, vou fazer uma pergunta ou duas por vez.

— Fique muito à vontade — disse Mr. Hale.

— Avalio que o senhor tenha algum caminho de ganhar seu pão. Pessoas raramente *mora* em Milton só por prazer, se elas *puder* morar em outro lugar.

— O senhor está bastante certo. Tenho uma renda independente, mas minha intenção em estabelecer-me em Milton era a de me tornar um tutor privado.

— Ensinar pessoas. Bem! Avalio que pagam para ensinar *eles*, não pagam?

— Sim — respondeu Mr. Hale, sorrindo. — Ensino a fim de ser pago.

— E eles que pagam, eles dizem o que fazer, ou o que não fazer, com o dinheiro que eles dão ao senhor pelo justo pagamento por seus esforços, como uma justa troca?

— Não; certamente não!

— Eles não dizem: “Você pode ter um irmão, ou um amigo tão querido quanto um irmão, que quer este cobre aqui para um propósito que você e ele pensam certo; mas você deve prometer não dar a ele. Você pode ver um bom uso, se pensar, para empregar seu dinheiro; mas não pensamos que seja bom, e então se você gastar *ele* com isso, nós apenas deixaremos você de lado”. Eles não dizem isso, dizem?

— Não; certamente não!

— O senhor aguentaria se dissessem?

— Teria que ser uma pressão muito forte, para me fazer, sequer, pensar em me submeter a tal autoritarismo.

— Não tem pressão em toda a ampla Terra que me fizesse — disse Nicholas Higgins. — Agora o senhor entendeu. O senhor atingiu o alvo. A usina do Hamper, lá era onde eu trabalhava, faz os

homens deles jurarem por eles mesmos que eles não vão dar um *penny* para ajudar o sindicato ou evitar que os grevistas morram de fome. Eles podem jurar e jurar — continuou ele, desdenhosamente. — Eles só fazem mentirosos e hipócritas. E isso é um pecado menor, em minha mente, fazer os corações dos homens tão duros que eles não façam uma caridade para aqueles que precisam, ou ajudar na certa e justa causa, embora vá contra a mão forte. Mas eu nunca vou renegar a *eu* mesmo por todo o trabalho que o rei pudesse me dar. Sou um membro do sindicato; e penso que é a única coisa a fazer qualquer bem aos operários. E eu tenho sido um grevista, e sei o que é passar fome; então se eu conseguir um xelim, seis *pence* irá para eles se eles me pedirem. A consequência é, não sei onde vou conseguir um xelim.

— Esta regra sobre não contribuir com o sindicato está em vigor em todas as usinas? — perguntou Margaret.

— Não sei dizer. Tem um novo regulamento agora; e avalio que eles vai descobrir que não podem cumprir *ele*. Mas está em vigor agora. Pouco a pouco eles vai descobrir, tiranos fazem mentirosos.

Houve uma pequena pausa. Margaret estava hesitante se ela deveria dizer o que estava em sua mente; ela estava indisposta a irritar alguém que já estava carregado e abatido o suficiente. Finalmente, falou. Mas seu tom de voz era suave e seus modos relutantes, mostrando que ela não desejava dizer qualquer coisa desagradável; não pareceu irritar Higgins, apenas deixá-lo desconcertado.

— O senhor se lembra do pobre Boucher dizendo que o sindicato era um tirano? Acho que ele disse que era o pior tirano de todos. E lembro-me que à época concordei com ele.

Passou muito tempo antes que ele respondesse. Ele estava descansando sua cabeça em suas duas mãos, e olhando para o fogo, então ela não conseguia ler a expressão em seu rosto.

— Não vou negar senão o que o sindicato acha necessário para forçar um homem para o seu próprio bem. Vou falar a verdade: um operário leva uma vida difícil, mesmo no sindicato. Mas uma vez que entra, os interesses dele são cuidados de uma forma melhor do que ele pudesse fazer por si mesmo, ou sozinho, no caso. É o único modo pelo qual os trabalhadores podem conseguir seus direitos, ficando juntos. Quanto mais membros, mais chances para cada homem separado ter a justiça feita para ele. O governo cuida dos tolos e loucos; e se qualquer homem estiver inclinado a fazer a ele mesmo ou a seus vizinhos uma injúria, ele coloca uma marca nele, quer ele goste ou não. Isso é tudo o que fazemos no sindicato. Não podemos colocar gente na prisão; mas podemos fazer a vida de um homem tão pesada para ser aguentada que ele é obrigado a entrar, e ser sábio e prestativo a despeito de si mesmo. Boucher foi um tolo o tempo todo, e nunca um tolo pior que no final.

— Ele lhe fez dano? — perguntou Margaret.

— Sim, isso ele fez. Tivemos a opinião pública do nosso lado, até que ele e o tipo dele *começou* a tumultuar e violar a lei. E tudo acabou com a greve então.

— Então não haveria sido muito melhor tê-lo deixado sozinho, e não o forçado a juntar-se ao sindicato? Ele não lhe fez bem; e o senhor o enlouqueceu.

— Margaret — disse seu pai, em um baixo e preventivo tom, posto que ele viu a nuvem se formando no rosto de Higgins.

— Eu gosto dela — disse Higgins, repentinamente. — Ela fala claro o que está na mente dela. Ela não compreende o sindicato por tudo isso. É um grande poder: é nosso único poder. Eu tinha lido um pouco de poesia sobre um arado passando por cima de uma margarida, que fez lágrimas *descer* de meus olhos, antes que eu tivesse qualquer outra causa para chorar. Mas o rapaz nunca parava de dirigir a charrua, eu garanto, por mais que estivesse com pena da margarida. Ele tinha muita sagacidade para isso. O sindicato é o arado, deixando pronta a terra para a época da colheita. Tais como Boucher, seria elevar *ele* muito comparar *ele* com uma margarida; ele é mais como uma erva daninha se espalhando pelo chão, basta convencer *eles* a deixar *eles* fora do caminho. Estou muito vexado com ele justo agora. Então, pode acontecer que eu não esteja sendo justo com ele. Eu mesmo podia passar por cima dele com um arado, com todo o prazer na vida.

— Por quê? O que ele tem feito? Alguma novidade? — perguntou Margaret.

— Sim, certamente. Ele nunca está longe de encrenca, aquele homem. Primeiro, ele se enfureceu como um doido tolo, e saiu e se envolveu em motim. Depois, sem alternativa, se escondeu, e ainda estaria escondido, se Thornton tivesse seguido *ele* como eu esperava que ele fizesse. Mas Thornton, tendo conseguido seu próprio propósito, não se importou de continuar com a acusação pela arruaça. Então Boucher escapuliu de volta para casa. Não mostrou a cara na rua por um dia ou dois. Ele teve essa graça. E então, onde a senhora pensa que ele foi? Ora, para Hamper. Maldito seja! Ele foi com sua cara de fala mansa, que me dá nojo só de olhar, pedindo trabalho, embora ele soubesse bem o suficiente da

nova regra, de jurarem por si mesmos que não dessem nada para os sindicatos; nada para ajudar o grevista faminto! Ora, ele teria passado fome até a morte, se o sindicato não tivesse ajudado ele em seu aperto. Lá se foi ele, prometendo tudo e jurando por ele mesmo, e relatando tudo o que ele sabia sobre nossos procedimentos, o Judas imprestável! Mas vou dizer isso para Hamper, e agradecer isso até no dia de minha morte, ele expulsou Boucher e não quis escutar *ele*, nem uma palavra, embora o pessoal que estava lá dissesse que o traidor chorava como um bebê!

— Oh! Quão chocante! Quão lamentável! — exclamou Margaret. — Higgins, não estou reconhecendo o senhor hoje. Não vê que foi o senhor que transformou Boucher no que ele é, colocando-o no sindicato contra a vontade dele, sem que seu coração aceitasse? O senhor fez dele o que ele é!

— Fez dele o que ele é?! O que ele era?

Aglomerando-se, aglomerando-se pela estreita rua, veio um oco e cadenciado som; agora se forçando sobre a atenção deles. No som de muitas vozes, silenciadas e baixas, ouvia-se muitos passos que se movimentavam sem qualquer rapidez ou estabilidade, era como se circundassem ao redor de um ponto. Sim, havia um som mais distinto, um lento tropel de passos pesados, que se fez um claro caminho através do ar, e alcançou seus expectantes ouvidos: um comedido laborado caminhar de homens carregando um pesado fardo. Eles todos foram atraídos até a porta da casa por algum irresistível impulso; impelidos até lá — não por mera curiosidade, mas como por alguma comoção solene.

Seis homens caminhavam no meio da estrada, três deles policiais. Eles carregavam nos ombros uma porta, tirada de suas dobradiças, sobre a qual deitava alguma criatura humana morta; e de cada lado da porta havia constantes gotejares. Toda a rua saiu para ver, e, vendo, acompanhavam a procissão, cada um questionando os carregadores, que, afinal, respondiam quase relutantemente, tão frequentemente tinham contado a mesma história.

— Nós encontramos *ele* no córrego no campo ao longe.

— O córrego?! Ora, não há água o suficiente para afogar *ele*!

— Ele era um rapaz determinado. Ele se deitou com o rosto para baixo. Ele estava cansado o suficiente de viver, escolha a causa que quiser para ele ter feito isso.

Higgins esgueirou-se para o lado de Margaret, e disse em um fraco estridente tipo de voz: — Não é John Boucher? Ele não tinha coragem suficiente. Claro! Não é John Boucher! Ora, eles estão olhando para cá! Escute! Tenho um zumbido em minha cabeça, e não consigo ouvir.

Eles desceram a porta cuidadosamente sobre as pedras, e todos puderam ver o pobre afogado desgraçado, seus vítreos olhos, um meio aberto, encarando o céu. Devido à posição na qual ele havia sido encontrado deitado, seu rosto estava inchado e descolorido também, sua pele estava manchada pela água no riacho, que havia sido usada para propósitos de tingimento. A parte de cima de sua cabeça estava calva; mas o cabelo crescia ralo e longo atrás, e a água escorria por cada uma de suas mechas. Por meio de todas essas desfigurações, Margaret reconhecia John Boucher. Parecia a ela tão sacrílego espreitar aquele pobre

distorcido e agonizado rosto, que, por um lampejo de instinto, ela foi adiante e suavemente cobriu o semblante do homem morto com seu lenço. Os olhos que a viram fazer isso a seguiram, enquanto ela se virava para longe de seu ato piedoso, e foram assim levados ao lugar onde Nicholas Higgins estava, como alguém enraizado no chão. Os homens falaram juntos, e então um deles veio até Higgins, que teria de bom grado encolhido de volta para dentro da casa.

— Higgins, tu *conhecias* ele! Tu deves ir dizer à esposa. Faça gentilmente, homem, mas faça rápido, posto que não podemos deixar ele aqui por muito tempo.

— Não posso ir — disse Higgins. — Não me peçam isso. Não posso encarar *ela*.

— Tu *conheces* ela melhor — disse o homem. — Fizemos muito trazendo *ele* até aqui. Tu tomarás tua parte.

— Não consigo — disse Higgins. — Já estou caído só de ver. Nós *não era* amigo; e agora ele está morto.

— Bem, se tu não vais, não vais. Alguém deve, contudo. Foi uma difícil tarefa; mas é um risco, cada minuto, que ela ouça sobre isso de algum modo mais duro. Seria melhor que uma pessoa fosse e *deixasse ela* a par disso aos poucos, por assim dizer.

— Papai, vá o senhor — disse Margaret, em uma baixa voz.

— Se eu pudesse, se eu tivesse tempo para pensar melhor numa forma de contar, mas assim de uma vez... — Margaret viu que seu pai era de fato incapaz. Ele estava tremendo da cabeça aos pés.

— Eu irei — disse ela.

— Deus abençoe, Miss, vai ser um bondoso ato, posto que ela não é mais do que um corpo doente, ouvi dizer, e poucos aqui

sabem muito sobre ela.

Margaret bateu na porta fechada, mas havia tal barulho, como o de muitas pequenas crianças desordenadas, que ela não pôde ouvir resposta; de fato, ela duvidava se fora ouvida, e como cada momento de atraso a fazia recuar ainda mais de sua tarefa, ela abriu a porta e entrou, fechando-a atrás de si, sem ser vista pela mulher, e fechou a tranca.

Mrs. Boucher estava sentada em uma cadeira de balanço, do outro lado da mal acesa lareira; a casa parecia intocada há vários dias, sem qualquer tipo de limpeza. Margaret disse alguma coisa, ela mal sabia o quê, sua garganta e boca estavam tão secas, e o barulho das crianças completamente a impedia de ser ouvida. Ela tentou novamente:

— Como está a senhora, Mrs. Boucher? Muito adoentada, temo eu.

— Não tenho nenhuma chance de ficar bem — disse ela, ranzinzamente.

— Sou deixada sozinha para cuidar das crianças, e nada para dar para elas para manter *elas* quietas. John não deveria ter me deixado, e tão adoentada.

— Quanto tempo faz desde que ele saiu?

— Quatro dias. Ninguém daria trabalho para ele aqui, e ele teve que ir bater perna rumo a Greenfield. Mas ele teria voltado antes disso, ou me mandado uma palavra se tivesse conseguido trabalho. Ele pode...

— Oh, não o culpe — disse Margaret. — Ele sentia profundamente, estou certa...

— Fique quieto e me deixe ouvir a dama! — dirigindo-se, em não muito gentil tom, a um pequeno diabrete de aproximadamente um ano de idade. Ela apologeticamente continuou para Margaret: — Ele está sempre resmungando por “papai” e “comida” e não tenho nada para dar a ele, e papai está fora, e se esqueceu de todos nós, eu penso. Ele é o queridinho do pai, é sim — disse ela, com uma repentina mudança de humor, e, arrastando a criança até seu joelho, ela começou a beijá-lo afetuosamente.

Margaret pousou sua mão no braço da mulher para reter a atenção dela.Os olhos delas se encontraram.

— Pobre menininho! — disse Margaret, lentamente; — ele *era* o queridinho do pai.

— Ele é o queridinho do pai — disse a mulher, levantando-se, apressadamente, e ficando face a face com Margaret. Nenhuma delas falou por um momento ou dois. Então Mrs. Boucher começou em um baixo e rugido tom, crescendo em selvageria enquanto ela prosseguia: — Ele é o queridinho do pai, eu digo. Gente pobre pode amar seus filhos tanto quanto gente rica. Por que a senhora não fala? Por que a senhora me encara com seus grandes pesarosos olhos? Onde está John? — fraca como ela estava, ela sacudiu Margaret para forçar uma resposta. — Oh, meu Deus! — disse ela, entendendo o significado daquele lacrimoso olhar. Ela afundou de volta na cadeira. Margaret pegou a criança e a segurou nos braços.

— Ele o amava — disse ela.

— Sim — disse a mulher, balançando sua cabeça —, ele amava todos *nós*. Tivemos alguém que amasse nós um dia. Faz muito tempo, mas quando ele estava em vida e conosco, ele realmente amava *nós*, ele amava. Ele amava esse bebê talvez mais

que a nós; mas ele me amava e eu amava *ele*, embora eu estivesse xingando ele cinco minutos atrás. A senhora tem certeza de que ele está morto? — disse ela, tentando se levantar. — Se ele estiver apenas doente e parecendo que vai morrer, eles podem trazer *ele* de volta ainda. Eu mesma sou senão uma doente criatura, tenho estado doente todo esse tempo, mas cuidarei dele.

— Mas ele está morto... morreu afogado!

— Pessoas são trazidas de volta depois de estarem mortas afogadas. O que eu estava pensando, sentada imóvel quando eu deveria estar me agitando? Aqui, fique quieta, criança, fique quieta! Tome isto, tome alguma coisa para brincar, mas não chore enquanto meu coração está se partindo! Oh, para onde foram minhas forças? Oh, John... meu esposo!

Margaret a impediu de cair segurando-a nos braços. Ela sentou-se na cadeira de balanço, e segurou a mulher sobre seus joelhos, sua cabeça apoiada no ombro de Margaret. As outras crianças, aglomeradas, assustadas e agarradas umas às outras, começaram a entender o mistério da cena. Mas as ideias vieram vagarosamente, pois seus cérebros eram lentos e lânguidos para percepção. Começaram tal choro de desespero quando adivinharam a verdade, que Margaret não sabia como suportar. O choro de Johnnie era o mais alto de todos, embora ele não soubesse por que chorava, pobre menininho!

A mãe tremia, deitada nos braços de Margaret. Ouviu-se um barulho na porta.

— Abra-a. Abra-a rápido — disse ela para a criança mais velha. — Está trancada; não faça barulho, vá, abra com cuidado.

Era Mr. Hale. Margaret disse: — Oh, papai, ajude-os a descer as escadas gentilmente e, talvez, ela não os escute. Ela desmaiou, só isso.

— É até melhor para ela, pobre criatura — disse uma mulher que vinha logo atrás dos carregadores do morto. — Mas a senhora não consegue segurá-la. Fique, e eu correrei para pegar um travesseiro e a deitaremos confortável no chão.

Esta prestativa vizinha era um grande alívio para Margaret; ela era, evidentemente, uma estranha para a família, uma recém-chegada no distrito, de fato; mas era tão bondosa e cheia de consideração que Margaret sentiu que não era mais necessária; e que seria melhor, talvez, dar o exemplo e esvaziar a casa, que estava cheia de indolentes curiosos que nada faziam, ainda que estivessem compadecidos.

Ela procurou ao redor por Nicholas Higgins. Ele não estava lá. Ela falou com a mulher que havia tomado o comando em colocar Mrs. Boucher no chão.

— A senhora poderia dizer a todas estas pessoas que seria melhor que saíssem daqui em silêncio? A fim de que, quando ela voltar a si, encontre apenas um ou dois que ela conheça ao redor. Papai, o senhor falaria com os homens para que vão embora? Ela mal consegue respirar, pobrezinha, com essa multidão ao redor dela.

Margaret estava ajoelhada ao lado de Mrs. Boucher e banhando seu rosto com vinagre; mas em poucos minutos ela ficou surpresa com o jato de ar fresco. Ela olhou ao redor, e viu um sorriso passar entre seu pai e a mulher.

— O que foi? — perguntou ela.

— Apenas nossa boa amiga aqui — respondeu seu pai —, que usou um expediente fundamental para liberar o lugar.

— Eu pedi que fossem embora, e que cada um levasse uma criança consigo, e se lembrasse de que eles eram órfãos, e a mãe deles uma viúva. Era o melhor que se podia fazer, e estou certa de que hoje as crianças terão o que comer, e afeto também. Ela sabe como ele morreu?

— Não — disse Margaret. — Não consegui contar a ela tudo de uma vez.

— Ela deve saber por causa do inquérito. Veja! Ela está voltando; a senhora ou eu conto? Ou talvez seu pai seria melhor?

— Não; a senhora, a senhora — disse Margaret.

Eles aguardaram a perfeita recuperação dela em silêncio. Então a vizinha sentou-se no chão, e tomou a cabeça e os ombros de Mrs. Boucher em seu colo.

— Vizinha — disse ela —, seu homem está morto. Sabe como ele morreu?

— Ele se afogou — disse Mrs. Boucher, debilmente, começando a chorar pela primeira vez, ante a rude sondagem de suas tristezas.

— Ele foi encontrado afogado. Ele estava voltando para casa sem esperança de nada nessa terra. Pensou que Deus não podia ser mais duro que os homens; talvez não tão duro; talvez tão terno quanto uma mãe; talvez mais terno. Não estou dizendo que ele fez certo, e não estou dizendo que ele fez errado. Tudo o que eu digo é, não desejo que eu, nem que nenhum dos meus, algum dia nessa vida, tenha semelhante dor no coração, ou poderemos cometer tal coisa.

— Ele me deixou sozinha com todas essas crianças! — gemeu a viúva, menos perturbada com o modo da morte do que Margaret esperava; mas era uma particularidade de seu caráter desamparado, sentir a perda dele como afetando principalmente a ela mesma e seus filhos.

— Não sozinha — disse Mr. Hale, solenemente. — Quem está com a senhora? Quem tomará sua causa?

A viúva abriu seus olhos bem abertos, e olhou para o novo falante, de cuja presença ela não havia estado ciente até então.

— Quem prometeu ser um pai aos órfãos? — continuou ele.

— Mas eu tenho seis filhos, senhor, e o mais velho não tem oito anos de idade. Não estou querendo duvidar do poder d'Ele, senhor, apenas preciso de um pouco de confiança — e ela começou a chorar novamente.

— Ela será mais capaz de conversar amanhã, senhor — disse a vizinha. — O melhor conforto agora seria a sensação de uma criança em seu peito. Lamento que levaram o bebê.

— Eu vou buscá-lo — disse Margaret. E em poucos minutos ela retornou, carregando Johnnie, seu rosto todo manchado de comida, e suas mãos carregadas com tesouros em forma de conchas, e pedaços de cristal, e a cabeça de uma estátua de gesso. Ela o colocou nos braços de sua mãe.

— Pronto! — disse a mulher. — Aí está. Eles vão chorar juntos, e se confortarem. Ninguém faz isso melhor que uma criança. Vou ficar com ela enquanto eu for necessária, e se o senhor vier amanhã, certamente vai poder ter muitas conversas sábias com ela, hoje ela não vai conseguir.

Enquanto Margaret e seu pai subiam lentamente a rua, ela parou à porta fechada de Higgins.

— Devemos entrar? — perguntou seu pai. — Eu estava pensando nele também.

Eles bateram. Não houve resposta, então eles tentaram a porta. Estava trancada, mas eles pensaram ter ouvido ele se mover do lado de dentro.

— Nicholas! — chamou Margaret. Não houve resposta, e eles podiam ter ido embora, acreditando que a casa estivesse vazia, se não houvesse alguma queda acidental, como a de um livro, do lado de dentro.

— Nicholas! — insistiu Margaret novamente. — Somos apenas nós. O senhor não nos deixará entrar?

— Não — disse ele. — Falei tão claro quanto eu pude, sobre usar palavras, quando tranquei a porta. Neste dia, me deixem.

Mr. Hale haveria insistido, mas Margaret colocou seu dedo nos lábios dele. — Não me espanto com isso — disse ela. — Eu mesma anseio por estar sozinha. Parece a única coisa a fazer bem após um dia como este.

Capítulo XXXVII

Olhando para o sul

“Um ancinho! Uma enxada! Uma pá!
Uma picareta ou um tesourão!
Um gancho para colher, ou uma foice para ceifar,
Um mangual, ou o que tiverdes por opção,
E aqui está uma mão pronta
Para operar que ferramenta for,
E suficientemente habilidosa, por lições dificultosas,
Na áspera escola do Labor”.
— HOOD.[106]

A porta de Higgins estava trancada no dia seguinte, quando eles foram prestar sua visita à viúva Boucher, mas eles souberam, por um oficioso vizinho, que desta vez ele estava realmente fora de casa. Ele havia, contudo, ido ver Mrs. Boucher, antes de começar seus negócios do dia, o que quer que isso fosse. Foi senão uma insatisfatória visita a Mrs. Boucher; ela considerava-se como uma mulher prejudicada pelo suicídio de seu pobre marido, e havia um fundo de verdade nessa ideia para torná-la difícil demais para refutar. Ainda assim, era insatisfatório ver quão completamente seus pensamentos se voltavam inteiramente para si e sua própria situação, e esse egoísmo estendia-se até mesmo a suas relações com seus filhos, que ela considerava como estorvos, mesmo no meio de sua afeição animal por eles. Margaret tentou ganhar a

amizade de um ou dois deles, enquanto seu pai lutava para elevar os pensamentos da viúva a algum canal mais elevado do que aquele de mera desamparada rabugice. Margaret percebeu que o luto das crianças era mais simples e verdadeiro do que o da viúva. Seu *papai* havia sido um amoroso pai para eles; cada um conseguia falar, em seu ávido gaguejante modo, de alguma ternura, alguma indulgência concedida pelo pai perdido.

— Aquela coisa lá é mesmo ele? Não parece com ele. Estou com medo dela, e nunca tive medo do papai.

O coração de Margaret sangrou ao ouvir que a mãe, em sua egoísta exigência de simpatia, havia levado seus filhos ao andar de cima para ver seu desfigurado pai. Era entrelaçar a rudeza do horror com a profundeza natural do pesar. Ela tentou dirigir os pensamentos deles para outra direção; sobre o que eles poderiam fazer por sua mãe; ou o quê... posto que este fosse um modo mais eficaz de colocar — o pai haveria desejado que eles fizessem. Margaret teve mais sucesso do que Mr. Hale em seus esforços. As crianças, vendo seus pequenos deveres de ação próximos e ao redor deles, começaram a tentar executá-los, por exemplo, organizar a desmazelada sala como Margaret havia sugerido. Mas seu pai fixara um objetivo muito elevado e uma visão muito abstrata, diante da indolente inválida. Ela não conseguia despertar sua entorpecida mente para qualquer ideia vívida do que poderia ter sido a infelicidade de seu esposo, antes que ele houvesse recorrido ao último passo terrível. Ela só conseguia enxergar nisso o que afetava a si mesma. Não conseguia entender a duradoura misericórdia de Deus que não havia se interposto para impedir que a água afogasse seu prostrado esposo; e, embora ela estivesse secretamente

culpando seu marido por haver caído em tão tenebroso desespero, e negando que ele tivesse qualquer desculpa para seu último arrebatado ato, estava determinada a insultar a todos que pudessem, por qualquer possibilidade, serem supostos de o haver levado a tal desespero. Os mestres; Mr. Thornton em particular, cuja usina havia sido atacada por Boucher, e que, depois de o mandado ter sido expedido para sua detenção, sob a acusação de motim, mandara suspendê-lo; o sindicato, do qual Higgins era o representante; as crianças, tão numerosas, tão famintas e tão barulhentas; todos formaram um grande exército de inimigos pessoais, cuja culpa era torná-la uma viúva desamparada.

Margaret ouviu o suficiente dessa irracionalidade para desencorajá-la; e quando eles saíram, ela viu ser impossível encorajar seu pai.

— É a vida da cidade — disse ela. — Os nervos deles são acelerados pela pressa, atropelo e velocidade de tudo ao redor deles, para não falar do confinamento nestas comprimidas casas, que por si só são suficientes para induzir a depressão e a preocupação. Agora, no campo, as pessoas vivem mais ao ar livre, até mesmo as crianças, e até mesmo no inverno.

— Mas as pessoas devem viver nas cidades. E no interior alguns criam tão estagnados hábitos mentais que são quase fatalistas.

— Sim, eu reconheço isso. Suponho que cada modo de vida produza suas próprias provas e suas próprias tentações. O habitante de cidades deve achar uma dificuldade ser paciente e calmo, enquanto os homens criados no campo devem achar difícil ser ativo, e corresponder às desabituadas situações de emergência.

Ambos devem achar árduo realizar um futuro de qualquer tipo; um porque o presente é tão vívido, apressado e muito fechado ao redor deles; o outro porque sua vida o incita a se refestelar no mero senso de existência animal, não conhecendo e, consequentemente, não se importando com qualquer pungência de prazer pela realização do que ele possa planejar, e negando a si mesmo olhar adiante.

— E desta forma tanto a necessidade por estar absorto, de se sobressair, e a estúpida satisfação no presente, produzem os mesmos efeitos. Mas aquela pobre Mrs. Boucher, quão pouco podemos fazer por ela!

— E ainda assim não ousamos deixá-la sem nossos esforços, embora eles possam parecer tão inúteis. Oh papai! É um mundo duro no qual se viver!

— Assim o é, minha criança. Sentimos tanto, justo agora, de qualquer modo; mas temos sido muito felizes, mesmo em meio à nossa tristeza. Que prazer a visita de Frederick foi!

— Sim, foi mesmo — disse Margaret, vivamente. — Foi uma coisa tão encantadora, arrebatada, proibida. Mas ela repentinamente parou de falar. Ela havia manchado a lembrança da visita de Frederick com sua própria covardia. De todas as faltas, a única que ela mais desprezava em outrem era a falta de coragem; a maldade de coração que leva à inverdade. E aqui ela havia sido culpada. Então se lembrou de que Mr. Thornton sabia de sua falsidade. Perguntava-se se haveria se importado tanto se sua falha houvesse sido descoberta por qualquer outra pessoa. Tentou imaginar se tivesse sido tia Shaw e Edith que soubessem de sua mentira; ou seu pai; ou o capitão e Mr. Lennox; ou Frederick. O pensamento de que Frederick descobrisse o que ela havia feito,

mesmo que em nome dele próprio, era o mais embaraçoso, pois o amor do irmão estava em primeiro lugar de sua mútua consideração. Mas cair algum grau na opinião de Frederick não era nada comparado à sua atual vergonha, a tímida desonra que sentia ante a ideia de encontrar Mr. Thornton novamente. E ainda assim ela ansiava por vê-lo, por acabar com aquilo; entender o lugar que ela ocupava em sua opinião. Suas faces queimavam enquanto ela se lembrava de quão orgulhosamente ela havia implicado uma objeção ao comércio (nos primeiros dias em que eles se conheceram), porque frequentemente levava ao engano de repassar bens inferiores por superiores, naquele ramo; de assumir crédito por riqueza e recursos não possuídos. Lembrava-se do tranquilo olhar de desdém de Mr. Thornton, como, em poucas palavras, ele deu a entender que, no grande esquema do comércio, todos os desonrosos modos de agir estavam certos de se provarem injuriosos em longo prazo, e que, testando tais ações simplesmente de acordo com o baixo nível de sucesso, havia tolice e nada de sabedoria em todas essas coisas, e todo tipo de fraude no comércio, tanto quanto em outras coisas. Ela se lembrava de — com sua forte crença na própria verdade — haver perguntado a ele, se ele não pensava que comprar mais barato e vender no mercado mais caro provava alguma falta de justiça transparente, que está tão intimamente conectada com a ideia de verdade: e ela havia usado a palavra cavalheirismo — e que seu pai a tinha corrigido com uma palavra mais elevada, Cristianismo; e assim atraíra o argumento para ele mesmo, enquanto ela ficou sentada em silêncio com um ligeiro sentimento de desprezo.

Nada mais de desprezo para ela! Nada de conversa sobre o cavalheirismo! Dali em diante ela deveria sentir-se humilhada e desgraçada à vista dele. Mas quando o veria? Seu coração saltava em apreensão a cada badalo da campainha; e ainda assim quando ela voltava à calmaria, sentia-se estranhamente entristecida e doente no coração a cada desapontamento. Era muito evidente que seu pai esperava vê-lo, e ficava surpreso que ele não viesse. A verdade era que havia pontos na conversação deles na outra noite sobre os quais eles não tiveram tempo para delongar; mas havia sido entendido que se possível no evento seguinte — se não então, pelo menos na primeira noite que Mr. Thornton pudesse dispor — eles deviam se encontrar para maior discussão. Mr. Hale havia ansiado por esse encontro desde que eles tinham se separado. Ele ainda não havia retomado a instrução de seus pupilos, que ele havia posto de lado quando a doença de sua esposa tinha ficado mais séria, então tinha menos ocupações do que o habitual; e o grande interesse do último dia ou mais (o suicídio de Boucher) o fizera voltar-se com mais avidez do que nunca para suas próprias especulações. Ele estava inquieto toda a noite e continuava dizendo: — Eu esperava muito que Mr. Thornton viesse. Penso que o mensageiro que trouxe o livro ontem à noite deve haver tido alguma nota, e esquecido de entregá-la. Você pensa que houve qualquer mensagem deixada hoje, Margaret?

— Eu irei e perguntarei, papai — disse ela, levantando-se; mas antes que a sentença fosse concluída, um ou dois badalos à porta fizeram com que ela estremecesse. — Fique aí, houve um badalo! — disse Mr. Hale.

Ela sentou-se imediatamente, e curvou sua cabeça atentamente sobre seu trabalho de costura. Ela ouviu um passo nas escadas, mas era apenas um, e ela sabia que era de Dixon. Levantou a cabeça e suspirou, e acreditou que se sentisse alegre.

— É aquele Higgins, senhor. Ele quer ver o mestre, ou então Miss Hale. Ou pode ser Miss Hale, primeiro, e então o senhor; posto que ele está em estranho tipo de modos.

— Era melhor que ele subisse, Dixon; e então ele pode ver nós dois, e escolher quem ele prefere por ouvinte.

— Oh! Muito bem, senhor. Não tenho desejo de ouvir o que ele tem a dizer, certamente; apenas, se o senhor pudesse ver os sapatos dele, estou certa de que o patrão diria que a cozinha era o lugar mais adequado.

— Nós podemos limpá-los, suponho — disse Mr. Hale. Então Dixon se retirou, para pedir que ele subisse. Ela ficou um pouco mortificada quando olhou para os pés dele com um ar hesitante; e então, ele sentou-se no degrau de baixo, tirou os ofensivos sapatos, e sem uma palavra subiu as escadas.

— Salve, senhor! — disse ele, lustrando seu cabelo enquanto entrava no cômodo. — Se a senhora me der licença — olhando para Margaret — por estar apenas de meias; tenho estado batendo perna o dia todo, e as ruas não estão das mais limpas.

Margaret pensou que a fadiga pudesse explicar a mudança nos seus modos, posto que ele estivesse incomumente calmo e subjugado; e era evidente que ele tinha alguma dificuldade em falar o que viera dizer.

A simpatia sempre pronta de Mr. Hale com qualquer coisa de timidez ou hesitação, ou falta de confiança, o fez vir em seu auxílio.

— Haveremos de tomar chá imediatamente, e então o senhor tomará uma xícara conosco, Mr. Higgins. Estou certo de que o senhor está cansado, se esteve fora num dia tão úmido. Margaret, minha querida, você pode apressar o chá?

Margaret só poderia apressar o chá se tomasse a preparação dele em suas próprias mãos, e assim ofendendo Dixon, que estava emergindo de seu pesar pela morte de sua patroa em um estado muito sensível e irritável. Mas Martha, como todos que conviveram com Margaret — até a própria Dixon, em longo prazo — considerava um prazer e uma honra antecipar quaisquer dos seus desejos; e sua prontidão, e a doce paciência de Margaret, logo deixaram Dixon envergonhada de si mesma.

— Por que o mestre e a senhora têm sempre que estar convidando as classes inferiores para subirem ao salão, desde que vieram a Milton, não consigo entender? As pessoas em Helstone nunca eram trazidas a lugar melhor que a cozinha; e deixei um ou dois deles saberem antes que eles pudessem considerar uma honra até mesmo estar lá.

Higgins viu ser mais fácil descarregar sua alma para um do que para dois. Depois que Margaret deixou o cômodo, ele foi à porta e se assegurou de que ela estava fechada. Então ele veio e ficou próximo a Mr. Hale.

— Mestre — disse ele —, o senhor não iria adivinhar fácil onde eu estive batendo pernas hoje. Especialmente se o senhor se lembrar de minha maneira de falar ontem. Estive procurando trabalho. Estive — disse ele. — Eu disse a mim mesmo que eu iria manter uma língua civil em minha cabeça, quisessem dizer o que quisessem. Cerrei meus dentes em minha língua antes de falar com

antecipação. Pela memória daquele homem... o senhor entende — apontando seu polegar para trás, em alguma direção desconhecida.

— Não, não entendo — disse Mr. Hale, vendo que ele esperava por algum tipo de concordância, e completamente desnorteado quanto a quem “aquele homem” poderia ser.

— Aquele sujeito que está lá estendido — disse ele, com outra sacudidela. — Aquele que se afogou por conta própria, pobre rapaz! Eu não pensei que ele tivesse nele a força de ficar deitado e deixar a água se arrastar sobre ele até que morresse. Boucher, o senhor sabe.

— Sim, agora sei — disse Mr. Hale. — Volte ao que estava dizendo: o senhor não falaria com pressa...

— Pelo bem dele. Ainda assim não pelo bem dele; posto que onde quer que ele esteja, e como quer, ele nunca vai saber o que é fome ou frio novamente; mas pela esposa, e pelos pedaços de gente.

— Deus o abençoe! — disse Mr. Hale, sobressaltando-se. Então, acalmando-se, disse, esbaforidamente: — O que o senhor quer dizer? Conte-me tudo.

— Eu já lhe disse — respondeu Higgins, um pouco surpreso com a agitação de Mr. Hale. — Eu não pediria trabalho por mim mesmo, mas eles foram deixados como um encargo para mim. Avalio, eu teria guiado Boucher para um melhor fim; mas eu tirei ele da estrada, e então devo me responsabilizar pelos dele.

Mr. Hale agarrou a mão de Higgins e a apertou cordialmente, sem falar.Higgins parecia desconcertado e envergonhado.

— Ora, deixe disso, mestre! Não há nunca um homem, a ser chamado de homem, entre nós, senão o que faria o mesmo; sim, e

melhor também; posto que, acredite em mim, não consegui nada de trabalho, nem sequer remota possibilidade de algum. Afinal eu disse a Hamper que, fora o juramento dele, que eu não assinaria, não, eu não podia, nem mesmo para isso, ele nunca teria tal trabalhador na usina dele igual a mim; e ele não teve o melhor de mim, nem o melhor de nenhum dos outros. Sou uma pobre ovelha negra imprestável, as crianças podem passar fome se *depender* de mim, a menos que o senhor me ajude, pastor!

— Ajudar o senhor?! Como? Eu faria qualquer coisa, mas o que posso fazer?

— A miss ali — posto que Margaret havia reentrado na sala e estava em silêncio, ouvindo — tem falado muito bem sobre o Sul, e os modos de lá. Agora eu não sei quão longe é, mas estive pensando se eu poderia levar eles pra lá, onde a comida é barata e os salários bons, e todas as pessoas, ricas e pobres, mestres e homens, são amigas; o senhor podia, talvez, me ajudar a arrumar um trabalho. Não tenho ainda quarenta e cinco anos, e tenho muita força em mim ainda, mestre.

— Mas que tipo de trabalho o senhor poderia fazer lá, bom homem?

— Bem, avalio que eu poderia operar a enxada um pouco...

— E por isso — disse Margaret, dando um passo adiante —, por qualquer coisa que o senhor pudesse fazer, Higgins, com a melhor vontade do mundo, o senhor, talvez, conseguisse nove xelins por semana; talvez dez, em trabalho externo. Comida é o mesmo que aqui, exceto que o senhor poderia ter uma pequena horta...

— As crianças poderiam trabalhar nisso — disse ele. — Estou cansado de Milton de qualquer forma, e Milton está cansada de mim.

— O senhor não deve ir para o Sul — disse Margaret —, por tudo isso, o senhor não suportaria. O senhor teria que ficar ao ar livre em todas as estações. Isso acabaria por matá-lo de reumatismo. O mero trabalho corporal, a essa altura de sua vida, iria arrasá-lo. O alimento é muito diferente ao que o senhor está acostumado.

— Não exijo nenhuma carne especial — disse ele, como se ofendido.

— Mas o senhor avaliou ter carne de açougue uma vez ao dia, se o senhor estiver trabalhando; pague por isso com seus dez xelins, e mantenha aquelas pobres crianças se o senhor puder. Eu devo ao senhor, já que foi meu modo de falar que provocou essa ideia, de colocar tudo às claras diante do senhor. O senhor não suportaria a lentidão daquela vida tediosa; o senhor não sabe como ela é; isso comeria o senhor como ferrugem. Aqueles que têm morado lá por toda a vida, estão acostumados a ficarem de molho nas águas estagnadas. Eles continuam trabalhando, dia após dia, na grande solidão dos campos cobertos de névoa, nunca falando ou levantando suas pobres cabeças, curvadas e abatidas. A dura vida do trabalho na enxada rouba a centelha de vida e seus cérebros se estagnam; a mesmice da sua labuta enfraquece suas imaginações; eles não têm desejo de se encontrar para falar sobre pensamentos e especulações, mesmo do tipo mais fraco, ou do mais selvagem, depois que terminam seus trabalhos; eles vão para casa brutalmente cansados, pobres criaturas! Não se importando com

nada além de comida e descanso. O senhor não conseguiria encontrar neles qualquer companheirismo que se consegue na cidade tão abundante como o ar que se respira, sejam eles bons ou maus, e isso eu não sei; mas o que sei é que o senhor, mais que todos os homens, não é alguém que suporte viver entre tais trabalhadores. O que seria paz para eles seria eterno tormento para o senhor. Não pense mais nisso, Nicholas, eu imploro. Ademais, o senhor nunca conseguiria pagar para levar a mãe e os filhos todos para lá, essa é uma boa coisa.

— Eu avaliei isso. Uma casa deve servir para nós todos, e os móveis da outra *pode* servir muito bem. E os homens lá devem ter suas famílias para manter, talvez seis ou sete crianças. Deus ajude *eles*! — disse ele, mais convencido de sua própria apresentação dos fatos do que por tudo o que Margaret havia dito, e repentinamente, renunciando à ideia, que se havia, senão recentemente, formado em um cérebro desgastado pela fadiga e ansiedade do dia. — Deus ajude *eles*! Norte e Sul têm, cada um, seus próprios problemas. Se lá o trabalho é seguro e estável, também é pago o preço da fome; enquanto aqui dinheiro entra aos montes em um dia, e nenhum ceitil no outro. Certamente, o mundo está em tal confusão, que foge de mim ou de qualquer outro homem a compreensão; precisa de ajuste, e quem está para ajustar, se é como o pessoal acolá diz, e não há nada além senão o que nós vemos?

Mr. Hale estava ocupado cortando pão e manteiga; Margaret ficou alegre com isso, posto que ela viu que Higgins estava melhor deixado por si mesmo. Se seu pai começasse a falar tão brandamente sobre o assunto dos pensamentos de Higgins, o último considerar-se-ia desafiado a uma argumentação, e sentir-se-ia na

obrigação de manter seu próprio terreno. Ela e seu pai continuaram uma conversação indiferente até que Higgins, mal sabendo se comia ou não, fez uma refeição muito substancial. Então ele empurrou sua cadeira para fora da mesa, e tentou se interessar pelo o que eles estavam dizendo; mas foi inútil; e ele caiu em sonhadora melancolia. Repentinamente, Margaret disse (ela havia estado pensando nisso por algum tempo, mas as palavras tinham ficado presas em sua garganta). — Higgins, você foi às Fábricas Marlborough para procurar trabalho?

— Na de Thornton? — perguntou. — Sim, eu estive na fábrica de Thornton.

— E o que ele disse?

— Tal camarada como eu não é de ver o patrão. Eles me olharam de cima a baixo e me mandaram embora, e que o diabo me carregasse.

— Eu queria que o senhor tivesse falado com Mr. Thornton — disse Mr. Hale. — Ele poderia até não lhe dar trabalho, mas ele não haveria usado tal linguagem.

— Quanto à linguagem, estou bem acostumado com isso; não importa para mim. Eu mesmo não sou fraco quando sou colocado para fora. Era o fato de que eu não era bem-vindo lá, nem mais em qualquer outro lugar, que me incomodou.

— Mas eu queria que o senhor tivesse visto Mr. Thornton — repetiu Margaret. — O senhor iria novamente? É uma grande coisa a pedir, eu sei, mas o senhor iria amanhã e tentaria? Eu ficaria tão alegre se o senhor fosse.

— Temo que não seria útil — disse Mr. Hale, em uma baixa voz. — Seria melhor deixar que eu falasse com ele.

Margaret ainda olhava para Higgins esperando pela sua resposta. Aqueles sérios e suaves olhos dela eram difíceis de resistir. Ele deu um grande suspiro.

— Eu taxaria meu orgulho um pouco acima; se fosse por mim mesmo, eu passaria um bom pedaço de fome primeiro; eu antes derrubaria *ele* com um soco, que pedir um favor a ele. Eu mesmo preferia muito mais ser açoitado; mas a senhora não é uma mulher comum, com sua licença, nem tem modos comuns. Eu vou até lá amanhã, e não vou fazer cara feia. Não pense a senhora que ele vai concordar em me receber. Aquele homem tem esta coisa dentro dele, de ser queimado na fogueira antes de ceder. Mas farei pela senhora, Miss Hale, e é a primeira vez na minha vida que dou ouvidos a uma mulher. Nem minha esposa nem Bessy puderam algum dia dizer que conseguiram isso de mim.

— Tanto mais agradeço ao senhor — disse Margaret, sorrindo. — Embora eu não acredite no senhor: acredito que o senhor já cedeu para sua esposa e filha tanto quanto a maioria dos homens.

— E quanto a Mr. Thornton — disse Mr. Hale — eu lhe darei uma nota para ele, que, penso que posso me arriscar a dizer, irá garantir uma audiência.

— Eu agradeço muito, senhor, mas eu de boa vontade prefiro ir por meus próprios pés. Não consigo digerir a noção de ter favor feito por mim, por um que não conhece os detalhes da disputa. Interferir entre patrões e empregados é mais como interferir entre marido e mulher do que qualquer outra coisa: é preciso muita sabedoria para fazer qualquer bem. Ficarei de guarda na porta do depósito. Ficarei lá das seis da manhã até que eu consiga uma palavra com ele. Mas eu preferiria varrer as ruas, se os indigentes já não pegassem esse

trabalho. Não tenha esperança, Miss. Terá mais chance de conseguir tirar leite de pedra. Eu desejo a vocês *uma* muito boa-noite, e muito obrigado aos dois.

— O senhor encontrará seus sapatos ao lado do fogo da cozinha, eu os levei para lá para secarem — disse Margaret.

Ele virou-se e olhou para ela firmemente, e então esfregou os olhos com sua mão esguia e seguiu o seu caminho.

— Quão orgulhoso aquele homem é! — disse seu pai, que estava um pouco irritado com o modo pelo qual Higgins havia recusado sua intercessão com Mr. Thornton.

— Ele é — disse Margaret — mas que grandes feitos de um homem há nele, com orgulho e tudo.

— É divertido ver como ele evidentemente respeita a parte do caráter de Mr. Thornton, que é como o dele próprio.

— Há um pouco de pedra em todas estas pessoas do Norte, papai, não há?

— Não havia nada no pobre Boucher, temo eu; e nada em sua esposa também.

— Eu diria, pelos seus sotaques, que eles devem ter sangue irlandês. Eu me pergunto se Higgins terá sucesso amanhã? Se ele e Mr. Thornton vão conversar de homem para homem; se Higgins vai esquecer que Mr. Thornton é um dos mestres e falar com ele como falou conosco, e se Mr. Thornton será bastante paciente para escutá-lo com seu humano coração, não com os ouvidos de mestre...

— Você está começando, finalmente, a fazer justiça a Mr. Thornton, Margaret — disse seu pai, beliscando sua orelha.

Margaret sentiu um estranho aperto em seu coração, que a tornou incapaz de responder. “Oh!”, pensou ela, “eu gostaria de ser um homem, assim poderia ir a ele e forçá-lo a expressar sua desaprovação, e dizer-lhe honestamente que eu sabia que merecia. Parece difícil perdê-lo como um amigo, justo quando havia começado a perceber o seu valor. Quão terno ele foi com a querida mamãe! Se fosse apenas pela memória dela, eu queria que ele viesse, e então finalmente eu deveria saber quanto eu estava rebaixada a seus olhos”.

Capítulo XXXVIII

Promessas cumpridas

“Então orgulhosamente, orgulhosamente ela se levantou,
Embora a lágrima estivesse em seus olhos,
O que quer que diga, o que quer que pense,
De mim não tirará uma palavra!”.
— BALADA ESCOCESA.[107]

Não era meramente que Mr. Thornton achasse que Margaret tinha falado falsamente — embora ela imaginasse que por esta razão apenas estava ela tão mudada na opinião dele — mas, o fato é que, essa mentira carregava uma distinta referência na mente dele, guardava uma estreita relação com outro amor. Ele não conseguia esquecer o afetuoso e apaixonado olhar que se havia passado entre ela e algum outro homem — a atitude de familiar confiança, se não certo carinho. A lembrança dessa imagem perpetuamente o fisgava; era um quadro diante de seus olhos, onde quer que ele fosse e o que quer que ele estivesse fazendo. Em adição a isto (e ele rangeu os dentes enquanto se lembrava), era a hora, o sombrio crepúsculo; o lugar, tão longe de casa, e relativamente pouco frequentado. A parte nobre de seu ser havia pensado, no início, que todo este último pudesse ser acidental, inocente e justificável. Mas uma vez admitir o direito dela de amar e ser amada (e tinha ele qualquer razão para negá-la seu direito? Não foram as palavras dela severamente explícitas quando ela atirou o

amor dele para longe dela?), ela podia facilmente ter sido induzida a fazer uma longa caminhada, a uma hora mais tarde que o que ela tinha antevisto. Mas aquela falsidade! Que mostrava uma fatal consciência de algo errado, e ser ocultado, que era incomum nela. Ele fez a ela aquela justiça, embora todo o tempo teria sido um alívio acreditá-la absolutamente indigna de sua estima. Era isso que causava sua infelicidade — que ele a amava apaixonadamente, e acreditava, mesmo com todas as suas faltas, que ela era mais adorável e mais excelente do que qualquer outra mulher; ainda assim ele a julgava tão presa a algum outro homem, tão levada por sua afeição por ele a ponto de violar sua sincera natureza. A própria falsidade que a manchou, era uma prova de quão cegamente ela amava outro — aquele rapaz moreno, delgado, elegante, bonito e refinado — enquanto ele mesmo era rústico, e austero, e fortemente severo. Ele martirizava-se em uma agonia de furioso ciúme. Ele pensava naquele olhar, naquela atitude! Como ele haveria dado a vida dele aos seus pés por tão ternos olhares, tão afetuosa paixão! Ele zombava de si mesmo, por haver valorizado o modo mecânico no qual ela o tinha protegido da fúria da multidão; agora ele havia visto quão suave e enfeitiçante ela parecia quando com um homem que ela realmente amava. Ele se lembrava, ponto a ponto, da agudeza das palavras dela: Não havia um homem em toda aquela multidão por quem ela não haveria feito o mesmo, tão mais prontamente do que por ele. Ele compartilhara com aquela multidão o desejo dela de evitar derramamento de sangue. Mas esse homem, aquele amante escondido, não compartilhava com ninguém; ele tinha olhares, palavras, afagos de mão, mentiras, ocultações, tudo para ele mesmo.

Mr. Thornton estava consciente de que ele nunca estivera tão irritável como estava agora, em toda sua vida. Sentia-se inclinado a dar curtas e abruptas respostas, mais como um latido do que como uma fala, a cada um que lhe fizesse uma pergunta; e essa consciência feria seu orgulho: ele tinha sempre se melindrado sobre seu autocontrole. Ele iria se controlar. Então, seus modos eram subjugados por uma calma deliberação, mas o assunto era ainda mais duro e austero do que o comum. Ele estava mais que usualmente silencioso em casa; empregando suas noites em uma caminhada contínua de um lado para outro, o que teria irritado sua mãe excessivamente se fosse praticado por qualquer outra pessoa; e não tendia a promover qualquer paciência da parte dela, até mesmo para com esse filho amado.

— Você pode parar... você pode se sentar por um momento? Tenho algo a lhe dizer, se você desistir de ficar sempre andando, andando, andando.

Ele sentou-se, imediatamente, em uma cadeira contra a parede.

— Quero lhe falar sobre Betsy. Ela diz que deve nos deixar; que a morte de seu noivo tanto tem afetado seus ânimos que ela não consegue dar seu coração ao trabalho.

— Muito bem. Suponho que outras cozinheiras hão de ser encontradas.

— Isso é típico de um homem. Não é meramente a cozinha, é que ela conhece todos os costumes da casa. Ademais, ela me disse algo sobre sua amiga Miss Hale.

— Miss Hale não é minha amiga. Mr. Hale é meu amigo.

— Estou alegre de ouvi-lo falar assim, posto que se ela houvesse sido sua amiga, o que Betsy diz o haveria irritado.

— Deixe-me ouvir — disse ele, com a extrema tranquilidade de modos que ele havia assumido nos últimos dias.

— Betsy diz que a noite na qual o noivo dela... esqueço o nome dele, posto que ela sempre o chama de “ele”...

— Leonards.

— A noite na qual Leonards foi visto pela última vez na estação, quando ele foi visto pela última vez no dever, de fato, Miss Hale estava lá, caminhando com um jovem homem que, Betsy acredita, matou Leonards com algum golpe ou empurrão.

— Leonards não foi morto por qualquer golpe ou empurrão. — Como você sabe?

— Porque eu distintamente coloquei a questão para o cirurgião da enfermaria. Ele me disse que fora uma doença interna de longa data, causada pelos hábitos de Leonards de beber em excesso; que o fato de ele piorar rapidamente, quando em um estado de intoxicação, resolvera a questão sobre se o último ataque fatal fora causado por excesso de bebida, ou pela queda.

— A queda?! Que queda?

— Causada pelo golpe ou empurrão do qual Betsy fala. — Então houve um golpe ou empurrão?

— Creio que sim.

— E quem o deu?

— Como não houve inquérito, em consequência da opinião do médico, não sei lhe dizer.

— Mas Miss Hale estava lá?

Nenhuma resposta.

— E com um rapaz?

Ainda nenhuma resposta. Finalmente ele disse: — Eu lhe digo, mãe, que não houve inquérito, nenhuma pergunta. Nenhum inquérito judicial, quero dizer.

— Betsy diz que Woolmer (algum homem que ela conhece, que está em uma loja de merceeiro em Crampton) pode jurar que Miss Hale estava na estação àquela hora, caminhando com um rapaz.

— Não vejo o que nós temos a ver com isso. Miss Hale é livre para agradar a si mesma.

— Estou alegre de o ouvir dizer isso — disse Mrs. Thornton, avidamente. — Certamente significa muito pouco para nós, e nada demais para você, depois do que se passou! Mas eu... eu fiz uma promessa para Mrs. Hale, que eu não permitiria que sua filha errasse sem aconselhá-la e mostrar minha desaprovação, consequentemente dar minha admoestação. Hei certamente de informá-la da minha opinião sobre tal conduta.

— Não vejo qualquer mal no que ela fez àquela noite — disse Mr. Thornton, se levantando, aproximando-se de sua mãe; ele ficou em pé ao lado da lareira com seu rosto virado para fora do cômodo.

— Você não aprovaria se Fanny fosse vista na rua, após o escurecer, em tão solitário lugar, andando por aí com um rapaz. Sem mencionar o gosto dela em escolher aquele momento, quando sua mãe estava lá ainda por enterrar, para tal exibição. Você deveria gostar de sua irmã ser notada por um assistente de merceeiro por fazê-lo?

— Em primeiro lugar, não faz muitos anos que eu mesmo fui um assistente de cortineiro; a mera circunstância de um assistente de merceeiro notar qualquer ato não altera o caráter do ato para

mim. Em segundo lugar, vejo muita diferença entre Miss Hale e Fanny. Posso imaginar que uma pessoa possa ter pesadas razões, que podem e devem fazê-la negligenciar qualquer suposta impropriedade em sua conduta. Eu nunca soube que Fanny pudesse ter razões poderosas para qualquer coisa. Outras pessoas devem protegê-la. Creio que Miss Hale seja uma guardiã de si mesma.

— Um bonito caráter de sua irmã, de fato! Realmente, John, alguém haveria pensado que Miss Hale tivesse feito o suficiente para o fazer ter uma visão clara. Ela o atraiu para uma oferta, por uma ousada demonstração de fingida consideração por você, jogando-o contra este próprio rapaz, não tenho dúvidas. Toda sua conduta é clara para mim agora. Você acredita que ele seja namorado dela, suponho; você concorda com isso?

Ele virou-se para sua mãe; o rosto dele estava muito cinzento e austero.

— Sim, mãe. Eu realmente acredito que ele seja seu namorado.

Quando ele terminou de falar, virou-se novamente; ele contorcia-se todo, como alguém que sentisse uma dor física. Encostou seu rosto contra as mãos. Então antes que sua mãe pudesse falar, ele virou-se rápido novamente:

— Mãe. Ele é namorado dela, quem quer que ele seja; mas ela pode precisar de ajuda e conselho feminino; pode haver dificuldades ou tentações que eu não conheço. Temo que haja. Não quero saber quais são, mas como a senhora sempre foi uma boa mãe, a melhor, uma mãe terna para mim, vá a ela, e ganhe a sua confiança, e diga

a ela o que é o melhor a fazer. Eu sei que algo está errado; algo medonho, deve ser uma terrível tortura para ela.

— Pelo amor de Deus, John! — exclamou sua mãe, agora realmente chocada. — O que você quer dizer? O que você sabe?

Ele não respondeu a ela.

— John! Não sei o que hei de pensar a menos que você me fale. Você não tem direito de dizer o que você tem feito contra ela.

— Não contra ela, mãe! Eu não *poderia* falar nada *contra* ela.

— Bem! Você não tem direito de dizer o que tem feito, a menos que diga mais. Essas meias expressões são o que arruínam o caráter de uma mulher.

— O caráter dela?! Mãe, a senhora não ousa — ele virou-se para ela, e olhou no rosto dela com seus flamejantes olhos. Então, empertigando-se em determinada compostura e dignidade, ele disse: — Não direi mais que isto, que não é mais nem menos que a simples verdade, e estou certo de que a senhora acredita em mim: tenho boa razão para acreditar que Miss Hale esteja em alguma tensão e dificuldade conectada com alguma ligação que, por si só, de meu conhecimento do caráter de Miss Hale, seja perfeitamente inocente e correta. Qual é minha razão, recuso-me a dizer. Mas nunca me deixe ouvir qualquer pessoa dizer uma palavra contra ela, implicando qualquer imputação mais séria do que aquela para a qual ela agora precisa do conselho de alguma bondosa e gentil mulher. A senhora prometeu a Mrs. Hale ser essa mulher!

— Não! — disse Mrs. Thornton. — Sou feliz em dizer, não prometi bondade e gentileza, posto que senti à época que poderia estar fora de meu poder fornecer isso a alguém do caráter e disposição de Miss Hale. Prometi aviso e conselho, tais como eu

deveria dar à minha própria filha. Hei de falar com ela como eu falaria com Fanny, se ela houvesse ido vagabundear com um rapaz ao anoitecer. Hei de falar com relação às circunstâncias que conheço, sem ser influenciada nem por um meio nem por outro, nem pelas “fortes razões” que você não confiará a mim. Então hei de haver cumprido minha promessa, e feito o meu dever.

— Ela nunca tolerará isso — disse ele, passionalmente.

— Ela terá que tolerar, se eu falar em nome de sua mãe morta.

— Bem! — disse ele, escapando —, não me diga mais qualquer coisa sobre isso. Não posso suportar pensar nisso. Será melhor que a senhora fale com ela de qualquer forma, do que ninguém falar com ela de jeito nenhum.

— Ah! Aquele olhar de amor! — continuou ele, entre dentes, enquanto se fechava em seu quarto privado. — E aquela maldita mentira, que mostrava alguma terrível vergonha em segundo plano, a ser mantida longe da luz na qual eu pensava que ela vivesse perpetuamente! Oh, Margaret, Margaret! Mãe, como a senhora me torturou! Oh! Margaret, a senhorita não podia ter me amado? Sou senão inculto e duro, mas eu nunca a haveria induzido a qualquer mentira por mim.

Quanto mais Mrs. Thornton pensava sobre o que seu filho havia dito, em suplicar por um piedoso julgamento para a indiscrição de Margaret, mais amargamente ela se sentia inclinada a fazer o contrário. Ela sentia um prazer selvagem na ideia de “falar o que pensava” para ela, na forma do cumprimento de um dever. Gostou da ideia de mostrar à intocada pela “fascinação” que ela estava bem ciente de que ela tinha o poder de manipular muitas pessoas. Ela bufava desdenhosamente sobre a imagem da beleza de sua vítima;

seu cabelo de âmbar-negro, sua clara e suave pele, seus lúcidos olhos que não a ajudariam a poupá-la de uma palavra justa e de uma austera reprimenda, que Mrs. Thornton gastou metade da noite preparando em sua mente.

— Miss Hale está? — ela sabia que estava, posto que ela a havia visto na janela, e ela já tinha seus pés dentro do vestíbulo antes que Martha houvesse começado a responder sua pergunta.

Margaret estava sentada sozinha, escrevendo para Edith, e dando a ela muitos particulares dos últimos dias de sua mãe. Relembrar tudo era uma dolorida ocupação, e ela teve que limpar as espontâneas lágrimas enquanto Mrs. Thornton era anunciada.

Margaret foi tão gentil e refinada em seus modos de recepção que sua visitante estava algo intimidada; e ficou impossível proferir o discurso, tão fácil de elaborar quando não era dirigido a alguém. A baixa e rica voz de Margaret estava mais suave do que o usual; seus modos mais graciosos, porque em seu coração ela estava se sentindo muito grata a Mrs. Thornton pela cortês atenção de sua visita. Ela esforçou-se para encontrar assuntos de interesse para conversação; elogiou Martha, a serviçal que Mrs. Thornton havia encontrado para eles. Mrs. Thornton estava bastante desconcertada. Sua afiada lâmina de Damasco parecia deslocada e inútil entre pétalas de rosas. Ela estava em silêncio, porque estava tentando encarregar-se de sua tarefa. Finalmente, ela fisgou a si mesma para sua performance por uma suspeita que, a despeito de toda probabilidade, ela permitiu que cruzasse sua mente: que toda essa doçura era armada com vista a aplacar Mr. Thornton; que, de alguma forma, o outro laço se havia destruído, e que cabia aos propósitos de Miss Hale revogar seu rejeitado apaixonado. Pobre

Margaret! Talvez a única verdade que houvesse na suspeita de Mrs. Thornton fosse esta: que era a mãe de alguém cuja consideração ela valorizava, e temia haver perdido; e esse pensamento inconscientemente somava ao seu desejo natural de agradar alguém que estava mostrando sua bondade por uma visita. Mrs. Thornton levantou-se para sair, mas ainda assim ela parecia ter algo mais a dizer. Ela limpou sua garganta e começou:

— Miss Hale, tenho um dever a executar. Prometi à sua pobre mãe que, até onde fosse meu pobre julgamento, eu não lhe permitiria agir de qualquer modo errado, ou (aqui ela suavizou um pouco seu discurso) inadvertidamente, sem reprimenda; pelo menos, sem oferecer conselho, quer a senhorita o tomasse ou não.

Margaret ficou em sua frente, ruborizando como qualquer réu, com seus olhos dilatados enquanto ela olhava para Mrs. Thornton. Pensava que ela havia vindo para falar sobre a falsidade que ela havia contado, que Mr. Thornton empregara a mãe para explicar o perigo ao qual ela se expunha, de ser confrontada em plena corte! Embora seu coração afundasse ao pensar que ele escolhera não vir pessoalmente para censurá-la, e receber sua penitência, e restaurá-la novamente à boa opinião dele, ainda assim ela estava muito humilhada para não suportar qualquer culpa sobre esse assunto mansa e pacientemente.

Mrs. Thornton prosseguiu: — Primeiramente, quando ouvi, de uma de minhas serviçais, que a senhorita havia sido vista caminhando por aí com um cavalheiro, tão longe de casa, como a estação Outwood, em tal hora da noite, mal pude acreditar nisso. Mas meu filho, lamento dizer, confirmou a história dela. Foi

imprudente, para dizer o mínimo. Muitas moças já perderam suas reputações antes...

Os olhos de Margaret cuspiam fogo. Esta era uma nova ideia, aquilo era muito insultante. Se Mrs. Thornton houvesse falado com ela sobre a mentira que ela havia contado, muito bem, ela haveria confessado e se humilhado. Mas questionar sua conduta, falar de seu caráter! Ela, Mrs. Thornton, uma mera estranha, era demasiado impertinente! Ela não respondê-la-ia, nem uma palavra. Mrs. Thornton viu o espírito de batalha nos olhos de Margaret, e isso evocou a combatividade dela também.

— Pela memória de sua mãe, pensei ser correto avisá-la contra tais impropriedades; elas podem degradá-la, em longo prazo, na estima do mundo, até mesmo, se, de fato, elas não lhe causarem dano real.

— Pela memória de minha mãe — disse Margaret, em uma voz lacrimosa — eu suportarei muita coisa, mas não posso suportar tudo. Ela nunca quis que eu fosse exposta a insulto, estou certa.

— Insulto, Miss Hale?!

— Sim, madame — disse Margaret, mais firmemente. — É insulto. O que a senhora sabe de mim que deva levá-la a suspeitar? Oh! — disse ela, desmoronando, e cobrindo seu rosto com suas mãos. — Eu sei agora, Mr. Thornton lhe contou...

— Não, Miss Hale — disse Mrs. Thornton, sua sinceridade fazendo-a impedir a confissão que Margaret estava a ponto de fazer, embora sua curiosidade estivesse se coçando para ouvi-la. — Espere. Mr. Thornton não me disse nada. A senhorita não sabe nada de meu filho. A senhorita não é digna de conhecê-lo. Ele disse apenas... escute, mocinha, para que possa entender, se puder, que

tipo de homem a senhorita rejeitou. Este manufatureiro de Milton, este grande terno coração desprezado como foi desprezado, disse a mim apenas noite passada: “Vá a ela. Tenho boa razão para acreditar que ela esteja em alguma tensão, desperta por alguma ligação; e ela precisa de conselho feminino”. Creio que foram as palavras exatas dele. Além disso, além de admitir o fato de a senhorita estar na estação Outwood com um cavalheiro, na noite do vigésimo sexto dia, ele não disse nada, nem uma palavra contra a senhorita. Se ele tem conhecimento de qualquer coisa que a devesse fazer soluçar assim, ele mantém para si mesmo.

O rosto de Margaret estava ainda escondido em suas mãos, cujos dedos estavam molhados com lágrimas. Mrs. Thornton suavizou-se um pouco.

— Vamos, Miss Hale. Pode haver circunstâncias, eu admito, que, se explicadas, podem remover a aparente impropriedade.

Ainda nenhuma resposta. Margaret estava considerando o que dizer; ela desejava ficar bem com Mrs. Thornton; e ainda assim ela não podia, não devia dar qualquer explicação. Mrs. Thornton ficou impaciente.

— Hei de lamentar romper com uma conhecida, mas pelo bem de Fanny, como eu disse para meu filho, se Fanny houvesse feito o mesmo, nós deveríamos considerar uma grande desgraça, e Fanny podia ser levada...

— Não posso lhe dar explicação — disse Margaret, em uma baixa voz. — Fiz errado, mas não no modo que a senhora pensa ou sabe. Penso que Mr. Thornton me julgue mais piedosamente do que a senhora — ela teve muito trabalho para impedir-se de engasgar-

se com suas lágrimas — mas, acredito, madame, que a senhora teve a intenção de fazer o correto.

— Obrigada — disse Mrs. Thornton, levantando-se. — Eu não estava ciente de que minha intenção fora posta em dúvida. É a última vez que hei de interferir. Eu estava indisposta a consentir em fazê-lo quando sua mãe me pediu. Eu não havia aprovado a ligação de meu filho com a senhorita, enquanto eu apenas a suspeitava. A senhorita não me parecia digna dele. Mas quando a senhorita comprometeu a si mesma como o fez à época do tumulto, e expôs a si mesma aos comentários de serviçais e operários, senti que não mais era certo colocar-me contra o desejo de meu filho de lhe propor casamento, um desejo, a propósito, que ele sempre negou entreter até o dia do tumulto.

Margaret estremeceu, e inspirou com um longo e assobiado som; do qual, contudo, Mrs. Thornton não tomou nota. — Ele veio; a senhorita havia aparentemente mudado de ideia. Eu disse a meu filho ontem, que eu pensei que fosse possível, embora o intervalo fosse curto, que a senhorita houvesse recebido alguma notícia desse outro namorado...

— O que a senhora deve pensar de mim, madame? — perguntou Margaret, jogando sua cabeça para trás com orgulhoso desdém, até que seu pescoço se curvasse para trás como o de um cisne. — A senhora não pode dizer nada mais, Mrs. Thornton. Recuso qualquer tentativa de me justificar por coisa alguma. Peço-lhe que me permita deixar esta sala.

E ela deslizou-se para fora com a graça silenciosa de uma ofendida princesa. Mrs. Thornton tinha bastante humor natural para fazê-la sentir a comicidade da posição na qual ela fora deixada. Não

havia nada a se fazer senão sair sozinha da casa. Ela não estava particularmente ofendida com o modo de Margaret se comportar. Ela não se importava o suficiente com ela para isso.

Margaret, no entanto, havia tomado a admoestação de Mrs. Thornton ao extremo, permitindo que penetrasse em seu coração com tanta força, tal como aquela dama esperava; e a paixão de Margaret por sua vez abrandara imediatamente sua visitante, muito mais do que qualquer silêncio pudesse haver feito. Mostrava o efeito de suas palavras. “Minha jovem dama”, pensava Mrs. Thornton com ela mesma; “a senhorita tem um temperamento muito bom. Se John e a senhorita houvessem ficado juntos, ele teria que manter uma mão firme, para fazê-la saber qual o seu lugar. Mas não penso que a senhorita irá caminhar novamente com seu namorado, em tal hora do dia, assim tão depressa. A senhorita tem muito orgulho e espírito para isso. Gosto de ver uma menina enfurecer-se com a ideia só pela noção do que se fala sobre ela. Mostra que ela não é nem leviana, nem ousada por natureza. Quanto àquela garota, ela pode ser ousada, mas nunca seria leviana. A ela farei essa justiça. Agora quanto a Fanny, ela seria leviana, e não ousada. Ela não tem coragem em si, pobrezinha!”

Mr. Thornton não estava gastando a manhã tão satisfatoriamente quanto sua mãe. Ela, de qualquer forma, estava cumprindo seu determinado propósito. Ele estava tentando entender onde ele se encontrava; que dano a greve havia feito a ele. Muito de seu capital estava investido em um novo e dispendioso maquinário; e ele havia também comprado algodão em larga escala, com vista a alguns grandes pedidos que tinha em mãos. A greve o deixara terrivelmente atrasado quanto à finalização desses pedidos. Até

mesmo com seus acostumados e habilidosos operários, ele haveria tido alguma dificuldade em cumprir seus compromissos; do jeito que estava, a incompetência das mãos irlandesas, que tinham que ser treinadas para seus trabalhos, a uma época necessitada de incomum atividade, era uma irritação diária.

Não era uma hora favorável para Higgins fazer seu pedido. Mas ele havia prometido a Margaret que o faria a qualquer custo. Então, embora cada momento acrescesse à sua repugnância, seu orgulho e sua rabugice de humor, ele estava encostado contra o muro, hora após hora, primeiro apoiado em uma perna, depois sobre a outra.

Finalmente a trava foi erguida bruscamente, e de lá saiu Mr. Thornton.

— Quero lhe falar, senhor.

— Não posso ficar agora, meu homem. Estou muito atrasado do jeito que estou.

— Bem, senhor, avalio que posso esperar até que o senhor volte.

Mr. Thornton estava na metade do caminho rua abaixo. Higgins suspirou. Mas foi inútil. Pegá-lo na rua era sua única chance de ver “o mestre”, pois se ele houvesse badalado a campainha do depósito, ele haveria sido encaminhado ao vigia. Então ele ficou parado novamente, não se dignando a qualquer resposta; deu um curto aceno de reconhecimento aos poucos homens que o conheciam e falavam com ele, enquanto a multidão saía do pátio da fábrica à hora do jantar, e manteve-se carrancudo com todo seu poder com os “fura-greves” irlandeses que haviam acabado de ser importados. Finalmente, Mr. Thornton retornou.

— O quê?! O senhor está aí ainda?!

— Sim, senhor. Devo lhe falar.

— Entre aqui, então. Fique, passaremos pelo pátio; os homens não voltaram, e estaremos sozinhos. Estas boas pessoas, vejo eu, estão jantando — disse ele, fechando a porta da guarita do porteiro.

Ele parou para falar com o vigia. O último disse em baixo tom:

— Suponho que o senhor saiba, mestre, que esse homem é Higgins, um dos líderes do sindicato; ele que fez aquele discurso em Hurstfield.

— Não, eu não sabia — disse Mr. Thornton, olhando de volta agudamente para seu seguidor. Higgins era conhecido por ele por nome como um espírito turbulento.

— Venha comigo — disse ele, e seu tom era mais rude do que antes. “São homens como este”, pensou ele, “que interrompem o comércio e ferem a própria cidade na qual moram; meros demagogos, amantes de poder, quaisquer que sejam os custos a outrem”.

— Bem, senhor! O que o senhor quer comigo? — perguntou Mr. Thornton, virando-se para ele, assim que eles estavam na casa de contagem da fábrica.

— Meu nome é Higgins...

— Eu sei disso — interrompeu Mr. Thornton. — O que o senhor quer, Mr. Higgins? Esta é a pergunta.

— Eu quero trabalho.

— Trabalho?! O senhor é um sujeito ousado em vir me pedir trabalho. O senhor é descarado, isso é muito claro.

— Tenho inimigos e caluniadores como os melhores; mas nunca ouvi qualquer um deles algum dia me chamar de modesto —

disse Higgins. O sangue dele estava um pouco agitado pelos modos de Mr. Thornton, mais do que pelas palavras dele.

Mr. Thornton viu uma carta endereçada a ele sobre a mesa. Ele a tomou e a leu toda. Ao final, ele olhou para cima e disse: — O que o senhor está esperando?

— Uma resposta ao pedido que fiz.

— Já lhe dei antes. Não desperdice mais de seu tempo.

— O senhor fez um comentário, senhor, sobre meu descaramento em vir aqui, mas eu fui ensinado que era gentil dizer ou “sim” ou “não” quando me fosse feita uma pergunta civilizada. Eu deveria ser agradecido ao senhor se o senhor me desse trabalho. Hamper poderá lhe dizer que eu sou uma boa mão.

— Tenho uma noção de que é melhor que o senhor não me envie a Hamper para perguntar por caráter, meu homem. Posso ouvir mais do que o senhor gostaria.

— Eu correria o risco. O pior que ele pode dizer de mim é que eu pensava, enquanto alguns não usam a cabeça; matutava até para meu próprio prejuízo. Mas nunca poderão dizer que sou ruim no que faço.

— Era melhor que o senhor fosse e tentasse com eles, então, e veja se eles lhe darão trabalho. Eu dispensei mais de uma centena de minhas melhores mãos, por nenhuma outra falta senão seguir o senhor e tais como o senhor; e o senhor pensa que eu o aceitaria? Eu poderia muito bem colocar um tição em meio aos resíduos de algodão.

Higgins se virou; então a lembrança de Boucher veio sobre ele, e ele enfrentou a maior concessão que ele podia persuadir a si mesmo fazer.

— Eu prometeria, mestre, que eu não falaria uma palavra que pudesse prejudicá-lo, se o senhor agisse correto conosco; e eu prometeria mais: eu prometeria que quando eu visse o senhor agindo errado e sendo injusto, eu falaria com o senhor em particular antes; e isso seria uma advertência justa. Se o senhor e eu não *concordasse* com nossa opinião sobre sua conduta, o senhor poderia me colocar para fora com aviso prévio de uma hora.

— Por minha palavra, o senhor não pensa pouco de si mesmo! Hamper teve uma enorme perda com o senhor. Como ele deixou que o senhor e sua sabedoria se fossem?

— Bem, nos separamos por insatisfação mútua. Eu não ia assinar o compromisso que eles estavam pedindo; e eles não ficariam comigo desse modo. Então eu sou livre para fazer outro compromisso; e como eu disse antes, embora eu não devesse dizer, sou um bom trabalhador, mestre, e um homem firme, especialmente quando posso ficar sem beber; e isso hei de fazer agora, se nunca fiz antes.

— Para que o senhor possa ter mais dinheiro armazenado para outra greve, suponho?

— Não! Eu seria grato se fosse livre para fazer isso. É para manter a viúva e filhos de um homem que enlouqueceu pelos fura-greves do senhor, colocado fora de sua cabeça por um Paddy[108] que não sabe a diferença entre tramar e urdir.

— Bem! É melhor que o senhor vá fazer outra coisa, se o senhor tem qualquer boa intenção em sua cabeça. Eu não deveria aconselhá-lo a ficar em Milton: o senhor é muito bem conhecido aqui.

— Se fosse verão — disse Higgins —, eu tomaria trabalho de Paddy, e iria para a Marinha, ou fenação, ou algo assim, e nunca veria Milton novamente. Mas é inverno, e as crianças vão morrer de fome.

— Um bom marujo, o senhor daria! Ora, o senhor não conseguiria fazer metade de um dia de trabalho cavando contra um irlandês.

— Eu apenas cobraria meio dia por doze horas, se eu pudesse fazer metade do trabalho de um dia no tempo. O senhor não está sabendo de qualquer lugar, onde eles poderiam me dar uma prova, longe das fábricas, se sou tão incendiário? Eu tomaria qualquer salário que eles pensassem que eu valho, pelo bem daquelas crianças.

— O senhor não vê o que o senhor se tornaria? O senhor seria um fura-greves. O senhor tomaria salário menor que os outros labutadores, tudo pelo bem dos filhos de outro homem? Pense em como o senhor insultaria qualquer pobre indivíduo que estivesse disposto a tomar o que ele pudesse para manter seus próprios filhos. O senhor e seu sindicato estariam logo sobre ele. Não! Não! Se for apenas pela lembrança do modo o qual o senhor usou os pobres fura-greves antes de agora, eu digo não à sua pergunta. Não lhe dou trabalho e não acredito no seu pretexto para vir e pedir por trabalho; nada sei sobre isso. Pode ser verdade, ou pode não ser. É uma história muito improvável, de qualquer forma. Deixe-me passar. Não darei trabalho ao senhor. Aí está sua resposta.

— Entendo, senhor. Eu não teria incomodado o senhor, mas fui implorado a vir, por uma pessoa que parecia pensar que o senhor tinha um lugar suave em seu coração. Ela estava errada, e eu fui

induzido ao erro. Mas não sou o primeiro homem levado a errar por uma mulher.

— Peça a ela para cuidar de suas próprias coisas da próxima vez, em vez de tomar seu tempo e o meu também. Creio que mulheres estão por trás de cada praga neste mundo. Vá-se embora.

— Sou agradecido ao senhor por sua bondade, mestre, e, mais que tudo, por seu modo civilizado de dizer adeus.

Mr. Thornton não se dignou uma resposta. Mas, olhando para fora da janela um minuto depois, ele foi atingido por uma imagem delgada, da curvada figura saindo do pátio. O andar pesado fazia um estranho contraste com a determinação clara e resoluta do homem que falara com ele. Ele foi até a guarita do porteiro:

— Por quanto tempo aquele homem Higgins esperou para falar comigo?

— Ele estava fora do portal antes das oito horas, senhor. Acho que ele ficou lá desde então.

— E agora é...?

— Apenas uma hora, senhor.

— Cinco horas — pensou Mr. Thornton. — É muito tempo para um homem esperar, fazendo nada além de primeiro ter esperança e depois ter medo.

Capítulo XXXIX

Fazendo amizades

“Não, você não consegue mais nada de mim, acabou.
E estou alegre, sim, alegre de todo o meu coração,
Que assim tão claramente, agora livre estou”.
— DRAYTON.[109]

Margaret trancou-se em seu próprio quarto, após haver deixado Mrs. Thornton. Ela começou a andar para trás e para a frente, em seu antigo habitual modo de mostrar agitação; mas, então, lembrando-se de que naquela casa construída com tanta delicadeza, um passo era ouvido de um cômodo a outro, ela sentou-se até que ouviu Mrs. Thornton sair seguramente da casa. Forçou-se a lembrar-se de toda a conversação que havia passado entre elas; fala a fala, e ela compeliu sua memória a ir até o fim. Ao final, levantou-se e disse a si mesma, em um tom melancólico:

— De qualquer modo, as palavras dela não me tocam; elas não me atingem; posto que sou inocente de todos os pecados que ela atribui a mim. Mas, ainda assim, é duro pensar que qualquer um, qualquer mulher, possa acreditar em tudo isso sobre outra tão facilmente. É duro e triste. Onde agi errado, ela não me acusou, pois ela não tem conhecimento de minha mentira. Ele nunca contou a ela, eu poderia ter sabido que ele não contaria!

Ela levantou sua cabeça, como se sentisse orgulho por qualquer ínfima delicadeza de sentimento que Mr. Thornton

houvesse mostrado. Então, enquanto um novo pensamento passou por ela, juntou as mãos e apertou-as firmemente.

— Ele, também, deve tomar o pobre Frederick por algum namorado, amante — ela ruborizou enquanto a palavra passava por sua mente. — Percebo agora. Não é meramente que ele saiba de minha falsidade, mas ele crê que outro alguém goste de mim; e que eu... Oh minha nossa! Oh minha nossa! O que hei de fazer? O que quero dizer? Por que me importo com o que ele pensa, além da mera perda da boa opinião dele quanto ao fato de haver contado ou não a verdade? Não sei dizer. Mas estou muito infeliz! Oh, quão infeliz este último ano tem sido! Passei da infância à velhice. Não tive juventude, nenhuma feminilidade; as esperanças próprias de uma moça se acabaram para mim, posto que nunca hei de me casar; e antecipo preocupações e tristezas justo como se eu fosse uma idosa, e com o mesmo temeroso espírito. Estou exausta dessa contínua necessidade de ser forte. Consegui suportar por papai, pois esse é um dever natural e piedoso. E penso que conseguiria suportar contra... de qualquer forma, eu podia ter a energia para ressentir, as injustas e impertinentes suspeitas de Mrs. Thornton. Mas é duro sentir quão completamente ele deve me compreender mal. O que aconteceu para me fazer sentir tão mórbida hoje? Não sei. Apenas sei que não posso evitar. Devo ceder algumas vezes. Não, contudo, não cederei — disse ela, ficando repentinamente de pé. — Não irei, não irei pensar sobre mim mesma e minha própria situação. Não examinarei meus próprios sentimentos. Seria inútil agora. Algum dia, se eu viver até a velhice, deverei sentar-me junto à lareira e, olhando para as brasas, pensar na vida que eu poderia ter tido.

Todo esse tempo, ela estava se vestindo apressadamente para sair, apenas parando de tempo em tempo para secar seus olhos, com uma impaciência de gesto com as lágrimas que continuavam a verter, a despeito de toda sua coragem.

— Ouso dizer, há muitas mulheres que já cometeram o mesmo triste erro que eu cometi, e apenas descobriram tarde demais. E quão orgulhosa e impertinentemente falei com ele àquele dia! Mas, então, eu não sabia. Veio sobre mim pouco a pouco, e não sei quando começou. Agora não cederei. Hei de achar difícil me comportar do mesmo modo para com ele, com esta miserável consciência sobre mim; mas serei muito calma e muito quieta, e direi muito pouco. Mas, certamente, não devo vê-lo; ele, evidentemente, se mantém longe de nosso caminho. Isso seria pior que tudo. E ainda assim não me espanta que ele me evite, acreditando no que ele deve acreditar sobre mim.

Ela saiu, dirigindo-se rapidamente rumo ao campo, e tentando sufocar suas reflexões com a rapidez de seus passos.

No retorno, enquanto ela ainda estava no degrau da porta, seu pai apareceu:

— Boa menina! — disse ele. — Você foi à casa de Mrs. Boucher. Eu estava realmente querendo ir lá, se tivesse tempo, antes do jantar.

— Não, papai; não fui — disse Margaret, ruborizando. — Sequer pensei sobre ela. Mas irei imediatamente após o jantar; irei enquanto o senhor estiver fazendo sua sesta.

De acordo, Margaret foi. Mrs. Boucher estava muito doente; realmente doente, não meramente indisposta. A bondosa e sensível vizinha, que viera outro dia, parecia haver tomado conta de tudo.

Algumas das crianças estavam na casa de vizinhos. Mary Higgins viera buscar os três mais novos à hora do jantar e, desde então, alguém havia ido buscar um médico. Ele não havia chegado ainda; Mrs. Boucher estava morrendo; e não havia nada a se fazer senão esperar.

Margaret pensou que gostaria de conversar com Higgins, já que não havia nada melhor a se fazer nesse meio-tempo. Ela podia então, talvez, ouvir dele se havia sido capaz de fazer sua solicitação a Mr. Thornton.

Ela encontrou Nicholas ocupadamente engajado em girar uma moeda sobre o aparador, para o entretenimento de três pequenas crianças, que estavam agarradas a ele em intrépida maneira. Ele, tanto quanto elas, estava sorrindo ao ver a moeda girar demoradamente, e Margaret pensou que o feliz olhar de interesse na ocupação dele fosse um bom sinal. Quando o penny parou de girar, o pequeno Johnnie começou a chorar.

— Venha comigo — disse Margaret, tirando-o do aparador, e segurando-o em seus braços. Ela colocou seu relógio ao ouvido dele, enquanto ela perguntava a Nicholas se ele havia visto Mr. Thornton.

A expressão de seu olhar mudou imediatamente.

— Sim! — disse ele. — Vi e ouvi muito dele.

— Ele recusou o senhor, então? — ela murmurou, pesarosamente.

— Certamente. Eu sabia o tempo todo que ele faria isso. Não adianta esperar piedade das mãos dos mestres. A senhora é uma estranha, uma forasteira aqui, e não é de se esperar que conheça os modos deles; mas eu conheço.

— Lamento que tenha pedido isso ao senhor. Ele estava com raiva? Ele não falou com o senhor como Hamper, falou?

— Ele não foi mais que civil! — disse Nicholas, girando o penny novamente, tanto para sua própria diversão como para a das crianças. — Não se preocupe, estou apenas onde já estava. Vou continuar batendo perna amanhã. Eu dei a ele o mesmo tratamento que recebi. Disse-lhe que não tinha uma boa opinião sobre ele a ponto de ir procurá-lo uma segunda vez; mas a senhora me aconselhou a ir, e eu estava em dívida com a senhora.

— O senhor disse que eu o enviei?

— Não sei se a chamei por seu nome. Não acho que tenha falado. Mas eu disse que uma mulher, que não sabia muito das coisas, tinha me aconselhado a ir e ver se havia um lugar suave no coração dele.

— E ele...? — perguntou Margaret.

— Disse que eu dissesse que a senhora se importasse com suas próprias coisas. Este é o giro mais longo até agora, meus rapazes! E essas foram as palavras civis que ele usou comigo. Mas não se importe. Estamos senão onde nós estava; e eu vou quebrar pedras na estrada antes de deixar estes pequeninos passarem fome.

Margaret tirou o inquieto Johnnie de seus braços, e o colocou de volta em seu lugar anterior no aparador.

— Lamento o haver pedido que fosse procurar Mr. Thornton. Estou decepcionada com ele.

Houve um leve barulho atrás dela. Tanto ela quanto Nicholas se viraram ao mesmo tempo, e lá estava Mr. Thornton, com um olhar de desagradável surpresa no rosto. Obedecendo ao primeiro

impulso, Margaret passou por ele de cabeça baixa, sem dizer palavra, apenas o cumprimentando com um leve aceno, para esconder a repentina palidez que ela sentiu invadir seu rosto. Ele retribuiu, curvando-se levemente em resposta, e então fechou a porta atrás dela. Enquanto ela se apressava para ir à casa de Mrs. Boucher, ela ouviu o tinido, e isso pareceu-lhe preencher a medida de sua mortificação. Ele também estava irritado de encontrá-la lá. Ele tinha ternura em seu coração, “um lugar suave”, como Nicholas Higgins chamara; mas ele tinha algum orgulho em ocultá-lo; mantinha-o muito sagrado e seguro, e tinha ciúmes de toda circunstância que tentasse ser admitida ali. Mas se ele temia a exposição de sua ternura, ele era igualmente desejoso que todos os homens devessem reconhecer sua justiça; e ele sentia que havia sido injusto em dar tão desdenhosa audiência a qualquer um que houvesse esperado, com humilde paciência, por cinco horas, para falar com ele. Que o homem houvesse falado atrevidamente com ele quando tivera oportunidade, nada era para Mr. Thornton. Ele até gostara muito dele por isso e era bastante consciente de sua própria irritabilidade de temperamento, no momento, que provavelmente os deixaram quites um com o outro. Mas foram as cinco horas de espera que atingiram Mr. Thornton. Ele próprio não tinha cinco horas para dar a ele mesmo; mas passadas uma ou duas horas de dura e penetrante reflexão intelectual, tanto quanto de trabalho físico, ele parou de tentar coletar evidência quanto à verdade da história de Higgins, a natureza do seu caráter e seu modo de vida. Ele tentava não estar, mas estava convencido de que tudo aquilo que Higgins havia dito era verdade. E então a convicção entrou, como se por algum feitiço, e tocou a latente ternura do coração dele; a paciência

do homem e a simples generosidade do motivo (posto que ele descobrira a discussão ocorrida entre Boucher e Higgins), o fizeram esquecer inteiramente dos meros raciocínios de justiça, e foram ultrapassados por um instinto mais divino. Ele veio para dizer a Higgins que ele lhe daria trabalho; e ficou mais irritado em encontrar Margaret lá do que por ouvir as últimas palavras dela, posto que houvesse compreendido que ela era a mulher que havia urgido com Higgins para que fosse procurá-lo; e ele temia a admissão de qualquer pensamento dela, como sendo o motivo para o que ele estava fazendo somente porque era certo.

— Então aquela era a dama de quem o senhor falou como uma mulher? — perguntou ele, indignado com Higgins. — O senhor poderia me ter dito quem ela era.

— E então, talvez, o senhor teria me falado mais civilmente do que falou; o senhor deveria ter uma mãe que controlasse sua língua, quando dissesse que as mulheres estão na raiz de todas as pragas.

— É claro que o senhor contou isso para Miss Hale?

— Claro que contei. Pelo menos, avalio que sim. Contei a ela que ela não devia se intrometer novamente em nada que se referisse ao senhor.

— De quem são essas crianças? Suas? — Mr. Thornton tinha uma boa noção de quem elas eram, pelo que ele havia ouvido; mas se sentia desconcertado em iniciar a conversa deste modo nada promissor.

— Elas não são minhas, e elas são minhas.

— Elas são as crianças de quem o senhor falou para mim nessa manhã?

— Quando o senhor disse — respondeu Higgins, se virando, com mal sufocada fúria —, que minha história podia ser verdade ou podia não ser, mas que era muito improvável. Mestre, eu não esqueci.

Mr. Thornton ficou em silêncio por um momento; então ele disse: — Nem eu esqueci. Eu me lembro do que eu disse. Falei com o senhor sobre essas crianças de um modo que eu não tinha o direito de falar. Não acreditei no senhor. Eu mesmo não poderia cuidar dos filhos de outro homem, se ele houvesse agido contra mim como eu ouvi que Boucher fez com o senhor. Mas sei agora que o senhor falou a verdade. Imploro o seu perdão.

Higgins não se virou, ou imediatamente respondeu a isso. Mas quando ele falou, foi em um suavizado tom, embora as palavras fossem ásperas o suficiente.

— O senhor não tinha nada que ir bisbilhotar sobre o que aconteceu entre Boucher e eu. Ele está morto, e eu sinto muito. Isso é o suficiente.

— Assim o é. O senhor tomará trabalho comigo? Isso é o que vim para perguntar.

A obstinação de Higgins oscilou, recuperou a força, e ficou firme. Ele não falaria. Mr. Thornton, certamente, não pediria novamente. Os olhos de Higgins caíram sobre as crianças.

— O senhor me chamou de descarado, mentiroso e feitor de estrago, e o senhor podia ter dito, com alguma verdade, já que eu era aqui e ali dado à bebida. E o chamei de tirano, e de um velho buldogue e um mestre duro e cruel. E as coisas estão nesse pé. Mas pelas crianças, mestre, o senhor acha que algum dia vamos conseguir nos entender?

— Bem! — disse Mr. Thornton, meio rindo —, não é minha proposta que devamos nos entender. Mas há um conforto, em sua própria parte. Nenhum de nós dois pode pensar muito pior do outro do que pensamos agora.

— Isso é verdade — disse Higgins, refletidamente. — Tenho pensado, desde que o encontrei, que foi uma graça o senhor não ter me contratado, posto que nunca vi um homem que eu pudesse tolerar menos. Mas isso talvez tenha sido um julgamento apressado; e trabalho é trabalho no que me diz respeito. Então, mestre, eu vou, e mais ainda, eu lhe agradeço; e isso já é muito, da minha parte — disse ele, mais francamente, repentinamente se virando e encarando Mr. Thornton plenamente pela primeira vez.

— E isso já é muita coisa para mim também — disse Mr. Thornton, dando à mão de Higgins um bom aperto. — Agora lhe peço que seja pontual — continuou ele, retomando a posição de mestre. — Não tenho preguiçosos na minha fábrica. As normas que temos são cobradas severamente. E a primeira vez que eu o pegar fazendo algum estrago, o senhor estará fora. Então agora o senhor sabe em que pé estamos.

— O senhor falou de minha sabedoria nessa manhã. Avalio que devo levar ela comigo; ou o senhor preferiria que eu não usasse a minha cabeça?

— Depende. Se pretender usá-la para atrapalhar os meus negócios, a resposta é uma só; mas se o senhor for usar seu cérebro para ajudar no trabalho, deixe-o ativo e, se puder, use-o também em seu próprio benefício.

— Hei de precisar de muita cabeça para definir onde meus negócios começam e os seus terminam.

— Seus negócios ainda não começaram, e os meus estão esperando por mim. Então boa tarde.

Justo no momento em que Mr. Thornton chegava à porta de Mrs. Boucher, Margaret saía de lá. Ela não o viu; e ele a seguiu por muitas jardas, admirando seu leve e fácil caminhar, e sua alta e graciosa figura. Mas, repentinamente, esta simples emoção de prazer foi tingida e envenenada pelo ciúmes. Ele desejava ultrapassá-la, e falar com ela, para ver como ela o receberia, agora que ela sabia que ele estava ciente de alguma outra ligação. Ele desejava também, mas deste desejo ele estava bastante envergonhado, que ela devesse saber que ele havia justificado sua sabedoria ao enviar Higgins a ele para pedir por trabalho; e havia se arrependido de sua decisão da manhã. Ele foi até ela. Ela se sobressaltou.

— Permita-me dizer, Miss Hale, que a senhorita foi bastante prematura em expressar seu desapontamento. Tomei Higgins para trabalhar.

— Estou feliz com isso — disse ela, friamente.

— Ele me contou que repetiu à senhorita o que eu disse nessa manhã sobre...

Mr. Thornton hesitou. Margaret continuou: — Sobre mulheres não se intrometerem. O senhor tem todo o direito de expressar sua opinião, que é muito correta, não tenho dúvidas. Mas — ela continuou um pouco mais avidamente: — Higgins não lhe contou bem a exata verdade — a palavra “verdade” a lembrou de sua própria inverdade, e ela se interrompeu, se sentindo excessivamente desconfortável.

Mr. Thornton, de início, ficou confuso ao interpretar seu silêncio; e então ele se lembrou da mentira que ela havia contado, e tudo que se havia antecedido. — A exata verdade! — repetiu ele. — Muito poucas pessoas realmente falam a exata verdade. Tenho desistido de esperar por isso. Miss Hale, a senhorita não tem explicação para me dar? A senhorita deve perceber o que não posso senão pensar.

Margaret ficou em silêncio. Ela estava se perguntando se uma explicação de qualquer tipo seria consistente com sua lealdade a Frederick.

— Não, melhor — disse ele —, não perguntarei mais nada. Devo estar colocando a tentação em seu caminho. No presente, creio eu, seu segredo está a salvo comigo. Mas a senhorita corre grandes riscos, permita-me dizer, em ser tão indiscreta. Estou agora apenas falando como um amigo de seu pai: se eu tivesse qualquer outro pensamento ou esperança, é claro que isso chegaria ao fim. Estou bastante desinteressado.

— Estou ciente disso — disse Margaret, forçando-se a falar em um modo indiferente, descuidado. — Estou ciente do que devo parecer ao senhor, mas o segredo é de outra pessoa, e não posso explicar sem causar qualquer dano a ele.

— Não tenho sequer o mais ligeiro desejo de me intrometer nos segredos do cavalheiro — ele disse, com crescente raiva. — Meu próprio interesse na senhorita é... simplesmente aquele de um amigo. A senhorita pode não acreditar em mim, Miss Hale, mas é... a despeito da perseguição com a qual temo tê-la assediado certa vez, mas isso tudo foi abandonado; tudo está no passado. A senhorita acredita em mim, Miss Hale?

— Sim — disse Margaret, calma e tristemente.

— Então, realmente, não vejo nenhuma razão para continuarmos caminhando juntos. Pensei, talvez, que a senhorita devesse ter algo a dizer, mas vejo que não somos nada um ao outro. Se a senhora está bem convencida de que qualquer tola paixão de minha parte esteja totalmente acabada, desejar-lhe-ei boa tarde.

Ele caminhou para longe muito apressadamente.

“O que ele pode estar querendo dizer?”, pensou Margaret. “O que ele podia querer dizer falando assim, como se eu estivesse sempre pensando que ele se importasse comigo, quando sei que ele não se importa; ele não pode se importar. A mãe dele haverá dito todas aquelas cruéis coisas sobre mim para ele. Mas não vou me importar. Certamente sou dona o suficiente de mim mesma para controlar este selvagem, estranho e infeliz sentimento, que me tentou até mesmo a trair meu próprio querido Frederick, para que eu pudesse senão ganhar de volta a boa opinião dele, a boa opinião de um homem que toma tais dores para me dizer que não sou nada para ele. Vamos, pobre e pequeno coração! Seja alegre e corajoso. Seremos muita coisa um para o outro, se formos jogados fora e deixados desolados”.

Seu pai ficou quase sobressaltado pela alegria dela nesta tarde. Ela falava incessantemente, e forçava seu natural humor a um pico incomum. E se houvesse um matiz de amargura em muito do que ela dizia? Se seus relatos do velho grupo de Harley Street fossem um pouco sarcásticos, seu pai não podia suportar reprimi-la, enquanto ele o teria feito em outra hora, posto que ele estivesse alegre de vê-la espantando suas preocupações. Mais tarde naquela noite ela foi chamada para falar com Mary Higgins; e quando ela

voltou, Mr. Hale imaginou que vira traços de lágrimas em seu rosto. Mas isso não podia ser, pois ela trazia boas notícias, que Higgins havia conseguido trabalho na fábrica de Mr. Thornton. De qualquer forma, o espírito dela estava abatido e ela percebera que era impossível continuar falando no modo animado com que vinha fazendo.

Por alguns dias, os ânimos dela variaram estranhamente; e seu pai estava começando a ficar ansioso com ela, quando chegaram notícias dos amigos distantes que prometiam alguma mudança e variedade para ela. Mr. Hale recebeu uma carta de Mr. Bell, na qual aquele cavalheiro voluntariava uma visita a eles; e Mr. Hale imaginou que a prometida sociedade de seu antigo amigo de Oxford daria uma virada tão agradável às ideias de Margaret como dava à dele própria. Margaret tentou tomar um interesse no que agradava seu pai, mas ela estava demasiado lânguida para se importar com qualquer Mr. Bell, mesmo que ele fosse vinte vezes seu padrinho. Ela ficou mais desperta com uma carta de Edith, cheia de compreensão pela morte de sua tia; cheia de detalhes sobre ela mesma, seu esposo, e filho; e ao final dizia, já que o clima não era adequado para o bebê, e como Mrs. Shaw estava falando em retornar à Inglaterra, ela achava provável que o capitão Lennox vendesse tudo, e eles poderiam todos ir morar novamente na antiga casa de Harley Street; que, contudo, pareceria muito incompleta sem Margaret. Ela ansiava pela antiga casa, e a plácida tranquilidade daquela outrora bem ordenada e monótona vida. Ela a havia considerado ocasionalmente cansativa enquanto durou, mas desde então ela havia sido fustigada, e se sentido tão exausta por esta recente luta consigo mesma, que ela pensava que até a

estagnação seria um descanso e um refresco. Então ela começou a pensar em fazer uma longa visita aos Lennox, na ocasião do retorno deles à Inglaterra, como um ponto — não, não de esperança — mas de lazer, no qual ela ganharia novamente seu poder e comando sobre si mesma. No presente parecia para ela como se todos os assuntos tendessem rumo a Mr. Thornton; como se ela não conseguisse esquecê-lo com todos os seus esforços. Se ela fosse ver os Higgins, ela ouvia dele lá; seu pai havia retomado as leituras deles juntos, e citava as opiniões dele perpetuamente; até a visita de Mr. Bell trouxe o inquilino dele sobre o *tapis*; posto que ele escrevera que acreditava que devesse estar ocupado por grande parte de seu tempo com Mr. Thornton, já que um novo arrendamento estava em preparação e que seriam necessárias negociações entre eles.

Capítulo XL

Fora da toada

“Não tenho erro, onde não posso clamar algum direito,
Nada me foi tomado, de onde eu nada tinha,
Ainda que de minha desventura eu possa estar desfeito;
A saber, desde que o outro possa ser feliz,
Que, então, me faça triste em pesar”.
— WYATT.[110]

Margaret não havia esperado muito prazer para si mesma com a visita de Mr. Bell — tinha apenas ansiado por isso em consideração ao seu pai, mas quando seu padrinho veio, ela de uma vez caiu na mais natural posição de amizade no mundo. Ele disse que ela não tinha mérito em ser o que era, uma menina tão inteiramente de acordo com o seu coração; era um poder hereditário que ela tinha, entrar e tomar posse da afeição dele. Enquanto ela, em resposta, dava a ele muito crédito por parecer tão jovem e ativo, sob capa e capelo de seu *Fellow*.

— Ativo e jovem em calor e bondade, quero dizer. Temo que eu deva confessar, que penso que suas opiniões são as mais velhas e mais emboloradas que tenho encontrado neste longo tempo — disse Margaret.

— Ouça essa sua filha, Hale. A residência dela em Milton muito a tem corrompido. Ela é uma democrata, uma vermelha republicana, um membro da Sociedade da Paz, uma socialista...

— Papai, isso tudo é porque estou me levantando em defesa do progresso do comércio. Mr. Bell queria que ficássemos parados no tempo, ainda fazendo troca de peles de bestas selvagens por castanhas.

— Não, não. Eu cavaria o chão e plantaria batatas. E rasparia as peles das bestas e transformaria lã em pano grosso e de boa qualidade. Não exagere, mocinha. Mas estou cansado desse atropelo. Todo mundo passando por cima de todo mundo, na pressa para enriquecerem.

— Não é todo mundo que pode se sentar confortavelmente em um conjunto de salas de faculdade, e deixar suas riquezas crescerem sem qualquer esforço próprio. Não há dúvidas de que há muitos homens aqui que seriam gratos se as propriedades deles crescessem como as suas têm crescido, sem eles terem qualquer trabalho com isso — disse Mr. Hale.

— Não creio que seriam. É do alvoroço e da luta que eles gostam. Quanto a ficar sentado, e aprender com o passado, ou moldando o futuro por um trabalho fiel sobre um espírito profético, ora! Asneira! Não acredito que haja um homem em Milton capaz de ficar sentado; e é uma grande arte.

— As pessoas de Milton, eu suspeito, pensam que os homens de Oxford não sabem como se mexer. Seria uma coisa muito boa se eles se misturassem um pouco mais.

— Poderia ser bom para os Miltonianos. Muitas coisas que seriam boas para eles, contudo, seriam muito desagradáveis para outras pessoas.

— O senhor mesmo não é um homem de Milton? — perguntou Margaret. — Eu pensava que o senhor sentia orgulho de sua

cidade.

— Confesso, não vejo o que há para inspirar orgulho. Se você apenas vier para Oxford, Margaret, mostrar-lhe-ei um lugar de glória.

— Bem! — disse Mr. Hale —, Mr. Thornton está vindo para tomar chá conosco nesta noite, e ele é tão orgulhoso de Milton quanto você de Oxford. Vocês dois devem tentar tornar as mentes um do outro mais liberais.

— Não quero ter a mente mais liberal, obrigado — disse Mr. Bell.

— Mr. Thornton está vindo para o chá, papai? — perguntou Margaret, em voz baixa.

— Ou para o chá ou logo depois. Ele não soube dizer. Pediu-nos que não o esperássemos para o chá.

Mr. Thornton havia decidido que não faria perguntas à sua mãe sobre até que ponto ela havia colocado seu projeto em execução, de falar com Margaret sobre a impropriedade de sua conduta. Ele sentia-se bastante certo de que, se esta entrevista acontecera, o relato de sua mãe do que se passou iria apenas irritá-lo e desapontá-lo, embora ele estivesse todo o tempo consciente da coloração das faces dela quando confrontada. Ele encolhia-se de ouvir o próprio nome de Margaret ser mencionado; ele, enquanto a culpava — enquanto sentia ciúmes dela — enquanto a renunciava — a amava dolorosamente, a despeito de si mesmo. Ele sonhava com ela; sonhava que ela vinha dançando rumo a ele de braços abertos, e com uma leveza e alegria que o faziam odiá-la, mesmo enquanto o fascinava. Mas a impressão desta figura de Margaret — com todo seu caráter retirado dela, tão completamente como se

algum espírito maligno houvesse tomado posse de sua forma — estava tão profundamente estampada sobre a imaginação dele, que quando ele acordou, sentiu-se dificilmente capaz de separar a Una da Duessa[111]; e o desgosto que ele tinha pela última parecia envolver e desfigurar a primeira. Ainda assim ele era muito orgulhoso para reconhecer sua fraqueza evitando a visão dela. Ele não procuraria uma oportunidade de estar em sua companhia, nem de evitá-la.

Para convencer-se de seu poder de autocontrole, demorou-se sobre qualquer detalhe dos negócios da tarde. Forçava cada movimento para a lentidão e a profunda deliberação; e, consequentemente, era passado das oito horas quando ele chegou à casa de Mr. Hale. Então havia arranjos de negócios a serem transacionados no gabinete com Mr. Bell; e o último continuou sentado ao fogo, e falando enfadonhamente, muito após todos os negócios serem tratados, e quando eles podiam muito bem haver subido as escadas. Mas Mr. Thornton não diria uma palavra sobre se moverem dali; ele desgastava-se e se desgastava, e pensava em Mr. Bell como a mais prosaica companhia; enquanto Mr. Bell retornava o elogio em segredo, considerando Mr. Thornton o sujeito mais brusco e seco que ele já havia encontrado um dia, e terrivelmente atrasado, tanto em inteligência quanto em modos.

Finalmente, algum suave barulho no cômodo acima sugeriu a desejabilidade de se mudarem para lá. Encontraram Margaret com uma carta aberta diante de si, avidamente discutindo seu conteúdo com seu pai. À entrada dos cavalheiros, a carta foi imediatamente posta de lado, mas os sentidos ávidos de Mr. Thornton captaram algumas poucas palavras de Mr. Hale para Mr. Bell.

— É uma carta de Henry Lennox. Deixou Margaret muito esperançosa.

Mr. Bell acenou. Margaret estava vermelha como uma rosa quando Mr. Thornton olhou para ela. Ele teve a maior vontade do mundo de se levantar e sair do cômodo naquele mesmo instante, e nunca colocar os pés naquela casa novamente.

— Estávamos pensando — disse Mr. Hale —, que você e Mr. Thornton haviam seguido o conselho de Margaret, e estivessem cada um tentando converter o outro, já que estiveram por tanto tempo no gabinete.

— E você pensava que não nos restaria mais nada senão uma opinião, como o rabo do gato de Kilkenny[112]. Rogo-lhe, qual opinião você pensava que teria a mais obstinada vitalidade?

Mr. Thornton não tinha a menor noção do que eles estavam falando, e desdenhou inquirir. Mr. Hale educadamente o esclareceu.

— Mr. Thornton, estávamos acusando Mr. Bell nesta manhã de um tipo de beatice medieval Oxfordiana contra sua cidade natal; e nós, Margaret, creio eu, sugeriu que faria bem a ele se associar um pouco com os industriais de Milton.

— Peço perdão. Margaret pensava que faria bem aos industriais de Milton se associarem um pouco mais com homens de Oxford. Não foi assim, Margaret?

— Creio que pensei que faria bem aos dois conhecer um pouco mais do outro; eu não sabia que era minha ideia mais do que de papai.

— Então você vê, Mr. Thornton, que nós deveríamos estar melhorando um ao outro lá embaixo, em vez de conversar sobre famílias desaparecidas de Smith e Harrison. Contudo, estou

disposto a fazer minha parte agora. Imagino quando vocês homens de Milton pretendem viver. Todas as vidas de vocês parecem ser gastas em amealhar os materiais para a vida.

— Por viver, eu suponho que o senhor queira dizer desfrute.

— Sim, desfrute; não especifico de quê, porque confio que devamos ambos considerar mero prazer como um tipo de desfrute muito diferente.

— Eu preferiria ter a natureza da diversão definida — disse Mr. Thornton.

— Bem! Desfrute de lazer, desfrute do poder e influência que o dinheiro dá. Vocês todos estão lutando por dinheiro. Para que vocês o querem?

Mr. Thornton ficou em silêncio. Então ele disse: — Realmente eu não sei. Mas dinheiro não é o motivo pelo qual *eu* luto.

— Por quê, então?

— É uma pergunta sobre princípios. Hei de ter que me abrir inteiro para tal catequista, e não estou certo de que eu esteja preparado para fazer isso.

— Não! — disse Mr. Hale. — Não vamos tomar parte em seu catecismo. Nenhum de vocês dois é o homem representativo de sua categoria; vocês são cada um muito individuais para isso.

— Não estou certo quanto a considerar isso como um elogio ou não. Eu deveria gostar de ser representante de Oxford, com sua beleza e seu aprendizado, e sua orgulhosa e antiga história. O que você diz, Margaret? Eu deveria estar lisonjeado?

— Não conheço Oxford. Mas há uma diferença entre ser o representante de uma cidade e o homem representativo de seus habitantes.

— Muito bem, Miss Margaret. Agora eu me lembro, você estava contra mim esta manhã, e era bem Miltoniana e manufatureira em suas preferências.

Margaret viu o rápido olhar de surpresa que Mr. Thornton lhe lançou, e ela estava irritada com a ideia que ele poderia fazer deste discurso de Mr. Bell. Mr. Bell continuou: — Ah! Eu gostaria de poder lhes mostrar nossa High Street, nossa Radcliffe Square. Estou deixando de fora nossas faculdades, assim como dou a Mr. Thornton a licença de omitir suas fábricas ao falar dos encantos de Milton. Tenho o direito de ofender meu local de nascimento. Lembre-se de que sou um homem de Milton.

Mr. Thornton ficou mais irritado do que deveria com o que Mr. Bell estava dizendo. Ele não estava com humor para jocosidade. Em outra hora, ele poderia ter desfrutado da condenação meio impertinente de Mr. Bell de uma cidade onde a vida era tão discrepante de todos os hábitos que ele havia formado; mas agora, ele estava provocado o suficiente para tentar defender o que nunca foi pretendido ser seriamente atacado.

— Não coloco Milton como um modelo de uma cidade.

— Nem em arquitetura? — astutamente perguntou Mr. Bell.

— Não! Estivemos muito ocupados por aqui para prestar atenção em meras aparências externas.

— Não diga *meras* aparências externas — disse Mr. Hale, gentilmente. — Elas nos impressionam a todos, da infância em diante, a cada dia de nossa vida.

— Espere um pouco — disse Mr. Thornton. — Lembre-se, somos de uma raça diferente dos gregos, para quem a beleza era tudo, e para quem Mr. Bell poderia ter falado de uma vida de lazer e

sereno desfrute, grande parte da qual veio através de seus sentidos externos. Não pretendo desprezá-los, não mais do que imitá-los. Mas eu tenho sangue Teutônico[113], que é menos misturado nesta parte da Inglaterra, comparada às outras. Nós retemos muito de sua língua; retemos mais ainda do espírito; não olhamos para a vida como um mero desfrute, mas como um tempo para ação e esforço. Nossa glória e nossa beleza se originam de nossa força interna, que nos faz vitoriosos sobre resistência material, e sobre dificuldades ainda maiores. Somos Teutônicos aqui em Darkshire de outra maneira. Odiamos ter leis feitas para nós à distância. Desejamos que as pessoas nos permitam governar a nós mesmos, em vez de se intrometerem continuadamente com sua imperfeita legislação. Erguemos nossa bandeira pelo governo autônomo e nos opomos à centralização.

— Em suma, você gostaria que a Heptarquia[114] voltasse novamente. Bem, de qualquer modo, revogo o que disse nesta manhã, que vocês, pessoas de Milton, não reverenciam o passado. Vocês são adoradores regulares de Thor.

— Se nós não reverenciamos o passado como vocês o fazem em Oxford, é porque queremos algo que possa se aplicar ao presente mais diretamente. Tudo bem quando o estudo do passado leva a uma profecia do futuro. Mas, para homens tateando em novas circunstâncias, seria melhor se as palavras da experiência pudessem nos ensinar como agir naquilo que nos interessa mais intimamente e de imediato; que está cheio de dificuldades que devem ser enfrentadas; e do modo pelo qual elas são encaradas e vencidas, não meramente colocadas de lado por algum tempo, depende o nosso futuro. Além da sabedoria do passado nos ajudar

no presente. Mas não! Pessoas podem falar de utopia muito mais facilmente que do dever do dia seguinte; e ainda assim, quando esse dever é realizado inteiramente pelos outros, estão prontos para gritar: “Homessa, que vergonha!”

— Em todo este tempo ainda não entendi sobre o que o senhor está falando. Vocês, os homens de Milton, condescenderiam a nos consultar em Oxford sobre suas dificuldades diárias? Vocês não nos testaram ainda.

Mr. Thornton riu abertamente disso.

— Creio que eu estivesse falando com referência a muita coisa que nos têm incomodado nos últimos tempos; eu estava pensando nas greves pelas quais temos passado, que são coisas trabalhosas e injuriosas o suficiente, como estou descobrindo a meu custo. E ainda assim esta última greve, sob a qual estou conjecturando, tem sido respeitável.

— Uma respeitável greve! — disse Mr. Bell. — Isso soa como se o senhor houvesse ido longe demais à adoração de Thor.

Margaret sentiu, mais do que viu, que Mr. Thornton estava desgostoso pela repetitiva transformação em gracejo do que para ele era muito sério. Ela tentou mudar a conversa para um assunto que interessava pouco a uma das partes, enquanto a outra estaria profundamente interessada, por se tratar de uma coisa pessoal. Ela forçou-se a dizer alguma coisa.

— Edith diz que ela encontra chitas estampadas em Corfu melhores e mais baratas que em Londres.

— É mesmo? — disse seu pai. — Penso que isso deva ser um dos exageros de Edith. Você tem certeza disso, Margaret?

— Estou certa de que ela diz isso, papai.

— Então estou certo do fato — disse Mr. Bell. — Margaret, estou tão convencido de minha crença em sua sinceridade que ela abrange até o caráter de sua prima. Não creio que um primo seu pudesse exagerar.

— Miss Hale é tão memorável assim no que diz respeito à verdade? — perguntou Mr. Thornton, amargamente.

No momento em que ele disse isso, ele sentiu que devia ter cortado sua língua fora com uma mordida. O que ele era? E por que deveria esfaqueá-la desse modo com sua vergonha? Quão mau ele estava esta noite; possuído por um mau humor ao ser detido por tanto tempo longe dela; irritado pela menção de algum nome, pois ele pensava que pertencia ao melhor e bem-sucedido amante; agora se demonstrava destemperado, porque não havia sido capaz de enfrentar, com um coração leve, alguém que estava tentando, por alegres e descuidados discursos, fazer a noite se passar agradavelmente: o bondoso e velho amigo de todos eles, cujos modos a essa altura já eram bem conhecidos de Mr. Thornton, que havia sido familiarizado com ele há muitos anos. E então falar com Margaret como ele o havia feito!

Ela não se levantou e deixou o cômodo, como ela havia feito em dias anteriores, quando seus modos abruptos ou seu temperamento tinham-lhe irritado. Ela ficou sentada calmamente, após o primeiro momentâneo olhar de ofendida surpresa, que fez os olhos dela parecerem os de alguma criança que houvesse encontrado com um inesperado malogro; eles lentamente se dilataram em lúgubre e repreendida tristeza; e então decaíram, e ela curvou-se sobre seu trabalho, e não falou novamente. Mas ele não conseguia evitar olhar para ela, e viu seu corpo estremecer ao

suspirar, como se ela tremesse por algum desabituado calafrio. Sentiu-se como uma mãe, em meio ao “seu balançar, e seu avaliar”, houvesse ela sido chamada antes de seu lento confidenciado sorriso, implicando perfeita confiança no amor de mãe, houvesse provado a renovação de seu amor. Ele deu respostas curtas e afiadas; ele estava inquieto e zangado, incapaz de discernir entre gracejo e seriedade; ansioso apenas por um olhar, uma palavra dela, diante da qual prostrar a si mesmo em penitente humildade. Mas ela nem olhava nem falava. Seus redondos e esguios dedos voavam para dentro e para fora de seu bordado, tão firme e rapidamente como se isso fosse o negócio de sua vida. Ela não devia gostar dele, ele pensava, ou então o passional fervor do desejo dele a haveria, de algum modo, forçado a elevar aqueles olhos, senão por um instante, para ler o recente arrependimento nos dele. Ele poderia havê-la atingido antes de partir, a fim de que, por algum estranho e evidente ato de rudeza, ele pudesse adquirir o privilégio de contar-lhe o remorso que corroía seu coração.

Era bom que aquela noite terminasse com uma longa caminhada ao ar livre. Isso o abrandou e o levou a uma séria resolução, que dali em diante ele a veria o mínimo possível — já que a mera visão daquela face e forma, e os próprios sons daquela voz (como os suaves ventos de pura melodia) tinham tanto poder para removê-lo de seu equilíbrio. Bem! Ele havia sabido o que era amor — uma aguda dor, uma furiosa experiência, em meio a cujas chamas ele estava lutando! Mas através daquela fornalha, ele lutaria por seu caminho até a serenidade da meia-idade — tanto mais rico e mais humano por haver conhecido esta grande paixão.

Quando ele havia deixado a sala um tanto abruptamente, Margaret levantou-se de seu assento, e começou silenciosamente a dobrar seu trabalho; as longas bainhas eram pesadas, e tinham um incomum peso para seus lânguidos braços. As redondas linhas em seu rosto tomaram uma forma alongada, mais reta, e toda sua aparência era aquela de alguém que havia passado por um dia de grande fadiga. Enquanto os três se preparavam para dormir, Mr. Bell balbuciou uma pequena condenação a Mr. Thornton.

— Nunca vi um indivíduo tão estragado pelo sucesso. Ele não aguenta uma palavra; um gracejo de qualquer tipo. Tudo parece tocar no ferimento de sua alta dignidade. Anteriormente, ele era tão simples e nobre quanto o dia aberto; você não conseguia ofendê-lo, porque ele não tinha vaidade.

— Ele não é vaidoso agora — disse Margaret, virando-se da mesa, e falando com calma distinção. — Hoje ele não foi como ele mesmo. Algo deve tê-lo irritado antes que ele viesse até aqui.

Mr. Bell deu-lhe um de seus agudos olhares de cima de seus óculos. Ela suportou bem calmamente; mas, antes que ele houvesse deixado a sala, repentinamente perguntou:

— Hale! Já lhe ocorreu que Thornton e sua filha têm o que os franceses chamam uma *tendresse*[115] um pelo outro?

— Nunca! — disse Mr. Hale, primeiro sobressaltado e depois confuso pela nova ideia. — Não, estou certo de que você está errado. Estou quase certo de que você está equivocado. Se há qualquer coisa, é tudo do lado de Mr. Thornton. Pobre indivíduo! Espero e confio que ele não esteja pensando nela, pois estou certo de que ela não o aceitaria.

— Bem! Sou um solteirão, e tenho ficado longe de casos de amor por toda minha vida; então talvez minha opinião não valha a pena. Ou então eu deveria dizer que há sinais bastante evidentes da parte dela!

— Então estou certo de que você está errado — disse Mr. Hale. — Ele pode se importar com ela, embora ela realmente tenha sido quase rude com ele às vezes. Mas ela?! Ora, Margaret nunca pensaria nele, estou certo! Tal coisa nunca entrou na cabeça dela.

— Entrar no coração dela bastaria. Mas meramente lancei uma sugestão do que poderia ser. Ouso dizer que estive errado. E se eu estive errado ou certo, estou muito sonolento. Então, havendo perturbado o descanso da noite de vocês (como posso ver) com minhas inoportunas imaginações, eu me entrego com uma mente mais leve ao meu próprio descanso.

Mas Mr. Hale decidiu que ele não seria perturbado por qualquer tal disparatada ideia; então ele se deitou determinado a não pensar mais no assunto.

Mr. Bell despediu-se no dia seguinte, pedindo que Margaret o visse como alguém que tivesse o direito de ajudá-la e protegê-la em todos os seus problemas, de qualquer natureza. A Mr. Hale, ele disse:

— Essa Margaret sua tocou profundamente meu coração. Cuide dela, posto que ela é uma criatura muito preciosa, e demasiado boa para Milton, apenas adequada a Oxford, de fato. A cidade, quero dizer; não aos homens. Não consigo pensar em um esposo para ela ainda. Quando eu puder, hei de trazer meu jovem rapaz para ficar lado a lado com sua jovem moça, assim como o

gênio nas Noites Árabes[116] trouxe o Príncipe Caralmazan para se parear com a Princesa Badoura das fadas.

— Imploro que você não faça tal coisa. Lembre-se dos infortúnios que se seguiram; e ademais, não posso poupar Margaret.

— Não. Pensando melhor, vamos guardá-la para cuidar de nós daqui a dez anos, quando haveremos de ser dois velhos inválidos e rabugentos. Sério, Hale! Eu queria que você deixasse Milton, que é o lugar mais impróprio para você, embora fosse minha recomendação em primeira instância. Se você partisse, eu engoliria as sombras de minhas dúvidas, e aceitaria o benefício da faculdade; e você e Margaret poderiam ir e morar no presbitério, você para ser um tipo de pároco auxiliar leigo, e tirar isso das minhas mãos; e ela para ser nossa governanta, a Lady Abundante do vilarejo de dia; e, à noite, ler para nós até dormirmos. Eu poderia ser muito feliz com tal vida. O que você acha disso?

— Nunca — disse Mr. Hale, decididamente. — Meu único grande risco foi feito e meu preço em sofrimento já foi pago. Aqui eu fico pelo resto de minha vida; e aqui serei enterrado e perdido na multidão.

— Não desisti do meu plano ainda. Apenas não vou acenar-lhe mais com ele agora. Onde está a pérola? Venha, Margaret, me dê um beijo de despedida; e lembre-se, minha querida, onde você pode encontrar um verdadeiro amigo, até onde for a capacidade dele. Você é minha filha, Margaret. Lembre-se disso, e Deus a abençoe!

Então eles caíram de volta à monotonia da quieta vida que eles levavam até então. Não havia nenhum inválido por quem ter esperanças e temores; até os Higgins — por tanto tempo um vívido

interesse — pareciam haver recuado de qualquer necessidade de imediato pensamento. As crianças Boucher, também deixadas órfãs de mãe, exigiam todos os cuidados que Margaret pudesse conceder; e ela ia muito frequentemente ver Mary Higgins, que tinha o encargo deles. As duas famílias estavam morando em uma casa: as crianças mais velhas estavam em escolas humildes; as mais novas eram vigiadas, na ausência de Mary em seu trabalho, pela bondosa vizinha, cujo bom senso havia atingido Margaret à época da morte de Boucher. É claro que ela era paga por seu trabalho; e de fato, em todos os pequenos planos e arranjos dele para essas crianças órfãs, Nicholas mostrava um sóbrio julgamento, e um regulado método de pensamento, que estava em desacordo com seus mais excêntricos impulsos de ação anteriores. Ele estava tão firme em seu trabalho que Margaret não o via frequentemente durante os meses de inverno. Mas quando ela o encontrou, percebeu que ele se retraía de qualquer referência ao pai daquelas crianças, que ele tinha tão inteira e sinceramente tomado sob seu cuidado. Também não foi com facilidade que ele falou de Mr. Thornton.

— Para dizer a verdade — disse ele —, Mr. Thornton me confunde bastante. Ele é duas pessoas. Um sujeito que há tempos eu conheço como o mestre, e outro camarada que não tem nada de patrão nele. Como estes dois estão presos em um corpo, é uma coisa para se descobrir. Não vou ser derrubado por isso, mesmo assim. Enquanto isso, ele vem aqui muitas vezes; assim é como conheço o rapaz que é um homem, não um mestre. E avalio que ele está surpreso comigo tanto quanto estou com ele, posto que ele se senta e escuta e olha, como se eu fosse alguma besta estranha

recém-capturada em alguma das zonas. Mas não fico intimidado. Ia ser preciso muito para me intimidar em minha própria casa, como ele vê. E eu digo a ele algumas opiniões que avalio que seria melhor que ele tivesse escutado quando era mais jovem.

— E ele não responde o senhor? — perguntou Mr. Hale.

— Bem! Não vou dizer que a vantagem está toda do lado dele, posto que só tomo crédito por melhorar *ele* um pouco. Algumas vezes ele diz uma coisa rude ou duas, que não é agradável de aceitar de início, pois têm o gosto estranho do bofetão da verdade quando a gente vai digerindo. Ele está vindo hoje à noite, avalio, para saber sobre a educação das crianças. Ele não está satisfeito como está, e quer examinar *elas*.

— Onde elas estão? — começou Mr. Hale, mas Margaret, tocando seu braço, lhe mostrou seu relógio.

— São quase sete — ela disse. — As noites estão ficando mais longas agora. Vamos, papai.

Ela não respirou livremente até que eles estivessem a alguma distância da casa. Então, enquanto ela ficava mais calma, desejou que não houvesse estado em tão grande pressa; posto que, de alguma forma, eles viam Mr. Thornton senão muito raramente agora; e ele devia ter vindo para ver Higgins; e, em nome da antiga amizade, ela gostaria de havê-lo visto hoje à noite.

Sim! Ele vinha muito raramente, até mesmo pelo maçante e frio propósito de lições. Mr. Hale estava desapontado com a indiferença de seu pupilo com a literatura grega, que, senão, pouco tempo atrás tinha grande interesse para ele. E agora frequentemente acontecia de chegar uma nota apressada de Mr. Thornton, justo no último momento, dizendo que ele estava tão compromissado que não

poderia vir para ler com Mr. Hale àquela noite. E, embora outros pupilos houvessem tomado mais do que o seu lugar quanto ao tempo, ninguém era como o seu primeiro acadêmico no coração de Mr. Hale. Ele estava deprimido e triste com esta parcial cessação de um intercurso que se havia tornado querido para ele; e ele costumava ficar sentado ponderando sobre a razão que poderia haver ocasionado essa mudança.

Ele sobressaltou Margaret, uma noite enquanto ela se sentava com seu trabalho, repentinamente perguntando:

— Margaret, você já teve qualquer razão para pensar que Mr. Thornton gostasse de você?

Ele quase ruborizou quando ele colocou essa questão; mas a observada ideia de Mr. Bell recorreu a ele, e as palavras estavam fora de sua boca antes que ele bem soubesse o que queria.

Margaret não respondeu imediatamente; mas pelo curvado abatimento de sua cabeça, ele adivinhou qual seria a resposta.

— Sim, acredito que sim. Oh papai, eu deveria ter lhe contado! — e ela soltou seu trabalho, e escondeu seu rosto em suas mãos.

— Não, querida, não pense que eu sou um curioso impertinente. Estou certo de que você haveria me contado se houvesse sentido que pudesse retornar a consideração dele. Ele falou com você sobre isso?

Nenhuma resposta de início, mas pouco a pouco um pequeno, gentil e relutante “Sim”.

— E você o recusou?

Um longo suspiro, uma atitude mais desamparada e sem forças, e um outro “Sim”. Mas antes que seu pai pudesse falar,

Margaret levantou seu rosto, rosado com alguma linda vergonha, e, fixando seus olhos sobre ele, disse:

— Agora, papai, eu lhe contei isso, e não posso contar mais; e então toda a coisa é tão dolorosa para mim; cada palavra e ação conectada com isso é tão indizivelmente amarga que não posso suportar pensar nisso. Oh, papai, lamento lhe haver perdido este amigo, mas não pude evitar, mas oh! Lamento muito — ela sentou-se no chão, e deitou sua cabeça nos joelhos dele.

— Eu também lamento, minha querida. Mr. Bell muito me assustou quando ele disse alguma ideia do tipo...

— Mr. Bell! Oh, Mr. Bell viu?

— Um pouco, mas ele tomou na cabeça dele que você ... como devo dizer... que você não era indiferente em seus sentimentos para com Mr. Thornton. Eu sei que isso nunca poderia ser. Eu esperava que a coisa toda fosse senão uma imaginação; mas eu sabia muito bem de seus reais sentimentos para supor que você nunca poderia gostar de Mr. Thornton dessa forma. Mas lamento muito.

Eles ficaram muito calmos e imóveis por alguns minutos. Mas, ao afagar o rosto dela de um modo acarinhado logo depois, ele estava quase chocado ao encontrar seu rosto molhado com lágrimas. Enquanto ele a tocava, ela levantou-se, e, sorrindo com forçada alegria, começou a falar dos Lennox com tal veemente desejo de mudar o rumo da conversa, que Mr. Hale estava com o coração muito terno para tentar forçar uma volta ao antigo tema.

— Amanhã, sim, amanhã eles estarão de volta à casa de Harley Street. Oh, quão estranho será! Imagino que quarto eles transformarão em berçário? Tia Shaw ficará feliz com o bebê.

Imagine Edith uma mamãe! E capitão Lennox, imagino o que ele fará com ele mesmo agora que deu baixa.

— Vou lhe dizer uma coisa — disse seu pai, ansioso para incentivá-la neste fresco assunto de interesse —, penso que posso poupá-la por uma quinzena apenas para correr até a cidade e ver os viajantes. Você poderia saber mais, com meia hora de conversa com Mr. Henry Lennox sobre as chances de Frederick, do que em uma dúzia dessas cartas dele; então seria, de fato, unir negócios com prazer.

— Não, papai, o senhor não pode me poupar, e mais, não serei poupada — então após uma pausa, ela acrescentou: — Estou perdendo a esperança tristemente sobre Frederick. Ele está nos abandonando suavemente, mas posso ver que o próprio Mr. Lennox não tem esperanças de caçar as testemunhas depois de tantos anos passados. Não — disse ela —, aquela bolha era muito bonita, e muito querida aos nossos corações, mas explodiu como muitas outras; e devemos nos consolar estando alegres que Frederick esteja tão feliz, e sendo muito um para o outro. Então, não me ofenda falando em ser capaz de me dispensar, papai, posto que lhe asseguro que o senhor não pode.

Mas a ideia de uma mudança tomou raiz e germinou no coração de Margaret, embora não no modo no qual seu pai propôs de início. Ela começou a considerar quão desejavelmente algo do tipo seria melhor para seu pai, cujos ânimos, quase débeis, agora se tornaram muito frequentemente deprimidos, e cuja saúde, embora ele nunca reclamasse, havia sido seriamente afetada pela doença e morte de sua esposa. Havia as horas regulares de leitura com seus pupilos, mas todo aquele dar e não receber não mais podia ser

chamado de companheirismo, como nos antigos dias quando Mr. Thornton vinha para estudar com ele. Margaret estava consciente da falta que ele sofria, desconhecida até para ele mesmo. A necessidade do relacionamento de um homem com homens. Em Helstone havia ocasiões perpétuas de companheirismo, por meio dos intercâmbios e das visitas dos clérigos vizinhos; e as conversas com os trabalhadores mais pobres nos campos; quando calmamente andavam à noite para casa, ou quando cuidavam de seu pequeno rebanho, Mr. Hale estava sempre disponível para falar ou ouvir. Mas em Milton, todos estavam muito ocupados para uma calma conversa, ou qualquer troca de pensamento amadurecido. O que eles falavam era sobre negócios, muito presente e real; e quando a tensão de mente relacionada às questões diárias dos negócios terminava, eles afundavam no descanso até na manhã seguinte. O operário não seria encontrado após terminado o dia de trabalho: ele iria para alguma palestra, ou algum clube, ou alguma loja de cerveja, de acordo com seu grau de caráter. Mr. Hale chegou a tentar uma série de palestras em alguma das instituições, mas, ao fazê-lo, ele contemplou como um esforço de dever, e com tão pouco do genial impulso de amor para com seu trabalho e seu fim, que Margaret estava certa de que não seria bem feito até que ele pudesse olhar sobre isso com algum tipo de entusiasmo.

Capítulo XLI

O fim da jornada

“Vejo meu caminho como os pássaros, o seu caminho sem vestígios,
Hei de chegar! A que horas, que caminho tomar primeiro,
Não pergunto, mas a menos que Deus envie sua aclamação
Ou ofuscantes bolas de fogo, granizo, ou abafadiça neve,
Em algum tempo — seu bom tempo — hei de chegar;
Ele guia a mim e ao pássaro. Em Seu bom tempo!”
— PARACELSUS DE BROWNING.[117]

Então o inverno se intensificou e os dias começaram a se alongar, sem trazer com eles qualquer brilho de esperança, que usualmente acompanhava os raios de sol de fevereiro. Mr. Thornton havia, naturalmente, quase inteiramente cessado suas visitas à casa de Mr. Hale.

Quando ocasionalmente ia, essas eram dirigidas ao pai de Margaret, e confinadas ao gabinete. Mr. Hale falava dele como sempre o mesmo; de fato, a própria raridade do intercurso deles parecia fazer Mr. Hale colocar apenas o valor mais alto nisso. E pelo que Margaret conseguia entender, do que Mr. Thornton havia dito, nada tinha na cessação das visitas dele que pudesse advir de algum melindre ou vexação. Seus negócios haviam se complicado por causa da greve, e exigiam atenção mais próxima do que ele lhes tinha dado no inverno passado. Não, Margaret podia até descobrir

que ele falava nela de tempo em tempo, e sempre, tanto quanto ela pudesse saber, do mesmo modo calmo e amistoso, nunca evitando e nunca procurando qualquer menção ao seu nome.

Ela não estava com espírito para elevar o ânimo de seu pai. A lúgubre tranquilidade do tempo presente havia sido precedida por tão longo período de ansiedade e cuidado — até mesmo entremeada com tempestades — que sua mente havia perdido sua elasticidade. Ela tentava encontrar ocupação para si mesma em ensinar as duas crianças Boucher mais novas, e trabalhava duramente por sua bondade. Árduo trabalho, para ser mais verdadeira, posto que seu coração parecia morto ao final de todos os seus esforços e, embora ela os fizesse pontual e dolorosamente, ainda assim ficava tão longe como nunca de qualquer alegria. Sua vida parecia ainda sombria e lúgubre. A única coisa que ela fazia bem era o que fazia com inconsciente piedade, o silencioso confortar e consolar seu pai. Nenhum estado de espírito de Mr. Hale deixava de encontrar uma simpatizante de prontidão em Margaret; não havia nenhum desejo dele que ela não lutasse para predizer, e realizar. Eram desejos tênues, certamente, e dificilmente citados sem hesitação e pedidos de desculpas. Tanto mais completo e lindo era o manso espírito de obediência dela.

Março trouxe as notícias do casamento de Frederick. Ele e Dolores escreveram; ela em uma mistura de Espanhol e Inglês, como era senão natural, e ele com algumas reviravoltas e inversões de palavras, que provavam até onde as expressões idiomáticas do país de sua noiva o estavam afetando.

No recebimento da carta de Henry Lennox, anunciando quão pouca esperança havia de ele algum dia se esclarecer em uma

corte marcial, na ausência das testemunhas faltantes, Frederick havia escrito a Margaret uma carta bastante veemente, contendo sua renúncia à Inglaterra como seu país. Ele desejava que pudesse desnaturalizar a si mesmo, e declarou que nunca aceitaria seu indulto se fosse oferecido a ele, nem moraria no país se tivesse permissão para fazê-lo. Tudo isso fez Margaret chorar dolorosamente, tão antinatural parecia a ela à primeira vista. Mas, depois, considerando, ela viu em tal expressão muito mais a pungência do desapontamento que havia assim esmagado as esperanças dele; e ela sentiu que não havia remédio para isso senão paciência. Na carta seguinte, Frederick falou tão alegremente sobre o futuro, que não tinha pensamento para o passado; e Margaret encontrou um uso, em si mesma, para a paciência que ela havia estado desejando para ele. Teria que ser paciente. Somado a isso, as cartas bonitas, tímidas e juvenis de Dolores estavam começando a encantar tanto Margaret quanto a seu pai. A jovem espanhola estava tão evidentemente ansiosa para fazer uma impressão favorável sobre os parentes ingleses de seu amado, que seu cuidado feminino surgia em cada página; e as cartas anunciando o casamento foram acompanhadas por uma esplêndida *mantilla*[118] de renda preta, escolhida pela própria Dolores para sua cunhada desconhecida, a quem Frederick havia descrito como o modelo de perfeição de beleza, sabedoria e virtude. O casamento elevou a posição de Frederick na sociedade espanhola a um nível tão alto quanto eles podiam desejar. Barbour and Co. era uma das mais vastas casas espanholas, e na qual ele foi recebido como um sócio júnior. Margaret sorriu um pouco, e então suspirou enquanto se recordava novamente de suas longas tiradas contra o comércio.

Aqui estava seu irmão, o *preux chevalier*[119], transformado em mercante, comerciante! Mas então ela se rebelou contra si mesma, e protestou silenciosamente contra a confusão implicada entre um mercante espanhol e um dono de fábrica de Milton. Bem! Com comércio ou não, Frederick estava feliz, muito feliz. Dolores deve ser encantadora, e a *mantilla* era primorosa! E então ela retornou à sua vida presente.

Seu pai tinha ocasionalmente experimentado uma dificuldade em respirar na primavera, que havia por esse tempo o perturbado excessivamente. Margaret ficou menos alarmada, já que essa dificuldade desaparecia completamente entre uma crise e outra. Mas ela ainda assim estava tão desejosa que ele espantasse a sujeição, a ponto de tornar-se para ela muito urgente que ele aceitasse o convite de Mr. Bell para visitá-lo em Oxford, em abril. O convite de Mr. Bell incluía Margaret. Melhor ainda, ele escreveu uma carta especial ordenando-lhe que fosse; mas ela sentiu como se fosse um grande alívio para ela ficar calmamente em casa, inteiramente livre de qualquer responsabilidade que fosse, e assim descansar sua mente e seu coração de uma maneira que ela não havia sido capaz de fazer há mais de dois anos.

Quando seu pai saíra na carruagem em direção à ferrovia, Margaret sentiu quão grande e longa tinha sido a pressão sobre seu tempo e seus ânimos. Era espantoso, quase assombroso, sentir-se tanto em liberdade; ninguém dependendo dela por cuidado amistoso, se não por certa felicidade; nenhum inválido sobre o qual pensar e planejar; ela podia ficar inativa, e silenciosa, e esquecida — e o que parecia valer mais do que todos os outros privilégios — ela podia ser infeliz, se quisesse. Por meses passados, todas as

suas próprias preocupações e problemas pessoais tinham tido que ser enfiados em um escuro armário, mas agora ela estava livre para tirá-los de lá, e lamentar sobre eles, e estudar suas naturezas, e procurar o verdadeiro método de subjugá-los a elementos de paz. Durante todas essas semanas, ela tivera uma sombria consciência de sua existência, embora estivesse escondida. Agora, de uma vez por todas, ela considerá-la-ia, iria apontar a cada um dos sentimentos seus corretos lugares em sua vida. Então ela se sentava quase imóvel por horas na sala de visitas, repassando a amargura de cada lembrança com uma resolução sem recuos. Apenas uma vez ela chorou em voz alta, com o fustigante pensamento da falta de fé que deu à luz aquela degradada falsidade.

Ela agora não apenas reconheceria a força da tentação; seus planos para Frederick tinham falhado, e a tentação estava lá deitada como uma zombaria morta — uma zombaria que nunca teve vida em si mesma; a mentira havia sido tão vilmente tola, vista à luz dos eventos que se seguiram, e a fé no poder da verdade tão infinitamente a maior sabedoria!

Em sua nervosa agitação, ela inconscientemente abriu um livro de seu pai que estava sobre a mesa — as palavras que chamaram sua atenção ao acaso pareciam quase feitas para seu presente estado de aguda auto-humilhação:

‘Je ne voudrois pas reprendre mon cœur en ceste sorte: meurs de honte, aveugle, impudent, traistre et desloyal a tonDieu, et sembables choses; mais je voudrois le corriger par voye de compassion. Or sus, mon pauvre cœur, nous voilà tombez dans la fosse, laquelle nous avions tant resolu d’éschapper. Ah! relevons-

nous, et quittons-lapour jamais, reclamons la misericorde de Dieu, et esperons en elle qu'elle nous assistera pour desormais estre plus fermes; et remettons-nous au chemin de l'humilité. Courage, soyons meshuy sur nos gardes, Dieu nous aydera.'[120]

— O caminho da humildade. Ah — pensou Margaret —, isso é o que me tem faltado! Mas coragem, pequeno coração. Nós voltaremos, e com a ajuda de Deus encontraremos o caminho perdido.

Então ela se levantou e decidiu, de uma vez por todas, iniciar algum trabalho que a fizesse esquecer-se dela mesma. Para começar, chamou Martha, quando ela passava pela porta da sala de visitas ao subir as escadas, e tentou descobrir o que estava debaixo do seu modo sério, respeitoso e servil, que encobria seu caráter individual com uma obediência mecânica. Ela achou difícil induzir Martha a falar de quaisquer de seus interesses pessoais; mas finalmente tocou na corda certa, ao citar Mrs. Thornton. Todo o rosto de Martha se iluminou e, com um pequeno encorajamento, veio uma longa história, de como o pai dela havia estado muito cedo na vida conectado ao esposo de Mrs. Thornton — melhor, havia até estado em uma posição a lhe mostrar alguma bondade; o que, Martha mal sabia, posto que houvesse acontecido quando ela era bem criança. Surgiram então circunstâncias que separaram as duas famílias até que Martha estivesse quase crescida, quando, seu pai havendo afundado cada vez mais baixo de sua ocupação original como balconista de um armazém, e a mãe estando morta, ela e sua irmã, para usar as próprias expressões de Martha, teriam se "perdido" se não fosse por Mrs. Thornton, que as procurou e cuidou delas.

— Eu estava com a febre e estava muito fraca. Mrs. Thornton, e Mr. Thornton também, nunca descansaram até terem cuidado de mim em sua própria casa, e me enviaram para o mar e tudo. Os médicos disseram que a febre era contagiosa, mas eles não se importavam com isso, apenas Miss Fanny foi visitar a família do homem com quem ela vai se casar. Então, embora ela estivesse com medo na época, tudo terminou bem.

— Miss Fanny vai se casar! — exclamou Margaret.

— Sim; e com um cavalheiro também muito rico, apenas ele é muito mais velho que ela. O nome dele é Watson; e as fábricas dele estão em algum lugar longe, além de Hayleigh. É um casamento muito bom, apesar de todo o seu cabelo grisalho.

Com tanta informação para assimilar, Margaret ficou em silêncio por tempo suficiente para Martha recuperar sua compostura, e, com isso, sua habitual rudeza de resposta. Ela varreu a lareira, perguntou a que horas ela deveria preparar o chá, e deixou o cômodo com o mesmo rosto rígido com o qual tinha entrado. Margaret teve que se repreender por ceder ao mau hábito, recentemente adquirido, de tentar imaginar como cada evento que ela ouvia em relação a Mr. Thornton poderia afetá-la: se ela iria gostar ou desgostar dele.

No dia seguinte ela recebeu as pequenas crianças Boucher para suas lições, e fez uma longa caminhada, e terminou com uma visita à casa de Mary Higgins. Um pouco surpresa, Margaret encontrou Nicholas já de volta do trabalho, pois a luz daquele dia, mais longo, a havia enganado quanto à hora tardia da noite. Ele também parecia, por seus modos, ter entrado um pouco mais no

caminho da humildade; ele estava mais calmo, e menos autoafirmativo.

— Então o velho cavalheiro está ausente em viagens, está? — perguntou ele. — Os pequenos me *contou*. Eh! Eles são afiados, eles são; eu quase penso que eles *seja* mais espertos que minhas próprias meninas, embora talvez seja errado dizer isso, e uma delas está no túmulo. Há algo no clima, avalio, que coloca as pessoas a vagarem. Meu mestre, lá da fábrica, também está passeando pelo mundo, em algum lugar.

— Essa é a razão pela qual o senhor chegou tão cedo em casa hoje? — perguntou Margaret, inocentemente.

— Tu não sabes nada sobre isso, isso é tudo — disse ele, desdenhosamente. — Não sou um com duas caras, uma para meu mestre, e outra para as costas dele. Eu contei as badaladas de todos os relógios da cidade antes de deixar meu trabalho. Não! Além disso, o mestre Thornton acolá é bom o suficiente para brigar, mas bom demais para ser enganado. Foi a senhora que me conseguiu o lugar, e agradeço por isso. A fábrica de Thornton não é ruim, como tempos atrás. Desça aqui, rapaz, e diga um lindo verso para Miss Margaret. Isso mesmo, firme sobre as pernas e o braço reto como um regador. Um para parar, dois para ficar, três se apronte, e quatro começar!

O pequeno indivíduo repetiu um hino metodista, muito acima de sua compreensão do ponto de vista da linguagem, mas cujo balançante ritmo havia capturado seu ouvido, que ele repetiu com toda a desenvolvida cadência de um membro do Parlamento. Quando Margaret tinha devidamente aplaudido, Nicholas pediu por outro, e ainda outro, para grande surpresa dela, pois descobriu que

ele fora estranha e inconscientemente levado a tomar interesse nas coisas sagradas, as quais ele antigamente refutava.

Passava da usual hora do chá quando Margaret voltou para casa, mas teve o conforto de sentir que ninguém se havia mantido à espera dela; e se dedicar a seus próprios pensamentos enquanto descansava, em vez de vigiar ansiosamente outra pessoa para saber se estava séria ou alegre, era um alívio à sua alma. Após o chá ela decidiu examinar um grande pacote de cartas, e escolher aquelas que poderiam ser destruídas.

Entre elas, havia quatro ou cinco cartas de Mr. Henry Lennox, relacionadas a assuntos de Frederick, que Margaret cuidadosamente releu, com a única intenção, quando começou, de apurar exatamente sobre quão boa chance a justificação de seu irmão estava. Mas quando ela havia terminado a última, e pesado os prós e os contras, a pequena revelação pessoal do caráter contido nelas, forçou a atenção dela. Era evidente o suficiente, pela rigidez do palavreado, que Mr. Lennox nunca havia esquecido a relação dele com ela, apesar de qualquer interesse que ele pudesse sentir no assunto da correspondência. Elas eram cartas inteligentes, Margaret viu isso em um segundo, mas fora deixada à parte, toda a atmosfera amável e cordial. Elas deveriam ser preservadas, contudo, enquanto valiosas; ela as colocou cuidadosamente em um lado. Quando este pequeno negócio estava terminado, ela caiu em devaneio; e o pensamento da ausência do pai passou estranhamente pela cabeça de Margaret. Ela quase se culpou por haver sentido a solidão (e consequentemente a ausência dele) como um alívio; mas estes dois dias a tinham renovado, com nova força e mais brilhante esperança. Os planos que ultimamente lhe

tinham aparecido sob a forma de tarefas, agora apareciam como prazeres. As mórbidas escamas haviam caído de seus olhos, e ela via sua posição e seu trabalho de modo mais realista. Se Mr. Thornton apenas restaurasse a sua amizade perdida — melhor, se ele apenas viesse de tempos em tempos para alegrar seu pai como outrora — mesmo que ela nunca o visse, sentia como se o curso de sua vida futura, embora não brilhante em perspectiva, pudesse estar claro e nivelado diante dela. Ela suspirava enquanto se levantava para ir dormir. A despeito do “um passo é o suficiente para mim”, — a despeito do simples dever de devoção a seu pai —, havia no fundo do seu coração uma ansiedade e uma pontada de tristeza.

Mr. Hale também pensava em Margaret naquela noite de abril, tão estranha e persistentemente quanto ela estivera pensando nele. Ele havia ficado fatigado de andar entre os velhos amigos e antigos lugares familiares. Havia tido ideias exageradas sobre a alteração que a sua mudança de opinião pudesse fazer na maneira com a qual seria recebido pelos amigos. Mas, conquanto alguns deles pudessem ter se mostrados chocados, ofendidos ou indignados com a queda dele no abstrato, tão logo eles viam a face do homem que eles um dia tinham amado, se esqueciam das opiniões dele nele mesmo; ou apenas se lembravam delas o suficiente para dar uma adicional terna seriedade aos modos deles. Posto que Mr. Hale não havia sido conhecido por muitos; ele havia pertencido a um dos colegiados menores, e tinha sempre sido tímido e reservado. Mas aqueles que na juventude se importaram em penetrar na delicadeza de pensamento e sentimento que jazia abaixo do silêncio e da indecisão dele, apreciaram-no de todo o coração, com algo da protetora bondade que eles haveriam mostrado a uma mulher. E a

renovação dessa gentileza, após o lapso dos anos, e um intervalo de tanta mudança, o dominava mais do que qualquer rudeza ou expressão de desaprovação pudesse haver feito.

— Temo que tenhamos exagerado — disse Mr. Bell. — Você está sofrendo agora por ter vivido por tanto tempo naquele ar de Milton.

— Estou cansado — disse Mr. Hale. — Mas não é o ar de Milton. Tenho cinquenta e cinco anos de idade, e este pequeno fato vale por qualquer falta de força.

— Bobagem! Estou para cima dos sessenta, e não sinto perda de força, seja corporal ou mental. Não me deixe ouvir você falando assim. Cinquenta e cinco! Ora, você é um homem bem jovem.

Mr. Hale balançou sua cabeça. — Estes últimos poucos anos! — disse ele.

Mas após um minuto de pausa, levantou-se de sua meio recostada posição, em uma das luxuosas poltronas de Mr. Bell, e disse com um tipo de trêmulo fervor: — Bell! Você não deve pensar que, se eu pudesse haver antevisto tudo o que viria de minha mudança de opinião, e da desistência do meu sustento, nem mesmo se eu pudesse ter sabido como *ela* sofreria, que eu desfaria tudo, o ato de aberto reconhecimento de que eu não mais tinha a mesma fé na igreja na qual fui um sacerdote. Enquanto penso agora, até mesmo se eu pudesse haver antevisto aquele mais cruel martírio de sofrimento, através dos sofrimentos de alguém que amei, eu haveria feito exatamente o mesmo até onde aquele passo de abertamente deixar a igreja foi. Talvez eu pudesse ter feito diferente, e agido mais sabiamente, em tudo aquilo que subsequentemente fiz por minha família. Mas não penso que Deus me dotou com muita sabedoria ou

força — ele acrescentou, reclinando-se de volta em sua antiga posição.

Mr. Bell assoou seu nariz ostentosamente antes de responder. Então disse:

— Ele lhe deu força para fazer o que sua consciência lhe disse que era certo; e não vejo que precisemos de qualquer força maior ou mais santa que essa, ou sabedoria também. Sei que não tenho tanto; e ainda assim homens me colocam em seus livros de tolos como um homem sábio; um caráter independente; determinado, e todo aquele jargão hipócrita. O maior idiota é o que obedece à sua própria simples lei de direito, se for colocada para limpar seus sapatos em um capacho de porta, é mais sábio e mais forte que eu. Como os homens são simplórios!

Houve uma pausa. Mr. Hale falou primeiro, em continuação ao seu pensamento:

— Sobre Margaret...

— Bem! Sobre Margaret, o quê?

— Se eu morrer...

— Bobagem!

— O que será feito dela, eu me pergunto sempre? Suponho que os Lennox pedirão que ela more com eles. Tento pensar que irão. Sua tia Shaw a amava bastante, em seu modo quieto, mas ela se esquece de amar o ausente.

— Uma falta muito comum. Que tipo de pessoas são os Lennox?

— O capitão é bonito, fluente e agradável. Edith, uma doce belezinha mimada. Margaret a ama de todo o seu coração, e Edith com o tanto de seu coração que ela possa dar.

— Agora, Hale, você sabe que aquela menina sua tem praticamente todo o meu coração. Eu lhe disse isso antes. É claro, como sua filha, como minha afilhada, tomei grande interesse nela antes que a vi da última vez. Mas esta visita que lhe fiz em Milton me fez seu escravo. Eu fui, uma velha vítima voluntária, seguindo o carro do conquistador. Posto que, de fato, ela parece tão grandiosa e serena como alguém que batalhou, e pode estar batalhando, e ainda assim tem a vitória segura à vista. Sim, a despeito de todas as suas presentes ansiedades, esse era o olhar no rosto dela. E assim, tudo o que tenho está a seu serviço, se ela precisar; e será dela, quer ela queira ou não, quando eu morrer. Ademais, eu mesmo, serei o *preux chevalier* dela, quer eu tenha meus sessenta ou tenha gota. É sério, velho amigo, sua filha há de ser meu principal encargo na vida, e toda a ajuda que minha perspicácia, minha sabedoria ou meu disposto coração puder dar, há de ser dela. Eu não a escolheria como um motivo de preocupação. Você tem que ter algo com o que se preocupar, sei disso há muito, ou não seria feliz. Mas você vai sobreviver a mim por muitos e longos anos. Acredite, os homens magros estão sempre tentando e sempre enganando a morte! São os indivíduos robustos, corados como eu, que sempre se vão primeiro.

Se Mr. Bell tivesse um olho profético, ele poderia haver visto a tocha toda, senão invertida, e o anjo com a séria e composta face bem próximo, acenando para seu amigo. Àquela noite Mr. Hale deitou sua cabeça no travesseiro sobre o qual nunca mais deveria se agitar com vida. O serviçal que entrou em seu quarto pela manhã não recebeu nenhuma resposta à sua fala; aproximou-se da cama, e viu o rosto calmo e bonito jazendo frio sob o indelével selo da

morte. A atitude era primorosamente tranquila, não havia existido nenhuma dor, nenhuma luta. O coração devia ter cessado de bater enquanto ele dormia.

Mr. Bell estava atordoado pelo choque; e só se recuperou quando chegou a hora de ficar com raiva de cada sugestão do seu secretário.

— Um inquérito do legista? Caca. Você não acha que eu o envenenei! Dr. Forbes diz que foi apenas o fim natural de uma enfermidade do coração. Pobre Hale! Você desgastou esse seu terno coração antes da hora. Pobre velho amigo! Como ele falava de sua... Wallis, arrume uma bolsa de viagem para mim em cinco minutos. Aqui estou falando. Faça a mala, estou dizendo. Devo ir para Milton no próximo trem.

A bolsa estava empacotada, o coche ordenado, a estação alcançada, há vinte minutos do momento da decisão. O trem de Londres zumbiu, avançou algumas jardas, e para dentro Mr. Bell foi apressado pelo impaciente guarda. Ele jogou-se em seu assento, para tentar, com olhos fechados, entender como alguém em vida ontem pudesse estar morto hoje; e logo algumas lágrimas furtivas verteram entre seus cílios grisalhos, à sensação das quais, ele abriu seus perspicazes olhos, e pareceu tão severamente animado quanto sua determinação permitia. Ele não ia abrir o berreiro diante de um bando de estranhos. Não ele!

Não havia nenhum bando de estranhos, apenas um, sentado longe dele no mesmo lado. Pouco a pouco Mr. Bell o perscrutou, para descobrir que tipo de homem era aquele que podia ter observado sua emoção; e atrás da grande folha aberta do *“Times”* ele reconheceu Mr. Thornton.

— Ora, Thornton! É você? — disse ele, movendo-se apressadamente para uma proximidade maior. Ele sacudiu Mr. Thornton veementemente pela mão, até que o aperto terminasse em um repentino relaxamento, posto que a mão fosse necessária para limpar as lágrimas. Ele havia visto Mr. Thornton pela última vez na companhia de seu amigo Hale.

— Estou indo a Milton, preso a uma melancólica incumbência. Indo dar à filha de Hale a notícia da repentina morte dele!

— Morte?! Mr. Hale morto?!

— Sim, continuo dizendo a mim mesmo: “Hale está morto!”, mas não torna tudo mais real. Hale está morto, afinal. Ele foi dormir bem ontem à noite, pelo que toda aparência indicava, e estava totalmente frio esta manhã quando meu serviçal foi chamá-lo.

— Onde? Não entendo!

— Em Oxford. Ele veio ficar comigo; não havia estado em Oxford há dezessete anos, e este é o fim disso.

Nem uma palavra foi falada por mais de um quarto de uma hora. Então Mr. Thornton disse:

— E ela?! — e se interrompeu, bruscamente.

— Margaret você quer dizer. Sim! Estou indo contar a ela. Pobre moça! Quão plenos os pensamentos dele foram sobre ela na noite passada! Bom Deus! Na noite passada apenas! E quão imensuravelmente distante ele está agora! Mas tomo Margaret como minha filha pelo bem dele. Eu disse na noite passada que tomá-la-ia pelo bem dela. Bem, eu a tomo pelos dois.

Mr. Thornton fez uma ou duas infrutíferas tentativas de falar, antes que conseguisse exprimir as palavras:

— O que ela fará?

— Eu imagino que haverá duas pessoas esperando por ela: eu mesmo sou uma. Eu tomaria um dragão vivo em minha casa para morar, se, contratando tal acompanhante, e montando um estabelecimento por minha conta, eu pudesse fazer minha velhice feliz tendo Margaret como filha. Mas aí há aqueles Lennox!

— Quem são eles? — perguntou Mr. Thornton, com trêmulo interesse.

— Oh, pessoas inteligentes de Londres, que muito provavelmente pensarão que têm o melhor direito a ela. Capitão Lennox se casou com a prima dela, a menina com quem ela cresceu. Pessoas boas o suficiente, ouso dizer. E há a tia dela, Mrs. Shaw. Seria meio caminho andado, talvez, por minha oferta, um casamento! Mas isso seria o pior erro, um último recurso. E então há aquele irmão!

— Que irmão? Um irmão da tia dela?

— Não, não, um Lennox inteligente (o capitão é um tolo, você deve entender), o outro é um jovem advogado, que está para colocar o chapéu dele em Margaret. Eu sei que ele a tem tido em sua mente estes cinco anos ou mais: um dos amigos dele me contou; e ele apenas se conteve pela necessidade dela de fortuna. Agora isso será cuidado.

— Como? — perguntou Mr. Thornton, muito avidamente curioso para estar ciente da impertinência de sua pergunta.

— Ora, ela terá meu dinheiro quando eu morrer. E se este Henry Lennox ao menos for bom o suficiente para ela, e ela gostar dele, bem! Eu posso encontrar outro modo de conseguir um lar através de um casamento. Estou terrivelmente temeroso de ser tentado, em um momento de descuido, pela tia.

Nem Mr. Bell nem Mr. Thornton estavam em um risonho humor; então a estranheza de qualquer das falas ditas pelo primeiro passou sem ser notada por eles. Mr. Bell assoviou, sem emitir qualquer som além de uma longa respiração sibilante, mudou seu assento, sem encontrar conforto ou descanso, enquanto Mr. Thornton estava sentado imovelmente, seus olhos fixos em um ponto no jornal, que ele havia fixado a fim de dar a si mesmo tempo para pensar.

— Por onde você tem andado? — perguntou Mr. Bell, finalmente.

— Em Havre. Tentando detectar o segredo da grande alta do preço do algodão.

— Ugh! Algodão, e especulações, e fumaça, maquinário bem limpo e bem cuidado, e mãos não lavadas e descuidadas. Pobre velho Hale! Pobre velho Hale! Se você pudesse haver conhecido a mudança que foi para ele, comparado a Helstone. Você conhece New Forest, afinal?

— Sim — disse ele, muito curtamente.

— Então você pode imaginar a diferença entre lá e Milton. Em que parte você esteve? Você já esteve em Helstone, um pequeno vilarejo pitoresco, como algum em Odenwald[121]? Você conhece Helstone?

— Já vi. Foi uma grande mudança deixá-la e vir para Milton.

Ele tomou seu jornal com um ar determinado, como se decidido a evitar mais conversação; e Mr. Bell de muito bom grado retomaria sua ocupação anterior de tentar descobrir como ele podia melhor dar a notícia para Margaret.

Ela estava em uma janela do andar de cima; ela o viu apeando do coche e adivinhou a verdade com um instintivo lampejo. Ela ficou

no meio da sala de visitas, como se detida em seu primeiro impulso de descer correndo, e como se, pelo mesmo pensamento restritivo, houvesse sido transformada em pedra, tão branca e imóvel estava.

— Oh! Não me diga! Eu sei pelo seu rosto! O senhor teria enviado... o senhor não o haveria deixado... se ele estivesse vivo! Oh papai, papai!

Capítulo XLII

Sozinha! Sozinha!

“Quando alguma amada voz que era para você
Ambos som e doçura, desfalece repentinamente,
E o silêncio, contra o qual você não ousa chorar,
Dói ao seu redor como um forte e novo adoecer,
Que esperanças? Que ajuda? Que música irá desfazer
Aquele silêncio aos seus sentidos?”
— MRS. BROWNING.[122]

O choque tinha sido grande. Margaret caiu em um estado de prostração, que não se desvelou em soluços e lágrimas, ou até mesmo encontrou o alívio das palavras. Ela ficava deitada no sofá, com seus olhos fechados, numa mudez mórbida, a não ser quando falavam com ela, e então respondia em sussurros. Mr. Bell estava perplexo. Ele não ousava deixá-la; não ousava pedir-lhe que o acompanhasse de volta a Oxford, que havia sido um dos planos que ele formara na jornada a Milton. Sua exaustão física era evidentemente muito completa para que ela enfrentasse qualquer fadiga dessa ordem, considerando essa visão, ele a colocou fora de questão.

Mr. Bell sentava-se junto ao fogo, refletindo sobre o que seria o melhor a fazer. Margaret jazia imóvel, e quase sem respirar ao lado dele. Ele não a deixaria, nem mesmo para apreciar o jantar que Dixon havia preparado para ele no andar de baixo, e, com soluçante

hospitalidade, teria de bom grado tentado fazê-lo comer. Ele teve um prato cheio de alguma coisa trazido para ele. Em geral, era suficientemente exigente e delicado, e conhecia bem cada matiz de sabor na sua comida, mas agora a galinha apimentada tinha gosto de serragem. Ele picou um pouco da ave para Margaret, apimentou-a e salgou-a bem; mas quando Dixon, seguindo suas instruções, tentou alimentá-la, o lânguido balançar de cabeça provou que, em tal estado como Margaret estava, a comida iria apenas engasgá-la, não a nutrir.

Mr. Bell deu um grande suspiro; ergueu seus entroncados e velhos membros (rígidos pela viagem) da sua confortável posição, e seguiu Dixon para fora do cômodo.

— Não posso deixá-la. Devo escrever para eles em Oxford, para que sejam tomadas as providências: eles podem adiantar isso até que eu chegue. Mrs. Lennox não pode vir a ela? Escreverei e direi que ela deve vir. A menina precisa ter alguma companhia feminina junto dela, nem que seja apenas para convencê-la a ter um bom ataque de choro.

Dixon estava chorando, o suficiente para as duas; mas, após secar seus olhos e estabilizar sua voz, ela conseguiu dizer a Mr. Bell, que Mrs. Lennox estava muito próxima de seu segundo resguardo para ser capaz de assumir uma jornada presentemente.

— Bem! Suponho que devamos ter Mrs. Shaw; ela voltou à Inglaterra, não voltou?

— Sim, senhor, ela voltou; mas não penso que ela irá gostar de deixar Mrs. Lennox em tão interessante momento — disse Dixon, que não aprovava muito uma estranha entrando na casa, para dividir com ela seu cuidado predominante de Margaret.

— Estado interessante, é... — Mr. Bell restringiu-se a tossir no final de sua frase. — Pelo que sei, ela devia estar bem feliz de ficar em Veneza ou Nápoles, ou algum desses lugares papistas, no último “estado interessante” da filha, que aconteceu em Corfu, penso eu. E o que pode significar o “estado interessante” de uma jovem saudável e próspera em comparação com essa pobre criatura ali, aquela indefesa Margaret, sem família e sem amigos, deitada tão imóvel no sofá como se ele fosse uma tumba-altar, e ela uma estátua de pedra sobre ela? Digo à senhora, Mrs. Shaw há de vir. Providencie para que um quarto, ou o que quer que ela queira, esteja pronto para ela até amanhã à noite. Cuidarei para que ela venha.

De acordo, Mr. Bell escreveu uma carta, que Mrs. Shaw declarou, com muitas lágrimas, ser tão parecida com as cartas do querido General quando ele estava para ter um ataque de gota, que ela sempre deveria valorizá-la e preservá-la. Se ele lhe houvesse dado a opção, não exigindo ou urgindo-a, como se uma recusa fosse possível, ela poderia não ter ido — verdadeira e sincera como era sua simpatia por Margaret. Era necessário o agudo descortês comando para fazê-la vencer sua *vis inertiae*[123],e permitir a si mesma que a ama empacotasse suas coisas, após haver enchido os baús. Edith, só touca, xales e lágrimas, saiu para o patamar da escada, enquanto o capitão Lennox estava levando sua mãe até a carruagem:

— Não se esqueça, mamãe; Margaret deve vir e morar conosco. Sholto irá para Oxford na quarta-feira, e a senhora deve mandar um recado de Mr. Bell por ele, sobre quando devemos esperar vocês. E se a senhora precisar de Sholto, ele pode ir de

Oxford para Milton. Não se esqueça, mamãe; a senhora deve trazer Margaret de volta.

Edith reentrou à sala de visitas. Mr. Henry Lennox estava lá, abrindo as páginas de uma nova *Review*. Sem levantar sua cabeça, ele disse: — Se você não gosta que Sholto fique por tanto tempo longe de você, Edith, espero que me deixe ir a Milton, para dar qualquer assistência que eu puder.

— Oh, obrigada — disse Edith. — Ouso dizer que o velho Mr. Bell fará tudo o que puder, e mais ajuda não será necessária. Apenas alguém não procura por muito *savoir-faire* de um *Fellow* residente. Cara e querida Margaret! Não será ótimo tê-la aqui, novamente? Vocês foram ambos grandes aliados, anos atrás.

— Fomos? — perguntou ele, indiferentemente, parecendo estar interessado em uma passagem na *Review*.

— Bem, talvez não, não me lembro, eu estava muito ocupada com Sholto. Mas as coisas não saíram nada bem. Ah, se meu tio não tivesse que morrer justo agora! Quando voltamos para cá, e nos estabelecemos na antiga casa?! Mas estamos prontos para receber Margaret, pobrezinha! Que mudança será para ela! Tão diferente de Milton! Vou colocar tecidos novos no quarto dela, e deixarei parecendo novo e brilhante, para alegrá-la um pouco.

No mesmo espírito de bondade, Mrs. Shaw viajou para Milton, ocasionalmente temendo o primeiro encontro, e se perguntando como ele terminaria. Entretanto, frequentemente planejava o quão breve ela poderia levar Margaret para longe “daquele horrível lugar” e de volta aos agradáveis confortos de Harley Street.

— Oh céus! — ela disse à sua ama. — Olhe para aquelas chaminés! Minha pobre irmã! Não penso que eu poderia haver

descansado em Nápoles, se eu houvesse sabido o que era isso! Deveria ter vindo e levado ela e Margaret embora — e para si mesma, ela reconheceu que tinha sempre achado seu cunhado um homem bastante fraco, mas nunca tão fraco como agora, quando ela viu por qual lugar ele havia trocado o adorável lar de Helstone.

Margaret, contudo, havia permanecido no mesmo estado: lívida, imóvel, sem palavras e sem lágrimas. Eles haviam dito a ela que sua tia Shaw estava vindo, mas ela não havia expressado surpresa ou prazer, ou desgosto à ideia. Mr. Bell, cujo apetite havia retornado, e que apreciava os esforços de Dixon para gratificá-lo, em vão urgia com ela para que provasse algumas molejas cozidas com ostras, mas Margaret balançava sua cabeça com a mesma quieta obstinação como no dia anterior; e ele era obrigado a se consolar pela sua rejeição comendo tudo ele mesmo. Entretanto, Margaret foi a primeira a ouvir o parar da carruagem que trouxe sua tia da estação ferroviária. Suas pálpebras tremeram, seus lábios coraram e se agitaram. Mr. Bell desceu para encontrar Mrs. Shaw; e quando eles subiram, ela estava de pé, tentando vencer o atordoamento; e quando ela viu sua tia, foi direto para os braços estendidos para recebê-la e, pela primeira vez, encontrou o apaixonado alívio das lágrimas nos ombros de sua tia. Todos os pensamentos de amor calmo e habitual, de ternura por anos, de relacionamento com os mortos — toda aquela inexplicável semelhança de aparência no olhar, no tom e nos gestos, que parecia pertencer a uma família, e que lembrara a Margaret, tão forçosamente neste momento, de pertencer à sua mãe — juntaram-se para derreter e amolecer seu embotado coração para o derramamento de ardentes lágrimas.

Mr. Bell esgueirou-se para fora do quarto, e desceu para o gabinete, onde pediu para acender a lareira, e tentou distrair seus pensamentos tomando da estante e examinando os diferentes livros. Cada volume trazia uma lembrança ou uma sugestão de seu amigo morto. Deveria ser uma mudança de ocupação, depois de dois dias amparando Margaret, mas não indicava uma mudança de pensamento.

Ele ficou alegre ao ouvir o som da voz de Mr. Thornton, perguntando à porta. Dixon estava dispensando-o com seu jeito peculiar de arrogância; posto que, com a aparição da ama de Mrs. Shaw, vieram visões de anterior grandeza, do sangue Beresford, da "posição" (assim agradava a ela chamar) da qual sua jovem dama havia sido deposta, e à qual ela devia agora, com a graça de Deus, ser restaurada. Essas visões, sobre as quais ela havia estado deambulando com a complacência da ama de Mrs. Shaw (habilidosamente extraindo, nesse meio-tempo, todas as circunstâncias de situação e importância conectadas com o estabelecimento em Harley Street, para a edificação da atenta Martha), deixaram Dixon bastante inclinada a ser presunçosa em seu tratamento a qualquer habitante de Milton. Assim, embora ela sempre tivesse bastante receio de Mr. Thornton, foi tão seca quanto ousava ser em dizer-lhe que ele não podia ver nenhum dos ocupantes da casa naquela noite. Foi bastante desconfortável ser contradita em sua declaração pela abertura da porta do gabinete por Mr. Bell, e pelo chamamento:

— Thornton! É você? Entre por um minuto ou dois; quero lhe falar.

Então Mr. Thornton entrou no gabinete, e Dixon teve que se recolher à cozinha, e restabelecer-se em sua própria estima com uma história prodigiosa sobre Sir John Beresford, envolvendo um coche, na qual ele foi autoritário, quando ele era alto oficial da lei nomeado pela Coroa.

— Na verdade, eu não sei o que eu queria lhe dizer, afinal. Apenas é lúgubre o suficiente sentar-se em um cômodo, no qual todas as coisas lembram a você um amigo morto. Além disso, Margaret e sua tia devem ter a sala de visitas toda para elas mesmas!

— Mrs.... A tia dela veio? — perguntou Mr. Thornton.

— Veio? Sim! Com ama e tudo. Alguém poderia ter pensado que ela podia ter vindo sozinha em tal momento! E agora hei de me retirar e tomar meu caminho até Clarendon.

— O senhor não deve ir para Clarendon. Temos cinco ou seis quartos vazios em casa.

— Bem arejados?

— Penso que o senhor deve confiar em minha mãe para isso.

— Então apenas correrei ao andar de cima e desejarei àquela pálida menina um boa-noite, e farei minha reverência à tia dela, e irei com o senhor direto.

Mr. Bell ficou algum tempo no andar de cima. Mr. Thornton começou a achá-lo longo, pois ele estava cheio de compromissos, e mal tinha sido capaz de dispensar um tempo para correr até Crampton, e inquirir como Miss Hale estava.

Quando eles haviam saído, Mr. Bell disse:

— Fui detido por aquelas mulheres na sala de visitas. Mrs. Shaw está ansiosa para voltar para casa, por conta de sua filha, ela

diz, e quer que Margaret vá com ela imediatamente. Agora ela não está mais apta para viajar do que estou para voar. Ademais, ela diz, com muita justiça, que tem amigos que ela deve ver, que é preciso despedir-se de várias pessoas. Então a tia começou a preocupá-la com antigas reivindicações, dizendo que, será que ela havia se esquecido dos antigos amigos? E ela disse, com um grande irromper de lágrimas, que deveria estar bastante alegre em ir embora de um lugar onde ela tinha sofrido tanto. Agora devo retornar a Oxford amanhã, e não sei em que lado da balança colocar minha voz.

Ele pausou, como se fazendo uma pergunta, mas não recebeu nenhuma resposta, cujos pensamentos continuaram repetindo e ecoando as derradeiras palavras de Margaret: “Onde ela tinha tinha tanto”. Ai!

E era desse modo que os dezoito meses em Milton, para ele tão inexplicavelmente preciosos, mesmo na sua própria amargura, que valia pela doçura de uma vida inteira, seriam lembrados por ela. Nem a perda do pai, nem a perda da mãe, querida como ela era a Mr. Thornton, poderiam envenenar a lembrança das semanas, dos dias e das horas, quando uma caminhada de duas milhas, cada passo da qual fora agradável, pois o levava cada vez mais para perto dela; levava-o à sua doce presença, cada passo fora rico, enquanto cada momento recorrente que o levou para longe dela o fez lembrar-se de alguma graça nova na sua conduta, ou agradável pungência em seu caráter. Sim! O que quer que houvesse acontecido com ele, fora da sua relação com ela, ele jamais poderia falar daquele tempo, quando ele podia vê-la todos os dias, quando ele a tivera ao seu alcance, por assim dizer, como um tempo de

sofrimento. Havia sido um régio tempo de luxo para ele, com todos os seus tormentos e descasos, comparado à pobreza que rastejava ao seu redor, e arruinava a antecipação do futuro, até a sórdida realidade tornando a vida sem qualquer atmosfera de esperanças ou medo.

Mrs. Thornton e Fanny estavam na sala de jantar; a última um tanto agitada com exultação, enquanto a ama segurava um tecido acetinado após outro, para testar o efeito do vestido de casamento à luz de velas. Sua mãe realmente tentava simpatizar com ela, mas não conseguia. Nem bom gosto nem vestidos estavam em sua linha de interesses, e ela sinceramente desejava que Fanny houvesse aceitado a oferta de seu irmão de ter as roupas de casamento providas por alguma costureira de primeira classe de Londres, sem as infinitas e trabalhosas discussões, e inquieta indecisão, que saíam do desejo de Fanny de escolher e fiscalizar tudo ela mesma. Mr. Thornton estava apenas muito feliz em mostrar sua grata aprovação a qualquer homem sensato, que pudesse ser cativado pelos ares e graças de segunda linha de Fanny, dando a ela amplos meios de se prover a si mesma o enxoval elegante, que certamente rivalizava, se não excedia, com o noivo na sua estima. Quando seu irmão e Mr. Bell entraram, Fanny ruborizou e sorriu afetadamente, e agitou-se com os sinais de sua ocupação, em um modo que não podia haver falhado em chamar a atenção de qualquer outra pessoa, menos de Mr. Bell. Ele sequer pensava sobre ela e suas sedas e cetins e, se a olhou, foi para compará-la à pálida tristeza que ele havia deixado atrás de si, sentada imóvel, com a cabeça inclinada e as mãos cruzadas, em um cômodo onde a quietude era tão grande que se podia quase imaginar que o sopro em seus

tensos ouvidos era ocasionado pelos espíritos dos mortos, ainda pairando ao redor de sua amada Margaret.

Mrs. Thornton deu a Mr. Bell o seu acolhimento formal e hospitaleiro. Ela nunca era tão graciosa como quando recebia os amigos de seu filho na casa de seu filho; e quanto mais inesperados eles fossem, mais honrosos eram suas admiráveis preparações para proporcionar-lhes conforto.

— Como está Miss Hale? — ela perguntou.

— Tão arrasada por este último golpe como poderia estar.

— Estou certa de que é muito bom para ela que ela tenha tal amigo como o senhor.

— Eu queria que eu fosse o único amigo dela, madame. Ouso dizer que isso soa muito brutal; mas aqui tenho estado deslocado, e expulso de meu posto de consolador e conselheiro, por uma senhora muito fina, sua tia; e há primos e não sei o quê mais reivindicando-a em Londres, como se ela fosse um cão de colo pertencente a eles. E ela está muito fraca e infeliz para ter alguma vontade própria.

— Ela deve de fato estar fraca — disse Mrs. Thornton, com um implícito significado que seu filho entendeu bem. — Mas onde — continuou Mrs. Thornton — estiveram esses parentes todo esse tempo que Miss Hale parecia quase sem amigos, e certamente tido muita ansiedade para suportar?

Mas ela não tinha interesse suficiente na resposta da sua pergunta para esperar por ela, e deixava o cômodo para fazer seus arranjos domésticos, enquanto Mr. Bell respondia.

— Eles têm estado morando no estrangeiro e têm algum tipo de reivindicação sobre ela. Farei essa justiça a eles. A tia a criou, e ela

e a prima têm sido como irmãs. A coisa que está me vexando, a senhora vê, é que eu queria tomá-la por filha; e estou com ciúmes dessas pessoas, que não parecem valorizar o privilégio do direito deles. Agora, seria diferente se Frederick a reivindicasse.

— Frederick? — perguntou Mr. Thornton. — Quem é ele? Que direito...?

E parou, bruscamente, na sua pergunta veemente.

— Frederick — disse Mr. Bell, em surpresa. — Ora, o senhor não sabe? Ele é irmão dela. O senhor não ouviu...

— Nunca ouvi o nome dele antes. Onde ele está? Quem é ele?

— Certamente eu lhe falei sobre ele, assim que a família veio para Milton, o filho que estava envolvido naquele motim.

— Nunca ouvi dele até este momento. Onde ele mora?

— Na Espanha. Ele está passível de ser preso no momento em que colocar os pés em solo inglês. Pobre indivíduo! Ele vai se angustiar por não ser capaz de comparecer ao funeral[124] de seu pai. Ele deve se contentar com capitão Lennox, posto que não sei de nenhum outro parente para convocar.

— Espero que seja permitido que eu vá?

— Certamente. Agradecemos muito. O senhor é um bom indivíduo, afinal, Thornton. Hale gostava de você. Ele falava comigo, apenas no outro dia, em Oxford, sobre você. Ele lamentava que o visse tão pouco recentemente. Sou agradecido ao senhor por desejar mostrar-lhe seu respeito.

— Mas sobre Frederick. Ele nunca vem à Inglaterra?

— Nunca.

— Ele não esteve aqui no tempo da morte de Mrs. Hale?

— Não. Ora, eu estive aqui então. Eu não havia visto Hale por anos e anos, se o senhor se lembra, eu vim. Não, foi algum tempo depois que eu vim. Mas o pobre Frederick Hale não esteve aqui então. O que o fez pensar que ele veio?

— Eu vi um jovem rapaz com Miss Hale um dia — respondeu Mr. Thornton, — e penso que foi mais ou menos por esse tempo.

— Oh, esse seria o jovem Lennox, o irmão do capitão. Ele é um advogado, e eles estavam em correspondência bem constante com ele. Eu me lembro de que Mr. Hale me contou que pensava que ele viria. O senhor sabe — disse Mr. Bell, virando-se e fechando um olho, para melhor trazer as forças para o outro e escrutinar agudamente o rosto de Mr. Thornton —, que eu certa vez imaginei que você tivesse uma pequena ternura por Margaret?

Nenhuma resposta. Nenhuma mudança de semblante.

— E também o pobre Hale. Não no início, e não até que eu tivesse colocado essa ideia na cabeça dele.

— Eu admirava Miss Hale. Todos devem fazer o mesmo. Ela é uma linda criatura — disse Mr. Thornton, embaraçado pelo pertinaz questionamento de Mr. Bell.

— Isso é tudo?! O senhor consegue falar dela nesse modo comedido, como simplesmente uma “linda criatura”, apenas algo a capturar a visão. Eu realmente esperava que o senhor tivesse nobreza o suficiente em si para prestá-la a homenagem do coração. Embora eu creia, de fato eu sei, que ela o haveria rejeitado, ainda assim a ter amado sem reciprocidade o haveria elevado mais alto do que todos aqueles, fossem eles quem fossem, que nunca a houvessem sabido amar. “Linda criatura”, de fato! O senhor fala dela como falaria de um cavalo ou um cachorro?

Os olhos de Mr. Thornton brilharam como brasas vermelhas.

— Mr. Bell — disse ele —, antes que o senhor fale assim, deve se lembrar de que todos os homens não são tão livres para expressar o que eles sentem como o senhor é. Vamos falar de outra coisa.

Pois, embora seu coração batesse acelerado, como se atendesse ao chamado de uma trombeta, a cada palavra que Mr. Bell tinha dito, e embora ele soubesse que o que havia dito iria doravante prender o pensamento do velho *Fellow* de Oxford estreitamente com a coisa mais preciosa do seu coração, ainda assim ele não seria forçado a expressar o que sentia por Margaret. Ele não era um rouxinol de louvores, para tentar, apenas porque outro havia exaltado o que ele reverenciava e amava apaixonadamente, excedê-lo em louvores. Então ele se voltou aos áridos assuntos de negócios que existiam entre Mr. Bell e ele, enquanto senhorio e inquilino.

— O que é aquela pilha de tijolo e argamassa que encontramos no pátio? Quaisquer reparos necessários?

— Não, nenhum, obrigado.

— O senhor está construindo por sua própria conta? Se está, lhe agradeço muito.

— Estou construindo uma sala de jantar para os homens, quero dizer, os operários.

— Eu pensava que o senhor fosse difícil de agradar, mas nem tanto. O espaço atual não é bom o suficiente para satisfazer o senhor, um solteiro?

— Tornei-me amigo de um sujeito meio estranho, e coloquei uma ou duas crianças, as quais ele está interessado, na escola.

Então, como aconteceu de eu estar passando próximo da casa dele um dia, só fui lá por algum pagamento trivial a ser feito, vi um jantar tão pobre, tão infeliz, uma carne incinerada e engordurada, como primeiro me fez pensar. Mas não foi até as provisões ficarem tão caras neste inverno que me fez refletir que, comprando coisas em atacado, e cozinhando uma boa quantidade de provisões juntas, muito dinheiro poderia ser economizado, e muito conforto ganho. Então falei com meu amigo, ou meu inimigo, o homem de quem lhe falei; ele viu falta em todo detalhe de meu plano e, em consequência, eu o deixei de lado, tanto como impraticável, e também, se eu forçasse para colocá-lo em operação, estaria interferindo na independência de meus homens; quando, repentinamente, este Higgins veio a mim e, graciosamente, comunicou a sua aprovação de um esquema tão quase o mesmo que o meu, que eu podia justamente ter reclamado; e, ademais, a aprovação de muitos de seus colegas operários, a quem ele tinha falado. Fiquei um pouco “enervado”, confesso, pelo modo dele, e pensei em jogar toda a coisa ao mar para afundar ou nadar. Mas parecia pueril renunciar a um plano que eu tinha uma vez pensado sábio e bem montado, apenas porque eu mesmo não recebi toda a honra e importância devida de mentor. Então eu calmamente tomei a parte que me cabia, que é algo como administrador de um clube. Eu compro as provisões em atacado, e forneço uma matrona ou cozinheira apropriada.

— Espero que o senhor encontre satisfação em sua nova aptidão. O senhor é um bom juiz de batatas e cebolas? Mas suponho que Mrs. Thornton o assista com as compras de mercado.

— Nem um pouco — respondeu Mr. Thornton. — Ela desaprova todo o plano, e agora nunca o mencionamos um ao outro. Mas manejo muito bem, colocando para dentro grandes estoques de Liverpool, e sendo provido de carne de açougue por nosso próprio açougueiro da família. Posso lhe assegurar, os jantares quentes que a matrona entrega não são de modo algum a serem desprezados.

— O senhor prova cada prato quando ela faz, em virtude do seu serviço? Espero que o senhor tenha uma batuta branca.

— Eu era muito escrupuloso, no início, limitando-me à mera parte da compra, e até nisso eu obedecia aos pedidos dos homens, transmitidos através da governanta, do que ao meu próprio julgamento. Uma vez, era o bife que era muito grande; em outra, o carneiro não tinha gordura o suficiente. Penso que eles perceberam quão cuidadoso eu era em deixá-los livres, não impondo minhas próprias ideias sobre eles; então, um dia, dois ou três dos homens, meu amigo Higgins entre eles, me perguntaram se eu não entraria e tomaria um lanche. Era um dia muito ocupado, mas vi que os homens ficariam magoados se, após fazer o avanço, eu não fosse até o fim, então entrei, e nunca comi um jantar melhor em minha vida. Eu disse a eles (aos meus vizinhos próximos à mesa, quero dizer, pois eu não sou nenhum orador), o quanto eu havia desfrutado. E durante algum tempo, sempre que aquele jantar especial recorria no cardápio deles, eu estava certo de ser convidado pelos homens, com um “Mestre, há guisado de carne bovina para o jantar hoje, o senhor vem?” Se eles não houvessem me chamado, eu não teria me intrometido com eles, como não teria ido à bagunça nas barracas sem convite.

— Eu deveria pensar que a sua presença fosse uma restrição sobre a conversação de seus anfitriões. Eles não podem abusar dos mestres enquanto o senhor estiver lá. Suspeito que eles descontem essa diferença nos dias que não tem esse guisado.

— Bem! Até então conseguimos ficar longe de todas as perguntas vexatórias. Mas, se quaisquer das antigas disputas voltarem novamente, eu certamente daria minha opinião no próximo dia de guisado. Mas o senhor mal está familiarizado com nossos rapazes de Darkshire, embora o senhor mesmo seja um homem de Darkshire. Eles têm tal senso de humor, e um vigoroso modo de expressão! Estou realmente começando a conhecer alguns deles agora, e eles falam bem livremente diante de mim.

— Nada como o ato de comer para igualar os homens. Morrer não é nada comparado a isso. O filósofo morre sentenciosamente; o fariseu, ostentosamente; o simples de coração, humildemente; o pobre idiota, cegamente, como o pardal que cai ao chão; filósofo e idiota, publicano e fariseu, todos comem da mesma forma... e todos têm uma digestão igualmente boa. Aí está teoria por teoria para o senhor!

— Não preciso ter teorias; odeio teorias.

— Imploro o seu perdão. Errei quando não fiz jus a você. Para mostrar minha penitência, o senhor aceitaria uma nota de dez libras para seu mercado, e daria um banquete para os pobres indivíduos?

— Obrigado, mas prefiro que não. Eles me pagam aluguel pelo forno e os lugares de cozimento no fundo da fábrica, e terão que pagar mais pelo novo refeitório. Eu não quero que isso se torne uma caridade. Não quero doações. Uma vez aceito, e eu deveria ter pessoas indo, e falando, e estragando a simplicidade da coisa toda.

— Pessoas irão falar sobre qualquer plano novo. O senhor não pode evitar isso.

— Meus inimigos, se eu tiver algum, podem fazer um rebuliço filantrópico sobre este esquema do jantar; mas o senhor é um amigo, e espero que preste a meu experimento o respeito do silêncio. É senão uma vassoura nova no mercado, e varre bem o suficiente. Mas aos poucos haveremos de encontrar muitos obstáculos, sem dúvida.

Capítulo XLIII

A rápida partida de Margaret

“A mais vil coisa à qual damos adieu,
Perde sua vileza na hora da partida”.
— ELLIOTT.[125]

Mrs. Shaw tomou tão veemente desgosto contra Milton quanto era possível para alguém de sua gentil natureza o fazer. Era uma cidade barulhenta e fumacenta, e as pessoas pobres que ela viu nas ruas eram sujas, e as damas ricas eram extravagantes demais, e nem um homem que ela viu, alto ou baixo, tinha suas roupas feitas sob medida. Ela estava certa de que Margaret nunca reaveria sua força perdida enquanto permanecesse em Milton; e ela mesma estava temerosa de um de seus antigos ataques de nervos. Margaret deveria retornar com ela, e muito rápido. Isso, se não era a exata força de suas palavras, era de qualquer forma o espírito do que ela urgia em Margaret, até que a última, fraca, esgotada e de espírito quebrado, forneceu uma relutante promessa de que, tão logo a quarta-feira houvesse terminado, ela preparar-se-ia para acompanhar sua tia de volta à cidade, deixando Dixon encarregada de todos os arranjos para pagar as contas, destituir a mobília e fechar a casa. Antes daquela quarta-feira — aquela fúnebre quarta-feira, quando Mr. Hale estava para ser enterrado, longe dos lares que ele tinha conhecido em vida, e longe da esposa que estava deitada solitária entre estranhos (e este era o último grande

problema de Margaret, posto que ela pensava que, se ela não houvesse cedido àquele esmagador estupor durante os primeiros dias tristes, ela podia haver arranjado as coisas de outra forma). Antes daquela quarta-feira, Margaret recebeu uma carta de Mr. Bell.

"MINHA QUERIDA MARGARET

Eu realmente tive intenção de retornar a Milton na quinta-feira, mas infelizmente acaba por ser uma das raras ocasiões quando nós, Fellows de Plymouth, somos convocados para executar qualquer tipo de dever, e não devo ficar ausente de meu posto. Mr. Lennox e Mr. Thornton estão aqui. O primeiro parece um inteligente e bem-intencionado homem; e tem proposto ir a Milton e assisti-la em qualquer busca pelo testamento; é claro que não há nenhum, ou você haveria encontrado a esta altura, se seguiu minhas instruções. Então o capitão Lennox declara que ele deve levar você e a sogra para casa; e, no presente estado da esposa dele, não vejo como você pode esperar que ele fique longe por mais do que até sexta-feira. Contudo, essa Dixon sua é de confiança; e pode se segurar aí, ou você mesma, até que eu chegue. Colocarei os assuntos nas mãos de meu advogado de Milton se não houver testamento; posto que duvido que este esperto capitão Lennox não seja grande homem de negócios, como o irmão. Não obstante, os bigodes dele são esplêndidos. Terá que haver uma venda, então selecione quais coisas você deseja preservar. Ou você pode enviar uma lista depois. Agora duas coisas a mais, e termino. Você sabe, ou se não sabe, seu pobre pai sabia, que você deverá herdar meu dinheiro e bens quando eu morrer. Não que eu pretenda morrer ainda; mas cito isso apenas para explicar o que vem. A família Lennox parece muito

afeiçoada a você agora; e talvez eles possam continuar a ser, talvez não. Então é melhor começar com um acordo formal, isto é, que você pague a eles duzentos e cinquenta libras por ano, contando que você e eles achem agradável morarem juntos. (Isso, é claro, inclui Dixon; fique ciente para não ser persuadida a pagar qualquer coisa a mais por ela). Então você não será jogada à deriva, se algum dia o capitão desejar ter a casa dele apenas para si, mas pode carregar a si mesma e suas duzentos e cinquenta libras para outro lugar; se, de fato, eu não houver reivindicado que venha e governe a minha casa primeiro. Então quanto às vestimentas, e Dixon, e despesas pessoais, e confeitaria (todas as jovens damas comem em confeitarias até que a sabedoria venha com a idade), hei de consultar alguma dama de meu conhecimento, e ver quanto você deverá ter antes de definir um valor. Agora, Margaret, você largou essa carta antes de haver lido até aqui? Ou se perguntou que direito o velho homem tem de decidir seus assuntos para você tão cavalheirescamente? Não tenho dúvidas de que o fez. Ainda assim o velho homem tem direito. Ele tem amado seu pai por trinta e cinco anos; ele estava ao lado dele no dia do seu casamento; ele fechou seus olhos em morte. Ademais, ele é seu padrinho; e enquanto ele não pode lhe fazer muito espiritualmente — tendo uma consciência secreta da sua superioridade em tais coisas sobre ele —, ele, de bom grado, lhe faz o mísero bem de dotá-la materialmente. E o velho homem não tem um parente conhecido sobre a Terra, "quem está aí para chorar por Adam Bell?", e todo o coração dele está firme e inclinado sobre esta única pessoa, e Margaret Hale não é a menina que lhe dirá não. Escreva em retorno, mesmo que apenas

duas linhas, para me dizer sua resposta. Tudo menos não, obrigado".

Margaret pegou a pena e rabiscou com uma trêmula mão: "Margaret Hale não é a menina que lhe dirá não".

Em seu fraco estado, ela não conseguia pensar em quaisquer outras palavras, e ainda assim estava vexada em usar estas. Mas ela estava tão fatigada, até mesmo por este ligeiro esforço, que se pudesse haver pensado em outra forma de aceitação, não poderia ter sentado para escrever uma sílaba sequer. Ela viu-se compelida a deitar-se novamente, e tentar não pensar.

— Minha mais querida criança! Essa carta a vexou ou incomodou?

— Não! — disse Margaret, debilmente. — Hei de estar melhor quando amanhã acabar.

— Tenho certeza, querida, você não estará melhor até eu tirá-la deste horrível ar. Como você pode ter suportado isso nestes dois anos, não consigo imaginar.

— Para onde eu poderia ir? Eu não podia deixar papai e mamãe.

— Bem! Não se incomode, minha querida. Ouso dizer que foi tudo pelo melhor, apenas eu não tinha a concepção de como você estava vivendo. A esposa de nosso açougueiro mora em uma casa melhor que essa.

— É por vezes muito bonita, no verão; a senhora não pode julgar pelo que é agora. Tenho sido muito feliz aqui — e Margaret fechou seus olhos, dando a entender, à tia, que queria encerrar a conversa.

A casa abundava em conforto agora, comparada ao que havia estado. As noites eram frias, e, pelas instruções de Mrs. Shaw, as lareiras estavam acesas em cada quarto de dormir. Ela mimava Margaret de todos os modos possíveis, e comprava cada iguaria, ou pequenos luxos, nos quais ela mesma haver-se-ia entocado e buscado conforto. Mas Margaret estava indiferente a todas essas coisas; ou, se elas se forçavam à sua atenção, era simplesmente como causa de gratidão para com a tia, que estava se colocando tão fora de seu modo habitual de vida para pensar nela.

Margaret estava inquieta, embora tão fraca. Durante todo o dia, ela impediu-se de pensar na cerimônia que estava ocorrendo em Oxford, vagando de cômodo em cômodo, e languidamente separando o que desejava reter. Dixon a seguia por desejo de Mrs. Shaw, ostensivamente para receber instruções, mas com uma injunção secreta de fazê-la repousar tão logo quanto pudesse.

— Estes livros, Dixon, eu manterei. Todo o resto, você pode enviar a Mr. Bell? São livros que ele valorizará, tanto pela memória de papai quanto por si mesmo. Este... eu gostaria que você mandasse para Mr. Thornton, após minha ida. Fique, escreverei uma nota para ir com ele. E, como se estivesse com medo de pensar, ela se sentou e escreveu apressadamente:

“CARO SENHOR,

O livro que acompanha, estou certa de que será valorizado pelo senhor pela memória de meu pai, a quem ele pertencia.

Sinceramente a seus serviços,

MARGARET HALE”.

Ela iniciou novamente as suas viagens pela casa, tocando em objetos, conhecidos a ela desde sua infância, com um tipo de carinhosa relutância em deixá-los — fora de moda, gastos e puídos, como eles pudessem estar. Mas ela mal falou novamente; e o relato de Dixon a Mrs. Shaw foi que “ela duvidava se Miss Hale ouvira uma palavra do que ela dissera, embora ela falasse o tempo inteiro, a fim de distrair sua atenção”. A consequência de ficar de pé o dia todo foi o excessivo desgaste corporal; à noite, contudo, foi a melhor noite de descanso que ela havia tido desde que soube da morte de Mr. Hale.

À hora do desjejum do dia seguinte, ela expressou seu desejo de ir e dar adeus a um ou dois amigos. Mrs. Shaw objetou:

— Estou certa, minha querida, de que você não pode ter amigos aqui com quem você esteja suficientemente íntima para justificar sua visita a eles tão cedo; antes que você tenha estado na igreja.

— Mas hoje é meu único dia; se o capitão Lennox vier esta tarde, e se devemos... se eu devo realmente ir amanhã...

— Oh sim, haveremos de ir amanhã. Estou cada vez mais convencida de que este ar é ruim para você, e a faz parecer tão pálida e doente; ademais, Edith nos espera; e ela pode estar me aguardando; e você não pode ser deixada sozinha, minha querida, em sua idade. Não, se você deve fazer essas visitas, irei com você. Dixon pode nos conseguir um coche, suponho?

Então Mrs. Shaw foi cuidar de Margaret, e levou sua ama com ela para cuidar dos xales e agasalhos. O rosto de Margaret estava muito triste para se iluminar com um sorriso com toda aquela preparação para fazer duas visitas, que ela havia frequentemente

feito sozinha em todas as horas do dia. Ela estava meio com medo de confessar que um lugar ao qual ela estava indo era a casa de Nicholas Higgins; tudo o que ela podia fazer era esperar que sua tia estivesse indisposta para sair do coche, e subir a quadra, e a cada rajada de vento ter seu rosto estapeado por roupas molhadas, penduradas para secarem em cordas esticadas de casa a casa.

Havia uma pequena batalha na mente de Mrs. Shaw entre o conforto e um senso de matronal propriedade; mas o primeiro ganhou o dia; e com muitas injunções a Margaret para que cuidasse de si mesma, e não pegasse nenhuma febre, tal como estava sempre à espreita em tais lugares, sua tia permitiu que ela fosse onde ela havia frequentemente estado antes sem tomar qualquer precaução ou requerer qualquer permissão.

Nicholas estava fora, apenas Mary e uma ou duas das crianças Boucher estavam em casa. Margaret ficou vexada consigo mesma por não haver programado melhor sua visita. Mary tinha um intelecto muito embotado, embora seus sentimentos fossem calorosos e amáveis; e no instante em que ela entendeu qual era o propósito de Margaret, começou a chorar e soluçar com tão pouca moderação que Margaret viu ser inútil dizer quaisquer das mil pequenas coisas que havia planejado em sua mente enquanto estava indo no coche. Ela podia apenas tentar confortá-la um pouco sugerindo a vaga chance de elas se encontrarem novamente, em algum tempo possível, em algum lugar possível, e implorou que ela dissesse ao seu pai quanto ela desejava, se ele conseguisse se arranjar, que ele fosse vê-la quando ele terminasse seu trabalho à noite.

Enquanto ela deixava o lugar, parou e olhou ao redor; então hesitou um pouco antes que dissesse:

— Eu deveria gostar de ter alguma pequena coisa para me lembrar de Bessy.

Imediatamente a generosidade de Mary estava intensamente viva. O que eles podiam dar? E, ao ver Margaret escolher um pequeno copo comum, que ela se lembrava do utensílio que estava sempre ao lado de Bessy com água para seus febris lábios, Mary disse:

— Oh, leve algo melhor, aquilo custou apenas quatro *pence*!

— Isso bastará, obrigada — disse Margaret; e foi rapidamente embora, enquanto a luz causada pelo prazer de ter algo para dar, ainda permanecia no rosto de Mary.

“Agora vou à casa de Mrs. Thornton”, pensou ela para si mesma. “Preciso fazer isso”. Mas ela parecia bastante rígida e pálida ao pensar nisso, e teve duro trabalho para encontrar as palavras exatas para explicar à sua tia quem era Mrs. Thornton, e por que deveria dar adeus a ela.

Elas (posto que Mrs. Shaw apeou aqui) foram conduzidas até a sala de visitas, na qual uma fogueira havia acabado de ser acesa. Mrs. Shaw aconchegou-se em seu xale, e tremeu.

— Que gélido cômodo! — ela disse.

Elas tiveram que esperar por algum tempo antes que Mrs. Thornton entrasse. Havia algum abrandamento em seu coração para com Margaret, agora que ela estava saindo das suas vistas. Ela lembrava-se do espírito da moça, como mostrado em vários momentos e lugares, até mesmo mais do que a paciência com a qual ela havia suportado longas e maçantes preocupações. Seu semblante estava mais brando do que o usual, quando ela a cumprimentou; havia até uma sombra de ternura em seu modo,

quando notou o rosto pálido, inchado por lágrimas, e o tremor na voz que Margaret tentava manter firme.

— Permita-me apresentar minha tia, Mrs. Shaw. Estou indo embora de Milton amanhã; não sei se a senhora está ciente disso; mas eu queria vê-la novamente, Mrs. Thornton, para me... me desculpar por meus modos da última vez que a vi; e dizer que estou certa de que a senhora teve bondosas intenções, não importa quanto possamos ter mal compreendido uma à outra.

Mrs. Shaw ficou extremamente perplexa com o que Margaret havia dito. Agradecer-lhe a bondade e desculpar-se por falha em boas maneiras?! Mas Mrs. Thornton respondeu:

— Miss Hale, estou feliz de que me faça justiça. Não fiz mais do que acreditei ser meu dever, admoestando-a como fiz. Tenho sempre desejado desempenhar o papel de uma amiga para a senhorita. Estou feliz de que me faça justiça.

— E — disse Margaret, ruborizando excessivamente enquanto falava, — a senhora me fará justiça, e acreditará que, embora eu não possa dar... eu escolha não dar... explicações de minha conduta, não agi de modo indecoroso como a senhora entendeu.

A voz de Margaret estava tão suave, e seus olhos tão suplicantes, que Mrs. Thornton foi finalmente afetada pelo encanto de modos, ao qual ela tinha provado invulnerável.

— Sim, eu realmente acredito na senhorita. Não digamos mais nada sobre isso. Onde a senhorita irá residir, Miss Hale? Entendi por Mr. Bell que a senhorita está deixando Milton. A senhorita nunca gostou de Milton, sabe disso — disse Mrs. Thornton, com um sorriso um pouco austero, —, mas por tudo isso, a senhorita não deve esperar que eu a congratule por deixá-la. Onde há de residir?

— Com minha tia — respondeu Margaret, virando-se para Mrs. Shaw.

— Minha sobrinha residirá comigo em Harley Street. Ela é quase como uma filha para mim — disse Mrs. Shaw, olhando afetuosamente para Margaret. — É estou feliz de reconhecer minha própria obrigação por qualquer bondade que tenha sido mostrada a ela. Se a senhora e seu marido algum dia forem à cidade, meu filho e filha, capitão e Mrs. Lennox, irão, estou certa, juntar-se comigo em desejar fazer qualquer coisa em nosso poder para mostrar-lhes atenção.

Mrs. Thornton pensou em sua própria mente, que Margaret não havia tomado muito cuidado para esclarecer para sua tia quanto à relação entre Mr. e Mrs. Thornton, para com quem a fina dama estava estendendo seu suave patronado; então ela respondeu, curtamente:

— Meu esposo está morto. Mr. Thornton é meu filho. Nunca vou a Londres; então não é provável que eu seja capaz de me valer de suas polidas ofertas.

Neste instante, Mr. Thornton entrou no cômodo; ele havia apenas acabado de retornar de Oxford. Seu traje de luto falou da razão que o havia levado até lá.

— John — disse sua mãe —, esta dama é Mrs. Shaw, tia de Miss Hale. Lamento dizer que a visita de Miss Hale seja para nos dizer adeus.

— A senhorita está indo então?! — perguntou ele, em uma voz baixa.

— Sim — respondeu Margaret. — Partiremos amanhã.

— Meu genro chegará essa noite para nos acompanhar — informou Mrs. Shaw.

Mr. Thornton se virou. Ele não havia se sentado, e agora parecia estar examinando algo na mesa, quase como se ele houvesse descoberto uma carta por abrir, que o tivesse feito esquecer-se da presente companhia. Ele nem mesmo parecia estar ciente de quando elas se levantaram para irem embora. Sobressaltou-se e foi na direção delas para conduzir Mrs. Shaw até a carruagem. Enquanto aguardavam pela aproximação do veículo, ele e Margaret ficaram proximamente juntos no degrau da porta, e era impossível que a lembrança do dia do tumulto não se forçasse em ambas as mentes. Na dele veio associada com os discursos do dia seguinte, a passional declaração de que não havia um homem em toda aquela violenta e desesperada multidão, por quem ela não se importasse tanto quanto por ele. E àquela lembrança das provocantes palavras dela, a sobrancelha dele se tornou austera, embora o coração batesse denso com ardente amor. “Não!”, pensou ele, “eu coloquei isso ao seu alcance uma vez, e perdi tudo. Deixe-a ir com sua beleza e seu pétreo coração. Como o seu olhar está fixo e duro, apesar de toda sua adorabilidade de feições! Ela está com receio de que eu fale alguma coisa que requererá alguma austera repressão. Deixe-a ir. Linda e herdeira como ela possa ser, ela verá que será difícil encontrar um coração mais verdadeiro que o meu. Deixe-a ir!”

E não havia nenhum tom de pesar, ou emoção de qualquer tipo, na voz com a qual ele disse adeus; e a oferecida mão foi aceita com uma resoluta calmaria, e solta tão descuidadamente como se houvesse sido uma morta e seca flor. Mas ninguém em sua casa viu

Mr. Thornton novamente naquele dia. Ele estava extremamente compromissado; ou assim ele disse.

A força de Margaret estava tão absolutamente exaurida por essas visitas que ela teve que se submeter a muita vigília, e afago, e suspiros de “eu lhe avisei”, de sua tia. Dixon disse que ela estava tão mal quanto havia estado no primeiro dia em que soube da morte de seu pai; e ela e Mrs. Shaw se consultaram quanto à desejabilidade de atrasar a viagem do dia seguinte. Mas, quando sua tia relutantemente propôs o atraso de poucos dias a Margaret, a última contorceu seu corpo como se em agudo sofrimento, e disse:

— Oh! Vamos embora. Não consigo ficar paciente aqui. Não hei de melhorar aqui. Quero esquecer.

Então os arranjos continuaram; o capitão Lennox veio, e com ele notícias de Edith e do menininho; e Margaret viu que a indiferente e descuidada conversação de alguém que, tão boa quanto fosse, não era um simpatizante tão caloroso, ainda assim lhe fez bem. Quando chegou a hora em que ela sabia que podia esperar Higgins, foi capaz de deixar o cômodo calmamente, e aguardar em seu próprio quarto as esperadas convocações.

— Ah! — disse ele, ao entrar —, pensar que o velho cavalheiro caiu como caiu! A senhora podia ter me derrubado com uma palha quando eles me *contou*. “Mr. Hale?”, disse eu; “aquele era o clérigo?”; “Sim”, disse eles. “Então”, disse eu, “lá se foi o melhor homem que já viveu nesta terra, vamos ver quem será o outro!” E eu vim ver a senhora e contar como eu estava triste, mas as *mulher* na cozinha não iam dizer que eu estava aqui. Elas disseram que a senhora estava doente, e me perdoe, mas a senhora não parece a

mesma moça. E a senhora vai ser uma grande dama lá em Londres, não é?

— Não uma grande dama — disse Margaret, meio sorrindo.

— Bem! Thornton disse que... ele disse, um dia ou dois atrás: “Higgins, você tem visto Miss Hale?”; “Não”, *respondi* eu; “tem um bando de *mulher* que não me deixa chegar perto dela. Mas posso esperar meu tempo, se ela *está* doente. Ela e eu *conhece* um ao outro muito bem; e ela não vai duvidar que estou muito triste pela morte do velho cavalheiro, só porque não posso chegar até ela e dizer isso”. E disse ele: “Você não terá muito tempo para tentar ir vê-la, meu bom rapaz. Ela não vai ficar conosco um dia a mais do que puder evitar. Ela tem grandes parentes, e eles a estão levando; e não a veremos mais”. “Mestre”, disse eu, “se eu não *ver* ela antes que ela vá, vou me empenhar para ir a Londres no próximo Pentecostes, isso eu vou. Não vou ser impedido de dizer adeus a ela por qualquer parente de qualquer jeito”. Mas, Deus a abençoe, eu sabia que a senhora *ia* nos ver. Foi só para tripudiar o patrão que eu deixei ele pensar que a senhora talvez deixasse Milton sem me ver.

— O senhor está bastante certo — disse Margaret. — O senhor apenas me faz justiça. E o senhor não me esquecerá, estou certa. Se ninguém mais em Milton se lembrar de mim, estou certa de que o senhor se lembrará; e de papai também. O senhor sabe quão bom e quão terno ele era. Olhe, Higgins, aqui está a Bíblia dele. Guardei para o senhor. Mal posso cedê-la, mas sei que ele haveria gostado que o senhor a tivesse. Estou certa de que o senhor irá cuidar dela, e estudar o que está nela, pela memória dele.

— A senhora pode contar com isso. Se fosse o rabisco do próprio diabo, e a senhora me pedisse para ler pela senhora, e pelo velho cavalheiro, eu faria isso. Que é isso, senhorita? Não vou tomar seu cobre, então não pense nisso. Temos sido grandes amigos, sem o som do dinheiro se passando entre nós.

— Pelas crianças... pelas crianças de Boucher — disse Margaret, apressadamente. — Elas podem precisar. O senhor não tem o direito de recusar por elas. Eu não lhe daria um *penny* — ela disse, sorrindo, —, não pense que há qualquer coisa para o senhor.
— Bem, moça! Não posso senão dizer, Deus a abençoe e amém.

Capítulo XLIV

Conforto não é paz

“Uma rotação maçante, que nunca cessa,
O rosto de ontem é a imagem gêmea de hoje”.
— COWPER.[126]

“Do que cada um deve ser, ele vê regra e maneira,
E até que ele chegue a isso, sua alegria nunca pode ser inteira”.
— RÜCKERT.[127]

Era muito bom para Margaret que a extrema calmaria da casa de Harley Street, durante o período de resguardo de Edith, lhe desse confinamento e o natural descanso do qual ela precisava. Deu-lhe tempo para compreender a repentina mudança que havia acontecido em suas circunstâncias nos últimos dois meses. Ela se viu, afinal, uma ocupante de uma luxuosa casa, onde o desnudo conhecimento da existência de qualquer problema ou dificuldade parecia mal haver penetrado. As rodas do maquinário da vida diária eram bem oleadas, e procediam com deliciosa suavidade. Mrs. Shaw e Edith dificilmente poderiam fazer mais por Margaret, em seu retorno ao que eles persistiam em chamar de seu lar. Enquanto ela sentia que era quase ingratidão ter um sentimento secreto de que o vicariato de Helstone — e mais, até a pobre e pequena casa em Milton, com seu ansioso pai e sua inválida mãe, e todas as

pequenas preocupações domésticas de comparativa pobreza, compunham sua ideia de lar. Edith estava impaciente para recuperar-se, a fim de encher o quarto de dormir de Margaret com todos os suaves confortos, e lindos badulaques, com os quais o dela abundava.

Mrs. Shaw e sua dama viam muita ocupação em restaurar o guarda-roupa de Margaret a um estado de elegante variedade. O capitão Lennox estava à vontade, bondoso e cavalheiresco. Sentava-se com sua esposa no seu quarto de vestir por uma hora ou duas todos os dias; brincava com seu menininho por outra hora, e passava o restante de seu tempo no seu clube, quando não estava compromissado no jantar. Antes que Margaret se houvesse recuperado de sua necessidade de calma e repouso — antes que ela começasse a sentir sua vida insuficiente e enfadonha — Edith desceu as escadas e retomou seu usual papel na casa; e Margaret caiu no antigo hábito de assistir, admirar e auxiliar sua prima.

Ela alegremente se encarregou de retirar todos os encargos e deveres das mãos de Edith; respondia notas, lembrava-a de compromissos, cuidava dela quando não havia qualquer perspectiva de alegria e, consequentemente, Edith estava bastante inclinada a se imaginar doente. Mas todo o restante da família estava na plena ocupação da temporada de Londres[128], e Margaret, de luto, era frequentemente deixada sozinha. Então seus pensamentos voltavam-se para Milton, com um estranho senso de contraste entre a vida lá, e a em Londres. Estava ficando farta do conforto sem eventos os quais nenhuma luta ou esforço era requerido.

Ela tinha receio de se tornar sonolentamente amortecida e esquecida de qualquer coisa além da vida que a envolvia com

extremo luxo. Podia haver trabalhadores e labutadores ali em Londres, mas ela nunca os via; os próprios serviçais moravam em um mundo subterrâneo só deles, do qual ela não conhecia nem as esperanças nem os medos; eles apenas pareciam se sobressaltarem à existência quando alguma necessidade ou capricho de seus mestres e patroas os tornavam necessários.

Havia um vácuo estranho e insatisfeito no coração e no modo de vida de Margaret; e quando, certa vez, ela havia vagamente insinuado isso para Edith, a última, fatigada com as danças da noite anterior, languidamente afagou o rosto de Margaret, enquanto ela estava sentada ao lado dela, na mesma atitude de antigamente, em um escabelo ao lado do sofá onde Edith estava deitada.

— Pobre criança! — disse Edith. — É um pouco triste para você ser deixada, noite após noite, justo neste tempo quando todo mundo está tão alegre. Mas nós todos haveremos de ter nossos jantares logo, assim que Henry voltar do circuito, e então haverá um pouco de mudança que será agradável para você. Não é de se admirar que esteja enfadada, pobre querida!

Margaret não sentia que os jantares seriam um remédio. Mas Edith melindrava-se em seus jantares; “tão diferentes”, como ela dizia, “dos antigos jantares de viúva sob o regime de mamãe”; e a própria Mrs. Shaw parecia obter exatamente o mesmo tipo de prazer nos arranjos e círculos de amizades bastante diferentes, que eram do gosto do capitão e de Mrs. Lennox, como tinha nos entretenimentos mais formais e ponderosos que ela mesma costumava organizar. O capitão Lennox era sempre extremamente bondoso e fraternal com Margaret. Ela realmente estava muito afeiçoada a ele, exceto quando ele dedicava uma atenção ansiosa à

vestimenta e aparência de Edith, com vista à beleza dela fazer uma impressão profunda no mundo. Então toda a Vashti[129] latente em Margaret era despertada, e ela mal conseguia conter-se em expressar seus sentimentos.

O curso do dia de Margaret era este: uma calma hora ou duas antes de um tardio desjejum; uma refeição impontual, preguiçosamente comida por pessoas enfadadas e semiacordadas, mas ainda assim, à qual, em toda sua arrastada duração, era esperado que ela estivesse presente, porque, imediatamente depois, vinha uma discussão dos planos, aos quais, embora nenhum deles dissesse respeito a ela, era esperado que ela desse sua empatia, se não pudesse assistir com seu conselho. Um número infinito de notas para escrever, que Edith invariavelmente deixava ao seu encargo, com muitos elogios carinhosos quanto à eloquência *du billet*; uma pequena brincadeira com Sholto enquanto ele retornava de sua caminhada matinal; além de cuidar das crianças durante o jantar dos serviçais; um passeio ou visitas; algum jantar ou compromisso matinal de sua tia e primos, que deixava Margaret livre, é verdade, mas muito enfadada com a inatividade do dia, que se estendia, sob seu ânimo deprimido e delicada saúde.

Ela ansiava com ardente desejo, embora não o proferisse, pelo simples retorno de Dixon de Milton, onde, até agora, a velha serviçal havia estado ocupadamente engajada em concluir todos os assuntos da família Hale. Havia parecido uma repentina penúria ao coração dela, esta inteira cessação de quaisquer notícias a respeito das pessoas entre as quais ela havia vivido por tanto tempo. Era verdade que Dixon, em suas cartas de negócios, citava, algumas vezes, uma opinião de Mr. Thornton quanto ao que era melhor que

ela fizesse com a mobília, ou como agir a respeito do senhorio da casa em Crampton Terrace. Mas era apenas aqui e ali que o nome era citado, ou qualquer outro querido nome de Milton, na verdade.

Certa noite, Margaret estava sentada totalmente sozinha na sala de visitas dos Lennox, não lendo as cartas de Dixon, que ela ainda segurava em sua mão, mas pensando sobre elas, e lembrando-se dos dias que tinham passado, imaginando a vida ocupada da qual ela havia sido removida e ninguém sentira sua falta; perguntando-se se tudo continuava naquele redemoinho exatamente como se ela e seu pai nunca houvessem estado lá; questionando, dentro de si mesma, se ninguém em toda aquela multidão sentia a sua falta, (não Higgins, ela não estava pensando nele), quando, repentinamente, Mr. Bell foi anunciado. Margaret teve um sobressalto e se apressou a guardar as cartas em sua cesta de trabalho, e se levantou, ruborizando como se ela estivesse fazendo alguma coisa culpável.

— Oh, Mr. Bell! Nunca pensei em ver o senhor!

— Mas você me dá boas-vindas, espero, tanto quanto esse muito belo sobressalto de surpresa.

— O senhor já jantou? Como o senhor veio? Deixe-me pedir o jantar para o senhor.

— Só se você for comer alguma coisa. De outra forma, você sabe, não há ninguém que se importe menos em comer que eu. Mas onde estão os outros? Saíram para jantar? Deixaram você sozinha?

— Oh sim! E é um descanso tão grande. Eu estava justamente pensando... Mas o senhor correrá o risco de jantar? Não sei se há qualquer coisa na casa.

— Ora, para lhe dizer a verdade, jantei em meu clube. Eles apenas não cozinham tão bem quanto cozinhavam, então pensei, se você fosse jantar, eu poderia tentar jantar também. Mas não se importe, não se importe! Não há dez cozinheiros na Inglaterra em quem se possa confiar para jantares improvisados. Se as habilidades e os fogos deles se mantêm, os temperamentos deles não. O que você pode me oferecer é um chá, Margaret. Apenas isso. E agora, sobre o que você estava pensando? Você ia me dizer. De quem são aquelas cartas, minha afilhada, que você escondeu tão rapidamente?

— Apenas de Dixon — respondeu Margaret, ficando muito vermelha.

— Ufa! Isso é tudo? Quem você acha que veio no trem comigo?

— Não sei — disse Margaret, decidida a não fazer uma adivinhação.

— Seu... como você o chama? Qual é o nome certo para o irmão do marido de uma prima?

— Mr. Henry Lennox? — perguntou Margaret.

— Sim — respondeu Mr. Bell. — Você o conhecia anteriormente, não? Que tipo de pessoa ele é, Margaret?

— Eu gostava muito dele — disse ela, olhando para baixo por um momento. E então voltou a erguer os olhos e continuou em seu modo natural: — O senhor sabe que temos nos correspondido sobre Frederick desde então; mas não o tenho visto por quase três anos, e ele pode estar mudado. O que o senhor pensa dele?

— Não sei. Ele estava tão ocupado em descobrir quem eu era, em primeira instância; e o que eu era, em segundo lugar, que ele

nunca mostrou o que ele era; a menos que, de fato, aquela velada curiosidade dele, sobre o tipo de homem com quem ele tinha que falar, não fosse uma boa peça, e um justo indicativo do seu caráter. Você o acha bonito, Margaret?

— Não! Certamente não. O senhor o acha?

— Não eu. Mas pensei, talvez, que você achasse. Ele vem muito aqui?

— Imagino que venha quando está na cidade. Ele está viajando a trabalho desde que cheguei. Mas... Mr. Bell, o senhor veio de Oxford ou de Milton?

— De Milton. Não vê que estou defumado?

— Certamente. Mas pensei que pudesse ser o efeito das antiguidades de Oxford.

— Vamos agora, seja uma mulher sensível! Em Oxford, eu podia ter manejado todos os senhorios no lugar, e feito as coisas do meu jeito, com metade do trabalho que seu senhorio de Milton me tem dado, e me derrotado, afinal de contas. Eu não entregaria a casa de volta até junho do ano que vem. Por sorte, Mr. Thornton encontrou um inquilino. Por que você não pergunta por Mr. Thornton, Margaret? Ele tem se provado ser um amigo muito ativo, posso lhe dizer. Tirou mais que metade do trabalho das minhas mãos.

— E como ele está? Como está Mrs. Thornton? — perguntou Margaret, apressadamente e sem fôlego, embora ela tentasse falar normalmente.

— Suponho que estejam bem. Tenho ficado na casa deles até que fui expulso de lá pela perpétua tagarelice sobre o casamento daquela menina Thornton. Era demais para o próprio Thornton,

embora ela seja irmã dele. Ele costumava ficar sentado em seu próprio quarto perpetuamente. Ele está passando da idade de se importar com tais coisas, sejam elas principais ou acessórias. Fiquei surpreso em ver a velha senhora caindo na corrente, carregada pelo entusiasmo de sua filha por flores de laranjeira e renda. Eu pensava que Mrs. Thornton fosse feita de matéria mais austera.

— Ela assumiria qualquer afetação de sentimento para disfarçar a fraqueza de sua filha — disse Margaret, em uma voz baixa.

— Talvez sim. Você a estudou, não estudou? Ela não parece muito afeiçoada a você, Margaret.

— Eu sei disso — disse Margaret. — Oh, aqui está o chá finalmente! — exclamou ela, como se aliviada. E com o chá veio Mr. Henry Lennox, que havia subido até Harley Street após um falho jantar, e havia evidentemente esperado encontrar seu irmão e a cunhada em casa. Margaret suspeitava que ele estivesse tão grato quanto ela pela presença de uma terceira pessoa, no primeiro encontro deles após o memorável dia da oferta dele, e a recusa dela, em Helstone. Ela mal conseguia saber o que dizer de início, e estava grata por todas as ocupações da mesa de chá, que deram a ela uma desculpa para manter seu silêncio, e a ele uma oportunidade de se recuperar. Posto que, para falar a verdade, ele forçara bastante para ir até Harley Street naquela noite, com vista a superar um encontro embaraçoso e desconcertante até mesmo na presença do capitão Lennox e de Edith, e duplamente desconcertante agora, quando ela era a única dama presente, e a pessoa a quem ele devia naturalmente e forçosamente dirigir uma grande parte de sua conversação. Margaret foi a primeira a

recuperar a autoconfiança. Começou a falar no assunto que veio primeiro em sua mente, após o rubor inicial da desconcertada timidez.

— Mr. Lennox, tenho estado tão agradecida ao senhor por tudo o que tem feito para Frederick.

— Apenas lamento que tenha sido tão malsucedido — respondeu ele, com um rápido olhar em direção a Mr. Bell, como se explorando o quanto ele podia dizer na frente dele. Margaret, como se lesse seu pensamento, dirigiu-se a Mr. Bell, incluindo-o na conversação, implicando que ele estava perfeitamente ciente dos esforços que tinham sido feitos para inocentar Frederick.

— Aquele Horrocks, aquela última testemunha de todas, tem se provado tão inútil quanto todos os outros — disse ela. — Mr. Lennox descobriu que ele embarcou para a Austrália apenas em agosto passado; apenas dois meses antes de Frederick vir à Inglaterra, e nos dar os nomes dos...

— Frederick na Inglaterra?! Você nunca me disse isso! — exclamou Mr. Bell, surpreso.

— Eu pensava que o senhor soubesse. Nunca duvidei de que o senhor soubesse. É claro, era um grande segredo, e talvez eu não o devesse ter citado agora — disse Margaret, um pouco desanimada.

— Eu nunca o citei nem ao meu irmão ou sua prima — disse Mr. Lennox, com uma pequena secura profissional de implícita reprimenda.

— Não se importe, Margaret. Não estou vivendo em um mundo de falatórios balbuciantes, nem ainda entre pessoas que estão tentando arrancar fatos de mim; você não precisa parecer tão assustada porque deixou o gato sair do saco para um velho ermitão

como eu. Nunca hei de citar que ele esteve na Inglaterra; hei de estar fora de tentação, pois ninguém vai me perguntar. Espere! — interrompendo-se bastante abruptamente —, foi no funeral de sua mãe?

— Ele estava com mamãe quando ela morreu — disse Margaret, suavemente.

— Certamente! Certamente! Ora, alguém me perguntou se ele não havia estado lá então, e eu neguei resolutamente; não muitas semanas atrás, quem podia haver sido? Oh! Eu me lembro!

Mas ele não disse o nome; e embora Margaret houvesse dado tudo para saber se suas suspeitas estavam certas, se tinha sido Mr. Thornton quem fizera o inquérito, ela não podia fazer a pergunta a Mr. Bell, por mais que ansiasse.

Houve uma pausa por um momento ou dois. Então Mr. Lennox disse, dirigindo-se a Margaret: — Suponho que já que Mr. Bell está agora familiarizado com todas as circunstâncias acerca do infeliz dilema de seu irmão, não posso fazer melhor senão informá-lo exatamente como anda a pesquisa das provas que uma vez esperávamos obter em favor dele. Então, se ele me der a honra de desjejuar comigo amanhã, repassaremos os nomes desses cavalheiros desaparecidos.

— Eu deveria gostar de ouvir todos os particulares, se eu puder. O senhor não pode vir até aqui? Não ouso convidar vocês dois para o desjejum, embora certamente vocês fossem bem-vindos. Mas deixe-me saber tudo o que eu puder sobre Frederick, embora não haja nenhuma esperança no presente.

— Tenho um compromisso às onze e meia. Mas certamente virei se o senhor desejar — respondeu Mr. Lennox, com um

pequeno adendo de extrema boa vontade, que fez Margaret encolher para dentro de si mesma, e quase desejar que ela não houvesse proposto seu natural pedido.

Mr. Bell levantou-se e olhou ao seu redor, procurando seu chapéu, que havia sido realocado para abrir espaço para o chá.

— Bem! — disse ele, e continuou: — Não sei o que Mr. Lennox está inclinado a fazer, mas estou disposto a me remover de regresso. Tenho estado em jornada hoje, e jornadas começam a somar sobre meus sessenta e muitos anos.

— Creio que hei de ficar e ver meu irmão e cunhada — disse Mr. Lennox, não fazendo qualquer movimento de partida. Margaret foi tomada por um tímido e desconcertante temor de ser deixada sozinha com ele. A cena no pequeno terraço no jardim de Helstone estava tão presente em sua mente, que ela mal podia evitar pensar que acontecia o mesmo com ele.

— Não vá ainda, por favor, Mr. Bell — disse ela, apressadamente. — Quero que o senhor veja Edith; e quero que Edith o conheça. Por favor! — pediu ela, colocando uma leve, porém determinada mão sobre o braço dele. Ele olhou para ela, e viu a confusão estampada em seu semblante, e sentou-se novamente, como se o leve toque possuísse uma força irresistível.

— O senhor vê como ela me sobrepuja, Mr. Lennox — disse ele. — E espero que o senhor tenha notado a feliz escolha das expressões dela; ela quer que eu “veja” essa prima Edith, que é uma grande beleza, pelo que me foi dito; mas ela teve a honestidade para mudar sua palavra quando se referiu a mim. Mrs. Lennox está para me “conhecer” e suponho que eu não seja muito para “ver”, eh, Margaret?

Ele gracejou, para dar a ela tempo para se recuperar da ligeira agitação que ele havia detectado em seus modos sobre a proposta dele de partir; e ela capturou o tom, e jogou a bola de volta. Mr. Lennox perguntava-se como seu irmão, o capitão, podia havê-la relatado como tendo perdido toda sua boa aparência. Certamente, em seu discreto vestido de luto, ela era um contraste com Edith, dançando em seu vestido de crepe branco, com os longos e flutuantes cabelos dourados, em toda a suavidade e brilho.

Edith mostrou as covinhas em seu rosto e ruborizou de modo conveniente quando apresentada a Mr. Bell, consciente de sua reputação como uma beldade a qual tinha que manter, e que não bastaria ter um Mordecai[130] recusando-se a adorá-la e admirá-la, até mesmo na forma de um antigo *Fellow* de uma universidade, de quem ninguém nunca ouvira falar. Mrs. Shaw e capitão Lennox, cada um à sua maneira, deram a Mr. Bell bondosas e sinceras boas-vindas, fazendo com que ele gostasse deles quase a despeito de si mesmo, especialmente quando viu quão naturalmente Margaret tomou seu lugar como irmã e filha da casa.

— Que vergonha que não estivéssemos em casa para receber o senhor — disse Edith. — Você também, Henry! Embora eu não soubesse se ficaríamos em casa por você. Mas por Mr. Bell, pelo Mr. Bell de Margaret...

— Não há como saber que sacrifícios você não haveria feito — disse seu cunhado. — Até um jantar e o deleite de usar este muito apropriado vestido.

Edith não sabia se franzia o cenho ou se sorria. Mas não combinava com Mr. Lennox dirigi-la à primeira dessas alternativas; então ele continuou:

— Você mostrará sua prontidão em fazer sacrifícios amanhã de manhã, primeiro, chamando-me para o desjejum, para conhecer Mr. Bell, e segundamente, sendo tão boa a ponto de lhe pedir para vir às nove e meia, em vez de dez horas? Tenho algumas cartas e papéis que quero mostrar para Miss Hale e Mr. Bell.

— Espero que Mr. Bell faça de nossa casa sua própria durante sua estadia em Londres — disse o capitão Lennox. — Apenas lamento tanto que não possamos oferecer-lhe um quarto de dormir.

— Obrigado. Sou muito agradecido a vocês, mas todos me considerariam um rústico se o fizessem, posto que eu recusaria, creio eu, a despeito de todas as tentações de tão agradável companhia — disse Mr. Bell, curvando-se para todos, e secretamente se congratulando pela elegante reviravolta que ele havia dado à sua frase, que, se colocada em linguagem simples, haveria sido mais para este efeito: “Eu não poderia suportar as restrições de um grupo de pessoas tão apropriadamente comportadas e de tão civilizada fala como esse. Seria como carne sem sal. Sou grato que eles não disponham de uma cama. E quão bem arrematei minha frase! Estou absolutamente pegando o truque das boas maneiras!”

Sua autossatisfação durou até que ele estivesse já nas ruas, caminhando lado a lado com Henry Lennox. Aqui ele repentinamente se lembrou do pequeno olhar de súplica de Margaret enquanto ela urgia com ele para que ficasse por mais tempo, e ele também se lembrou de poucas insinuações dadas a ele, há muito, por um conhecido de Mr. Lennox, quanto à admiração dele por Margaret. Isso deu uma nova direção aos seus pensamentos.

— O senhor conhece Miss Hale há muito tempo, creio eu. O que o senhor pensa da aparência dela? Ela me parece pálida e doente.

— Pensei que ela parecesse memoravelmente bem. Talvez não assim que entrei, agora que penso nisso. Mas, certamente, quando ela ficou mais animada, parecia tão bem quanto eu jamais a vira.

— Ela teve muita coisa pelo que passar — disse Mr. Bell.

— Sim! Tenho lamentado ouvir tudo o que ela tem tido que suportar; não meramente a comum e universal tristeza desperta pela morte, mas toda a irritação que a conduta de seu pai deve ter-lhe causado, e então...

— A conduta de seu pai?! — perguntou Mr. Bell, em uma expressão de surpresa. — O senhor deve ter ouvido alguma declaração errada. Ele se comportava da mais conscienciosa maneira. Ele mostrou a mais resoluta força pela qual eu jamais lhe teria dado crédito anteriormente.

— Talvez eu tenha sido erradamente informado. Mas me foi contado, pelo sucessor dele no benefício, um inteligente e sensível homem, e um clérigo intensamente ativo, que não houve nenhuma pressão sobre Mr. Hale para fazer o que ele fez, abandonar a paróquia, e jogar a si mesmo e sua família às suaves misericórdias do ensino privado em uma cidade manufatureira. O bispo lhe tinha oferecido outro benefício eclesiástico, é verdade, mas se ele tivesse vindo a entreter certas dúvidas, ele podia ter permanecido onde estava, e então não tinha ocasião para renunciar. Mas a verdade é, esses clérigos do interior vivem vidas tão isoladas, alheados, quero dizer, de todo intercurso com homens de igual cultura, por cujas mentes eles poderiam regular as suas próprias, e descobrirem

quando eles estivessem indo muito rápido ou muito devagar, que eles estão muito aptos a perturbarem a si mesmos com dúvidas imaginárias quanto aos artigos da fé, e abandonarem certas oportunidades de fazer o bem por muito incertas imaginações deles mesmos.

— Eu discordo do senhor. Não penso que eles estejam muito aptos a fazer como meu pobre amigo Hale fez — Mr. Bell estava internamente enervado.

— Talvez eu tenha usado uma expressão muito geral, em dizer “muito apto”. Mas, certamente, as vidas deles são tais a ponto de muito frequentemente produzirem, ou desmesurada autossuficiência, ou um mórbido estado de consciência — respondeu Mr. Lennox, com perfeita frieza.

— O senhor não encontra qualquer autossuficiência entre os advogados, por exemplo? — perguntou Mr. Bell. — E raramente, imagino eu, quaisquer casos de mórbida consciência.

Ele estava ficando cada vez mais vexado, esquecendo-se do seu recém- aprendido truque de boas maneiras. Mr. Lennox via agora que ele havia irritado seu acompanhante; e já que ele tinha falado praticamente para dizer alguma coisa, e assim passar o tempo enquanto faziam o mesmo caminho, era indiferente o lado exato para o qual ele pendesse sobre a questão e, calmamente, remediou-se, dizendo: — Certamente, há algo fino em um homem da idade de Mr. Hale, que deixa seu lar de vinte anos, desistindo de todos os estabelecidos hábitos, por uma ideia que era provavelmente errônea, mas isso não importa; é um intangível pensamento. Não se pode evitar admirá-lo, com tal mistura de piedade nesta admiração, como algo que se sente por Don Quixote.

E um cavalheiro como ele, além de tudo! Nunca hei de esquecer-me da refinada e simples hospitalidade que ele mostrou a mim naquele último dia em Helstone.

Apenas meio abrandado, e ainda assim ansioso, a fim de acalmar certos escrúpulos de sua própria consciência, para crer que a conduta de Mr. Hale tinha um matiz de Quixotismo em si, Mr. Bell resmungou: — Sim! E o senhor não conhece Milton. É um contraste com Helstone! Faz anos desde que estive em Helstone, mas lhe asseguro, o lugarejo ainda está lá, igualzinho, cada galho e cada pedra como foram colocados no século passado. Enquanto Milton!... Vou lá a cada quatro ou cinco anos, e nasci lá, ainda assim realmente lhe asseguro, frequentemente me perco; sim, entre as muitas pilhas de armazéns que estão construídas sobre o pomar de meu pai. Separamo-nos aqui? Bem, boa noite, senhor. Suponho que nos encontraremos em Harley Street amanhã de manhã.

Capítulo XLV

Nem tudo é um sonho

“Onde estão os sons que flutuavam
Com o leve ar de quando eu era jovem?
A última vibração agora é finda,
E aqueles que ouviam não vivem mais;
Ah! Deixe-me fechar meus olhos e sonhar”.
— W. S. LANDOR.[131]

A ideia de Helstone havia sido sugerida à mente desperta de Mr. Bell por sua conversação com Mr. Lennox, e por toda a noite correu tumultuosa pelos sonhos dele. Ele era novamente o tutor no campus onde agora carregava a posição de Fellow; eram novamente longas férias, e ele estava ficando com seu recém-casado amigo, o orgulhoso esposo, o feliz vigário de Helstone. Por sobre arredios riachos eles davam saltos impossíveis, que pareciam deixá-los por dias inteiros suspensos no ar. Tempo e espaço não existiam, embora todas as outras coisas parecessem reais. Cada evento era medido pelas emoções da mente, não por sua real existência, posto que existência não houvesse. Mas as árvores eram maravilhosas em suas outonais folhagens — os odores mornos das flores e ervas vinham doces ao sentido — a jovem esposa movia-se por sua casa com aquela exata mistura de irritação por sua posição, como considerada riqueza, e orgulho por seu bonito e devotado esposo, que Mr. Bell havia herdado da vida há um

quarto de século. O sonho era tão vívido que, quando ele despertou, sua vida presente parecia um sonho. Onde estava ele? No solitário, belamente mobiliado, quarto de um hotel de Londres! Onde estavam aqueles que falavam com ele, moviam-se ao seu redor, tocavam-no um instante atrás? Mortos! Enterrados! Perdidos por todo o sempre, por tanto quanto o sempre da terra se estendesse eternamente.

Ele era um homem velho, até pouco tempo atrás triunfante na força da plena masculinidade. A absoluta solidão de sua vida era insuportável de se pensar. Levantou-se apressadamente e tentou esquecer o que nunca mais poderia ser, vestindo-se apressadamente para o desjejum em Harley Street.

Ele não conseguia atentar a todos os detalhes do advogado, que, como ele viu, faziam os olhos de Margaret se dilatarem, e seus lábios ficarem pálidos, enquanto o destino decretava, ou assim parecia, que cada bocado de evidência que exoneraria Frederick, deveria cair debaixo dos pés dela e desaparecer. Até mesmo a bem regulada voz profissional de Mr. Lennox tomava um tom mais suave, mais terno, enquanto ele se aproximava da extinção da última esperança. Não que Margaret não houvesse estado perfeitamente ciente do resultado antes. Era apenas que os detalhes de cada sucessiva decepção vinham com tão implacável minúcia para extinguir toda esperança, que ela finalmente cedeu às lágrimas. Mr. Lennox parou de ler.

— É melhor que eu não prossiga — disse ele, em uma preocupada voz. — Foi uma tola proposta de minha parte. Tenente Hale — e até mesmo este dar a ele o título do serviço do qual ele havia sido tão rispidamente expulso, era calmante para Margaret. — O tenente Hale está feliz agora; mais seguro em termos de fortuna e

perspectiva de futuro do que ele jamais poderia haver estado na Marinha; e tem, indubitavelmente, adotado o país de sua esposa como seu próprio.

— É isso — disse Margaret. — Para mim parece tão egoísta lamentar — tentando sorrir —, e ainda assim ele está perdido para mim, e estou tão solitária.

Mr. Lennox emborcou seus papéis, e desejou que ele fosse tão rico e próspero quanto acreditava que deveria ser um dia. Mr. Bell assoou seu nariz, mas, de outra forma, também manteve seu silêncio; e Margaret, em um minuto ou dois, havia aparentemente recuperado sua compostura. Ela agradeceu a Mr. Lennox muito cortesmente o seu trabalho; tanto mais cortês e graciosamente porque ela estava consciente de que, pelo comportamento dela, ele podia haver provavelmente sido levado a imaginar que lhe havia dado desnecessária dor. Ainda assim era dor a qual ela não tinha passado.

Mr. Bell veio a ela para despedir-se.

— Margaret! — disse ele, enquanto enrolava suas luvas. — Estou descendo a Helstone amanhã para olhar o antigo lugar. Você gostaria de vir comigo? Ou lhe causaria muita dor? Pode falar, não tenha receio.

— Oh, Mr. Bell! — disse ela, e não conseguiu dizer mais nada. Mas ela tomou a mão velha e artrítica dele, e a beijou.

— Vamos, vamos, já chega — disse ele, ruborizando, desconcertado. — Suponho que sua tia Shaw confiará você a mim. Iremos amanhã de manhã, e haveremos de chegar lá aproximadamente às duas horas, imagino eu. Tomaremos um lanche, e pediremos jantar na pequena estalagem, a Lennard Arms,

costumava ser, e depois iremos fazer uma caminhada na floresta para abrir o apetite. Você consegue aguentar, Margaret? Será uma prova, eu sei, para nós dois, mas será um prazer para mim, pelo menos. E lá jantaremos, será senão carne de corça ou veado, se sequer conseguirmos, e então tirarei minha soneca enquanto você sai para ver seus velhos amigos. Trarei você de volta sã e salva, exceto por acidentes ferroviários, e segurarei sua vida por mil libras antes de começar a viagem, o que pode ser de algum conforto para seus parentes; mas de outra forma, trarei você de volta a Mrs. Shaw até a hora do almoço na sexta-feira. Então, se você disser sim, apenas subirei as escadas e proporei.

— É inútil eu tentar dizer quanto hei de gostar disso — disse Margaret, através de suas lágrimas.

— Bem, então, prove sua gratidão mantendo essas fontes suas secas pelos próximos dois dias. Se não mantiver, hei de me sentir esquisito com dutos lacrimais, e não gosto disso.

— Não chorarei uma gota — disse Margaret, piscando seus olhos para tirar suas lágrimas de seus cílios, e forçando um sorriso.

— Aí está minha boa menina. Então iremos até o andar de cima e estabeleceremos tudo.

Margaret estava em um estado de ansiedade quase trêmula, enquanto Mr. Bell discutia seu plano com sua tia Shaw, que primeiro ficou atemorizada, então duvidosa e perplexa, e ao final, cedendo mais à dura força das palavras de Mr. Bell do que à sua própria convicção, pois a última, quer estivesse certa ou errada, fosse própria ou imprópria, ela não conseguia sossegar à sua própria satisfação, até o seguro retorno de Margaret. A feliz realização do projeto deu a ela decisão suficiente para dizer que “ela estava certa

de que havia sido uma ideia muito bondosa da parte de Mr. Bell, e justamente o que ela mesma havia estado desejando para Margaret, enquanto lhe proporcionaria a mudança que ela requeria, após todo o ansioso tempo que ela havia tido”.

Capítulo XLVI

Uma vez e agora

“Então naqueles felizes dias de outrora,
Que muitas vezes ouso deambular agora,
Ainda a falta dos amigos tão julgados devo sentir,
De quem a morte me tem separado e os feito ir.
Mas sempre que se une amizade real,
O encontro se torna espiritual;
Em espírito então nossa felicidade encontramos,
Em espírito ainda a eles nos ligamos”.
— UHLAND.[132]

Margaret hestava pronta muito antes da hora apontada, e teve tempo suficiente para chorar um pouco, quietamente, quando não observada, e para sorrir brilhantemente quando qualquer pessoa olhava para ela. Seu último alarme era com receio de que eles devessem chegar tarde demais e perder o trem; mas não! Eles estavam bem em tempo. Ela, finalmente, respirou livre e feliz, sentada na cabine em frente a Mr. Bell, e rodopiando pelas já muito conhecidas estações; vendo as antigas cidades e aldeias sulistas que dormiam na luz morna do sol pleno, que dava uma cor ainda mais avermelhada aos seus tetos de ladrilho, tão diferentes das frias ardósias do Norte. Bandos de pombos sobrevoavam estes pontiagudos singulares frontões, lentamente se estabelecendo aqui e lá, e rufando suas suaves e brilhantes plumas, como se expondo

cada fibra ao delicioso calor. Havia poucas pessoas nas estações, quase parecia como se elas estivessem muito indolentes e contentes demais para desejarem viajar. Nada do tropel e da agitação que Margaret tinha notado em suas duas jornadas na linha de Londres e na Norte-Oeste. Mais tarde, naquele ano ainda, esta linha de ferrovia se tornaria agitada e cheia de vida, com os ricos que buscariam lazer; mas, mesmo com o constante ir e vir de ocupados comerciantes, seria sempre diferente das linhas do Norte. Aqui, um espectador ou dois estavam vagueando em quase toda estação, com suas mãos em seus bolsos, tão absortos no simples ato de observar, que faziam os viajantes imaginarem o que eles podiam encontrar para fazer quando o trem partisse, e apenas o vazio da ferrovia, alguns telheiros, e um ou dois campos distantes restassem para eles contemplarem.

O ar quente dançava sobre a dourada quietude da terra, fazenda após fazenda era deixada para trás, cada uma lembrando Margaret dos Idílios Germânicos — de Herman e Dorotéia[133] — de Evangeline[134]. Deste sonho acordado, ela despertou. Estavam no lugar de deixar o trem e tomar o cabriolé para Helstone. E agora sensações mais agudas vinham atravessando seu coração, ela mal poderia dizer se eram dor ou prazer. Cada milha estava repleta de associações, que ela não haveria perdido por nada neste mundo, mas cada uma das quais chamavam seu coração a chorar pelos “dias que não voltariam mais”, com inefável anseio. A última vez que ela havia passado por essa estrada foi quando a tinha deixado com seu pai e sua mãe — tudo naquele dia era sombrio, a própria estação; e ela mesma se encontrava desesperançada, mas eles estavam lá com ela. Agora ela estava sozinha, uma órfã, e eles,

estranhamente, haviam ido para longe dela, e desaparecido da face da Terra. Machucava-a ver a estrada de Helstone tão inundada pela luz do sol, e cada curva e cada familiar árvore tão precisamente as mesmas em sua glória de verão como haviam estado em anos anteriores. A natureza não sentira mudança alguma, e estava sempre jovem.

Mr. Bell sentia algo semelhante ao que se passava na mente dela, e sábia e bondosamente segurou sua língua. Eles dirigiram-se até Lennard Arms; meio casa-fazenda, meio estalagem, um pouco distante da estrada, tanto quanto para dizer que o anfitrião não dependia tanto do costume dos viajantes, a ponto de ter que cortejá-los com qualquer intromissão; eles, na verdade, é que deveriam procurá-lo. A casa fazia fronte ao verde do vilarejo; e defronte dele estava uma imemorial limeira com bancos ao redor; e de algum recesso escondido de sua fogosa riqueza folhosa, pendia o austero escudete dos Lennards. A porta da estalagem estava totalmente aberta, mas não havia pressa hospitaleira para receber os viajantes. Quando a senhoria de fato apareceu — e eles podiam haver abstraído muitos artigos primeiro — ela lhes deu gentis boas-vindas, quase como se eles houvessem sido convidados, e desculpou-se por sua vinda ter sido tão atrasada, dizendo que era época do feno, e as provisões para os homens tinham que ser enviadas ao campo, e ela havia estado muito ocupada empacotando as cestas para ouvir os barulhos de rodas sobre a estrada, que, desde que eles haviam deixado a via principal, corriam sobre suave e curta relva.

— Ora, Deus me abençoe! — exclamou ela, enquanto no fim de seu pedido de desculpas, um raio de sol lhe revelasse o rosto de Margaret, até então não observado naquele salão cheio de

sombras. — É Miss Hale, Jenny — disse ela, correndo à porta e chamando por sua filha. — Venha aqui, venha imediatamente, é Miss Hale! — e então ela foi até Margaret, e apertou suas mãos com maternal afetuosidade.

— E como estão vocês todos? Como está o vigário e Miss Dixon? O vigário acima de tudo! Deus o abençoe! Nunca cessamos de lamentar que ele se tenha ido embora.

Margaret tentou falar e contar da morte de seu pai; da de sua mãe era evidente que Mrs. Purkis estava ciente, levando em conta a omissão do nome dela. Mas ela engasgou-se com o esforço, e pôde apenas tocar seu traje de luto, e dizer uma única palavra: — Papai.

— Certamente, senhor, não pode ser! — exclamou Mrs. Purkis, virando-se para Mr. Bell para confirmar a triste suspeita que agora entrava em sua mente. — Houve um cavalheiro aqui na primavera, podia ter sido há tanto tempo, no inverno passado, talvez, que nos falou muito sobre Mr. Hale e Miss Margaret; e ele contou que Mrs. Hale se fora, pobre senhora. Mas nunca uma palavra sobre o vigário estar doente!

— É assim, contudo — disse Mr. Bell —, ele morreu muito repentinamente, quando em uma visita a mim, em Oxford. Ele era um bom homem, Mrs. Purkis, e há muitos de nós que poderiam ser gratos por ter um fim calmo como o dele. Vamos, Margaret, minha querida! O pai dela era meu mais velho amigo, e ela é minha afilhada, então pensei apenas que podíamos descer juntos para ver o velho lugar; e sei, há muito, que a senhora pode nos arrumar quartos confortáveis e um jantar saboroso. A senhora não se lembra de mim, eu vejo, mas meu nome é Bell, e uma ou duas vezes

quando o presbitério havia estado cheio, dormi aqui, e provei seu bom *ale*.

— Certamente, peço seu perdão; mas o senhor vê que eu estava tomada com Miss Hale. Deixe-me levá-la até um quarto, Miss Margaret, onde a senhorita pode tirar sua touca, e lavar seu rosto. Foi apenas esta manhã que mergulhei algumas rosas recém-colhidas de cabeça para baixo na jarra de água, posto que, pensei eu, talvez alguém venha, e não há nada mais doce como água de primavera aromatizada por uma rosa mosqueta ou duas. Pensar que o vigário está morto! Bem, certamente, todos nós deveremos morrer. Apenas, aquele cavalheiro disse que ele estava se recuperando bem, depois do sofrimento com a morte de Mrs. Hale.

— Desça e me encontre, Mrs. Purkis, após ter atendido Miss Hale. Quero ter uma consulta com a senhora sobre o jantar.

A pequena janela de caixilho no quarto de dormir de Margaret estava quase cheia com rosas e galhos de videira; mas colocando-os de lado, e esticando-se um pouco para fora, ela podia ver os topos das chaminés do presbitério acima das árvores; e distinguir muitas linhas bastante conhecidas através das folhas.

— Sim! — disse Mrs. Purkis, suavizando a cama, e despachando Jenny com um braço cheio de toalhas aromatizadas com lavanda —, o tempo está mudado, Miss; nosso novo vigário tem sete filhos, e está construindo um infantário pronto para mais, logo ali onde o caramanchão e a casa de ferramentas costumavam ser nos velhos tempos. E ele colocou novas grades, e uma janela de vidro laminado na sala de visitas. Ele e sua esposa são pessoas ativas e estão sempre fazendo o bem; pelo menos eles dizem que estão fazendo o bem; se não fosse, eu deveria chamar isso de virar

as coisas de cabeça para baixo por muito pouco propósito. O novo vigário é um abstêmio, Miss, e um magistrado, e sua esposa tem muitas receitas para cozinha econômica, e é a favor de fazer pão sem fermento; e eles dois falam tanto, e de uma só vez, que derrubam um, por assim dizer; e não é até que eles se tenham ido, e que tenhamos um pouco de paz, que se pode pensar que havia coisas que poderiam ter sido ditas do próprio lado da questão. Ele fica atrás das latas dos homens no campo de feno, e espiando; e então há um alvoroço porque não é cerveja de gengibre, mas não posso evitar. Minha mãe e minha avó, antes de mim, enviavam um bom licor de malte para nossos tratadores de feno; e tomavam sais e plantas que curavam qualquer dor que os indispusesse; e eu devo seguir seus costumes, embora Mrs. Hepworth realmente queira me dar confeitos em vez de remédio, que, como ela diz, é muito mais agradável, eu apenas não tenho fé nisso. Mas devo ir, Miss, embora eu esteja querendo ouvir muitas coisas; voltarei à senhorita em breve.

Mr. Bell tinha morangos com creme, um pão marrom e uma jarra de leite, (junto com um queijo Stilton e uma garrafa de vinho do porto para seu próprio refresco privado), prontos para Margaret quando ela desceu as escadas; e após este rústico almoço, eles começaram a caminhar, mal sabendo em que direção seguir, tantos antigos atrativos familiares que os esperavam em cada encruzilhada.

— Devemos passar pelo vicariato? — perguntou Mr. Bell.

— Não, ainda não. Iremos por este caminho, e faremos uma volta de forma a retornar por lá — respondeu Margaret.

Aqui e ali antigas árvores tinham sido derrubadas no outono anterior; ou a cabana de um posseiro, rudemente construída e decadente, tinha desaparecido. Margaret sentia falta de cada uma e lamentava por elas como se fossem velhas amigas. Passaram pelo ponto onde ela e Mr. Lennox haviam estado *bosquerejando*. O tronco branco, cicatrizado por um raio da venerável faia, entre cujas raízes eles se sentaram, não estava mais lá; o velho senhor, o morador da cabana em ruínas, estava morto; a cabana também havia sido derrubada, e um novo chalé, caprichoso e respeitável, havia sido construído no lugar. Havia um pequeno jardim no lugar onde a faia havia estado.

— Eu não pensei que estivesse tão velha — disse Margaret, após uma pausa de silêncio; e ela se virou, suspirando.

— Sim! — disse Mr. Bell. — São as primeiras mudanças entre as coisas familiares que fazem o tempo um mistério para os jovens, depois perdemos o senso do mistério. Considero as mudanças em tudo o que vejo como o curso natural da vida. A instabilidade de todas as coisas humanas é familiar para mim, para você é nova e opressiva.

— Vamos continuar para vermos a pequena Susan — disse Margaret, atraindo seu acompanhante por um caminho de grama, levando para debaixo de uma sombra da clareira de uma floresta.

— Com todo o meu coração, embora eu não tenha a menor ideia de quem seja a pequena Susan. Mas tenho um carinho por todas as Susans, pelo simples bem da Susan.

— Minha pequena Susan ficou desapontada quando parti sem dizer adeus a ela; e, desde então, tem estado em minha consciência que dei a ela dor que um pouco mais de esforço de minha parte

poderia ter prevenido. Mas é um longo caminho. O senhor tem certeza de que não ficará cansado?

— Tenho certeza. Isto é, se você não caminhar tão rápido. Entenda, aqui não há vistas que podem dar a alguém uma desculpa para parar e tomar fôlego. Você pensaria ser romântico estar caminhando com uma pessoa “gorda e sem fôlego”, se eu fosse Hamlet, Príncipe da Dinamarca. Tenha compaixão de minhas fraquezas pelo bem dele.

— Caminharei mais devagar por seu próprio bem. Gosto do senhor vinte vezes mais que de Hamlet.

— Partindo do princípio de que um asno vivo é melhor que um leão morto?

— Talvez sim. Não analiso meus sentimentos — disse Margaret.

— Eu me contento em tomar seu gosto por mim, sem examinar muito curiosamente os materiais de que é feito. Só não precisamos caminhar em ritmo de caramujo.

— Muito bem. Caminhe em seu próprio ritmo, e eu o seguirei. Ou pare completamente e medite, como o Hamlet ao qual o senhor se compara, se eu for lenta demais.

— Obrigado. Mas como minha mãe não assassinou meu pai, e em seguida se casou com meu tio, eu não deveria saber sobre o que pensar, a menos que fosse avaliar as chances de nós termos um jantar bem cozido ou não. O que você acha?

— Estou com boas esperanças. Ela costumava ser considerada uma cozinheira famosa até onde ia a opinião de Helstone.

— Mas você considerou a distração produzida por toda essa colheita de feno?

Margaret sentiu toda a bondade de Mr. Bell em tentar engabelar uma conversa alegre sobre nada, num esforço de prevenir seu sofrimento e evitar que seus pensamentos vagassem ao passado. Mas ela teria preferido fazer esses trajetos, tão amados, em silêncio, se de fato ela não fosse ingrata o suficiente para desejar que pudesse haver estado sozinha.

Alcançaram a cabana onde a mãe viúva de Susan morava. A menina não estava. Ela havia ido à escola paroquial. Margaret ficou desapontada, e a pobre mulher viu isso, e começou a formar algum tipo de pedido de desculpas.

— Oh! Está tudo bem — disse Margaret. — Estou muito contente de ouvir isso. Eu devia ter imaginado algo semelhante, é que ela costumava ficar em casa com a senhora.

— Sim, é verdade; e sinto tristemente a falta dela. Eu costumava ensinar a ela o pouco que eu sabia à noite. Não era muito, certamente. Mas ela estava se tornando uma menina tão habilidosa, que sinto muitíssimo a falta dela. Mas Susan está muito acima de mim em aprendizado agora — e a mãe suspirou.

— Estou totalmente errado — murmurou Mr. Bell. — Não se importe com o que eu digo. Estou cem anos atrás do mundo. Mas eu deveria dizer que a criança estava tendo uma melhor, mais simples e mais natural educação parando em casa, e ajudando sua mãe, e aprendendo a ler um capítulo do Novo Testamento toda noite ao lado dela, do que toda a escolarização desse mundo.

Margaret não quis encorajá-lo a continuar, e assim prolongar a discussão diante da mãe. Então ela se virou para ela e perguntou: — Como está a velha Betty Barnes?

— Não sei — disse a mulher, muito curtamente. — Nós não *é amiga*.

— Por que não? — perguntou Margaret, que havia anteriormente sido a pacificadora do vilarejo.

— Ela roubou meu gato.

— Ela sabia que era seu?

— Não sei. Avalio que não.

— Bem! A senhora não pôde pegá-lo de volta quando contou a ela que era seu?

— Não, posto que ela queimou *ele*.

— Queimou?! — exclamaram ambos, Margaret e Mr. Bell.

— Assou *ele* — explicou a mulher.

Não era explicação que Margaret aceitasse calmamente. Portanto, por meio de questionamento, ela extraiu dela o horrível fato de que Betty Barnes, havendo sido induzida por uma cartomante cigana a emprestar à última as roupas de domingo de seu esposo, sob a promessa de tê-las fielmente devolvidas na noite de sábado antes que Goodman Barnes devesse sentir falta delas, ficou alarmada pela não aparição delas, e seu consequente temor da raiva de seu esposo, e como, de acordo com uma das selvagens superstições do interior, os gritos de um gato, nas agonias de ser fervido ou assado vivo, compeliam (por assim dizer) os poderes da escuridão para realizar os desejos do executor, foi lançado mão do feitiço. A pobre mulher evidentemente acreditava em sua eficácia; seu único sentimento era a indignação de que seu gato tinha sido escolhido entre todos os outros para um sacrifício. Margaret ouviu em horror; e esforçou-se em vão para esclarecer a mente da mulher, mas, em desespero, viu-se obrigada a desistir. Passo a passo ela

conseguiu que a mulher admitisse certos fatos, cuja ligação e sequência lógica eram perfeitamente claras para Margaret; mas ao final, a desnorteada mulher simplesmente repetia sua primeira assertiva, ou seja, que “era muito cruel com certeza, e ela não deveria ter que fazer isso; mas que não havia nada melhor para dar a uma pessoa o que ela desejava; ela ouvirá isso toda sua vida; mas era muito cruel tudo isso”. Margaret, em desespero, desistiu e foi embora com o coração doente.

— Você é uma boa moça por não triunfar sobre mim — disse Mr. Bell.

— Como? O que o senhor quer dizer?

— Confesso. Eu estava errado sobre a escola. Qualquer coisa é melhor do que ter aquela menina criada em tal prático paganismo.

— Oh! Acabo de me lembrar. Pobre pequena Susan! Devo ir vê-la; o senhor se importaria de visitar a escola?

— Nem um pouco. Estou curioso para ver um pouco do ensino que ela está recebendo.

Eles não falaram muito mais, trilharam seus caminhos através de muitos vales arborizados, cuja visão repousante, verde e suave, não conseguia afastar, por meio do encanto, o choque e a dor no coração de Margaret, causados pelo recital de tal crueldade. Uma narrativa que também traía uma absoluta falta de imaginação, e, portanto, de qualquer simpatia pelo animal sofredor.

O zumbido de vozes, como o murmúrio de uma colmeia de ocupadas abelhas humanas, fez-se ouvir tão logo eles emergiram da floresta na clareira mais aberta na qual a escola estava situada. A porta estava escancarada, e eles entraram. Uma vivaz dama de preto, aqui, ali, e em todo lugar, os notou, e lhes desejou boas-

vindas com um certo ar de anfitriã que, Margaret se lembrou, sua mãe costumava assumir, apenas de uma maneira mais suave e lânguida, quando qualquer raro visitante vagava por ali para inspecionar a escola. Ela soube imediatamente que era a esposa do atual vigário, a sucessora de sua mãe; e ela haveria recuado da entrevista se tivesse sido possível, mas em um instante ela havia dominado essa sensação, e modestamente avançou, encontrando muitas olhadelas brilhantes de reconhecimento, e ouvindo muitos murmúrios meio surpresos de: — É Miss Hale.

A dama do vigário ouviu o nome, e seus modos imediatamente se tornaram mais bondosos. Margaret desejava que ela pudesse ter evitado sentir que também se tornaram mais condescendentes. A dama estendeu uma mão para Mr. Bell, dizendo: — Seu pai, eu presumo, Miss Hale. Vejo pela semelhança. Estou certa de que estou muito alegre em vê-lo, senhor, e assim também o vigário ficará.

Margaret explicou que não era seu pai, e falou gaguejando sobre o fato da morte dele; imaginando, o tempo todo, como Mr. Hale podia haver suportado vir e revisitar Helstone, se houvesse sido como a dama do vigário supôs. Ela não ouvia o que Mrs. Hepworth estava dizendo, e deixou para Mr. Bell responder, olhando ao redor, enquanto isso, procurando por seus velhos conhecidos.

— Ah! Vejo que a senhorita gostaria de tomar uma classe, Miss Hale. Sei por mim mesma. Primeira classe, levantem-se para uma aula de análise sintática com Miss Hale.

Pobre Margaret, cuja visita era sentimental, e não uma inspeção em qualquer grau, sentiu-se tomada em uma armadilha; mas como de algum modo isso a colocava em contato com

pequenos e ávidos rostos, um dia bem conhecidos, e que tinham recebido o solene rito do batismo de seu pai, sentou-se. Meio aturdida, ela tentava localizar os traços mudados nas feições das meninas, segurando a mão de Susan por um ou dois minutos, despercebida por todos, enquanto a primeira classe buscava seus livros, e a dama do vigário ia até onde podia ir uma dama para prender a atenção de Mr. Bell, enquanto ela explicava o sistema fonético para ele, e transmitia a ele uma conversação que ela havia tido com o inspetor sobre isso.

Margaret curvou-se sobre seu livro, e vendo nada que não isso, ouvindo o zumbido de vozes de crianças, os velhos tempos despertaram, e ela deu lugar às suas recordações. Seus olhos encheram-se de lágrimas, até que finalmente houve uma pausa — uma das meninas estava tropeçando sobre a aparentemente simples palavra “um”, incerta do que chamá-la.

— Um, um artigo indefinido — disse Margaret, suavemente.

— Peço seu perdão — disse a esposa do vigário, toda olhos e ouvidos; — mas somos ensinados por Mr. Milsome a chamar “um” de... quem consegue se lembrar?

— Um adjetivo absoluto[135] — disseram meia dúzia de vozes de uma vez. E Margaret ficou envergonhada. As crianças sabiam mais do que ela. Mr. Bell se virou, e sorriu.

Margaret não falou mais durante a lição. Mas após haver terminado, ela andou calmamente até uma ou duas antigas favoritas, e conversou com elas um pouco. Elas estavam crescendo, deixando de serem crianças para serem grandes meninas; passando pelas lembranças dela em seus rápidos desenvolvimentos, enquanto ela, por seus três anos de ausência,

estava desaparecendo das delas. Ainda assim ela estava alegre por havê-las visto todas novamente, embora um matiz de tristeza se misturasse ao seu prazer.

Quando a escola fechara, era ainda cedo na tarde de verão, e Mrs. Hepworth propôs a Margaret que ela e Mr. Bell devessem acompanhá-la ao presbitério, e ver as — a palavra “melhorias” havia meio escapado de sua boca, mas ela a substituiu pelo termo mais cuidadoso “alterações” que o presente vigário estava fazendo. Margaret não removeria uma palha para ver as alterações, que abalavam sua afetuosa lembrança do que seu lar havia sido; mas ansiava por ver o antigo lugar uma vez mais, embora estremecesse com a dor que sabia que deveria sentir.

O presbitério estava tão alterado, tanto dentro quanto fora, que a real dor foi menor do que a que ela havia antecipado. Não era como o mesmo lugar. O jardim, o canteiro, anteriormente tão delicadamente aparado que até mesmo uma folha de rosa dispersa parecia como uma mancha em seu primoroso arranjo e propriedade, estava espargido com coisas de crianças; um saco de bolas de gude aqui, um bambolê lá; um chapéu de palha forçado sobre uma roseira como se fosse um cabide, à destruição de um ramo novo, longo e lindo, carregado de flores, que em dias anteriores haveria sido direcionado para cima ternamente, como se amado, estava destroçado. O pequeno vão opaco estava igualmente repleto de sinais de uma infância rude, alegre e saudável.

— Ah! — disse Mrs. Hepworth —, a senhorita deve desculpar esta desordem, Miss Hale. Quando o infantário estiver terminado, insistirei sobre um pouco de ordem. Estamos construindo um

infantário em seu quarto, creio eu. Como vocês conseguiram se arranjar, Miss Hale, sem um infantário?

— Éramos apenas dois — disse Margaret. — A senhora tem muitos filhos, eu presumo?

— Sete. Olhe aqui! Estamos colocando uma janela para a estrada neste lado. Mr. Hepworth está gastando uma quantia imensa de dinheiro nesta casa; mas realmente estava dificilmente habitável quando viemos; para tão grande família como a nossa quero dizer, é claro.

Cada cômodo na casa tinha sido alterado, além do qual Mrs. Hepworth falara, que havia sido o gabinete de Mr. Hale anteriormente; e onde a verde penumbra e deliciosa calmaria do lugar o tinha conduzido, como ele dizia, a um hábito de meditação, mas, talvez, em algum grau, à formação de um caráter mais apto para pensamento do que ação. A nova janela dava vista para a estrada, e tinha muitas vantagens, como Mrs. Hepworth apontou. Dela as errantes ovelhas do rebanho de seu esposo, que vagueavam até a tentadora cervejaria, acreditando despercebidos, como eles podiam esperar, mas observados na realidade, podiam ser vistas, pois o ativo vigário mantinha seus olhos na estrada, até mesmo durante a composição de seus mais ortodoxos sermões, e tinha o chapéu e o bastão pendurados ao alcance da mão para agarrar, antes de surpreender seus paroquianos, que tinham a necessidade de pernas rápidas se eles pudessem se refugiar no “Jolly Forester”, antes que o vigário abstêmio os houvesse prendido. Toda a família era rápida, vivaz e falava alto, mas tinham corações bondosos, e não se incomodavam com muita delicadeza de percepção. Margaret temia que Mrs. Hepworth descobrisse que Mr.

Bell estava brincando com ela, na admiração que ele considerava adequada expressar por tudo o que especialmente afrontasse seu gosto. Mas não! Ela tomava tudo, literalmente, e com tanta boa-fé, que Margaret não conseguiu evitar admoestá-lo enquanto eles caminhavam lentamente para longe do presbitério e de volta à sua estalagem.

— Não ralhe, Margaret. Foi tudo por sua causa. Se ela não lhe houvesse mostrado cada mudança com tanta evidente exultação quanto ao próprio senso superior, destacando uma melhoria aqui e acolá, eu poderia ter me comportado bem. Mas se pretende continuar dando sermão, se segure até depois do jantar, quando ele irá me mandar dormir, e ajudar na minha digestão.

Ambos estavam cansados, e a própria Margaret um tanto mais, que nem estava disposta a sair como havia proposto fazer, e ter outro passeio pelos bosques e campos tão próximos ao lar de sua infância. E, de alguma forma, a visita a Helstone não havia sido tudo... não havia sido exatamente o que ela havia esperado. Encontrara mudança em todo lugar; leve, ainda assim permeando tudo. Famílias estavam mudadas por ausência, ou morte, ou casamento, ou as naturais mutações trazidas por dias e meses e anos, que nos carregam adiante imperceptivelmente da infância à juventude, e da idade adulta à velhice, de onde caímos como frutas, plenamente maduras, na calma mãe-terra. Lugares estavam mudados — uma árvore se fora aqui, um galho ali, trazendo um longo raio de luz onde não havia luz antes — uma estrada estava aparada e estreita, e o disperso caminho verde ao lado estava fechado e cultivado. Margaret, contudo, suspirava pela antiga aparência pitoresca, a velha penumbra, e pela gramínea que

margeava a estrada de dias anteriores. Ela sentou-se à janela do pequeno estabelecimento, contemplando tristemente o avanço das sombras da noite, que se harmonizavam bem com seu melancólico pensamento. Mr. Bell dormia profundamente, após seu incomum exercício ao longo do dia. Finalmente ele foi desperto pela entrada da bandeja de chá, trazida por uma moça do campo, de aparência ruborizada, que havia evidentemente encontrado alguma variedade de sua usual ocupação de criada de mesa, ajudando na colheita do feno.

— Olá! Quem está aí? Onde estamos? Quem é aquela... Margaret? Oh, agora me lembro de tudo. Não pude imaginar que mulher estivesse sentada ali em tal lúgubre atitude, com suas mãos apertadas em seus joelhos, e seu rosto olhando tão resolutamente à sua frente. Para o que você estava olhando? — perguntou Mr. Bell, vindo à janela, e prostrando-se atrás de Margaret.

— Nada — disse ela, levantando-se rapidamente, e falando tão alegremente quanto podia.

— Nada de fato! Uma erma paisagem de árvores, um linho branco pendurado na cerca viva de roseira-brava, e uma grande lufada de ar úmido. Feche a janela, e entre para servir o chá — disse Mr. Bell.

Margaret ficou em silêncio por algum tempo. Ela brincava com sua colher de chá, e não atentava particularmente ao que Mr. Bell dizia. Ele a contradizia, e ela tomava o mesmo tipo de reação sorridente à sua opinião como se ele houvesse concordado com ela. Então ela suspirou, e colocando sua colher na mesa, começou, pertinente a nada, na voz aguda que usualmente mostra que o orador havia estado pensando por algum tempo sobre o assunto

que ele deseja introduzir: — Mr. Bell, o senhor se lembra o que estávamos dizendo sobre Frederick ontem à noite, não se lembra?

— Noite passada. Onde eu estava? Oh, eu me lembro! Ora parece uma semana atrás. Sim, certamente, eu me lembro de que falávamos sobre ele, pobre rapaz!

— Sim. E o senhor não se lembra de que Mr. Lennox falou sobre ele ter estado na Inglaterra aproximadamente na época da morte da querida mamãe? — perguntou Margaret, sua voz agora mais baixa do que o usual.

— Eu me lembro. Eu não havia ouvido falar disso antes.

— E eu pensava, sempre pensei que papai tinha lhe contado sobre isso.

— Não! Ele nunca me contou. Mas o que tem isso, Margaret?

— Quero lhe contar uma coisa que fiz que foi muito errada, aproximadamente nessa época — disse Margaret, repentinamente, olhando para ele com seus claros e honestos olhos. — Eu disse uma mentira — e seu rosto tornou-se escarlate.

— Verdade, isso foi ruim, confesso. Não que eu não tenha contado um grande número em minha vida, não em palavras diretas, como suponho que você fez, mas em ações, ou algum esfarrapado circunlóquio, levando as pessoas, ou a desacreditar da verdade, ou a acreditar em uma falsidade. Você sabe quem é o pai das mentiras, Margaret? Bem! Um grande número de pessoas, pensando em si mesmas como muito boas, têm estranhos tipos de conexão com mentiras, casamentos de mão esquerda[136], e primos de segundo grau removidos. O contaminante sangue da falsidade corre por nós todos. Eu devia ter adivinhado que você não estava tão longe disso quanto a maioria das pessoas. O quê?! Chorando,

criança? Não, agora não falaremos sobre isso, se terminar deste modo. Ouso dizer que você tem estado pesarosa por isso, e que você não o fará novamente, e foi há muito tempo. Em suma, eu quero que você fique muito alegre nesta noite e não muito triste.

Margaret secou seus olhos, e tentou falar sobre alguma outra coisa, mas repentinamente ela irrompeu em lágrimas novamente.

— Por favor, Mr. Bell, deixe-me lhe contar sobre isso. O senhor podia talvez me ajudar um pouco. Não, não me ajudar, mas se o senhor soubesse a verdade, talvez o senhor pudesse me orientar direito; não é isso, afinal de contas — disse ela, em desespero por não ser capaz de expressar-se exatamente como ela desejava.

Todos os modos de Mr. Bell mudaram. — Conte-me tudo sobre isso, criança — pediu ele.

— É uma longa história, mas quando Fred veio, mamãe estava muito doente, e eu estava aniquilada de ansiedade, e temerosa também, de que eu pudesse havê-lo atraído para o perigo; e quando tivemos um alarme logo após a morte dela, posto que Dixon encontrou alguém em Milton, um homem chamado Leonards, que havia conhecido Fred, e que parecia lhe dever rancor, ou de qualquer forma estar tentado pela lembrança da recompensa oferecida pela apreensão dele; e com este novo medo, eu pensava ser melhor apressar Fred até Londres, onde, como o senhor entendeu, pelo que dissemos na noite passada, ele estava para ir se consultar com Mr. Lennox quanto às chances dele se ele enfrentasse o julgamento. Então nós, isto é, ele e eu fomos à estação ferroviária. Foi no início da noite e estava começando a escurecer, mas ainda claro o suficiente para reconhecer e ser reconhecido. Chegamos muito cedo e saímos para caminhar em um

campo próximo. Eu estava em pânico sobre esse Leonards, que se encontrava, eu sabia, em algum lugar na vizinhança. E então, quando estávamos no campo, com os últimos raios da luz vermelha do sol batendo em meu rosto, alguém veio a cavalo na estrada, logo abaixo do campo ao lado do qual estávamos. Eu notei que o cavaleiro olhava para mim, mas eu não sabia quem era ele de início, pois o sol cegava minha visão, mas em um instante o ofuscamento passou, e eu vi que era Mr. Thornton, e nós nos cumprimentamos...

— E ele viu Frederick, é claro — disse Mr. Bell, ajudando-a a continuar com sua história, como ele pensava.

— Sim; e então na estação um homem veio, bêbedo e cambaleando, e ele tentou capturar Fred, e se desequilibrou enquanto Fred se desvencilhava, e caiu sobre a borda da plataforma; não longe, não fundo; não três pés acima; mas oh! Mr. Bell, de alguma forma aquela queda o matou!

— Quão estranho. Era este Leonards, eu suponho. E como Fred escapou?

— Oh! Ele foi embora imediatamente após a queda, que nunca pensávamos que podia ter feito qualquer dano àquele pobre indivíduo, parecia tão leve, o ferimento.

— Então ele não morreu imediatamente?

— Não! Não por dois ou três dias. E então... oh, Mr. Bell! Agora vem a pior parte — disse ela, nervosamente entrelaçando seus dedos uns nos outros. — Um inspetor de polícia veio e me taxou de haver sido a acompanhante do jovem rapaz, cujo empurrão ou golpe tinha ocasionado a morte de Leonards. Essa foi uma falsa acusação, o senhor sabe, mas não havíamos sabido se Fred tinha tomado o navio, ele podia ainda estar em Londres e passível de

prisão sob aquela falsa acusação, e se sua identidade como tenente Hale, acusado de causar aquele motim, fosse descoberta, ele podia ser morto; tudo isso passou em um instante por minha mente, e eu disse que não era eu. Que não estivera na estação naquela noite. Que eu não sabia nada sobre isso. Eu não tinha consciência ou pensamento senão de salvar Frederick.

— Eu digo que foi correto. Eu deveria haver feito o mesmo. Você se esqueceu de si mesma para pensar no outro. Acredito que eu teria feito o mesmo.

— Não, o senhor não faria. Foi errado, uma transgressão, uma mentira. Naquela mesma hora, Fred estava seguro e fora da Inglaterra; e em minha cegueira, esqueci que havia outra testemunha que podia testemunhar sobre eu ter estado lá.

— Quem?

— Mr. Thornton. O senhor sabe que ele tinha me visto próximo à estação; havíamos nos curvado um para o outro.

— Bem! Ele não saberia nada deste tumulto sobre a morte do indivíduo bêbedo. Suponho que o inquérito nunca veio a ser nada.

— Não! Os procedimentos sobre os quais eles haviam começado a falar no inquérito foram interrompidos. Mr. Thornton realmente sabia tudo sobre isso. Ele era um magistrado, e descobriu que não foi a queda que causou a morte. Mas não antes que soubesse o que eu tinha dito. Oh, Mr. Bell! — ela repentinamente cobriu seu rosto com suas mãos, como se desejasse se esconder da presença da lembrança.

— Você deu alguma explicação a ele? Você sequer contou a ele o forte e instintivo motivo?

— A instintiva falta de fé, agarrando-me a um pecado para impedir-me de afogar — disse ela, amargamente. — Não! Como eu podia? Ele não sabia nada sobre Frederick. Para me reabilitar em sua boa opinião, eu deveria contar a ele os segredos da nossa família, envolvendo, como parecia ser o caso, as chances da plena exculpação do pobre Frederick? As últimas palavras de Fred tinham sido para me intimar que mantivesse a sua visita em total segredo de todos. O senhor vê, papai nunca contou, até mesmo para o senhor. Não! Eu podia suportar a vergonha, eu pensava que podia pelo menos. Realmente suportei. Mr. Thornton nunca mais me respeitou desde então.

— Ele a respeita, estou certo — disse Mr. Bell. — Certamente, isso se dá um pouco por... Mas ele sempre fala de você com consideração e estima, embora agora eu entenda certas reservas nos modos dele.

Margaret não falou; não se atentou ao que Mr. Bell continuava a dizer; perdeu todo o sentido disso. Dali a pouco ela disse: — O senhor irá me contar o que o senhor se referiu como “reservas” nos modos dele de falar de mim?

— Oh! simplesmente ele me irritou em não se juntar aos meus louvores a você. Como um velho tolo, eu pensava que todos teriam as mesmas opiniões que eu; e ele evidentemente não conseguia concordar comigo. Fiquei intrigado na época. Mas ele deve estar perplexo, se o assunto nunca foi no mínimo explicado. Houve primeiro o seu passeio com um jovem rapaz no escuro...

— Mas era meu irmão! — disse Margaret, surpresa.

— Verdade. Mas como ele podia saber disso?

— Não sei. Nunca pensei em qualquer coisa desse tipo — disse Margaret, ruborizando, e parecendo magoada e ofendida.

— E talvez ele nunca soubesse, senão pela mentira... que, sob as circunstâncias, eu mantenho, foi necessária.

— Não foi. Sei disso agora. E amargamente me arrependo.

Houve um silêncio prolongado. Margaret foi a primeira a falar:

— É provável que eu nunca mais veja Mr. Thornton novamente — e aqui ela parou.

— Há muitas coisas mais improváveis, eu deveria dizer — respondeu Mr. Bell.

— Mas creio que nunca hei. Ainda assim, de alguma forma, não se deve gostar de ter afundado tanto na opinião de um... de um amigo, como tenho afundado na dele — seus olhos estavam cheios de lágrimas, mas sua voz era estável, e Mr. Bell não estava olhando para ela. — E agora que Frederick desistiu de toda esperança, e quase todo desejo de se esclarecer, e retornar à Inglaterra, seria fazer justiça apenas para mim que tudo isso fosse explicado. Se agradar ao senhor, e se o senhor puder, se houver uma boa oportunidade, (não force uma explicação sobre ele, rogo), mas se o senhor puder, o senhor contará a ele as plenas circunstâncias, e contará a ele também que eu lhe dei licença para fazê-lo, porque senti que, pelo bem de papai, eu não deveria gostar de perder o respeito dele, embora, provavelmente, nunca mais voltemos a nos encontrar?

— Certamente. Penso que ele deve saber. Eu não gosto de você estar até mesmo sob a sombra de uma impropriedade; ele não saberia o que pensar de ver você sozinha com um rapaz.

— Quanto a isso — disse Margaret, bastante altivamente —, penso que é *“Honi soit qui mal y pense”* [137]. Ainda assim eu deveria escolher ter isso explicado, se ocorrer qualquer oportunidade natural para explicação. Mas não é para inocentar-me de qualquer suspeição de conduta imprópria que eu desejo que seja contado para ele, se eu pensasse que ele havia suspeitado de mim, eu não deveria me importar com a boa opinião dele. Não! É que ele possa saber como fui tentada, e como caí no ardil; por que contei aquela falsidade, em suma.

— Pela qual não culpo você. Não é parcialidade minha, asseguro-lhe.

— Que outras pessoas podem pensar se está correto ou incorreto é nada em comparação a meu próprio profundo conhecimento, minha convicção inata de que foi errado. Mas não falaremos mais disso, se o senhor quiser. Está feito, minha falha foi pecado. Tenho agora que deixar isso para trás e ser verdadeira para sempre, se eu puder.

— Muito bem. Se você gosta de ficar desconfortável e mórbida, seja assim. Sempre mantenho minha consciência trancada como em uma caixa-surpresa, posto que quando ela salta à existência, surpreende-me com seu tamanho. Então eu a convenço a entrar novamente, como o pescador convenceu o gênio[138]. “Maravilhoso”, eu digo, “pensar que você tem estado oculto por tanto tempo, e em tão pequena bússola, que eu realmente não sabia de sua existência. Rogo, senhor, em vez de crescer mais e mais a cada instante, e me aturdir com seus nebulosos contornos, você mais uma vez comprimiria a si mesmo para suas dimensões anteriores?” E quando eu o fizer descer de volta à caixa, não coloco o selo, e tomo muito

cuidado ao abri-la novamente. E como eu vá contra Salomão, o mais sábio dos homens, que o confinou ali.

Mas isso não era assunto para um sorriso de Margaret. Ela mal atentou ao que Mr. Bell estava dizendo. Seus pensamentos discorriam sobre a ideia, já surgida antes, mas que agora tinha assumido a força de uma convicção, de que Mr. Thornton não mais mantinha a sua boa opinião a respeito dela, que ele estava decepcionado com ela. Ela não sentia como se qualquer explicação algum dia pudesse reinstalá-la, não ao amor dele, posto que sobre isso e qualquer reciprocidade de sua parte ela havia decidido nunca pensar —, e ela mantinha rigidamente sua resolução —, mas em respeito e alta consideração, que ela esperava jamais o teria desejado, no espírito das lindas linhas de Gerald Griffin:

“Parar e olhar para trás quando ouvires

O som de meu nome”.[139]

Ela ficou perturbada e se consumiu durante todo o tempo em que pensou sobre isso. Tentou confortar a si mesma com a ideia de que o que ele imaginava que ela fosse, não alterava o fato de quem ela era. Mas era um truísmo, um fantasma, e quebrou sob o peso de seu arrependimento. Ela tinha vinte perguntas na ponta de sua língua para fazer a Mr. Bell, mas nem uma delas ela proferiu. Mr. Bell pensava que ela estava cansada, e a enviou cedo para seu quarto, onde ela se sentou por longas horas à janela aberta, contemplando aquele firmamento púrpuro, que se elevava acima das árvores, onde as estrelas despertaram, e piscaram, e desapareceram atrás das grandes umbrosas árvores antes que ela se deitasse. Durante toda a noite também, brilhou por entre as árvores, uma pequena luz na terra; uma vela em seu antigo quarto,

que era o infantário para os atuais habitantes do presbitério, até que o novo fosse construído. Um senso de mudança, uma insignificância individual, de perplexidade e desapontamento, a sobrepujou. Nada tinha sido o mesmo; e esta débil instabilidade, que invadia tudo, havia causado uma dor maior do que se tudo tivesse sido mudado em demasia, e ela não reconhecesse nada do lugar.

— Começo a entender agora o que o paraíso deve ser... e, oh! A magnificência e repouso das palavras... “O mesmo ontem, hoje, e para sempre”[140]. Eternidade! “De eternidade a eternidade, Tu és Deus”[141]. Aquele céu acima de mim parece que não poderia mudar, e ainda assim mudará. Estou tão cansada, tão cansada de ser rodopiada através de todas essas fases de minha vida, nas quais nada subsiste comigo, nenhuma criatura, nenhum lugar; é como o círculo no qual as vítimas de paixão terrena giram continuamente. Estou naquele humor no qual mulheres de outra religião tomam o véu. Busco celeste firmeza em terrena monotonia. Se eu fosse uma católica romana e pudesse amortecer meu coração, desorientá-lo com algum grande golpe, eu podia me tornar uma freira. Mas eu deveria definhar atrás de meus semelhantes; não, não meus semelhantes, posto que o amor por minha espécie nunca pôde preencher meu coração à absoluta exclusão do amor por indivíduos. Talvez eu devesse ser assim, talvez não; não posso decidir hoje.

Fatigadamente ela se deitou, fatigadamente ela despertou dentro de quatro ou cinco horas. Mas com a manhã veio a esperança, e uma visão mais clara das coisas.

“Afinal de contas, está certo — disse ela, ouvindo as vozes das crianças brincando enquanto ela se vestia. — Se o mundo ficasse imóvel, retrogradaria e tornar-se-ia corrupto, se isso já não fosse

irlandês. Olhando além de mim e de meu próprio doloroso senso de mudança, o progresso ao meu redor é correto e necessário. Não devo pensar tanto em como as circunstâncias afetam a mim mesma, mas como elas afetam outros, se eu desejar ter um julgamento correto, ou um coração esperançoso e confiante".

E com um sorriso pronto em seus olhos, que se agitava trêmulo em seus lábios, ela foi para o salão e cumprimentou Mr. Bell.

— Ah, mocinha! Você ficou acordada até tarde na noite passada, e assim está atrasada esta manhã. Agora tenho um pequeno bocado de notícias para você. O que você acha de um convite para jantar? Recebi uma visita matinal, literalmente na orvalhada manhã. Ora, já tive o vigário aqui, em seu caminho para a escola. Quanto o desejo de dar à nossa anfitriã uma abstêmia palestra para o benefício dos tratadores de feno, teve a ver com a precocidade dele, eu não sei; mas aqui estava ele, quando desci pouco antes das nove; e fomos convidados a jantar lá hoje.

— Mas Edith me espera de volta, não posso ir — disse Margaret, grata por ter tão boa justificativa.

— Sim! Eu sei; e assim o disse. Pensei que você não quereria ir. Ainda assim está em aberto, se você quiser.

— Oh, não! — disse Margaret. — Vamos manter nosso plano. Sairemos às doze. É muito bondoso e gentil da parte deles, mas de fato eu não poderia ir.

— Muito bem. Não se agite, que arranjarei tudo.

Antes que eles partissem, Margaret esgueirou-se até o fundo do jardim do vicariato, e apanhou um pequeno bocado disperso de madressilva. Ela não tomaria a flor no dia anterior, por medo de ser observada, e ter seus motivos e sentimentos comentados. Mas

enquanto ela retornava através do campo, o lugar voltou a ter para ela a antiga encantadora atmosfera. Os sons comuns de vida eram mais musicais lá do que em qualquer outro lugar no mundo inteiro, a luz mais dourada, a vida mais tranquila e cheia de sonhador deleite. Enquanto Margaret se lembrava de seus sentimentos de ontem, ela disse a si mesma:

— E eu também mudo perpetuamente, agora isto, depois aquilo, agora desapontada e irritadiça porque tudo não está exatamente como eu havia imaginado, e agora repentinamente descobrindo que a realidade é muito mais bonita do que eu a havia presumido. Oh, Helstone! Nunca hei de amar qualquer lugar como você.

Alguns poucos dias depois, ela havia encontrado o equilíbrio, e decidiu que estava muito feliz por ter estado lá, e ter visto Helstone novamente, e que para ela seria sempre o lugar mais lindo no mundo, mas que estava tão cheio de associações com dias anteriores, e especialmente com seu pai e sua mãe, que se fosse para tudo voltar novamente, ela encolher-se-ia para longe de tal outra visita como essa que ela havia feito com Mr. Bell.

Capítulo XLVII

Algo faltante

“A experiência, como um pálido musicista, vem a ter
Um saltério de paciência em sua mão;
De onde harmonias que não conseguimos entender,
Da vontade de Deus, desdobram-se em tristes tensões e
Perplexos acordes”.
— MRS. BROWNING.[142]

Por este tempo, Dixon retornara de Milton, e assumira seu posto como ama de Margaret. Ela trouxe infindos bocados de fofoca de Milton: Martha havia ido morar com Miss Thornton, depois do casamento da última; com um relato das damas de honra, dos vestidos e dos desjejuns daquela interessante cerimônia; como as pessoas pensavam que Mr. Thornton tinha feito uma boda grandiosa demais, considerando que ele havia perdido muito pela greve, e havia tido que pagar tanto pela falha de seus contratos; quão pouco dinheiro os artigos de mobília — há muito estimados por Dixon — haviam trazido no leilão, o que foi uma vergonha considerando quão ricas as pessoas eram em Milton; como Mrs. Thornton havia vindo um dia e conseguido duas ou três boas barganhas, e Mr. Thornton havia vindo no seguinte, e, em seu desejo de obter uma ou duas coisas, havia dado lances altos, muito para o desfrute dos espectadores, assim como Dixon observou, que deixou as coisas

quites; se Mrs. Thornton pagou muito pouco, Mr. Thornton pagou demais.

Mr. Bell havia enviado todos os tipos de ordens sobre os livros; não havia como entendê-lo. Ele era minucioso, mas se ele houvesse vindo em pessoa, haveria estado tudo bem, mas cartas sempre foram e sempre serão mais enigmáticas do que merecem. Dixon não tinha muito a contar sobre os Higgins. Sua memória tinha uma inclinação aristocrática, e era muito traiçoeira sempre que ela tentava se lembrar de quaisquer circunstâncias conectadas com aqueles que estavam abaixo dela na vida. Nicholas estava muito bem, ela acreditava. Ele havia estado muitas vezes na casa perguntando notícias de Miss Margaret — a única pessoa que sequer perguntou por ela, exceto uma vez Mr. Thornton. E Mary? Oh! É claro que ela estava muito bem, uma ótima, robusta e desmazelada coisa! Ela chegou a ouvir, ou talvez fora apenas um sonho dela, embora seria estranho se ela houvesse sonhado com tal povo como os Higgins, que Mary havia ido trabalhar na fábrica de Mr. Thornton, porque seu pai desejava que ela aprendesse como cozinhar; mas que bobagem que podia significar que ela não soubesse. Margaret muito concordava com ela que a história era incoerente o suficiente para ser como um sonho. Ainda assim era agradável ter alguém agora com quem ela pudesse conversar sobre Milton e as pessoas de Milton. Dixon não era muito afeiçoada ao assunto, muito desejando deixar aquela parte de sua vida na sombra. Ela gostava muito mais de deambular sobre os discursos de Mr. Bell, que haviam sugerido uma ideia para ela de qual era realmente a intenção dele — tornar Margaret sua herdeira. Mas sua jovem dama não lhe deu encorajamento, nem em qualquer modo

gratificou seus insinuantes inquéritos, embora disfarçados na forma de suspeições ou assertivas.

Todo esse tempo, Margaret teve uma estranha indefinida ânsia para ouvir que Mr. Bell havia ido prestar uma de suas visitas de negócios a Milton; posto que havia estado bem entendido entre eles, à época da conversa deles em Helstone, que a explicação que ela havia desejado devesse apenas ser dada a Mr. Thornton por palavras, e até mesmo nesta maneira não devia ser de modo algum forçada sobre ele. Mr. Bell não era grande correspondente, mas ele escrevia de tempo em tempo longas ou curtas cartas, como seu humor o tomasse, e embora Margaret não estivesse consciente de qualquer definitiva esperança ao recebê-las, ainda assim ela sempre colocava de lado as notas dele com uma pequena sensação de desapontamento. Ele não estava indo a Milton; ele nada disse sobre isso de qualquer modo. Bem! Ela devia ser paciente. Mais cedo ou mais tarde as brumas deveriam ser dissipadas. As cartas de Mr. Bell mal eram como seu eu usual; elas eram curtas, e com reclamações, com um pequeno toque de amargura aqui e ali, o que era incomum. Ele não ansiava pelo futuro; ele mais parecia se arrepender do passado e estar fatigado com o presente. Margaret imaginava que ele podia não estar bem; mas em resposta a algum inquérito dela quanto à saúde dele, ele lhe enviou uma curta nota, dizendo que havia uma queixa fora de moda chamada depressão nervosa; que ele estava sofrendo disso, e cabia a ela decidir se era mais mental ou física, mas que ele gostaria de se permitir apenas resmungar, sem ser obrigado a enviar um boletim a cada vez.

Em consequência dessa nota, Margaret não fez mais inquéritos sobre a saúde dele. Um dia Edith soltou acidentalmente um

fragmento de uma conversação que ela havia tido com Mr. Bell, quando ele estivera pela última vez em Londres, que induziu Margaret a acreditar que ele tinha alguma noção de levá-la a fazer uma visita ao seu irmão e nova cunhada, em Cádiz, no outono. Ela questionou e questionou mais minuciosamente Edith, até que a última estivesse cansada, e declarasse que nada mais havia a ser lembrado; tudo o que ele havia dito era que ele meio pensou que ela devia ir, e ouvir por si mesma o que Frederick tinha a dizer sobre o motim; e que seria uma boa oportunidade para Margaret se tornar conhecida à sua nova cunhada; que ele sempre ia a algum lugar durante as longas férias, e não via por que ele não deveria ir à Espanha tanto quanto a qualquer outro lugar. Isso era tudo. Edith esperava que Margaret não quisesse deixá-los, que ela estava tão ansiosa sobre tudo isto. E então, não tendo mais nada específico para fazer, ela chorou, e disse que sabia que se importava muito mais com Margaret do que Margaret com ela. Margaret a confortou tanto quanto pôde, mas mal podia explicar para ela quanto a ideia da Espanha, do *château en Espagne*[143], pudesse ser encantadora e a deleitasse. Edith estava no humor para pensar que qualquer prazer desfrutado longe dela era uma tácita afronta, ou na melhor das hipóteses, uma prova de indiferença. Então Margaret tinha que manter seu prazer para si mesma, e podia apenas deixá-lo escapar pela válvula de segurança de perguntar a Dixon, quando se vestia para o jantar, se ela de fato não gostaria muito de ver Mestre Frederick e sua nova esposa.

— Ela é uma papista, Miss, não é?

— Creio que sim. Oh sim, certamente! — disse Margaret, um pouco desanimada por um instante com esta lembrança.

— E eles moram em um país papal?

— Sim.

— Então temo que eu devo dizer que minha alma é mais cara a mim que até mesmo Mestre Frederick, sua própria pessoa tão querida. Eu deveria estar em perpétuo terror, Miss, com receio de que eu fosse ser convertida.

— Oh! — disse Margaret. — Não sei se irei; e se eu for, não sou tão fina dama a ponto de ser incapaz de viajar sem você. Não! Querida e velha Dixon, se nós formos, você há de ter longas férias. Mas temo que seja um grande “se”.

Dixon não gostou desse discurso. Em primeiro lugar, ela não gostava dessa mania de Margaret de chamá-la de “querida e velha Dixon” sempre que estava particularmente demonstrativa. Ela sabia que Miss Hale estava apta a chamar todas as pessoas de quem ela gostasse de “velhas”, como um tipo de termo de carinho; mas Dixon crispava-se para longe da aplicação da palavra a si mesma, que, não tendo passado muito dos cinquenta, estava, pensava ela, no apogeu da vida. Segundamente, ela não gostava de ser tão facilmente tomada em sua palavra; ela tinha, com todo seu terror, uma grande curiosidade sobre a Espanha, a Inquisição e os mistérios papais. Então, após limpar sua garganta, como se para mostrar sua disposição a se livrar das dificuldades, ela perguntou a Miss Hale se ela pensava ou não que, se tomasse cuidado para nunca ver um padre, ou entrar em uma das igrejas deles, haveria tanto perigo de que ela fosse convertida. Mestre Frederick, certamente, havia passado por isso inexplicavelmente.

— Imagino que foi o amor que primeiro o predispôs à conversão — disse Margaret, suspirando.

— De fato, Miss! — disse Dixon. — Bem! Posso me preservar de padres, e de igrejas; mas o amor se esgueira para dentro despercebido! Penso que é melhor que eu não deva ir.

Margaret estava com medo de deixar sua mente divagar muito sobre esse plano da Espanha. Mas isso tirou os pensamentos dela de muito impacientemente deambular sobre seu desejo de ter tudo explicado a Mr. Thornton. Mr. Bell parecia, pelo presente, estar estacionado em Oxford, e não ter nenhum propósito imediato de ir a Milton; e algum segredo restrito parecia estar suspenso sobre Margaret, impedindo-a de até mesmo perguntar, ou aludir novamente a qualquer probabilidade de tal visita da parte dele. Nem ela se sentia em liberdade para citar o que Edith lhe tinha contado sobre a ideia que ele tivera — nem que fosse por cinco minutos — de ir à Espanha. Ele nunca a havia citado em Helstone, durante todo aquele dia ensolarado de lazer; era muito provavelmente senão a imaginação de um momento, mas se fosse verdade, que brilhante saída seria da monotonia de sua vida presente, que estava começando a pesar sobre ela.

Um dos grandes prazeres da vida de Margaret, nessa época, estava no menino de Edith. Ele era o orgulho e o brinquedo de ambos, o pai e a mãe, contanto que fosse bonzinho; mas ele tinha uma forte vontade própria, e tão logo irrompesse em uma de suas tempestuosas paixões, Edith recuaria em desespero e fadiga, e suspiraria: — Oh, céus, o que hei de fazer com ele! Por favor, Margaret, por favor toque o sino para chamar Hanley.

Mas Margaret quase gostava mais dele nestas manifestações de caráter do que em seus bons humores de tranquilidade. Ela o carregava até um quarto, onde eles dois batalhavam até o fim; ela

com um firme poder que o subjugava à paz, enquanto cada repentino encanto e astúcia que ela possuía, era exercido no lado do bem, até que ele esfregasse todo seu pequeno rosto quente e borrado por lágrimas sobre o dela, beijando e acariciando até que ele frequentemente adormecesse em seus braços ou sobre seu ombro. Aqueles eram os momentos mais doces de Margaret. Eles davam a ela o gosto da sensação que ela acreditava que seria negada a ela para sempre.

Mr. Henry Lennox, por sua frequente presença, acrescentava um novo e não desagradável elemento ao curso da vida doméstica. Margaret o pensava mais frio e mais brilhante do que anteriormente; mas havia fortes gostos intelectuais, e muito e variado conhecimento, que dava sabor à conversa de outra forma bastante insípida. Margaret via lampejos nele de um leve desprezo por seu irmão e cunhada, e pelo modo de vida deles, que ele parecia considerar como frívolo e sem propósito. Ele uma vez ou duas falou ao irmão, na presença de Margaret, em um muito afiado tom de inquérito, quanto a se ele pretendia inteiramente renunciar a sua profissão; e a resposta do capitão Lennox, de que ele já tinha o suficiente com o que viver, ela havia visto o contrair do lábio de Mr. Lennox enquanto ele respondia: — E isso é tudo pelo que você vive?

Mas os irmãos eram muito apegados um ao outro, da forma que quaisquer duas pessoas são, quando uma é mais inteligente e sempre conduz a outra, e esta última está pacientemente contente em ser conduzida. Mr. Lennox estava progredindo em sua profissão; cultivando, com profundo cálculo, todas aquelas conexões que podiam eventualmente ser-lhe úteis. Homem de visão aguçada,

perspicaz, inteligente, sarcástico e orgulhoso. Desde aquela longa conversação relacionada aos assuntos de Frederick, que ela tivera com ele na primeira noite na presença de Mr. Bell, ela não havia tido grande intercurso com ele, além do que despertasse de suas próximas relações com a mesma casa. Mas isso era o suficiente para desgastar a timidez da parte dela, e quaisquer sintomas de mortificado orgulho e vaidade da dele. Eles encontravam-se continuamente, é claro, mas ela pensava que ele preferia mais evitar estar sozinho com ela. Margaret imaginou que ele, tanto quanto ela, percebia que eles haviam se afastado estranhamente da sua antiga aliança um com o outro, em muitas das suas opiniões, e em todos os seus gostos.

E ainda assim, quando ele havia falado incomumente bem, ou com memorável epigramático ponto, ela sentia que o olho dele buscava a expressão do semblante dela acima de tudo, senão por um instante; e que, no intercurso familiar que constantemente os colocava juntos, a opinião dela era uma à qual ele ouvia com uma deferência — a mais completa porque era relutantemente prestada, e ocultada tanto quanto possível.

Capítulo XLVIII

“Nunca a ser encontrado novamente”[144]

“Meu próprio, amigo de meu pai!
Não podes te separar de mim!
Nunca mostrei, e tu nunca soubeste,
Quão caro tu és para mim”.
— ANÔNIMO.[145]

Os elementos dos jantares que Mrs. Lennox dava, eram estes: suas amigas contribuíam com a beleza; o capitão Lennox com um superficial conhecimento dos assuntos do dia; e Mr. Henry Lennox e o grupo de homens prósperos que eram recebidos como seus amigos, traziam a sagacidade, a inteligência, a perspicácia e o conhecimento extenso do qual eles bem sabiam como tirar proveito sem parecerem pedantes, ou enfadar o rápido fluxo da conversação.

Esses jantares eram encantadores, mas até mesmo aqui a insatisfação de Margaret a descobrira. Cada talento, cada sensação, cada aquisição; não, até mesmo cada tendência rumo à virtude, era usada como material para fogos de artifício. O fogo escondido, sagrado, exauria-se em faísca e crepitação. Eles falavam sobre arte em um modo meramente sensual, deambulando sobre efeitos externos, em vez de permitirem-se aprender o que ela tem a ensinar. Entusiasmavam-se sobre altos assuntos quando estavam em companhia, e nunca pensavam sobre eles quando estavam

sozinhos. Esbanjavam suas capacidades de apreciação em um mero fluxo de palavras apropriadas. Um dia, após os cavalheiros haverem entrado na sala de visitas, Mr. Lennox aproximou-se de Margaret e dirigiu-lhe praticamente as primeiras palavras voluntárias desde que ela retornara a morar em Harley Street.

— A senhorita não pareceu agradada com o que Shirley estava dizendo no jantar.

— Não pareci? Meu rosto deve ser muito expressivo — respondeu Margaret.

— Sempre foi. Ele não perdeu o truque de ser eloquente.

— Não gostei — disse Margaret, apressadamente —, do seu modo de advogar o que ele sabia ser tão errado, tão flagrantemente errado, até mesmo em gracejo.

— Mas foi muito inteligente. Como cada palavra dita! A senhorita se lembra dos felizes epítetos?

— Sim.

— E os despreza, como a senhorita gostaria de acrescentar. Rogo, não hesite, embora ele seja meu amigo.

— Aí está! Este é o tom exato que o senhor usa, que... — ela se interrompeu, bruscamente.

Ele aguardou por um momento para ver se ela terminaria sua frase; mas ela apenas ruborizou, e se virou; antes que ela o fizesse, contudo, ela o ouviu dizer, em uma muito baixa e clara voz: — Se meus tons, ou modo de pensamento, não são do seu agrado, a senhorita me faria justiça em me dizer, pois então me daria a chance de aprender a agradá-la.

Durante todas essas semanas, não houve qualquer notícia da ida de Mr. Bell a Milton. Ele havia falado disso em Helstone como se

fosse uma jornada que ele deveria fazer em um curto espaço de tempo; mas ele devia ter transacionado seus negócios por cartas, Margaret pensou, pois ela sabia que se ele pudesse, evitaria ir a um lugar que desgostava. Ademais, ele pouco entendera a secreta importância que ela afixava à explicação, que só poderia ser dada por meio de conversa verbal. Ela sabia que ele sentia que era necessário que isso devesse ser feito; mas se no verão, outono, ou inverno, significaria muito pouco. Era agora agosto, e não havia existido menção da jornada para a Espanha à qual ele havia aludido para Edith, e Margaret tentava se reconciliar com o desvanecimento dessa ilusão.

Mas em uma manhã ela recebeu uma carta, na qual ele dizia que pretendia chegar à cidade na próxima semana. Queria consultá-la sobre um plano que ele tinha em mente; e, além disso, ele pretendia tratar-se um pouco da saúde, já que ele havia começado a concordar com a opinião dela, de que seria mais agradável pensar que a sua saúde estava mais em falta do que ele, quando ele se achava irritado e atravessado. Havia de modo geral um tom de forçada alegria na carta, como Margaret notou depois; mas à época sua atenção estava tomada pelas exclamações de Edith.

— Subindo para a cidade! Oh céus! Estou tão exausta pelo calor que não creio que tenha forças o suficiente em mim para outro jantar. Ademais, todos foram embora, menos nós, os estúpidos, que não conseguimos decidir para onde ir. Não haveria ninguém para encontrá-lo.

— Estou certa de que ele preferiria muito mais vir e jantar apenas conosco do que com os mais agradáveis estranhos que você conseguisse encontrar. Ademais, se ele não está bem, não

desejará convites. Estou alegre que ele tenha se permitido isso, finalmente. Eu estava certa de que ele estava doente por todo o tom das suas cartas, e ainda assim ele não me respondeu quando eu o perguntei, e eu não tenho uma terceira pessoa a quem eu possa solicitar suas notícias.

— Oh! Ele não está muito doente, ou não pensaria na Espanha.

— Ele nunca mencionou a Espanha.

— Não?! Mas o plano dele que está para ser proposto evidentemente se relaciona a isso. Mas você realmente iria em tal clima como este?

— Oh! Irá esfriar a cada dia. Sim! Pensei nisso! Só tenho medo de ter pensado e desejado demais, naquele modo voluntarioso e maravilhado que seguramente traz desapontamento, ou então ser gratificado, ao pé da letra, enquanto no espírito não se tem prazer.

— Mas isso é superstição, com certeza, Margaret.

— Não, não penso que seja. Apenas deveria me alertar, e impedir de dar vazão a tais passionais desejos. É um tipo de: “Dê-me filhos, ou morrerei”[146]. Temo que meu clamor seja: “Deixe-me ir a Cádiz, ou morrerei”.

— Minha querida Margaret! Você será persuadida a ficar aqui; e então o que hei de fazer? Oh! Eu queria poder encontrar alguém com quem você se casasse aqui, para que eu pudesse estar certa de sua permanência!

— Nunca hei de me casar.

— Bobagem, e dupla bobagem! Ora, como Sholto diz, você é tal atração para a casa, que ele sabe que tantos outros homens ficarão alegres em nos visitar aqui ano que vem só por você.

Margaret empertigou-se altivamente. — Sabe, Edith, algumas vezes penso que sua vida em Corfu lhe ensinou...

— Sim?!

— Apenas uma sombra ou duas de grosseria.

Edith começou a soluçar tão amargamente, e a declarar tão veementemente que Margaret havia perdido todo o amor por ela, e não mais a admirava como uma amiga, que Margaret chegou a pensar que havia expressado uma opinião muito dura para o alívio de seu próprio orgulho ferido, e terminou sendo escrava de Edith pelo resto do dia; enquanto aquela pequena dama, sobrepujada por sentimento ferido, deitava como uma vítima sobre o sofá, arfando ocasionalmente um profundo suspiro, até que finalmente adormeceu.

Mr. Bell não fez sua aparição até mesmo no dia ao qual, pela segunda vez, ele adiara sua visita. Na manhã seguinte chegou uma carta de Wallis, seu serviçal, declarando que seu mestre não havia estado se sentindo bem por algum tempo, o que havia sido a real razão de ele adiar sua jornada; e que àquela mesma hora quando ele deveria haver partido para Londres, ele havia sido tomado por um ataque apoplético. De fato, Wallis acrescentou, a opinião dos médicos era de que ele não sobreviveria àquela noite; e mais que provável, que à hora que Miss Hale recebesse esta carta, seu pobre mestre não existiria mais.

Margaret recebeu essa carta no momento do desjejum, e ficou muito pálida enquanto a lia; então, silenciosamente colocando-a nas mãos de Edith, ela deixou o cômodo.

Edith ficou terrivelmente chocada enquanto a lia, e chorou em um modo soluçante, assustado e infantil, para grande perturbação

de seu esposo. Mrs. Shaw estava desjejuando em seu próprio quarto, e sobre ele recaiu a tarefa de reconciliar sua esposa ao contato próximo ao qual ela parecia ter estado com a morte, pela primeira vez que ela conseguia se lembrar em sua vida. Ali estava um homem que deveria ter jantado com eles hoje, deitado morto ou, em vez disso, morrendo! Passou algum tempo antes que ela pudesse pensar em Margaret. Então, ela levantou-se de um salto, e a seguiu ao andar de cima para seu quarto. Dixon estava empacotando uns poucos artigos de *toilette*, e Margaret estava apressadamente colocando sua touca, derramando lágrimas todo o tempo, e suas mãos tremendo tanto que ela mal podia amarrar as cordas.

— Oh, querida Margaret! Quão chocante! O que você está fazendo? Você está partindo? Sholto mandaria um telegrama ou faria qualquer outra coisa.

— Estou indo para Oxford. Há um trem em meia hora. Dixon se ofereceu para ir comigo, mas eu podia ter ido sozinha. Devo vê-lo novamente. Ademais, ele pode estar melhor, e precisar de algum cuidado. Ele tem sido como um pai para mim. Não me impeça, Edith.

— Mas eu devo. Mamãe não gostará de modo algum. Venha e pergunte a ela sobre isso, Margaret. Não sei para onde você está indo. Eu não deveria me importar se ele tivesse uma casa própria; mas nos quartos dos *Fellows* deles! Venha ver mamãe, e realmente peça a ela antes que você vá. Não tomará um minuto.

Margaret cedeu, e perdeu seu trem. Na instantaneidade do evento, Mrs. Shaw ficou atordoada e histérica, e assim o precioso tempo escapuliu. Mas havia outro trem em poucas horas, e após

várias discussões sobre apropriado e inapropriado, foi decidido que capitão Lennox deveria acompanhar Margaret, já que a única coisa que ela mantinha firme era sua resolução de ir, sozinha ou de outra forma, no próximo trem, o que quer que fosse dito sobre decoro ou impropriedade do passo. O amigo de seu pai, seu próprio amigo, estava às portas da morte. Esse pensamento veio sobre ela com tal vivacidade, que ela mesma ficou surpresa com a firmeza com a qual ela insistiu em seu direito à independência de ação. E cinco minutos antes da hora de partir, ela se viu sentada em um vagão ferroviário em frente ao capitão Lennox.

Era sempre um consolo para ela pensar que ela havia ido, embora fosse apenas para ouvir que ele havia morrido durante a noite. Ela viu os quartos que ele tinha ocupado e associou-os para sempre, mais afetuosamente em sua memória, com a ideia de seu pai, e seu único querido e fiel amigo.

Eles haviam prometido a Edith, antes de partir, que se tudo houvesse terminado como eles temiam, voltariam para o jantar. Então, aquele longo e arrastado contemplar do quarto, no qual seu pai também havia morrido, teve que ser interrompido. Margaret então se despediu, em silêncio, do rosto velho e bondoso de Mr. Bell, que tão frequentemente lhe viera com palavras amáveis e gracejos alegres e excêntricos.

Capitão Lennox adormeceu na jornada deles para casa; e Margaret podia chorar sua dor sozinha, e refletir sobre aquele ano fatal, e todas as desventuras que ele havia trazido para ela. Não antes que ela estivesse plenamente consciente de uma perda, outra vinha — não para suplantar sua tristeza pela anterior, mas para reabrir feridas e sensações que mal haviam sido curadas. Mas ao

som das ternas vozes de sua tia e de Edith, ao olhar do pequeno alegre Sholto à chegada dela, e à visão dos cômodos bem iluminados, com sua senhora linda em sua palidez e seu ávido pesaroso interesse, Margaret despertou-se de seu pesado transe de quase supersticiosa desesperança, e começou a sentir que, até mesmo ao seu redor, a alegria e a felicidade poderiam se reunir. Ela teve o lugar de Edith no sofá; Sholto fora ensinado a carregar a xícara de chá de tia Margaret muito cuidadosamente até ela. E na hora que ela subiu para se vestir, ela pôde agradecer a Deus por haver poupado seu querido velho amigo de uma longa ou dolorosa doença.

Mas quando a noite veio — solene noite, e toda a casa estava quieta, Margaret ainda ficou sentada assistindo à beleza de um céu de Londres em tal hora, ou em tal noite de verão; o reflexo rosado das luzes terrenas sobre as nuvens suaves, que flutuavam tranquilamente à branca luz do luar, saindo da suave e morna obscuridade que jaz imóvel ao redor do horizonte. O quarto de Margaret havia sido o infantário de sua infância, assim que esta emergiu em meninice, e quando os sentimentos e a consciência tinham sido despertos pela primeira vez à plena atividade. Em alguma noite tal como esta ela se lembrava de prometer a si mesma viver uma vida tão brava e nobre quanto qualquer heroína que ela já lera ou ouvira falar em romance, uma vida sans peur et sans *reproche*[147]. Parecia-lhe, então, que ela tinha apenas que desejar, e tal vida seria realizada. E agora ela havia aprendido que não bastava apenas desejar, mas também orar, era uma condição necessária ao verdadeiro heroísmo. Confiando em si mesma, ela havia caído. Era uma consequência justa de seu pecado, que todas

as desculpas para ele, toda a sua tentação, deveria permanecer para sempre desconhecida à pessoa em cuja opinião isso a tinha afundado mais baixo. Ela estava face a face finalmente com seu pecado. Ela o conhecia pelo que era; a sofística bondosa de Mr. Bell de que quase todos os homens eram culpados de ações equívocas, e que o motivo enobrecia o mal, nunca havia possuído muito peso real sobre ela. Seu próprio pensamento de que, se ela houvesse sabido de tudo, ela podia haver destemidamente contado a verdade, parecia baixo e pobre. Não, até mesmo agora, sua ansiedade de ter seu caráter de verdade parcialmente desculpado aos olhos de Mr. Thornton, como Mr. Bell havia prometido fazer, era uma pequena e insignificante consideração, agora que ela fora novamente ensinada pela morte o que a vida deveria ser. Se todo mundo falasse, agisse, ou mantivesse o silêncio com o intento de enganar — se os interesses mais caros estivessem em jogo, e as mais queridas vidas em perigo — se ninguém devesse algum dia saber da verdade ou de sua falsidade, pela qual medir a honra ou desprezo por ela, totalmente sozinha como ela estava, na presença de Deus, ela orava para que pudesse ter força para falar e agir em verdade para todo o sempre.

Capítulo XLIX

Respirando tranquilidade

“E ela dá lentas passadas pela praia ensolarada,
Com muitas duvidosas pausas pelo caminho;
O pesar teve uma influência tão santa e calada”.
— HOOD.[148]

— Margaret não é a herdeira? — sussurrou Edith para seu esposo, enquanto eles estavam no quarto sozinhos à noite após a triste jornada a Oxford. Ela havia puxado sua cabeça alta para baixo, e ficado na ponta dos pés, e implorado que ele não ficasse chocado, antes que ela se arriscasse a fazer essa pergunta. Capitão Lennox estava, contudo, bastante no escuro; se ele havia ouvido, tinha se esquecido; não podia ser muito o que um Fellow de um pequeno campus tinha para deixar. Mas ele nunca havia querido que ela pagasse por suas manutenções; e duzentos e cinquenta libras por ano era um valor alto, considerando que ela não tomava vinho. Edith firmou-se sobre seus pés, um pouco mais triste, como se um romance com final infeliz.

Uma semana depois, ela veio se pavoneando em direção ao seu esposo, e prestou-lhe uma profunda reverência:

— Eu estava certa, e o senhor estava errado, meu mais nobre capitão. Margaret recebeu a carta de um advogado, e ela é herdeira residual, os legados são de aproximadamente duas mil libras, e o

restante aproximadamente quarenta mil, o valor atual da propriedade em Milton.

— De fato? E como ela recebeu a boa sorte dela?

— Oh, parece que ela sabia que estava para receber isso o tempo todo; ela apenas não tinha ideia de que fosse tanto. Ela parece muito branca e pálida, e diz que está com medo disso; mas isso é bobagem, você sabe, e logo sumirá. Deixei mamãe derramando em congratulações e saí sorrateiramente para lhe contar.

Parecia ser suposto, por consenso geral, que a coisa mais natural era considerar Mr. Lennox, doravante, como o conselheiro legal de Margaret. Ela era tão inteiramente ignorante de todas as formas de negócios que, em praticamente tudo, ela tinha que consultá-lo. Ele tornou-se seu procurador e trouxe os papéis para serem assinados. Mr. Lennox nunca esteve tão feliz como quando lhe ensinava todos estes mistérios da lei representados por tipos de sinais.

— Henry — disse Edith, um dia, maliciosamente —, você sabe onde espero e imagino que todas estas longas conversas com Margaret irão terminar?

— Não, não sei — disse ele, ruborizando. — E desejo que você não me diga.

— Oh, muito bem; então eu não preciso dizer a Sholto que não convide Mr. Montagu tão frequentemente aqui em casa.

— Do modo que você quiser — disse ele, com forçada frieza. — O que você está pensando, pode, ou não, acontecer; mas desta vez, antes que eu me comprometa, prepararei meu terreno. Convide quem você quiser. Posso não ser muito civil, Edith, mas se você se

intrometer arruinará tudo. Ela tem estado muito *farouche*[149] comigo por muito tempo; e está apenas começando a degelar um pouco de seus modos de Zenóbia[150]. Ela tem a estrutura de uma Cleópatra em si, se ela fosse apenas um pouco mais pagã.

— De minha parte — disse Edith, um pouco maliciosamente — estou muito alegre que ela seja uma cristã.

Não houve Espanha para Margaret naquele outono, embora até o final ela esperasse que alguma afortunada ocasião levasse Frederick a Paris, até onde ela poderia facilmente tê-lo encontrado com um comboio. Em vez de Cádiz, ela teve que se contentar com Cromer[151]. Àquele lugar ao qual sua tia Shaw e os Lennox estavam ligados. Eles haviam, desde o começo, desejado que ela os acompanhasse e, consequentemente, com seus caracteres, eles fizeram senão indolentes esforços para levar adiante o próprio desejo de Margaret, diferente do deles. Talvez Cromer fosse, em um senso da expressão, o melhor para ela. Ela precisava de fortalecimento corporal e tonificação tanto quanto o restante.

Entre outras expectativas que tinham desaparecido, estava a esperança, a confiança que ela tivera, de que Mr. Bell haveria contado a Mr. Thornton os simples fatos das circunstâncias familiares que tinham precedido o infortunado acidente que levou a morte de Leonards. Qualquer que fosse a opinião — mesmo diferente daquela que Mr. Thornton já tinha entretido, ela desejava que fosse baseada em um verdadeiro entendimento do que ela havia feito; e por que havia feito. Haveria sido um prazer para ela; teria lhe dado descanso sobre um ponto no qual ela deveria agora por toda sua vida ficar inquieta, a menos que ela pudesse decidir não pensar sobre isso. Já passara tanto tempo dessas ocorrências,

que não havia modo possível de explicá-las, salvo o único que ela havia perdido com a morte de Mr. Bell. Devia apenas se submeter, como muitos outros, a ser mal interpretada. Mas, embora raciocinasse consigo mesma à crença de que nisso sua sina não era incomum, seu coração não doía menos, com ânsia de que algum dia — anos e anos a contar deste momento — antes que ele morresse de qualquer forma, ele pudesse saber quanto ela havia sido tentada. Ela pensava que não precisava que tudo fosse explicado a ele, se apenas ela pudesse ter certeza de que ele saberia. Mas esse desejo era enganoso, como tantos outros. E quando ela conseguiu se agarrar a essa convicção, voltou-se com todo o seu coração e suas forças à vida que jazia imediatamente diante dela, e decidiu se empenhar e fazer o melhor com o que tinha.

Ela costumava se sentar por longas horas na praia, contemplando atentamente as ondas enquanto elas se debatiam com perpétuo movimento contra o pedregoso litoral — ou olhava para uma elevação mais distante, que brilhava contra o céu, e ouvia, sem estar consciente disso, o eterno salmo, que subia continuamente. Ela estava aliviada sem saber como ou por qual razão. Indiferentemente, continuou sentada lá, no chão, suas mãos fechadas ao redor de seus joelhos, enquanto sua tia Shaw fazia pequenas compras, e Edith e o capitão Lennox cavalgavam bem longe, pela vasta costa e o interior. As amas, deambulando adiante com seus encargos, passavam e repassavam por ela, perguntando-se, em sussurros, o que ela podia encontrar para olhar por tanto tempo, dia após dia, para a mesma direção. E quando a família se reunia à hora do jantar, Margaret estava tão silenciosa e absorta,

que Edith achou-a desnorteada, e saldou com entusiasmo a proposta de seu esposo de que Mr. Henry Lennox devesse ser convidado a Cromer por uma semana, em seu retorno da Escócia, em outubro.

Mas todo aquele tempo para pensar, habilitou Margaret a colocar todos os acontecimentos em seus devidos lugares, quanto à origem e significância, tanto quanto considerasse sua vida passada como seu futuro. As horas à beira-mar não foram perdidas, como qualquer um poderia haver visto, se tivesse percepção para ler, ou o cuidado para entender, o olhar que o rosto de Margaret estava gradualmente adquirindo. Mr. Henry Lennox foi excessivamente atingido pela mudança.

— O mar tem feito a Miss Hale um imenso bem, devo imaginar — disse ele, quando ela deixou o cômodo pela primeira vez após a chegada dele àquele círculo familiar. — Ela parece dez anos mais nova do que parecia em Harley Street.

— É aquele chapéu que comprei para ela! — disse Edith, triunfantemente. — Eu sabia que ficaria bem nela no momento em que o vi.

— Peço seu perdão — disse Mr. Lennox, no tom meio desprezível, meio indulgente que ele geralmente usava com Edith. — Mas creio que eu saiba a diferença entre os encantos de um vestido e os encantos de uma mulher. Nenhum mero chapéu haveria tornado os olhos de Miss Hale tão lustrosos e ainda assim tão suaves, ou seus lábios tão tenros e vermelhos, e seu rosto como um todo tão cheio de paz e luz. Ela está como, e ainda mais — ele baixou sua voz — como a Margaret Hale de Helstone.

A partir desse momento, o inteligente e ambicioso homem dirigiu todos seus poderes para conquistar Margaret. Ele amava a doce beleza dela. Ele viu o latente movimento de sua mente, que podia facilmente (ele pensava) ser conduzido a aceitar todos os objetivos nos quais ele havia colocado seu coração. Ele olhava para a fortuna dela apenas como uma parte do completo e esplêndido caráter dela mesma e sua posição: ainda assim, ele tinha plena consciência da ascensão que isso imediatamente lhe possibilitaria, o pobre advogado, ao recebê-la. Eventualmente ele conseguiria tanto sucesso, e tantas honras, que poderiam habilitá-lo a pagar-lhe de volta, com juros, aquele primeiro avanço em riqueza que ele deveria a ela. Ele havia estado em Milton, tratando de negócios relacionados com a propriedade de Margaret, em seu retorno da Escócia. E com o rápido olho de um habilidoso advogado, sempre pronto a tomar e pesar contingências, ele havia visto que muito valor adicional estava anualmente advindo às terras e arrendamentos que ela possuía naquela próspera e crescente cidade. Ele estava alegre em descobrir que o presente relacionamento entre Margaret e ele mesmo, de cliente e conselheiro jurídico, estava gradualmente suplantando a lembrança daquele infortunado e malconduzido dia em Helstone. Ele tinha, dessa forma, incomuns oportunidades de convivência íntima com ela, além daquelas que surgiam da conexão entre as famílias.

Margaret estava muito disposta a ouvir, contanto que ele falasse de Milton, embora ele não houvesse visto nenhuma das pessoas que ela conhecia mais especialmente. O tom com que sua tia e sua prima falavam de Milton era de desgosto e desprezo, justo tais sentimentos que Margaret estava envergonhada de lembrar que

havia expressado e sentido na primeira vez que vira o lugar. Mas Mr. Lennox quase excedia Margaret em sua apreciação do caráter de Milton e seus habitantes. A energia, o poder, a coragem indômita deles em batalhar e lutar; sua vivacidade brilhante de existência, cativaram e prenderam sua atenção. Ele nunca se cansava de falar sobre eles; e nunca havia percebido quão egoístas e materiais eram muitos dos fins que eles se propunham como o resultado de todo o esforço poderoso e incansável, até que Margaret, mesmo em meio à sua satisfação, tivesse a candura de apontar isso como sendo o infectante pecado em tanto que era nobre, e digno de ser admirado. Ainda assim, quando outros assuntos não despertavam seu interesse, ela dava senão curtas respostas a muitas perguntas. Henry Lennox, contudo, descobrira que um inquérito quanto a alguma peculiaridade de caráter de Darkshire, chamava de volta a luz nos olhos dela e o brilho em suas faces.

Quando eles retornaram à cidade, Margaret cumpriu uma de suas decisões à beira-mar, e tomou sua vida em suas próprias mãos. Antes de eles irem a Cromer, ela havia estado tão dócil às leis de sua tia como se ela fosse ainda a pequena e assustada estranha que chorava para dormir àquela primeira noite no infantário em Harley Street. Mas ela havia aprendido, naquelas solenes horas de pensamento, que ela mesma devia um dia responder por sua própria vida, e o que ela havia feito com ela, e tentou estabelecer o problema mais difícil para mulheres: o quanto devia ser inteiramente concedido para a obediência à autoridade e o quanto poderia ser reservado para liberdade e movimento. Mrs. Shaw tinha tanto bom temperamento quanto poderia ser; e Edith havia herdado esta qualidade doméstica encantadora; a própria Margaret tinha

provavelmente o pior temperamento das três, posto que suas rápidas percepções, e imaginação mais que vívida, a faziam precipitada, e seu prematuro isolamento de simpatia a havia tornado orgulhosa. Mas ela tinha uma indescritível doçura infantil de coração, que fazia seus modos, até mesmo em seus raros acessos de teimosia, irresistíveis aos mais velhos. E agora, castigada, até mesmo pelo que o mundo chamava de sua boa sorte, ela encantou sua relutante tia em aquiescência com sua vontade. Então Margaret ganhou o reconhecimento de seu direito de seguir suas próprias ideias de dever.

— Apenas não seja cabeça dura — suplicou Edith. — Mamãe quer que você tenha um lacaio só seu; e estou certa de que você gostará muito, posto que eles são ótimas pragas. Apenas para agradar a mim, querida, não vá e tenha uma mente forte; é a única coisa que peço. Com lacaio ou sem lacaio, não tenha um espírito robusto.

— Não tenha medo, Edith. Desmaiarei em suas mãos na hora do jantar dos serviçais, na primeira oportunidade; e então, com Sholto brincando com o fogo, e o bebê chorando, você começará a desejar uma mulher obstinada, para qualquer emergência.

— E você não ficará boa demais para gracejar e ser alegre?

— Não eu. Hei de ser mais alegre do que jamais tenho sido, agora que tenho meu próprio caminho.

— E você não mudará de silhueta, e me deixará comprar seus vestidos para você?

— De fato pretendo comprá-los por mim mesma. Você poderá vir comigo se quiser; mas ninguém pode me agradar senão eu mesma.

— Oh! Eu temia que você fosse se vestir de marrom e cor de areia, para não mostrar a sujeira que você pegará em todos aqueles lugares. Estou alegre que você irá manter uma ou duas vaidades, só como espécime do antigo Adão.

— Continuarei sendo a mesma, Edith, se você e minha tia pudessem senão imaginar isso. Apenas como eu não tenho nem esposo nem filho para me dar deveres naturais, devo fazer eu mesma os meus, além de encomendar meus vestidos.

No conclave da família, que foi composto por Edith, sua mãe e seu esposo, foi decidido que talvez todos esses planos de Margaret só fariam assegurá-la ainda mais para Henry Lennox. Eles a mantiveram longe do caminho de outros amigos que pudessem ter filhos ou irmãos elegíveis; e foi também concordado que ela nunca parecia tomar muito prazer na sociedade de qualquer um senão Henry, fora da família deles. Os outros admiradores, atraídos pela aparência dela ou pela reputação de sua fortuna, eram arrastados, pelo inconsciente e sorridente desdém dela, para os caminhos frequentados por outras belezas menos fastidiosas, ou outra herdeira com uma maior quantidade de ouro. Henry e ela começaram a ter intimidade mais próxima; mas nem ele nem ela eram pessoas de permitir a mais ligeira nota de seus procedimentos.

Capítulo L

Mudanças em Milton

“Aqui vamos nós subindo, subindo, subindo;
E aqui vamos nós descendo, descendo, descendo!”

Entrementes, em Milton as chaminés fumegavam. O rugir incessante, a cadência poderosa e o giro atordoante das máquinas lutavam e se esforçavam perpetuamente. Sem sentido e sem propósito eram a madeira, o ferro e o vapor em seus labores sem fim. Mas a persistência de seu monótono trabalho era rivalizada pela resistência incansável das vigorosas multidões que, com sentido e propósito, estavam ocupadas e inquietas em busca de — de quê? Nas ruas havia poucos desocupados — nenhum caminhando por mero prazer; o rosto de cada homem era marcado por linhas de impaciência ou ansiedade; notícias eram buscadas com furiosa avidez; e homens atropelavam uns aos outros à parte no mercado e no câmbio, como faziam na vida e no profundo egoísmo da competição. Havia melancolia sobre a cidade. Poucos vinham para comprar, e aqueles que o faziam eram observados suspeitosamente pelos vendedores; posto que o crédito estava inseguro, e os mais estáveis podiam ter suas fortunas afetadas pela crise que se instalara entre as casas de expedição, no grande porto da vizinhança. Até então não havia existido nenhuma falência em Milton, mas desde as imensas especulações que vieram à tona, causando uma devastação comercial na América, e ainda até mais

perto de casa, foi sabido que algumas casas de negócios de Milton deveriam sofrer tão severamente, que todo dia os rostos dos homens se perguntavam, se suas línguas não formulassem as questões: “Quais são as notícias? Quem se foi? Como isso vai me afetar?” E se dois ou três conversavam juntos, eles deambulavam mais sobre os nomes daqueles que estavam seguros, e não ousavam insinuar aqueles suscetíveis, em suas opiniões, de cair; posto que fôlego inútil pode, em tais casos, causar a ruína de alguns que podem de outra forma sobreviver à tempestade; e um caindo, arrastava muitos. “Thornton está seguro”, diziam eles. “Os negócios dele são grandes, aumentam a cada ano, é um homem inteligente e prudente, mesmo com toda sua ousadia!” Então um homem puxa outro à parte, e caminha um pouco separado, e, com a cabeça inclinada ao ouvido de seu vizinho, ele diz:

— Os negócios de Thornton são grandes, mas ele tem gasto seus lucros em aumentá-los; ele não tem nenhum capital guardado. O maquinário dele é novo, foi todo renovado nestes dois últimos anos, e lhe custou... — e as conversas e apostas em quem teria seus negócios arruinados continuavam.

Mas aquele Mr. Harrison era um embusteiro... um homem que havia obtido sucesso pela fortuna de seu pai, feita no comércio, que ele havia temido perder alterando seus modos de negócios a qualquer um que tivesse um escopo maior; ainda assim ele guardava rancor de cada *penny* feito por outros mais ousados e de visão mais adiantada.

Mas a verdade era que Mr. Thornton estava muito pressionado. Ele sentia agudamente o seu ponto vulnerável; seu orgulho do caráter comercial que ele havia estabelecido para si mesmo.

Arquiteto de suas próprias fortunas, ele não atribuía isso a nenhum mérito especial ou qualidades de si próprio, mas ao poder que ele acreditava que o comércio dava a todo homem bravo, honesto e perseverante, para elevar-se a um nível de onde ele pudesse ver e ler o grande jogo do sucesso mundial, e honestamente, com visão, comandar mais poder e influência do que em qualquer outro modo de vida. Distante, no Leste e no Oeste, onde a pessoa dele nunca seria conhecida, seu nome era para ser considerado, e seus desejos para serem realizados, e sua palavra aceita como ouro. Essa era a ideia da vida mercante com a qual Mr. Thornton havia começado.

— Que os negociantes dela sejam como príncipes — dizia sua mãe, lendo o texto em voz alta, como se fosse um chamado de trombeta, convidando seu filho à luta. Ele era senão como muitos outros — homens, mulheres e crianças — vivo para o que estava distante, e morto as coisas próximas. Ele buscava que seu nome fosse influente em países estrangeiros e mares distantes — tornar-se o cabeça de uma empresa que devesse ser conhecida por gerações; e ele havia levado longos e silenciosos anos para chegar até a um lampejo do que ele podia ser agora, hoje, aqui em sua própria cidade, sua própria fábrica, entre seu próprio povo. Ele e eles levavam vidas paralelas — muito próximas, mas nunca se tocando — até o acidente (ou assim pareceu) de sua familiarização com Higgins. Uma vez trazidos face a face, homem a homem, com um indivíduo das massas ao redor dele; e (tomando nota) do caráter de mestre e operário, na primeira instância, eles haviam cada um começado a reconhecer que “temos todos nós um coração humano”[152]. Era a ponta fina da cunha; e até agora, quando a

apreensão de perder sua conexão com dois ou três dos operários que ele havia tão ultimamente começado a conhecer como homens — de ter um plano ou dois, que eram experimentos muito próximos ao coração dele, rudemente arrancados sem tentativa — deu uma nova pungência ao sutil medo que vinha sobre ele de tempo em tempo; até agora, ele nunca havia reconhecido quanto e quão profundo era o interesse que ele havia cultivado recentemente de sentir em sua posição de industrial, simplesmente porque o punha em contato tão próximo, e lhe dava a oportunidade de tanto poder sobre uma raça de pessoas estranhas, duras, ignorantes, mas, acima de tudo, cheias de caráter e forte sentimento humano.

Ele reviu sua posição como industrial de Milton. A greve um ano e meio atrás — ou mais, posto que fazia agora um tempo invernal extemporâneo, em uma primavera tardia — aquela greve, quando ele era jovem, e ele agora se sentia velho — o havia impedido de completar alguns dos grandes pedidos que ele tinha então nas mãos. Ele havia empatado muito de seu capital em novos e caros maquinários, e tinha também comprado algodão em larga escala, para o cumprimento desses pedidos, feitos sob contrato. Que ele não tivera sido capaz de cumpri-los, era devido, em algum grau, à absoluta falta de habilidade por parte das mãos irlandesas que ele tinha importado. Muito dos seus trabalhos era danificado e impróprio para ser passado adiante por uma casa que se orgulhava em entregar nada além de artigos de primeira linha.

Por muitos meses, o embaraço causado pela greve havia sido um obstáculo no caminho de Mr. Thornton; e frequentemente, quando seus olhos caíam sobre Higgins, ele podia falar raivosamente com ele sem qualquer presente causa, apenas por

sentir quão sério era o dano que havia emergido desse assunto no qual ele estava implicado. Mas quando ele tomou consciência desse repentino ressentimento, resolveu refreá-lo. Não lhe satisfaria evitar Higgins; ele devia se convencer de que era o mestre de sua própria raiva, sendo particularmente cuidadoso para permitir o acesso de Higgins a ele, sempre que as estritas regras dos negócios, ou o lazer de Mr. Thornton permitisse. E pouco a pouco, ele perdeu todo o ressentimento em perguntar-se como era, ou poderia ser, que dois homens como ele e Higgins, vivendo do mesmo comércio, trabalhando em seus diferentes modos para o mesmo objeto, podiam considerar as posições e deveres um do outro em um tão estranhamente diferente modo. E daí emergiu esse relacionamento que, embora não pudesse ter o efeito de impedir todo futuro choque de opinião e ação, quando a ocasião surgisse, permitiria, de qualquer forma, que tanto o mestre quanto o empregado considerassem um ao outro com muito mais caridade e compreensão, e tolerassem um ao outro com mais paciência e gentileza. Além dessa melhoria de sentimento, tanto Mr. Thornton quanto seus operários descobriram sua ignorância quanto aos assuntos triviais, conhecidos outrora, ou por um, ou por outro.

Mas agora sobreviera sobre eles um daqueles períodos de comércio ruim, quando o decadente mercado derrubava o valor de todos os grandes estoques. Os de Mr. Thornton caíram até quase a metade. Para piorar, nenhum pedido estava entrando; então ele perdeu os juros do capital que ele tinha aplicado em maquinário; de fato, era difícil conseguir pagamento pelos pedidos concluídos; ainda assim havia o gasto constante com as despesas para fazer o negócio funcionar. Em seguida vieram as contas do algodão que ele

havia comprado; e o dinheiro estando escasso, ele podia apenas pedir emprestado a juros exorbitantes, e ainda assim não conseguia transformar em capital nenhuma de suas propriedades.

Mas ele não se desesperou; esforçava-se dia e noite para antever e prover por todas as emergências. Era tão calmo e gentil às mulheres em seu lar como nunca; com os operários em sua fábrica, ele não falava muito, mas eles o conheciam a esta altura; e muitas curtas e decididas respostas eram recebidas por eles com mais compreensão pela preocupação que eles viam se pressionar sobre ele, do que com o suprimido antagonismo sufocado que havia anteriormente, pronto para duras palavras e duros julgamentos em todas as ocasiões.

— O mestre está muito chateado — disse Higgins, um dia, ao ouvir o inquérito curto e afiado de Mr. Thornton, sobre um tal comando que não havia sido obedecido; e captou o som do suprimido suspiro que ele soltou ao passar pela sala onde alguns dos homens estavam trabalhando. Higgins e outro homem trabalhavam além do tempo àquela noite, desconhecidos a todos, para conseguir que o montante negligenciado de trabalho fosse feito; e Mr. Thornton nunca soube senão que o encarregado, a quem ele tinha dado o comando em primeira instância, havia feito o trabalho ele mesmo.

“Sim. Avalio que eu sei quem teria lamentado por ver nosso patrão sentado assim como um pedaço de chita cinzento! O velho pároco teria se agitado até o fundo de seu coração, se ele tivesse visto os olhares aflitos que tenho visto no rosto do nosso mestre”, pensou Higgins, um dia, enquanto ele se aproximava de Mr. Thornton em Marlborough Street.

— Mestre — disse ele, parando seu empregador em sua rápida e decidida caminhada, e fazendo aquele cavalheiro olhar para cima com um repentino e irritado sobressalto, como se seus pensamentos houvessem estado muito longe.

— O senhor ouviu alguma coisa de Miss Marget, ultimamente?

— Miss... quem? — respondeu Mr. Thornton, pois Higgins havia abreviado o nome da moça.

— Miss Margaret, Miss Hale, a filha do velho pároco, o senhor sabe bem de quem estou falando, se o senhor pensar só um pouquinho — não havia nada de desrespeitoso no tom no qual isso foi dito.

— Oh sim! — e repentinamente, o olhar de preocupação invernal e gélido havia deixado o rosto de Mr. Thornton, como se alguma suave brisa de verão houvesse soprado toda a ansiedade para longe de sua mente e, embora sua boca estivesse tão comprimida quanto antes, seus olhos sorriam benignamente para seu questionador.

— Ela é minha senhoria agora, o senhor sabe, Higgins. Falo com o agente dela aqui, algumas vezes. Ela está bem e entre amigos. Obrigado, Higgins.

Aquele “obrigado” que se arrastou após as outras palavras, e ainda assim veio com tanto calor de sentimento, deu uma nova luz ao perspicaz Higgins. Podia ser senão um fogo-fátuo, mas ele pensava que o seguiria e verificaria até onde isso o levaria.

— E ela não se casou, mestre?

— Ainda não — o rosto ficou enevoado mais uma vez. — Há alguma conversa sobre isso, segundo entendi, com alguém ligado à família.

— Então ela não vai vir a Milton novamente, avalio.

— Não!

— Espere um minuto, mestre — então se aproximando confidencialmente, ele disse: — O jovem cavalheiro foi absolvido? — ele reforçou a profundeza de sua informação pela piscadela de um olho, o que apenas tornou as coisas mais misteriosas para Mr. Thornton. — O jovem cavalheiro, quero dizer Mestre Frederick, eles chamam ele assim, o irmão dela que esteve aqui, o senhor sabe.

— Esteve aqui...

— Sim, certamente, na morte da patroa. O senhor não precisa ter medo *de eu contar*; posto que Mary e eu, nós *sabia* o tempo todo, apenas *ficamo calado*, posto que *soubemo* através de Mary trabalhando na casa.

— E ele esteve aqui. Era o irmão dela?!

— Certamente, e eu avalio que o senhor conhecia ele ou então eu não falaria. O senhor sabia que ela tinha um irmão?

— Sim, eu sei tudo sobre ele. E ele esteve aqui na época da morte de Mrs. Hale?

— Não! Não vou contar mais. Posso já ter colocado *eles* em prejuízo, posto que eles seguraram muito o segredo. Eu queria só saber se eles já limparam ele?

— Não que eu saiba. Não sei de nada. Apenas ouço sobre Miss Hale, agora, como minha senhoria, e através do advogado dela.

Ele separou-se de Higgins, para resolver os negócios nos quais ele havia estado concentrado quando o último o abordou, deixando Higgins frustrado em seu esforço.

“Era o irmão dela”, pensou Mr. Thornton. “Estou feliz. Posso nunca a ver novamente, mas é um conforto, um alívio saber disso. Eu sabia que ela não podia não ser recatada, e ainda assim eu ansiava por convicção. Agora estou feliz!”

Era uma pequena trama dourada correndo através da escura teia de sua presente sorte, que estava ficando ainda mais e muito mais tenebrosa. O agente dele tinha amplamente confiado numa casa de comércio americano, que faliu, junto com muitas outras, justo a esta época, como um maço de cartas, a queda de uma compelindo o fracasso de outrem. Quais eram os engajamentos de Mr. Thornton? Podia ele aguentar?

Noite após noite ele levava livros e papéis para dentro de seu próprio quarto, e ficava sentado lá muito após a família haver ido deitar-se. Ele pensava que ninguém soubesse de sua ocupação, das horas que ele devia ter dispendido em dormir. Uma manhã, quando a luz do dia estava espreitando pelas fendas das venezianas, e ele nunca estivera na cama, e, em desesperançosa indiferença de mente, estava pensando que ele podia passar sem uma hora ou duas de descanso, que era tudo o que ele devia ser capaz de conseguir antes que a agitação do labor diário começasse novamente, a porta de seu quarto abriu, e sua mãe estava lá, vestida como ela havia estado no dia anterior. Ela não se deitara para dormir tanto quanto ele. Seus olhos se encontraram. Seus rostos estavam frios, rígidos e pálidos pela longa vigília.

— Mãe! Por que a senhora não está na cama?

— Meu filho John — disse ela —, você pensa que posso dormir com uma mente tranquila, enquanto você se mantém acordado

cheio de preocupação? Você não me contou qual é o seu problema, mas tem tido problemas dolorosos nestes muitos dias passados.

— O comércio está ruim.

— E você teme...

— Não temo nada — respondeu ele, levantando sua cabeça, e a mantendo ereta. — Eu sei agora que nenhum homem será prejudicado por minha causa. Essa era a minha ansiedade.

— Mas como vai suportar? Você... Vai haver falência? — sua estável voz tremia em desabituada maneira.

— Não uma falência. Devo desistir do negócio, mas pago todos os homens. Posso conseguir me redimir... estou dolorosamente tentado...

— Como? Oh, John! Mantenha seu nome limpo, tente todos os riscos para isso. Como poderia se recuperar?

— Por uma especulação oferecida a mim, cheia de risco; mas, se tiver sucesso, me colocaria acima da linha d'água, de forma que ninguém jamais precisará saber do aperto em que estou. Ainda assim, se falhar...

— E se falhar — disse ela, avançando, e colocando a mão dela sobre o braço dele, seus olhos cheios de ávida luz. Ela segurou sua respiração para ouvir o fim da fala dele.

— Se eu falhar, homens honestos estarão arruinados por um trapaceiro — disse ele, sombriamente. — Do modo como estou agora, o dinheiro dos meus credores estará seguro... cada ceitil; mas não sei onde encontrar o meu próprio... pode ter acabado todo, e eu sem um *penny* neste momento. Portanto, é o dinheiro de meus credores que eu deveria arriscar?

— Mas se obtivesse sucesso, eles nunca precisariam saber. É uma especulação tão desesperada? Certamente que não, ou você nunca haveria pensado nisso. Se obtiver sucesso...

— Eu seria um homem rico, mas minha paz de consciência desapareceria!

— Por quê? Você não haveria feito dano a ninguém.

— Não, mas eu deveria correr o risco de arruinar muitos para o meu vulgar engrandecimento. Mãe, eu decidi! A senhora não lamentará muito se deixarmos esta casa, lamentará, querida mãe?

— Não! Mas você se tornar diferente do que é partirá meu coração. O que você pode fazer?

— Ser sempre o mesmo John Thornton em quaisquer que sejam as circunstâncias; esforçando-me para fazer o certo, e tendo grandes tropeços; e então tentando ser corajoso para começar de novo. Mas é difícil, mãe. Tenho trabalhado e planejado tanto. Descobri forças novas nessa situação tarde demais... e agora tudo está acabado. Estou muito velho para começar tudo de novo com o mesmo coração. É difícil, mãe.

Ele virou as costas para ela, e cobriu seu rosto com suas mãos.

— Não consigo pensar — disse ela, com um sombrio desafio em seu tom —, como isso se dá. Aqui está meu rapaz, bom filho, homem novo, coração terno; ele falha em tudo sobre o que decide fazer: ele encontra uma mulher para amar, e ela não se importa com sua afeição como se ele fosse um homem qualquer. Ele trabalha, e o seu labor dá em nada. Enquanto outras pessoas prosperam e ficam ricas, e elevam seus reles nomes intocáveis acima da vergonha.

— A vergonha nunca me tocou — disse ele, em um tom baixo, mas ela continuou: — Eu algumas vezes me perguntei para onde a justiça se foi, e agora não acredito que haja tal coisa no mundo; agora que você chega a isso; você, meu próprio John Thornton, embora você e eu possamos ser pedintes juntos, meu próprio querido filho!

Ela caiu sobre o pescoço dele, e o beijou através de suas lágrimas.

— Mãe! — disse ele, segurando gentilmente em seus braços. — Quem me deu tal destino na vida, para o bem e para o mal?

Ela balançou sua cabeça. Não queria nada com religião naquele momento.

— Mãe — ele continuou, vendo que ela não falaria —, eu também tenho sido rebelde, mas estou lutando para não mais ser assim. Ajude-me, como a senhora me ajudou quando eu era uma criança. A senhora disse muitas palavras boas... quando meu pai morreu e nós ficávamos por vezes dolorosamente sem conforto, que nunca mais ficaremos agora; a senhora disse corajosas, nobres e confiáveis palavras, mãe; das quais eu nunca me esqueci, embora elas tenham ficado dormentes. Fale para mim novamente no modo antigo, mãe. Não nos deixe ter que pensar que o mundo tenha em muito endurecido nossos corações. Se a senhora dissesse as boas e velhas palavras, me faria sentir um pouco da simplicidade piedosa da minha infância. Eu as repito para mim mesmo, mas elas viriam diferente da parte da senhora, lembrando-se de todas as preocupações e provações que a senhora teve que suportar.

— Tenho tido muitas — disse ela, soluçando —, mas nenhuma tão dolorosa como esta. Ver você humilhado de seu lugar de direito!

Eu podia dizer por mim mesma, John, mas não por você. Não por você! Deus tem achado justo ser muito duro com você, muito.

Ela sacudia-se com os soluços que vêm tão convulsivamente quando uma pessoa velha chora. Ela afinal percebeu o silêncio ao seu redor, aquietou-se para ouvir. Nenhum som. Ela olhou em volta. Seu filho estava sentado ao lado da mesa, seus braços meio estendidos ao longo dessa, sua cabeça curvada com o rosto para baixo.

— Oh, John! — ela disse, e ela levantou o rosto dele.

Ele tinha o olhar tão estranho, pálido olhar de melancolia, que, por um momento, ela temeu que esse olhar fosse o precursor da morte, mas, enquanto a rigidez derretia do semblante, e a cor natural retornava, ela viu que ele era ele mesmo mais uma vez, toda a mortificação mundana afundou diante da consciência da grande bênção que era ele mesmo, por sua simples existência, e o que isso representava para ela. Ela agradeceu a Deus a vida dele, com um fervor que varreu todo sentimento revoltoso de sua mente.

Ele não falou prontamente; mas levantou-se e abriu as venezianas, e deixou a avermelhada luz do amanhecer inundar o quarto. Mas o vento estava no Leste; o clima estava lancinantemente frio, como havia estado por semanas; não haveria demanda por mercadorias leves de verão naquele ano. Aquela esperança pelo reavivamento do comércio deveria absolutamente ser abandonada.

Era um grande conforto ter conversado com sua mãe; e sentir a certeza de que, da forma que eles pudessem doravante se manter em silêncio sobre todas as ansiedades, eles ainda assim entendiam

os sentimentos um do outro, e estavam, se não em harmonia, pelo menos não em desacordo em seu modo de vê-los.

O esposo de Fanny estava vexado com a recusa de Thornton de tomar qualquer parte na especulação que ele lhe havia oferecido, e retirou-se de qualquer possibilidade de ser supostamente capaz de assisti-lo com o dinheiro pronto, o que, de fato, o especulador precisava para seu próprio risco.

Não havia motivo para isso afinal, senão aquele que Mr. Thornton havia temido por muitas semanas. Ele teve que renunciar ao negócio no qual ele havia estado há tanto tempo engajado, com tanta honra e sucesso, e procurar por uma situação subordinada. As Fábricas Marlborough e a habitação adjacente eram mantidas sob um grande arrendamento; elas deviam, se possível, ser relocadas a um novo inquilino.

Imediatamente, várias e imediatas propostas de trabalho foram oferecidas a Mr. Thornton, entre as quais ele poderia escolher. Mr. Hamper haveria estado apenas muito alegre de havê-lo assegurado como um estável e experiente parceiro para seu filho, que ele estava estabelecendo com um grande capital em uma cidade vizinha. Mas o jovem rapaz não era muito educado no que tangia informação, e totalmente deseducado no que tangia qualquer outra responsabilidade que não aquela de receber dinheiro, e brutalizava ambos quanto aos seus prazeres e suas dores. Mr. Thornton recusou ter qualquer parte em uma parceria, o que frustraria os seus poucos planos que tinham sobrevivido à desgraça de sua fortuna. Ele antes consentiria em ser apenas um gerente, onde ele podia ter certo grau de poder além da mera parte de ganhar dinheiro, do que

ter que cair nos tirânicos humores de um endinheirado parceiro com quem ele teria certeza de que brigaria em poucos meses.

Então ele esperou, e colocou-se de lado com profunda humildade, enquanto as notícias corriam por meio do câmbio, da enorme fortuna que seu cunhado tinha feito com sua ousada especulação. Foi uma maravilha de nove dias. O sucesso trouxe, com isso, a consequência mundana de extrema admiração. Ninguém era considerado tão sábio e avançado quanto Mr. Watson.

Capítulo LI

Encontrando-se novamente

“Resista, bravo coração! Calmos e fortes seremos;
Por certo, dominar olhos, ou rosto, ou língua podemos,
Nem deixar o menor sinal de mexerico aparecer
Ela sempre foi, e é, e querida há de ser”.
— JOGO DE RIMAS.[153]

Era uma noite quente de verão. Edith entrou no quarto de dormir de Margaret, como era seu hábito, e não encontrou ninguém lá; da vez seguinte, já pronta e vestida para o jantar, Edith encontrou Dixon estendendo o vestido de Margaret sobre a cama; mas nada de Margaret. Edith começou a se agitar sobre isso.

— Oh Dixon! Não essas horríveis flores azuis para aquele vestido de cor dourada morta. Que gosto! Espere um minuto, e trarei algumas flores de romã.

— Não é uma cor dourada morta, madame. É cor de palha dourada. E azul sempre vai bem com cor de palha dourada.

Mas Edith trouxe as brilhantes flores escarlates antes que Dixon houvesse chegado à metade de sua admoestação.

— Onde está Margaret? — perguntou Edith, assim que ela testou o efeito do floreado. — Não posso pensar — ela continuou, irritadamente — como minha tia permitiu que ela entrasse em tais errantes hábitos em Milton! Estou sempre à espera de ouvir que ela encontrou com algo horrível entre todos aqueles desgraçados

lugares nos quais ela se mete. Eu nunca deveria ousar descer algumas daquelas ruelas sem um serviçal. Elas não foram feitas para damas.

Dixon estava ainda ofendida sobre seu gosto ter sido desprezado; então respondeu, bastante bruscamente:

— Não me admiro nem um pouco quando ouço senhoras falarem tanto sobre serem damas, e quando elas são damas tão temerosas, delicadas e frágeis também; só digo que não me admiro que não existam mais santos sobre a Terra...

— Oh, Margaret! Aqui está você! Tenho lhe querido tanto. Mas como suas bochechas estão coradas com o calor, pobre criança! Mas apenas pense no que aquele cansativo Henry tem feito; realmente, ele excede os limites de cunhado. Justo quando minha festa estava tão lindamente organizada, montada tão precisamente para Mr. Colthurst, veio Henry, com uma justificativa, é verdade, e fazendo uso de seu nome para uma desculpa, e perguntou a mim se ele podia trazer aquele Mr. Thornton de Milton, seu inquilino, você sabe, que está em Londres resolvendo algum negócio legal. Arruinará bastante meu número de convidados.

— Não me importo com o jantar. Não quero nada — disse Margaret, em uma voz baixa. — Dixon pode me trazer uma xícara de chá até aqui, e estarei na sala de visitas na hora que vocês subirem. Hei de estar realmente alegre de me deitar cedo.

— Não, não! Isso nunca será possível. Você realmente parece desgraçadamente pálida, certamente, mas isso é apenas o calor, e é impossível passarmos sem você. Prenda as flores um pouco mais embaixo, Dixon. Elas parecem chamas gloriosas em seu cabelo preto, Margaret. Você sabe que nós planejamos que você falasse

sobre Milton com Mr. Colthurst, à mesa. Oh! Certamente! Mas como o convidado de Henry, esse Mr. Thornton, vem de Milton, creio que será de extrema importância, afinal Mr. Colthurst pode bombeá-lo com todos os assuntos nos quais ele está interessado, e será uma grande diversão escutar as experiências e a sabedoria desse Mr. Thornton no próximo discurso de Mr. Colthurst na Câmara. Realmente, penso que foi um golpe feliz de Henry. Perguntei a ele se Mr. Thornton era um homem de quem se poderia envergonhar, e ele respondeu: “Não se você tiver qualquer bom senso, minha pequena cunhada”. Então suponho que ele seja capaz de falar o mínimo corretamente, o que não é uma realização comum para gente de Darkshire, eh, Margaret?

— Mr. Lennox não disse por que Mr. Thornton veio até a cidade? Esse negócio da lei está ligado à propriedade? — perguntou Margaret, em uma voz constrangida.

— Oh! Ele faliu, ou algo do tipo, Henry lhe contou naquele dia em que você teve tanta dor de cabeça; o que era? Isso, ficou perfeito, Dixon. Miss Hale vai nos dar o crédito, não vai? Eu queria ser tão alta quanto uma rainha, e tão morena quanto uma cigana, Margaret.

— Mas e quanto a Mr. Thornton?

— Oh! Eu realmente tenho uma cabeça terrível para negócios legais. Mas Henry não gostaria nada se eu a enchesse com isso. Sei que a impressão que ele deixou sobre mim foi de que Mr. Thornton está muito mal, e é um homem muito respeitável, e que devo ser muito civil para com ele; e como eu não sei como, vim lhe pedir para me ajudar. E agora desça comigo, e descanse no sofá por um quarto de hora.

O privilegiado cunhado chegou cedo e Margaret, ruborizando enquanto falava, começou a lhe fazer as perguntas que ela queria ouvir respondidas sobre Mr. Thornton.

— Ele subiu à cidade para sublocar a propriedade, as Fábricas Marlborough, a casa e as instalações adjacentes, quero dizer. Ele está incapaz de mantê-las; e há escrituras e arrendamentos para serem examinados, e acordos para serem redigidos. Espero que Edith o receba apropriadamente; mas ela ficou bastante confusa, como pude ver, pela liberdade que eu havia tomado em implorar uma visita para ele. Mas eu pensei que a senhorita gostaria de ter alguma atenção mostrada a ele: e se deve ser particularmente cuidadoso em prestar todo respeito a um homem que está perdendo tudo no mundo.

Ele havia abaixado sua voz para falar com Margaret, ao lado de quem ele estava sentado; mas ao terminar ele levantou-se de um salto, e apresentou Mr. Thornton, que havia àquele momento entrado, para Edith e o capitão Lennox.

Margaret olhou com olhos ansiosos para Mr. Thornton enquanto ele estava dessa forma ocupado. Fazia consideravelmente mais que um ano desde que ela o havia visto pela última vez, e ocorreram coisas nesse tempo que o deixaram bastante mudado. Sua bela figura, contudo, ainda era mais alta do que a maioria dos homens; e dava a ele uma distinta aparência, pela facilidade de movimento que emergia disso, e era natural a ele. Mas seu rosto parecia mais velho e desgastado por preocupação, embora ostentasse um ar de nobreza, um senso de dignidade inerente, e força máscula, o que impressionava aqueles que haviam acabado de conhecê-lo e ouviram falar de sua modificada posição.

Ele estava ciente, pela primeira olhadela que ele havia dado pelo cômodo, que Margaret estava lá; ele havia visto seu olhar intencional de quem estava ocupada ouvindo Mr. Henry Lennox, e ele dirigiu-se a ela com a maneira perfeitamente regulada de um velho amigo. Ao ouvir as suas primeiras e calmas palavras, o rosto de Margaret reluziu, e assim permaneceu durante toda a noite. Margaret não parecia ter muito a lhe dizer e o desapontou pelo modo calmo com o qual fez algumas perguntas meramente formais a respeito de seus velhos conhecidos em Milton, como pareceu a Mr. Thornton. Mas outros convidados entraram, mais íntimos da casa do que ele, e Mr. Thornton ficou em segundo plano, conversando com Mr. Lennox de tempo em tempo.

— Miss Hale parece muito bem — disse Mr. Lennox —, não acha? Milton não era um lugar adequado para ela, imagino, pois assim que ela chegou a Londres, eu pensava que nunca vira alguém tão mudado. Hoje ela parece radiante e está muito mais forte. No outono passado ela ficava fatigada com uma caminhada de poucas milhas. Na sexta-feira à noite fomos e voltamos até Hampstead caminhando. Ainda assim no sábado ela parecia tão bem quanto parece agora.

“Nós? Quem? Os dois sozinhos?”, pensou Mr. Thornton.

Mr. Colthurst era um homem muito inteligente, e um membro ascendente do Parlamento. Ele tinha um olho rápido em discernir caráter, e foi atingido por um comentário que Mr. Thornton fez à hora do jantar. Ele inquiriu com Edith quem era aquele cavalheiro e, para grande surpresa dela, ela viu, pelo tom dele ao dizer “De fato!”, que Mr. Thornton de Milton não era um nome tão desconhecido para ele como ela imaginara que seria. Seu jantar estava indo bem. Henry

estava de bom humor, o que elevava a sua seca perspicácia cáustica admiravelmente. Mr. Thornton e Mr. Colthurst descobriram um ou dois assuntos mútuos de interesse, sobre os quais apenas mencionaram, reservando-os para uma conversa mais reservada após o jantar. Margaret parecia linda com as flores de romã; e se ela se recostava em sua cadeira e falava pouco, Edith não estava aborrecida, pois a conversação fluía tão suavemente sem ela.

Margaret estava observando o rosto de Mr. Thornton. Ele nunca olhava para ela; então ela podia estudá-lo sem ser observada, e notar as mudanças que até mesmo este curto período de tempo havia forjado nele. Apenas quando Mr. Lennox dizia um inesperado gracejo, seu rosto parecia se iluminar com o intenso olhar de alegria de antigamente; o fulgor retornava aos seus olhos, os lábios apenas se separavam para sugerir o brilhante sorriso de dias anteriores e, por um instante, seu olhar instintivamente buscou o dela, como se ele quisesse sua simpatia. Mas quando seus olhos se encontraram, todo o semblante dele mudou, ele tornou-se sério e ansioso novamente e, resolutamente, ele evitou até olhar para a direção dela novamente durante o jantar.

Havia apenas duas damas além de seu próprio grupo familiar, e enquanto essas estavam ocupadas conversando com sua tia e Edith, quando elas subiram para a sala de visitas, Margaret languidamente se ocupou com algum trabalho. Imediatamente os cavalheiros subiram, Mr. Colthurst e Mr. Thornton em conversa íntima. Mr. Lennox aproximou-se de Margaret, e disse em uma baixa voz:

— Realmente penso que Edith me deve agradecimento por minha contribuição à festa dela. A senhorita não tem ideia de quão

agradável e sensato é seu inquilino. Ele tem sido o próprio homem a dar a Colthurst todos os fatos para os quais ele queria orientação. Não sei conceber como ele conseguiu manejar mal seus negócios.

— Com seus poderes e oportunidades, o senhor haveria obtido sucesso — disse Margaret.

Ele não se deleitou muito com o tom no qual ela falou, embora as palavras expressassem senão um pensamento que havia passado por sua própria mente. Como ela e ele ficaram em silêncio, captaram uma intensificação na conversação ocorrendo próxima à lareira entre Mr. Colthurst e Mr. Thornton.

— Eu lhe asseguro que ouvi falar disso com grande interesse. Estou curioso quanto ao resultado. Ouvi seu nome frequentemente mencionado durante minha curta estadia na vizinhança.

Então eles perderam algumas palavras; e quando eles voltaram a conseguir ouvir, Mr. Thornton estava falando.

— Eu não reúno as condições para ser popular, se eles falaram de mim desse modo, eles estavam equivocados. Entrego-me lentamente a novos projetos; e vejo ser difícil tornar a mim mesmo conhecido, até mesmo por aqueles que desejo conhecer, e com quem eu de bom grado não teria quaisquer reservas. Ainda assim, com todos esses inconvenientes, senti que estava no caminho certo, e que, começando com um tipo de amizade com um, eu estava me tornando familiarizado com muitos. As vantagens eram mútuas, nós estávamos tanto inconsciente quanto conscientemente ensinando uns aos outros.

— O senhor diz “estávamos”. Confio que o senhor pretenda perseguir o mesmo curso?

— Devo interromper Colthurst — disse Henry Lennox, apressadamente. E por uma abrupta, ainda que pertinente, pergunta, ele mudou a corrente da conversação, de forma a não dar a Mr. Thornton a mortificação de reconhecer sua falta de sucesso e consequente mudança de posição. Mas tão logo o recém-começado assunto havia chegado a um fechamento, Mr. Thornton retomou a conversação justo onde havia sido interrompida, e deu a Mr. Colthurst a resposta a seu inquérito.

— Tenho sido malsucedido em meus negócios, e tenho tido que desistir de minha posição como patrão. Estou à procura de uma situação em Milton, onde eu possa encontrar ocupação com alguém que esteja disposto a me deixar seguir meu próprio caminho, em tais assuntos como esses. Posso depender de mim mesmo por não ter teorias aventureiras que eu precipitadamente colocaria em prática. Meu único desejo é ter a oportunidade de cultivar alguma relação com a mão de obra, além do mero “vínculo do dinheiro”. Mas isso pode ser o ponto que Arquimedes procurou a partir do qual mover a Terra, a julgar pela importância ligada a isso por alguns de nossos manufatores, que balançam suas cabeças e ficam sérios tão logo cito um ou dois dos experimentos que eu deveria gostar de tentar.

— O senhor os chama de “experimentos”, eu percebi — disse Mr. Colthurst, com uma delicada elevação de respeito em seus modos.

— Porque eu acredito que é isso que são. Não estou certo das consequências que possam resultar deles. Mas estou certo de que eles devem ser testados. Tenho chegado à convicção de que não há meras instituições, embora sábias, e por mais reflexão que tenha

sido requerida para organizá-las e arranjá-las, podem ligar uma classe a outra como indivíduos das diferentes classes a um contato real e pessoal. Tal relacionamento é o sopro da vida. Um homem dificilmente pode sentir e saber quanto seu empregador trabalhou em seu gabinete em planos para o benefício de seus operários. Um plano completo emerge como uma peça de máquina, aparentemente apta para toda emergência. Mas a mão de obra aceita isso enquanto opera o maquinário, sem entender o intenso labor mental e premeditação requeridos para levá-la a tal perfeição. Mas eu tomaria uma ideia, para o funcionamento da qual necessitar-se-ia de intercurso pessoal; poderia não ir bem no início, mas em cada entrave o interesse seria sentido por um crescente número de homens e, finalmente, o seu sucesso passaria a ser desejado por todos, já que todos teriam uma parte na formação do plano. E, mesmo assim, estou certo de que perderia sua vitalidade, deixaria de existir, tão logo não fosse mais continuada por aquele tipo de interesse comum que invariavelmente faz as pessoas encontrarem meios e modos de verem umas às outras, e se familiarizarem com o caráter e a pessoa uns dos outros, e até mesmo com os truques de temperamento e modos de expressão. Devíamos entender melhor uns aos outros, e arrisco-me a dizer que devíamos gostar mais uns dos outros.

— E o senhor pensa que isso poderia impedir a recorrência de greves?

— De modo algum. Minha expectativa maior não vai além disso; mas é possível que as greves não se tornem mais as fontes amargas e venenosas de ódio que têm sido até então. Um homem mais esperançoso poderia imaginar que uma relação mais próxima

e mais cordial entre as classes poderia acabar com as greves. Mas eu não sou um homem esperançoso.

Repentinamente, como se lhe ocorresse uma nova ideia, ele se desculpou com seus interlocutores, e atravessou o aposento até onde Margaret estava sentada, e começou, sem introdução, como se soubesse que ela tinha ouvido tudo o que se passara: — Miss Hale, recebi uma petição escrita de um de meus homens, suspeito que na caligrafia de Higgins, declarando o desejo deles de trabalharem para mim, se algum dia eu estivesse em posição de empregar homens novamente em meu próprio nome. Isso foi bom, não foi?

— Sim. Perfeito. Estou feliz com isso — disse Margaret, olhando para cima diretamente para seu rosto com seus olhos expressivos, e então os mergulhando no olhar eloquente de Mr. Thornton. Ele a contemplou de volta por um minuto, como se não soubesse exatamente o que ele estava procurando. Então suspirou; e dizendo: — Eu sabia que a senhorita iria gostar — ele se virou, e não falou com ela novamente, até que ele lhe desejou um formal “boa-noite”.

Enquanto Mr. Lennox tomava sua deixa, Margaret disse, com um rubor que ela não conseguia reprimir, e com alguma hesitação:

— Posso falar com o senhor amanhã? Preciso de sua ajuda a respeito de... um assunto.

— Certamente. Virei quando a senhorita quiser. A senhorita não pode me dar um prazer maior que fazendo qualquer uso de mim. Às onze? Muito bem.

Os olhos dele brilhavam com exultação. Como ela estava aprendendo a depender dele! Parecia que a qualquer momento

agora poderia dar a ele a certeza, sem ter o que ele havia se decidido nunca mais oferecer a ela novamente.

Capítulo LII

‘Enpacotem as nuvens’[154]

“Por esperança ou medo, por alegria ou pesar,
Por tudo doravante, como por este lugar,
Em paz ou conflito, em tempestade ou brilho”.
— ANÔNIMO.[155]

Edith ficou andando na ponta dos pés na manhã seguinte, controlando Sholto para que ele não falasse tão alto, como se qualquer barulho repentino fosse interromper a conferência que estava ocorrendo na sala de visitas. Deu duas da tarde; e eles ainda estavam sentados lá a portas fechadas. Então houve um som de passos de homem descendo as escadas apressadamente; e Edith espiou a sala de visitas.

— Bem, Henry? — disse ela, com um olhar de interrogação.

— Bem — disse ele, muito curtamente.

— Entre para almoçar!

— Não, obrigado, não posso. Já perdi muito tempo aqui.

— Então não está tudo arranjado? — disse Edith, esmorecidamente.

— Não! De modo algum. Nunca será arranjado, se o “tudo” seja o que conjecturo que você queira dizer. Isso nunca será, Edith, então desista de pensar nisso.

— Mas seria tão bom para todos nós — suplicou Edith. — Eu deveria sempre me sentir confortável com as crianças, se eu tivesse

Margaret estabelecida perto de mim. Do jeito que está, estou sempre com medo de que ela se vá para Cádiz.

— Tentarei, quando me casar, procurar uma jovem que tenha algum conhecimento no manejo de crianças. É tudo o que posso fazer. Miss Hale não me aceitaria. E não hei de pedi-la.

— Então, sobre o que vocês têm conversado?

— Mil coisas que a senhorita não entenderia: investimentos, e arrendamentos, e valor de terra.

— Oh, vá embora se isso é tudo. Você e ela são insuportavelmente estúpidos, se têm conversado por todo este tempo sobre tais enfadonhas coisas.

— Muito bem. Virei novamente amanhã, e trarei Mr. Thornton comigo para conversar mais com Miss Hale.

— Mr. Thornton?! O que ele tem a ver com isso?

— Ele é inquilino de Miss Hale — disse Mr. Lennox, se virando. — E ele deseja desistir do arrendamento dele.

— Oh! Muito bem. Não consigo entender detalhes, então não os dê a mim.

— O único detalhe que quero que você entenda é, deixe-nos ter a sala de visitas de trás sem perturbações, como estava hoje. Em geral, as crianças e serviçais entram e saem tanto, que nunca consigo ter nenhum negócio satisfatoriamente explicado; e os arranjos que temos que fazer amanhã são de grande importância.

Ninguém nunca soube a razão pela qual Mr. Lennox não manteve seu compromisso no dia seguinte. Mr. Thornton chegou na hora exata; e, após mantê-lo esperando por quase uma hora, Margaret entrou parecendo muito pálida e ansiosa.

Ela começou apressadamente: — Lamento tanto que Mr. Lennox não esteja aqui. Ele poderia tratar disso muito melhor do que eu posso. Ele é meu conselheiro nesse assunto...

— Lamento que eu tenha vindo, se isso a perturba. Devo ir ao gabinete de Mr. Lennox e tentar encontrá-lo?

— Não, obrigada. Eu queria lhe dizer quão triste fiquei ao descobrir que estou para perder o senhor como inquilino. Mas, Mr. Lennox diz que as coisas estão certas de melhorarem...

— Mr. Lennox sabe pouco sobre isso — disse Mr. Thornton, calmamente. — Como ele é feliz e afortunado em tudo que interessa a um homem, ele não entende o que é descobrir-se não mais jovem e ainda assim ser atirado de volta ao ponto de partida, que requer a esperançosa energia da juventude; sentir que a metade da própria vida passou, e nada está feito, que não resta nada remanescente da oportunidade desperdiçada, senão a amarga lembrança do que tem sido. Miss Hale, eu preferiria não ouvir a opinião de Mr. Lennox sobre meus assuntos. Aqueles que são felizes e bem-sucedidos são muito inclinados a menosprezar os infortúnios dos outros.

— O senhor é injusto — disse Margaret, gentilmente. — Mr. Lennox apenas falou da grande probabilidade que ele acredita que há de sua redenção, de recuperar até mais do que perdeu. Não fale até que eu tenha terminado, rogo que não fale! — e recompondo-se uma vez mais, ela prosseguiu rapidamente, consultando alguns documentos legais e declarações de contas, em apressada e trêmula maneira.

— Oh! Aqui está! Ele me redigiu uma proposta... eu queria que ele estivesse aqui para explicá-la... mostrando que se o senhor aceitasse algum dinheiro meu, dezoito mil e cinquenta e sete libras,

que, neste exato momento estão sem uso no banco, e trazendo para mim apenas dois e meio por cento... Bem, o senhor poderia me pagar juros melhores, e pode continuar mantendo as Fábricas Marlborough.

Sua voz havia clareado e se tornado mais estável. Mr. Thornton não falou, e ela continuou procurando por algum papel no qual estivesse escrito a proposta para sua segurança; posto que ela estava muito ansiosa para ter tudo contemplado sob a luz de um mero arranjo de negócios, no qual a principal vantagem estivesse do lado dela. Enquanto Margaret buscava por esse papel, sua própria pulsação foi apreendida pelo tom no qual Mr. Thornton falou. Sua voz estava rouca e trêmula de paixão quando ele disse:

— Margaret!

Por um instante ela olhou para cima. Então buscou velar seus luminosos olhos baixando sua testa sobre suas mãos. Novamente, chegando mais perto, ele a suplicou com outro trêmulo e ávido chamado por seu nome.

— Margaret!

Mais sua cabeça baixou, o rosto rubro se escondeu, quase descansando na mesa diante dela. Ele chegou mais perto dela, ajoelhou-se ao seu lado, para trazer seu rosto ao mesmo nível do ouvido dela, e suspirou-arfou as palavras:

— Tome cuidado. Se a senhorita não falar hei de tomá-la como minha em algum modo presunçoso. Mande-me embora imediatamente, se devo ir. Margaret...

Àquele terceiro chamado ela virou seu rosto, ainda coberto com suas pequenas mãos brancas, em direção a ele, e o deitou sobre o ombro dele, escondendo-se até mesmo lá. Ele estava achando

demasiado delicioso sentir a suave face dela contra a sua, para não desejar ver os profundos rubores ou seus olhos amorosos. Ele a agarrou e a apertou contra si. Mas eles dois se mantiveram em silêncio por longo tempo. Finalmente, ela murmurou em uma voz entrecortada:

— Oh, Mr. Thornton, não sou boa o suficiente!

— Não é boa o suficiente?! Não zombe de meus próprios sentimentos profundos de indignidade.

Após um minuto ou dois, ele gentilmente tirou as mãos dela do rosto, e colocou os braços dela ao redor de seu pescoço, como ela havia feito uma vez para protegê-lo dos arruaceiros.

— Você se lembra, meu amor? — ele murmurou. — E como eu lhe retribuí com minha insolência no dia seguinte?

— Eu me lembro de quão erradamente eu falei com você... isso é tudo — disse Margaret.

— Olhe aqui! Levante sua cabeça. Tenho algo para lhe mostrar!

Ela lentamente o encarou, brilhando com uma linda vergonha.

— Você conhece estas rosas? — ele perguntou, puxando seu livro de bolso, no qual estavam guardadas preciosamente algumas flores mortas.

— Não! — ela respondeu, com inocente curiosidade. — Eu as dei a você?

— Não! Vaidade; você não me deu. Você pode ter usado rosas irmãs destas

muito provavelmente.

Ela olhou para elas, refletindo por um minuto, então sorriu um pouco enquanto disse: — Elas são de Helstone, não são? Conheço

os detalhes profundos ao redor das folhas. Oh! Você esteve lá? Quando você esteve lá?

— Eu queria ver o lugar onde você cresceu para se tornar o que ela é, até mesmo na pior época de todas, quando eu não tinha esperanças de algum dia chamá-la de minha. Estive lá em meu retorno de Havre.

— Você deve dá-las para mim — ela disse, tentando tirá-las da mão dele com gentil violência.

— Muito bem. Só que você deve pagar-me por elas!

— Como hei de contar à tia Shaw? — ela sussurrou, após algum tempo de delicioso silêncio.

— Deixe-me falar com ela.

— Oh, não! Eu devo muito a ela, mas o que ela irá dizer?

— Posso adivinhar. Sua primeira exclamação será: “Aquele homem?!”

— Quieto! — disse Margaret —, ou hei de tentar lhe mostrar o tom indignado de sua mãe quando ela disser: “Aquela mulher?!”

FIM!

FICHA CATALOGRÁFICA

Copyright © 2020 *by* Pedrazul Editora Ltda.
Todos os direitos reservados à Pedrazul Editora.
Texto adaptado à nova ortografia da Língua Portuguesa,
Decreto n° 6.583, de 29 de setembro de 2008.

Direção geral: Chirlei Wandekoken
Direção de arte: Eduardo Barbarioli
Tradução: Gabriela Alcoforado
Revisão: Vivian Osmari Uhlmann
Capa: Raquel Castro

G248m Gaskell, Elizabeth Cleghorn, 1810-1865.
Margaret Hale, ou, Norte e Sul / Elizabeth Gaskell.
Domingos Martins, ES : Pedrazul Editora, 2020.

1. Literatura inglesa.
2. Ficção.
3. Romantismo
I. Título.
II. Alcoforado, Gabriela.
CDD – 823

Reservados todos os direitos desta tradução

e produção. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia,
microfilme, processo fotomecânico ou eletrônico sem permissão expressa da
Pedrazul Editora, conforme Lei n° 9610 de 19/02/1998.

PEDRAZUL EDITORA
www.pedrazuleditora.com.br
contato@pedrazuleditora.com.br

---

[1]. 'Norte e Sul' apareceu anteriormente em 20 episódios semanais (Gaskell queria escrever 22 episódios, mas "por compressão desesperada", foi obrigada a limitar a história) entre setembro de 1854 e janeiro de 1855 em *Household Words*, editado por Charles Dickens, que alterou o título do romance.

[2]. Os versos *'Beseking hym lowly, of mercy and pite, Of its rude makyng to have compassion',* não referenciados pela autora na edição original, fazem parte do poema *'The chorle and the bird'*, de John Lydgate de Bury (1370–1451), monge e poeta, nascido em Lidgate (Suffolk, Inglaterra).

[3]. Um desjejum de casamento é um jantar dado aos noivos e convidados na recepção de casamento no Reino Unido, na Alemanha, na Áustria, na Escandinávia e em alguns países onde se fala Inglês. Leva esse nome porque, na pré-Reforma Protestante, os noivos assistiam à missa e comungavam, e, na igreja Católica Romana, não se comunga sem jejum desde a meia-noite anterior. Após a comunhão, também oferecida aos presentes, e o fim da missa, o padre abençoava vinho, bolos e carnes doces que eram distribuídos. Convencionou-se ser um desjejum porque, de fato, era, mesmo se não ocorresse de manhã.

[4]. New Forest é uma área ao Sul da Inglaterra que inclui uma das maiores extensões remanescentes de pasto aberto, charneca e floresta, cobrindo Hampshire, Wiltshire, e parte de Dorset.

[5]. A autora refere-se a Alfred Tennyson (1809–1892), poeta laureado da Grã-Bretanha e Irlanda durante muito do reinado da Rainha Victória e um dos mais populares poetas britânicos.

[6]1. Versos retirados do poema *The Spells of Home* (Os Feitiços de Casa), escrito pela poetisa inglesa Felicia Dorothea Browne Hemans (1793–1835).

[7]. Margaret refere-se à Teologia, à Medicina e ao Direito, as três profissões que comumente são tidas como requerentes de aprendizado altamente avançado.

[8]. *The Seasons* (As Estações) é uma série de quatro poemas escritos pelo poeta e dramaturgo escocês James Thomson (1700–1748).

[9]. William Hayley (1745–1820) era um escritor inglês, mais conhecido como amigo e biógrafo de William Cowper (1731– 1800), poeta e escritor de hinos inglês que, dentre inúmeros méritos, mudou a direção da poesia de natureza do século XVIII, escrevendo sobre a vida diária e as cenas do interior inglês. Foi um dos precursores da poesia romântica e sobrinho da poetisa Judith Madan (1702–1781).

[10]. Conyers Middleton (1683–1750), clérigo inglês atolado em controvérsias e com reputação de incrédulo, foi considerado um dos melhores estilistas em Inglês de seu tempo. Seu grande trabalho, *Life of Cicero* (Vida de Cícero, 1741), foi atacado por Samuel Parr (1747–1825) em 1787 por plágio, alegando base na obra *De tribus luminibus Romanorum*, de William Bellendend (1550–1633).

[11]. A partir dos eventos a serem descritos, não é possível saber se o Rio ao qual é feita essa referência encontra-se na América do Sul ou na Espanha, mas Frederick era um oficial foragido.

[12]. Do original *The more haste the worse speed*, provérbio do qual se tem registros pela primeira vez em 1350. Em Português, temos um ditado equivalente: “A pressa é inimiga da perfeição”.

[13]. Versos retirados do poema *The Lady’s Yes* (O Sim da Dama), escrito por Elizabeth Barrett Browning (1806–1861).

[14]. Tradução livre do Francês: falando do sol, surgem os seus raios.

[15]. As *Highlands* (Terras Altas Escocesas ou apenas Terras Altas), região histórica muito pouco populosa e com muitas cadeias de montanhas. Já, Hampshire, era um condado na região costeira do Sul da Inglaterra. A distância entre os dois pontos é de 892km.

[16]. A distância entre Plymouth e Hampshire (ambas ao Sul) é de 269km, enquanto a distância entre Plymouth e as Highlands, bem ao Norte do Reino Unido, é de 995km.

[17]. *Paraíso* é a terceira e última parte de *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri, seguindo *Inferno* e *Purgatório*.

[18]. Tradicionalmente, as refeições na Inglaterra de 1800 eram denominadas de desjejum entre às 7 e 9 horas da manhã. Muito provavelmente, Mrs. Hale referia-se ao desjejum quando falava de almoço). Jantar (refeição principal, era servido entre meio-dia e 13h30) e chá (qualquer hora entre 17h30 e 18h30). O horário do jantar era cedo, primeiramente, porque apenas aqueles capazes de custear velas poderiam dar-se o luxo de fazer as últimas refeições mais tarde. As classes mais pobres comiam quando ainda havia luz do dia, e dormiam não muito após o anoitecer.

[19]. *Temple* é uma avenida em Londres, onde se presume que Mr. Lennox trabalhe.

[20]. Tradução livre do Francês: pensamento ulterior; representa um pensamento ou intenção ocultos.

[21]. Tradução livre do Latim: de improviso.

[22]. *Beurré* marrom é um cultivo de pera que produz a bastante conhecida pera d’Anjou marrom.

[23]. Copos de dedo (conhecidos como *finger-glasses* e *finger-bowls*) eram recipientes cheios com água para lavar as mãos.

[24]. Do original *Mine be a cot beside a hill*, do poema *Um Desejo*, escrito pelo poeta inglês Samuel Rogers (1763–1855).

[25]. Estrofe retirada do poema *Vias tuas, Domine, demonstra mihi* (Teus caminhos, ó Senhor, mostra-os a mim), do poeta inglês William Habington (1605–1654).

[26]. A citação usada pela autora é real e o referido autor escreveu sobre clérigos como ele que foram obrigados a resignar seus postos e silenciarem sobre as divergências com as normas impostas pela Igreja nos Atos de Uniformidade. O texto original, publicado da mesma forma que o supracitado, foi provavelmente obtido em um dos dois livros: *The Apology of Theophilus Lindsey on Resigning the Vicarage of Catterick*, Yorkshire (O Pedido de Desculpas de Theophilus Lindsey por Resignar o Vicariato de Catterick, Yorkshire, em 1818); ou *Memoirs of the late Reverend Theophilus Lindsey* (Memórias do falecido Reverendo Theophilus Lindsey, em 1820).

[27]. Fazendo referência à mitologia medieval, uma árvore gigante supostamente cresceu no local das cidades destruídas de Sodoma e Gomorra, cujas maçãs tornar-se-iam cinzas e fumaça quando colhidas. Também pode referir-se a uma planta de flor do norte da África, *Calotropis procera*, que dá frutos venenosos. Ou, finalmente, a uma erva-moura nativa do sul da África, *Solanum linnaeanum* (ou *Solanum sodomeum*), que dá bagas venenosas.

[28]. Cidade fictícia criada por Gaskell para designar a cidade de Manchester, onde ela morou enquanto esposa de um ministro unitarista (Unitarismo é uma corrente teológica de pensamento que afirma a unidade absoluta de Deus, em vez da tríade — Pai, Filho e Espírito Santo — coexistindo em um só ser).

[29]. No contexto acadêmico, um *Fellow* (literalmente, semelhante ou camarada) é um membro de um grupo de pessoas esclarecidas que trabalham juntas na busca de mútuo conhecimento ou prática. Os Fellows podem incluir professores visitantes, pesquisadores doutorandos e pós-doutorados.

[30]. A estrofe foi retirada do hino *Father, I know that all my life* (Pai, sei disso toda minha vida), referida pela autora como de autoria anônima. Entretanto, é sabido que o hino foi escrito pela galesa Anna Laetitia Waring (1823–1910), poeta e escritora de hinos.

[31]. A frase original, *Church and King, and down with the Rump*, foi muito provavelmente retirada do livro *Historical sketches and personal recollections of Manchester: intended to illustrate the progress of public opinion from 1792 to 1832* (Rascunhos históricos e lembranças pessoais de Manchester: pretendido a ilustrar o progresso da opinião pública de 1792 a 1832), de Archibald Prentice, publicado em 1851, em que fala, entre outras coisas, do efeito da Revolução Francesa sobre Manchester, cidade na qual a autora morou depois de se casar e sobre a qual ela escreve quando fala de Milton do Norte. A frase de Sir John, repetida por Mrs. Hale, era muito comumente ouvida nas ruas, em passeatas e depredações contra os dissidentes religiosos, rechaçados pela Igreja e, consequentemente, pelo Rei. Lembrando que os dissidentes ingleses eram cristãos que se separaram da Igreja por diversas razões, mas inicialmente devido ao Ato de Uniformidade de 1662 (que requeria ordenação Anglicana para todo o clero), mas também principalmente porque se opunham à interferência do Estado sobre assuntos religiosos.

[32]. Estrofes retiradas do poema '*In Memoriam A.H.H.*'(1850) de lorde Tennyson (vide nota 7 na página 14), obra-prima homenageando o poeta inglês Arthur Henry Hallam (1811–1833). Muito provavelmente a autora fez uso desse poema para fazer alusão às belezas de Helstone, que a protagonista descreveu como um vilarejo retirado de um poema de Tennyson.

[33]. Essa frase faz referência à princesa Volsca (do Latim *volsci*) Camilla, dedicada quando jovem ao serviço de Diana. Caçadora e guerreira, Camilla era uma corredora tão rápida que conseguia correr por sobre um milharal sem quebrar uma palha, e sobre a superfície do mar sem seus pés se molharem. Os Volscos foram um povo que vivia na região central da Península Itálica (região do Lácio meridional), que lutou contra a República Romana e foi submetida por esta no século IV a.C. (338 a.C.).

[34]. Referência ao livro de Jó, 2:13, da Bíblia Sagrada.

[35]. Começo do poema *Consolation* (Consolação), escrito pelo poeta e crítico cultural Matthew Arnold (1822–1888).

[36]. A palavra originalmente usada pela autora foi ‘purposelike’.

[37]. Versos retirados do poema *Hame, Hame, Hame* (Lar, Lar, Lar), do autor e poeta escocês Allan Cunningham (1784–1842).

[38]. Aristides (530 a.C.–468 a.C), foi um estadista ateniense, citado por Heródoto como “o melhor e mais honrável homem em Atenas”, que apoiava o reformador democrático Clístenes e era oponente político do líder da Guerra Pérsica Temístocles. Foi notado por seu senso de justiça e cognominado Aristides, o Justo. Há uma história que conta que, em certa ocasião, quando os atenienses estavam votando em quem ostracizar (exilar por dez anos), um fazendeiro analfabeto pedira ao próprio Aristides, sem saber quem ele era, para escrever seu nome em um pequeno pedaço de barro (óstraco) como voto para o ostracismo. Aristides obedeceu ao pedido e perguntou o que aquele Aristides havia feito a ele, para que merecesse o voto, e o homem respondeu: “Absolutamente nada, mas estou cansado de ouvi-lo ser chamado de ‘o Justo’ o tempo todo”.

[39]. Versos retirados da poesia *The Groans of the Tankard* (Os Grunhidos da Caneca de Cerveja, 1773), de Anna Lætitia Barbauld (1743–1825), proeminente poeta inglesa, ensaísta, crítica literária, editora e autora infantil.

[40]. Na mitologia grega, a lenda de Damão e Pítias simboliza a confiança e a lealdade de uma verdadeira amizade: Pítias foi acusado de tramar contra Dionísio I e condenado à morte, mas para que ele pudesse retornar à sua família e despedir-se, Damão tomou seu lugar até que ele voltasse; no último momento antes da execução, Pítias chegou explicando que piratas haviam atacado seu navio e ele voltou correndo para impedir que o amigo fosse executado em seu lugar. Dionísio ficou tão impressionado que perdoou Pítias, libertou os dois e os manteve como conselheiros em sua corte.

[41]. Frase retirada do poema *Affliction V* (Aflição V), de George Herbert (1593–1633), poeta inglês (nascido galês), orador e pastor anglicano.

[42]. Esses versos foram retirados de *Chevy Chase*, uma balada tradicional inglesa, que conta a história de um grande grupo que havia ido caçar (ou *chase*: perseguir) em Cheviot Hills (daí Chevy). A caçada fora liderada por Percy, o conde inglês de Northumberland. O conde escocês de Douglas havia proibido essa caça e a interpretado como uma invasão da Escócia. Em resposta, ele atacou, causando uma sangrenta batalha após a qual apenas 110 pessoas sobreviveram.

[43]. Sir Richard Arkwright (1732–1792) foi um homem que ficou rico por meio do próprio trabalho, e era um empreendedor líder durante o começo da Revolução Industrial, e lhe é creditada a invenção do filatório. A conquista dele foi combinar energia, maquinário, trabalho semiqualificado e o novo material cru (algodão) para criar uma produção em massa de algodão em fios. Suas habilidades organizacionais o tornaram, mais do que qualquer outro, o criador do sistema de fábrica moderno, especialmente em sua usina em Cromford. Mais tarde em sua vida, foi conhecido como “o pai da Revolução Industrial”.

[44]. Não há informação disponível quanto à autoria desses versos; partindo disso, é possível supor que eles possam ter sido escritos pela própria autora.

[45]. Referência feita à Bíblia: livro de Isaías, 49:10.

[46]. Frase retirada do livro *Friends in Council, a Series of Readings and Discourse thereon* (Amigos em Concílio, uma Série de Leituras e Discurso sobre isso, escrito por Sir Arthur Helps (1813–1875), e que tratava de problemas morais e sociais.

[47]. Trecho do poema *The Kingdom of God* (O Reino de Deus), escrito pelo poeta e arcebispo anglicano de Dublin (Irlanda) Richard Chenevix Trench (1807–1886).

[48]. Trecho retirado do poema *The Sailor's Mother* (A Mãe do Marinheiro), escrito por Robert Southey (1774–1843).

[49]. Cádiz é uma cidade e porto ao sudoeste da Espanha.

[50]. Corte judicial para julgar membros das Forças Armadas acusados de ofensas contra a lei militar.

[51]. Um gato-de-nove-caudas era um chicote pequeno de couro, que possuía um cabo grosso que desembocava em nove tiras finas.

[52]. Citação de *The Last Fruit Off an Old Tree*, 1853 (A Última Fruta Caída de uma Velha Árvore), de Walter Savage Landor (1775–1864), escritor e poeta inglês.

[53]. Expressão retirada do livro *The Devil's Thoughts* (Os Pensamentos do Diabo, 1829), escrito em conjunto por Coleridge e Southey. Samuel Taylor Coleridge (1772–1834) foi um poeta, crítico literário e filósofo inglês, que fundou, junto com William Wordsworth (1770–1850), o Movimento Romântico na Inglaterra e era também um dos Poetas do Lago.

[54]. Margaret está começando a contar a extremamente polêmica e controversa história de Kaspar Hauser, que foi encontrado vagando em Nuremberg, em 26 de maio de 1828.

[55]. O próprio Hauser, após haver sido suficientemente educado, alegava haver sido criado totalmente sozinho em uma cela escura de 2m de comprimento, 1m de largura e 1,5m de altura, com apenas uma cama de palha e dois cavalos e um cachorro de madeira como brinquedos, sendo alimentado apenas por pão de centeio e água. Posteriormente, muitas inconsistências foram encontradas nos relatos de Hauser, o que tornou o caso ainda mais controverso e difundido.

[56]. A história de Hauser foi aqui romanticamente contada, mas a vivência dele, após ser encontrado, envolveu brigas com outras pessoas e supostas agressões contra ele (nunca houve testemunhas), além da suspeita de que ele fosse ligado à ducal Casa de Baden, o que nunca foi provado. Supostamente, ele foi morto por um ferimento à faca no peito esquerdo (não foi concluído se foi suicídio ou homicídio) e as autópsias concluíram que o cérebro dele apresentava anatomia normal.

[57]. Estas últimas frases de Margaret fazem referência à Bíblia, e especificamente à Primeira Carta de Paulo aos Coríntios, 13:4 e 5.

[58]. Essa foi uma expressão usada para defender os pensamentos de Cromwell, que, durante o século XIX, teve reputação consideravelmente removida de seu status ambíguo no Renascimento, e ele passou a ser visto como um homem que se fez antiaristocrático e reformador de convicção moral passional, tendo tudo para ser o herói dos reformadores, liberais e novos homens da Inglaterra do século XIX, e era assim que Mr. Thornton o via.

[59]. Poema tradicional da sabedoria árabe.

[60]. *The Elder Brother* (Irmão Mais Velho), peça teatral escrita em 1625, por John Fletcher e Philip Massinger.

[61]. Trecho do hino Father, *I know that all my life* (Pai, sei disso toda minha vida).

[62]. Trecho do livro do Apocalipse, 8:11, da Bíblia Sagrada.

[63]. Wallenstein, referido como autor do trecho, é, na verdade, parte do título do poema: *The Death of Wallenstein* (A Morte de Wallenstein), e foi escrito por Samuel Taylor Coleridge.

[64]. Metodistas, na maioria.

[65]. Grupo cristão, criado por George Fox, um pregador inglês, em meados do século XVII, que acreditava que Deus estava dentro das pessoas, e não nos cultos da igreja. Mais tarde se denominaram Sociedade dos Amigos. Os Quakers (Quacres, em Português) indispuseram-se com muitos líderes cristãos, porque se recusavam a reverenciar as autoridades religiosas ou a pagar pela manutenção das igrejas inglesas.

[66]. Trecho do poema *They are all Gone into the World of Light* (Eles todos se Foram para o Mundo de Luz), escrito por Henry Vaughan (1621–1695), autor, físico e poeta metafísico galês.

[67]. Alusão à parábola da Bíblia, no livro de Lucas: 16,19-31: O homem rico e Lázaro.

[68]. Refere-se à guerra final entre Deus e os governos humanos descrita na Bíblia, em Apocalipse 16:16.

[69]. O corvo simboliza a morte, a solidão, o azar e o mau presságio. Foi nesse sentido que a palavra foi usada pela autora.

[70]. Citação do livro *The Bloody Brother; or, Rollo, a Tragedy* (O Irmão Sangrento; ou, Rollo, uma Tragédia, 1718, escrito por Francis Beaumont (1584–1616), dramaturgo no teatro do Renascimento inglês, e John Fletcher (1579–1625), dramaturgo jacobino.

[71]. Pequena ilha da Grécia, no mar Egeu, conhecida por ser o local onde o apóstolo João foi exilado, no ano de 95 e 96 d.C, conforme consta na introdução do livro de Apocalipse, na Bíblia Sagrada dos cristãos. Patmos foi usada como um lugar de banimento durante os tempos romanos.

[72]. Trecho do poema *The Exile* (O Exílio), do poeta inglês Ebenezer Elliott (1781–1849).

[73]. *Leezie Lindsay* é uma canção tradicional escocesa.

[74]1. Trecho do poema *The Death Feast* (O Banquete da Morte), publicado no livro *The Splendid Village: Corn Law Rhymes; And Other Poems* (O Esplêndido Vilarejo: Rimas da Lei do Milho; E Outros Poemas, 1833). As Leis do Milho eram leis de comércio criadas para proteger produtores de cereal no Reino Unido da Grã-Bretanha e na Irlanda da concorrência de importações estrangeiras menos caras entre 1815 e 1846.

[75]. Tradução livre do Francês: água-de-colônia.

[76]1. Trecho do Canto XII do livro *O Quarto Livro da Fada Rainha*, de Edmund Spenser (1552–1599), poeta inglês mais conhecido por *The Faerie Queene,* um poema épico celebrando a dinastia Tudor e a rainha Elizabeth I.

[77]. A frase original, *stiller than chiselled marble*, é parte do poema *A Dream of Fair Women* (Um sonho de Belas Mulheres), publicado no livro *Poems* (Poemas, 1833), de Lord Tennyson.

[78]1. Trecho de um soneto de William Fowler (1560–1612), poeta, escritor, cortesão e tradutor escocês, que escrevia versos amadores na corte de James VI.

[79]1. Trecho do poema *The Island* (A Ilha), de Lord Byron (1788–1824), poeta inglês e principal figura do movimento romântico.

[80]. Referência ao poema *La Gerusalemme Liberata* (Jerusalém Liberta, 1581), trabalho mais conhecido de Torquato Tasso (1544–1595), poeta italiano do século XVI. A obra foi traduzida pelo tradutor inglês Edward Fairfax (1580–1635) e publicada pela primeira vez em inglês em 1600, e retrata uma altamente imaginativa versão dos combates entre cristãos e muçulmanos ao final da Primeira Cruzada, durante o cerco de Jerusalém. A obra contém a frase *Her sweet idea wandered through his thought* (A doce ideia dela vagava pelo pensamento dele).

[81]. Provérbio francês que diz “Faça o que você deve, aconteça o que acontecer”.

[82]1. Retirado do poema *The Bride's Farewell* (O Adeus da Noiva), de Felicia Dorothea Browne Hemans.

[83]. Referência à obra *Exposition of the Old and New Testaments* ('Exposição do Antigo e Novo Testamentos, 1708–1710, ou *Complete Commentary* (Comentário Completo) em seis volumes, escrita por Matthew Henry (1662–1714), ministro galês não-conformista.

[84]. Referência à canção folk tradicional *Miller of Dee* (Moleiro de Dee), de Isaac Bickerstaffe (1733–1812), dramaturgo e libertista irlandês.

[85]1. Trecho de *Via Crucis, Via Lucis* ('O Caminho da Cruz é o Caminho da Luz), canção extraída de um volume de poemas traduzido dos Poetas Líricos Alemães, por Charles T. Brooks, escrita por Rosegarten (ao contrário de Kosegarten, como referenciado pela autora). É possível concluir que ela tenha retirado a citação e a respectiva autoria do Volume III do livro *Mother's Assistant and Young Lady's Friend* (Assistente da Mãe e Amigo da Jovem Dama, 1843), um livro direcionado para a educação de mulheres, feita à época de forma doméstica.

[86]. Trecho da balada *Lay of the Brown Rosary* (Balada do Rosário Marrom), de Elizabeth Barrett Browning, publicada no Volume 65 da *Blackwood's Edinburgh Magazine* (1844).

[87]. Referência ao conto de fadas irlandês *Daniel O'Rourke.*

[88]. Referência a dois livros da Bíblia Sagrada: Jeremias (31: 29,30) e Ezequiel (18: 2-31).

[89]1. Trecho do poema *The Stripling's War Song* (A Canção de Guerra do Moçoilo), escrito por Samuel Taylor Coleridge.

[90]. Frase publicada na Fraser's Magazine, Volume 13 (1836), parte do poema *Times Go by Turns*, escrito por Robert Southwell (1561–1595), poeta inglês, padre jesuíta e um mártir pela fé católica.

[91]. Trecho do poema *Death and the Warrior* (A Morte e o Guerreiro), escrito por Felicia Dorothea Browne Hemans.

[92]. Fósforos lúcifer (*lucifer matches*) era como eram chamados os fósforos de fricção à época. É possível inferir que esse nome tenha sido escolhido por causa do enxofre que servia para comunicar a chama à madeira.

[93]. Tradução livre do Latim: Um poeta é nascido, não feito.

[94]. Frase retirada do livro de João, 14:1, da Bíblia Sagrada.

[95]. Frase do poema escocês *Auld Lang Syne* (Antigo há muito desde então), escrito em 1788 pelo poeta e letrista escocês Robert Burns (1759–1796) e ritmado ao som de uma tradicional música folk.

[96]. Trecho do poema *The Alms-House and the Trustees* (O Asilo dos pobres e os administradores), publicado no livro *Poetical Works of Crabbe, Heber and Pollok, Complete in One Volume* (Trabalhos poéticos de Crabbe, Heber e Pollok, Completo em um volume, 1839) e escrito por George Crabbe (1754–1832), poeta, cirurgião e clérigo inglês.

[97]. Tradução livre do Francês: ao pé da letra.

[98]. Trecho da peça *Werner, or the Inheritance, a Tragedy* (Werner, ou a Herança, uma Tragédia, 1822), publicada no livro *The Works of Lord Byron: Including the Suppressed Poems* (Os Trabalhos de Lord Byron: Incluindo os Poemas Suprimidos,1828), de Lord Byron.

[99]. Trecho do poema *Exequy on the death of a beloved wife* (Exéquias à morte de uma amada esposa), publicado no Volume 18 do livro *The Knickerbocker* (O Novaiorquino,1841) e escrito por Henry King (1592–1669), poeta e bispo inglês.

[100]. Já ao final do século 18, as damas da alta sociedade muito raramente compareciam a funerais, mesmo que fossem de familiares próximos, pelo principal motivo apontado por Margaret: a dificuldade em controlar suas emoções e lágrimas, e era extremamente embaraçoso perder o controle durante um funeral onde muitas pessoas estavam presentes. O segundo fator era a proteção das damas contra dano físico e moral, visto que uma marca de status na alta sociedade era a presença de um enorme contingente de pessoas na procissão funeral, e muitas dessas pessoas eram contratadas pelo próprio agente funerário para fazer volume. O problema é que era comum que esses "figurantes" comparecessem embriagados e proferissem toda sorte de comentários vulgares e rudes, dos quais as bem-criadas damas da sociedade tinham que ser preservadas. Quanto às mulheres pobres, ninguém se importava com elas socialmente, então não havia o mesmo cuidado em "encher" a procissão funeral, nem em esconder as emoções provocadas pela partida de um ente querido, como Margaret bem explicou a seu pai.

[101]. *Caríbdis*, originária da Grécia, como um turbilhão criado por Possêidon. Em tempos mais antigos, era ligado mais a lendas de marinheiros e pescadores do que à própria mitologia grega. Em *A Odisséia*, Homero a colocou como entidade mitológica, chamando-a "a divina Caríbdis", usando o mesmo adjetivo aplicado à bela ninfa das cavernas, Calipso.

[102]. Apesar de referenciados como anônimos, esses versos têm autoria atribuída a George Herbert.

[103]. Tradução livre do Italiano: E parece que de seus lábios flutua, um espírito doce e pleno de amor, que continua dizendo à alma: suspira! Versos retirados do poema *La Vita Nuova* (A Vida Nova), de Dante Alighieri.

[104]. Tradução livre do Francês: Faça o que deve ser feito, aconteça o que acontecer.

[105]. Trecho do poema *The Sensitive Plant* (A Planta Sensível), de Percy Bysshe Shelley (1792 – 1822), um dos maiores poetas românticos ingleses, considerado por críticos como um dos melhores poetas líricos em toda a língua Inglesa.

[106]. Começo do poema *The Lay of the Laborer* (A Balada do Labutador), de Thomas Hood (1799–1845), humorista e poeta britânico.

[107]. Embora Gaskell referencie os versos como os de uma balada escocesa, não foi possível encontrar quaisquer referências sobre eles. Isso faz possível inferir que ela mesma os tenha escrito.

[108]. Paddy, sendo um nome comum na Irlanda, era uma forma de fazer referência aos irlandeses.

[109]. Não foi possível encontrar quaisquer informações acerca desse trecho, embora Michael Drayton (1563–1631) tenha sido um poeta inglês que veio à proeminência na Era Elisabetana (1588–1603).

[110]. Versos supostamente escritos pelo embaixador e poeta lírico inglês Thomas Wyatt (1503–1542). Não foi possível encontrar referência da existência dos versos..

[111]. Una e Duessa são duas personagens do incompleto poema épico inglês: The Faerie Queene (A Fada Rainha), trabalho alegórico em louvor à Rainha Elizabeth I. Una representa a "Verdadeira Igreja" e a verdade, e viaja com o Cavaleiro da Cruz Vermelha (representando a Inglaterra), recrutado para salvar o castelo de seus pais de um dragão. Ela também derrota Duessa, uma dama que representa a Falsidade no Livro I, a "falsa" religião da Igreja Católica Romana e a pessoa de Mary, Rainha da Escócia, em julgamento retrospectivo do que terminou em sua decapitação.

[112]. "Lutar como um gato de Kilkenny" refere-se a uma antiga história sobre dois gatos que brigaram até a morte e devoraram um ao outro até que apenas restassem seus rabos.

[113]. Os Teutônicos são descendentes da metade leste do Império Romano que se dividiu após a morte de Carlos Magno. Historicamente, foram uma tribo germânica originária da península de Jutland (atualmente Dinamarca). A palavra “teutônico” é sinônimo de “germânico”.

[114]. Nome coletivo dado aos sete reinos Anglo-saxões independentes na antiguidade, posteriormente esses e outros foram unificados sob o nome de Reino Unido da Grã-Bretanha.

[115]. Tradução livre do Francês: ternura.

[116]. Noites Árabes, ou *Arabian Nights*, é a forma como eram conhecidas as histórias e contos folk compilados em Árabe durante a Era de Ouro Islâmica. *One Thousand and One Nights* (As Mil e Uma Noites) em Inglês, devido a sua primeira publicação na língua Inglesa, em 1706, que levou o título *The Arabian Nights Entertainment* (O Entretenimento das Noites Árabes).

[117]. Trecho da obra *Paracelsus* (1835), escrita por Robert Browning (1812–1889), poeta e dramaturgo inglês cuja maestria do verso dramático, especialmente monólogos dramáticos, fez dele um dos principais poetas vitorianos.

[118]. Tradução livre do Espanhol: mantilha, xale.

[119]. Tradução livre do Francês: destemido cavaleiro.

[120]. Tradução livre do Francês: “Eu não poderia desejar retomar meu coração desta forma: morrer de vergonha, de cegueira, de impudência, traição e deslealdade ao meu Deus, e coisas semelhantes; mas eu desejaria corrigi-lo por meio da compaixão. Ou então, meu pobre coração, eis-nos aqui caídos no fosso, do qual tanto havíamos decidido escapar. Ah! Elevemo-nos, e deixemo-lo para sempre, clamemos a misericórdia de Deus, e esperemos nele que nos assistirá doravante a sermos mais firmes; e remetamo-nos ao caminho da humildade. Coragem, estejamos em guarda, e Deus nos ajudará”. Não foi possível encontrar a origem desse texto, mas, pelo uso rebuscado de palavras e o estudo do uso delas através dos tempos, concluiu-se que foi escrito entre 1600 e 1650.

[121]. Região turística e popular, de terras altas e arborizadas, na Alemanha, com vista para o Vale do rio Reno.

[122]. Início do poema *Substitution* (Substituição), escrito por Elizabeth Barrett Browning.

[123]. Tradução livre do Latim: força da inércia.

[124]. A maioria dos funerais da era vitoriana tinha duração de três ou quatro dias para permitir que parentes de longe chegassem. O uso de flores e velas ajudava a mascarar odores desagradáveis no ambiente antes do embalsamamento, que teve início em meados do século XIX, no ano de 1861.

[125]. Do poema *The Village Patriarch* (O Patriarca do Vilarejo), de Ebenezer Elliott.

[126]. Trecho do poema *Hope* (Esperança), escrito por William Cowper, 1822.

[127]. Trecho do poema *Strung Pearls* (Pérolas Encordoadas), escrito pelo alemão Friedrich Rückert (1788–1866), poeta, tradutor, e professor de línguas orientais.

[128]. A temporada de Londres (*the London season*) era a época do ano em que as famílias da sociedade deixavam suas propriedades no interior e iam a Londres para ficarem em grandes casas no bairro Mayfair. Obviamente, o propósito não dito da temporada era juntar o tipo certo de pessoas em um redemoinho perpétuo de festividades e prazer, enquanto provia o ambiente para o maior “mercado de casamentos” no mundo. Jovens mulheres debutavam, normalmente quando alcançavam a idade de dezoito anos, por meio de uma apresentação à Corte, ou seja, à Rainha (e/ou ao Rei), e só então poderiam participar das muitas atividades da alta sociedade (festas, bailes, jantares, etc).

[129]. A Rainha Vashti é a primeira esposa do Rei da Pérsia Assuero no Livro de Ester, incluso na Tanakh (Bíblia Hebraica) e lido no feriado judeu de Purim. Ela é banida por sua recusa em comparecer ao banquete do rei, e Ester é escolhida para sucedê-la como rainha. Ela é vista como uma heroína de mente independente nas interpretações feministas da história de Purim.
[130]. Mordecai é uma das principais personalidades do Livro de Ester na Bíblia Hebraica. Ele era filho de Jair, da tribo de Benjamin, e foi quem adotou a órfã Ester (Hadassa), filha de seu tio, e a criou como se fosse sua própria filha. Quando "jovens virgens" foram solicitadas, ela foi trazida diante do rei Assuero e foi feita rainha no lugar da rainha exilada Vashti.
[131]. Trecho do Epigrama XXIV publicado no livro *The last fruit off an old tree* (A última fruta caída de uma antiga árvore, 1853), escrito por Walter Savage Landor.
[132]. Esse poema não foi encontrado para referência, mas de acordo com a autora, foi escrito pelo alemão Johann Ludwig Uhland (1787–1862), poeta, filologista e historiador literário.
[133]. *Hermann und Dorothea* (Herman e Dorotéia) é um poema épico, um idílio, escrito pelo escritor alemão Johann Wolfgang von Goethe, entre 1796 e 1797.

[134]. *Evangeline, a tale of Acadie* (Evangeline, um conto da Acádia) é um poema épico do poeta americano Henry Wadsworth Longfellow, escrito em Inglês e publicado em 1847. O poema segue uma moça acádia chamada Evangeline e sua busca por seu amor perdido, Gabriel; ambientado durante o período da Expulsão dos Acádios.
[135]. Não foi possível compreender a real intenção da autora nessa passagem, uma vez que as gramáticas inglesas da época (década de 1850) postulam que um adjetivo absoluto é todo aquele que, na oração, toma lugar de sujeito (e.g. Os perversos são miseráveis.). E, na gramática inglesa atual, tem-se por adjetivo absoluto todo aquele que não é passível de tomar forma superlativa ou comparativa (e.g. morto, essencial, grávida), ou seja, ou é ou não é, ou se está ou não se está; com este tipo de adjetivo não é possível montar comparativos ou superlativos (e.g. a frase "Ela está *mais grávida* que eu" é incorreta, porque gravidez é um estado absoluto).
[136]. No contexto da realeza, um casamento morganático é um casamento entre pessoas de posição social desigual, que impede a passagem dos títulos e privilégios do esposo à esposa e quaisquer filhos nascidos do casamento. Agora raro, também é conhecido como casamento de mão esquerda, porque na cerimônia o noivo tradicionalmente segurava a mão direita de sua noiva com sua mão esquerda, em vez de sua mão direita.
[137]. *"Honi soit qui mal y pense"* é uma frase anglo-normanda, cuja tradução literal do Francês antigo é "Vergonha seja a ele que o pense mal", embora também seja reinterpretada como: "Maldito seja quem pensar mal disto". É o lema da Ordem da Jarreteira, ordem da cavalaria britânica, criada por Eduardo III, em 1347.
[138]. *O Pescador e o Gênio (The Fisherman and the Jinni)* é uma das histórias contadas por Sheherazade nas *Mil e Uma Noites (One Thousand and One Nights).*
[139]. Trecho de *A Place in thy memory, dearest* (Um lugar em tua memória, mais querida), de Gerald Griffin, romancista, poeta e dramaturgo irlandês (1803–1840).
[140]. Frase retirada da Bíblia Sagrada, de Hebreus 13:8, onde se lê: "Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje, e para sempre".
[141]. Frase também retirada da Bíblia Sagrada, de Salmos 90:2, onde se lê: "Antes que os montes nascessem, ou que Tu formasses a Terra e o mundo, mesmo de eternidade a eternidade, Tu és Deus".

[142]. Início do poema *Perplexed Music* (Perplexa Música), de Elizabeth Barrett Browning.
[143]. Castelo na Espanha.
[144]. Frase do poema *To Daffodils* (Para Narcisos), escrito por Robert Herrick (1591–1674), clérigo e poeta lírico inglês do século 17.
[145]. Não foi possível encontrar as origens desses versos, o que permite inferir que tenham sido de autoria da própria Elizabeth Gaskell.
[146]. Frase retirada da Bíblia Sagrada, de Gênesis 30:1, onde se lê: “Quando Raquel viu que não dava filhos a Jacó, teve inveja de sua irmã. Por isso disse a Jacó: “Dê-me filhos ou morrerei!”
[147]. Tradução livre do Francês: “sem medo e sem censura”.
[148]. Trecho do poema *Hero and Leander* (Hero e Leandro), de Thomas Hood (1799–1845).
[149]. Tradução livre do Francês: feroz, selvagem.
[150]. Zenóbia foi uma rainha da cidade de Palmira no século III, que assumiu o controle do Império de Palmira após a morte do esposo, Odenato, em 267, como regente do filho Valabato.
[151]. Cidade litorânea a leste da Inglaterra, conhecida por suas falésias e igrejas históricas, pertencente ao condado de Norfolk. Tornou-se um importante *resort* no início do século XIX, com algumas das ricas famílias fazendo dela a sua casa de verão. Visitantes, incluindo o futuro rei Edward VII, jogaram golfe em Cromer.
[152]. Frase do poema *The old cumberland Beggar* (O velho pedinte de Cumberland), escrito por William Wordsworth (1770–1850).
[153]. Não foi possível encontrar referências a esses versos, o que permite inferir que foram de autoria da própria Gaskell.
[154]. Frase que abre o poema *Pack clous away, and welcome day* (Empacotem as Nuvens, e Acolham o Dia), escrito pelo inglês Thomas Heywood (1575–1641), proeminente dramaturgo, ator e autor, cujo período de pico de atividade cai entre o fim do teatro elisabetano e o início do jacobino.
[155]. Apesar de esses versos haverem sido referidos pela autora como de autoria anônima, foi descoberto que fazem parte do poema *The Devil’s Progress* (O Progresso do Diabo, 1830), publicado em *The Museum of Foreign Literature, Science and Art, Volume 18* (O Museu da Literatura, Ciência e Arte Estrangeiras, Volume 18, 1831), escrito por Thomas Kibble Hervey (1799–1859), poeta e crítico britânico (nascido na Escócia e criado em Manchester, Inglaterra).